UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO

LUCAS PIRES RIBEIRO

NA TEIA DA TERRA E DOS CAUSOS: TESSITURAS DO COTIDIANO DE GERALDINHO NOGUEIRA

GOIÂNIA
2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[ ] Dissertação [X] Tese [ ] Outro*:_____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Lucas Pires Ribeiro

3. Título do trabalho

NA TEIA DA TERRA E DOS CAUSOS: TESSITURAS DO COTIDIANO DE GERALDINHO NOGUEIRA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Lucas Pires Ribeiro**, **Discente**, em 05/04/2023, às 08:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **LEANDRO MENDES ROCHA**, **Usuário Externo**, em 05/04/2023, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3647285** e o código CRC **5A532234**.

LUCAS PIRES RIBEIRO

NA TEIA DA TERRA E DOS CAUSOS: TESSITURAS DO COTIDIANO DE GERALDINHO NOGUEIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, na Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: Fronteiras, Interculturalidades e Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha.

GOIÂNIA
2023.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ribeiro, Lucas Pires
Na Teia da Terra e dos Causos [manuscrito] : Tessituras do Cotidiano de Geraldinho Nogueira / Lucas Pires Ribeiro. - 2023.
CCCLXX, 370 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2023.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, lista de figuras.

1. Geraldinho Nogueira. 2. Roça goiana. 3. Trajetória. 4. Causos. 5. Riso. I. Rocha, Leandro Mendes, orient. II. Título.

CDU 94

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº **018/2023** da sessão de Defesa de **Tese** de **LUCAS PIRES RIBEIRO**, que confere o título de **Doutor(a) em História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s **vinte e nove dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e três**, a partir da(s) **14h00**, via **Videoconferência**, realizou-se a sessão pública de **Defesa de Tese** intitulada **"NA TEIA DA TERRA E DOS CAUSOS: TESSITURAS DO COTIDIANO DE GERALDINHO NOGUEIRA"**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Leandro Mendes Rocha (PPGH/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Edson Batista da Silva (UEG)**, Externo ao Programa; Professor(a) Doutor(a) **Valtuir Moreira da Silva (UEG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Sônia Maria de Magalhães (PPGH/UFG)**, membro titular interno; Professor(a) Doutor(a) **Maria da Conceição Silva (PPGH/UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o Julgamento da **Tese**, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Leandro Mendes Rocha**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte e nove dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e três**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **Elias Nazareno**, **Coordenador de Pós-graduação**, em 29/03/2023, às 17:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **LEANDRO MENDES ROCHA**, **Usuário Externo**, em 30/03/2023, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Sônia Maria De Magalhães, Professora do Magistério Superior**, em 30/03/2023, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Da Conceição Silva**, **Professora do Magistério Superior**, em 03/04/2023, às 19:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3569984** e o código CRC **7EB3D6DA**.

In memoriam de Emerson José Campos, amigo e companheiro. Uma das centenas de milhares de vítimas da Covid-19. Prof. Emerson presente.

AGRADECIMENTOS

A construção de uma pesquisa acadêmica, da graduação ao Doutorado, sempre é permeada por desafios. Diante dos desafios e das incertezas, a possibilidade de chegar ao último estágio, à defesa da pesquisa, somente se torna possível porque, nesse ínterim, existiram amigos, amigas, professores, professoras e familiares que foram fundamentais nessa jornada. Alguns contribuíram com o inestimável conhecimento intelectual, lendo, relendo o texto, apontando os equívocos, sugerindo autores/as, elogiando quando consideraram necessário, não deixando de criticar em outros momentos. Outras pessoas contribuíram com muito afeto, muito carinho e companheirismo diante dos momentos mais difíceis. Nesse sentido, ao agradecer nominalmente algumas, tenho certeza de que esquecerei de tantas outras. No entanto, àquelas que não estarão presentes nesse momento, tenham a certeza de que vocês têm meu profundo respeito, admiração e, principalmente, minha gratidão. Obrigado por tudo.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao querido professor e orientador Dr. Leandro Mendes Rocha. Ao longo desses últimos quatro anos, o professor Leandro Mendes sempre foi muito atencioso, compreensivo e comprometido com a realização desta pesquisa. Em muitos momentos, quando a incerteza permeava o imaginário, quando o texto necessitava de uma leitura crítica, com mais embasamento teórico, o professor marcou presença, contribuindo de uma forma inestimável para um melhor direcionamento desta tese. Diante de toda a contribuição, meus sinceros agradecimentos.

Em nome do Professor Dr. Leandro Mendes Rocha, agradeço a todos os professores e todas as professoras do PPGH da UFG. Intelectuais que têm contribuído na produção do conhecimento histórico ao longo das últimas décadas. Em especial, agradeço à Professora Dra. Maria da Conceição Silva, por ter aceitado o convite para participar da Qualificação. Na ocasião, fez uma leitura muito atenta, fazendo sugestões pertinentes para a continuidade desta pesquisa.

Agradecimento especial à Professora Dra. Sônia Maria de Magalhães. No processo de formação acadêmica, tive a oportunidade de cursar uma disciplina ministrada por ela no Doutorado. Além do aprendizado adquirido, das fundamentais conversas estabelecidas a partir daquele momento, muitos referenciais teóricos que estão presentes nesta pesquisa são o resultado daquelas leituras e discussões inerentes à disciplina de *História, Estudos Culturais e Imagens.* No mesmo sentido, sou grato pela leitura e pelas considerações durante o processo de Qualificação. Muito obrigado, Professora.

Entre os/as professores/as que participaram da Qualificação, não poderia me esquecer do Professor Dr. Valtuir Moreira da Silva. Na ocasião, fez uma leitura atenta e criteriosa do texto. Um outro fator: na graduação tive o privilégio de tê-lo como professor e, neste momento, ter o encontrado na Qualificação e, agora, na defesa da tese, é muito significativo e especial. Em seu nome, agradeço a todos os professores e a todas as professoras da Universidade Estadual Goiás, instituição fundamental na minha formação acadêmica, da graduação ao mestrado. Entre os/as intelectuais dessa instituição, gostaria de agradecer especialmente ao orientador do mestrado, Prof. Dr. Robson Mendonça Pereira.

Para concluir essa etapa, agradecimento especial ao Professor Dr. Léo Carrer e à Professora Dra. Tathiana Salgado. Durante o primeiro semestre do Doutorado, vocês foram fundamentais para que eu tivesse condições de me manter no Programa. Depois de seis, sete horas de viagem, saindo de Porangatu em direção a Goiânia, a hospitalidade de vocês foi uma das principais provas de amizade e companheirismo recebidas em toda a minha vida. Meu muito obrigado, e um beijo especial no querido Vitor.

Gostaria de agradecer aos amigos e amigas do Doutorado. A importância de vocês manifestou-se de diferentes formas: nas inúmeras conversas, nas trocas de referências, no compartilhamento das angústias na hora do café, nas conversas sobre os mais diferentes fatos do cotidiano, tomando uma ou duas cervejas. Enfim, diante de um contexto político difícil, vocês foram fundamentais. Um abraço aos/as queridos/as Fernando Santos, Frederico (Fred), Leandro, Daniel Lucas, Krisley, Dorian, Juliana, dentre tantos outros.

Entre os afetos e carinhos, não poderia concluir os agradecimentos sem mencionar a importância dos meus pais na minha trajetória acadêmica. Pessoas que não tiveram a oportunidade de acesso à educação formal, porém, construíram um vasto conhecimento por meio da experiência de vida. Meus sinceros agradecimentos, respeito e admiração. Um beijo e um agradecimento especial aos meus filhos, Vitor Gabriel e Bernardo. Amo vocês. Um beijo e um carinho à companheira de todas as horas, Meiriane Ribeiro. Além dos diálogos acadêmicos, das observações, você foi fundamental em todas as etapas. Inclusive, demonstrando-se uma excelente fotógrafa. Sem a sua contribuição, esta pesquisa não se sustentaria.

Agradeço aos amigos e familiares de Geraldinho Nogueira. Vocês não mediram esforços para contribuir com esta pesquisa. Obrigado por toda a dedicação, pelo tempo destinado para conversar sobre o amigo contador de causos. Por último, agradeço a todos/as que, direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação. Um abraço e muito obrigado.

Resumo

A presente tese de Doutorado tem como objetivo apresentar alguns traços da trajetória de vida de Geraldinho Nogueira dentro da roça goiana. Por meio da reflexão sobre os desdobramentos da vida, identifica-se um trabalhador pobre exercendo diferentes ofícios no meio rural de Bela Vista de Goiás. A saber, o ofício de lavrador tradicional, de carreiro e, principalmente, de carpinteiro. Apesar de ter se tornado conhecido do grande público na condição de um contador de causos dotado de uma comicidade impressionante, uma reflexão mais detalhada apresenta um indivíduo enfrentando inúmeras dificuldades sociais no cotidiano, especialmente no quesito relacionado à falta de moradia e de alimentação. A ideia do mínimo vital sempre esteve presente no horizonte do narrador, assim como orientou a vida da maioria das pessoas, moradores e moradoras da roça goiana no decorrer do processo histórico. Alguns desses indivíduos, que conviveram com Geraldinho, foram importantíssimos para a construção da tese. Por meio da pesquisa de campo possibilitaram um desnudar do cotidiano rural bela-vistense do século passado. Mesmo convivendo com as mais diferentes dificuldades, encontraram meios para sobreviver diante de uma estrutura agrária opressora. Na pesquisa, os meios de sobrevivência estão representados tanto na teia da solidariedade quanto da sociabilidade, tendo, na prática do mutirão, um valor fundamental. A partir de uma leitura do cotidiano, a pesquisa refletiu sobre a formação de Geraldinho enquanto um contador de causos, defendendo a tese de que encontrou um terreno fértil para a manifestação artística e cultural no meio rural de Bela Vista. Geraldinho fez dos causos construídos a partir das vivências e das experiências, um meio para enfrentar e retirar a dramaticidade de uma vida verdadeiramente difícil. Diante da indissociabilidade entre o narrador e o indivíduo, acredita-se que a pesquisa possibilitará uma melhor compreensão da condição de vida antes do sucesso midiático. No intuito de alcançar o objetivo proposto, a tese encontra-se distribuída em seis capítulos. Além da pesquisa de campo, alguns referenciais teóricos foram fundamentais neste processo de construção. Destaque para as contribuições de Brandão (1982), Candido (1975), Anzai (1985), Borges (2016), Castro (2010), Bakhtin (2013), entre outros/as.

Palavras-chave: Geraldinho Nogueira. Roça goiana. Trajetória. Causos. Riso.

Abstract

This PhD thesis aims to present some traces of Geraldinho Nogueira's life trajectory within the countryside of Goiás, Brazil. Through reflection on the unfolding of life, a poor worker is identified exercising different trades in the rural environment in the town Bela Vista de Goiás. By the way, the trade of traditional farmer, pathmaker and, mainly, carpenter. Despite having become known to the general public as a storyteller endowed with impressive humor, a more detailed reflection shows an individual facing numerous social difficulties in everyday life, especially in terms of lack of housing and food. The idea of the poor human being was always presented in the narrator's horizon, just as it guided the lives of most people, residents of the Goiás state countryside throughout the historical process. Some of these individuals, who lived with Geraldinho, were very important for the construction of the thesis. Through field research, they made it possible to lay bare the rural Bela Vista routine in the last century. Even living with the most different difficulties, they found ways to survive in the face of an oppressive agrarian structure. In the research, the means of survival are represented both in the web of solidarity and sociability, having, in the practice of collaborative work, a fundamental value. From a reading of everyday life, the research reflected on Geraldinho's formation as a storyteller, defending the thesis that he found fertile ground for artistic and cultural manifestation in the rural environment of Bela Vista. Geraldinho made up the stories built from his experiences a means to face and remove the drama of a truly difficult life. Given the indissociability between the narrator and the individual, it is believed that the research will enable a better understanding of the condition of life before the media success. In order to achieve the proposed objective, the thesis is divided into six chapters. In addition to field research, some theoretical references were essential in this textual building process. Emphasis for the contributions of Brandão (1982), Candido (1975), Anzai (1985), Borges (2016), Castro (2010), Bakhtin (2013), among others.

Keywords: Geraldinho Nogueira. Goiás countryside. Trajectory. Stories. Laughter.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Geraldinho acompanhado de duas filhas **53**
Figura 2 Benedito Policiano Nogueira **56**
Figura 3 Geraldinho no período da infância **74**
Figura 4 Certidão de Casamento de Geraldinho com Dona Nica **78**
Figura 5 Dona Pretinha e Geraldinho na companhia de uma criança **90**
Figura 6 Dona Pretinha no casamento de João Nogueira **90**
Figura 7 Dona Pretinha no casamento de Divino Bonifácio **91**
Figura 8 Dona Pretinha na companhia de uma criança **102**
Figura 9 João Nogueira acompanhando do irmão Divino Bonifácio **107**
Figura 10 Benedita **107**
Figura 11 Dalva Bonifácio e o esposo Afonso Oliveira **108**
Figura 12 Túmulo de Geraldinho e Dona Pretinha **118**
Figura 13 Lápide do túmulo **118**
Figura 14 Parte frontal da lembrança **131**
Figura 15 Verso da lembrança/santinho **131**
Figura 16 Mesa de Madeira **160**
Figura 17 Banco de Madeira **160**
Figura 18 Mesa de Madeira II **160**
Figura 19 Prateleira construída por Geraldinho **160**
Figura 20-21 Suporte de telhado, ripas e caibros **161**
Figura 22-23 Fachada de uma casa construída por Geraldinho **162**
Figura 24 Geraldinho trabalhando na construção de uma casa **162**
Figura 25 Geraldinho no ofício de carreiro **176**
Figura 26 Pequeno carro de boi **178**
Figura 27 Carro de boi em posse do poder público municipal **179**
Figura 28 Placa indicando o caminho para o Nuelo **192**
Figura 29 Geraldinho e Dona Pretinha na frente da residência **199**
Figura 30 Parte interna da residência **201**
Figura 31 Parte interna da residência II **202**
Figura 32 Geraldinho na lavoura **240**
Figura 33 Geraldinho em direção a cidade de Frutal/MG **273**
Figura 34 Geraldinho segurando uma viola – viagem a cidade de Frutal/MG **274**
Figura 35 Geraldinho participando de uma Folia de Reis **274**
Figura 36-37 Antigo campo de aviação na cidade de Bela Vista de Goiás **352**

Figura 38- 39 Descida urbana de *O causo da bicicleta* **353**
Figura 40-41 Descida da Piracanjuba – *O causo da bicicleta* **353**

LISTA DE ABREVIATURAS

CAIXEGO	- Caixa Econômica do Estado de Goiás
CUT	- Central Única dos Trabalhadores
HUGO	- Hospital de Urgências de Goiânia
IHGB	- Instituto Histórico Geográfico Brasileiro
PPGH	- Programa de Pós-Graduação em História
SIEG	- Sistema Estadual de Geoinformação
UEG	- Universidade Estadual de Goiás
UFG	- Universidade Federal de Goiás
UFU	- Universidade Federal de Uberlândia
UTI	- Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **16**

CAPÍTULO I - DOIS DEDOS DE PROSA SOBRE A PESQUISA **25**

CAPÍTULO II - TRAÇOS DE UMA TRAJETÓRIA DE VIDA **53**

2.1 Dona Nica: a primeira companheira na vida do contador de causos **75**

2.2 Uma nova e longeva companheira: Dona Pretinha na vida do contador de causos **87**

2.3 Geraldinho Nogueira: um último suspiro **120**

CAPÍTULO III - NA TEIA DA TERRA E DO TRABALHO: A INFLUÊNCIA DA ESTRUTURA AGRÁRIA NA VIDA DE GERALINHO **134**

3.1 O mundo vivido: Geraldinho na condição de agregado **151**

3.2 Somente mais um esforço: agregado pela última vez **187**

CAPÍTULO IV - O MUNDO VIVIDO: PEQUENO PROPRIETÁRIO NA REGIÃO DO NUELO **192**

4.1 Na teia da terra: a família Nogueira no labor diário **204**

4.2 Por dentro da teia da solidariedade: Geraldinho e a prática do mutirão **217**

CAPÍTULO V - GERALDINHO NOGUEIRA: A FORMAÇÃO DO CONTADOR DE CAUSOS **245**

5.1 Walter Benjamin e o depauperamento da narrativa artesanal **253**

5.2 Os causos e outros gêneros da Literatura oral: uma história que vem de longe e se esparramou por Bela Vista de Goiás **264**

5.3 A participação dos ouvintes na formação do contador de causos: Geraldinho e a comunidade de ouvintes **276**

CAPÍTULO VI - O RISO E O RISÍVEL EM GERALDINHO NOGUEIRA **310**

6.1 Geraldinho Nogueira: um homem do riso **315**

6.2 A mão do oleiro no personagem: um estudo de causos **324**

6.3 O causo da bicicleta: uma desventura geraldiana **339**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **356**

REFERÊNCIAS **361**

RECURSOS AUDIOVISUAIS **366**

FONTES ORAIS **366**

ANEXOS **367**

Anexo Coleta de dados – roteiro de entrevistas **367**

Anexo 1 Mapa Geológico do município de Bela Vista de Goiás **369**

Anexo 2 Busto em homenagem à Geraldinho **370**

Anexo 3 Foto de Geraldinho Nogueira **370**

Anexo 4 Dona Pretinha na casa da propriedade familiar **370**
Anexo 5 Foto dos foliões de Bela Vista de Goiás **371**
Anexo 6 Geraldinho e Dona Pretinha na companhia de amigos **371**
Anexo 7 Dona Pretinha segurando uma criança **372**
Anexo 8 Geraldinho e Dona Pretinha na companhia de quatro crianças **372**
Anexo 9 Geraldinho e Dona Pretinha na frente da residência no Nuelo **373**
Anexo 10 Imagem Ilustrativa da bicicleta de Geraldinho **373**

INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada *Na teia da terra e dos causos*: tessituras do cotidiano de Geraldinho Nogueira, tem como objetivo apresentar um traço da trajetória de vida de Geraldinho, conhecido contador de causos da região rural de Bela Vista de Goiás. Não se trata, necessariamente, de um estudo com caráter estritamente biográfico, mas de procurar compreender como esse traço de uma trajetória de vida possibilita ter uma dimensão de uma realidade, não somente individual, mas uma leitura envolvendo toda uma coletividade. No mesmo sentido, a proposta de pesquisa oferece condições de compreensão dos valores, dos costumes e das dificuldades sociais/materiais permeando o cotidiano da roça goiana durante parte considerável do século passado.

A partir da perspectiva que envolve traços de uma vida, conjuntamente com valores e costumes de um determinado cotidiano, no primeiro momento, houve uma preocupação de sustentar a análise em alguns autores que abordam a necessidade de analisar a trajetória de vida de um indivíduo a partir de uma leitura mais abrangente, ou seja, levando em consideração tanto a relevância do contexto quanto das estruturas que contribuíram com a formação deste ator social. Entre os estudiosos, há destaque para Pierre Bourdieu (2006). No importante ensaio intitulado *A Ilusão biográfica,* o sociólogo tece considerações críticas a parte considerável dos estudos biográficos, principalmente quando procuram distanciar a vida do "biografado" do contexto, dos valores, dos costumes e das estruturas presentes na realidade social.

A partir dessa linha de raciocínio, o sociólogo defende a tese de que todo esse amálgama sociocultural interfere diretamente na vida do indivíduo. A perspectiva apresentada e defendida por Bourdieu (2006) tornou-se muito importante na construção da pesquisa. Trazendo esse ponto de inflexão para dialogar com o objeto de estudo, antes e durante a escrita da tese, ficou muito evidente a necessidade de uma leitura mais abrangente, envolvendo valores socioculturais, políticos e econômicos da roça goiana, observando a capacidade que esses elementos tiveram para interferir e, consequentemente, moldar a vida de Geraldinho Nogueira.

Outro autor que desenvolve considerações pertinentes sobre os estudos biográficos, promovendo um "estado da arte" desses estudos, é Giovanni Levi (2006). Por meio das considerações do autor, identifica-se não somente o contexto e toda a carga de saberes, costumes, valores e tradições que interferem na formação do indivíduo, mas observa-se o quanto o agente social desempenha uma atuação ativa na construção desse contexto. A constatação da participação assídua do indivíduo dentro da realidade social, interferindo

diretamente na conjuntura, caminha ao encontro da própria condição de vida de Geraldinho. Além de ter sido um reconhecido contador de causos, demonstrou-se um exímio tocador de viola, cantor e compositor de música caipira, mestre de catira e um folião de primeira qualidade. Por meio desta vastidão cultural, conforme haverá condições de perceber no decorrer da tese, interferiu ativamente no cotidiano social.

Na parte inicial da tese de Doutorado, mais precisamente no primeiro capítulo, *Dois dedos de prosa sobre a pesquisa,* além de uma análise mais teórica sobre os estudos biográficos, serão apresentadas algumas das dificuldades que um pesquisador, empenhado no trabalho de campo, vivenciou dentro de um cenário permeado pela pandemia do coronavírus. Essa foi uma realidade muito presente durante a construção da tese. Por isso mesmo, até como registro do momento histórico, existe o entendimento de que se torna uma questão digna de ser ressaltada. No intuito de exemplificar a situação, é válido mencionar que somente depois de um ano e quatro meses após a aprovação do projeto de pesquisa pelo *Comitê de Ética da Plataforma Brasil* tornou-se possível iniciar o trabalho de campo, isto é, conversar com as pessoas da comunidade de Bela Vista de Goiás, mais precisamente, com amigos e familiares que não somente conheceram Geraldinho, mas estabeleceram uma relação muito estreita, participando de inúmeras atividades e práticas culturais com aquele indivíduo que se tornaria um dos mais significativos contadores de causos do Brasil.

Quando consegui ter condições de realizar a pesquisa de campo, respeitando as diretrizes das autoridades sanitárias, imaginava que as conversas com os amigos e familiares do contador de causos "apenas" reforçariam muitas questões já escritas, sustentariam teses levantadas e não deixariam margem para dúvidas diante das hipóteses suscitadas nesse ínterim. No entanto, houve um grande engano da minha parte. A pesquisa de campo desnudou uma realidade sociocultural, socioeconômica que escapava não somente aos olhares desta pesquisa, mas também das poucas e importantes produções acadêmicas publicadas sobre o contador de causos. As pessoas entrevistadas não somente fizeram a constatação de que havia sido um trabalhador rural pobre da região, posteriormente um pequeno proprietário no Nuelo[1], mas demonstraram uma condição de vida dominada por "todos" os tipos de dificuldades. Não se excetuaram, nessa seara, algumas tragédias familiares.

[1] A partir do início da década de 1970, Geraldinho adquiriu uma pequena porção de terra na região do Nuelo. A região fica relativamente próxima à cidade de Bela Vista de Goiás. Nos anexos dessa pesquisa, encontrar-se-á um Mapa Geológico do município de Bela Vista. Por meio do mapa será possível localizar algumas das regiões mencionadas na escrita dessa tese.

As pessoas entrevistadas possibilitaram compreender que a ideia do mínimo vital, categoria presente na leitura de Antonio Candido (1975), resultando no clássico livro *Os parceiros do Rio Bonito,* constituiu-se como uma constante na vida de Geraldinho. A partir dessa consideração, houve melhores condições de entender que a trajetória havia sido repleta de dificuldades, muito maiores do que era possível imaginar. Somente um adendo: Geraldinho Nogueira é uma forma de tratamento quase exclusiva do meio acadêmico e do espaço artístico. Para as pessoas entrevistadas, sintoma de uma nítida intimidade com o objeto de estudo, o modo de tratamento mais habitual é "senhô Gerardim".

Realizar uma pesquisa de campo dentro de um cenário totalmente dominado por uma pandemia trouxe inúmeras dificuldades. Problemas que não estavam no horizonte daquilo que tinha sido planejado inicialmente. No entanto, mesmo lidando com as dificuldades, a pesquisa de campo abriu um horizonte de possibilidades. A partir da enorme fresta, ao mesmo tempo que estava muito contente com um "mundo" que se descortinava, confesso que, passada a euforia, uma apreensão começou a ser uma companhia muito presente. Isso porque, a partir da nova possibilidade, muitas questões levantadas e escritas foram submetidas à significativa revisão. A partir deste processo, algumas hipóteses levantadas não mais se sustentaram e, consequentemente, teses esboçadas foram sendo revistas.

O primeiro capítulo, *Dois dedos de prosa sobre a pesquisa,* apresenta, de maneira mais detalhada, alguns desafios presentes durante a construção da tese. Alguns exemplos são as dificuldades de apresentação de um traço da trajetória de vida dentro do cotidiano rural de Bela Vista de Goiás, passando pelo mencionado desafio da pesquisa de campo dentro de um contexto pandêmico. No mesmo sentido, o primeiro capítulo possibilita um desnudamento da vastidão cultural encontrando "representação" em Geraldinho Nogueira. Durante a pesquisa de campo, foi interessante observar uma leitura feita pelas pessoas entrevistadas. A saber, o fato de terem-no apresentado não unicamente na condição de um contador de causos, mas também enquanto um importante mestre de catira, embaixador de folia, violeiro e cantador de modas de viola caipira de primeiríssima qualidade.

Ainda no primeiro capítulo, algumas questões teóricas e de orientação da pesquisa estão presentes, como a referência ao conceito de rusticidade, compreendido enquanto um conceito explicativo sobre a formação, a estrutura e a consolidação da roça goiana no transcorrer do processo histórico, com sustentação na pesquisa de Júlio Borges (2016), intitulada *Fazenda-roça goiana:* matriz espacial do território e do sertanejo goiano. Borges (2016), indubitavelmente, é um dos autores mais importantes na construção desta tese de Doutorado, principalmente porque possibilitou compreender que a rusticidade, na condição de

um valor sociocultural, político e econômico, forneceu todos os elementos para a formação do território goiano. O estágio inicial encontra-se em meados do Setecentos e permanece de forma muito influente até a primeira metade do século passado. Entre os inúmeros valores que estiveram presentes e contribuíram no molde da rusticidade, a arte de contar e ouvir causos teve enorme relevância.

O segundo capítulo da tese, *Traços de uma trajetória de vida*, conforme o próprio título sugere, acompanha, de uma maneira mais detalhada, a vida de Geraldinho, analisando-o dentro da estrutura agrária goiana. Inicia-se com a intenção de compreender a condição de uma criança pobre no meio rural no contexto das primeiras décadas do século passado, sendo obrigada a lidar com o labor diário cotidianamente. A demanda de trabalho infantil, distante de ter sido uma excepcionalidade, estava ligada à condição de vida de inúmeras outras crianças inseridas no supracitado contexto. Além das questões apresentadas, o capítulo envereda numa análise em torno das relações familiares. Nesse sentido, destaca-se o contato estremecido com a figura paterna, passando pelas relações conjugais e refletindo sobre algumas das tragédias familiares experienciadas no cotidiano. Situações trágicas encontrando representação no falecimento da primeira esposa e, também, de dois filhos e uma filha do primeiro casamento.

Existe uma análise sobre a condição de vida da mulher da roça goiana no respectivo contexto, tendo como referência alguns traços sobre a vida de Sebastiana Nogueira e de Joana Bonifácio. A primeira ficou conhecida popularmente como Dona Nica. A segunda, ainda nos dias atuais, é a popular Dona Pretinha. Mulheres muito ativas no cotidiano e, diante de tamanha atividade, tiveram uma importância fundamental na trajetória de Geraldinho. No entanto, a relevância dessas mulheres para a presente pesquisa não se resume ao fato de terem sido casadas com o contador de causos. Evidentemente que este fator deve ser considerado. Contudo, tanto Dona Nica quanto Dona Pretinha tiveram luz própria.

No intuito de não trabalhar com uma perspectiva de análise de forma descontextualizada, correndo o risco de construir uma *Ilusão biográfica*, baseei-me na observação crítica de Bourdieu (2006). Esses traços de vida estão sendo associados diretamente com alguns dos valores, dos costumes e das dificuldades sociais inerentes à roça goiana no decorrer do século passado. Procurando compreender tanto o desenrolar da vida quanto o espaço sociocultural, foram mobilizados importantes autores/as que têm como ponto de referência o cotidiano da roça, enfatizando as dificuldades dos trabalhadores rurais durante parte considerável do século XX. Nesse sentido, destaque para as contribuições de Leni Anzai (1985), Brandão (1981), e Estevane Mendes (2008).

No percurso das fontes, quando os referenciais teóricos não tiveram condições de alcançar o objetivo proposto, quando as memórias das pessoas entrevistadas não conseguiram, ou mesmo quando optaram por não rememorarem algumas das questões mais trágicas na vida de Geraldinho, constatou-se a construção de uma memória do silêncio, utilizando a definição de Pollak (1989). Houve uma tentativa de preenchimento dessas lacunas por meio de alguns dos causos de Geraldinho. Na escrita desta tese, é importante ressaltar que os causos construídos a partir das vivências e das experiências individuais e coletivas dentro da comunidade bela-vistense, foram utilizados, em muitos momentos, na condição de fontes de pesquisa, como documentos que possibilitaram uma melhor compreensão não somente da vida, mas um entendimento maior de muitos dos valores e dos costumes presentes no cotidiano sociocultural.

O historiador Marcos Napolitano (2002), no livro *História & Música:* história cultural da música popular, defende a "tese" de que a música não é boa somente para ouvir, mas também para fazer pensar. Dessa forma, tendo como referência a poética leitura de Napolitano (2002), entende-se que os causos de Geraldinho Nogueira não são bons "somente" para serem ouvidos, não são bons "apenas" porque propiciam diversão, mas também são excelentes porque fazem pensar, desnudando um pouco mais da estrutura, dos valores e do próprio cotidiano rural de Bela Vista de Goiás no decorrer do século passado. Os causos, conforme mencionado, observados na condição de fontes, têm uma dimensão importante na construção desta pesquisa.

O terceiro capítulo, *Na teia da terra e do trabalho:* a influência da estrutura agrária na vida do contador de causos, reflete de maneira mais detalhada a condição socioeconômica de Geraldinho Nogueira dentro da estrutura agrária goiana. Tece, por exemplo, uma leitura atenta sobre a condição de agregado, trabalhando para alguns fazendeiros, durante décadas e mais décadas. Entre os grandes proprietários, ressaltam-se Joaquim Timóteo e o fazendeiro Vicente Charles. Em consonância com a perspectiva de trabalhador rural empobrecido, o respectivo capítulo produz uma análise sobre as principais atividades laborais realizadas por Geraldinho no cotidiano. Entre os trabalhos presentes no horizonte, a maior referência diz respeito ao ofício de carpinteiro.

Neste terceiro capítulo, existe um esforço no sentido de demonstrar que a relação mais longeva de Geraldinho Nogueira com a terra não está representada, somente, quando se tornou um pequeno proprietário na região do Nuelo, no início da década de 1970. Essa constatação da relação com a terra, a partir do momento em que se tornou um proprietário, está muito presente nas poucas, entretanto importantes pesquisas publicadas sobre o objeto de estudo. A presente tese envereda por um outro caminho, demonstrando que a relação com a terra e, consequentemente com o trabalho na gleba, faz parte de um histórico muito mais longevo, tendo

se iniciado na região do Barro Amarelo, especialmente quando se torna um agregado em meados da década de 1930.

Apresentando alguns dos fatores que fizeram de Geraldinho um agregado durante um tempo considerável da vida, sendo submetido a inúmeras dificuldades sociais em decorrência dessa condição de trabalhador rural empobrecido, o mencionado capítulo enveredou por meio de um olhar sobre a própria estrutura agrária goiana, contextualizando-a, mais precisamente, desde meados do Setecentos até a primeira metade do século XX. O recorte temporal está diretamente relacionado à consolidação da roça goiana, conforme defende Borges (2016). Por último, identificou-se que uma teia da solidariedade se fez muito presente no cotidiano desses moradores empobrecidos, quando essa teia encontra uma melhor representação na prática do mutirão.

Por falar na teia da solidariedade, faz-se necessário ressaltar o quanto Geraldinho teve uma participação ativa diante dessa prática cultural. Atividade demonstrada tanto na questão laboral quanto nas atividades culturais relacionadas ao mutirão. Um exemplo é o aspecto das atividades culturais, que tiveram uma participação importantíssima na composição e na cantoria das músicas anunciando a chegada da turma, bem cedinho, para realizar uma determinada empreitada. A atividade cultural se fez presente, também, no momento final do adjutório, na hora da realização dos famosos "pagodinhos" ou bailes dançantes que tanto animaram os companheiros e companheiras depois de terem dado uma demão para algum amigo, vizinho ou familiar necessitado.

O quarto capítulo da tese, *O mundo vivido:* um pequeno proprietário em Bela Vista de Goiás, acompanha mais de perto a condição de vida de Geraldinho dentro da pequena porção de terra adquirida na região do Nuelo. No respectivo capítulo, serão observados alguns fatores que propiciaram a aquisição da propriedade, a qualidade do solo, a relação com o plantio dos gêneros alimentícios de primeira necessidade e algumas das dificuldades sociais/materiais acompanhando-o, mesmo quando teve um pequeno pedaço de chão para chamar de seu. Na mesma esteira, tem-se uma reflexão sobre os tipos de trabalho da família dentro da porção de terra, quando parte considerável esteve envolta na garantia dos gêneros alimentícios mais elementares.

Quando a família estava envolta com o plantio, Geraldinho continuou na lide de carpinteiro e, de vez em quando, realizava alguns trabalhos de carreiro. Na questão do labor familiar, há uma menção ao envolvimento das mulheres, às filhas em especial, na teia da terra e do trabalho. Essas mulheres deslocaram-se para um espaço muito além daquele circunscrito à casa e ao terreiro. O envolvimento do nicho familiar na teia do trabalho e da própria

compreensão da função social desempenhada pelas “mulheres da casa” na garantia alimentar teve como suporte teórico autores/as que versam sobre o labor diário no cotidiano rural. Autores clássicos, a exemplo de Carlos Rodrigues Brandão (1981) e Antônio Candido (1975).

A partir do quinto capítulo, *Geraldinho Nogueira*: a formação de um contador de causos, procurou-se ter uma análise mais atenta sobre o enredo narrativo e sobre a formação de Geraldinho enquanto um contador de causos no meio rural bela-vistense. O capítulo inicia-se com uma análise referente à condição encontrada pela narrativa artesanal e, consequentemente, pelos próprios narradores durante parte considerável do século passado. A leitura sobre o espaço da narrativa teve como referência Walter Benjamin (2012) e sua análise crítica sobre o depauperamento da narrativa artesanal no seio da sociedade ocidental. Trazer o filósofo alemão para essa parte final da pesquisa apresenta-se como uma questão fundamental. Provavelmente, Benjamin (2012), a partir da constatação da diminuição dos narradores artesanais durante as primeiras décadas do século XX, tenha colocado um problema que direta ou indiretamente os/as pesquisadores/as que têm como objeto de estudo os gêneros da Literatura Oral; Contos, causos, anedotas, cantigas populares, deverão observar de uma maneira mais detalhada.

Nesse sentido, a presente tese de doutoramento procurou entender o processo de formação de Geraldinho enquanto contador de causos, levantando algumas hipóteses que possibilitam uma explicação sobre o processo dessa formação. Sem negar a autenticidade, porém, neste capítulo, defende-se a tese de que a presença e a própria formação artística/cultural somente tornaram-se possíveis porque existiu, no meio rural bela-vistense, uma comunidade narrativa, categoria sustentada teoricamente nas considerações de Francisco Lima (2005). Essa comunidade narrativa não somente ofereceu todas as condições para Geraldinho Nogueira narrar os causos, colocando-se à disposição para ouvi-lo, mas ofereceu instrumentos para a própria construção do enredo narrativo.

Esses instrumentos foram representados em algumas das pessoas do cotidiano de vivência e convivência, tendo sido transformadas em personagens, ou mesmo nas histórias que circulavam no imaginário social, alcançando os ouvidos atentos do contador de causos. De acordo com Bedran (2010), a capacidade do narrador não está “apenas” em saber comunicar, mas também em ter sabedoria para ouvir. Quando esses acontecimentos alcançaram os ouvidos, por meio da criatividade e da autenticidade artística, Geraldinho Nogueira moldou-os do seu modo, isto é, desenvolveu a narrativa, dando forma aos causos engraçados. Um outro fator que não pode passar despercebido está, justamente, no fato de a comunidade de ouvintes, em muitos momentos, ter se “atrevido” a contar causos também.

Crescendo e convivendo nesse ambiente de muita valorização para com os causos tradicionais, encontrou um terreno fértil para a arte narrativa, ouvindo histórias de outras pessoas da comunidade, participando dos duelos de "mentira" existentes na região da Boa Vistinha e do Nuelo. Duelos de histórias miraculosas em que, diferentemente do personagem principal dos enredos narrativos, na maioria das vezes Geraldinho se sagrou vitorioso quando comparado aos demais companheiros que marcaram presença na disputa. A partir dessa linha de raciocínio, a pesquisa sustenta o princípio de que, de fato, é muito difícil falar em mestres diretos ensinando Geraldinho a contar causos. Entretanto, indubitavelmente, observou e aprendeu muito com aquelas pessoas da comunidade, que valorizaram sobremaneira a arte de ouvir e contar "histórias". No intuito de melhor analisar a formação do narrador bela-vistense, o capítulo teve como sustentação teórica pesquisadores/as que têm na Literatura oral e na narrativa artesanal os objetos de suas preocupações intelectuais. Entre esses, destaque para Cascudo (1984), Matos e Sorsy (2009), Beatriz Bedran (2010) e Francisco Lima (2005).

O último capítulo da tese, *O riso e o risível em Geraldinho Nogueira,* adentra mais diretamente naquele fator que proporcionou com que o narrador se tornasse conhecido do grande público, tanto no estado de Goiás quanto no Brasil, a saber, a capacidade para fazer as pessoas sorrirem. A constatação relacionada ao riso é de suma importância. O indivíduo que passou por inúmeras dificuldades sociais/materiais no decorrer de uma longeva trajetória de vida, que enfrentou tragédias familiares consideráveis, tendo o mínimo vital sempre por perto, podendo ser representado na miséria, na pobreza e na fome, fez do riso, à sua maneira, uma verdadeira filosofia de vida. Filosofia porque, de acordo com as pessoas entrevistadas, Geraldinho não manifestava uma alegria contagiante somente quando estava contando os causos, mas demonstrou ter sido um indivíduo "engraçado por natureza". Independentemente da situação ou mesmo do espaço social ocupado, ficou caracterizado como alguém que tinha um compromisso de fazer as outras pessoas sorrirem.

Neste sentido, o riso de Geraldinho esteve muito distante de ter sido meramente fortuito, ou mesmo ocasional. Pelo contrário, representou uma maneira muito específica de ler, interpretar e atribuir significado ao "mundo" à sua volta. Por meio da experiência de vida, o narrador conseguiu compreender os poderes inerentes ao riso. Entre esses poderes, é importante destacar a capacidade de retirar a dramaticidade de uma vida, verdadeiramente, muito difícil. Tendo compreendido toda a importância e o significado do riso, não se contentou em armazenar o conhecimento apenas para si. Em detrimento do individualismo, fez de tudo para transmiti-lo para inúmeras outras pessoas da comunidade bela-vistense. A melhor maneira de transmissão

desta sabedoria popular, desta capacidade do riso, encontrou a sua mais bem acabada expressão nos causos.

Reiterando a condição subalterna de Geraldinho, interpretando mais detalhadamente o riso das camadas populares, da cultura popular de uma forma em geral, valendo-me das considerações de Bakthin (2013), o riso do narrador será apresentado como um meio de enfrentamento aos poderes constituídos e aos poderosos. Enfrentamento não no sentido de desestabilizar a ordem social vigente, mas de autoafirmação enquanto indivíduo, de autoafirmação enquanto um ser humano. Conforme mencionado anteriormente, o último capítulo defende que o riso provocado por Geraldinho se tornou um elemento capaz de retirar a dramaticidade da realidade social que esteve muito presente na vida da maioria das pessoas com as quais estabeleceu relações.

Tendo como referência essa característica muito presente na vida de Geraldinho Nogueira, envolta em inúmeras dificuldades sociais, provavelmente fique mais compreensível o porquê de o personagem principal do enredo narrativo, personagem geraldiano, dificilmente conseguir resolver aqueles problemas mais elementares do horizonte. Uma rápida observação: os causos foram construídos a partir das experiências e das relações sociais tecidas no meio rural bela-vistense. A vida dessas pessoas, trabalhadores da roça, moldada pela estrutura agrária, esteve associada a todos os tipos de dificuldades. Partindo dessa constatação, entende-se que os personagens dos causos, inspirados justamente nessa conjuntura, enfrentando todos os percalços possíveis, foram construídos de uma maneira muito coerente com a realidade das pessoas, ou seja, foram moldados a partir da vivência/experiência da comunidade narrativa.

Por último, na parte final da pesquisa, encontra-se uma análise relacionada tanto ao *modus operandi* quanto ao próprio significado envolvendo o mais conhecido enredo de autoria de Geraldinho, *O causo da bicicleta,* cujo enredo foi tecido a partir de uma experiência pessoal do narrador que, na condição de um trabalhador rural empobrecido, identificou a necessidade de comprar um meio de locomoção mais rápido para se deslocar até o local de trabalho. No entanto, em detrimento de uma situação mais favorável diante da nova aquisição, o personagem, não tendo sido muito diferente na questão do indivíduo, lidou com percalços consideráveis. Tendo experienciado os mais diferentes tipos de problemas com a bicicleta, Geraldinho transformou esse acontecimento no mais divertido e significativo causo de sua autoria. Indubitavelmente, no *O causo da bicicleta* identifica-se toda a capacidade criativa e artística, especialmente porque transforma um enredo dominado por pequenas tragédias e grandes dificuldades em um divertido causo.

CAPÍTULO I

DOIS DEDOS DE PROSA SOBRE A PESQUISA

> Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (BOURDIEU, 2006, p. 186).

Tecer mesmo que seja uma pequena análise envolvendo a trajetória de vida de Geraldinho Nogueira não se apresenta como uma questão fácil de ser realizada. Existem alguns desafios importantes e, por isso mesmo, estão sendo considerados como dignos de nota. No primeiro momento, convém ressaltar que o indivíduo não está mais entre nós[2]. O segundo fator esteve e continua diretamente relacionado às dificuldades de se ter acesso aos documentos que ofereçam melhores condições de compreensão do cotidiano desse indivíduo que viveu e construiu as relações de sociabilidade dentro de um universo social dominado, quase unicamente, pelos valores do meio rural.

A partir da breve observação inicial, existe a possibilidade de abertura de parênteses, no intuito de justificar que essa trajetória de vida não será apresentada e tampouco analisada de maneira isolada, pelo contrário. Estará vinculada ao cotidiano da roça goiana[3], com ênfase no contexto do século passado, espaço social ocupado, majoritariamente, por trabalhadores rurais empobrecidos. Homens e mulheres da roça que, diante das condições às quais foram submetidos, conviveram com inúmeras dificuldades sociais/materiais. Tendo como referência as dificuldades enfrentadas no cotidiano, serão observadas algumas das estratégias utilizadas por esses mesmos atores, indivíduos despossuídos da posse da terra, lutando para garantir as mínimas condições de sobrevivência.

---

[2] Geraldinho Nogueira faleceu no dia 05 de dezembro de 1993, vítima de uma trombose intestinal. O falecimento ocorreu no Hospital de Urgências de Goiânia (HUGO). Na época, estava com 75 anos de idade.

[3] O conceito de fazenda roça-goiana é utilizado com o objetivo de contextualizar o espaço sociocultural de Goiás desde meados do século XVIII, marcado pela diminuição da exploração aurífera, até meados do século XX, momento de transformações modernas e modernizantes no estado, tendo como referência a pesquisa de Doutorado de Júlio Borges (2016). Na perspectiva do autor, nesse ínterim de duzentos anos, toda a organização social, econômica, política e cultural teria ocorrido e se desenvolvido no meio rural, na fazenda, mais precisamente, moldando um indivíduo extremamente ativo dentro desse espaço, a saber, o sertanejo/caipira goiano. Pelo fato de a pesquisa adentrar no cotidiano de Geraldinho, no meio rural bela-vistense, a ideia de fazenda roça-goiana está sendo utilizada enquanto um conceito capaz de explicar o espaço sociocultural no qual o contador de causos transitou, viveu e, consequentemente, construiu as relações sociais. Na leitura de mundo de parte considerável dos trabalhadores rurais, a roça não significou somente o espaço da lavoura, do plantio e do cuidado dos gêneros alimentícios, mas teve outros significados. Para muitos, a ideia da roça produziu uma identificação com o espaço, constituindo-se como um local de moradia e de acolhimento. Provavelmente, mais do que um morador da fazenda, o trabalhador rural goiano tenha sido, no decorrer do processo histórico, um morador da roça.

A pesquisa se envereda neste entrelaçamento, envolvendo trajetória de vida e contexto sociocultural, tendo como suporte importantes referenciais teóricos. Giovanni Levi (2006), referindo-se a algumas das classificações ou orientações sobre os estudos biográficos, assegura: "Há uma relação recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita dessas inter-relações" (2006, p. 180). No decorrer da pesquisa, haverá melhores condições para que se compreendam as mudanças operadas pelo indivíduo no meio social[4]. No momento, é válida uma atenção maior sobre a relação umbilical entre biografia e contexto. Apesar de toda a especificidade acerca de Geraldinho, principalmente quando se levam em consideração a autenticidade e a originalidade na arte de construir e contar causos, a partir de um olhar mais cuidadoso, identifica-se que essa trajetória de vida se confunde, em muitos momentos, com o desenho da vida de inúmeros outros moradores da roça, indivíduos que estiveram esparramados nos rincões do estado de Goiás no decorrer do século passado.

Ainda sobre os estudos biográficos, ressaltam-se alguns problemas que muitos pesquisadores/as enfrentaram e, possivelmente, continuam enfrentando quando se deparam com a respectiva temática. Por meio do importante ensaio *Ilusão biográfica,* Bourdieu (2006) faz considerações críticas a uma quantidade grande desses estudos, mencionando que um percentual considerável das produções optou por um pressuposto de análise que apresenta a vida do biografado de uma maneira totalmente descontextualizada[5]. Nesse sentido, os estudiosos não teriam se ocupado de estabelecer relações entre o contexto sociocultural com a vida do indivíduo colocado no centro das reflexões. Pelo fato de não fazerem o devido entrelaçamento, "biografia e contexto", tiveram uma dificuldade enorme para compreenderem que a relação em si produz uma vida distante de ser constituída de acontecimentos sucessivos. De acordo com Bourdieu:

> Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem

[4] Nos dois últimos capítulos da tese, essa possibilidade do indivíduo de interferir no cotidiano receberá uma atenção maior. Na ocasião, haverá uma ênfase sobre a capacidade de Geraldinho, especialmente por meio dos causos, de desdramatizar uma condição de vida difícil que ele e outros atores sociais experienciaram.

[5] Ângela de Castro Gomes (2004), no prólogo do livro *Escrita de si, escrita da história*, faz referência ao crescimento significativo de publicações de livros, e de pesquisas acadêmicas que têm como temática tanto as biografias quanto as autobiografias no Brasil. A autora tem como recorte temporal a transição do século passado para o início do século XXI. No entanto, adverte que, naquele contexto, não se tinha, na ciência histórica brasileira, uma reflexão mais sistematizada sobre esses estudos. De acordo com Gomes (2004), somente nos últimos anos os estudos biográficos têm se tornado uma fonte privilegiada entre os historiadores, constituindo-se como um objeto de pesquisa histórica. A partir dessa condição, enquanto fonte histórica, tem demandado um maior cuidado teórico e metodológico.

> levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (2006, p. 189-190).

Seguindo a observação crítica do sociólogo, a pesquisa parte desse pressuposto de análise, atenta às questões estruturais, observando tanto os valores quanto os costumes que moldaram, durante um longo percurso histórico, aquela comunidade rural de Bela Vista de Goiás. A partir desse olhar voltado para a estrutura social, política, econômica e cultural do estado no transcorrer do século XX, entende-se, de maneira mais adequada a própria condição socioeconômica experienciada por Geraldinho no cotidiano. Tendo como referência alguns dos valores e dos costumes da roça, consegue-se identificar a atuação ativa dentro da comunidade, dentro da estrutura no qual se encontrava inserido, interpretando e, ao mesmo tempo, atribuindo significado à própria vida. Novamente, utilizando como referência a análise de Pierre Bourdieu sobre os estudos biográficos, entende-se o seguinte:

> O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, *o envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou, e logo, o conjunto das relações objetivas que uniram agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (...) A necessidade desse *desvio* pela construção do espaço parece tão evidente quando é enunciada – quem evocaria uma viagem sem ter a ideia de uma paisagem na qual ela se realiza? (2006, p. 190).

Provavelmente, a paisagem, ou mesmo o desvio em busca da construção do espaço, conforme defende Bourdieu (2006), no que tange ao meio de vivência e convivência de Geraldinho, esteja mais bem representado na perspectiva da paisagem sociocultural goiana. Mais precisamente, o espaço encontra-se representado na paisagem da fazenda-roça goiana, que operou na condição de um valor fundamental, não somente na vida do contador de causos, mas de toda a comunidade no qual estabeleceu e costurou as relações sociais. Destarte, entende-se que a conjuntura foi moldada historicamente por uma estrutura de muita valorização para com os gêneros da literatura oral, característica importante dentro da roça goiana, o que ofereceu todas as condições para que se tornasse um dos mais significativos contadores de causos do estado de Goiás e, consequentemente, um dos mais importantes do Brasil.

No início desses *dois dedos de prosa*, houve menção a alguns dos desafios que acompanharam a construção da pesquisa, que, entre outras questões, tem como objetivo apresentar e analisar a condição de vida de Geraldinho antes do sucesso midiático. O recorte

sobre a delimitação da pesquisa tem como marco inicial o ano de 1918, e caminha até meados da década de 1980[6]. A justificativa anteriormente apresentada sobre os desafios inerentes à construção da pesquisa esteve relacionada às dificuldades de se ter acesso aos documentos que possibilitam uma compreensão mais detalhada sobre a vivência de Geraldinho no meio rural de Bela Vista de Goiás. Embora a justificativa tenha condições de se sustentar, não é muito difícil imaginar que a elucidação deste problema não passará incólume pelas críticas.

Poderão existir críticas, tendo como sustentação, o próprio espaço sociocultural do estado de Goiás no decorrer do século XX. Nesse espaço, o "universo" das letras, da prática da cultura escrita, esteve presente na vida de um número muito pequeno de indivíduos. O fator em si dificulta, por exemplo, o acesso aos documentos. Porém, existe uma identificação e, até mesmo, concordância com a presença diminuta deste tipo de fonte histórica. Em contrapartida, a presença menor das letras no cotidiano abre uma outra possibilidade de pesquisa, como a possibilidade do trabalho de campo e das entrevistas orais. Essa condição adquiriu ainda mais relevância para alguém que acompanha, na condição de objeto de estudo, um indivíduo que não teve condições de frequentar o espaço escolar, não teve a oportunidade de ser alfabetizado. Em decorrência da distância com o universo das letras, Geraldinho se valeu da oralidade como o principal vetor tanto de comunicação e de construção dos saberes.

Logo na introdução do livro *Ouvir Contar*: textos em história oral, Verena Alberti (2004) elabora uma reflexão sobre a relevância da história oral para as pesquisas acadêmicas. A autora assegura que esse formato de pesquisa possibilita, entre outras questões, que os fenômenos subjetivos, inerentes às mais diferentes realidades, tornem-se compreensíveis aos pesquisadores. No entanto, assegura que a relevância somente será possível se o pesquisador tiver uma sensibilidade para saber "ouvir contar" e, consequentemente, interpretar os fatos ou depoimentos a partir da realidade no qual os fenômenos estão inseridos/vinculados. Na perspectiva de Alberti:

> Ouve-se com frequência que a história é "construção" – não como sinônimo de "tentativa de entendimento", de "síntese", mas como sinônimo de "não vinculada à realidade": tudo é possível, pois tudo são versões e "construções" do passado. Esse tipo de afirmativa é especialmente recorrente na história oral, terreno das diferentes versões e da subjetividade por excelência. Muitos não percebem, contudo, que a história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer

[6] Conforme mencionado, 1918 é justamente o ano de nascimento de Geraldinho. O outro recorte, meados da década de 1980, representa o momento das primeiras apresentações na grande mídia. A partir desse último recorte, deixa de ser um contador de causos conhecido quase que inteiramente do meio rural bela-vistense, e rapidamente torna-se um artista com enorme inserção no grande público.

> outro. Representações são tão reais quantos meios de transporte ou técnicas agrícolas, por exemplo. Quando um entrevistado nos deixa entrever determinadas representações características de sua geração, de sua formação, de sua comunidade etc., elas devem ser tomadas como fatos, e não como "construções" desprovidas de relação com a realidade. É claro que a análise desses fatos não é simples, devendo-se levar em conta a relação de entrevista, as intenções do entrevistado e as opiniões de outras fontes (inclusive entrevistas). Antes de tudo, é preciso saber "ouvir contar": apurar o ouvido e reconhecer esses fatos, que muitas vezes podem passar despercebidos (2004, p. 9-10).

A partir dessa linha de raciocínio, seguindo a orientação sobre a relevância da pesquisa de campo para a compreensão de determinados fenômenos, convém ressaltar que, desde a fase inicial da tese, essa possibilidade esteve no horizonte. No entanto, na construção de uma pesquisa acadêmica, principalmente quando ela tem uma duração um pouco mais longeva, condição de uma tese de Doutorado, infelizmente nem tudo transcorre da forma planejada. Diante dos inúmeros obstáculos que podem aparecer no caminho, não é muito difícil presumir que, para a maioria dos pesquisadores/as das Ciências Humanas, a chegada de uma pandemia no final de 2019, definitivamente, não estava no horizonte de expectativa. O imponderável, além de toda a tragédia sanitária e humanitária proporcionada, especialmente na realidade brasileira, trouxe complicações consideráveis para o cenário das pesquisas acadêmicas.

Na condição específica deste trabalho, de acordo com o cronograma apresentado ao programa de Pós-Graduação, e nos diálogos com o orientador, existia um planejamento de se fazer uma imersão no cotidiano rural de Bela Vista de Goiás, logo no início do segundo ano do Doutorado. A partir da imersão, acreditava-se na possibilidade de reunir melhores condições de entendimento sobre os valores e os costumes inerentes ao cotidiano, assim como a própria relação estabelecida por Geraldinho Nogueira com essa teia sociocultural, sua condição de vida, a formação de contador de causos, o significado dos causos para as pessoas da região e uma série de outros fatores que somente a pesquisa de campo poderia proporcionar. No intuito de alcançar as expectativas, pautei-me nas considerações de Brandão (2007), fundamentado em suas *Reflexões de como fazer um trabalho de campo*:

> Eu costumo chegar na região onde vou pesquisar e, dependendo do tempo que eu tenha, costumo passar algum tempo de "contaminação" com o local, ou seja, procuro não entrar diretamente numa relação de pesquisa. Não só não invadir o mundo das pessoas com uma atitude imediata de pesquisa, como também não me deixar levar de imediato sem um trabalho de coleta de dados. Eu acho que é muito enriquecedor viver um tempo, que, dependendo do tempo global que você tenha, pode ser um dia, dois, uma semana, até quinze dias, quem sabe até um mês de puro contato pessoal, se possível, até de uma afetiva intimidade com os bares, as ruas, as casas, as pessoas, os bichos, os rios (em

> geral só pesquiso onde tem rio bom para tomar banho) e assim por diante. Conviver, espreitar dentro daquele contexto o que eu chamaria o primeiro nível do sentir, sentir como é que o lugar é, como é que as pessoas são, como é que eu deixo me envolver. Isso é muito bom, porque faz com que a gente entre pela porta da frente e entre devagar. E, por outro lado, é bom também porque essa lenta entrada, eu diria essa mineira entrada, não tem aquela característica de um trabalho invasor em que as pessoas se sentem, de repente, visitadas por um sujeito que mal chegou ao lugar, saltou do carro e aplicou um questionário (2007, p. 13-14).

Infelizmente, a possibilidade de me "contaminar" com a região de Bela Vista de Goiás, de sentir o lugar, de experienciar e me envolver com o espaço sociocultural, com as pessoas da região, entendendo um pouco mais sobre o modo no qual aqueles atores sociais, que passaram a vida ouvindo Geraldinho contar causos e outras histórias, interpretam e atribuem significado ao "mundo a sua volta", entre outras possibilidades, ficou seriamente comprometido. Enfim, os objetivos, além de uma estadia um pouco maior na região, não foram possíveis de serem alcançados em decorrência do surgimento e da rápida consolidação da pandemia de coronavírus no início de 2020. Além dos efeitos trágicos da pandemia, a sociedade se deparou com um governo federal, no mínimo, insensível e irresponsável com a vida da população brasileira.

Diante das circunstâncias, quando estava relendo o importante artigo de Brandão (2007), acompanhando mais de perto a sua experiência no trabalho de campo, a percepção que tive quando iniciei a pesquisa foi, justamente, a de um "sujeito que mal havia chegado no lugar, saltado do carro", trocado duas conversas informais com as pessoas e, na sequência, iniciado o processo das entrevistas. No entanto, a diferença mais perceptível entre aquele sujeito invasor presente nas considerações de Brandão (2007), quando comparado ao início da minha trajetória de pesquisador, estava no fato de que, na minha situação, estava o tempo todo usando máscara.

Ao trazer um pouco dos problemas vivenciados, imagino que os transtornos não serão compreendidos apenas como consequência de uma experiência pessoal. Provavelmente, muitos outros/as pesquisadores/as, tendo vivenciado os períodos mais drásticos da pandemia do coronavírus no Brasil, se sentirão contemplados/as na descrição de algumas das dificuldades encontradas para a realização do trabalho de campo, já que passaram por situações muito similares. Na situação experienciada, o início da pesquisa somente foi possível depois de um ano e quatro meses depois de sua autorização[7]. Nesse ínterim, durante muitos momentos,

[7] O projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética da Plataforma Brasil foi aprovado no dia 09 de junho de 2020. No entanto, o início do trabalho de campo ocorreu somente no dia 13 de outubro de 2021. O longo período entre a aprovação do projeto e o início da pesquisa, conforme mencionado, foi ocasionado pela pandemia do coronavírus. Procurando seguir os protocolos sanitários, tive condições de iniciar o trabalho somente depois de trinta dias da vacinação da segunda dose contra a covid-19.

imaginei que não seria possível seguir esse caminho de investigação. Em decorrência de tais questões, acreditei na necessidade de modificar, no meio do percurso, ou o próprio objeto de pesquisa, ou mesmo o recorte de análise proposto. Diante das possibilidades, deixaria a investigação sobre Geraldinho antes do sucesso midiático para uma outra oportunidade e me envolveria, mais uma vez, com o contador de causos conhecido e reconhecido do grande público.

No entanto, apesar de toda a incerteza vivenciada naquele período, da angústia que tomava conta de mim, em muitos momentos, gradativamente, um horizonte mais favorável foi se desnudando. Mesmo assim, enfrentei o receio em torno do deslocamento para a realização do trabalho de campo, assim como a perceptível "desconfiança" de parte considerável das pessoas que seriam entrevistadas quando se depararam com um indivíduo que mal havia chegado no lugar, puxado algumas conversas e, na sequência, iniciado o seu mister, fazendo perguntas e conversando sobre aspectos sensíveis da vida de Geraldinho no cotidiano rural bela-vistense.

Porém, apesar desse cenário incerto, é importante ressaltar que, rapidamente, a "desconfiança" inicial foi desaparecendo, principalmente quando as pessoas compreenderam tanto o objetivo quanto o propósito da pesquisa. Diante das circunstâncias, mostraram-se cada vez mais favoráveis e não demorou muito tempo para ser bem recebido pelos amigos/as e familiares do contador de causos. Tive a oportunidade de conhecer pessoas humildes, sensíveis e muito atenciosas. Em decorrência dessas e de tantas outras qualidades, demonstraram uma disposição impressionante para contribuir, do melhor modo possível, para tornar viável a realização desta pesquisa.

Essa contribuição se manifestou, conforme mencionado, de diferentes formas. Colaboraram quando disponibilizaram o contato de outras pessoas da comunidade, entendendo a importância de serem entrevistadas, ou mesmo ligando e marcando um horário para que tivesse condições de visitá-las, colocando-se à disposição para me acompanhar durante a visita. No mesmo sentido, tanto a gentileza quanto a relevância se fizeram presentes quando retiraram das caixas, gavetas e, até mesmo, um baú de álbuns familiares relembrando, especialmente, momentos festivos envolvendo a comunidade bela-vistense. Nesses álbuns, que retratavam algumas manifestações festivas/religiosas que aconteceram no século passado, como Folia de Reis, Novenas, batizados e alguns encontros de Catira, ficou muito perceptível a constância de Geraldinho nessas atividades culturais.

Ainda sobre os álbuns e a contribuição das pessoas, além de permitirem um olhar cuidadoso do pesquisador, não colocaram nenhuma objeção quando fiz o pedido para tirar fotos

de alguns "retratos"[8] e utilizá-los, posteriormente, na construção da pesquisa. Diante da simplicidade inerente ao cotidiano, lidando com alguém que tinha pouco conhecimento da região, não foram raros os momentos em que pegaram uma folha de papel em branco e se propuseram a fazer pequenos mapas da região, desenhando trajetos, com o objetivo de facilitar o encontro com outras pessoas que conviveram com Geraldinho, indivíduos considerados importantes para a pesquisa. Em algumas oportunidades, quando o cansaço da viagem e dos constantes deslocamentos pelo meio rural bela-vistense estavam muito evidentes no rosto do pesquisador, a prática da solidariedade esteve presente. Naqueles momentos, acabei sendo surpreendido com uma deliciosa xícara de café, que não somente deixava mais saborosas aquelas conversas, mas traziam a energia necessária para a continuidade da empreitada.

Nessa seara inumerável de contribuições, provavelmente, o fator mais importante para a construção desta pesquisa esteve no fato de as pessoas, gentis e atenciosas, terem se demonstrado muito boas de prosa. Diante das longas conversas, gradativamente, foi sendo possível compreender um pouco mais sobre o enraizamento de alguns valores culturais no meio rural de Bela Vista de Goiás. Quando essas conversas foram sendo comparadas com outras leituras, ou representações do passado, conforme defende Alberti (2004), foi se formando um verdadeiro mosaico, que apresentava o quanto a arte de ouvir e contar causos esteve presente no cotidiano, podendo ser compreendido enquanto um dos valores culturais existentes no meio.

Por meio das conversas, elementos importantes da vida de Geraldinho foram sendo desnudados, a exemplo da sua realidade social. Identificou-se, então, o quanto teve uma vida caracterizada por todos os tipos de dificuldades, como problemas consideráveis na questão da condição socioeconômica, que comprometeram seriamente a dieta alimentar, a necessidade de se submeter aos ditames de grandes fazendeiros para a garantia da sobrevivência, e tragédias familiares que sacudiram o empobrecido trabalhador rural. Apesar desse cenário de muitas dificuldades, desenhado inicialmente, por meio da pesquisa de campo, constataram-se as diferentes maneiras encontradas por Geraldinho para ser ativo dentro do cotidiano. Desse modo, conseguindo enganar, mesmo que momentaneamente, as "brabezas" do mundo.

Distante de ter a pretensão de apresentar uma leitura representativa das pessoas entrevistadas, mas, na literatura especializada, provavelmente, a consideração de Mendes (2008), sinalizando para uma sociabilidade e solidariedade, poderá ser utilizada como uma valiosa "síntese" daquilo que foi compreendido a partir da observação de alguns dos valores e dos costumes inerentes à vida daquelas pessoas atenciosas, sensíveis e, ao mesmo tempo,

[8] Maneira como as pessoas se referem às fotografias.

comprometidas com a realização da pesquisa. Sem a contribuição desses indivíduos, é importante reiterar que a presente tese de doutoramento dificilmente teria condições de se sustentar. Fazendo uma leitura mais abrangente do modo de vida no meio rural, Mendes considera que:

> Nesse segmento encontramos uma grande riqueza cultural, como tradições festivas, devoção aos Santos (predomínio da religião católica), valorização da família e dos costumes do lugar, enfim; um modo de vida preservado através das gerações. Nessas propriedades vivem homens simples, cuja história é construída à margem da realidade e das idéias dominantes, lutando para sobreviverem e resistirem às dificuldades de todo dia (2008, p. 145).

De modo similar, a riqueza cultural descrita por Mendes (2008) caminha ao encontro do "modo de vida histórico" das pessoas presentes nesta pesquisa. No mesmo sentido, tendo a dimensão de que dificilmente seria diferente, existe uma relação estreita com o modo de vida de Geraldinho. O contador de causos também foi moldado por toda essa carga cultural presente na leitura da supracitada autora. O modo de vida dentro do meio rural tem como referência alguns dos valores tradicionais, com destaque para a forte presença do catolicismo popular, o envolvimento com os costumes e com as pessoas do lugar, passando pelas festividades religiosas, sem desmerecer a prática do mutirão e os bailes dançantes, assim como as lutas cotidianas para sobreviver diante de uma estrutura agrária opressora, entre outros fatores que estão vinculadas aos valores rústicos[9]/tradicionais da roça goiana. Valores que vêm de longe e, por isso mesmo, enraizaram-se nos mais diferentes espaços durante parte considerável do século passado.

Durante a pesquisa de campo, conversando com homens e mulheres que continuam residindo, em sua grande maioria, nas pequenas chácaras do meio rural bela-vistense, gradativamente, foi ficando perceptível o quanto seria difícil apresentar considerações sobre a vida de Geraldinho, sem mencionar que, na memória das pessoas entrevistadas, não seria possível analisá-lo "somente" na condição de um contador de causos. Para aquelas pessoas, não restava nenhuma dúvida de que a relevância de Geraldinho tinha sido muito mais abrangente.

[9] Procurando compreender os valores socioculturais que moldaram o cotidiano de Geraldinho, existe um entendimento de que seria mais adequada a utilização da categoria de rusticidade em detrimento do conceito de valores tradicionais. A justificativa para a utilização da categoria está no fato de que a rusticidade estabelece uma relação mais estreita com os valores que circularam na roça goiana no decorrer do processo histórico. Além disso, o conceito de tradição tem uma característica mais abrangente e complexa nas interpretações acadêmicas, podendo abarcar diferentes povos, culturas, costumes e manifestações. A partir da justificativa, ressalta-se que a categoria de valor rústico não aparece enquanto uma negação dos valores tradicionais, pelo contrário. Indubitavelmente, os valores da roça foram tradicionais. Entretanto, acredita-se que a rusticidade esteja diretamente vinculada ao cotidiano dos moradores da roça goiana.

Destarte, além do envolvimento com os causos, fizeram questão de ressaltar que o amigo tinha sido o principal dançador e mestre de catira da região, tocador de viola de primeiríssima qualidade, folião, embaixador da Folia de Reis e um afinado cantor e compositor de músicas caipiras, músicas que animavam os pagodinhos da região da Boa Vistinha[10].

Coincidentemente, as primeiras lembranças suscitadas, quando puxavam pelo fio da memória as experiências iniciais com Geraldinho, relacionavam-se, constantemente à referência dos bailes dançantes. Durante uma das conversas com o senhor Altamiro[11], ao indagá-lo se conseguia se recordar do primeiro contato, o entrevistado fez referência a um baile dançante de que tinha participado na região do Aborrecido. Durante o baile, dancinha ou mesmo "pagodinho", conforme fez questão de ressaltar, o primeiro contato teria se estabelecido e, daquele momento em diante, a relação perduraria por muitas décadas. A consideração do entrevistado é importante por uma série de fatores, principalmente por evidenciar uma vastidão cultural muito significativa, fazendo referência à qualidade artística de Geraldinho na condição de um cantor de músicas caipiras:

> Eu conheci o Gerardim Nogueira, acho que até te falei[12], num pagode aqui no Aborrecido. Foi a primeira vez que meu pai deixô eu saí sem eles, eu era um mulequin novo e fui. Era um muxirão de roçá pasto, e à noite, pagode. Eles (Geraldinho e o filho) num tava no mutirão não. Quando foi de noite, ele chegô, e eu encantei demais com o Gerardim. Porque o Gerardim era o seguinte, ocê não dava conta, ocê podia ser conhecido, estranho, qualquê pessoa, que ocê não dava conta de falá a Deus pro Gerardim sem ocê ri, não tinha cumo. Era nato dele, não tinha cumo. Se ocê visse ele, aquele jeitin dele, ocê já começava a ri, né? E eu encantei com ele, muleque novo, fiquei encantado com ele. Quando foi de noite, naquele tempo pagode falava era "dançá catira". Dancinha quase não tinha, era muito difícil o lugá que tinha. Nóis falava era dancinha, hoje é forró, ou baile essas coisas. Dancinha quase num tinha, era o catira, pagodão de catira. Quando foi uma hora lá, o tio Joaquim, que era o dono da casa, era irmão do meu pai, falô: "Agora, eu quero vê é o Gerardim mais o menino dele cantá uma moda". Aí, aquilo, eu tava até de í dormi, me chamô a atenção. E eu fiquei esperano, e aquilo tá demorano, demorano. Aí, eles foi afiná umas violá lá detrais de um paiol lá, aí eu fui lá vê. Cheguei lá, e naquele empenho que era um menino pequeno, manei que era menino pequeno, talvez menor que eu, porque era um muleque, aí cheguei

[10] Guardadas todas as proporções, a região da Boa Vistinha pode ser considerada um entrelugar no meio rural de Bela Vista. Localizada na parte central do município, faz divisa com as demais regiões. Um outro fator é que, neste lugar, Geraldinho, a partir do final da década de 1950, estabeleceu um vínculo mais estreito com os moradores e as festividades inerentes à localidade.

[11] No intuito de preservar a identidade das pessoas, houve a opção pela utilização de nomes fictícios.

[12] Nessa circunstância, a pergunta fazia todo o sentido. Antes dessa entrevista, já havíamos conversado em duas oportunidades. Desde o primeiro momento, o entrevistado fez referência a esse contato inicial com Geraldinho. Na época, o senhor Altamiro tinha entre doze e treze anos de idade. No período da adolescência, acompanhou uma apresentação musical de Geraldinho na região do Aborrecido. O contexto da apresentação, considerando o relato de outras pessoas, provavelmente encontra-se na segunda metade da década de 1950.

> lá e não, ele era mais vei que eu, era rapaiz, rapaizin novo, mais era rapaiz[13]. Aí eu: "Ah, mais não é menino nenhum". Mais ele vem, cantô à moda, cantô bão demais, e aí dançaram o catira. E eu comecei a dançá nesse pagode lá, pulá, sapateá junto com eles lá, nesse pagode.

A relação entre o senhor[14]Altamiro e Geraldinho Nogueira, tendo se iniciado no pagode de catira ocorrido na região do Aborrecido, demonstrou ter sido uma relação duradoura. Por isso mesmo, estará presente, em diferentes momentos desta pesquisa, descortinando alguns eventos/acontecimentos essenciais na vida do contador de causos. Porém, voltando ao relato, é importante não perder do horizonte a primeira lembrança suscitada, especialmente quando o entrevistado faz referência ao fato de ter conhecido e se encantado com Geraldinho em um pagode que ocorreu depois da prática de um mutirão na região do Aborrecido. De maneira muito próxima dessa primeira memória realçada, outras pessoas fizeram referência ao primeiro contato, tendo como ponto de encontro justamente os folguedos populares existentes na região.

Embora não tenha feito uma descrição minuciosa, principalmente se comparada ao relato do entrevistado anterior, o senhor Justiniano também fez questão de ressaltar o cenário no qual estabeleceu o primeiro contato com Geraldinho. O cenário teve como referência um pagode de catira que aconteceu no meio rural bela-vistense. Quando indagado se conseguia se recordar do recorte temporal, o entrevistado respondeu da seguinte maneira: "Não, o ano eu não lembro não, mais deve ter uns quarenta ano[15] que eu conheci ele. Eu era bem moleque, quando eu conheci ele. É porque eu ficava assim, na época, eu ficava foliano, catava tudo quanto é pagode. Você já ouviu falar de pagode? Eu era muito pagodero". Embora não tenha conseguido se recordar exatamente do recorte temporal, a partir de outras entrevistas, foi possível identificar

---

[13] Referência a Alcídio Nogueira, primogênito de Geraldinho. Acompanhando o relato, fica perceptível que havia toda uma expectativa do entrevistado, imaginando que conheceria um adolescente compatível com a sua idade, entre doze e treze anos. No entanto, tratava-se de um jovem um pouco mais velho, aproximando-se da idade adulta.

[14] Durante a pesquisa de campo, identificou-se uma maneira peculiar de tratamento entre as pessoas entrevistadas. Independentemente de terem laços de parentesco ou não, qualquer menção a um indivíduo da região sempre estava acompanhada de um compadre ou de uma comadre. Além disso, independentemente da idade da pessoa que faziam referência, um respeito enorme se manifestava. O respeito está representado no fato de se referirem uns aos outros na condição de senhores ou senhoras. Em consideração ao "costume em comum" da região, os nomes fictícios serão antecedidos pelo mesmo pronome de tratamento, *senhor* ou *senhora*.

[15] Dos entrevistados, o senhor Justiniano foi o mais idoso com quem tive a oportunidade de conversar. No período da pesquisa de campo, estava com mais de oitenta anos. Conhecido na região por ter uma memória muito ativa, se caracterizou por ser portador de muita história para contar sobre Geraldinho, sobre os movimentos sociais do campo, e muita história envolvendo a cidade de Bela Vista de Goiás. Apesar da memória incrível e privilegiada, provavelmente, se equivocou quando afirmou que tinha em torno de quarenta anos que conhecia Geraldinho. A possibilidade do equívoco se sustenta por meio de alguns fatores. Primeiramente, no ano de 2023, completará trinta anos do falecimento do contador de causos. Ou seja, a constatação equivale a dizer que, se o entrevistado estiver correto, o contexto do contato inicial teria se dado na década de 1980. No entanto, no transcorrer da pesquisa, será possível identificar que a relação entre os dois estava no horizonte desde o início da década de 1970. Além disso, outras pessoas mencionaram que, desde o final da década de 1950, conseguiam se recordar da relação entre Justiniano e o contador de causos.

que o contato inicial aconteceu na primeira metade da década de 1950.

Por meio das primeiras entrevistas, houve condições de compreender que, embora o objetivo principal nas conversas fosse acompanhar mais detalhadamente a condição material da vida de Geraldinho, observando a própria formação enquanto um artista popular da região, seria muito difícil, para aquelas pessoas, falar do exímio contador de causos e não se referir ao mestre de catira, ao folião, ao embaixador e tirador de folia. No mesmo sentido, no intuito de serem honestas com elas mesmas, não poderiam deixar passar despercebido que, entre os atributos, o amigo havia sido um cantor de música caipira "bão demais da conta, cantando bonito pra daná." Na leitura dos entrevistados, Geraldinho representava uma vastidão cultural, porque tinha sido folião, dançador de catira, violeiro, cantor de moda de viola, contador de causos e muito mais. Segundo o senhor Manoel:

> Tinha sim, inclusive, na folia, ele era embaixadô, né? Na hora que partia pro catira, ele era uns dos violeiro que contava as moda pro catira. Se faltasse algum catireiro e quisesse um pra canta, ele ia pô salão dançá um catira. Então, ela era de tudo, num encravava cum nada e sempre era convidado por esse motivo, porque ele tinha recurso pra tudo. Outros: "Não, eu só canto, eu num danço catira". Não, ele fazia de tudo, dançava catira, tocava viola, era pra tudo (risos).

A partir da última consideração, estabelecendo uma proximidade com as primeiras memórias tanto do senhor Altamiro quanto do senhor Justiniano, a ideia de uma vastidão cultural adquire um maior sentido. Conforme ressaltou o senhor Manoel: "(o homem) num encrava com nada, tinha recurso pra tudo". Por meio das observações, deslocando-se além de uma constatação sobre a capacidade de contar causos, gradativamente, foi se descortinando não somente uma vastidão artística e cultural, mas o que todo esse vastíssimo horizonte representava para aquelas pessoas que tiveram e construíram uma relação caracterizada pela proximidade com Geraldinho Nogueira. Essa compreensão ocorreu, mais precisamente, por meio das conversas durante a pesquisa de campo, entretanto, não se restringiu a essa condição.

Por exemplo, tiveram muita importância para o entendimento da vastidão e tudo o que representava para as pessoas do lugar, alguns olhares, sorrisos e mesmo a estratégia do silêncio adotada diante de algumas situações, silêncios que, sem serem contraditórios, responderam a inúmeros questionamentos apresentados. Nesse momento, quando, aparentemente, não era mais "um corpo estranho", tornou-se fundamental aprender a ouvir[16] tanto as respostas quanto os

[16] Quando estava tudo organizado para o início da pesquisa de campo, olhando o roteiro, imaginando o que poderia acrescer diante do esboço inicial de perguntas, imaginava que as entrevistas teriam, em média, uma hora de duração. No entanto, em muitas oportunidades, a partir de uma indagação específica, somente uma resposta

silêncios. Contudo, no limiar das conversas que foram muito mais duradouras do que o imaginado, fez-se necessário não me envolver diretamente ou mesmo emocionalmente e de forma acrítica com os relatos. Seguindo as orientações de Alberti (2004), as representações da realidade foram construídas a partir de conversas com os moradores da região, que demandaram um cuidado criterioso, quando os relatos apresentados foram comparados com outras fontes. Entre essas destacam-se referenciais teóricos, alguns documentos de arquivo e relatos de outras pessoas entrevistadas. Apesar de haver confluência em alguns momentos e divergências em outros, um fator quase sempre esteve presente: o fato de Geraldinho ter sido apresentado não como um indivíduo distante dos pares, mas como um ator social que desenvolveu uma relação umbilical com os valores, costumes e manifestações culturais existentes na região.

O entrelaçamento do indivíduo com o contexto sociocultural caminhava ao encontro dos anseios deste trabalho, fornecendo meios para uma defesa mais consistente de uma das teses da pesquisa. Reiterando, a ideia de que a construção, a formação e a consolidação de Geraldinho como contador de causos somente foi possível porque esteve acompanhada por um conjunto de pessoas que ofereceram todas as condições para a ampla circulação da arte de contar e ouvir "histórias" tradicionais. A condição ofertada não se constituiu como um valor fortuito, uma invenção do século XX, pelo contrário. A recepção esteve presente no cotidiano porque fazia parte de um valor histórico e cultural existente na região.

Em contrapartida, diante da relação umbilical com a comunidade, ficou perceptível o quanto algumas pessoas, tendo acompanhado *in loco a* condição de vida de Geraldinho, procuravam se colocar diretamente envolvidas nas principais decisões e acontecimentos inerentes à vida do contador de causos. Atribuíam um protagonismo para elas mesmas, retirando a autonomia de Geraldinho e do nicho familiar em algumas situações específicas, dando a impressão de que a família não reunia condições de tomar decisões por conta própria. Mesmo estando orientado por um instrumental teórico oferecendo condições para lidar de forma reflexiva e crítica com a pesquisa de campo, em algumas ocasiões, quando me atentei, estava sendo envolvido na teia da memória das pessoas entrevistadas. Talvez o envolvimento possa ser justificado pelo entendimento de que aquelas pessoas, quase todos/as com mais de setenta anos de idade, tiveram a oportunidade de estabelecer uma relação de proximidade, conhecendo

aproximava-se do tempo idealizado para toda a entrevista. Diante dessa circunstância, independentemente de conseguir adentrar todas as questões previamente elaboradas, deixei a conversa fluir, procurando não interromper o entrevistado, mesmo quando o teor, aparentemente, se distanciava do objetivo principal. Depois de finalizado o período das entrevistas, no momento das transcrições e das leituras, identifiquei que aquelas pessoas que haviam me levado para mais longe foram, justamente, aquelas que mais contribuíram para a compreensão da trajetória de vida de Geraldinho.

minuciosamente os meandros da vida de Geraldinho antes do sucesso midiático.

Em decorrência da proximidade, acompanharam o nicho familiar, procurando se valer dos mais diferentes meios para garantir a sobrevivência dentro de uma estrutura agrária opressora, especialmente com os trabalhadores despossuídos da posse da terra. Tiveram a oportunidade de acompanhar as relações da família com a terra e com o trabalho e a exploração sistemática coordenada pelos grandes fazendeiros durante décadas e mais décadas. Essas mesmas pessoas acompanharam *in loco* as dolorosas tragédias familiares que abalaram a estrutura emocional de Geraldinho. Enfim, questões importantes que escapam à maioria das pesquisas publicadas até então, mas foram possíveis de serem apreendidas durante as conversas com importantes atores e atrizes sociais do cotidiano rural e urbano de Bela Vista de Goiás.

No tocante aos causos, as pessoas apresentaram fatores que resultaram na construção de alguns dos enredos narrativos, enfatizando acontecimentos do cotidiano que foram interpretados, apropriados e "ressignificados" na teia da narrativa. Em decorrência da capacidade e criatividade artística, Geraldinho produziu e transformou muitos acontecimentos do cotidiano, experienciados por diferentes pessoas da comunidade, nos causos que, a partir de meados da década de 1980, se tornaram conhecidos do grande público. Nesse mesmo sentido, envolvendo a verve artística, ofereceram condições para o entendimento da própria relação da comunidade diante da iniciação artística, possibilitando o levantamento de algumas hipóteses que envolvem possíveis "mestres" da comunidade que ensinaram a arte de narrar para aquele indivíduo que se tornaria um dos mais significativos contadores de causos do estado e um dos mais importantes do Brasil. Contribuíram, também, para a compreensão do molde de construção do personagem central dos enredos, a saber, o personagem geraldiano. São, portanto, pessoas que não somente conheceram o contador de causos, mas conheceram e conviveram diretamente com o indivíduo, com o trabalhador rural Geraldinho Nogueira.

Por meio da amizade construída ao longo do processo histórico, participaram das mais diferentes atividades culturais, percorrendo inúmeras casas na região do Aborrecido, do Barro Amarelo e da Boa Vistinha no giro da Folia de Reis. Viajaram durante alguns dias para participar da mesma festividade religiosa promovida no interior do estado de Minas Gerais. Amigos e familiares que dividiram quase o mesmo espaço do pano de arroz quando trabalharam na prática do mutirão, ou quando levaram praticamente o mesmo eito durante uma empreitada na roçada. No aspecto mais festivo, deslocaram inúmeras solas de botina quando dançavam as modas de viola nos pagodes que tanto animavam os folguedos da roça. Na teia da sociabilidade, dividiram uma dose de branquinha nos bares de Bela Vista e em alguns alambiques de cachaça artesanal que existiram na região da Boa Vistinha.

Pessoas simples e humildes que tiveram a oportunidade de conhecer, muito de perto, antes do grande público ou de qualquer pesquisa acadêmica, o cotidiano de Geraldinho Nogueira. Por terem tido esse "privilégio", construído no decorrer do processo histórico, reconheceram, antes de qualquer produtor ou apresentador de programa televisivo, todo o valor artístico e cultural do amigo e companheiro do cotidiano. O reconhecimento e a valorização da atividade artística por parte da comunidade bela-vistense não podem ser considerados uma questão menor, pelo contrário. Geraldinho continua tendo tamanha notoriedade que, mesmo algumas décadas depois de seu falecimento, a maioria dos causos permanecem de forma muito intensa no imaginário coletivo da população goiana. Entre os enredos, destaca-se *O Causo da Bicicleta, O Causo do Osso, O Causo do Rádio, O Causo do Marimbondo, O Causo do Carro de Boi, O Causo da Namoradinha,* entre tantos outros que fazem parte da literatura oral e da cultura popular do estado.

Por meio da dimensão cultural de Geraldinho, neste momento de construção inicial, faz-se necessário ressaltar que este indivíduo pertenceu ao segmento mais empobrecido da sociedade. Na condição de um trabalhador rural da roça goiana, despossuído da posse da terra durante parte considerável da vida, passou por muitas das dificuldades sociais/materiais que a grande maioria dos trabalhadores pobres experienciaram no transcorrer do processo histórico. Envolto nesse ambiente desfavorável, labutou consideravelmente para garantir as condições mais elementares de sobrevivência. No entanto, o esforço esteve distante de ter sido meramente individual. Na teia da terra e do trabalho, a família de Geraldinho se envolveu diretamente com o plantio, cuidado e com a colheita dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, que estavam distantes de garantir a desejada fartura na mesa, mas que foram fundamentais para a fome não grassar por mais tempo.

Ao fazer uma comparação da condição de vida de Geraldinho com a situação vivida por inúmeros outros trabalhadores rurais empobrecidos da roça, percebe-se que, em ambos os casos, foram vítimas de uma estrutura agrária que tem suas bases fincadas historicamente. O início, ou a própria formação dessa estrutura, conforme será observado, data de meados do século XVIII. Analisada mais detalhadamente, a condição de vida do contador de causos pode ser confundida com a de inúmeros outros atores sociais que estiveram esparramados pelos rincões goianos. No bojo das comparações, porém, apresentando um caráter mais conceitual, provavelmente, o entrelaçamento com parte considerável da sociedade pode ser explicado no fato de Geraldinho representar, na leitura de muitos intelectuais, uma certa identidade goiana ou uma goianidade. Segundo Oliveira e Castro, a relação entre o narrador bela-vistense e a coletividade se sustenta por meio dos seguintes fatores:

> Durante grande parte de sua vida foi um caipira típico: trabalhou em atividades rurais, casou-se cedo, teve muitos filhos, foi um ardoroso participante das manifestações culturais sertanejas (como a Folia de Reis e a Catira) e um apreciador da brasileiríssima cachaça. Geraldinho seria apenas mais um dos inúmeros sertanejos goianos, se não fosse a sua ímpar habilidade em contar causos, numa linguagem tipicamente sertaneja (2016, p. 415).

De fato, embora parte da consideração tenha sido mencionada no início do capítulo, convém ressaltar que Geraldinho representa uma vastidão cultural que, de algum modo, encontra-se descrita na passagem de Oliveira e Castro (2016). No mesmo sentido, identificam um "traço comum" com a vida de tantos outros atores sociais, tais como o fato de ter se casado jovem, ter sido pai de muitos filhos e desempenhado diferentes atividades laborais no meio rural. Quando se observam os traços mais elementares, rapidamente, vislumbram-se inúmeros outros atores sociais que estiveram esparramados pela roça goiana. No entanto, os autores fazem uma observação/delimitação importante, afirmando que Geraldinho seria apenas mais um dos inúmeros sertanejos goianos, se não fosse a incrível capacidade para contar causos. Destarte, teria sido justamente a capacidade narrativa o fator preponderante na demarcação de uma distância quando comparado ao restante da sociedade.

No início da pesquisa de campo, uma das primeiras constatações esteve no fato de que, para as pessoas entrevistadas a diferença de Geraldinho, quando comparado aos pares, não estava somente na arte de contar causos. Teria se manifestado no seu envolvimento com a catira, tendo sido apresentado na condição de um mestre, na participação ativa na Folia de Reis, e assumido a condição de embaixador, na composição de músicas caipiras e na própria cantoria dessas modas de viola. Diante da vastidão cultural, os causos demonstraram ter sido o mais importante elemento artístico e cultural, porém, muito distante de terem sido o único. Se, na interpretação de Oliveira e Castro (2016), Geraldinho se destacava pela incrível capacidade de contar causos, na leitura das pessoas entrevistadas, o universo artístico era muito mais amplo e mais significativo. Tamanha habilidade impressionou, até mesmo, algumas das pessoas que participaram da construção e da manutenção dessas manifestações no cotidiano bela-vistense. Refletindo sobre os motivos principais que fizeram com que tivesse enorme reconhecimento do grande público, o senhor Altamiro não poupou elogios à capacidade artística do amigo:

> O sucesso do Gerardim, ocê sabe aonde tá marrado o sucesso do Gerardim? Naquilo que nóis já falô, que eu falei pro cê lá em casa, que o cumpade João[17]

[17] Referência a João Nogueira, filho de Geraldinho.

> falô pro cê lá, que eles tão falando aqui[18], é aquela simplicidade, é aquela pessoa que sabe fazê o miô, e não apresenta. Ele era o maiô catirero da região aqui, e ele buscava nóis que não sabia nada pra aprendê à dançá catira junto com ele, do mesmo jeitin (...) O sucesso do Gerardim Nogueira tá em riba da simplicidade, da humildade dele. Ele sabia fazê, ele era o mió.

A partir da consideração do entrevistado, percebe-se que, diante de sua trajetória de vida, aproximando-se de tantas outras esparramadas na roça goiana no decorrer do século passado, quando se relacionavam-com a verve artística e cultural, Geraldinho se destacava consideravelmente, fazendo o melhor diante daquilo a que se propunha a fazer. No entanto, em detrimento da prepotência ou da arrogância, caracterizava-se pela humildade, sem demonstrar que se destacava nesse aspecto cultural, quando comparado aos pares. Procurava transmitir todo o conhecimento adquirido por meio da experiência para as demais pessoas da comunidade. Tendo como referência essas considerações, gradativamente, foi se construindo um mosaico mais abrangente, não somente para entender a condição de vida, mas um mosaico que possibilitava compreender o que essa vida tão significativa representava para um conjunto grande de pessoas.

Durante a escrita da tese, uma leitura relacionando Geraldinho a representante de uma identidade goiana ou mesmo de uma goianidade acabou sendo apresentada por importantes interlocutores. Essas leituras estiveram muito presentes nos eventos acadêmicos, como congressos, seminários e mesas-redondas promovidas pelas instituições de ensino. Além desses espaços, a perspectiva de uma identidade goiana marcou presença em muitas conversas "informais" estabelecidas com outros pesquisadores, quando a temática da identidade, invariavelmente, acabava sendo inserida nos diálogos. Não deixa de ser interessante constatar que outros autores, antes da construção desta pesquisa, haviam tateado um pouco dessa questão.

Por exemplo, Ademir Silva (2015) mobilizou todo um instrumental teórico e literário e, ao mesmo tempo, produziu uma leitura crítica dessa tentativa de representação a partir de uma possível identidade, fazendo a seguinte constatação: "Geraldinho é constantemente identificado como uma espécie de guardião, ou encarnação, da identidade goiana (2015, p. 38)". A ideia de uma identidade representativa, tanto para Goiás quanto para o goiano, quando comparada à trajetória de Geraldinho, poderá se sustentar desde que se leve em consideração

[18] Nessa ocasião, o senhor Altamiro acompanhou uma das entrevistas realizadas. Pelo fato de não conhecer satisfatoriamente a região, fez-se necessário um acompanhamento até a residência de algumas das pessoas entrevistadas. Durante uma dessas visitas, o senhor Altamiro pediu a palavra e fez essa importante consideração. Sinalizou tanto para a simplicidade quanto para a capacidade artística de Geraldinho, assegurando que o amigo se destacava dos demais quando o assunto se vinculava às mais diferentes manifestações culturais produzidas pela comunidade.

que a vida do contador de causos se assemelha com a condição social/material, política e cultural de inúmeros outros trabalhadores rurais espalhados pelos rincões goianos no decorrer do processo histórico.

Entretanto, para ser bem sincero, confesso que, desde o início da pesquisa, essa ideia de Geraldinho como um representante da goianidade não estava presente no horizonte de expectativa. Pelo menos, não como uma possibilidade efetiva de investigação. No entanto, diante de algumas associações e considerações importantes apresentadas no decorrer do percurso, considerei necessário, em diálogo com o orientador, fazer algumas leituras no intuito de entender melhor o conceito/categoria de goianidade, levando em conta a própria construção histórica e os interesses orientadores dessa construção, verificando se as hipóteses levantadas por outros pesquisadores poderiam ser sustentadas ou não nesta tese de Doutorado. Entre as leituras realizadas, deve-se destacar o artigo de Chaul (2011), intitulado *A identidade cultural do goiano.* No referido artigo, o autor elabora considerações sobre dois conceitos elementares, apresentando tanto a origem quanto os significados de "goianice" e de "goianidade".

Na perspectiva de Chaul (2011), os conceitos/categorias teriam sido construídos a partir de duas temporalidades distintas, procurando caracterizar a identidade cultural do goiano ao longo do processo histórico. O primeiro dos conceitos, "goianice", estaria associado a uma leitura interpretativa que se construiu sobre Goiás durante o Oitocentos, tendo como sustentação teórica o relato dos viajantes naturalistas que percorreram a Província goiana no respectivo contexto, mais precisamente, na primeira metade do século XIX[19]. Nesse sentido, "goianice", a partir de uma leitura crítica, generalizante e depreciativa por parte dos viajantes, esteve associada a uma ideia de decadência e de atraso que acometia a Província em virtude do depauperamento da exploração aurífera a partir da segunda metade do século XVIII. Porém, essa leitura depreciativa e crítica não se resumiu ao espaço, isso porque envolveu diretamente os habitantes da província. Na ocasião, foram apresentados na condição de indivíduos

[19] As expedições dos viajantes naturalistas durante o século XIX, percorrendo quase todo o Brasil, construiu, de algum modo, uma série de identidades regionais. Em Goiás, conforme observado, essa identidade esteve representada pela ideia de uma goianice, uma leitura crítica e depreciativa do espaço e dos seus moradores. Porém, dependendo da localidade, a leitura dos viajantes teve um caráter mais ameno, como demonstra, por exemplo, Maria A. Do Nascimento Arruda (1999), no livro *Mitologia da mineiridade.* Identifica-se, a partir de intelectuais europeus, a exemplo de Saint-Hilarie, a origem da mineiridade. No entanto, diferentemente da goianice, a mineiridade tinha como significado a ideia de um homem, mineiro das camadas mais abastadas, educado, apreciador da arte e da cultura, politizado, com apreço pela liberdade e muito receptivo com os estrangeiros. A autora procura identificar essa leitura dos viajantes a partir da influência e do mito que se constrói em torno da figura de Tiradentes. Porém, independentemente de fazer uma análise mais crítica e reflexiva sobre todas essas questões, o mais importante, nesse momento, é constatar a "contribuição" dos viajantes naturalistas para a construção ou tentativa de construção de identidades regionais.

atrasados, ignorantes, incivilizados, avessos a ideia de progresso, doentes[20], pouco higiênicos, preguiçosos e outros termos depreciativos.

No entanto, em contrapartida, Chaul (2011) assegura que a goianidade teria sido um conceito construído logo no início da década de 1930[21]. O supracitado contexto se caracterizava pela chegada de Getúlio Vargas ao governo federal, ao mesmo tempo em que Pedro Ludovico ocupava o espaço de poder no estado. A transformação no cenário político sinalizava a construção de um projeto "modernizante" para o país e, consequentemente, para o estado de Goiás. Nesse cenário, um dos principais objetivos do governo Vargas estava na integração de todos os espaços, especialmente daqueles considerados "sertões", territórios mais longínquos. A partir dessa integração, percebe-se um projeto de estado-nação que estava sendo desenhado.

Diante da reconfiguração social, política e cultural, alguns indivíduos acreditavam que a identificação com o lugar, assegurando as potencialidades da região, assim como a construção de uma nova identidade para determinados espaços, demonstrava ser uma condição fundamental, não somente para o governo federal, mas especialmente para setores das camadas dominantes[22] que faziam parte daqueles espaços considerados periféricos dentro do território nacional. A afirmação de uma identidade, com característica positiva, representada, dessa vez, na goianidade, somente seria possível quando se substituísse uma outra identidade existente, que, nessa circunstância, substituiria a goianice. Nas palavras de Chaul:

> Assim, será a partir da rediscussão das ideias de "decadência" e de "atraso" que vislumbraremos a construção da ideia de modernização enquanto progresso, buscando a identidade goiana, a goianidade, que permeou toda a história de Goiás após o movimento de 30. Após 1930, era necessário inserir a região na nação. O resgate que os grupos dominantes do pós-30 fizeram das ideias acima expostas e o uso político-ideológico dessas mesmas ideias na construção da imagem de "um novo tempo", de um "novo Goiás que emergia", de um "estado novo" que solucionaria os problemas gerais do passado, de uma "nova capital" em consonância com os interesses dos grupos

[20] Sobre as principais doenças que acometeram a população goiana no Oitocentos, consultar o importante livro de Sônia Magalhães, intitulado *Males do sertão:* alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX.

[21] Partindo de uma leitura mais crítica, Paulo Bertran (2006) assegura que a construção de Goiânia, símbolo do poder do estado novo em Goiás, significou a ruptura com a goianidade. Goiânia não teria significado o início da goianidade, mas a ruptura com essa identidade histórica.

[22] No artigo de Rogério Silva, *Trilhando os caminhos da "produção histórica autodidata" em Goiás*: o diálogo com uma tradição do IHGB, encontra-se uma reflexão atenta aos esforços de parte da intelectualidade goiana, com destaque para Americano do Brasil, Colemar Natal e Silva e Astrogildo Artiaga, que empreenderam uma tentativa de construção de uma nova identidade para Goiás na primeira metade do século XX. Os intelectuais procuravam, por meio dessa nova identidade, desconstruir a ideia de um espaço atrasado e inóspito, procurando integrar Goiás ao projeto nacional modernizante. Destacavam as "potencialidades" do estado, ressaltando a necessidade de um projeto de desenvolvimento nacional para fazer de Goiás um estado moderno. Com um objetivo similar, empreendeu-se a desconstrução de uma imagem negativa para a construção de uma identidade positiva, referência aos propósitos da revista *A Informação Goyana.* A revista começou a circular em 1918, tendo em Americano do Brasil um dos seus grandes expoentes.

> políticos em ascensão, puderam traçar o perfil da goianidade que iria se transfigurar na brasilidade apregoada ao período (2011, p. 42).

Por meio da consideração de Chaul (2011), identifica-se todo um esforço político, administrativo, ideológico e intelectual das camadas dominantes na construção de uma nova identidade para Goiás após a década de 1930. Goianidade, nessa linha de raciocínio, passa a ser compreendida como uma construção representativa do novo, evidenciando a chegada da "modernidade" no território goiano. Haveria um novo tempo em substituição ao antigo, quando o passado seria sinônimo de velho, atrasado, permeado pela predominância do rural em detrimento do urbano. Seguindo essa linha de raciocínio, constata-se que a construção de uma nova identidade para Goiás, a goianidade, nas primeiras décadas do século passado, estava condicionada aos interesses de alguns setores da sociedade, que passariam a ter uma relevância social, econômica e política ainda mais significativa no estado a partir do poder exercido por Getúlio Vargas no âmbito federal, e Pedro Ludovico no cenário estadual.

Observando esse recorte inicial de construção de uma nova identidade para Goiás e, consequentemente, para o goiano, quando se faz uma comparação com a trajetória de vida de Geraldinho, morador da roça, trabalhador rural empobrecido, aparentemente, identifica-se uma condição de vida totalmente diferente dos princípios desenhados para a goianidade. Geraldinho Nogueira está diretamente vinculado a um Goiás rural, tendo construído, ao longo da vida, um vínculo estreito com os valores da roça goiana, valores rústicos, distante de representar aquela perspectiva de um estado moderno, modernizante e urbano. Condições necessárias, conforme observado, para a consolidação da goianidade.

Se, eventualmente, o objetivo da tese fosse apresentar um conceito de identidade a fim de encontrar uma representação na figura de Geraldinho, preliminarmente, seria possível dizer, a partir da linha de raciocínio traçada por Chaul (2011), que o contador de causos esteve muito mais próximo dos valores da goianice do que propriamente da goianidade. Ou, de maneira um pouco mais adequada, levando em consideração que o conceito de goianice foi construído e moldado por uma carga enorme de estereótipos, seguindo as reflexões críticas de Paulo Bertran (2006), que o narrador bela-vistense significou a continuidade da goianice, que não se rompeu em definitivo com a construção da nova capital.

Contudo, não é somente no aspecto de uma possível e provável incompatibilidade da vida de Geraldinho, quando comparada a construção política e ideológica de goianidade, que apresenta implicações para a continuidade desta pesquisa. Existem outros fatores que também são merecedores de uma análise cuidadosa, como quando lidamos com determinadas temáticas,

especialmente as que se relacionam com o complexo conceito de identidade. Torna-se, então, uma questão fundamental não legitimar, mesmo que involuntariamente, determinados discursos de poder. Desse modo, diminui-se a possibilidade de corroborar com construções políticas e, ao mesmo tempo, ideológicas, que atendem ou atenderam interesses específicos de alguns setores da sociedade.

O historiador Albuquerque Júnior (2015) propõe considerações pertinentes acerca dessa questão, refletindo sobre a instrumentalização da pesquisa acadêmica, deliberada ou não, na legitimação de projetos que atenderam e continuam atendendo aos interesses de setores dominantes. O autor analisa criticamente as denominadas histórias regionais e locais que trazem consigo tanto a construção quanto a legitimação de uma identidade. Nesse sentido, assegura que não é somente preocupante essa conduta acadêmica, como pode ser também perigosa, uma vez que acarreta uma construção de estereótipos e de preconceitos para todos aqueles indivíduos ou grupos considerados como não pertencentes a um determinado lugar ou mesmo a uma determinada região. Na perspectiva de Albuquerque Júnior (2015), tanto a delimitação de espaço quanto a de fronteira pode acarretar a construção e a consolidação de identidades regionais/locais, as quais devem passar, inevitavelmente, pelo olhar crítico do historiador, que não pode recebê-las acriticamente, como se fossem naturais, sem considerá-las como fatos históricos:

> Pelo fato que tenho realizado, quando se trata de fazer história regional e local, sabe-se que prefiro outra postura, aquela que privilegia a desconstrução fio a fio dessas identidades, destas divisões que, no meu modo de entender, carregam sempre um enorme potencial para gerar a intolerância, a xenofobia, o preconceito, o desrespeito a todos definidos como outros. Pois quando se trata do discurso identitário, quando se trata, mesmo que não seja de forma deliberada, de repor dadas formulações identitárias, dados recortes espaciais, é preciso definir sempre um outro, um estranho, um estrangeiro, uma fronteira que separa e demarca um nós e outros, os que estão no interior das fronteiras e a elas pertencem, e aqueles que delas estão excluídos, mesmo que estejam em seu interior. Sou um crítico em relação à participação da Universidade, da produção acadêmica na reposição das fronteiras, seja que natureza elas tenham. Defendo que o papel da Universidade, da produção acadêmica e, particularmente, da produção historiográfica é a de fazer críticas a essas fronteiras, a estas demarcações, a estas divisões que contribuem para gerar inúmeras formas de preconceito e exclusão. Quando a prática historiográfica contribui para reforçar essas identidades locais e regionais e não para esgarçá-las, e não para promover a sua crítica, está contribuindo, no meu modo de entender, para a reprodução das relações de poder, para a reposição da dominação que estas territorialidades se expressam. Partindo do pressuposto que não há territorialidade que não seja política, que não represente uma dada estabilização e cristalização momentânea de dada dominação econômica, política e cultural, simbólica e religiosa, creio que a tarefa do historiador, que quer efetivamente contribuir com a mudança da realidade social, é fazer a

> desconstrução, a desmontagem dessas espacialidades, mostrando o seu caráter histórico e político, devolvendo-as a seu momento de dispersão, levando-as a seu momento de instituição, de invenção (2015, p. 54-55-56).

A partir da consideração extensa e crítica de Albuquerque Júnior, é possível afirmar, mais uma vez, que a ideia de uma goianidade enquanto uma identidade representativa do goiano trata-se, na realidade, de uma invenção, de uma construção política e social. Essa construção, na leitura de Chaul (2011), data do início da década de 1930, tendo sido desenhada por alguns representantes dos setores dominantes do estado. Nessa circunstância, goianidade não surge enquanto uma construção de identidade de caráter coletivo, nascendo e se consolidando no imaginário popular. Com base nos autores supracitados, identificando-se a origem do conceito e realizando-se uma leitura crítica em torno das identidades regionais, conclui-se que não existe o objetivo de negar a importância das considerações de pessoas tão queridas e que foram apresentadas durante a escrita da tese. Conforme mencionado, as considerações tinham como objetivo levantar a hipótese de que Geraldinho seria ou poderia ser o representante mais original de uma identidade goiana, ou melhor, de uma goianidade.

Todas as observações foram recebidas com muito entusiasmo e, por isso mesmo, ocuparam um espaço importante neste primeiro capítulo. Porém, seguindo as orientações de Albuquerque Júnior (2015), a fim de assegurar que a identidade regional deve ser considerada um fato histórico, a ser estudada no tempo e no espaço para ser compreendida e, posteriormente, esgarçada, imagino que a perspectiva de apresentar Geraldinho Nogueira na condição de um representante da goianidade, tenha a finalidade de defendê-la ou de recusá-la com maiores e melhores argumentos, sinaliza para uma outra possibilidade. Isso demandaria uma pesquisa sustentada em um referencial teórico maior, que possibilitaria a identificação não somente da origem, mas da própria compreensão do conceito de identidade a partir de diferentes perspectivas e olhares acadêmicos.

Optar por esse caminho de pesquisa, mesmo reconhecendo toda a relevância da problemática, afastaria consideravelmente a tese do objetivo traçado inicialmente. Não se tem a pretensão de pautar a produção historiográfica, mas, quem sabe, nas pesquisas vindouras, a hipótese apresentada gentilmente pelos pares possa suscitar uma reflexão mais atenta e criteriosa dos estudiosos que, eventualmente, tenham na figura de Geraldinho um objeto de suas preocupações. Por enquanto, orientado pelos referenciais teóricos apresentados, não existe concordância com aquelas leituras que sinalizam para o contador de causos bela-vistense como sendo um legítimo representante da goianidade.

Fechados os parênteses da identidade, nos parágrafos anteriores, ressaltou-se a capacidade de circulação dos causos, no imaginário da população goiana, mesmo depois de algumas décadas do falecimento de Geraldinho. Embora *O causo do osso, O causo do marimbondo* e, principalmente, *O causo da bicicleta* tenham uma duração de minutos significativa, ainda nos dias atuais, esses enredos são "recontados" por inúmeras pessoas. Uma constatação sobre a capacidade de circulação ficou perceptível na pesquisa de campo. Na ocasião, muitas pessoas tentaram, algumas com mais êxito do que outras, recontar os causos do famoso amigo. No entanto, a percepção da circularidade não se sustenta somente nesse contato, tendo sido identificada por outros pesquisadores que se debruçaram na estética da recepção, procurando compreender o porquê de tamanha aceitação perante outros atores sociais, a exemplo do grande público, no decorrer do processo histórico.

Entre os autores, Ademir Silva (2015) defende que a receptividade aos causos é de tamanha envergadura que, dentro de um contexto mais recente, muitas pessoas tinham o hábito de presentear amigos e familiares de outros estados com os CDs que resultaram dos espetáculos[23] *Trova, Prosa & Viola,* tanto o volume I[24] quanto o volume II[25]. O autor acredita em uma manifestação orgulhosa da sociedade goiana quando se refere ao artista bela-vistense e à sua expressividade artística. A satisfação seria tão significativa, que os goianos fizeram questão de demonstrar o orgulho e o respeito "apresentando" o artista popular para pessoas de outros estados:

> Muitos goianos, que se envergonham de serem conterrâneos de certas duplas sertanejas, costumam presentear amigos que visitam o estado com algum dos CDs que registram o espetáculo *Trova, Prosa & Viola,* estrelado por Geraldinho. Orgulham-se do contador de causos. Não por acaso, os causos do "osso", do "marimbondo" e, principalmente, o causo da "bicicleta" são

[23] No final da década de 1980, quando Geraldinho fazia enorme sucesso no programa *Frutos da Terra,* Hamilton Carneiro e outros idealizaram o espetáculo *Trova, Prosa & Viola*. O espetáculo se notabilizou por apresentações artísticas em teatros na cidade de Goiânia. A aceitação do público e da crítica especializada foi impressionante. Tamanha repercussão proporcionou que se apresentassem no Teatro Nacional de Brasília, no início da década de 1990.

[24] No ano de 2001, o produtor e apresentador Hamilton Carneiro, juntamente com o selo Anhanguera Discos, apresentou ao público o primeiro CD do espetáculo *Trova, Prosa & Viola.* O CD continha doze faixas, que estavam distribuídas de forma equitativa entre os artistas do espetáculo. Desse modo, quatro estavam direcionadas às músicas caipiras interpretadas pela dupla André & Andrade. Mais quatro faixas foram reservadas às trovas de Hamilton Carneiro, e as outras destinadas aos causos de Geraldinho. Os causos presentes no espetáculo são: *O causo da bicicleta, O causo do marimbondo, O causo da namoradinha e O causo do Osso.*

[25] Em virtude da enorme aceitação do volume I do CD, no ano de 2003, Hamilton Carneiro lançou o segundo volume do espetáculo *Trova, Prosa & Viola.* Quando comparado ao primeiro, foram acrescidas mais cinco faixas. Entretanto, não houve mudanças entre os artistas do espetáculo. As trovas continuaram sendo narradas por Hamilton Carneiro e as músicas caipiras ficaram sob a responsabilidade de André & Andrade. As outras seis faixas ficaram reservadas aos enredos de Geraldinho. Os mais conhecidos do grande público são *O causo do Rádio* e *O causo do carro de Boi.*

> considerados clássicos locais. Quase todos os conhecem. Os poucos goianos que não conhecem, é possível imaginar, são justamente àqueles capiaus muito simplórios que alguns teóricos afirmam que Geraldinho representa (2015, p. 31).

A consideração enfatiza o orgulho de parte da população de ser conterrânea de Geraldinho e não poderá ser entendida, simplesmente, como uma mera afirmação/constatação de Silva (2015). A leitura adquire um sentido mais abrangente, principalmente se orientada por um entendimento de que o contador de causos se constituiu como alguém diretamente vinculado aos valores e costumes da roça. O contexto da década de 1980, ao mesmo tempo em que demarca o início do sucesso midiático de Geraldinho, caracterizou-se por ter sido um período de forte migração de uma parcela considerável da população do meio rural para o espaço urbano. Além da migração, no referido contexto, um "novo" projeto modernizante vinha sendo desenhado para o estado, procurando construir uma faceta moderna, distanciando-se do antigo, do "atrasado[26]".

Neste contexto, a associação do homem do campo com a figura estereotipada do caipira continuava no horizonte. Evidentemente, o estereótipo não se constituía como uma invenção do período, tendo estado presente em outros momentos históricos. Marcou presença em parte da Literatura Nacional desde o final do Oitocentos[27], tendo uma continuidade e passando por pouquíssimas transformações interpretativas, nas décadas iniciais do século passado[28]. No mesmo sentido, acompanhou outras atividades artísticas e culturais[29] que

[26] Entre os pesquisadores que fazem uma análise minuciosa da interferência do estado na produção de políticas públicas que modificaram a paisagem e a estrutura social goiana, interferindo no imaginário da população e na representação do espaço sociocultural, destaca-se a pesquisa de Júlio Borges (2016).

[27] Existem muitas pesquisas que versam sobre a representação estereotipada do caipira no supracitado contexto, como o livro de Márcia Naxara (2001), intitulado *Estrangeiro em sua própria terra*: representações do brasileiro 1870/1920. A autora apresenta o quanto parte significativa da literatura nacional contribuiu para a construção de uma ideia extremamente negativa sobre o caipira, apresentando-o na condição de um indivíduo incapaz de acompanhar o processo de transformação em curso, industrialização e modernização, no início do século XX. Os literatos olhavam para o homem do campo, pobre, analfabeto, e não percebiam nesse indivíduo nenhuma condição de ser o segmento formador da "nação brasileira".

[28] Possivelmente, o literato que mais contribuiu para a construção do estereótipo sobre o caipira tenha sido Monteiro Lobato, especialmente por meio do personagem Jeca Tatu. Entre as características mais marcantes do personagem, encontra-se a predominância da preguiça, a indolência, a pouca inteligência e a incapacidade de se adaptar às transformações que fariam do Brasil, aos olhos do literato, uma nação desenvolvida. Os escritos de Lobato sobre o caipira paulista foram publicados primeiramente no jornal *O Estado de São Paulo* no início do século XX, e posteriormente foram reunidos no livro *Urupês.*

[29] Outro exemplo de construção de estereótipo pode ser localizado na produção cinematográfica, como os filmes de Amácio Mazzaropi. Na década de 1960, Mazzaropi tornou-se sucesso de bilheteria, protagonizando filmes que "retratavam" o cotidiano do caipira paulista. Embora, nos filmes, geralmente, o personagem consiga resolver muitos problemas que estavam no horizonte, valendo-se da simplicidade/humildade para contornar os embaraços, a construção tem como característica a reprodução do estereótipo. É apresentado como alguém muito inocente, aparentando, até mesmo, uma certa demência. Na contemporaneidade, a imagem pejorativa do caipira permanece, tendo uma aceitação por parte do grande público. Um exemplo pode ser encontrado nos filmes produzidos pelo cineasta Hugo Caiapônia. Guardadas todas as proporções, nos filmes de Caiapônia, o personagem Imbilino

continuavam apresentando ao grande público personagens que retratavam o caipira como um agente dominado por uma profunda ignorância, avesso a qualquer possibilidade de se adaptar aos elementos modernizantes da sociedade. Mobilizando um referencial teórico muito mais abrangente, Castro (2010) elabora considerações sobre a maneira no qual a Literatura apresentou e, ao mesmo tempo, representou o caipira neste contexto de início do século XX:

> Mais significativos que a origem designativa do termo caipira, contudo, são os relatos representativos de seu ser na literatura que o descreveu. Nem sempre assentes entre si, tais representações possuem como relevância o fato de apresentarem um tipo de retrato do caipira sob a perspectiva de um tempo histórico e/ou de um paradigma de representação cujos fins procuram ou sentenciá-lo a uma espécie de homem não ilustrado ou proveniente de uma formação de uma cultura diversa aos anseios de progresso do homem moderno e eurocêntrico (2010, p. 26).

Os efeitos "práticos" da negação sobre o rural e sobre o sertanejo/caipira, quando comparados à idealização do espaço urbano e do cidadão citadino, inseriram-se de maneira muito intensa no imaginário social. A ramificação no imaginário, por exemplo, pode ser identificada na linha de raciocínio de Silva (2015). O autor menciona que muitos goianos, em um contexto mais recente, se envergonham de serem conterrâneos de certas duplas sertanejas. No entanto, a sensação inibida não se manifesta quando o ponto de comparação é com Geraldinho Nogueira, um homem do meio rural e vinculado aos valores da roça. Em detrimento do receio ou mesmo de uma tentativa de distanciamento diante do caipira bela-vistense, existe um sentimento todo orgulhoso de ser conterrâneo do contador de causos.

No decorrer da pesquisa, ficou perceptível que uma análise sobre o indivíduo de baixa estatura, expressão cansada no rosto pelas ações do tempo, fatigada de tanto trabalho no cotidiano rural, sinalizava para uma implicação difícil de ser mensurada. A simplicidade de Geraldinho, destacada de forma unânime pelas pessoas entrevistadas, apresentava, ao mesmo tempo, uma complexidade impressionante, trazendo desdobramentos complexos durante a construção da pesquisa. Os elementos simples, na leitura de importantes teóricos, não somente demonstram, mas devem ser observados como objetos que possuem uma complexidade inerente, influenciando as análises dos pesquisadores. Sobre a relevância do objeto simples para

---

continua reproduzindo quase os mesmos estereótipos encontrados nas produções cinematográficas de Mazzaropi. Talvez, a diferença mais elementar esteja na produção mais artesanal de Caiapônia, sem muitos recursos financeiros para produzir os filmes. Um outro fator é que o personagem Imbilino, na ótica do cineasta, "representaria" o caipira goiano na contemporaneidade. Para um melhor entendimento da produção cinematográfica de Hugo Caiapônia, recomenda-se consultar o livro de Arnaldo Salu (2016), *Imbilino em cartaz*: um caipira no cinema.

o conhecimento científico, Martins (2018) adverte:

> São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta (2018, p. 12).

A complexidade do "simples", presente na leitura de Martins (2018), exige um rigor científico para compreendê-lo. Isso ficou perceptível quando houve a identificação de que dificilmente seria possível compreender a formação do contador de causos sem associá-la à condição socioeconômica do indivíduo. No mesmo sentido, não tendo a pretensão de ser contraditório, dificilmente compreender-se-ia o indivíduo sem associá-lo ao contador de causos. Desnudava-se, naquele momento, Geraldinho, trabalhador empobrecido da roça goiana, indivíduo caracterizado tanto pela simplicidade quanto pela humildade, tendo passado por todos os tipos de privações e que se apresentava como um objeto de estudo fascinante.

Trata-se de uma proposta de pesquisa "simples", mas contemplada por traços de uma trajetória de vida, complexa e fascinante. Por isso, são necessários instrumentos teóricos, pesquisa de campo e referencial teórico, bem como uma observação dos causos não "somente" como uma expressão artística e cultural, mas como uma possibilidade de entendimento da própria vivência de Geraldinho, das relações sociais estabelecidas, das experiências vivenciadas e compartilhadas na roça goiana. Os causos desnudam um vasto universo dominado por valores, costumes e códigos morais inerentes à rusticidade. Na questão da realidade social/material, observa-se a difícil situação do lavrador tradicional diante da opressão dos grandes fazendeiros.

Por meio dos causos, tem-se uma dimensão do cotidiano das mulheres e dos menores de idade dentro da roça. Os dois segmentos estavam submetidos a essa estrutura agrária extremamente desigual, envoltos na estrutura patriarcal. Os causos de Geraldinho possibilitam, entre outras questões, compreender o modo no qual operou a teia da solidariedade e da sociabilidade entre os trabalhadores empobrecidos da roça. Interpretados dessa maneira, os causos passam a ser entendidos como importantes fontes de conhecimento desse mundo rural, no qual o estado de Goiás esteve submerso durante uma longa temporalidade histórica.

Entre os estudiosos, identificam-se autores que apresentam uma análise próxima daquela esboçada no parágrafo anterior, fazendo referência aos causos como fontes de uma determinada realidade sociocultural. Quando realiza um mapeamento dos contadores de causos e poetas populares no estado de Goiás, com recorte temporal para o início deste século, Rodrigues (2017) argumenta que as histórias, poesias, causos e contos populares têm um

significado enorme, isso porque: “São histórias como essas que, em última instância, trazem em seu bojo nossa cultura, nossas crenças, nossas escalas de valores” (2017, p. 62). Entre os pesquisadores que se orientam desse modo, compreendendo a arte das camadas populares como uma manifestação coletiva, encontra-se uma leitura fundamental na análise de Oliveira e Carmo. Fazendo uma leitura interpretativa dos causos, os autores asseguram:

> Os causos de *Geraldinho* são depositários das práticas e das representações da cultura rural em Goiás. Por meio deles, é possível compreender aspectos da mentalidade da cultura popular dos homens e mulheres dos séculos passados. Pode-se, portanto, afirmar que os *causos* são instrumentos para a análise da representação coletiva sertaneja em Goiás, e não meramente uma produção individual (...). (2016, p. 416).

Podendo ser utilizado enquanto um documento de um tempo histórico, com toda a sua carga cultural, o enredo narrativo surge como um dos meios de compreensão das práticas, dos valores e dos costumes da roça, especialmente daqueles que circulavam com mais intensidade na região rural de Bela Vista de Goiás. Evidentemente, uma análise do enredo narrativo, somente por ela mesma, poderia acarretar complicações, já que todo esse amálgama cultural chegou com muita intensidade no meio rural bela-vistense, tendo suas raízes moldadas ao longo do processo histórico, interferindo diretamente no *modus vivendi* daqueles homens e mulheres da roça. Mas que modo de vida seria este dentro da fazenda? Para responder à pergunta em tela, evidencia-se a descrição minuciosa de Borges:

> A Fazenda Goiana elencada consiste no lugar da seriema, do inhambu, do catingueiro, da jaracuçu, da pomba de bando, do sucuri. É, também, lugar da enxada, do monjolo, do carro de boi; do paiol, do pomar, do cutelo, da varanda, das estradinhas, das aguadas, da venda da roça, do pote cheio, da tuia, do compadre, da comadre, da moita, da cachaça, dos trieiros, dos queijos, linguiças pendurados sobre a trempe, das folias de reis com as suas pousadas e o frango com macarrão, amarelinho de açafrão, do pilãozinho de socar o tempero, das caçarolas de ferro, da caçada, da pesca, do fogão de lenha sempre aceso na tepidez das casas aconchegantes. É o lugar também, do coronel, do Pai João, da Sianinha, do amansador de burro, do covarde, do mentiroso, do violeiro, do castrador de cavalo, da mula marchadora, da agricultura diversificada, do capador de porco, do meeiro, do camarada, da pecuária e tantos outros elementos que em funcionando, consistiram numa estrutura produtiva, que durante dois séculos, comandou a organização espacial de Goiás, tempo suficiente para enraizar e a nosso ver, se tornar base, matriz espacial de um território, de um povo (2012, p. 7-8).

Toda a estrutura organizacional apresentada por Borges (2012) põe em relevo uma paisagem sociocultural que molda o território e a vida de um povo no decorrer do processo

histórico, desde a presença do carro de boi, do violeiro, do dançador de catira, passando pela figura do meeiro, do amansador de burro ou de qualquer outro animal de tração, entre tantos outros exemplos, que encontram-se diretamente associados ao cotidiano de Geraldinho, descrevendo, em algumas situações, sua própria condição de vida. É interessante observar que, na perspectiva de Borges (2012), os valores da roça goiana, assim como o modo de vida do sertanejo/caipira, do benzedor ao meeiro, constituem-se como valores de longa duração[30] e têm se mostrado presentes por mais de duzentos anos, conforme faz questão de ressaltar. Valores que, pela longevidade, ficaram enraizados no território, na vida, nos costumes e na cultura de um povo.

No intuito de concluir o primeiro capítulo desta tese de Doutorado, é necessário realizar somente um pequeno adendo na minuciosa descrição de Borges (2012). A estrutura que organizou toda a paisagem da roça goiana por, praticamente, dois séculos, também foi o lugar dos contadores de causos. Nesse sentido, ressalta-se que a roça goiana não somente foi o espaço ocupado pelo indivíduo, pelo trabalhador rural empobrecido do meio rural bela-vistense, mas esteve minuciosamente descrita nos divertidos enredos narrativos de Geraldinho Nogueira.

[30] O conceito de longa duração, presente em diferentes momentos desta pesquisa, tem como referência as considerações de Fernand Braudel. No final da década de 1950, o historiador francês publicou um ensaio, intitulado *História e ciências sociais. A longa duração*. Fazendo referência à condição da história e da historiografia no respectivo contexto, valendo-se de uma leitura crítica, Braudel (1965), observou a contribuição de alguns historiadores, como a de Jules Michelet, dentre outros, para uma dimensão de tempo não necessariamente linear e de curta duração, perspectiva de tempo muito presente no processo de afirmação da história enquanto uma ciência no final do século XVIII e início do século subsequente. Esse tempo é caracterizado pelos acontecimentos efêmeros. Braudel (1965) trouxe considerações sobre uma "multiplicidade temporal", apontando os diferentes tempos da historiografia e da sociedade de uma forma geral e sinalizando o tempo da curta, média e, especialmente, o de longa duração. Nesse último, diferentemente da história acontecimento, existe a perspectiva de uma história com uma temporalidade longeva, uma história mais lenta, caracterizada por uma estrutura que permanece muito influente no decorrer do processo histórico, não sendo modificada, em sua essência, pelos acontecimentos do cotidiano. O conceito de longa duração, que evidencia uma temporalidade moldada pela conjuntura e estrutura e tem suas bases sólidas, enraizadas socialmente, explica o porquê de a estrutura da roça goiana ter permanecido fortemente solidificada por dois séculos. Durante esse longo período, os acontecimentos se sucederam na vida cotidiana, porém, não foram suficientes para desestabilizar uma estrutura sólida, caracterizada por uma temporalidade de longa duração.

CAPÍTULO II

TRAÇOS DE UMA TRAJETÓRIA DE VIDA

> Quando eu desato um suspiro, ele apruma dilurido, se eu sofro nesse martírio é proque Deus tá servido. O tempo me engambelô, mode eu segui vivendo, mais a vida me esfolô desde que eu era pequeno. Vivi o que eu tinha direito, agora eu vivo de quebra. Aqui já tirei meu eito, já tirei fogo das pedra. Que eu já dei muito tutano, acabei ficano em jejum, já durei setenta ano e posso durá mais um. Cada ano foi um tombo, cada mês foi uma tunda, foi tanta sova no lombo que até verguei à cacunda. Assim eu lidei com a vida, que me deu muito trabaiô, a estrada foi comprida e ainda fecharam os meus ataiô. Das taboca que eu tirei, oto que fez o jacá, e as corda que eu tirei, otos usô pra me enforca. Se a morte buli comigo, vou com ela sem remorso, só encomendo argum amigo pra mode interrá os meus ôsso. (Título da música; *Suspiro*[31]. Composição de Hamilton Carneiro e André. Interpretação de André & Andrade).



Figura 2. Geraldinho acompanhado de duas filhas. Fonte: *Álbum de família*. Foto: Meire Ribeiro.

> Homem simples. Pele morena castigada pelo sol. Corpo magro, de baixa estatura, por volta de 1,60m. (LEMES, 2008, p. 22).

[31]A música *Suspiro* faz parte do segundo volume do CD *Trova, Prosa e Viola.* No site de compartilhamento de vídeos *YouTube,* André e Andrade interpretam-na na integra; https://www.youtube.com/watch?v=L2p53Z7frDY.

> De aparência cansada, estatura baixa, pele judiada pelo sol e analfabeto; essa era a imagem de Geraldinho. Porém, sua personalidade foi marcada por mãos fortes, trabalhos pesados, sorriso no rosto e domínio das palavras (SANTANA, 2012, p. 15).

Chamava-se Geraldo Policiano Nogueira. No entanto, ficou conhecido no estado de Goiás e em parte considerável do Brasil como sendo o famoso contador de causos Geraldinho Nogueira. Entre os amigos, amigas e familiares do meio rural bela-vistense, a intimidade no tratamento acabou sendo muito maior. Diante de uma relação estreita e longeva, não ficou conhecido entre os pares como Geraldinho Nogueira, mas "senhô Gerardim". Nasceu na segunda década do século XX, mais precisamente no dia 18 de dezembro de 1918. O local de nascimento, curiosamente, era conhecido como a região do Aborrecido[32]. A respectiva região encontra-se localizada nas proximidades da cidade de Bela Vista de Goiás.

Na região, passou parte considerável da infância e da adolescência, tendo se mudado do Aborrecido quando tinha, aproximadamente, 16 anos de idade. A partir do deslocamento, mudou-se para o Barro Amarelo e inseriu-se ainda mais nas proximidades do espaço urbano de Bela Vista de Goiás[33]. Dentro desse contexto relacionado à adolescência, trabalhou nas atividades da agricultura de subsistência para algumas pessoas da região, contribuindo, desse modo, no plantio, no cuidado e na colheita dos gêneros alimentícios de primeira necessidade. Porém, além desse labor específico na lavoura, não dispensava outros serviços que apareciam no horizonte. Entre esses trabalhos, enveredou no ofício de carreiro desde pequeno. Um outro detalhe é que, antes mesmo de completar a fase adulta, tornou-se um dos principais carpinteiros do meio rural bela-vistense.

No aspecto familiar, Geraldinho Nogueira era filho do senhor Benedito Policiano Nogueira e da senhora Bárbara Baptista de Carvalho. Os pais, de procedência goiana, também eram moradores das redondezas do Aborrecido e do Barro Amarelo. Pertenciam à categoria dos trabalhadores rurais empobrecidos da roça e trabalhavam quase unicamente na garantia da

---

[32] Ao mencionar o nome da região, provavelmente, o nome Aborrecido chame a atenção. Não se sabe, como costuma-se dizer no adágio popular, se por ironia do destino ou qualquer outra manifestação do tipo, mas o contador de causos reconhecido pela inquestionável capacidade de fazer as pessoas sorrirem, nasceu em uma região que, curiosamente, tinha o nome de Aborrecido. É isso mesmo, "o homem engraçado por natureza" passou parte de sua infância/adolescência vivendo em uma localidade que, se observada somente pelo nome, parecia não ser muito afeita à prática da diversão e muito menos do riso. No entanto, o nome da região de nascimento não influenciou a formação do indivíduo que, conforme será observado, demonstrava não ter nada de aborrecido.

[33] No contexto do nascimento, infância e adolescência de Geraldinho, a atual cidade chamava-se Sussuapara. De acordo com Castro (2010), o nome fazia homenagem a uma espécie de veado campeiro que era encontrado facilmente nas áreas rurais da região. Porém, a partir de um Decreto Municipal de 31 de março de 1943, o município passou a se chamar Bela Vista de Goiás.

subsistência alimentar. Do efêmero casamento entre Benedito e Bárbara, além de Geraldinho, tiveram mais um filho, Idalino, e uma filha, por nome de Nenzica. A relação entre os irmãos, segundo as pessoas entrevistadas, constitui-se como uma relação de reciprocidade e muito companheirismo diante das adversidades.

Valendo-me da compreensão e da gentileza da maioria das pessoas entrevistadas, recebi a autorização para consultar alguns álbuns de fotografia. Diante da gentileza, tinha como expectativa encontrar fotos da senhora Bárbara Baptista. Se, eventualmente, encontrasse, objetivava inserir algumas dessas fotos na pesquisa. No entanto, infelizmente, não foi possível identificar nenhuma nos álbuns de fotografias acessados. Provavelmente, o motivo para a não localização está no fato de Bárbara Baptista ter falecido ainda na primeira metade do século passado. No respectivo contexto, a possibilidade de tirar uma foto ou retrato tornava-se uma possibilidade distante das condições econômicas e tecnológicas da maioria das pessoas da roça goiana.

Em contrapartida, o falecimento do senhor Benedito Policiano aconteceu dentro de um recorte temporal muito mais recente, mais precisamente, no ano de 1991. Por ter sido praticamente meio século depois do falecimento da senhora Bárbara Baptista, a possibilidade de tirar uma foto/retrato, levando em consideração o avanço tecnológico e as melhores condições econômicas da população, tornava-se muito mais factível. Destarte, localizar uma foto do pai de Geraldinho não foi uma tarefa muito difícil. Diante das melhores condições, algumas pessoas da comunidade tinham não somente uma lembrança muito vívida do senhor Benedito Policiano, mas também fotografias. Entre os retratos aos quais se teve acesso, considerando-se o desgaste menor pelas ações do tempo, houve a opção de inserir apenas uma foto na pesquisa. Na realidade, uma pequena foto 3x4 localizada no álbum de uma pessoa da família.

Observando mais detalhadamente a fotografia, fazendo um processo de comparação dos traços do senhor Benedito com Geraldinho, identifica-se que, nesse aspecto, o filho não tinha muita semelhança quando comparado às principais características físicas do pai. A partir da rápida constatação, na condição mesma de uma hipótese, torna-se possível mensurar que, no âmbito da semelhança física, os traços de Geraldinho estavam muito mais próximos daqueles que, possivelmente, seriam os traços físicos da senhora Bárbara Baptista. Na sequência, encontrar-se-á a mencionada foto do senhor Benedito Policiano, gentilmente apresentada por uma das suas netas.

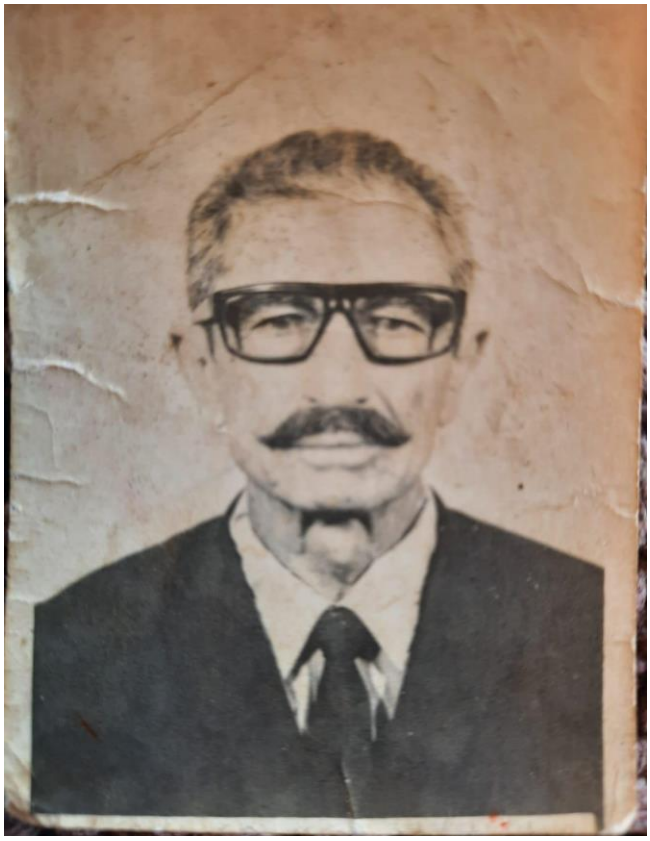


Figura 2. Benedito Policiano Nogueira. Fonte: *Álbum de família*. Foto: Meire Ribeiro.

Durante o procedimento das entrevistas, identificou-se que, além da diferença no traço físico, a ausência de semelhança entre Geraldinho e o senhor Benedito caminhava para outras questões. Nesse aspecto, envolviam a própria personalidade. Se, por exemplo, o filho tornou-se conhecido por ser um dos contadores de causos mais engraçados do Brasil, o senhor Benedito destacava-se por ser um homem muito sério, sistemático[34], não sendo afeito à possibilidade de fazer graça para ninguém. A constatação em torno da personalidade acabou sendo apresentada não somente por uma pessoa, mas por um número considerável de entrevistados que tiveram a oportunidade de conhecê-lo mais de perto, a partir da década de 1970. Nesse contexto, a presença do senhor Benedito se fez muito mais ativa na comunidade se comparado às décadas anteriores.

No início do capítulo, foi mencionado que, do casamento entre Benedito Nogueira e Bárbara Carvalho, Geraldinho teve mais um irmão e uma irmã. No entanto, a quantidade não se restringe ao senhor Idalino e à senhora Nenzica. No intuito de compreender o porquê de uma

[34] No cotidiano da roça, a ideia de um homem sistemático está diretamente relacionada a um indivíduo que fala pouco, somente o necessário, que sempre está com a feição do rosto transparecendo uma seriedade. Diante dessa situação, a prática da brincadeira, da diversão, não está muito presente no horizonte das pessoas consideradas sistemáticas.

quantidade muito maior, será necessário enveredar por uma relação mais complexa envolvendo o casamento de Benedito e Bárbara. Ter um pouco dessa dimensão, não necessariamente do casamento em si, mas dos desdobramentos dessa relação matrimonial, é importante para a compreensão de algumas das questões orientadoras da vida do contador de causos, especialmente no aspecto das dificuldades socioeconômicas.

Durante a pesquisa de campo, não houve possibilidade de identificar o tempo de duração do casamento entre Bárbara Carvalho e Benedito Nogueira. No entanto, a partir do relato daquilo que as pessoas entrevistadas ouviram e, consequentemente, daquilo que recordam da fala de indivíduos mais antigos da comunidade, acredita-se que o casamento quase sempre esteve envolto em conflitos. Diante de uma relação tumultuada, reflexo da cultura patriarcal muito presente nas primeiras décadas do século XX, o senhor Benedito abandonou a família poucos anos depois da realização do casamento. Deixou Bárbara e as crianças para construir uma nova relação amorosa com uma pessoa próxima do nicho familiar. Na ocasião, firmou um laço amoroso com a cunhada, irmã de Bárbara, deixando a região e se mudando para um espaço longínquo do meio rural de Caiapônia-GO.

As pessoas entrevistadas afirmaram não ter recordações do fato em si, justificando que o acontecido teria se dado muitas décadas antes de terem nascido. No entanto, o acontecimento deixou marcas profundas no meio rural bela-vistense, principalmente nas regiões do Barro Amarelo e do Aborrecido. Impressionou de uma forma tão determinante que, valendo das considerações de Halbwachs (2003), ficou presente na memória coletiva da comunidade. A partir do enraizamento, com suas variações e transformações no decorrer do processo histórico, o abandono do senhor Benedito, ou melhor dizendo, a lembrança foi sendo transmitida entre as gerações seguintes e conseguiu alcançar o tempo presente.

Um exemplo relevante sobre a permanência desse fato na memória de algumas pessoas da comunidade pode ser mais bem identificado nas considerações do senhor Altamiro. O entrevistado não teve condições de acompanhar *in loco* o acontecimento que povoou o imaginário coletivo no início da década de 1920. Afinal, Altamiro nasceu em meados da década de 1940. Porém, a memória do acontecido, com suas variações, chegou fortemente até ele. Durante uma longa conversa, o entrevistado trouxe essa "história", que diz respeito tanto ao desaparecimento do senhor Benedito do Barro Amarelo quanto a algumas situações inusitadas da viagem do novo casal com destino a uma propriedade no meio rural de Caiapônia-GO. Nas palavras do entrevistado, o início e o desenrolar da "história" teriam ocorrido da seguinte maneira:

> Ele (Benedito Nogueira) fugiu com a cunhada, né? E ela tinha dois filho. Um menino novim, de peito, e o oto pequeno, era um atrás do oto. Diferencinha de pouco, de ano, ou menos de ano. Aí, certo, na hora do aperto, deles pegá de noite, ficô combinado de levá o que tava mamano, de leva o que tava mamano, e aí eles pegô enganado, pegô o oto. Em vez de pegá o que tava mamano, levô o maiozim, nê? E aí, no camim, o menino tampô a chorá, eles na garupa do cavalo, né? E o menino chorano, de certo que o cômodo tava ruim. Ela foi pô o peito na boca do menino, pá mode o menino mama, e o menino não quis. Aí, que eles foram reparà direito, eles tinha pegado enganado, mais aí num podia vortá, num podia fazê a troca, aí eles seguiram viage. Aí, disse que era, de dia tava no mato, amoitado, porque o marido da muié caçô eze por muitos ano. De noite, da moda do oto, na estrada e de dia no mato, e foi até saí em Caiapônia. Aí, no camim, antes de chegá lá, disse que ele arrumô um serviço na fazenda, trabaiô uns dias lá, ganhô um troquin e seguiu, e saiu lá nessa fazenda derradeira e disse que procurô serviço, e o fazendero ficô olhano ele naquele traje, aí o fazendeiro falô pra ele que dava o serviço pra ele, mais tinha que contá a história dele, porque a história dele tava mal contada. (Fazendeiro): "Essa muié não é a sua. Essa muié não é sua, esse menino não é seu, e essa muié não é sua. Eu te dou o serviço, mais ocê tem que contá a história direito". Aí é que ele contô a história. (Fazendeiro): "Não, agora sim, agora ocê pode se aproximá de mim que eu vô ajudá ocê, de protegê ocê". Aí é que deu colocação pra ele. Ele trabaiô muito tempo lá, nessa fazenda. Mais a história dele é mais ou menos essa.

Tendo como referência o relato, não há condições de mensurar a data específica da "fuga" do senhor Benedito, juntamente com a nova companheira, para a região de Caiapônia. Esse deslocamento, a partir da consideração do senhor Altamiro, pareceu ter sido muito atabalhoado, principalmente por terem promovido uma verdadeira confusão na hora de levar um dos meninos da senhora que estava acompanhando Benedito. Em detrimento de levarem a criança mais nova, demandando da mãe um cuidado maior, especialmente na questão da amamentação, acabaram fugindo e levando o filho mais velho. De acordo com o entrevistado, o equívoco do recém-formado casal somente foi percebido no transcorrer do caminho. Quando notaram que haviam fugido com a outra criança, não tinham mais condições de retornar. Estavam impossibilitados do retorno, porque o antigo marido, por nome de Girão Tristão, teria ficado transtornado com o desaparecimento da esposa, promovendo uma busca incansável para encontrar o paradeiro do recém-formado casal.

Entretanto, pelo fato de os meios de comunicação, especialmente o rádio, estarem muito distantes do cotidiano da população interiorana no respectivo contexto, fazendo com que a informação circulasse quase inteiramente por meio do "boca a boca", o senhor Benedito e a companheira ficaram aproximadamente 46 anos distantes da região de Bela Vista de Goiás. Retornaram com o intuito de visitar os parentes, somente no final da década de 1960. No transcorrer das quatro décadas, as pessoas não tiveram maiores informações sobre o destino do casal, que ficou todo esse período residindo no meio rural de Caiapônia-GO, trabalhando para

grandes fazendeiros da região. Tiveram condições de retornar somente depois do falecimento do senhor Girão Tristão. Em Caiapônia, constituíram uma numerosa família, com vários filhos e filhas[35].

Diante do abandono do senhor Benedito, Bárbara Carvalho deparou-se com uma situação extremamente delicada. Além do trauma proporcionado pelo marido, estava com três crianças pequenas que necessitavam integralmente dos seus cuidados. Entre as três crianças, Geraldinho encontrava-se na condição de filho mais velho. Somente para contextualizar a situação, no momento do abandono do esposo, havia pouco tempo que Bárbara tinha dado à luz o filho mais novo. Rememorando um pouco das histórias apresentadas por Geraldinho referente a esse momento delicado, Fátima observou: "Eu sei que o papai contava que o vovô laigô a vovó e fugiu com a cunhada. A vovó tava de resguardo do ti Idalino, que era o mais novo". Conforme mencionado, por meio da pesquisa de campo, não houve condições de identificar, precisamente, o ano no qual teria ocorrido o deslocamento do senhor Benedito em direção a Caiapônia.

Entretanto, identificou-se que, nesse contexto, embora Geraldinho fosse o mais velho dos três filhos, não passava de uma criança muito pequena. Diante das vagas lembranças apresentadas e levando em consideração o fato de que o senhor Benedito visitou os familiares no meio rural bela-vistense, muito provavelmente, no ano de 1969, tendo ficado quarenta e seis anos ausente, tem-se condições de levantar uma leitura sobre o recorte temporal. A hipótese mais plausível é de que o contexto da partida tenha se dado no início da década de 1920. Se a hipótese levantada se sustentar, no contexto da retirada do pai, Geraldinho estava na condição de uma criança de, aproximadamente, cinco anos de idade, impossibilitado, desse modo, de contribuir com a mãe no cuidado dos irmãos mais novos. Consequentemente, encontrava-se muito dependente dos cuidados maternos.

No esforço de apresentação dos anos iniciais da vida de Geraldinho, destaca-se o abandono do senhor Benedito Policiano, o que acarretou dificuldades emocionais e materiais da mãe, tornando-se a primeira dificuldade experienciada no decorrer da longeva trajetória de vida. Na leitura dos entrevistados, valendo-se de uma memória transmitida de geração em geração para reconstruir os fatos, a senhora Bárbara Baptista teria esperado pacientemente o

[35] Durante a pesquisa de campo, houve uma certa dificuldade de as pessoas para apresentarem a quantidade exata de filhos/as do casal. De uma pessoa para a outra o número passou por variações consideráveis. No entanto, quem mais apresentou detalhes da condição de vida de Benedito e da esposa na região de Caiapônia foi o senhor Roberto, afirmando que o casal teve dez filhos/as. Além da constatação, fez questão de mencionar que cinco, dos dez irmãos/as de Geraldinho, por parte de pai, gozavam de plena saúde e continuavam vivendo na mesma região no qual os pais construíram laços sociais.

retorno do marido durante um período considerável. Puxando pelo fio da memória, algumas das histórias que Geraldinho relatava do período, o senhor Moisés afirmou que o tempo de espera de Bárbara, acreditando na possibilidade de retorno do marido, teria sido de seis anos: “Porque quando o vovô laigô à vovó aí, foi bora, roubô a cunhada e cascô no mundo, fugiu. Aí, ela esperô seis ano”. Como a expectativa do retorno não se concretizou, Bárbara finalmente teria optado por construir novos laços matrimoniais.

Dessa vez, casou-se com o senhor Manoel Miguel, muito provavelmente, no final da década de 1920. Preocupada com a situação dos filhos, ainda pequenos, a constituição da nova família envolveria o cuidado das crianças que ficariam, na questão da dieta alimentar, sob a responsabilidade do novo marido. Para construir os novos laços matrimoniais, Bárbara e as crianças deixaram a região do Aborrecido e se mudaram para uma localidade próxima, a região do Bom Jardim. A justificativa para o deslocamento estava no fato de que o novo marido, Manoel Miguel, era proprietário de uma pequena porção de terra na respectiva região. Nesse contexto, Geraldinho já não era mais uma criança pequena, mas um pré-adolescente. Nessa faixa etária, tendo em conta a precariedade em que viviam, reunia condições de contribuir mais adequadamente com a despesa alimentar. Entre outras atividades, realizava pequenos trabalhos no cuidado dos gêneros alimentícios de primeira necessidade.

Apresentar alguns desdobramentos dos anos iniciais da vida de Geraldinho, mesmo com a contribuição significativa das pessoas entrevistadas, carrega consigo alguns desafios importantes. Nesse contexto de final da década de 1920, as pessoas entrevistadas não tinham nascido. Como consequência, quando perguntas sobre esse período estavam no horizonte, algumas dificuldades para a construção da resposta ficavam evidentes, afinal, mais do que legítima, a justificativa apresentada se mostrava compreensiva. Não conseguiriam falar com propriedade sobre determinado assunto pelo fato de não terem “vivenciado” a situação. Porém, muitos fatos ficaram enraizados no imaginário e na memória coletiva da comunidade e foram sendo transmitidos entre as gerações. Entretanto, não foram todos os acontecimentos que permaneceram ou, melhor dizendo, foram considerados importantes pela comunidade para que pudessem permanecer no imaginário coletivo.

A condição de vida de Geraldinho no final da década de 1920, acompanhando a mãe no deslocamento para a região do Bom Jardim, tendo como padrasto o senhor Manoel Miguel, apareceu muito vagamente na lembrança das pessoas entrevistadas. Embora as lembranças mais esparsas tenham sido importantíssimas, convém ressaltar que não foram suficientes para o entendimento daquilo que havia sido planejado inicialmente. Diante da constatação, tornou-se necessário recorrer a outras fontes com o objetivo de se compreender o cotidiano de Geraldinho

Nogueira nesse período, as quais marcaram a transição da infância para a adolescência, como o deslocamento pela região, a nova relação matrimonial da mãe e, por último, a introdução de um novo ator no nicho familiar. O padrasto Manoel Miguel era filho de um indivíduo muito conhecido na região do Bom Jardim e adjacências, atendendo pelo nome de Sebastião Miguel. Porém, este senhor ficou conhecido como Bastião do Migué Vei.

Na condição de pesquisador, encontrando dificuldades de entendimento deste contexto a partir das "esparsas" lembranças das pessoas entrevistadas, fez-se necessário recorrer aos causos de Geraldinho Nogueira, analisando-os na condição de fontes documentais. Os causos, fator apresentado no início da pesquisa, foram majoritariamente construídos em torno das vivências e das experiências no cotidiano rural de Bela Vista de Goiás. Alguns enredos tiveram origem, justamente, nesse contexto de final da década de 1920 e início da década seguinte. Porém, uma rápida observação sobre a fonte documental, está no fato de que não se trata de apresentar os causos como se fossem uma reprodução literal e fidedigna da vida. Afinal, enquanto um contador de causos, Geraldinho Nogueira não somente tinha toda a liberdade artística/criativa para transformar o enredo do seu modo, deixando-o com o teor cômico, mas como se valeu consideravelmente dessa liberdade artística/criativa na construção dos enredos narrativos.

Porém, pelo fato de os causos terem sido construídos a partir das vivências e das experiências inerentes ao cotidiano, os enredos oferecem todas as condições de serem observados e analisados como fontes de pesquisa. Assim, contribuem para uma melhor compreensão deste contexto sociocultural, principalmente quando desnudam fatos individuais que dizem respeito à figura do narrador e às condições de vida de homens, mulheres e crianças empobrecidas da roça goiana. Na questão do enredo, existe uma concordância com parte considerável das observações de Oliveira e Castro, especialmente quando vinculam o enredo de Geraldinho as práticas e representações culturais do mundo rural goiano:

> Os causos do Geraldinho demonstram uma vinculação com as práticas e as representações da cultura popular sertaneja goiana. Por isso, eles são um material raro e rico para estudar a maneira de pensar e agir que dominou uma época, mas que hoje é motivo de riso: o que é bastante significativo da distância temporal e cultural dessa época em relação às passadas (2016, p. 424).

Os autores defendem, com muita ênfase, que os causos podem ser considerados fontes documentais importantes para o entendimento da maneira de pensar e de agir da população caipira de antanho. Seguindo essa orientação, acredita-se que alguns causos ofereçam condições

de compreensão sobre aspectos dos anos iniciais da vida de Geraldinho, pelo fato de fazerem referência ao indivíduo/personagem no contexto da adolescência e, mais do que isso, estabelecerem relações com os novos atores sociais que adentraram na família no final da década de 1920, como o senhor Manoel Miguel e, principalmente, Sebastião Miguel. Entre os enredos narrativos, o que mais desnuda essas relações, descrevendo um pouco da condição de vida na adolescência, é *O causo do carro de boi.*

Além dos fatores supracitados, o enredo apresenta uma das atividades laborais que esteve muito presente no cotidiano da roça na primeira metade do século passado, que é o uso do carro de boi para o transporte de itens de primeira necessidade dos moradores. Um outro fator, *O causo do carro de boi* apresenta peculiaridades daquele que se tornaria o avô de Geraldinho, alusão feita ao senhor Sebastião Miguel. Logo no início, conversando com Hamilton Carneiro, fazendo uma espécie de introdução do causo, Geraldinho faz questão de ressaltar as características mais marcantes do senhor Sebastião Miguel, apresentando-o na condição de um homem muito sistemático. No entanto, não ficou restrito à característica em si, fazendo mais alguns adendos e contornando essa personalidade ímpar da região do Bom Jardim. No momento em que elenca alguns traços do indivíduo/personagem, percebe-se a ênfase dada ao período da adolescência, apresentando algumas dificuldades vivenciadas nesse contexto:

> Rapaz, e ocê cantá esse negócio de carrero, eu lembrei, rapaiz, do tempo que eu fui candiero do meu avô. Eu já sofri demais aqui nessas estradas de Goiás, menino, buscano sale, arame num tal Roncadô que tem pra culá. Descia pra aqui afora e iá pra Goiás vei, eu já sofri demais minino. Mais aí, o vei já tava muito antigo, já tava fraco, foi logo ele laigô daquilo, vendeu a tenda, eu faiei uns tempo. Aí, passado, eu já tava um capiau já mais forte, eu fui trabaiá prum véi lá no Mata féi[36], um tal de Bastião do Migué Véi, rapaiz. Ele era um véi ripiado tamém, mal prá Diabo, bruto. Mais ele já tava véi demais, e essa mola do juei dele, eu acho que já tinha secado aquela graxa e ele andava com a perna meia dura. Aí, eu cheguei lá um dia cedo lá, pra trabaiá prele, ele tinha um sistema de prusiá cá gente com o dedo mindim no canto da boca. Quando ele saiu lá, que eu lá ia chegano, ele saiu... (Geraldinho imitando o gesto do senhor Bastião com o dedo mindinho no canto da boca). Eu cheguei e falei: "Bençá, Bastião". Ele: "Sempre". Ele num falava Deus te abençoe não, era sempre. Eu num sei o que que é isso. Aí, ele: "Hoje é pro cê mais o Afonso[37] tirá a lenha da roça do cumpade Badé"[38] (...).

[36] Popularmente, a região do Bom Jardim é conhecida como Mata feí (feio). De acordo com o senhor Roberto, o apelido se deu pelo fato de que, na primeira metade do século XX, aconteceram alguns assassinatos na região. (Mata, nesse sentido, não está relacionado a uma natureza exuberante, mas ao verbo *matar*). Porém, outras pessoas não conseguiram explicar o porquê de a região ser conhecida dessa forma.

[37] O personagem Afonso, provavelmente, tratava-se de um irmão de Geraldinho por parte de mãe. Afonso seria um dos filhos de Bárbara e Manoel Miguel.

[38] Recorte inicial de *O causo do carro de boi*. O enredo faz parte do segundo volume do CD *Trova, Prosa & Viola*. Além desse recurso audiovisual, é possível encontrá-lo no site de compartilhamento de vídeos *YouTube* no seguinte endereço*:* https://www.youtube.com/watch?v=LKPvb4nveeg.

O causo do *Carro de boi*, conforme mencionado, é o único vinculado a um recorte do período da adolescência, retratando um determinado acontecimento do início da década de 1930. Ou, conforme se refere o próprio contador de causos, o personagem era um capiau mais forte. Por ser um adolescente, existia o entendimento de que reunia condições "físicas[39]", podendo contribuir com as atividades laborais do cotidiano. Entre as atividades, destaca-se o transporte de lenhas por meio do carro de boi. Nesse momento, é importante ressaltar que o objetivo não está na consideração se o senhor Bastião do Migué tinha as características apresentadas no enredo. Dificuldade para andar, falar com o dedo mindinho no canto da boca e ser um senhor sistemático mesmo, que não costumava carregar desavenças para casa. São detalhes importantes, mas escapam aos propósitos da pesquisa.

Durante a realização da pesquisa de campo, ficou difícil perceber se as características apresentadas se sustentavam na prática. A dificuldade esteve no fato de que a maioria das pessoas entrevistadas afirmaram que não conseguiam se lembrar do respectivo senhor, exceção feita a um dos entrevistados. Roberto afirmou ter conhecido Bastião do Migué no período da infância. O supracitado senhor possuía exatamente as características apresentadas no enredo. Nas palavras do entrevistado: "Lembro. Ele foi até morrê carregano um revorvão. Ele carregava ele (revólver) era enriba da bunda assim ó. Eu conheci esse véi, era bruto". Não é possível mensurar até que ponto a referência de Roberto está sob a influência do causo, principalmente quando se leva em consideração que as características apresentadas estão muito próximas daquelas que estão presentes no enredo narrativo. O entrevistado descreve o senhor Bastião do Migué como um homem verdadeiramente sistemático, quase sempre portando um revólver na cintura[40].

Independentemente das condições de se fazer um processo comparativo das características do indivíduo com o personagem apresentado no enredo, torna-se inegável que o senhor Bastião do Migué, na condição de avô, exerceu uma influência significativa tanto na vida de Geraldinho Nogueira quanto no próprio cotidiano bela-vistense durante a primeira

[39] Sobre a condição das crianças em Goiás, Diane Valdez (2003) apresenta importantes reflexões. Na concepção da autora, entre os séculos XVIII e XIX, por volta dos dez anos, a criança deixava a fase infantil e se tornava, no imaginário coletivo, um pequeno adulto, passando a conviver com inúmeras responsabilidades, não excetuando a questão do trabalho. Esse valor cultural permaneceu muito influente na estrutura da roça goiana, passando por poucas alterações no transcorrer do processo histórico e alcançou intensamente o contexto da infância de Geraldinho.

[40] Embora, no recorte inicial de *O causo do carro de boi* não tenha sido possível ter uma dimensão da relação do senhor Bastião com o revólver, no desenrolar do enredo, percebe-se que a principal dificuldade enfrentada pelo personagem de Geraldinho esteve, justamente na possibilidade, pelo menos no seu imaginário, de receber um tiro de revólver do senhor Bastião do Migué.

metade do século passado. Uma melhor dimensão dessa influência pode ser identificada no fato de o contador de causos ter inserido este indivíduo na condição de um dos personagens centrais do supracitado enredo narrativo. Outro detalhe, importante de ser ressaltado, é que o enredo apresenta o personagem/indivíduo na fase da adolescência, envolvido no transporte de lascas de madeira em um carro de boi.

Quando passou a constituir novos laços matrimoniais com o senhor Manoel Miguel, na região do Bom Jardim, no final da década de 1920, a família de Geraldinho Nogueira aumentou consideravelmente. Anteriormente, foi mencionado que, dessa relação com Benedito Policiano, a senhora Bárbara Baptista teve três filhos: Geraldinho, Nenzica e Idalino. No entanto, da nova união matrimonial com Manoel Miguel, Bárbara deu à luz a mais quatro crianças. Entre os entrevistados, quem descreve nominalmente o aumento da família foi o senhor Moisés, fazendo a seguinte observação:

> "É, ela (Bárbara) juntô com esse Mané Migué. Aí, é que vêi, Ti Gerôncio, Ti Afonsin, Tia Zumira, Ti Zezin. Eze já é fi do Mané Migué. Ti Gerôncio, Tia Zumira, Ti Afonsin, Ti Zezin, esses já era fi. Do vovô (Benedito) memo, com a vovó, era só o meu pai (Geraldinho), ti Idalino e tia Nenzica".

Pautando nas considerações de Moisés, entende-se que o casamento entre Bárbara e Manoel Miguel resultou no nascimento de mais quatro irmãos para Geraldinho. Da união, nasceram Gerôncio, Zumira, Afonso e José. Levando em consideração os outros irmãos nascidos da relação de Benedito com a nova esposa na região de Caiapônia, constata-se que o contador de causos teve, ao todo, dezessete irmãos/ãs. Historicamente, a relação entre os familiares tornou-se mais frívola, especialmente entre os irmãos de Bela Vista e aqueles de Caiapônia. O motivo para o distanciamento, pelo menos por algumas décadas, encontra uma explicação mais razoável no início deste capítulo. Na construção inicial, houve menção ao fato de o senhor Benedito ter ficado ausente do município durante mais de quarenta anos. O fato em si, indubitavelmente, contribuiu para os laços familiares serem menos intensos.

Sendo um morador da roça, indivíduo pobre, de antecedentes familiares da mesma condição social, Geraldinho Nogueira sentiu a necessidade de trabalhar desde tenra idade. Em outras palavras, desde quando era um "capiau mais forte". Tendo o trabalho sempre por perto, tinha como objetivo principal contribuir para o sustento familiar. A situação de dificuldade, que sempre esteve presente no horizonte, sem dúvida alguma, agravou-se consideravelmente diante do abandono da família por parte do senhor Benedito Policiano.

Entretanto, apesar dessa situação específica, que demandou uma necessidade de

trabalho desde o período da infância/adolescência, a condição de precariedade dificilmente será compreendida caso seja interpretada como uma questão excepcional. No cotidiano da roça, caracterizado pela precariedade da maioria dos trabalhadores rurais, o envolvimento das crianças na lide diária demonstrou ter sido um valor extremamente acentuado. Por isso mesmo, tinha a sua própria historicidade. Por meio da consideração de Diane Valdez (2003), fazendo uma leitura sobre o cotidiano das crianças goianas nos séculos XVIII e XIX, percebe-se uma realidade que caminha ao encontro dos anos iniciais da vida de Geraldinho Nogueira. Segundo a autora:

> Goiás não se diferenciava do restante do Brasil no que se refere a essa questão. As crianças que habitavam a Província de Goiás igualmente eram vistas como pequenos adultos. Destas eram exigidos comportamentos de gente grande, eram vestidas como adultos, casavam-se cedo, e trabalhavam precocemente, etc (2003, p. 12).

O recorte de idade apresentado pela autora para demarcar a transição da infância para a condição de um pequeno adulto é, justamente, a idade de dez anos. Embora faça uma alusão ao tratamento dado às crianças do século XVIII e do Oitocentos, esse foi um dos valores que permaneceram com muita influência na primeira metade do século passado, tendo alcançado o cotidiano de Geraldinho. A partir da consideração sobre a necessidade e a própria naturalização do trabalho no universo infantil, torna-se mais fácil compreender por que o cotidiano das crianças esteve distante de ser representado por aquela rotina, presente atualmente, na brincadeira/escola. Indubitavelmente, a característica elementar dos "pequenos adultos" do meio rural centrava-se na relação do trabalho/brincadeira/trabalho.

Quando escreve o livro-reportagem sobre Geraldinho, referindo-se ao período da infância, Luana Santana afirma: "Ele não frequentou a escola, nem descobriu brincadeiras de roça. O dia era dividido em trabalho, trabalho e nada mais (2012, p. 19)". Talvez, nessa afirmação, possa ser questionada a ideia de que Geraldinho não teria descoberto as brincadeiras da roça, supostamente não tendo tempo para o lúdico porque a rotina do dia a dia estava voltada somente para a prática do trabalho. O questionamento aparece porque se tem a impressão de que, desde pequeno, o contador de causos pareceu ter sido alguém "levado da breca". Por outro lado, as brincadeiras dificilmente escapariam do seu cotidiano. No entanto, Santana (2012) tem razão ao afirmar que o período da infância esteve marcado pela prática de um trabalho constante, embora não especifique quais as atividades laborais que estiveram mais presentes no horizonte.

Porém, através de *O Causo de carro boi* identifica-o trabalhando no transporte de lenhas, utilizando justamente o instrumento que dá nome ao causo para realizar o ofício. Apesar de algumas circunstâncias específicas da infância, abandono do pai e a existência de irmãos mais novos, a compreensão sobre o *modus vivendi* dessa infância demanda uma leitura mais abrangente. De acordo com Mendes (2008), o trabalho com a terra, principalmente o cultivo dos gêneros alimentícios, levando em consideração os valores e costumes existentes na roça, era compreendido como se fosse um meio educacional para a maioria das famílias rurais. O trabalho fazia parte da própria formação do indivíduo, como se fosse verdadeiramente uma norma, um valor moral e cultural, que acompanharia os atores e atrizes sociais durante toda a vida. Segundo Mendes, os mais velhos procuravam transmitir o valor e a importância do trabalho aos mais jovens:

> Nesse sentido, a transmissão do saber para o trabalho faz-se no próprio trabalho, desde a infância. O conhecimento técnico, apreendido no decorrer da formação cultural dos descendentes, é visto como essencial para assegurar a sua própria reprodução. A reprodução social da família gera a expectativa da instalação de cada filho em um novo estabelecimento. O que confere, a terra, um conjunto de significados morais, de valores e de possibilidade de reprodução da estrutura social. O domínio do saber trabalhar permite ao homem a constituição de nova família, revigorando a relação entre trabalho, terra e família (2008, p. 150).

Não resta muita dúvida de que, apesar da norma moral, social e cultural, representada na perspectiva de ensinamento para o trabalho se dando no próprio trabalho, trazendo consigo toda uma carga histórica de significados, inclusive pedagógico, entende-se que o envolvimento das crianças, ou dos "pequenos adultos" com a prática do trabalho esteve diretamente associada à necessidade material dos trabalhadores rurais. Quando se tem no horizonte a condição de vida difícil na qual a maioria dos moradores da roça estavam submetidos, privando as crianças de direitos que, no tempo presente, são considerados essenciais, identifica-se uma lógica estrutural que se mantém no decorrer do processo histórico, privando as crianças de uma série de direitos. Entre esses, o de ter acesso à educação formal. Lidando com a necessidade de realizar alguns ofícios desde a tenra idade, já que precisava contribuir com a despesa doméstica, Geraldinho não teve o direito de acesso a uma formação escolar mais convencional. Durante a pesquisa de campo, muitas pessoas fizeram referência ao analfabetismo do contador de causos, tais como o senhor Roberto: "Engraçado que ele num tinha leitura, não sabia nem assiná o nome[41]". O

[41] A afirmação do entrevistado, preliminarmente, pode ser entendida como uma leitura redundante. Geralmente, existe uma tendência de acreditar que se a pessoa é analfabeta, consequentemente, não consegue assinar o nome.

analfabetismo[42], conforme observado, esteve associado a essa condição de vida, que demandou muito esforço na lide diária e o impossibilitou de frequentar outros espaços que não fossem aqueles voltados unicamente para a prática do trabalho.

Outras possibilidades podem ser levantadas para explicar a difícil realidade social, privando os indivíduos de uma série de direitos. Entre as hipóteses, talvez uma certa desconfiança que a população do meio rural tinha acerca das instituições formais, acreditando que o "estudo" não seria feito para os trabalhadores rurais, sendo muito mais importante o domínio das ferramentas de trabalho do que propriamente do lápis e da caneta. Porém, apesar de a última hipótese reunir condições de se sustentar, provavelmente, o analfabetismo seja muito mais bem explicado pelas dificuldades sociais/materiais enfrentadas pelos empobrecidos da roça do que fazendo parte de uma escolha racional.

Um outro fator a ser considerado é o contexto da década de 1920/1930, período mais propício para a alfabetização de Geraldinho, mas que não oferecia, no quesito educacional, muitas oportunidades para a maioria das crianças do meio rural bela-vistense. Nessa época, a possibilidade de se ter acesso ao ensino formal estava reservada quase exclusivamente a um segmento específico da sociedade, a saber, as crianças pertencentes às camadas mais abastadas. Sobre a situação do ensino formal/escolar na região, referindo-se especificamente a década de 1920, Castro (2010) descreve o seguinte cenário:

> Documentos sobre a cidade revelam que a educação sempre esteve em destaque no município, dada a criação de instituições que difundissem a instrução. Exemplos disso estão na Casa de Instrução em 1876, o Colégio de Freiras em 1904, o Grêmio Instrutivo em 1905 e o Grupo Escolar da cidade em 1925 (2010, p. 54).

No entanto, dentro de um contexto no qual o índice de alfabetização das pessoas era ínfimo, tais como o da primeira metade do século passado, tornou-se uma questão muito comum o fato de indivíduos serem analfabetos, porém, reunirem condições de assinar, "pelo menos", o nome. Nesse sentido, uma afirmação como essa: "Olha, eu não sei ler nem escrever, mas sei assinar o nome", poderia ser facilmente encontrada nos rincões goianos. Porém, na condição de Geraldinho, o analfabetismo foi de tamanha proporção, que o impossibilitou de assinar até mesmo o nome.

[42] Nesse aspecto da constatação do analfabetismo, uma questão importante a ser considerada é a de que a ausência de escolarização não significa ausência de sabedoria, pelo contrário. Geraldinho não foi apresentado ao universo das letras, não teve a oportunidade de frequentar o espaço da escola, entretanto, esteve distante de ser alguém que não detinha conhecimento. A experiência e a capacidade de transmitir valores do cotidiano, de compartilhar os costumes da roça por meio dos causos fizeram dele um grande sábio deste universo sociocultural. Era alguém com capacidade de receber e emitir conselhos aos pares, aproximando-se dos moldes do narrador artesanal de Walter Benjamin (2012). Historicamente, as camadas populares encontraram diferentes formas de produzir e transmitir conhecimento, moldando as relações sociais por meio desses saberes transmitidos de geração em geração. Na condição da cultura rústica, com Geraldinho no horizonte de análise, todo o processo histórico e ancestral de socialização de conhecimento não se manifestou de forma diferente.

A partir da apresentação das instituições de ensino presentes no município durante o final do Oitocentos e também nas primeiras décadas do século XX, levando em consideração que até o início da década de 1920 as instituições de ensino formal estavam voltadas para públicos mais restritos, desde a atender o segmento católico da população, Casa de Instrução, passando pelo núcleo mais abastado da cidade, Grêmio Instrutivo, até o Colégio de Freiras voltado para a instrução religiosa de crianças do sexo feminino, entende-se que a primeira instituição pública de ensino acabou sendo efetivada no município, Grupo Escolar, somente no ano de 1925.

Fazendo um exercício de reflexão, identifica-se que, no contexto de inauguração do colégio público, ano de 1925, Geraldinho encontrava-se com sete anos de idade. Isso significa dizer que a idade estava propícia para a alfabetização. A possibilidade era maior com a inauguração do Grupo Escolar, de ensino público, direcionado a alfabetizar aquelas crianças de menor poder aquisitivo. No entanto, mesmo estando na fase propícia, tendo o colégio público relativamente "por perto[43]", não teve a oportunidade de passar pelo processo de educação formal. Enquanto uma criança pobre da década de 1920, a infância de Geraldinho estava sendo influenciada por uma estrutura longeva, ou seja, caracterizada pela marginalização histórica da maioria da população da roça, sem os direitos mais elementares assegurados.

Em decorrência da marginalização, ter a possibilidade de acessar ou não o ensino formal dependia unicamente do espaço social, político e econômico ocupado pela família responsável pelo cuidado da criança. Na condição de Geraldinho, oriundo de uma família muito pobre, ainda mais com o agravante do abandono da figura paterna, o saber acabou sendo construído por meio da experiência de vida. Através das relações sociais experienciadas e vivenciadas no cotidiano, o saber foi sendo gradativamente construído, tendo como referência os valores tradicionais/rústicos transmitidos ao longo das gerações. Esses valores adentraram

[43] A região do Bom Jardim, local que passou a residir com a mãe e os irmãos, não ficava necessariamente próxima ao núcleo urbano. A localidade distava 20 quilômetros da cidade e, consequentemente, da escola. No entanto, no cotidiano da população, constituía-se como uma questão elementar o fato de as crianças percorrem longas distâncias para terem condições de estudar. Evidentemente que, se tivesse encontrado condições, mesmo assim não seria fácil para o pequeno fazer o translado da sua casa até a escola. Não seria um processo simples, porque teria que percorrer uma distância considerável. No entanto, outras crianças compatíveis com a sua idade tiveram que fazer esse deslocamento. Percorriam longas distâncias, geralmente, nos lombos dos equinos ou, em muitas ocasiões, caminhavam até a escola por meio de "trieiros", atalhos abertos no meio das veredas. Na segunda metade do século XX, essas distâncias passariam a ser percorridas, de forma cada vez mais frequente, por meio das bicicletas. Embora a relação de Geraldinho com a bicicleta tenha sido estreita a partir de um determinado momento, nesse contexto, relacionado ao início da década de 1920, as bicicletas no cotidiano da roça não estavam muito presentes. Se tivesse tido condições de estudar, o deslocamento da região do Bom Jardim até o Grupo Escolar seria feito no lombo de algum equino. Não seria um processo simples, mas apesar das dificuldades, existia pelo menos uma possibilidade de alfabetização no período da infância. Se não foi possível, não tendo o direito de se quer aprender a assinar o nome, a explicação não está, necessariamente, na distância, mas na necessidade do trabalho desde a tenra idade.

com muita intensidade no cotidiano bela-vistense na primeira metade do século passado.

Nesse sentido, o saber, diante da impossibilidade da escolarização formal, teve na prática da oralidade o vetor mais importante, tanto da construção quanto da transmissão do conhecimento no cotidiano da roça. Atento a toda essa teia de saberes, e sendo diretamente influenciada por ela, Geraldinho embeveceu-se dos valores rústicos. Além da relevância atribuída à prática da oralidade, Brandão (1981) produz um escrutínio de outras características que formataram a vida de homens, mulheres e crianças dentro desse espaço sociocultural. Na perspectiva do autor:

> Na fazenda os filhos eram auxiliares dos pais: as meninas nos cuidados da casa e do quintal; os meninos em pequenos serviços ligados à lavoura, quando menores (como a tarefa de levar comida "pros homens", nas roças) e como lavradores efetivos, quando maiores em idade (1981, p. 29).

Na continuidade da pesquisa, haverá uma análise mais detalhada sobre o recorte de gênero apresentado por Brandão (1981), principalmente quando se refere às ocupações que seriam mais usuais dos meninos e também das meninas nas fazendas. Apesar dos costumes em comum existentes no meio, o recorte de gênero esteve distante de ser estanque no universo do trabalho das crianças dentro da roça goiana. Nesse espaço sociocultural, constituiu-se como um fator corriqueiro a presença de mulheres, independentemente da idade, no cuidado dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, envolvendo-se intensamente nos trabalhos inerentes à lavoura. Deslocou-se, desse modo, para uma perspectiva que se distanciava do cuidado da casa e do terreiro.

Na passagem de Brandão (1981), o antropólogo menciona que, geralmente, os filhos acompanhavam o pai no labor diário, envolvidos no cuidado da lavoura. No entanto, quando a força física impossibilitava um contato mais direto com o cultivo dos víveres, a função atribuída às crianças menores, do sexo masculino, estavam reservadas ao transporte da alimentação, levando o almoço e o jantar para os homens adultos na lavoura. Quando faz referência aos homens nesse tipo de atividade, Brandão (1981) faz uma alusão direta aos homens da família, "responsáveis pela casa", precisamente os irmãos mais velhos e, não menos importante, o patriarca do nicho familiar.

Conforme já mencionado, Geraldinho não teve o cuidado paterno de perto, tendo em vista o abandono do senhor Benedito. Nesse sentido, na maioria das circunstâncias, o ator social responsável por inseri-lo no labor diário foi o seu avô, o senhor Sebastião do Miguel. Porém, diferentemente dos trabalhos descritos por Brandão (1981), quando as atividades laborais das

crianças do sexo masculino estavam mais voltadas ao cuidado da lavoura, ou mesmo no transporte do almoço, da merenda e do jantar para os homens da família, o período da infância de Geraldinho esteve marcado por uma relação de proximidade com o carro de boi, trabalhando intensamente nessa atividade.

O levantamento da hipótese sobre a infância/adolescência como um período de muito trabalho encontrou sustentação na pesquisa de campo. Muitas pessoas puxaram pelo fio da memória algumas das histórias que Geraldinho Nogueira apresentava, enfatizando o contato mais direto com o padrasto Manoel Miguel e a necessidade do trabalho desde a tenra idade. O senhor Roberto trouxe à tona algumas das histórias que o próprio Geraldinho contava sobre a infância delicada. Na ocasião, fazia questão de enfatizar os longos deslocamentos pelas estradas de Goiás. Em outras oportunidades, mencionava alguns deslocamentos com destino a outros estados, tais como viagens até a região do Triângulo Mineiro. De forma especial, viagem até a cidade de Uberlândia. Nas palavras do entrevistado: “Mais, ele contava história que ese viajava sessenta dia com uma carrada nesse mundo. Saiá de cá e iá pá Uberlândia, pra lá com carro de boi. Mais, esse não é do meu tempo não. Tempo dele moleque, né, que ele contava”. O tempo dele "moleque" é, conforme observado, o período da transição da infância para a adolescência.

Nessa etapa da vida, final da década de 1920, Geraldinho estava percorrendo as estradas de Goiás, levando e trazendo mercadorias para a comunidade bela-vistense, incluindo, nessas viagens, o comércio com outras localidades, especialmente com a região do Triângulo Mineiro. De acordo com o senhor Moisés, Geraldinho, juntamente com Sebastião do Miguel, trazia da cidade de Uberlândia/MG, sal, rapadura e açúcar. Buscavam as mercadorias no assoalho do carro de boi para serem comercializadas na região. De maneira emocionada, o senhor Altamiro teceu considerações sobre a relevância do carro de boi e do carreiro para a comunidade no respectivo contexto, descrevendo-a da seguinte maneira:

> Naquele tempo, esses carrero assim, geralmente, eles comprava, por exemplo, era pra levá capado pra lá (Uberlândia/MG), ele comprava os capado, matava, pagava, punha no carro e levava. Chegando lá, ele vendia. O carrero, e comprava sal, laranja, pano e trazia pá traiz. A função do carrero antiga era essa, é o que o caminhoneiro faiz hoje. Só que hoje tem as firma que paga os caminhão, naquele tempo era os carrero memo que negociava.

No contexto da infância do senhor Altamiro, no final da década de 1940, ainda era marcante a atividade do carreiro na região, levando e trazendo mercadorias dos grandes e distantes centros econômicos. Por isso mesmo, povoava a sua memória, embora estivesse cada vez mais diminuta a atividade. Alguns fatores explicam a menor intensidade: no primeiro

momento, identifica-se a inserção de meios de transporte mais rápidos começando a adentrar nos rincões goianos, com destaque para a presença dos caminhões, facilitando e tornando mais eficiente o transporte das mercadorias. Constata-se a presença de centros comerciais mais próximos de Bela Vista de Goiás na metade do século passado, tais como a construção de Goiânia durante a década de 1930. A construção da nova capital, fator constatado pelo entrevistado, produziu alterações sensíveis nas relações comerciais existentes, principalmente pela proximidade existente entre as duas cidades.

Diante de um cenário caracterizado por algumas transformações, a função do carreiro, percorrendo longas distâncias, continuava existindo na região, porém, em uma proporção menor, se comparado a um recorte temporal anterior. Essas décadas anteriores são justamente o contexto da adolescência de Geraldinho, período no qual o carro de boi tinha muita relevância social e econômica. Na introdução de *O causo do carro de boi*, durante um diálogo com Hamilton Carneiro, faz menção ao fato de ter sido candieiro do avô, trabalhando e percorrendo as longas estradas de Goiás. Entretanto, além da constatação do ofício, descreve um pouco das dificuldades enfrentadas, fazendo questão de destacar o sofrimento que as longas viagens proporcionaram:

> "Rapaiz, e ocê (Hamilton Carneiro) cantá esse negócio de carrero, eu lembrei do tempo que eu fui candiero do meu avô. Eu já sufri demais aqui nessas istrada de Goiás minino, buscano salê, arame num tal de Roncadô que tem pra culá, descia pra aqui afora, ia pá Goiás véi. Eu já sufri demais minino[44]".

A menção ao sofrimento está presente em duas oportunidades nesse pequeno recorte. Quando comparado, o início do enredo aproxima-se da afirmação do senhor Roberto. Fazendo referência ao ofício de candieiro, o entrevistado afirmou que Geraldinho ficava até dois meses ausente da região quando viajava para Uberlândia-MG. Na década de 1930, Bela Vista encontrava-se com uma localização privilegiada. A estrada que fazia a ligação da nova capital do estado, Goiânia, até Uberlândia, um dos mais importantes centros comerciais da época, passava justamente pela cidade de Bela Vista. Na descrição do supracitado enredo, quando menciona o sofrimento na condição de candieiro, percebe-se que não destaca as viagens até a cidade do Triângulo Mineiro.

No entanto, afirma que se deslocava até "um tal de Roncadô", com o objetivo de trazer mercadorias para a região. Na realidade, está fazendo referência ao último ponto da Estrada de Ferro Goiás, quando, na década de 1920, partindo do Triângulo Mineiro, tinha como ponto final

[44] Recorte inicial de *O causo do carro de boi.*

a estação Roncador, localizada, atualmente, na região de Urutaí-GO. De acordo com a consideração de Castro (2010), no início do século passado, havia sido inaugurada a primeira estrada de automóvel, com 108 quilômetros de extensão, ligando a cidade de Bela Vista até a região do Roncador. No *O causo do carro de boi*, quando justifica o porquê do deslocamento até o ponto terminal da estrada de ferro, menciona que fazia a viagem para trazer sal e arame. Provavelmente, as mercadorias vinham de Uberlândia até a estação Roncador e, do ponto terminal, acabavam sendo distribuídas para diferentes regiões do estado de Goiás.

Além do ponto terminal da estrada de ferro, Geraldinho menciona alguns dos deslocamentos feitos até Goiás Velho[45]. Até a primeira metade da década de 1930, a respectiva cidade encontrava-se na condição de capital do estado de Goiás. Tendo nascido no ano de 1918, compreende-se que, nesse contexto do deslocamento para a comercialização de mercadorias, quando estava na fase da adolescência, a Cidade de Goiás continuava sendo a capital do estado, sendo um importante centro comercial do período. Por ser o principal centro político e um dos mais relevantes espaços de comercialização antes da construção de Goiânia, entende-se tanto o sentido quanto a necessidade do deslocamento de Geraldinho Nogueira até a antiga capital para a comercialização de itens de primeira necessidade.

Segundo Castro (2010), Bela Vista de Goiás foi um dos municípios que cedeu terras para a construção de Goiânia. Nesse sentido, diante da proximidade daquela cidade que seria o novo centro comercial e político do estado, levanta-se a hipótese de que se a nova capital tivesse sido construída, conferindo a relevância econômica antes pertencente à Cidade de Goiás, e, então, possivelmente, Geraldinho e o avô não teriam percorrido a longa distância até a antiga capital para a comercialização das mercadorias. Teriam optado pelo novo centro político e comercial do estado. Com isso, diminuiriam os desgastes físicos ocasionados por esses longos

[45] Goiás Velho ou Goiás Véi é o modo no qual ficou popularmente conhecida a Cidade de Goiás, antiga capital do estado. Com a construção de Goiânia na década de 1930, resultante do projeto "modernizante" idealizado pelo governo Vargas e levado a cabo por meio do interventor Pedro Ludovico, importantes centros comerciais e políticos ligados à Primeira República, identificadas as elites políticas proeminentes desse contexto, receberam a alcunha de "velho". Em contraponto ao "velho", surgia o "novo", representado no projeto modernizante de Vargas. Ressalta-se que a contraposição entre "velho" e "novo" não ficou somente na arena política, mas esteve muito presente na historiografia. Até um contexto relativamente recente, o período da Primeira República foi retratado dentro da historiografia como tendo sido o período da República Velha. A ideia de "velho" esteve relacionada a uma perspectiva negativa, tais como se representasse aquilo que seria obsoleto, atrasado, dominado pelos grandes coronéis e assim por diante. Na condição de Goiás, o velho ficou associado, especialmente, à família Caiado, detentora de muito poder político e econômico nesse contexto da década de 1930. Na outra esfera, encontrava-se Pedro Ludovico, "representando a modernidade", o "novo caminho" que se apresentava para o estado. A referência à Cidade de Goiás como sendo Goiás Velho não ficou restrita às décadas iniciais da construção de Goiânia, pelo contrário. Essa maneira de se referir à antiga capital permanece até os dias atuais no imaginário de parte considerável da sociedade. Quando Geraldinho, no final da década de 1980, refere-se à antiga capital como sendo Goiás Velho, estava se valendo tanto de uma construção política quanto de uma ideia muito presente no imaginário popular.

deslocamentos[46]. No entanto, a possibilidade levantada não se concretizou na prática.

Outro detalhe é que toda esta distância acabava sendo percorrida quase inteiramente a pé, uma vez que uma das funções primordiais do candieiro, ofício desempenhado no período da infância/adolescência, estava no caminhar à frente dos bois, guiando-os pelas estradas. Todo o labor, até mesmo para uma pessoa adulta, deveria ser considerado um trabalho árduo, demandando enorme esforço físico para percorrer todo o trajeto. Entretanto, a situação ficava ainda mais complicada quando se entende que o trajeto era feito por um adolescente, enfrentando todos os tipos de dificuldade pelo caminho; desgaste físico, fome, sede, cansaço, entre outras intempéries que uma distância expressiva poderia proporcionar. A partir das considerações, conclui-se que a vida, desde a tenra idade, esteve permeada por muita carestia e dificuldade social, obrigando-o a enfrentar a lide do trabalho logo nos primeiros anos de vida.

Nas fotos presentes nos álbuns familiares, não foi possível encontrar nenhuma relacionada ao período da infância/adolescência de Geraldinho Nogueira. A única referência fotográfica alusiva ao contexto, quando era "um capiau mais forte", está presente na capa do livro de Walter Lemes (2008), intitulado *Janelas do tempo:* Geraldinho Nogueira e outros escritos. Diante da dificuldade de localizar um retrato deste período da década de 1920/1930, houve a opção por inserir uma foto presente na capa do livro[47] de Lemes (2008). A partir dessa inserção, objetiva-se que os leitores da presente tese possam ter um pequeno contato com os traços físicos do contador de causos. A foto retrata-o com uma idade entre 12 e 15 anos.

Diante da fotografia, há algumas questões rápidas a serem observadas: primeiramente, uma feição preocupada e, até certo ponto, tímida, evidenciando pouca familiaridade com aquele equipamento de tirar foto/retrato. Além dessa constatação, fica perceptível que, desde muito jovem, apresentava uma feição cansada no rosto, resultante da constante luta laboral. Um último detalhe que não pode passar despercebido é o chapéu de feltro. O chapéu tornou-se um dos símbolos mais marcantes do Geraldinho adulto, do contador de causos conhecido do grande público. Porém, aparentemente, esse adorno parece ter o acompanhado durante toda a vida. Nas circunstâncias em que estavam inseridos os moradores da roça, o momento de tirar uma foto configura-se como uma situação especial, demandando dos atores a utilização do melhor traje disponível. Valendo-se da melhor vestimenta, fez questão de tirar o retrato com o chapéu de feltro na cabeça. Na sequência, a referida foto.

[46] Nos dias atuais, observando as principais vias de acesso entre Bela Vista até a Cidade de Goiás, a distância entre as duas cidades é de, aproximadamente, 175 km.

[47] Houve um recorte na capa do livro para ser inserida somente a fotografia de Geraldinho.



Figura 3. Geraldinho no período da adolescência. Fonte: Lemes (2008). Foto: Meire Ribeiro.

Por meio das considerações apresentadas, tem-se uma dimensão do histórico referente aos anos iniciais da vida de Geraldinho. Mesmo com um pouco mais de uma década de vida, havia passado por situações delicadas, como o abandono do pai e as novas relações matrimoniais estabelecidas pela mãe. Sobre o último aspecto, durante a pesquisa de campo, não foi possível mensurar por quanto tempo a senhora Bárbara Carvalho e o senhor Manoel Miguel ficaram casados. No contexto em que as pessoas entrevistadas nasceram, algumas, em meados da década de 1940, e por meio das primeiras lembranças que possuem desse período da infância, tanto o senhor Manoel quanto a senhora Bárbara não estavam mais presentes no cotidiano social. Por esse motivo, não houve condições de identificar como se construíram as relações entre Geraldinho e o padrasto, se teria sido, por exemplo, uma relação harmoniosa ou caracterizada pela existência de conflitos.

Por meio da pesquisa de campo, a única menção feita a uma relação entre os dois atores sociais foi a do senhor Moisés: “O Mané Migué foi bão demais pro meu pai. Eu também, pelo jeito o que meu pai fala, eu acho que ele morreu cedo. Ele foi bão demais”. Tendo como referência o breve relato do entrevistado, fica difícil tecer uma consideração mais abrangente sobre essa relação do final da década de 1920. No entanto, aparentemente, Manoel Miguel teria sido um padrasto respeitoso com os filhos do primeiro casamento de Bárbara Carvalho. Se uma

análise mais minuciosa da relação fica impossibilitada neste momento, de outro modo, identifica-se que a família de Manoel Miguel teve uma importância fundamental na fase inicial da vida de Geraldinho, inserindo-o na lide diária do trabalho.

No transcorrer da década de 1930, além da atividade de candieiro, passou a trabalhar em outras atividades inerentes ao cotidiano da população pobre da roça goiana, como o cultivo dos gêneros alimentícios. Ainda dentro desse recorte temporal, aprendeu o ofício daquele que se tornaria o principal trabalho que passaria a exercer no cotidiano. A saber, o ofício de carpinteiro. Evidentemente, as condições sociais/materiais impostas aos moradores pobres da roça ensinaram-lhe que, para ter uma condição de vida minimamente mais digna, seria necessário aprender a trabalhar em diferentes atividades, iniciando o mais cedo possível, de preferência, no período da infância.

Além da necessidade do trabalho apresentando-se no horizonte desde cedo, durante parte considerável do século XX, a trajetória de Geraldinho Nogueira esteve caracterizada por uma quantidade expressiva de tragédias e traumas familiares. Possivelmente, a primeira das dificuldades tenha sido identificada no abandono do pai. Entretanto, esse trauma esteve distante de ter sido o único. Na continuidade da pesquisa, será possível identificar algumas dessas dificuldades. Problemas que não estavam vinculados somente ao indivíduo Geraldinho, mas que estabeleciam uma relação muito direta com a condição de vida de inúmeros outros atores sociais, trabalhadores rurais, inseridos no respectivo contexto do século passado.

2.1. Dona Nica: a primeira companheira na vida do contador de causos

Conforme observado no decorrer do tópico anterior, dentro do cotidiano rural, com suas relações sociais estabelecidas e construídas a partir dos valores da roça, percebe-se que, desde a formação da paisagem sociocultural, em meados do século XVIII, até a primeira metade do século passado, algumas atividades iniciavam-se muito preliminarmente na vida dos atores e das atrizes sociais. Não se trata, necessariamente, de uma noção de tempo acelerado ou efêmera, mas de um tempo antecipado. Por exemplo, o hábito de procurar dormir cedo, pouco depois do pôr do sol, no intuito de levantar-se bem cedinho para iniciar na lide diária. Saltar da cama nos primeiros cantos do galo, quando o sol parecia querer se impor entre as serras para começar o mais rápido possível na feitura das atividades. Mais do que um modo, os poucos exemplos demonstram uma maneira muito específica de organização da vida.

A leitura de um tempo antecipado estabeleceu uma influência direta nas crenças e nos adágios populares que permearam o imaginário social no transcorrer do processo histórico. Em

algumas regiões, esses adágios permanecem com uma capacidade de inserção impressionante até os dias atuais. Nesse sentido, é possível ouvir afirmações muito próximas desta: “Quem cedo madruga, Deus ajuda”. A partir de uma perspectiva mais acadêmica de análise, utilizando como referência as considerações de Borges (2016), entende-se que essa maneira de compreensão do mundo por parte do caipira/sertanejo, organizando o cotidiano por meio de um tempo antecipado, quando as “coisas” pareciam começar sempre antes, seguiu critérios muito bem estabelecidos. Na perspectiva de Borges:

> Os hábitos de acordar muito cedo e de dormir igualmente muito cedo, conforme os adágios de “dormir junto com as galinhas”, e quem acorda cedo Deus ajuda, e de recorrer às sobras da janta e requentá-la, acender o fogão, passar o café, pegar a enxada e ir para o eito de trieiros orvalhados, enfrentar, com coragem, o sol a pino, desenvolver a carpina, esperar o filho levar o almoço ainda muito cedo servido em caldeirões, fumar os cigarros de palhas em intervalos regulares, desenvolver o papo com o companheiro de eito, pensar num “não-sei-o-quê” quando se olhava o horizonte, ordenar a esposa e os filhos quanto às tarefas imediatas, retornar da roça, tomar o banho na bica, mostravam, testemunhavam e afirmavam a vida simples organizada numa espécie de subordinação ao tempo celestial (2016, p. 103).

Embora não seja o objetivo desta pesquisa abordar mais detalhadamente a noção de tempo que orientou a vida de parte considerável dos moradores da roça goiana ao longo do século passado, compreendido como um tempo celestial por Borges (2016), torna-se válido não perder do horizonte que essa leitura e a interpretação do tempo, talvez muito mais um tempo da natureza do que propriamente um tempo celestial, demonstrou-se fundamental para que a vida, não somente no sentido individual, mas especialmente no sentido coletivo, acontecesse e seguisse um padrão normatizador dentro do cotidiano, orientando as normas, as condutas e as ações desenvolvidas por esses indivíduos, por esses trabalhadores rurais.

Na mesma ideia de um tempo cedo ou mesmo de um tempo antecipado como um fator regulador da vida, identificou-se, na seção anterior da pesquisa, o quanto Geraldinho Nogueira iniciou a lide do trabalho ainda muito jovem, ou seja, na transição da infância para o período da adolescência. Em outra perspectiva, mas com o mesmo significado, na condição de filho mais velho da senhora Bárbara Baptista, assumiu a responsabilidade laboral para contribuir com a garantia da dieta alimentar, fazendo com que o período da infância ficasse menor e, consequentemente, a fase adulta fosse antecipada.

Sobre a antecipação dos desdobramentos relacionados à vida, pouco tempo depois de ficar conhecido na região da Boa Vistinha, na condição de um jovem rapaz muito trabalhador, não recusando a oferta de trabalho, independentemente da atividade a ser desenvolvida,

Geraldinho iniciou-se na fase dos relacionamentos amorosos e não demorou muito para construir uma relação conjugal. No desenrolar do cotidiano e na antecipação das situações, o modo de organização antecipado esteve muito presente na questão dos casamentos. Diante de uma conjuntura caracterizada pela forte presença do patriarcado, a exigência de um casamento, antes mesmo de alcançarem a fase adulta, esteve muito presente na vida das mulheres.

Na maioria das circunstâncias, as jovens adolescentes acabavam sendo obrigadas a se casar com homens mais velhos, que não representavam, necessariamente, suas predileções amorosas. A roça goiana teve um molde de estrutura organizacional, relacionada aos valores e aos costumes, que permaneceu com poucas alterações no transcorrer de um longo período histórico. Assim, alguns costumes que estiveram muito presentes no cotidiano no século XX, tais como o fato de mulheres se casarem muito jovens, detinham toda uma historicidade, podendo ser localizados nos séculos precedentes. Sobre a exigência do casamento para com as adolescentes goianas no Oitocentos, Valdez considera:

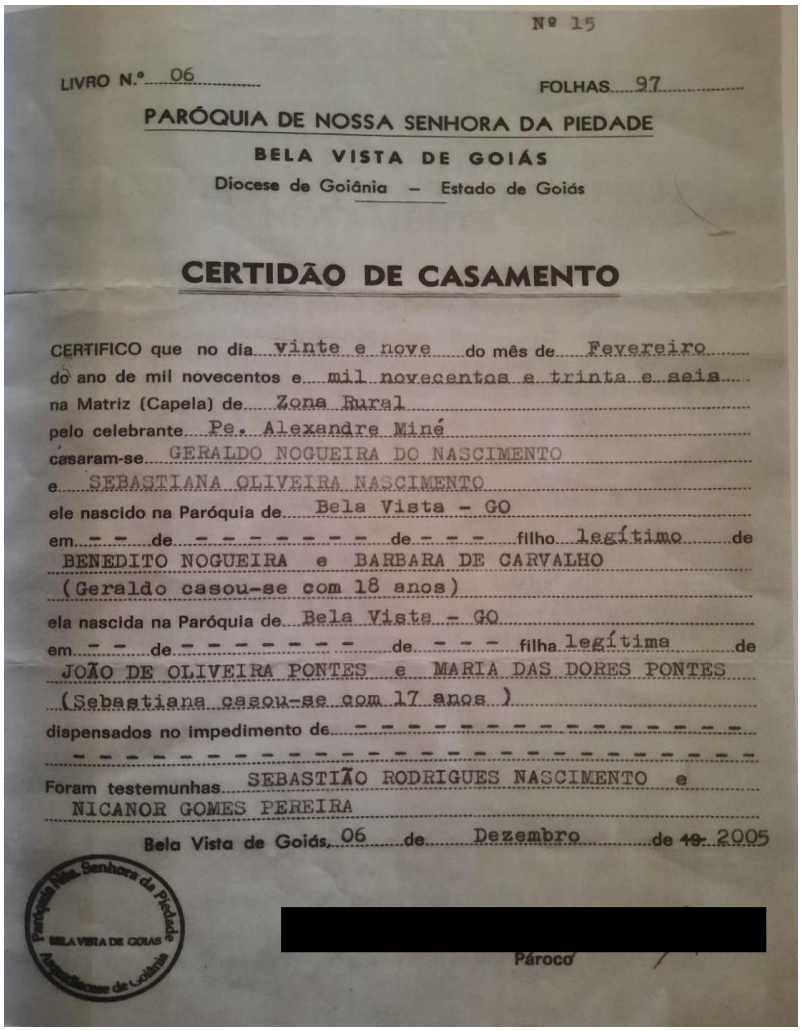
> Em Goiás, a filha solteira de 15 anos dentro de casa já começava a inquietar os pais que faziam promessas a Santo Antônio e São João. As meninotas eram comparadas a frutas e flores que perdiam o sabor ou o perfume após uma certa idade. No geral, o encanto perdurava até os longos 15 anos. Além da idade precoce, era comum essas meninas se casarem com homens bem mais velhos (2003, p. 14).

A perspectiva do casamento antes mesmo da fase adulta tornou-se uma realidade na vida de Sebastiana de Oliveira Nascimento. A jovem, nascida no ano de 1919, era filha de João Oliveira Pontes e de Maria das Dores Pontes. No entanto, Sebastiana ficou conhecida popularmente na região do Aborrecido, do Barro Amarelo e do Bom Jardim como Dona Nica. Durante as festividades promovidas na região, no contexto de meados da década de 1930, Geraldinho Nogueira, um jovem rapaz, raramente perdia um baile dançante, um pouso de Folia ou mesmo um encontro dos dançadores de catira da região. Em virtude da presença muito ativa nas festividades, acredita-se que tenha sido durante uma das festas que se aproximou e, pouco tempo depois, começou a namorar a jovem Sebastiana de Oliveira. De agora em diante, Dona Nica. Não demorou muito tempo para que os jovens saíssem da fase do namoro e considerassem a possibilidade do casamento.

Na pesquisa de campo, ficou difícil mensurar a data específica do casamento entre Geraldinho e Dona Nica. No entanto, no livro de Luana Santana[48] (2012), encontra-se a certidão

[48] O livro/reportagem de Luana Santana (2012), intitulado *Na essência de um causo*: a biografia de Geraldinho Nogueira, resultou de um trabalho de conclusão de curso de jornalismo da autora. O livro é uma fonte de pesquisa

de casamento. Na certidão, constata-se que o laço matrimonial ocorreu no dia vinte e nove de fevereiro de 1936, tendo sido celebrado em uma capela do meio rural bela-vistense. Por ter sido realizado no espaço rural, acredita-se que o casamento celebrado pelo Pe. Alexandre Miné, tendo como testemunhas os senhores Sebastião Rodrigues e Nicanor Gomes Pereira, tenha acontecido na capela pertencente à região do Aborrecido. Na sequência, a foto da certidão de casamento.



Nº 15

LIVRO N.º 06 FOLHAS 97

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

BELA VISTA DE GOIÁS

Diocese de Goiânia – Estado de Goiás

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO que no dia vinte e nove do mês de Fevereiro
do ano de mil novecentos e mil novecentos e trinta e seis
na Matriz (Capela) de Zona Rural
pelo celebrante Pe. Alexandre Miné
casaram-se GERALDO NOGUEIRA DO NASCIMENTO
e SEBASTIANA OLIVEIRA NASCIMENTO
ele nascido na Paróquia de Bela Vista - GO
em - - de - - - - - - - - de - - - filho legítimo de
BENEDITO NOGUEIRA e BARBARA DE CARVALHO
(Geraldo casou-se com 18 anos)
ela nascida na Paróquia de Bela Vista - GO
em - - de - - - - - - - - de - - - filha legítima de
JOÃO DE OLIVEIRA PONTES e MARIA DAS DORES PONTES
(Sebastiana casou-se com 17 anos)
dispensados no impedimento de -
- -
Foram testemunhas SEBASTIÃO RODRIGUES NASCIMENTO e
NICANOR GOMES PEREIRA
Bela Vista de Goiás, 06 de Dezembro de ~~19~~ 2005

Pároco

Figura 4. Certidão do casamento de Geraldinho com Dona Nica. *Fonte*: Luana Santana (2012). Foto: Meire Ribeiro.

Levando em consideração algumas informações presentes na Certidão de Casamento, percebe-se que Geraldinho Nogueira estava com 18 anos de idade. Dona Nica, um pouco mais jovem, tinha precisamente 17 anos. A partir de algumas lembranças muito vagas das pessoas entrevistadas, imagina-se que, depois do casamento, continuaram residindo nas proximidades

necessária, principalmente pelo esforço de tentar construir um traço da biografia de Geraldinho. Nesse sentido, algumas informações ou referências que não foram identificadas durante a pesquisa de campo, tiveram no livro um importante meio de preenchimento de "lacunas".

do Bom Jardim. No entanto, pouco tempo depois, acabaram se mudando para a região do Barro Amarelo. Na nova localidade, envolveram-se nas atividades laborais inerentes à roça, plantando e cuidando dos gêneros alimentícios de primeira necessidade. Além do cultivo dos víveres, Geraldinho dava sequência à atividade laboral, aprendida na relação com o avô, Sebastião Miguel, e ao ofício de carreiro. Dona Nica cuidava da casa e do terreiro e, frequentemente, contribuía com o marido nas atividades mais elementares da lavoura.

Fazendo uma "junção" das lembranças que estão presentes no imaginário coletivo, identificou-se que o cotidiano do jovem casal se caracterizou pela presença de muito trabalho. Pelo fato de os antecedentes familiares serem de pouca condição financeira, quando se casaram, tiveram que se esforçar ao máximo para garantir as condições mínimas de sobrevivência. Além das dificuldades sociais/materiais, condição inerente à maioria dos moradores e moradoras da roça goiana, outros problemas acompanharam de perto o cotidiano do jovem casal na região do Barro Amarelo. Durante o casamento, Geraldinho e Dona Nica tiveram uma filha, com o nome de Bárbara[49], e mais três filhos; Alcídio, primogênito do casal, e os outros dois, José e Idalino[50]. A diferença de idade entre os quatro filhos acabou sendo mínima.

Pouco tempo depois do casamento, Dona Nica deu à luz o filho Alcídio e, na sequência, vieram os demais. Destes, a filha Bárbara era a mais jovem. Embora, na primeira metade do século XX, a possibilidade do divórcio não estivesse muito presente na vida da maioria dos casais, torna-se válido mencionar que a relação não perdurou por muito tempo[51]. O término não ocorreu de uma forma consensual, pelo contrário. A relação chegou ao fim em virtude do falecimento precoce de Dona Nica, na primeira metade da década de 1940[52].

---

[49] Coincidentemente, o mesmo nome da mãe de Geraldinho.

[50] Por coincidência, Geraldinho tinha um irmão com o nome de Idalino.

[51] No livro de Santana (2012), *Na essência de um* causo: a biografia de Geraldinho Nogueira, existe a constatação de que Geraldinho e Dona Nica teriam ficado casados por 20 anos. Se a leitura da autora estiver correta, entende-se que o casamento perdurou até o ano de 1956. No entanto, durante a pesquisa de campo, identificou-se que o casamento não teve duas décadas de duração. Teria sido uma relação de menos de uma década. Se a última hipótese se sustentar, provavelmente, o casamento chegou ao fim na primeira metade da década de 1940.

[52] Conforme será observado neste tópico, durante a pesquisa de campo, não houve condições de identificar o ano exato do falecimento da senhora Sebastiana Nascimento. Procurando sanar essa lacuna, ocorreu uma consulta ao Cartório da Cidade de Bela Vista de Goiás, não somente para identificar a certidão de óbito de Sebastiana, mas também de outras pessoas vinculadas à Geraldinho. No entanto, pelo fato de as pessoas terem falecido antes da primeira metade do século passado, as consultas acabaram sendo, quase inteiramente, "em vão". Entre as justificativas apresentadas, esteve o fato de que, no respectivo contexto, não se tinha muita preocupação com o registro das pessoas, fosse na questão de certidão de nascimento, de óbito ou mesmo de casamento. Nesse sentido, demonstrou ter sido um fato corriqueiro os registros ocorrerem muitos anos depois do acontecido. Os dados, quando encontrados, devem ser contrastados com outras fontes. Durante a consulta ao cartório foi localizada uma certidão de óbito em nome de Sebastiana. Consta-se que o falecimento ocorreu no dia 13/09/1946. Não somente na questão do registro, que pode ter ocorrido alguns anos depois do fato, mas porque os dados da certidão de óbito são ligeiramente diferentes daqueles apresentados na certidão de casamento, tais como a inversão nos sobrenomes dos pais, e porque os dados não conferem com os relatos apresentados por outras pessoas entrevistadas. Diante de tudo isso, houve a opção por não reproduzir a data de setembro de 1946 como o contexto exato do falecimento de

A partir do relato apresentado pelas pessoas entrevistadas, entende-se que Dona Nica, pouco tempo depois do casamento, começou a enfrentar sérios problemas de saúde. Os problemas teriam sido agravados em decorrência da condição precária enfrentada pelo jovem casal. Com quatro crianças pequenas, com diferença de idade mínima de uma para outra e requerendo muitos cuidados, o casal lidou com uma condição de vida muito desfavorável. As dificuldades apresentadas diziam respeito tanto às condições financeiras quanto ao adoecimento gradativo da companheira de Geraldinho Nogueira. Pouco tempo depois de casada, a jovem esposa passou a conviver com sérios problemas relacionados à saúde mental.

Na leitura do senhor Altamiro, diante do problema de saúde de Dona Nica, Geraldinho teria ficado impossibilitado de trabalhar, não podendo deixar a esposa sozinha. Apresentando um semblante de tristeza ao trazer à tona esse fato marcante no meio rural na primeira metade do século passado, o senhor Altamiro mencionou que, nos anos finais de vida, Dona Nica não conseguia mais ter controle sobre as ações que fazia ou eventualmente deixava de fazer no cotidiano, demandando um cuidado muito especial do marido. Como o sustento familiar dependia do labor diário e não podia deixar a esposa sozinha para ter condições de realizar o mister, em inúmeras oportunidades, Geraldinho teve que amarrar uma corda na cintura de Dona Nica, prendendo-a em sua cintura. Essa atitude de "desespero", a partir da consideração do entrevistado, tinha como objetivo fazer com que Dona Nica estivesse sempre por perto, possibilitando receber um cuidado maior do marido. Uma consideração sobre a situação delicada, durante o tempo em que lidou com o grave problema de saúde mental da esposa, está presente na abordagem de Santana:

> Dona Sebastiana chegou a um estado de total dependência do marido. Começou a ter atitudes pouco comuns, como não falar coisa com coisa, ou sair no meio da noite para fazer algo desnecessário, como coar café. Era nova, mas com a memória velha. Os entrevistados não sabem dar detalhes, pois não viveram, ao lado do casal, aquele período. Procurei por algumas fontes que me disseram serem amigos de Geraldinho e Sebastiana, mas essa busca foi em vão. Como já faz tempo, essas pessoas também já morreram, o que me deixa impossibilitada de esmiuçar o assunto. Amigos de Geraldinho contaram que, por não ver outra solução, ele chegou ao ponto de amarrar uma corda em sua cintura e a outra ponta amarrada na cintura de Sebastiana – caso ela se levantasse, ele levantava também. O cuidado precisou ser redobrado (2012, p. 30).

Sebastiana Nascimento. Portanto, a opção foi a de trabalhar com uma data aproximada. Assim, a referência utilizada, nesta tese, para o falecimento da esposa de Geraldinho, tem como recorte a primeira metade da década de 1940, sem a apresentação de um ano específico.

A última consideração da autora com referência à vulnerabilidade de Dona Nica, tendo demandado um cuidado redobrado de Geraldinho, caminha ao encontro do cenário desenhado pelo senhor Altamiro. Santana (2012) destaca a situação inusitada ocorrida dentro da residência familiar e o entrevistado faz alusão ao acontecimento no espaço do trabalho, na lavoura, mais especificamente. Além da semelhança nos dois relatos, a autora oferece subsídios para uma questão levantada anteriormente, relacionada ao tempo de duração do casamento. De acordo com Santana (2012), o matrimônio teria perdurado por 20 anos. Se a observação se sustentar, isso significa que o casamento terminou somente no ano de 1956. Diante da grave situação de saúde de Dona Nica, o cuidado poderia ter sido compartilhado com os filhos. Nesse período, meados da década de 1950, os filhos encontravam-se na transição da adolescência para a fase adulta, logo, com condições de cuidar do estado de saúde da mãe, dividindo a responsabilidade com a figura paterna.

Como já dito, na lide diária no roçado e dentro do próprio espaço doméstico, o cuidado de Geraldinho com a esposa precisou ser redobrado, chegando ao extremo de amarrar uma corda na sua cintura, prendendo-a na cintura de Dona Nica, receoso de deixar a esposa sozinha. Entende-se que, contudo, nesse contexto os filhos não tinham condições físicas e, muito menos, emocionais, para compartilhar o cuidado com a mãe. Não reuniam condições porque, quando Dona Nica faleceu, eram crianças muito pequenas, não tendo alcançado, sequer, o período da adolescência.

O senhor Altamiro, entre as pessoas entrevistadas, foi quem apresentou uma análise mais minuciosa desse fato da primeira metade da década de 1940. Na ocasião, afirmou que, quando Dona Nica faleceu, Geraldinho estava na condição de um jovem rapaz: "Não, a esposa dele, o primeiro casamento dele, a esposa faleceu, ele ficou viúvo novim. Novo ainda, rapaizim novim. Os menino ficou pequeno, o casale de fi[53]dele ficou pequeno". A observação é mais uma evidência de que o falecimento de Dona Nica ocorreu poucos anos depois de ter se casado. Assim, a tese levantada por Santana (2012), sinalizando para duas décadas de casamento, não se sustenta. Embora tenha enfrentado muitos problemas com a saúde mental da esposa, o falecimento não esteve vinculado a esse problema, especificamente. Na realidade, acabou sendo ocasionado por um mal súbito/parada cardíaca.

[53] Quando se observa mais atentamente a consideração do senhor Altamiro, percebe-se um equívoco quando afirma que Geraldinho teria ficado viúvo e com a responsabilidade de cuidar de um casal de filhos, Alcídio e Bárbara. No entanto, em outra oportunidade, mencionou que, na primeira entrevista, havia se confundido sobre a quantidade de filhos, acrescentando mais um. Dessa vez, um filho com o nome de José. Porém, mesmo depois da ressalva, continuou equivocado, esquecendo-se de mencionar a existência de Idalino.

A causa do falecimento de Dona Nica acabou sendo reforçada por outras pessoas. O senhor Lino afirmou que a causa da morte teria sido repentina[54]. No mesmo sentido, observou que, na família de Dona Nica, historicamente, constituiu-se como um fato corriqueiro a morte de mulheres vítimas do mal súbito. Por exemplo, o mesmo motivo teria ocasionado o falecimento de uma das irmãs de Dona Nica, quando estava prestes a completar 44 anos de idade. A coincidência do motivo envolvendo o falecimento das irmãs foi reforçada pelo senhor Altamiro. Na ocasião, mencionou que era comum as mulheres morrerem repentinamente na família, não havendo uma explicação científica para a triste ocorrência.

Durante a pesquisa de campo, houve um esforço para tentar entender um pouco mais da personalidade e, com isso, apresentar alguns traços de Dona Nica. No entanto, pelo fato de ter falecido na primeira metade da década de 1940, as pessoas entrevistadas não tiveram a oportunidade de conhecê-la. As poucas referências foram transmitidas pelos relatos de Geraldinho ou mesmo por familiares que tiveram a oportunidade de conviver durante um período com a primeira companheira do contador de causos. Entre as pessoas importantes para a compreensão de um mínimo traço da personalidade, a pesquisa se vale, mais uma vez, da consideração do senhor Altamiro. O entrevistado mencionou ter tido a oportunidade de ouvir Geraldinho Nogueira fazer referência à personalidade da primeira esposa, destacando algumas características:

> Eu até conheço um pouco de gente da famía da muié dele. Inclusive, eu tenho um vizin que é parente da muié dele[55]. Mais eu num cheguei a conhecê ela, sabe. Conheci assim, as história que as veiz o Gerardim contava a respeito dela. Diz que era ela uma muié muito disposta, trabaiadeira, de muita força. Ele era carreiro, ia carriá, e ela tinha mais força que ele pá pegá um saco de feijão, de arroz pá pô no carro. Mais é história dele, eu num conheci ela não.

Os traços da personalidade de Dona Nica, puxados por meio da memória do senhor Altamiro, apresentam-na enquanto uma mulher disposta, trabalhadeira e de muita força. Valendo-se dessas características, não teria medido esforços para contribuir na lide do trabalho, enveredando-se, inclusive, naquelas atividades que demandavam uma maior força física, a exemplo do carregamento de sacas de arroz e de feijão transportados no carro de boi do marido. Das poucas lembranças presentes, essa associação com o trabalho e a disposição para trabalhar dificilmente será compreendida se eventualmente for analisada como sinônimo de lembranças

[54] No cotidiano da roça, as mortes ocasionadas pelo mal súbito/parada cardíaca, geralmente não recebiam essa designação, mas eram associadas como sendo mortes de repente.
[55] Este vizinho, sobrinho de Dona Nica, é uma das pessoas entrevistadas na pesquisa.

fortuitas.

Dentro da roça goiana, de acordo com Borges (2016), sempre tiveram muito apreço aquelas pessoas que demonstravam disposição para o trabalho, que "não tinham medo" de trabalhar em uma estrutura caracterizada pela precariedade social. Geralmente, as pessoas da roça, no contexto do século passado, tinham uma característica importante, reconhecendo e valorizando aquele homem ou mulher da comunidade que, independentemente da condição adversa que estava no horizonte, não mensurava esforços para aceitar trabalhar nos mais diferentes tipos de atividades oferecidas no cotidiano. Nesse sentido, ser um indivíduo trabalhador era visto como uma virtude, válida tanto para o homem quanto para a mulher. Na leitura de Borges:

> Se a terra se colocava como fonte-primária, recorrente e misteriosa da vida neste mundo, o trabalho era o agenciador total tanto da produção como da honra, do caráter, do sentido de ser humano. A necessidade de trabalhar para o suprimento de quase tudo, face às distâncias e ao regime de troca simples, a imbricação de subordinação do camponês agregado ao patrão fazendeiro, juntamente com toda a família numa espécie de célula produtiva subordinada, conferia ao trabalho o código de honradez, de identidade e de primazia ao sujeito. O prestígio de um indivíduo, ao invés de se primar pelo aspecto estético ou pelo poder institucional, ocorria pela sua capacidade de trabalhar, por exemplo, fazer várias leiras de arroz na carpina mais que outros ou tirar mais leite em menos tempo do que a maioria (2016, p. 103).

A consideração de Borges (2016) evidencia o quanto as pessoas envolvidas na prática do trabalho, historicamente, receberam uma leitura positiva por parte dos moradores da roça goiana. Esses indivíduos tornavam-se motivo de orgulho para as pessoas próximas, especialmente para os familiares. Quando se referiu à Dona Nica na condição de uma mulher trabalhadora, de muita força, além de uma constatação importante envolvendo tanto a característica física quanto a disposição laboral da esposa, Geraldinho Nogueira estava se referindo a um dos valores marcantes desse universo sociocultural e, consequentemente, valorizando e sentindo muito orgulho da esposa por ter sido uma mulher trabalhadora.

Alguns outros valores reconhecidos e admirados pela comunidade caracterizam as referências que fizeram à Dona Nica, como bondade, caridade, honestidade, simplicidade e humildade, valores que provavelmente acompanharam na curta trajetória de vida, mas não estão presentes, pelo menos de forma determinante, nas poucas lembranças apresentadas. As referências, quase sempre, caminharam ao encontro das histórias que o senhor Altamiro ouviu Geraldinho Nogueira apresentar da esposa. Conforme observado, são histórias que associam Dona Nica com a prática do trabalho.

O senhor Lino afirmou que um parente próximo costumava fazer referência à Dona Nica da seguinte maneira: “Contava caso dela assim, né? Diz que ela era muito trabalhadera, é. Falava assim, que trabaiava junto, né? Naquele tempo, as muié fiava, casava, fiava, ia no pagode junto, só coisa boa né”. Na consideração do entrevistado, Dona Nica trabalhava no roçado e também aparece na condição de uma mulher que procurou se envolver com outras atividades marcantes dentro da roça goiana. Entre as atividades, destaca-se o ofício de fiar.

Na roça, as mulheres que realizavam esse tipo de trabalho ficaram conhecidas como tecedeiras ou fiandeiras. A prática de fiar esteve muito presente nas mais diferentes regiões do estado até um contexto relativamente recente. Para alguns autores, a presença marcante permaneceu até as décadas de 1970/1980. Depois deste recorte, em virtude da migração maior das pessoas do espaço rural para o urbano, a permanência da atividade na paisagem ficou comprometida. No entanto, a perceptível diminuição não significou um desaparecimento por completo. Alguns autores continuam sinalizando para a relevância das mulheres fiandeiras até os dias atuais. Sobre a importância no cotidiano social, Silva tece as seguintes considerações:

> O tear manual, em sua essência, quer seja descritiva ou inventiva, traz consigo uma história que nos remete a ideia de transformar utensílios em fios e filamentos para se comporem em tecidos. Ao estudarmos, quer seja a tradição tecelagem ou a vida destas tecedeiras iremos encontrar um diálogo profundo e importante do que se viveu e ainda se vive com estas representações que se fazem deste passado. Os tecidos produzidos nos teares, todos sem exceção, podem contar parte de uma tradição cultural que se inicia no grupo familiar e se estende aos trabalhos elaborados para fortalecer o grupo familiar (...). (2013, p. 180).

A reflexão apresentada por Silva (2013) desnuda um horizonte de análise apontando para o estudo da vida das tecedeiras, estabelecendo uma relação estreita com os valores e com os costumes tradicionais de uma realidade social dentro de um contexto recente. A partir dessa linha de raciocínio, entende-se que os estudos sobre as fiandeiras e as tecedeiras possibilitam um descortinar social, um diálogo profundo com os valores históricos, com aquilo que esteve presente no cotidiano das pessoas de antanho. O engajamento de Dona Nica com a arte de fiar oferece condições de entender, um pouco mais, a própria condição socioeconômica do casal. Tendo como referência a precariedade na qual estava submetida a maioria dos moradores da roça goiana, não é difícil imaginar que muitas roupas usadas pelo nicho familiar tenham sido confeccionadas pelas mãos habilidosas de Dona Nica.

No entanto, a curta trajetória de vida, um pouco mais de duas décadas, não esteve voltada somente para a prática incessante do trabalho. Ela conseguia encontrar tempo para

participar dos folguedos populares existentes na região. Fazendo uma menção sobre a participação de Dona Nica nas festividades, o senhor Lino afirmou que uma das pessoas da família mencionava que os primeiros encontros/contatos de Geraldinho com a esposa teriam ocorrido nas festividades do Barro Amarelo, em meados da década de 1930. Porém, mesmo depois do laço matrimonial, o casal não deixou de frequentar esses espaços, organizando as atividades cotidianas com o intuito de se envolverem nas práticas da diversão quando possível.

Apesar de todas as intempéries enfrentadas, localiza-se essa relevante mulher ocupando diferentes espaços no meio rural bela-vistense. A ocupação era tanto pública, encontrando representação nos folguedos populares, quanto no espaço privado, tendo, no trabalho doméstico, na arte de fiar e no envolvimento com a lavoura, as mais bem acabadas expressões. Por meio das poucas referências apresentadas por Geraldinho Nogueira e por meio das memórias que ficaram no imaginário coletivo, suscitadas por algumas das pessoas entrevistadas, constatou-se que o último ano de vida de Dona Nica foi muito difícil.

Dentro de um contexto e de um cotidiano no qual a medicina convencional estava distante da realidade da maioria da população, um problema como o de saúde mental demonstrava ser um desafio enorme para os familiares que, eventualmente, tivessem uma pessoa da família nesta condição. Geralmente, pelo próprio desconhecimento, a doença em si acarretava uma série de preconceitos, tais como a interpretação de que o problema era sinônimo de loucura. Na condição de Geraldinho, trabalhador empobrecido, a saúde mental da esposa teve duas dimensões consideráveis: primeiramente, por ter requerido um cuidado muito atento com o estado de saúde de Dona Nica e, em segundo lugar, pelo fato de ter tido que assumir, inteiramente, a responsabilidade no cuidado das quatro crianças pequenas.

Em um intervalo pequeno de tempo, tinha, sob a sua responsabilidade, cinco pessoas extremamente dependentes. Uma pessoa adulta, mas sem condições de responder por seus atos, e quatro crianças. A situação dos pequenos também era muito delicada. Além da precariedade material, conviviam, diariamente, com a fragilidade da saúde da mãe. Com a figura paterna, não tiveram maiores problemas, afinal, Geraldinho demonstrou ter sido um pai atencioso, responsável e muito calmo para lidar com as mais diferentes situações do cotidiano, com tranquilidade para contornar as situações mesmo nos episódios mais delicados.

O contador de causos dificilmente se exaltava com os pequenos e não se utilizava da violência física nas relações, especialmente naquelas com o núcleo familiar. A humildade, uma característica importante nos contatos estabelecidos e tecidos na comunidade bela-vistense, manifestava-se desde quando estava na condição de um jovem rapaz morador do Aborrecido. A personalidade calma, que o ajudou a resolver os conflitos com muita conversa, demonstrou

ter sido um traço marcante, permanecendo no imaginário e, por isso mesmo, foi reforçada pela maioria das pessoas entrevistadas. Na consideração da senhora Fátima:

> Ele era uma pessoa que os oto tinha hora que falava até alguma coisa pesada pra ele, coitado, mas ele era muito humilde, ele não tinha corage de ofendê ninguém. Assim, ele era uma pessoa que nem daná com nóis (filhos/as) assim, igual eu vejo, não. Ele falava, mais (era) o jeito dele falá.

Uma outra constatação praticamente idêntica pode ser encontrada no relato da senhora Dorvalina: "Igual, cum nóis assim, ele não tinha esse negócio de ficá danando e brigano com os fí não. Ele explicava né? Ele sabia, porque se ele não quisesse que nóis não fizesse um trem, ele explicava tudo assim, mais não danado, brigano não. Ele era uma pessoa muito calma assim". A partir das observações das duas entrevistadas, encontrando ressonância no relato de outras pessoas, percebe-se que Geraldinho, valendo-se dessa personalidade calma, não tinha coragem de ofender ninguém, fosse uma agressão verbal ou física. Muito menos se comportou de um modo diferente na relação com as crianças pequenas, que estavam passando por um momento muito delicado na primeira metade da década de 1940.

Durante a pesquisa de campo, os entrevistados fizeram questão de ressaltar que nunca tiveram a oportunidade de perceber Geraldinho triste ou mesmo nervoso no cotidiano, mas sempre o identificavam com um sorriso no rosto. Segundo a senhora Dorvalina: "A vida toda ele foi engraçado assim". Afirmação idêntica pode ser encontrada na observação do senhor Lino: "Uma pessoa muito alegre. Alegre demais, o ti Gerardim. Era uma pessoa que num tinha tristeza com ele". No mesmo sentido, Roberto afirmou: "Meu pai num tinha tristeza, nem aborrecimento com ele não". Por último, o senhor Altamiro fez uma afirmação que sintetiza todas as anteriores: "Mais, o Gerardim não era muito de sacudi não". Todas as observações sinalizam para um indivíduo alegre que, mesmo diante das adversidades, não lamentava e muito menos demonstrava tristeza.

No entanto, mesmo respeitando todas as considerações apresentadas por amigos/as e familiares, pessoas que conheceram melhor do que ninguém tanto a personalidade quanto o modo de Geraldinho lidar com as adversidades da vida, torna-se difícil imaginar que, nesse contexto do adoecimento e posterior falecimento de Dona Nica, o jovem não tenha se abalado, não tenha se entristecido diante da tragédia familiar que deixou cicatrizes profundas. Depois do falecimento da esposa, provavelmente, foi sacudido pela tristeza da vida, abalado por toda a situação. Na condição de pai solo, cuidando das crianças pequenas, a precariedade que acompanhava a família desde o início do casamento aumentou consideravelmente. Não foram

raros os momentos no qual teve que recusar a oferta de trabalho porque não tinha condições de deixar as crianças sozinhas, comprometendo a própria segurança alimentar.

Provavelmente, Geraldinho ficou nessa situação delicada durante toda a primeira metade da década de 1940. Continuando a residir na região do Barro Amarelo, encontraria uma nova companheira, que marcaria presença por mais de meio século na sua vida. Se, por exemplo, a relação com Dona Nica acabou sendo efêmera, em decorrência do falecimento da esposa, a nova companheira acompanhou-o nas mais diferentes situações, desde aquelas relacionadas às dificuldades do cotidiano, passando pelo sucesso midiático, alcançado durante meados da década de 1980. Ademais, essa mulher, de uma personalidade forte, tornou-se muito influente no cotidiano sociocultural bela-vistense. Chamava-se Joana Bonifácio, no entanto, ficou conhecida popularmente como Dona Pretinha.

2.2 - Uma nova e longeva companheira: Dona Pretinha na vida de Geraldinho

> Hamilton Carneiro: "Mais sô, cê lembra das dez Maria, umas moça que morava lá da otá banda do Aborrecido?" (Geraldinho): "Uai sô, lembro demais. Las fiá do Zeca mais da Joana Tecedera". (Hamilton): "É uai, cê conheceu esa então?". (Geraldinho): "Conheci, e ainda quais que eu fiquei viúvo com uma desa. (Hamilton): "É memo sô?" (Geraldinho): "Memo, foi a Maria Clara, aquela que estoporô rapaiz". (Hamilton): "De vera?. (Geraldinho): "É, e ocê ficô sabeno o que aconteceu com essa turmenta de Maria?" (Hamilton): "Uai, sô, o povo conta as história dela mais ou menos assim, né: "O Zeca tinha dez fia, todas as dez moça sortera, as dez pro nome Maria, todas as dez trabaiadera. A história dessas moças é assim que desenvolve. Maria Clara estoporô, era dez e ficô nove. Aí, a Maria Rita muntô num podro afoito, o arrei dela virô, era nove e ficô oito. Numa tarde de trovoada foi que a Maria Odete, levô um raio na cacunda, era oito e ficô sete. Dessas sete que restaram, a pobre Maria Inês, arranjô um nó nas tripa, era sete e ficô seis. Aí, a Maria da Penha inventô de pô um brinco, deu ferida nas oreia, era seis e ficô cinco. Numa tarde, a Maria Rosa foi buscá lenha no mato, Urutu ofendeu ela, era cinco e ficô quatro. A pobre Maria Izira, no esgotamento do mês, perdeu sangue toda vida, era quatro e ficô três. As três garraram ir no corgo e destamparam a banhá nuas, Maria Chica defruçô, era três e ficô duas. Maria Joana deu frieira, ainda quase que ela apruma, mais subiu pras perna arriba, era duas e ficô uma. Ficô a Maria Arcanjá que padeceu com uma tiriça, não vingô nem a derradeira pra das otá da notícia". (Geraldinho): "Rapaz, então o destino alisô o terrero dos vei?" (risos). (Hamilton): "Acabou com tudo". (Trova: *As dez Maria*[56].

[56] A trova pertence ao primeiro volume do espetáculo *Trova, Prosa e Viola* e está disponível no site de compartilhamento de vídeos *YouTube*; https://www.youtube.com/watch?v=5cIIdwyaFSE.

> Composição de Hamilton Carneiro. Interpretação de Hamilton e Geraldinho).

No final da seção anterior, houve menção ao drama enfrentado por Geraldinho na região do Barro Amarelo durante o contexto da década de 1940, drama gerado pelo falecimento da esposa, Dona Nica. Em decorrência da difícil situação, que exigiu toda uma estratégia para contorná-la, tornou-se o único responsável pelo cuidado das crianças durante alguns anos. Entretanto, a partir de meados da década de 1940 identifica-se uma nova etapa na sua vida, momento no qual "encontrou" uma nova companheira que, entre outras questões, sem adentrar no sentimento amoroso, poderia compartilhar as mais diferentes responsabilidades inerentes ao cotidiano da roça. Entre as responsabilidades, característica de uma sociedade dominada pelo patriarcado, estavam o cuidado e a educação das crianças do primeiro casamento.

As pessoas entrevistadas não conseguiram dimensionar o período exato em que Geraldinho esteve na condição de pai solo. No entanto, Santana (2012) assegura que, tendo passado três anos da morte de Dona Nica, o contador de causos teria começado a se relacionar e, pouco tempo depois, casou-se com a jovem Joana Bonifácio. A nova companheira/esposa ficaria conhecida popularmente como sendo a "famosa" Dona Pretinha. A designação de ter sido famosa, conforme será possível perceber, não se configura somente como uma força de expressão. Sobre o intervalo entre o falecimento de Dona Nica e a nova relação com Dona Pretinha, Santana (2012) menciona que teriam se passado três anos. No campo das hipóteses, possivelmente a afirmação da autora tenha condições de se sustentar.

A senhora Fátima mencionou que, no contexto do casamento, Dona Pretinha era uma jovem de apenas 15 anos de idade[57]. Embora tenha ficado viúvo relativamente novo, quando construiu novos laços amorosos, Geraldinho encontrava-se na condição de um homem adulto, aproximando-se dos 30 anos de idade. A diferença de idade entre o casal aproximava-se dos dez anos. Dona Pretinha nasceu no dia 01 de julho de 1928 e, até aquele momento do casamento, não havia residido em outro lugar a não ser no Barro Amarelo. Observando a consideração de Santana (2012) e a descrição da senhora Fátima, acredita-se que a formação do novo casal tenha acontecido, possivelmente, a partir da metade da década de 1940[58].

---

[57] No tópico anterior, quando houve uma reflexão sobre a condição do casamento na roça goiana, a referência utilizada pautou-se nas análises de Diane Valdez (2003). Na concepção da autora, era considerado um fato comum as mulheres, antes da fase adulta, se casarem. A partir dos 15 anos, começava a existir um certo incômodo da família com o fato de a filha não ter se casado. Não interpretando como uma coincidência, mas uma consequência da estrutura cultural da roça, algumas pessoas entrevistadas mencionaram que Dona Pretinha se casou quando tinha, exatamente, 15 anos de idade.

[58] Pelos motivos apresentados anteriormente, a referência temporal utilizada para o casamento de Geraldinho com Dona Pretinha caminha no sentido de uma data aproximada. A partir dos dados coletados na pesquisa de campo,

Diferentemente de Dona Nica, que as pessoas entrevistadas não tiveram a oportunidade de conhecer, apesar de conseguiram se recordar de algumas histórias e relatos que permaneceram na memória da comunidade, todos os entrevistados fizeram questão de mencionar que conheceram muito bem Dona Pretinha, tendo convivido muitas décadas com ela. Diante de uma relação estreita e longeva, afirmaram, de modo categórico, que conheceram não somente a personalidade, mas acompanharam a maneira como foi construída a relação entre Dona Pretinha e Geraldinho no meio rural bela-vistense. Por terem convivido muitas décadas no mesmo espaço, os entrevistados tiveram condições de apresentar o comportamento adotado por Dona Pretinha com os filhos do primeiro casamento do marido. Na condição de madrasta, entende-se que tanto a relação quanto o cuidado com as crianças passaram por momentos delicados.

Além de terem conhecido de perto a personalidade de Dona Pretinha, as pessoas entrevistadas participaram de inúmeros festejos promovidos na região da Boa Vistinha e do Nuelo. Diante dos folguedos, afirmaram que a companheira de Geraldinho dificilmente perdia um divertimento popular. Seguindo as considerações relativas à personalidade, conjuntamente com as lembranças agradáveis desses folguedos, recordaram, sem muita dificuldade, dos percalços que o casal enfrentou no cotidiano, dificuldades para conseguir sobreviver, pensando na garantia da subsistência alimentar, dentro de uma conjuntura opressora e de muita marginalização para com todas as pessoas pobres da roça goiana.

Essa proximidade entre entrevistados/as e Dona Pretinha tornou-se fundamental para os propósitos desta pesquisa, não somente porque ofereceu condições de entender a importância desta mulher no cotidiano durante parte considerável do século XX, mas porque possibilitou um entendimento sobre a importância que teve na vida e na formação de Geraldinho Nogueira. Sobre essa relevância, o senhor Altamiro mencionou que não teria existido Geraldinho, na condição de um contador de causos, se não tivesse existido Dona Pretinha. A partir da consideração, tem-se uma melhor dimensão da influência exercida no meio social. Um outro detalhe a ser ressaltado é a proximidade das pessoas, que possibilitou ter acesso a muitas fotos que retratam Dona Pretinha exercendo ou participando das mais diferentes atividades no cotidiano. Na sequência, algumas das fotos, gentilmente disponibilizadas por amigos/as e familiares.

---

acredita-se que o casamento tenha acontecido na metade da década de 1940. Foi feita uma consulta ao Cartório da cidade de Bela Vista de Goiás em busca da certidão de casamento, no entanto não houve êxito na tentativa.



Figura 5. Dona Pretinha e Geraldinho na companhia de uma criança.
Fonte: *Álbum de família*. Foto: Meire Ribeiro.



Figura 6. Dona Pretinha, ao lado de Geraldinho, no casamento do filho João Nogueira.
Fonte: *Álbum de família.* Foto: Meire Ribeiro.



Figura 7. Dona Pretinha, acompanhada de Geraldinho, no casamento do filho Divino Bonifácio.
Fonte: *Álbum de família.* Foto: Meire Ribeiro.

As fotos apresentam Dona Pretinha na condição de uma mulher adulta, mãe e avó. Por meio das fotos, não foi possível encontrar nenhuma relacionada ao período da infância, adolescência ou mesmo quando se casou com Geraldinho Nogueira, em meados da década de 1940. No entanto, a partir das fotos inseridas na pesquisa, fica perceptível que Dona Pretinha não tinha uma estatura elevada e era mais baixa do que o marido. De acordo com Lemes (2008), Geraldinho tinha 1,60 cm de altura. Outro detalhe é que dificilmente era vista com o cabelo solto. Quase sempre, ele estava adornado por um lenço branco sobre a cabeça. Na questão da vestimenta, tinha predileção por vestidos, fosse no ambiente doméstico ou mesmo naquelas ocasiões mais especiais. Tinha os olhos castanhos e a cor da pele era morena/negra. Era considerada uma mulher muito bonita por todas as pessoas entrevistadas.

Feita a descrição de algumas características apreendidas na pesquisa de campo, as quais podem ser também verificadas nas fotos inseridas acima, torna-se possível voltar para o contexto do casamento, tendo como espaço de circulação a região do Barro Amarelo. No âmbito da condição socioeconômica, no contexto do casamento, a situação financeira do casal estava caracterizada por inúmeras dificuldades. Conforme mencionado, antes do casamento com Dona Pretinha, Geraldinho tinha ficado viúvo e responsável pelo cuidado dos filhos pequenos. Na condição de esposa, a situação não demonstrava ser nenhum pouco favorável. Havia se casado

jovem e, justamente nessa fase, estava incumbida da responsabilidade de cuidar de crianças muito dependentes.

Pouco tempo depois da união matrimonial, o recém-formado casal lidou com uma tragédia de grande proporção. Um dos filhos do primeiro casamento, Idalino, faleceu com poucos anos de vida[59]. Talvez passe despercebido, mas, em um intervalo curto de tempo, Geraldinho presenciou a doença e o posterior falecimento de Dona Nica, e, logo depois, lidou com o falecimento de um dos filhos. O homem que, nas palavras do senhor Altamiro, não sacudia com nada, indubitavelmente, ficou abalado com mais uma tragédia familiar. Santana (2012) teve a oportunidade de entrevistar Alcídio Nogueira, filho primogênito da relação com Dona Nica. Com base na entrevista, a autora chegou à seguinte conclusão sobre a morte de Idalino: "Ele lembra, inclusive, que, na época, Geraldinho sofreu muito, pois ficava de um lado para o outro buscando cura para os filhos (2012, p. 29". A partir da entrevista constata-se o desconhecimento dos fatores que levou ao falecimento do filho, mas em contrapartida identifica-se o desespero de Geraldinho, que caminhava de um lado para outro, procurando uma solução para o problema de saúde do pequeno Idalino.

Nesse ambiente, caracterizado pelas dificuldades de toda a sorte, a possibilidade de uma assistência médica profissional estava muito distante do horizonte da maioria das pessoas. Impossibilitados de recorrer à medicina convencional ou profissional, procuravam utilizar um valor cultural, transmitido ao longo das gerações, tendo como referência a medicina artesanal. Mobilizando os saberes adquiridos no decorrer da vida, tinham como objetivo solucionar algumas das mazelas que prejudicavam parte considerável dos moradores.

Para inúmeras doenças, o saber artesanal, representado no conhecimento do poder medicinal de ervas e plantas do cerrado, tornou-se fundamental para a garantia da vida, contribuindo na recuperação de inúmeros enfermos ao longo do processo histórico. Entretanto, para outras situações, principalmente para aquelas doenças desconhecidas do cotidiano, enfermidades que escapavam do alcance do saber artesanal, o domínio terapêutico das plantas e das ervas acabou não sendo suficiente. Sobre a relevância do conhecimento da medicina artesanal no cotidiano da roça, com ênfase para as primeiras décadas do século XX, Anzai pondera:

[59] Durante a pesquisa de campo, não foi possível identificar o fator que levou ao falecimento de Idalino. Quando indagadas, as pessoas tinham como justificativa, além do corriqueiro e compreensivo argumento de não serem nascidas no contexto, o fato de que Geraldinho não costumava falar muito do acontecido. Sobre Idalino, há pouquíssima referência. Diante deste fato, durante muito tempo, acreditou-se que, da relação com Dona Nica, o casal tinha tido somente três filhos: Alcídio, José e Bárbara. Somente na penúltima entrevista, realizada com a senhora Fátima, houve menção à existência de Idalino.

> A tarefa de se manter vivos, curando-se dos vários tipos de doenças muitas vezes contraídas devido a má alimentação ou a hábitos deficientes de higiene, cabia aos próprios trabalhadores. Para tanto, eles desenvolveram, segundo os relatos de que dispomos, uma eficiente e sábia medicina popular. Esta medicina, por tratar com questões fundamentais para o ser humano, como a vida e a morte, acabou por imiscuir-se com a religião oficial ou rústica – pois a religião também se ocupava destas questões fundamentais – e, de uma maneira geral, exprime tudo sobre a visão de mundo dos trabalhadores agrícolas da época em estudo (...) As simpatias, a magia, e a religião também cumpriam papel fundamental na eficácia dessa medicina. Toda a aplicação de recursos empíricos ocorria num terreno essencialmente mágico. Na medida em que, para a medicina popular dos trabalhadores de Goiás, as plantas não curavam por causa das substâncias ativas nela contidas, mas principalmente pelas suas virtudes anímicas; para os praticantes, as plantas eram consideradas entidades que possuíam a virtude de curar determinadas doenças. O tratamento obedecia a um ritual no qual eram observados diversos fatores como fases da lua, as estações do ano, etc., e tudo era permeado de um profundo sentimento de religiosidade. Onde eram praticamente desconhecidas as figuras do médico ou do farmacêutico, e conhecidas na prática apenas do raizeiro, do benzedor e da parteira prática, religião e atividades de caráter mágico eram comuns. Juntavam-se, para fins curativos, o conhecimento de produtos da flora e da fauna com orações e benzeduras. As práticas mágicas encontravam-se arraigadas na vida cotidiana (1985, p. 129).

À descrição um pouco mais extensa das considerações de Anzai, sobre o poder das plantas artesanais, assim como a função dos raizeiros, tem uma justificativa. A autora entrelaça duas questões fundamentais, estabelecendo um vínculo entre a medicina artesanal e os valores da roça goiana. Ambas estavam dominadas pelo sentimento da religiosidade. A primeira questão está evidenciada no conhecimento minucioso das plantas e das ervas medicinais, quando o domínio desse conhecimento proporcionou um respeito muito grande para com a figura dos raizeiros. O outro aspecto está mais diretamente associado à crendice popular no catolicismo, para o qual o benzedor se tornou um outro importante agente social dentro do cotidiano. Conforme assegura Anzai (1985), em muitas situações, a figura do benzedor e a do raizeiro convergirão na da mesma pessoa. Reconhecer a importância dos raizeiros, dos curandeiros e dos benzedores foi uma característica marcante, não somente da sociedade goiana, mas da população brasileira de uma forma geral, tendo suas raízes localizadas historicamente. Fazendo referência a Goiás no século XIX, Valdez observa:

> Essas doenças (tuberculose, malária, varíola, sarampo, bócio, sarna, lepra[60]), não poupavam vítimas, uma vez que a cura provinha da própria sorte, pois médico na Província era raro, assim como hospitais para tratamento de tantas e tão graves doenças. O remédio usado contra as moléstias era a fé, sobretudo no

[60] Grifo nosso.

> que se refere ao uso de ervas medicinais, amuletos e rituais contra os maus-espíritos, considerados os responsáveis pelos males. O curandeirismo, bastante difundido para preservar a vida dos bebês, estendia-se a todos sem exceção, pois não era uma questão de preferência, mas, às vezes, a única opção na Província. Os conhecimentos empíricos e a intuição faziam parte do cotidiano até mesmo do médico (2003, p. 31-32).

Se, durante o Oitocentos, a presença dos médicos era uma raridade nas terras goianas, na primeira metade do século XX a situação não demonstrava ser muito diferente. A presença da medicina especializada havia avançado, porém, não de maneira suficiente para atender a demanda de toda a sociedade, ficando restrita às camadas dirigentes. Um outro fator estava na permanência de valores e de costumes de antanho. Nesse espaço sociocultural, com os seus valores e costumes inerentes, o conhecimento da fauna e da flora, a fé nos santos e nas santas do catolicismo popular, assim como a crença nos poderes das garrafadas dos raizeiros e no poder da palavra dos benzedores, permeava o imaginário constituído de um emaranhado de fatores que, na perspectiva dos atores e atrizes sociais envolvidos, reuniria condições de resolver os problemas mais urgentes do dia a dia.

No entanto, quando o conhecimento individual escapava diante de alguma enfermidade, quando a fé nos santos e nas santas do catolicismo parecia ser insuficiente perante uma mazela, os moradores recorriam àqueles agentes especializados na medicina artesanal, voltavam-se aos raizeiros e benzedores de determinada região, acreditando na possibilidade de reverter o quadro, mesmo que o problema de saúde fosse grave. Entretanto, em muitas situações, o poder da medicina artesanal acabava sendo insuficiente para contornar a situação. Quando o senhor Alcídio, em entrevista concedida a Santana (2012), mencionou que, diante do problema de saúde do pequeno Idalino, Geraldinho teria ficado de um lado para o outro, à procura de uma solução para a enfermidade do filho, não resta dúvida de que “de um lado para o outro” está vinculado ao fato de ter procurado aqueles indivíduos da comunidade que reuniam melhores condições de solucionar os problemas de saúde do filho.

Nesse sentido, Geraldinho recorreu aos conhecimentos dos raizeiros e benzedores da região do Barro Amarelo. Na perspectiva de Santana: “Naquela época, eles acreditavam muito nos curadores naturais, e, quando estes não conseguiam curar o paciente, era o mesmo que um médico profissional dizer: “Não há mais chances (2012, p. 78)”. Provavelmente tenha sido esse o diagnóstico do benzedor do Barro Amarelo e adjacências, ao analisar a situação do pequeno Idalino, deixando Geraldinho Nogueira, nas palavras do filho Alcídio, desesperado. Levando em consideração a conjuntura em que viviam os moradores da roça, na primeira metade do século passado, não podendo contar com a assistência médica especializada e tampouco com a

oferta de política pública por parte do estado, a ausência do conhecimento do território e de tudo que nele continha, como plantas e ervas medicinais, poderia ser o elemento fundamental entre a possibilidade da vida e a inevitabilidade da morte.

Percebe-se que a relação umbilical do indivíduo com a terra estava além daquela perspectiva de a terra ser "unicamente" um terreno voltado para o plantio e a colheita dos gêneros alimentícios capazes de garantir a subsistência alimentar. A terra, a partir dessa noção de significados mais abrangente, oferecia outras funções vitais. Entre elas, o poder de curar enfermidades que poderiam vitimar, especialmente, a população mais empobrecida. A terra era o território no qual a vida poderia ser preservada por meio das plantas medicinais, das ervas e das raízes brotadas diretamente do chão. Tanto as ervas quanto as raízes recebiam os cuidados dos raizeiros e dos benzedores, indivíduos especialistas e guardiães do conhecimento da medicina artesanal.

Raizeiros e benzedores que, no decorrer do processo histórico, não mediram esforços para socorrer as inúmeras pessoas que necessitavam dos seus cuidados. Entre os indivíduos que precisavam mais do que nunca do saber tradicional, Geraldinho Nogueira solicitava dos especialistas da medicina artesanal, soluções para a enfermidade do pequeno Idalino. Porém, apesar de toda a disposição e empenho do benzedor do Barro Amarelo, o filho não resistiu às complicações, tendo falecido na década de 1940. Dentro de um espaço curto de tempo, de um pouco mais de duas décadas, Geraldinho lidou com o abandono do pai, com a morte da primeira esposa e com o falecimento de um dos filhos. Acompanhando direta ou indiretamente toda a situação delicada e cada vez mais envolvida com as tragédias familiares que sacudiam o contador de causos, estava Dona Pretinha. Nesse contexto, tratava-se de uma jovem que não havia sequer alcançado a fase adulta.

Convivendo com a precariedade social e com as tragédias familiares, os primeiros anos do casamento não foram nada favoráveis. Os anos e todos os fatores envolvidos demandaram do casal uma capacidade impressionante para contornarem ou tentarem contornar as diferentes situações. Impressionante, porque a vida parecia não colaborar com o jovem casal do Barro Amarelo. Poucos anos depois do falecimento de Idalino, estiveram envoltos em mais uma tragédia familiar. Dessa vez, relacionada a outro filho do primeiro casamento, o pequeno José. Diferentemente de Idalino, "ausente" da memória da maioria das pessoas entrevistadas, com exceção da senhora Fátima, durante a pesquisa de campo, algumas referências foram feitas ao pequeno José, especialmente ao fator que proporcionou o falecimento, ocorrido no final da década de 1940.

Durante a pesquisa de campo, algumas pessoas mencionaram que, no falecimento de José, encontravam-se na condição de crianças pequenas. Diante do fato, alguns afirmaram que não tiveram a oportunidade de conhecê-lo, e outros disseram que não tinham lembrança de José no cotidiano bela-vistense. Um outro detalhe ressaltado foi o de que Geraldinho e Dona Pretinha não residiam na região na qual a maioria dos entrevistados nasceram, cresceram e construíram os laços familiares, a saber, a região da Boa Vistinha. Na ocasião, a família residia no Barro Amarelo. Embora fossem regiões relativamente próximas, o cotidiano da família Nogueira não era objeto de uma atenção maior da comunidade, a não ser em situações muito excepcionais.

A morte de dois filhos, em um intervalo curto de tempo, poderia ser considerada uma questão fora da normalidade, situação mais atípica até mesmo para um universo sociocultural no qual a morte das crianças, em decorrência dos fatores mencionados, como a ausência de assistência médica especializada, a distância do estado na vida da maioria da população, a alimentação precária e insuficiente, entre inúmeros outros fatores, infelizmente, fazia parte da realidade social. No entanto, até mesmo para um conjunto de pessoas que lidavam com esses problemas de perto, as tragédias sucessivas que acometiam Geraldinho Nogueira não passaram despercebidas pelos moradores da região da Boa Vistinha.

A partir da existência de uma memória coletiva sobre a causa da morte de José, utilizando o conceito de Halbwachs (2003), observa-se que, durante a pesquisa de campo, identificou-se um incômodo considerável das pessoas quando o assunto da conversa envolvia uma certa "necessidade" de falar das passagens tristes e trágicas na vida de Geraldinho. Possivelmente, o desconforto estivesse relacionado ao fato de o contador de causos ter sido apresentado, reiteradamente, na condição de um indivíduo "engraçado por natureza". Assim, independentemente da situação, estava sempre sorrindo ou fazendo os outros sorrirem. Diante da constatação, qualquer associação que não transmitisse a ideia de um indivíduo alegre, ou mesmo qualquer referência que não provocasse um riso nas pessoas quando falavam do contador de causos, gerava um perceptível desconforto, já que procuravam levar a conversa para um outro rumo. Quando não "conseguiam", lamentavam por meio de gestos e de olhares. Do amigo, desejavam apresentar, aparentemente, somente as lembranças agradáveis de serem transmitidas.

Diante da insistência da conversa sobre o assunto em questão, o silêncio ou o desejo do silêncio acabou sendo apresentado como resposta, encontrando sustentação em afirmações muito próximas desta: "Disso aí, eu não lembro, eu não era nascido/a". Respostas com esse teor foram apresentadas em diferentes oportunidades. Além do perceptível desconforto identificado quanto tinham que falar sobre a causa da morte dos filhos de Geraldinho, aparentemente, existia

um acordo tácito entre as pessoas para deixar essas tragédias esquecidas. Os indivíduos compreenderam que a melhor maneira de esquecê-las seria não mencioná-las, ignorá-las, como se não tivessem existido. No entanto, o falecimento de Idalino e de José não somente existiu, mas como teve uma capacidade de inserção e permanência grande no imaginário coletivo.

Conforme mencionado, a morte das duas crianças não foi acompanhada *in loco* pelas pessoas entrevistadas. Entretanto, os pais ou os responsáveis tiveram a oportunidade de presenciar essas duas tragédias na vida de Geraldinho. Diante do contato com dois fatos tão relevantes, fica difícil imaginar que as pessoas que vivenciaram ou tiveram conhecimento dessas questões não transmitiram as "histórias" para as gerações vindouras. O desconforto dos entrevistados, ou mesmo a opção pelo silêncio não pode ser compreendida como um sinônimo de desconhecimento dos fatos. Justamente por terem conhecimento e dimensão sobre o quanto Geraldinho sofreu com o falecimento dos filhos, foi sendo construída, intencionalmente ou não, uma memória coletiva subterrânea referente à morte de Idalino e também de José. Para melhor ilustrar o conceito de memória subterrânea, faz-se referência à consideração de Pollak:

> A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos[61], uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (1989, p. 08).

Essa memória coletiva subterrânea esteve relacionada a um passado doloroso, de tragédia, de opressão e violência que os grupos observados por Pollak (1989), judeus, soviéticos e alsacianos estiveram submetidos no contexto da Segunda Guerra Mundial. A força dessa violência foi de tamanha proporção, que a memória do acontecido permaneceu muito forte nas décadas posteriores. Porém, percorreu a memória subterrânea das pessoas diretas ou indiretamente envolvidas nos conflitos, que vivenciaram os horrores da guerra e evitavam falar do acontecido. Tendo no horizonte a memória coletiva subterrânea, percebe-se a existência desta memória no seio da comunidade bela-vistense, visto que os atores sociais preferiram não falar sobre um passado triste, que representava o sofrimento de alguém que, por onde passava, transmitia alegria. Diante do contraste, tendo a percepção dos dramas familiares enfrentados

[61] Os exemplos de Pollak (1989) caminham ao encontro dos judeus prisioneiros de guerra do regime nazista, assim como estão imbricados às memórias subterrâneas dos crimes do regime stalinista. Por último, vincula-se à memória dos alsacianos prisioneiros e obrigados a lutarem ao lado dos nazistas durante a segunda guerra mundial. Por diferentes motivos, causas e circunstâncias os três grupos cultivavam uma memória subterrânea, silenciosa, "transmitida" de geração em geração. Essas memórias, a partir de determinado momento, começaram a ficar mais presente no imaginário social, ocasionando um desconforto nas pessoas, direta ou indiretamente envolvidas, no momento que tinham que trazer à tona a memória dos acontecimentos.

pelo “homem engraçado por natureza”, não suscitar lembranças do acontecido tornou-se uma maneira no qual as pessoas encontraram de construírem no imaginário a ideia de um indivíduo que estava sempre alegre, não sendo abalado pelos dramas familiares.

No entanto, apesar da memória coletiva subterrânea existente na comunidade da Boa Vistinha, ficou perceptível que a vida de Geraldinho não foi permeada somente por momentos de alegria. Na condição de um indivíduo pobre, trabalhador rural despossuído da posse da terra, as dificuldades sociais e os dramas pessoais e familiares sempre estiveram por perto. Na consideração anterior, embora com poucas referências que possibilitam uma melhor compreensão sobres os fatores que culminaram nas mortes de Idalino e de José, percebe-se que, diante das situações, Geraldinho não ficou indiferente. Procurou, desesperadamente, encontrar soluções, utilizando a medicina artesanal, para sanar os problemas de saúde dos filhos.

Na pesquisa de Santana (2012), durante uma entrevista realizada com Alcídio Nogueira, o entrevistado não conseguiu apresentar - talvez, tenha optado por não fazê-lo -, os fatores que teriam ocasionado o falecimento dos irmãos mais novos. Com a entrevista, Santana chega à seguinte conclusão: “Como faz muito tempo e, na época, para qualquer doença era tradição levar os enfermos em ‘curadores naturais’, seu Alcídio, filho sobrevivente de Geraldinho e Sebastiana – não sabe dizer do que os irmãos teriam morrido” (2012, p. 29). No entanto, durante a pesquisa de campo, mesmo com a memória subterrânea circulando, tornou-se possível conversar com pessoas que apresentaram versões sobre o fator que consideravam determinante para a morte de José, com menção especial ao senhor Lino. Recordando fragmentos de histórias que um familiar contava sobre José na região do Barro Amarelo, o entrevistado construiu uma versão, que circula fortemente no imaginário social, sobre a causa do falecimento. Na ocasião, afirmou que a morte teria sido ocasionada por uma indigestão alimentar:

> Morreu novo. Pois é, eu vejo o zoto comentá que parece que deu congestãn nele, né? É, parece que, eu vejo o zoto contá, que ele tinha acabado de comê e precisô dele corrê atráis de um trem lá, de um bicho, que os cachorro tava correno e deu congestãn nele, morreu. Ele deu foi congestãn[62].

Na conversa com *outrem*, a exemplo do senhor Oliveira e do senhor Altamiro, a indigestão alimentar também foi apresentada como a responsável pela morte. No entanto, as

[62] No cotidiano da roça, o problema de indigestão alimentar, da má digestão dos alimentos consumidos, foi e continua sendo compreendido como sinônimo de uma congestão ou “congestãn”. A má digestão dos alimentos consumidos, geralmente, acaba sendo acompanhada de um mal-estar que provoca vômitos, diarreias e outras complicações mais sérias. Dependendo da gravidade, os problemas podem ocasionar a morte do indivíduo.

referências não passaram dessa afirmação. Porém, quando se compara com o falecimento de Idalino, tem-se, pelo menos, uma dimensão da causa da morte de José. Um outro detalhe importante, no contexto do falecimento, é que já tinha alguns anos que Geraldinho Nogueira tinha se casado com Dona Pretinha. Presume-se que, diferentemente de Idalino, tendo falecido quando era uma criança muito pequena, no contexto do falecimento, José fosse uma criança com quase dez anos de idade. Se a hipótese se sustentar, a referência caminha para o final da década de 1940.

No início do tópico, houve menção ao fato de que, para Dona Pretinha, especialmente nos primeiros anos, o casamento estava sendo difícil. Afinal, havia muita responsabilidade a ser compartilhada, principalmente se observadas as condições socioeconômicas presentes no cotidiano, caracterizado pela precariedade social. Havia também a tarefa de cuidar das crianças que o marido trazia do primeiro casamento. Toda a situação exigiu de Dona Pretinha uma responsabilidade impressionante, ainda mais quando se tem a dimensão de que, no início do casamento, não havia sequer alcançado a fase adulta. Dentro do contexto, acompanhou as tragédias familiares envolvendo o esposo, estando representada na morte de dois filhos dentro de um interim muito próximo. Aparentemente, as “brabezas da vida” pareciam querer se impor desde o momento da juventude.

É interessante observar que a formação do novo casal se caracterizou pela união de duas pessoas com personalidades muito distintas. O marido foi apresentado na condição de um indivíduo muito calmo, que “nunca” ficava nervoso, tendo paciência "até demais". Na leitura do senhor Roberto: “Pra falar a verdade, eu nunca vi meu pai nervoso”. Reflexão parecida pode ser localizada na consideração de Justiniano: “Não, não. Pá fala a verdade, eu nunca vi o Gerardim nervoso, nunca. Nunca vi ele nervoso”. De maneira totalmente oposta às referências feitas ao marido, Dona Pretinha foi referenciada na condição de uma mulher de personalidade forte, destemida e “resolvida”, conseguindo contornar os diferentes problemas do cotidiano. Por ter tido uma personalidade forte, demonstrava não ter muita paciência diante de algumas situações, especialmente na relação com as crianças do primeiro casamento do marido, impondo uma “pedagogia do medo na educação dos pequenos”.

No entanto, se na questão da personalidade, identificam-se duas pessoas diferentes, quando a análise envolve a condição de vida dentro da roça goiana percebe-se que a vivência aproximava o casal consideravelmente. No primeiro momento do capítulo, houve referência ao recorte inicial da vida de Geraldinho, caracterizada pelas dificuldades materiais, o que resultou em muito trabalho para a garantia da subsistência alimentar. Um outro fator destacado foi o abandono do pai, o senhor Benedito Policiano. Porém, quando há uma comparação com a

infância de Dona Pretinha, constata-se uma certa semelhança, que iniciou com o abandono do pai logo nos primeiros anos de vida. O distanciamento paterno, diferentemente daquela situação do senhor Benedito, teve como fator preponderante o falecimento da mãe de Dona Pretinha.

Nessa época, no início da década de 1930, quando era uma criança muito pequena, lidou com duas situações delicadas ao mesmo tempo. A primeira esteve representada no falecimento da mãe e, pouco tempo depois, ao abandono da figura paterna. Os acontecimentos, indubitavelmente, deixariam qualquer indivíduo em uma situação delicada, podendo proporcionar uma fragilidade emocional. Porém, a situação adquire um contorno ainda mais dramático quando se tem a dimensão de que os acontecimentos descritos dizem respeito à vida de uma criança. O senhor Moisés trouxe considerações sobre o período da infância de Dona Pretinha. Ao ser indagado se a família materna tinha porções de terra na região do Barro Amarelo, o entrevistado assegurou:

> Não, não tinha nada, porque o meu avô ficou viúvo, laigô ela (Dona Pretinha) pequeno, e arranjô ota muié tamém e mudô prum tal de, como que chama lá o lugar, um tal de Rialma pra lá. Rialma, Ceres. Aí, minha mãe, foi uma tia dela que criô. Morava aqui memo, pertin memo, no Taquari. Meu padrin Delino, mais minha madrina Dica que criô ese. Tudo menino.

De acordo com o relato, quando ficou viúvo, o pai de Dona Pretinha mudou-se para outra região, mais precisamente, para a cidade de Ceres ou Rialma[63], deixando-a juntamente com irmãos/as sob os cuidados do senhor Delino e da senhora Dona Dica. Ela, dez anos mais nova do que o marido, passou por uma experiência de vida parecida no período da infância. No entanto, esteve distante tanto do cuidado materno quanto do paterno, crescendo dentro de um cotidiano no qual os problemas sociais e familiares foram apresentados desde os primeiros anos de vida, de modo que, entre os valores rústicos da roça goiana, o poder do patriarcado esteve presente nas mais diferentes relações, familiares e conjugais. Dona Pretinha encontrou uma

[63] A aparente confusão do entrevistado, quando se referiu à cidade para a qual o pai de Dona Pretinha tinha se mudado, fazendo alusão a cidade de Ceres ou de Rialma, tem uma justificativa. As mencionadas cidades, localizadas na região do Vale do São Patrício, estado de Goiás, surgiram e se desenvolveram no mesmo contexto, tendo como marco temporal o início da década de 1940. Ambas, por motivos distintos, resultaram do projeto de modernização e integração do território idealizado pelo governo de Getúlio Vargas. O projeto em si ficou conhecido como "Marcha para Oeste". A intervenção estatal que deu origem às duas cidades esteve vinculada à Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG). Durante o surgimento dos dois núcleos urbanos e até o presente momento, a única linha divisória que separa os dois núcleos é o caudaloso Rio das Almas. Pelo fato de "nascerem no mesmo momento", terem quase o mesmo tamanho geográfico e uma quantidade de habitantes praticamente idêntica, estando separadas ou unidas apenas pelo Rio das Almas, é muito comum, até os dias atuais, as pessoas confundirem Ceres com Rialma e vice-versa. Em algumas situações, apresentam-nas como se fossem uma única cidade. Sobre as consequências da CANG para o Vale do São Patrício e a formação dos núcleos urbanos supracitados, consultar Denis Castilho (2012).

maneira importante de lidar com as dificuldades impostas pela vida. O modo peculiar encontrou representação na personalidade forte, procurando não levar nenhum desaforo para casa.

Na perspectiva de Martins (2018), o modo de comportamento desses atores e atrizes sociais empobrecidos, representativos dos mais diferentes segmentos sociais e, por isso mesmo, marginalizados pelas camadas dirigentes, desnuda uma maneira muito específica que encontraram tanto para entenderem quanto para se posicionarem de maneira crítica e efetiva diante do mundo a sua volta. Na condição de Dona Pretinha, o modo de ler e se posicionar diante das dificuldades sociais e familiares ficou evidenciado, conforme mencionado, na construção e na consolidação de uma personalidade ímpar no meio rural bela-vistense. Sobre a estratégia traçada pelas pessoas simples, Martins defende o seguinte:

> Como, no tempo miúdo da vida cotidiana, travamos o embate sem certeza nem clareza, pelas conquistas fundamentais do gênero humano; por aquilo que liberta o homem das múltiplas misérias que o fazem pobre de tudo: de condições adequadas de vida, de tempo para si e para os seus, de liberdade, de imaginação, de prazer no trabalho, de criatividade, de alegria e de festa, de compreensão ativa de seu lugar na construção social da realidade (2018, p. 10).

Na perspectiva defendida por Martins (2018), percebe-se que é justamente no tempo miúdo da vida cotidiana que existe o enfrentamento para que o indivíduo encontre condições de conquistar aquilo mais elementar do gênero humano, como a possibilidade de ter uma vida distante da miséria, tanto no âmbito material quanto social e cultural. Uma vida digna como um princípio fundamental a ser alcançado. Em um tempo miúdo da vida cotidiana de Dona Pretinha, aparentar uma personalidade "frágil", estando envolta em um cotidiano sociocultural difícil em todos os sentidos, parecia não ser o melhor caminho de se garantir, parafraseando Martins (2018), as conquistas fundamentais do gênero humano.

Na assertiva de Euclides da Cunha (2002), presente no livro *Os sertões,* os sertanejos empobrecidos de Canudos se caracterizavam pelo fato de serem, antes de tudo, indivíduos fortes. Para a maioria das pessoas, Dona Pretinha ficará na memória da comunidade na condição de uma mulher muito forte, que tinha uma personalidade com os mesmos princípios. Na consideração dos entrevistados, teria sido justamente a personalidade ímpar que teria garantido as condições para se manter ativa e resiliente durante a fase inicial antecedente ao casamento com Geraldinho Nogueira. Consequentemente, ofereceu meios para contornar as dificuldades que apareceram quase instantaneamente depois de consumado o laço matrimonial.

No período da pesquisa de campo, houve muita dificuldade para encontrar maiores

referências sobre o período da infância/adolescência de Dona Pretinha. As principais considerações encontram sustentação no início da década de 1940, momento no qual se casou e passou a residir na região do Barro Amarelo. As pessoas disseram que, geralmente, Dona Pretinha não se sentia muito confortável para falar sobre esse período específico da vida. Porém, sabe-se que teve uma infância extremamente complicada. Diante dos acontecimentos, como o falecimento da mãe e o posterior abandono do pai, acabou ficando com inúmeras responsabilidades. Entre essas, ressalta-se a necessidade do cuidado das atividades domésticas e, principalmente, a responsabilidade de cuidar dos irmãos menores.

Provavelmente influenciado pelas pessoas entrevistadas, que, o "tempo todo", procuravam apresentar Dona Pretinha como uma mulher de uma personalidade forte, marcante e única, compreendida como uma forma de garantia elementar do gênero humano, pautando-me na consideração de Martins (2018), que pareceu estar presente em todas as fotografias de Dona Pretinha, disponíveis nos álbuns de amigos e familiares. Por meio das fotos, identificou-se um traço marcante no rosto, um olhar penetrante, "denunciando", de fato, uma personalidade muito peculiar de alguém que teve uma vida difícil. Porém, apesar da dificuldade, conseguiu se fazer ativa e presente no cotidiano social. Desse modo, possivelmente, a foto da sequência consiga evidenciar, entre outras questões, a característica e a presença de uma mulher muito forte dentro da roça goiana.



Figura 9. Dona Pretinha na companhia de uma criança. Fonte: *Álbum de família*. Foto: Meire Ribeiro.

Essa mulher de um olhar penetrante, de um olhar verdadeiramente forte, apresentada na condição de alguém que tinha uma personalidade ímpar, parece ter construído, nessa personalidade resiliente, uma maneira para lidar, do melhor modo possível, com as dificuldades inerentes à vida da maioria dos moradores e moradoras da roça goiana no decorrer do século passado. Problemas relacionados à carestia alimentícia, à falta de moradia, à ausência de um pedaço de terra para colher os gêneros alimentícios de primeira necessidade e inúmeros outros fatores que estiveram presentes no cotidiano social. Conforme observado, as dificuldades não ficaram restritas às questões materiais, mas foram uma consequência da carestia social, tais como a impossibilidade de oferecer um tratamento médico especializado/adequado diante das enfermidades dos familiares mais próximos.

No primeiro momento, direta ou indiretamente, Dona Pretinha acompanhou os desdobramentos do falecimento de Idalino. Vivenciou de perto a trágica morte de José, tendo falecido quando estava no período da transição da infância para a adolescência. Convivendo e passando por todos esses momentos delicados, depois de mais de uma década de casamento, meados da década de 1950, deparou-se com outra tragédia familiar, dessa vez, relacionada ao falecimento de Bárbara, única filha do primeiro casamento do marido. Diferentemente dos irmãos, que faleceram quando crianças, Bárbara não somente alcançou a fase adulta como construiu laços matrimoniais. Pelo fato de ter vivido mais tempo do que os irmãos, as pessoas entrevistadas não somente tiveram a oportunidade de conhecê-la, mas algumas estabeleceram uma relação de amizade com a filha de Geraldinho.

Desse modo, apresentaram-na como alguém de uma personalidade muito parecida com a da figura paterna, ou seja, uma pessoa simples, humilde, e que dificilmente levava mágoa para casa. Senhor Altamiro descreveu-a da seguinte maneira: “Agora, a Bárbara, essa Bárbara era, da moda do oto, muito humilde, uma pessoa muito humilde”. Pelo fato de ter falecido durante meados da década de 1950, tanto no período da infância quanto no início da fase adulta, Bárbara esteve sob os cuidados de Geraldinho e Dona Pretinha na região do Barro Amarelo, convivendo com a família até o momento do casamento. Algumas pessoas fizeram questão de ressaltar que, em decorrência da personalidade forte da madrasta, tendo se caracterizado por ser uma mulher nervosa, a relação entre Bárbara e Dona Pretinha não tinha sido plenamente harmoniosa. Na concepção de algumas pessoas entrevistadas, a filha de Geraldinho teria passado por situações constrangedoras no ambiente familiar, proporcionando-lhe muito sofrimento.

Esse sofrimento não foi necessariamente no sentido físico, de agressões ou situações parecidas, porém, diante da simplicidade e da humildade de Bárbara, a perspectiva do

sofrimento encontra explicação na questão emocional. Por exemplo, o senhor Altamiro teceu algumas considerações sobre a condição dentro da residência familiar: "Essa eu já lembro já, porque eu era de dento da casa deles. A Bárbara sofria muito com eles. Depois, ela casô pra se vê livre e ficô pió, porque diz que o marido também era muito ruim". Duas situações delicadas foram apresentadas no horizonte de Bárbara: a primeira, caracterizada pela humilhação antes do casamento e, depois de casada, parece ter convivido com um marido influenciado por uma sociedade patriarcal.

Dentro do ambiente doméstico e familiar, Geraldinho costumava cultivar de alguns valores e costumes da roça, como a arte do diálogo, de sentar-se e conversar, fosse com as crianças pequenas ou mesmo com os adolescentes. Característica que não fazia parte dos princípios que Dona Pretinha mais apreciava no cotidiano. Ao apresentar um pouco desta relação não muito harmoniosa entre Dona Pretinha e Bárbara, muito em virtude da personalidade forte da madrasta, não existe o objetivo de produzir um juízo de valor para com o comportamento da companheira de Geraldinho, até porque as atitudes estavam distantes de terem sido excepcionais na relação com as crianças e com os mais jovens.

Entre os valores rústicos da roça goiana, Borges (2016) destaca a "pedagogia do medo", que poderia estar presente na relação entre fazendeiro e empregado, marido e esposa, e entre esses últimos e os filhos. Na "pedagogia do medo", a violência física ou emocional poderia ser facilmente compreendida como uma maneira de "educar" e transmitir valores aos filhos. Com o objetivo de alcançarem esses princípios, compreendidos como fundamentais para uma boa e adequada formação do indivíduo, os pais e responsáveis utilizavam-se de palavras mais ríspidas e, não raramente, da força física para alcançarem o objetivo. Essa última constatação encontra representação nas palmadas e nas chineladas.

Ambas foram compreendidas como formas de "educar" os pequenos. A partir dessa interpretação, foram sendo naturalizadas historicamente e muito bem aceitas pelas pessoas da comunidade[64]. Dona Pretinha cresceu nesse universo sociocultural. Dentro do ambiente, uma relação mais ríspida com um familiar mais jovem, podendo ser os filhos ou *outrem*, geralmente não recebia uma leitura crítica por parte das pessoas diretamente envolvidas na teia dos valores. Na sequência, encontra-se uma descrição minuciosa do Senhor Altamiro. O relato possibilitou entender, ou reforçar, tanto a personalidade marcante de Dona Pretinha quanto à relação

[64]Durante a pesquisa de campo, essa maneira de Dona Pretinha de se relacionar, não somente com os filhos, mas até mesmo com outras crianças da região, não pensando duas vezes na utilização da força física no trato com os pequenos, foi apresentada como uma virtude importante. A naturalização desse comportamento permanece tendo forte inserção até os dias atuais. Desse modo, não foram poucas as pessoas que descreveram essa característica mais intempestiva de Dona Pretinha, de maneira bem-humorada.

estabelecida, em alguns momentos, com os filhos e com as outras crianças e adolescentes do meio rural bela-vistense. De acordo com o entrevistado:

> É, ela batia neles (filhos/as). Ela era uma muié muito braba assim, mais boa demais. Eu sempre falo, não existe Gerardim sem a Pretinha. Uma muié muito trabaiadera, disposta e tudo, mais ela era "doida de tudo", braba. Mais não era dizê que era por causa de sê os fi do Gerardim não, era os fi tudo. Ela era braba com todo mundo. Mais aí, eles fala, igual à Bárbara, parece que era demais, humilhava ela muito, abusava dela, assim por causa dela sê, ela não era boba. Mais, mais humilde. Tem gente que tem recurso pra se defendê, já otos. Então, ela era dessas coitadas, então ela sofreu muito.

O comportamento mais agressivo poderia proporcionar traumas nas pessoas diretamente atingidas. O senhor Altamiro mencionou que Bárbara se sentia humilhada com a rispidez de Dona Pretinha. No intuito de diminuir a humilhação e, também, por ser muito simples e não ter condições de ter um posicionamento mais crítico perante as atitudes da madrasta, resolveu construir laços matrimoniais. Identificam-se, no percurso da jovem, percalços significativos desde a infância. Quando criança, ficou sem os cuidados maternos devido ao falecimento de Dona Nica. No momento em que Geraldinho construiu um novo laço matrimonial, a relação com a madrasta esteve cercada de conflitos. Quando se casou, o marido, aparentemente, estabelecia com ela uma relação orientada pela ótica da cultura patriarcal.

Depois de pouco tempo de casada, quando estava grávida do primeiro filho, um terrível acidente agravou ainda mais a condição da jovem. O triste acontecimento encontra-se enraizado na memória das pessoas entrevistadas. Se o acidente está presente na memória da comunidade, o mesmo não pode ser dito sobre o contexto no qual teria ocorrido. Durante a pesquisa de campo, foram apresentadas diferentes considerações sobre o período, mas, analisando mais detalhadamente os relatos, mesmo que desencontrados e comparando-os com outros depoimentos, torna-se possível presumir que o falecimento ocorreu, provavelmente, no final da década de 1950.

Chegou-se a esse recorte pelo fato de as pessoas entrevistadas, majoritariamente, terem afirmado que conviveram com Bárbara. Tiveram a oportunidade de acompanhar o desenrolar de sua vida, desde o período da adolescência, passando pela fase adulta e alcançado os primeiros anos do casamento. Um último detalhe: no contexto, Geraldinho tinha se mudado do Barro Amarelo e residia na região da Boa Vistinha. O deslocamento pela região é, justamente, o ano de 1957. A partir da contextualização, na sequência, é possível compreender o vetor do acidente e os desdobramentos seguintes. De acordo com o senhor Altamiro:

> (...) Ela (Bárbara) morreu, ela tava ajudano o marido a tirá um boi do quintal, e o boi passô por cima dela e ela morreu dessa pancada que ela tomô. O povo culpa isso, sabe? (...) Um boi atropelou ela, e ela tava grávida. Ela já tava grávida, gravidez bem adiantada, e o boi passô por cima dela, e devido disso ela veio a falecer. Logo depois ela faleceu, e veio a falecer depois disso (...) Já depois de casada (...) Eu acho que com essa passança do boi, a criança vai tê morrido dentro dela, e essa infecção matô ela.

Durante a conversa com alguns familiares de Geraldinho, Santana (2012) chegou à mesma constatação envolvendo o estágio avançado de gravidez de Bárbara, na transição do sexto para o sétimo mês, e o acidente com o boi dentro do quintal. O acidente trouxe inúmeras complicações para a gravidez. A autora identificou que o falecimento ocorreu no momento do parto, tendo sido um parto prematuro. Quando entrevistou Alcídio Nogueira, Santana fez uma síntese das considerações apresentadas: "Só sabe que a irmã Bárbara teve complicações no parto e, ainda no hospital, veio a óbito (2012, p. 29). O trágico acidente que vitimou Bárbara e o filho marcou consideravelmente a comunidade bela-vistense, fazendo com que o acontecido permanecesse na memória das pessoas durante décadas e mais décadas.

Entre os indivíduos impactados, não é difícil imaginar que o trágico acidente deixou marcas profundas em Geraldinho Nogueira. Em um período curto de tempo, teve que lidar, mais uma vez, com um drama familiar, que envolvia o falecimento da filha Bárbara e do primeiro neto. Do casamento com Dona Nica, ocorrido no ano de 1936, tiveram três filhos e uma filha. Porém, em pouco mais de duas décadas, somente o primogênito Alcídio encontrava-se em vida. Idalino e José não chegaram nem sequer a alcançar a fase adulta, e Bárbara foi vítima do terrível acidente apresentado. Em contrapartida, Alcídio conviveu muitos anos com a família, deixando a casa paterna somente depois que construiu laços matrimoniais na região.

Nesse ínterim, Alcídio teve novos irmãos e irmãs que surgiram do casamento entre Geraldinho e Dona Pretinha. Pelo fato de ter sido um casamento muito mais longevo, se comparado ao primeiro, de praticamente meio século, foram sete filhos/as que o casal teve: João Bonifácio da Silva[65], Divino Bonifácio da Silva, Dalva Bonifácio de Oliveira, Benedita de Fátima da Silva, Sebastiana Nogueira Siqueira, Aparecida Bonifácio Nogueira, Sebastião Bonifácio Nogueira. Diferentemente dos filhos e da filha do primeiro casamento, quando três faleceram entre o período da infância e o início da fase adulta, os/as filhos/as do segundo casamento encontram-se todos/as gozando de boa saúde no cotidiano bela-vistense. A título de exemplo, o mais velho, João Nogueira, quando da pesquisa de campo, encontrava-se com 74 anos de idade. O mais novo, Sebastião Nogueira, estava com 50 anos. Os demais transitavam

[65] João Bonifácio é o primeiro dos filhos da união matrimonial. Conhecido popularmente como João Nogueira.

nessa faixa etária, entre 50 e 70 anos de idade.

Dos sete, apenas duas filhas residiam na cidade de Bela Vista de Goiás. Os demais estavam localizados no meio rural do município. Alguns eram proprietários de pequenas porções de terra. Na condição de agricultores/as familiares, as principais atividades desenvolvidas nas pequenas propriedades estavam ligadas ao cultivo dos gêneros alimentícios de primeira necessidade. Entre os gêneros, destaca-se o plantio do milho e, em menor proporção, o cultivo do arroz. Ainda na atividade da agricultura familiar, uma das filhas trabalhava diretamente na ordenha de vacas leiteiras, comercializando o excedente da produção com um laticínio de pequeno porte existente na região. Durante parte considerável da vida, trabalharam como lavradores, agregados e meeiros no meio rural, vendendo a força de trabalho para alguns fazendeiros locais.

Na sequência, são apresentadas fotos de dois filhos e de duas filhas de Geraldinho e de Dona Pretinha, que foram tiradas durante a pesquisa de campo. Três delas estão relacionadas ao meio rural, já que foram tiradas na propriedade de uma filha e de um filho do casal. As propriedades estão muito próximas uma da outra, fazendo, como dizem, a divisa. A outra foi tirada durante uma das visitas ao espaço urbano. No entanto, de uma forma geral, no contexto contemporâneo, cinco filhos/as continuam residindo no meio rural e duas no espaço urbano.



Figura 9. João Nogueira, de camisa laranja, e o irmão Divino Bonifácio[67]. Foto: Meire Ribeiro.



Figura **10.** Benedita[66]. Foto: Meire Ribeiro.

[66] Benedita Silva posando para uma foto em sua residência, localizada na cidade de Bela Vista de Goiás.
[67] João Nogueira e Divino Bonifácio na casa da pequena propriedade rural.



Figura 11. Dalva Bonifácio e o esposo Afonso Oliveira[68].
Foto: Meire Ribeiro.

Na continuidade da pesquisa, haverá condições de compreender que Geraldinho e Dona Pretinha não mediram esforços para cuidar dos/as filhos/as. Embora a quantidade estivesse de acordo com os valores da roça, em que as relações matrimoniais geralmente resultavam em um número expressivo de descendentes, o quantitativo não pode ser considerado pequeno. Levando em consideração a existência de Bárbara e Alcídio, filha e filho do primeiro casamento, que conseguiram sobreviver ao período delicado da infância/adolescência na década de 1940, o casal ficou com a responsabilidade de cuidar de nove crianças/adolescentes, ao todo. Embora tivessem uma diferença de idade significativa, quando cada um/a procurava contribuir da melhor maneira possível com a dieta alimentar, percebe-se que a garantia dos alimentos dependia de muito esforço, não somente pelo expressivo número de pessoas, mas pelas condições adversas que se encontravam na primeira metade do século passado.

Diante de todas as circunstâncias, não faltou esforço do casal, ao dedicar-se ao trabalho ao longo de suas vidas, tendo iniciado nessa teia laboral ainda muito jovem. Procuraram, a partir do esforço apresentado, garantir as mínimas condições de sobrevivência para as crianças e os adolescentes. Quando foi apresentada um pouco da condição de vida de Dona Nica, um dos valores mais presentes na memória das pessoas esteve no fato de relatarem-na como tendo sido uma mulher muito trabalhadora. Leitura parecida pode ser percebida no momento que se

[68] Dalva Bonifácio, acompanhada do esposo, ao lado da antiga casa pertencente a pequena propriedade familiar.

referiram à Dona Pretinha, apresentada como uma mulher de personalidade forte e, mais do que isso, voltada para o trabalho, desempenhando as mais diferentes atividades dentro da roça.

Na teia do trabalho, Dona Pretinha desempenhou o ofício de lavadeira, costureira e fiandeira. Em inúmeras oportunidades, trabalhou no plantio, no cuidado e no cultivo dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, víveres fundamentais na garantia alimentar. Sobre o ofício de lavanderia e costureira, o senhor Altamiro fez a seguinte observação: "Aí, a mulher dele lavava ropa pra mim, passava, costurava, era uma ótima costurera". Na mesma esteira, ampliando um pouco mais a capacidade de circulação de Dona Pretinha no cotidiano bela-vistense, o senhor Oliveira mencionou: "(...) a muié dele (Geraldinho), sempre muito trabaiadera né, ajudano ele". Não resta dúvida de que, dentro da roça goiana, a contribuição de Dona Pretinha, envolvida nos mais diferentes tipos de ofício, tornou-se um elemento fundamental para que as inúmeras dificuldades fossem amenizadas.

Além desse envolvimento com as atividades laborais da casa e do terreiro, da organização e do envolvimento com o próprio trabalho no cuidado dos gêneros alimentícios, Dona Pretinha teve uma ligação muito forte com o universo da vastidão cultural do marido, participando ativamente das festividades populares promovidas no meio rural. Entre as atividades, destacam-se os bailes dançantes, a Folia de Reis e os encontros da Catira. Teve um envolvimento marcante nos mutirões de fiar e, não muito raro, diante desses encontros coletivos, demonstrava uma qualidade vocal impressionante, cantando modas de viola caipira que circulavam no cotidiano durante a segunda metade do século XX.

A senhora Madalena lembrou-se, de maneira emocionada, da presença marcante de Dona Pretinha nas atividades coletivas. Na ocasião, afirmou que, se a companheira de Geraldinho estivesse viva, poderia contribuir no resgate de muitas músicas que circulavam no dia a dia da comunidade, músicas cantadas nos mutirões das fiandeiras e das tecedeiras. Um outro ponto a ser ressaltado está no fato de que, com frequência, cantava nas rodas de viola, especialmente quando conseguiam reunir familiares e os amigos mais próximos. Sobre toda a contribuição de Dona Pretinha no fomento artístico e cultural do meio rural, a senhora Madalena fez o seguinte comentário:

> (...) a Dona Pretinha, talvez se fosse no tempo de hoje assim, se explorasse ela, com certeza ela sabia muita música, porque ela gostava de música, de cantá, esses treim, né? Então, as veiz ela sabia muito, né? (...) Mais ela gostava muito de festa, gostava muito de música, de dança, né? Gostava demais de festá. Ela era animadona com festa, né? (...) Ah, ela tinha uma voz boa, né? Ah, ela cantava em mutirão. Mutirão de fiá, ela era fiadera. Isso eu lembro dela cantá. Ela cantava música caipira, é, isso eu lembro dela cantá.

Se, em questão da personalidade, as pessoas apresentaram uma diferença considerável entre Geraldinho e Dona Pretinha, quando o primeiro aparece no imaginário na condição de uma pessoa muito tranquila, e que dificilmente ficava nervoso, a leitura voltada para Dona Pretinha apresentou-a na condição de uma mulher de personalidade forte, no qual, diante de qualquer eventualidade, poderia perder facilmente a paciência com os/as filhos/as e com o próprio marido. No entanto, se, em relação à personalidade, percebe-se uma diferença considerável, quando o assunto era o aspecto da vastidão cultural, no fomento dos valores culturais, rapidamente, constata-se que o casal tinha um entendimento considerável. Geraldinho e Dona Pretinha gostavam das festas, apreciavam os folguedos e se envolviam diretamente com esses festejos, dançando e promovendo as cantorias na maioria dos encontros.

Em um espaço mais reservado, quando reuniam somente os filhos e as filhas em torno do fogão de lenha, Dona Pretinha também soltava a voz, acompanhando o marido nas cantorias promovidas no ambiente familiar. Nas palavras do senhor Roberto: "Até minha mãe cantava quele. Lá nóis fazia a cantoria só nóis lá em casa (risos). Cantava, minha mãe fazia qualqué voiz, segunda, terceira, é". Trazer essas considerações de caráter mais festivo e cultural para a pesquisa torna-se um fator importante, primeiramente, porque possibilita compreender um pouco mais do envolvimento de Dona Pretinha na vastidão cultural, encontrando representação nos folguedos; casamentos, bailes dançantes, mutirões promovidos pelas fiandeiras, entre outros. Também oferece condições de uma breve dimensão de como o universo vivenciado, no âmbito da comunidade, no espaço mais restrito da casa e nas relações familiares, valorizou as mais diferentes manifestações culturais. Sabe-se que a prática de contar causos tornou-se o valor mais representativo, porém esteve distante de ser o único.

No cotidiano dos moradores da roça, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, percebe-se que a vida não esteve marcada somente pela prática constante do trabalho. Não resta dúvida de que os afazeres diários, impulsionados pelas dificuldades sociais/materiais, ocuparam a maioria do tempo. No entanto, mesmo assim, e, talvez, por isso mesmo, encontraram frestas, meios e formas para se divertirem e oferecerem momentos de diversão, conseguindo retirar, mesmo momentaneamente, um pouco da dureza da vida por meio da teia da diversão, por meio das festas, dos bailes e das cantorias populares. Dona Pretinha, apresentada enquanto uma mulher que gostava de cantar, fosse no "espaço público", no mutirão das fiandeiras, ou mesmo no espaço privado, como em reuniões dos/as filhos/as, não recusando uma boa dança, teve um papel importante no esmorecimento das dificuldades sociais, interferindo diretamente na estrutura opressiva que parte considerável das pessoas estiveram submetidas. No âmbito da interferência, principalmente das camadas oprimidas, Levi acrescenta:

> Parece-me que assim evitamos abordar a realidade histórica a partir de um esquema único de ações e reações, mostrando ao contrário, que a repartição desigual do poder, por maior e mais coercitiva que seja, sempre deixa margem para alguma manobra para os dominados; estes podem então impor aos dominantes mudanças nada desprezíveis (2006, p. 180).

A tese do poder coercitivo deixando uma margem, uma fresta e, por isso mesmo, não conseguindo ocupar todos os espaços, oferecendo condições para que os dominados consigam implementar manobras e transformações perceptíveis na realidade social. Essa perspectiva apresentada por Giovanni Levi (2016) tem um valor fundamental, evidenciando que a coerção, quase sempre, não se demonstra como um elemento total. Se existe uma constatação de que a coerção dos setores dominantes tem limites, isso se deve ao fato de ter existido, por parte das camadas oprimidas, tais como os atores da roça goiana, trabalhadores e trabalhadoras rurais empobrecidos, uma capacidade impressionante de resiliência. Nesse sentido, encontraram meios de manobrar e de interferir no cotidiano social por meio das práticas coletivas, dos valores culturais e das manifestações populares inerentes ao meio.

Embora os objetivos da presente pesquisa estejam voltados para uma apresentação reflexiva sobre a trajetória de vida de Geraldinho antes do sucesso midiático, percebe-se que não esteve sozinho na valorização das manifestações culturais. O tempo todo foi acompanhado por pessoas que procuraram fomentar essas mesmas manifestações no meio rural bela-vistense. Imersa em um conjunto ativo e participativo, identifica-se toda a relevância de Dona Pretinha no processo de intromissão, manobrando artisticamente, em um espaço sociocultural caracterizado pelas mais diferentes dificuldades sociais/materiais. Dona Pretinha, mulher de uma personalidade forte, conseguiu ser, ao mesmo tempo, aquela que dançou, cantou e animou os mutirões e outras festividades com as modas de viola caipira.

Dona Pretinha, tendo nascido na região do Barro Amarelo no final da década de 1920, passou a estar presente, de maneira mais efetiva, no cotidiano de Geraldinho a partir de meados da década de 1940, ou seja, pouco tempo depois do falecimento de Dona Nica. O casal construiu uma relação longeva, que chegou ao fim somente no ano de 1993, marcado pelo falecimento do contador de causos. Por terem construído um casamento longevo, de praticamente meio século, Dona Pretinha vivenciou, ao lado do marido, todas as dificuldades que uma família pobre dentro da roça goiana poderia experienciar no transcorrer do século passado. Não somente acompanhou, mas também foi vítima da exploração dos grandes fazendeiros.

Presenciou a falta de alimentos na mesa, a possibilidade da fome tornando-se real no dia a dia, vivenciou o drama de morar sob a proteção de uma lona plástica durante parte

considerável de tempo, entre inúmeros outros problemas inerentes aos despossuídos da terra. Porém, acompanhou e participou, ativamente, do sonho de parte considerável da população despossuída, a saber, de ter um pedaço de terra para chamar de seu. No mesmo sentido, teve a oportunidade de ver o sonho realizado e, a partir desse momento, de garantir a dieta alimentar com mais fartura. Por último, acompanhou o início e o auge do sucesso midiático do marido no programa *Frutos da Terra*, assim como o esmorecimento desse êxito, que se deu com o falecimento dele, afinal, foram praticamente cinquenta anos de união matrimonial. Ao longo desse considerável período, o casal passou por muitas "coisas".

Quando se observa mais detalhadamente a atuação de Dona Pretinha no meio rural bela-vistense, tem-se melhores condições de compreender o sentido da afirmação do senhor Altamiro. Na ocasião, mencionou que não existiria Geraldinho se não houvesse existido Dona Pretinha. A afirmação tem muita relevância para os propósitos desta pesquisa, principalmente porque não considera a trajetória de vida por meio de uma leitura focada no individual. De modo similar, a consideração do entrevistado, atribuindo uma relevância grande à Dona Pretinha, pode ser encontrada na pesquisa de Santana (2012), que também faz referências de valorização acerca da companheira do contador de causos: "Foi uma história longa e bonita, com dificuldades, mas cheia de alegrias. Como dizem os amigos do casal, "eles se atraíam". Ficou um pouco de cada um no outro (2012, p. 37). Existe uma sinalização de um casamento longevo, que não esteve caracterizado somente pelos problemas sociais, mas também por inúmeros momentos de alegria.

Os momentos menos dramáticos podem ser considerados, a partir da orientação de Levi (2008), como uma forma que os empobrecidos da roça goiana encontraram para enfrentar os ditames coercitivos da elite agrária. A respeito de Dona Pretinha, é importante considerar que o seu valor não se resume ao fato de ter sido casada com Geraldinho por praticamente meio século. A constatação sobre a união matrimonial tem uma importância considerável. No entanto, Dona Pretinha, a mulher "braba" e forte do cotidiano, teve, indubitavelmente, luz própria. A força deste brilho foi de tamanha proporção que conseguiu marcar tanto a memória quanto o imaginário das pessoas entrevistadas. Por meio de um pequeno esboço sobre a sua trajetória de vida, entre outras questões, torna-se possível ampliar o olhar para identificar um pouco das dores, angústias e das dificuldades que muitas mulheres pobres da roça experienciaram no transcorrer do século passado. Entretanto, como consequência da vida difícil, percebe-se toda a capacidade de resiliência, toda a força dessas mulheres dentro de um contexto caracterizado pela miséria social e pelo poder do patriarcado.

Diferentemente de Geraldinho Nogueira, falecido no ano de 1993, Dona Pretinha faleceu dentro de um recorte recente, tendo vindo a óbito no ano de 2011. Diante do falecimento do marido, a pequena porção de terra na região do Nuelo[69] foi repartida entre os sete filhos/as do casal, e com o primogênito do primeiro casamento, Alcídio Nogueira. Em decorrência da redistribuição ocasionada pela herança familiar, restou uma pequena parte da propriedade para Dona Pretinha. Com o passar dos anos, as porções de terra dos filhos, aproximadamente, um alqueire para cada um, foram sendo vendidas gradativamente para outras pessoas da região. Diante da comercialização das porções operada pelos filhos, a mulher que, durante uma vida, sempre esteve rodeada pela numerosa família, foi se vendo cada vez mais solitária na porção de terra que ficou sob a sua posse.

Dona Pretinha enfrentou a distância maior dos filhos, e no início dos anos 2000 teve um problema grave, a saber, o mal de Alzheimer. A doença comprometeu seriamente a sua memória. Como consequência da enfermidade, nos últimos anos de vida, começou a ter muita dificuldade para se lembrar dos fatos acontecidos, encontrando obstáculos para reconhecer, até mesmo, os familiares mais próximos. Além da perda gradativa da memória, a doença provocou dificuldades de orientação sobre o tempo e o espaço, necessitando de um cuidado especial por parte das pessoas da família. Demonstrando preocupação com o estado de saúde da mãe, ainda mais residindo solitariamente na região do Nuelo, os filhos resolveram levá-la para o espaço urbano, mais precisamente, para a cidade de Bela Vista de Goiás[70]. Tinham como objetivo acompanhar e cuidar mais de perto de Dona Pretinha, priorizando o acompanhamento da assistência médica especializada. Afinal, na primeira década do século XXI, toda aquela relevância atribuída aos raizeiros, curandeiros e aos benzedores havia diminuído sensivelmente em todo o estado de Goiás, situação não muito diferente na região bela-vistense.

No livro *Plantar, colher, comer*, Brandão (1981) analisa algumas transformações do campesinato goiano a partir da década de 1970, atentando-se para a região de Mossâmedes-GO. O antropólogo teve a oportunidade de acompanhar *in loco* as dificuldades vivenciadas pelos camponeses, ocasionada pelo processo de modernização do campo, resultando, entre outros fatores, na forte migração de pessoas do meio rural para o espaço urbano. Em decorrência do rápido avanço da modernização no contexto da década de 1970, houve um processo de expulsão do homem e da mulher do meio rural para a cidade de Mossâmedes-GO. Os camponeses

[69] Embora o tema da propriedade não tenha sido abordado na pesquisa, convém ressaltar que, no início da década de 1970, a família Nogueira tornou-se proprietária de uma pequena porção de terra na região do Nuelo.

[70] Conforme será possível perceber, não se tratava da primeira vez que Dona Pretinha residiria na cidade. Esteve na mesma situação na metade do século passado. Porém, nessa ocasião, além de ter sido uma estadia muito mais duradoura do que a primeira, seria a última.

migrantes tiveram, na leitura de Brandão (1981), dificuldades de adaptação no espaço urbano.

Outros pesquisadores, a exemplo de Castro (2010), fazem uma leitura atenta sobre as consequências do avanço da modernização no campo e na vida dos trabalhadores rurais. De acordo com a autora: "Entretanto, a modernização chegou rápida ao campo, impondo não apenas novas considerações sobre o mundo ao retirar o isolamento como impôs novas formas de relações entre os próprios habitantes do meio rural, curiosos em descobrir a chegada das novas tecnologias (2010, p. 81)". Se, na perspectiva da autora, no próprio convívio social da roça os elementos modernos, a partir das novidades proporcionadas, tiveram um impacto considerável na vida das pessoas, modificando as relações sociais, entende-se que, quando os trabalhadores tiveram que migrar para os espaços urbanos, as transformações no cotidiano foram ainda mais intensas, trazendo inúmeras implicações.

Brandão (1981) e Castro (2010) sinalizam as dificuldades de adaptação na questão da moradia, nas relações sociais, na ausência de contato com os recursos naturais que antes estavam disponíveis no meio rural, na privação do espaço de circulação das pessoas pelo fato de passarem a viver em pequenos lotes, entre outros fatores que modificaram o cotidiano. Em virtude do processo de migração, da mudança para o espaço urbano, uma nova realidade social descortinava-se para esses indivíduos. A conjuntura em si exigia uma capacidade de adaptação ao novo espaço sociocultural, a uma nova realidade socioeconômica, às novas relações sociais e modos de garantia da subsistência alimentar. Demanda de adaptação que, em algumas circunstâncias, escapava às condições de muitos dos atores e atrizes sociais, indivíduos que passaram a enfrentar dificuldades de sociabilidade no novo espaço ocupado.

A dificuldade de se adaptar ao novo espaço, ao novo ambiente de moradia, às novas relações sociais que caracterizavam a vida dos camponeses da região de Mossâmedes, e em outras partes do estado a partir da década de 1970, guardadas todas as proporções, se manifestou na mudança de Dona Pretinha para a cidade nos anos finais de sua vida. Ela era acostumada aos valores e costumes da roça, como o hábito de levantar cedo e debulhar o milho para as galinhas no terreiro da casa, alimentar os porcos no início da manhã, cuidar das hortaliças, envolver-se na lide do trabalho na lavoura, quando necessário, percorrer a pequena propriedade em busca de frutos naturais do cerrado, entre esses, o pequi, recolher as mangas para o consumo próprio[71] (o pé da mangueira ficava bem pertinho da residência), ficar brava com os cachorros que não respeitavam a limpeza da casa, entrando e saindo do recinto o tempo todo, entre tantos outros

[71] Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de visitar a antiga propriedade rural da família Nogueira. Nesse sentido, a paisagem apresentada, com os pés de pequi, a mangueira muito próxima da residência familiar, os resquícios de uma antiga horta ao lado da casa, e assim por diante, foram identificados durante a visita.

fatores inerentes à paisagem. Tudo isso fez muita falta para Dona Pretinha quando foi levada para o espaço urbano.

Quando existe o entendimento de que, ao longo do processo histórico, se caracterizou por ser uma mulher independente, forte, procurando contornar os principais problemas do cotidiano por conta própria, contrasta-se uma condição muito diferente nesta etapa final da vida. Nesse estágio, ocasionado pelo frágil estado de saúde, ficou totalmente dependente dos cuidados de uma das filhas, impossibilitada de ter a necessária autonomia que tanto valorizava no meio rural. O mal de Alzheimer, com o passar do tempo, intensificou-se ainda mais, deixando Dona Pretinha muito debilitada. Toda essa junção de fatores, como a mudança para a cidade, a dificuldade de adaptação ao novo espaço e o agravamento de seu estado de saúde, foram sendo apresentados pelas pessoas entrevistadas como os fatores preponderantes para a diminuição da expectativa de vida.

Entre os entrevistados, quem melhor sintetizou o agravamento da doença e, consequentemente, a total dependência de Dona Pretinha dos cuidados familiares, foi o senhor Moisés. Na ocasião, fez uma sucinta constatação: "Só foi ir pra cidade, ela mudô". No parágrafo anterior, ficou perceptível que a mudança do espaço rural para o urbano, no horizonte dos moradores da roça, estava distante de significar somente a transferência para uma nova localidade. O deslocamento proporcionava uma alteração significativa nos valores e nos costumes das pessoas, demandando uma enorme capacidade de adaptação. Esse fator, conforme observado, escapava a um número não desprezível de pessoas. Sobre a dificuldade de adaptação na nova residência, mesmo sob todos os cuidados de uma das filhas, o senhor Roberto observou:

> "Ela já foi invocano, falano que queria ir embora. "Não, mais a senhora mora aqui, fica perto do povo". Comigo ela nunca caducô[72]. Ela ficava lá com as menina, aí sempre as menina falava que ela tava caduca. No fim da vida, se ocê fô pra lá (cidade) não costuma fáci. É, estranha".

Durante a pesquisa de campo, ficou perceptível que, além de todos os problemas mencionados pelo senhor Roberto, como a adaptação ao espaço urbano e a dificuldade ocasionada pelo Mal de Alzheimer, já tinha algum tempo que Dona Pretinha convivia com sérios problemas cardíacos. O problema se apresentava tão grave, que, frequentemente, era necessário realizar um acompanhamento especializado, com um médico cardiologista. A complicação no coração foi a principal responsável pelo falecimento de Dona Pretinha, no ano

[72] No cotidiano da roça, a ideia de um indivíduo "caduco" esteve associada às pessoas que, por diferentes motivos, perdiam totalmente ou, em parte, a capacidade de memória e de responder por seus atos. Nessa circunstância, uma pessoa "caduca" seria sinônimo de alguém com pouca memória, ou seja, uma pessoa esquecida.

de 2011, quando teve uma parada cardíaca, no trajeto entre o Hospital público de Bela Vista e um núcleo de saúde específico na cidade de Goiânia. Na ocasião, os familiares acreditavam na necessidade de a matriarca ter um acompanhamento mais especializado. Durante as entrevistas com os familiares que acompanharam atentamente a delicada situação, Santana (2012) descreveu com muita propriedade a causa da morte:

> Em 2011, ela estava internada em Bela Vista de Goiás, com a saúde crítica e vários problemas no coração e no pulmão. Os médicos fizeram o encaminhamento para que ela fosse para uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) em Goiânia. Porém, na hora de entrar na ambulância, já dependendo de aparelhos respiratórios, dona Joana teve uma parada cardíaca. Os médicos tentaram reanimá-la, o que foi em vão. A segunda esposa de Geraldinho veio, então, a óbito (2012, p. 37).

Durante a pesquisa de campo, houve uma certa dificuldade dos familiares e amigos mais próximos de identificar o ano exato do falecimento de Dona Pretinha. Um outro fator que chamou a atenção foi o de que, embora Santana (2012) tenha descrito os problemas cardíaco e pulmonar como os grandes responsáveis pelo óbito, especialmente o primeiro, a maioria das pessoas não souberam precisar qual teria sido o problema de saúde que teria ocasionado, verdadeiramente, o falecimento. Alguns familiares acreditam, até os dias atuais, que a única explicação para o falecimento estaria condicionada à própria idade, causada por fatores naturais, principalmente quando faziam referência ao fato de ela ter falecido com mais de 80 anos. Dona Pretinha nasceu em 1928 e faleceu em 2011, na época, estava com 83 anos.

A leitura alusiva às causas naturais da morte esteve presente em duas afirmações, iniciando pelo senhor Moisés: “Aquilo é do janeiro memo, a pessoa vai enfraqueceno e... (morre”). Uma leitura parecida é feita pelo senhor Roberto: “Eu também não sei contá a causa da morte da minha mãe. É, a idade vai chegano e a doença vai apareceno. Ela tava bem, morreu por causa de veiça memo (risos)”. Diferentemente desses depoimentos mais conformados, que compreendem o falecimento como uma consequência das causas naturais, reflexo do avanço da idade, a senhora Fátima fez uma descrição mais longeva e, ao mesmo tempo, muito mais inconformada com relação ao falecimento de Dona Pretinha:

> Oia, esse aí é um trem duvidoso, porque até hoje eu não concordo com a morte dela, eu nem sei o que eles colocaram no laudo, porque fazia tempo que ela fazia tratamento com um cardiologista em Goiânia. Mais tinha muitos ano, sempre nóis levava ela lá. (Cardiologista): “Não, tá beleza”. Aí, ela morava aqui comigo, já tava, morava aqui comigo, já tava com mal de Alzheimer né, dava muito trabalho pra mim aí. Mais, eu sempre cuidano dela, porque os oto tudo tinha afazer, e eu ficava mais quieto em casa né? Então eu cuidei dela. Aí, eu tava aqui mais ela, e minha menina chegou aqui, e ela tava passano a

> mão assim, mais ela tinha isso, ela pegava essa veia[73]e ficava passano a mão assim, e esfregava e a gente perguntava ela: "Tá doendo mamãe?" "Não". Aí, a minha menina chegô e falô assim: "Mãe, a vovó tá esfregano assim, vamô levá ela no hospital pra medi a pressão dela?" Porque ela tinha pressão alta, né. Quando ela tava comigo, eu dava os remedim tudo direitim Aí eu falei: "Não, não precisa não, isso aí é costume dela, ela faiz isso direto. Só eu colocá ela sentadinha no canto, ela começa a esfregá". "Mais eu tô de carro, vamo levá". Ela forte, gorda, boa pra cumê. A gente não tinha ideia, né? Nóis andano e conversano, aquela conversa esquisita. Falei: "Ah, então vamo". Eu falei: "Mamãe, nóis vai levá a senhora pra medi pressão". E aí peguei ela, e nóis saiu, quando nóis chega no Hospital ali, a Mônica[74] falô: "Nóis trouxe a vovô aqui pra medi à pressão". A menina que tava atendeno lá já vem assim, e o Doutor Luciano falô assim: "Se ocêis pudé, pro fundo". Pra porta do fundo, né. Aí nóis rudiô, aí nóis entrô e aí combinô, que uma iá fazê a ficha enquanto outra cuida dela aqui. E entrô com um balão de oxigênio pra colocá nela. Aí eu falei: "Dotô, nóis trouxe a mamãe aqui pra medi a pressão, ela não tá sentino mais nada, não tá com falta de ar. Mais aí, ele colocô, e aí eu achei estranho aquilo, porque nóis tinha levado ela pra medi a pressão. E ela ficô deitada lá com esse balão, e eu fiquei preocupada. Nisso, entrô um infermero, e eu fui e falei pra ela: "Esse balão aqui não precisa disso não, a mamãe tava boa. Aí ela falô: "Peraí, vou vê com ele[75]". Só que aí não deixô ela vim, disse que tinha que interná ela, mais ela não tá sentino nada. Aí nóis voltô pensano, com ela no Hospital. E aí, no outro dia, eu fui, mais as menina não deixava eu ficá lá com ela, porque tinha que levá ela no banheiro, e os menino era bem mais forte que eu, né? Aí cedo, eu cheguei lá com os remédio de pressão pra ela tomá, porque tinha muitos anos que ela tomava, né? Do coração. Aí o Dotor Tiago[76] tava no meu quarto, aí eu fui e falei: "Dotor, eu trouxe o remédio dela de pressão que ela toma tem muitos ano. Ele pegô os remédio e ainda fez o desaforo, jogou os remédio numa cama vazia e falô: "Esses remédio tá matano ela". Falô desse jeito pra mim. E aí, ela já não teve mais força de andá. E aí, ficô, e disse que era o coração. Falei: "O coração não é". Aí, com muito pesar, eles deixaram eu levá ela no cardiologista dela. Chego lá em Goiânia, eles fez os exame nela, passô os remédio e falô: "Não, não é o coração dela não. É, o coração dela tá ótimo. Não é o coração, oceis pode caçá oto recurso que é ota coisa". Aí voltô, ela conversano. Mais andá, ela já não andava, tava desorientada. Se facilitasse, ela fugia pra rua. Quando foi no oto dia, ela já não falô. Aí, foi três dia. E aí, eu até hoje não sei o que eles puseram no laudo.

Ao acompanhar o extenso e, ao mesmo tempo, importante relato da senhora Fátima, identifica-se um inconformismo grande com toda a situação, inquietação perceptível quando alega, em diferentes oportunidades, que a mãe estava bem de saúde quando resolveu levá-la até o hospital público da cidade de Bela Vista de Goiás. Na ocasião, suspeitavam de uma leve queda na pressão. Porém, depois da visita e das orientações médicas, a situação teria se agravado consideravelmente. Apesar do inconformismo, no relato, fica perceptível que Dona Pretinha enfrentava problemas sérios no coração e que, por isso, necessitava de acompanhamento de um

[73] Referência a uma das veias do braço.
[74] Nome fictício.
[75] Referência ao médico de plantão no Hospital.
[76] Utilização de nome fictício.

médico cardiologista na cidade de Goiânia.

Embora a senhora Fátima tenha mencionado que não conseguiria precisar a causa da morte, no laudo de Dona Pretinha, atestado por outras pessoas entrevistadas, consta que o fator responsável teria sido uma parada cardíaca. No dia 19 de outubro de 2011, praticamente dezoito anos depois da morte de Geraldinho Nogueira, veio a óbito, no hospital público da cidade de Bela Vista de Goiás, a senhora Joana Bonifácio Nogueira, a Dona Pretinha, mulher de uma personalidade única, tendo tido um papel preponderante nas atividades laborais do cotidiano e, principalmente, nas festividades promovidas na região. Não somente acompanhou, mas como contribuiu significativamente com o marido na garantia das condições mínimas de subsistência.

Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de visitar o cemitério público de Bela Vista. Sob a orientação dos funcionários, depois de ter ficado um tempo considerável perdido entre tantos túmulos, consegui localizar o túmulo no qual estão os restos mortais de Dona Pretinha e de Geraldinho. Na sequência, o leitor e a leitora da tese terão a oportunidade de visualizar o túmulo do casal, uma foto muito representativa. Se, na leitura das pessoas entrevistadas, Geraldinho dificilmente era visto sem a companhia do seu famoso e surrado chapéu de feltro, Dona Pretinha muito raramente era percebida sem um lenço branco na cabeça. Os dois apetrechos, identificados como uma característica do casal, estão presentes na foto.



Figura 12. Túmulo de Geraldinho e Dona Pretinha Foto. Meire Ribeiro.



Figura 13. Lápide do túmulo. Foto: Meire Ribeiro.

Analisando mais detalhadamente as datas que constam no túmulo, relacionadas ao ano de nascimento e ao de falecimento de Dona Pretinha, é necessário fazer uma pequena consideração. Na lápide, aparece que nasceu no dia 01 de julho de 1927, porém, a data mencionada não se sustenta. Na verdade, a senhora Joana Bonifácio nasceu no dia 01 de julho de 1928, ou seja, um ano depois da data que consta no túmulo. Do mesmo modo, a lápide está com a inscrição equivocada com relação ao nascimento de Geraldinho, trazendo a data para um ano antes. Equivoca-se, também, tanto no dia do nascimento quanto no do falecimento. O contador de causos não nasceu, conforme sugere o túmulo, no dia 20 de dezembro de 1917. Nasceu, exatamente, no dia 18 de dezembro de 1918. A data precisa do falecimento corresponde ao dia 05 de dezembro de 1993, diferentemente da informada pela pedra sepulcral, que aponta o dia 06 de dezembro de 1993.

No entanto, independentemente dos equívocos nas informações no dia do nascimento e no do falecimento de Geraldinho e Dona Pretinha, constata-se, a partir das fotos do túmulo, que o casal que viveu praticamente meio século no meio rural bela-vistense, tendo passado por diferentes dificuldades no decorrer da vida, acabou sendo enterrado no mesmo espaço, mais precisamente, no mesmo túmulo. Mesmo depois da morte, é possível assegurar que, abrindo uma margem para ser interpretado enquanto alguém romântico demais para um pesquisador, Geraldinho e Dona Pretinha encontraram uma forma sutil de continuarem unidos. A união, que se iniciou na década de 1940, chegou ao término somente no final do ano de 1993, dessa vez, ocasionada pelo falecimento do contador de causos.

Dona Pretinha continuou vivendo por quase duas décadas depois do falecimento do marido. Porém, depois da morte de Geraldinho, a mulher forte do cotidiano não conseguiu mais ser a mesma. Ficou muito abalada e, ao mesmo tempo, passou a conviver com os problemas de saúde, que foram se agravando com o passar dos anos, e, por isso, se tornou muito dependente do cuidado dos familiares mais próximos. Entretanto, o último recorte, no imaginário social, não está muito presente na comunidade bela-vistense, pois se esforçam e procuram manter a imagem de Dona Pretinha enquanto uma mulher forte, de uma personalidade com os mesmos precedentes, tendo tido uma enorme relevância na vida de Geraldinho. Essa relevância abrangeu todos os sentidos, desde o envolvimento na lide diária até a vastidão cultural que o marido representou.

Parafraseando o senhor Altamiro, talvez seja possível assegurar que não existiria Geraldinho Nogueira se não houvesse existido Dona Pretinha. No entanto, a importância dessa mulher não pode ficar circunscrita ao fato de ter sido esposa/companheira do famoso contador de causos do meio rural bela-vistense. A senhora Joana Bonifácio, conforme observado desde

o primeiro momento deste tópico, teve luz própria, construindo a sua própria trajetória de vida. Por isso mesmo, deixou suas marcas registradas no cotidiano e na memória da maioria das pessoas entrevistadas.

2.3 Geraldinho Nogueira: um último suspiro

> Eu quero agora um silêncio, meus amigo e companheiras, pra mim falá um pouquim sobre Geraldim Noguera. Geraldim era um senhô, gostava de adverti, por todo lugar que andava fazendo o povo sorri. Aí, o povo sorria, o Geraldim contava história, além de ser catirero também tocava viola. Quando Geraldim chegava pra contá suas piada, se ali tivesse alguém chorano, trocava o choro em risada. Geraldim ficô famoso quase que no mundo intero, depois de ser descoberto pelo Hamilton Carneiro. Geraldim viajou tanto, passô por todas as cidade, ele e o Hamilton Carneiro, também André e Andrade. No lugá de Geraldim, hoje viaja a saudade. Geraldim era um artista, todo mundo conheceu, a sua simplicidade com o dom que Deus te deu. Geraldim hoje é ouvido na rádio e todos som, muitas veiz quis imitá, mais não tenho aquele dom. Eu também estou aqui, porque também queria ser um artista, igual o nosso Geraldim, orgulho de Bela Vista. No dia 06 de dezembro, se eu guardei na memória, o mundo ficô de luto, são tanta gente que chora quando Deus mandô chamá o nosso contadô de história. Assim, Geraldim subiu nas nuvens na cor de um véu, pra contá suas piada pros artista lá no céu. Oiei pra cima e vi Geraldim que subia, os anjo tocando flauta do lado dele sorria. O céu estava em festa, bonito e muito enfeitado pra recebê o artista que Deus tinha convidado. São essas simple palavra, escrita por Zé Pretin, transmitida aqui da terra lá pro céu do Geraldim. (*Homenagem ao Geraldinho.* Composição e interpretação de Zé Pretinho[77]).

Sobre o falecimento, o senhor Altamiro mencionou que, de vez em quando, Geraldinho costumava cantar um verso fazendo alusão ao dia em que partiria desta “para um melhor”. No verso, percebe-se uma tentativa de deixar uma “marca” ou mesmo uma referência para que as pessoas pudessem se lembrar dele. Tentando recordar-se e encontrando dificuldades para construir o verso em sua totalidade, o senhor Altamiro apresentou uma parte do enredo, afirmando que Geraldinho costumava cantar o verso para os amigos e companheiros mais próximos da seguinte maneira: “Moda de viola, tem uma moda que ele cantava e eu até lembro do pedaço do derradeiro verso dessa moda, e eu até vô falá aqui: “O dia do meu enterro, a terra fica tremeno, em cima da sepultura uma rosera vai manteno, pra ficá como lembrança pra que

[77] Zé Pretinho é um conhecido poeta da cidade de Bela Vista de Goiás. O poema homenageando Geraldinho pode ser encontrado no *YouTube.* Endereço: ttps://www.youtube.com/watch?v=LKGev1YbQKA.

num mundo vai viveno””. De forma emocionada, afirmou que os desdobramentos não aconteceram da maneira prevista no verso. Não aconteceram porque no túmulo que continha o os restos mortais, não existe a presença da roseira como um símbolo de identificação ou mesmo como um símbolo que reforce a ideia de que, naquele espaço, encontra-se enterrado, nas palavras do senhor Altamiro, o mais importante contador de causos do Brasil.

Diferentemente de Dona Pretinha, que veio a óbito mais recentemente, o falecimento de Geraldinho remonta a quase três décadas. O contador de causos faleceu no dia 05 de dezembro de 1993, faltando apenas 13 dias para completar os 76 anos de idade. Faleceu no Hospital de Urgência de Goiânia, (HUGO), vítima de uma grave trombose intestinal. A doença, de acordo com sites/páginas especializados/as[78], geralmente é ocasionada por um coágulo que interrompe o fluxo normal de circulação do sangue. Dependendo da gravidade, o coágulo pode se manifestar por algumas partes do corpo, percorrendo-o e atingindo áreas vitais. Entre as áreas suscetíveis de serem atingidas, destacam-se os pulmões e o intestino.

Quando o coágulo atinge o intestino, entre outras complicações, impossibilita que o paciente tenha condições de fazer as necessidades mais elementares, tais como dificuldade para defecar. Diante do problema, a pessoa sente muitas dores abdominais, provocando um inchaço na região da barriga. De acordo com as informações obtidas no site *UOL/VivaBem*[79], se a trombose intestinal não for identificada e tratada rapidamente, a parte atingida do intestino poderá se romper e trazer complicações irreversíveis ao enfermo. Diante do rompimento, geralmente, ocorre o derramamento de todo o sangue represado, ocasionando o espalhamento das fezes pelo intestino. Toda a situação descrita poderá resultar na morte do paciente.

No caso de Geraldinho, a trombose teve início no membro inferior, mais precisamente em uma das pernas. A constatação da parte do corpo atingida inicialmente pela trombose está presente no relato tanto do senhor Altamiro quanto do senhor Carlos. A partir da primeira manifestação, a trombose percorreu algumas partes do corpo e se agravou, de modo praticamente irreversível, no intestino. Nas palavras de Altamiro: “Mais, o que matô ele foi a trombose que deu na perna dele, né?”. A afirmação também foi reforçada pelo senhor Carlos: “E aí o trem virô trombose, né?”. De acordo com os interlocutores, pouco tempo depois que Geraldinho começou a reclamar de uma maneira mais veemente das dores intestinais, os familiares encaminharam-no para o Hospital público da cidade de Bela Vista de Goiás. No entanto, nesse momento, a trombose encontrava-se em um estágio muito avançado, dificultando

[78] A pesquisa sobre os fatores que proporcionam o coágulo teve como referência o site *UOL*, mais precisamente, a página *VivaBem.* Consulta realizada no dia 17 de dezembro de 2021.
[79] Consulta realizada no dia 06 de janeiro de 2022.

a intervenção da equipe médica local.

Diante da gravidade, Geraldinho Nogueira foi encaminhado rapidamente para a cidade de Goiânia. Na capital do estado, passou por algumas etapas no atendimento. No primeiro momento, foi atendido no Hospital Santa Helena. Entretanto, a condição de saúde, agravada com o passar dos dias, demandava um acompanhamento mais especializado. Levando em consideração a gravidade, os familiares transferiram-no para o Hospital de Urgências de Goiânia (HUGO). A transferência do leito hospitalar ocorreu no final do mês de novembro. Descrevendo a grave situação do contador de causos, Santana (2012) observa:

> Em novembro do mesmo ano (1993), Geraldinho, que nunca se lamentava, deixou a família preocupada. Reclamava o tempo todo de uma dor na barriga, dor que, quando atacava, ele precisava parar o que estava fazendo e sentar. Então, seguiram a tradição de levar o enfermo a João Batista, um benzedeiro famoso. João Batista, que já estava acostumado a lidar com tantas doenças, disse, triste, à família de Geraldinho que, dessa vez, não era com ele, que não estava a seu alcance. O medo começou a aparecer. Naquela época, eles acreditavam muito nos curadores naturais, e, quando estes não conseguiam curar o paciente, era o mesmo que um médico profissional dizer: "Não há mais chances". As dores continuavam e a queixa aumentava (2012, p. 78).

No decorrer da existência, tendo enfrentado inúmeras dificuldades socioeconômicas, lidando, ao mesmo tempo, com tragédias familiares consideráveis, morte da primeira esposa, falecimento de dois filhos e de uma filha, Geraldinho não tinha como característica o fato de ficar reclamando das situações adversas inerentes ao cotidiano. Na leitura de Santana (2012), ele nunca reclamava. Durante a pesquisa de campo, muitas pessoas fizeram considerações próximas da leitura apresentada pela autora, a exemplo do senhor Roberto: "É, meu pai, era uma pessoa que, tudo pra ele tava bão, né? Porque meu pai, ele não cramava as coisas, eu nunca vi. De tudo pra ele tava bão. Ele não cramava pobreza, ele não cramava doença, nada". No entanto, dessa vez, sofrendo os efeitos da trombose intestinal, o indivíduo que não reclamava por nada não conseguiu manter essa aura de tranquilidade, se queixando veementemente das dores intestinais que, no decorrer do mês de novembro de 1993, pareciam estar cada vez mais intensas.

Na perspectiva apresentada por Santana (2012), constata-se uma proximidade entre o posicionamento da família com aquela leitura de Anzai (1985). De acordo com a autora, dentro da roça goiana, ficava sob a incumbência dos próprios trabalhadores rurais a tarefa de se manterem vivos diante das situações adversas, não excetuando a questão do problema de saúde. Na medida em que estavam envoltos com as mais diferentes enfermidades, procuravam pôr em prática os saberes artesanais, passados de geração em geração, com o objetivo de amenizar os

problemas inerentes ao cotidiano. Assim, utilizavam-se dos medicamentos caseiros, da medicina artesanal, de forma geral, para socorrer os enfermos. Quando o saber tradicional aparentava ser insuficiente, quando as plantas e as ervas conhecidas pareciam não fazer efeito diante das enfermidades, os trabalhadores recorriam àquelas figuras "míticas" dentro da roça, na expectativa de que alguns homens ou mulheres pudessem sanar os problemas. Recorriam ao conhecimento dos raizeiros, dos benzedores e dos curandeiros populares.

Identifica-se que a prática utilizada pela família, objetivando amenizar as dores na barriga de Geraldinho, demonstrou ter sido a mesma que o patriarca procurou para socorrer os filhos diante das enfermidades no contexto da década de 1940. Logo, em ambas as situações, separadas por meio século, recorreram à figura dos benzedores do meio rural bela-vistense. Nesse intervalo, a crença nos curandeiros como os indivíduos capazes de solucionar os problemas de saúde do cotidiano permaneceu quase sem alterações. Mais do que uma simples constatação da permanência de uma prática, percebe-se que recorrer aos benzedores constitui-se como um valor cultural transmitido ao longo das gerações, tendo permanecido atuante no cotidiano sociocultural bela-vistense até o final do século passado.

Na leitura de Santana (2012), somente depois que João Batista, importante benzedor/curandeiro da região, identificou que a enfermidade escapava ao conhecimento ancestral, foi que a família de Geraldinho resolveu procurar os tratamentos da medicina convencional/profissional. No decorrer do processo histórico, compreendido como um valor importante da roça goiana, estava a confiança nos amigos e nos familiares. A valorização se dava no entendimento de que ter condições de confiar um no outro oferecia a garantia da manutenção das relações sociais, assim como garantiria a existência de uma teia da sociabilidade e da solidariedade entre os indivíduos empobrecidos da roça. Em muitas ocasiões, os trabalhadores somente tinham condições de contar com a colaboração de um amigo mais próximo, de um familiar mais cuidadoso ou mesmo de um vizinho dotado de "bom coração", indivíduos que não somente estavam dispostos, mas reuniam condições de contribuir e, por isso mesmo, dirimir os efeitos de problemas elementares dentro do dia a dia.

No momento em que a doença acometeu seriamente Geraldinho, quando houve uma maior incidência na reclamação das dores abdominais, das fortes cólicas na região da barriga, dificilmente haveria outro lugar que a família pudesse procurar que não fosse aquele da residência do senhor João Batista, amigo de longa data e benzedor para todas as horas e todas as situações. Diante da sinceridade do benzedor/curandeiro, o qual, de acordo com Santana (2012), teria afirmado que, naquela circunstância, não teria condições de solucionar o problema de saúde do amigo, o desespero da família perante alguém que "nunca reclamava" aumentou

sensivelmente. Possivelmente, a trombose deslocou-se para o intestino e manifestou-se lentamente no organismo. Vale ressaltar que a constatação da doença somente ocorreu a partir da procura de um tratamento especializado. Porém, neste momento, a trombose estava em um estágio avançado, dificultando as possibilidades de recuperação.

Durante a pesquisa de campo, algumas pessoas afirmaram que Geraldinho não costumava se sentir confortável no ambiente hospitalar. Evidentemente, já havia estado naquele ambiente em outras oportunidades. No entanto, diferentemente das ocasiões anteriores, quando esteve para visitar amigos e familiares acometidos por pequenas enfermidades, dessa vez, o paciente internado era o próprio Geraldinho. Um outro fator preocupante é que a internação não ocorreu no Hospital público de Bela Vista de Goiás, mas em um Hospital localizado na cidade de Goiânia, conhecido popularmente como HUGO. O fato em si revelava mais uma evidência da gravidade da situação. Pelo fato de estar internado em Goiânia, havia uma dificuldade de acesso tanto dos amigos quanto dos familiares que poderiam visitá-lo. Aquele contador de causos, folião, violeiro e exímio dançador de catira, que cresceu e passou praticamente a vida rodeado de amigos e familiares, talvez, pela primeira vez, estaria na companhia de pessoas estranhas ao universo de convivência.

De acordo com o médico Draúzio Varella, entre os diferentes fatores que podem levar uma pessoa a desenvolver uma trombose, merece destaque o consumo excessivo de álcool e a dependência do cigarro. Nas palavras do médico: "Alguns fatores como predisposição genética, idade mais avançada, colesterol elevado, cirurgias e hospitalizações prolongadas, obesidade, uso de anticoncepcionais, consumo de álcool, fumo, falta de movimentação, aumentam o risco de desenvolver trombose[80]". Dos fatores apresentados por Draúzio Varella, compreendidos como vetores para uma pessoa desenvolver uma trombose, três estavam condicionados ao histórico de Geraldinho no início da década de 1990. O primeiro estava vinculado à idade avançada, pois, na época, era um senhor com 75 anos de idade. Os outros dois elementos estavam relacionados tanto ao consumo exagerado de bebida alcoólica quanto ao fato de ter sido um fumante assíduo por toda a vida.

Durante a pesquisa de campo, algumas pessoas mencionaram que, desde quando se recordavam dos primeiros contatos estabelecidos com Geraldinho Nogueira, na década de 1950, afirmaram que ele gostava de degustar uma aguardente. Durante uma conversa longa com o senhor Oliveira, o entrevistado fez referência ao período da adolescência, lembrando-se das constantes visitas que Geraldinho fazia até a sua residência, que tinham o intuito de trocar dois

[80] Consulta ao site do Dr. Dráuzio Varella. *Drauzio.* Trombose, doenças e sintomas. Consulta realizada no dia 17 de dezembro de 2021.

dedos de prosa e, consequentemente, tomar umas boas doses de pinga. O pai do senhor Oliveira, na ocasião, tinha um alambique de fabricação de pinga artesanal, que, durante muitas décadas, foi um espaço muito frequentado pelos moradores da região da Boa Vistinha e adjacências. Com os olhos marejados, o entrevistado trouxe algumas das lembranças deste período:

> Meu pai fazia pinga, lambicava, muía cana. Eu lembro que eu era rapaizim novo assim, lembro disso, ele (Geraldinho) vinha pra aí, meu pai levava pinga lá pra ele, né? E aí, ele bebia um golim, sô. As veiz pudia sê hora dessa assim (referência às 15 horas), né? Cumpade Altamiro[81], e aí ele frivia no caso, sô. Mais nóis ria demais. Mais, ele bebia demais da conta lá. A minha mãe ainda falava assim: "Menino, e ocêis fica rino, não sabe, as veiz ele pode achá ruim".

A partir da consideração do senhor Oliveira, tendo sido reforçada por outras pessoas, percebe-se que a relação de Geraldinho com a aguardente/branquinha, fosse do tipo artesanal ou não, demonstrou ter sido uma relação longeva. Em muitas ocasiões, parafraseando a afirmação do entrevistado, acabava bebendo além do limite aceitável. Lembrando-se da relação com a bebida alcoólica, o senhor Altamiro fez uma observação mais direta, porém, fez questão de reforçar que o contador de causos exagerava no consumo da bebida alcoólica: "Ele trabaiava, ele trabaiava, ganhava aquele dinheirim, geralmente comprava as coisas que necessitava em casa, gastava o oto com uma cachaça. Bebia que rolava". Embora a afirmação final possa parecer um tanto quanto depreciativa, principalmente por ter mencionado que Geraldinho bebia tanto que rolava, faz-se necessário explicar que, inserida no contexto, a constatação não está associada ao alcoolismo como uma prática de consumo frequente. Refere-se, na realidade, às vezes que Geraldinho não conseguia controlar o consumo da bebida alcoólica e acabava sendo dominado pelo uso excessivo do álcool. Porém, é importante ressaltar que conseguia passar longos períodos sem a degustação do álcool, e tantas outras vezes consumia a bebida de maneira controlada.

No entanto, o fator que esteve mais presente nas considerações das pessoas não foi a imagem de um indivíduo que conseguia beber moderadamente. Foi sendo construída uma representação de alguém que, quando resolvia degustar uma branquinha, exagerava demasiadamente. Entre as pessoas que apresentaram situações em que Geraldinho exagerou no consumo da bebida alcoólica, ressaltam-se as considerações do senhor Justiniano. Na pesquisa de campo, o entrevistado apresentou um minucioso relato dos momentos em que teria se

[81] Nome fictício de uma das pessoas entrevistadas. Diante da dificuldade para encontrar a pequena propriedade do senhor Oliveira, solicitei a colaboração do senhor Altamiro. Além de conhecer toda a região, Altamiro tem um laço histórico de amizade e de relação familiar com o entrevistado.

deparado com Geraldinho embriagado na cidade de Bela Vista, dependendo da colaboração dos amigos para conseguir encontrar um lugar minimamente mais adequado para passar a noite e ter condições de retornar para sua residência no dia seguinte. De acordo com as considerações do senhor Justiniano:

> Quando ele vinha aqui, (Bela Vista de Goiás), ele ficava envolvido nas pinga. Foi muita das veiz aqui, de eu pegá ele na rua, e levava ele lá onde ele ia dormi. Ele tinha onde ele dormi, eu levava ele lá. Otá hora eu levava ele lá pra casa, onde tava mais perto de casa. Ele tava lá bebo lá, debruçado em cima da mesa. Perguntava: "Gerardo, o que que ocê tá fazendo aí?". (Geraldinho): "Ah, tô aqui, bebi umas pinga, mei que passô, tô aqui". "E aí, onde ocê vai dormi?" (Geraldinho): "Ah, num sei". Desse jeito, num sei. "Uai, mais num pode, ocê tem que caçá um jeito docê dormi, Gerardim". (Geraldinho): "Não, eu não sei não". "Não, então vamo lá pra casa?". (Geraldinho): "Ah, se ocê fazê essa favó pra mim, eu até que vô". É desse jeito, ele até que ia. Levei ele umas veiz pra dormi lá em casa, quando ele estava envorvido com as pinga dele. Ele bebia muito, bebia passado.

De fato, o senhor Justiniano tem razão quando apresenta esse cenário, principalmente quando assegura que, em algumas oportunidades, Geraldinho passava dos limites. Diante do exagero, encontrava dificuldades para retornar para casa, fosse para a residência de algum familiar na cidade ou mesmo para a pequena propriedade localizada no meio rural do município. No entanto, apesar das considerações importantes e elucidativas do entrevistado, reiterando o exagero em algumas ocasiões, não existe uma referência literal das pessoas a alguém que tenha sido inteiramente dependente ou um alcoólatra inveterado. Faziam questão de ressaltar que Geraldinho teve um contato estreito e longevo com a bebida alcoólica, tendo o acompanhado até o final da vida.

Além da constatação quase unânime sobre o consumo excessivo e duradouro do álcool, algumas pessoas atribuíram à bebida alcoólica a grande responsável pelo surgimento e desenvolvimento da trombose intestinal, que resultou no falecimento no final do ano de 1993. Entre os entrevistados, há poucas dúvidas sobre os malefícios ocasionados pela bebida alcoólica, como na fala do senhor Roberto: "Não, mais até (que) ele bebia bastante. Eu acho que prejudicô ele, mais foi isso". Outras pessoas, a exemplo do senhor Carlos, trouxeram observações próximas desta última. Pelo fato de a doença não ter uma causa específica, dificilmente pode afirmar-se, respeitando todas as impressões apresentadas, que tenha sido unicamente o consumo da bebida o grande responsável pelo surgimento da trombose. Com base nas possibilidades apresentadas, talvez seja possível levantar a hipótese de que o surgimento da doença tenha sido ocasionado pela idade avançada. Afinal, no início da década de 1990, Geraldinho era um senhor com mais de setenta anos de idade.

Uma outra hipótese é de que, se o consumo da cachaça esteve presente desde quando era um jovem na região do Aborrecido, outra companhia indispensável esteve representada no cigarro de palha. Segundo os entrevistados, dentro do cotidiano, Geraldinho dificilmente era visto sem estar com um cigarro de palha na boca. O consumo contínuo do tabaco também pode ser entendido como um dos fatores responsáveis pelo surgimento da trombose. No entanto, sobre o fato de ter sido um fumante assíduo, haverá uma melhor compreensão se considerar-se que ele foi um indivíduo que esteve envolto junto a um hábito muito valorizado no contexto do século passado. No decorrer do século XX, tanto no espaço urbano quanto no meio rural, a presença de pessoas fumantes era bastante elevada.

No contexto, atento aos costumes, constituiu-se como uma prática relativamente normal o fato de pessoas iniciarem no consumo do tabaco, fosse o cigarro de palha ou mesmo o cigarro de papel, ainda no período da adolescência. Além de uma prática quase "cultural", inserida no cotidiano de parte considerável da sociedade brasileira, o hábito de fumar estava muito presente no meio rural de Bela Vista. A forte presença de fumantes passava pelos valores "culturais", de caráter mais abrangente e por fatores específicos daquela localidade. Entre as especificidades, destacava-se a consolidação do plantio e a própria comercialização do fumo na região, que contavam com toda uma historicidade, datada desde o Oitocentos, e que continuava tendo muita inserção na economia, ao longo do século passado.

A pesquisa de Castro (2010), destaca alguns aspectos econômicos da região a partir do século XIX, no qual existe uma referência à presença marcante da agricultura de subsistência. A autora menciona o plantio e o cultivo do arroz, do feijão e do milho. Além dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, Castro (2010) ressalta a presença de produtos voltados para a pequena e média exportação. Entre os produtos, destaque para o café, derivados da cana-de-açúcar e, principalmente, para a exportação e comercialização do fumo. Ambos tiveram enorme capacidade de inserção em outros centros comerciais. Nas primeiras décadas do século XX, o fumo bela-vistense teve muita aceitação nos estados de São Paulo e de Minas Gerais, tornando-se o principal produto de exportação da região:

> No início, a produção era para o consumo interno. A troca desses produtos com os tropeiros por provisões de sal, pólvora e especiarias começou a ganhar os mercados consumidores de Minas e São Paulo e, dada a excelência principalmente do fumo, tornou a cidade referência comercial projetada a partir da designação qualitativa "Fumo de Bela Vista de Goiás" (2010, p. 52).

O "Fumo de Bela Vista de Goiás" adquiriu notoriedade nos centros comerciais por ser considerado um produto de primeiríssima qualidade. Tamanha excelência fez com que alguns

atores da região levantassem a necessidade de se criar um "selo" de qualidade e de diferenciação do fumo bela-vistense para poderem serem mais bem comercializados. A ideia do "selo" tinha como objetivo estabelecer uma diferenciação entre o fumo daquela região de outros de menor qualidade. Em algumas oportunidades, comerciantes que traziam produtos de outras regiões afirmavam que o fumo comercializado se constituía como o verdadeiro fumo de Bela Vista. Diante do oportunismo, pessoas da comunidade[82] levantaram a necessidade de criação de uma espécie de selo/carimbo municipal para diferenciar o fumo produzido na região.

O fator "cultural" presente na sociedade brasileira do século passado, que considerava o hábito de fumar uma prática corriqueira, explica, em parte, a produção em larga escala do fumo bela-vistense, considerada uma das atividades econômicas mais importantes da região nas primeiras décadas do século XX. Desse modo, não é difícil imaginar que a possibilidade de um cidadão se tornar um fumante apresentava-se como uma possibilidade considerável. Além do hábito de fumar, extremamente enraizado na sociedade, de a economia ter no fumo uma das atividades mais importantes, não se pode ignorar sua destacada qualidade. São fatores que, analisados conjuntamente, proporcionavam uma maior possibilidade de o indivíduo se tornar um fumante no decorrer do século passado na região.

Observando todas as variáveis, Geraldinho estava envolto em um ambiente social, econômico e cultural que fomentava o consumo do tabaco. Nessa conjuntura, aderiu ao cigarro de palha desde muito jovem. O hábito de fumar, de ser um fumante compulsivo, acompanhou-o até os dias finais da sua vida. Independentemente do horário, fosse cedo, antes mesmo de tomar o esperado café, ou mesmo nos momentos antecedentes ao horário de dormir, não era muito difícil encontrá-lo tragando, lentamente, um longo cigarro de palha. Na pesquisa de campo, algumas pessoas descreveram um dos hábitos prediletos do narrador, especialmente quando acordava cedo e esperava, pacientemente, por uma xícara de café.

Nas palavras de Leandro: "As veiz nóis iá posá na casa dele, ele levantava cedin e já pegava o banquin dele, e punha em cima do aterro da fornaia e sentava lá. Ele levantava cedin e ficava pitano. Ficava pitano até minha vó fazê o café pra ele bebe. Eu lembro demais dele". Aspectos podem ser destacados na consideração do entrevistado. O primeiro fator está no recorte temporal, fazendo alusão a um contexto no qual Geraldinho estava com uma idade avançada. Descreve alguns hábitos, tanto na questão de ser um profundo apreciador do café, não se restringindo às primeiras xícaras do período da manhã, quanto ao costume que tinha de

[82] Na pesquisa de Castro (2010), há uma referência às considerações do escritor José Ferreira de Sousa Lôbo. No livro *Ligeiras Notas Históricas da Cidade de Bela Vista de Goiás*, escrito na década de 1930, Lôbo defende a importância de a Câmara Municipal criar um selo de qualidade para o fumo bela-vistense.

levantar cedo e iniciar o seu “ritual”, tragando um grande cigarro de palha.

Referindo-se a essa relação com o cigarro, Lemes (2008) descreve minuciosamente um ritual que Geraldinho Nogueira costumava adotar durante o preparo do famoso cigarro de palha. Junto com o pequeno maço de fumo, geralmente carregava no bolso da calça um grande rolo de palha de milho, cuidadosamente selecionado entre as espigas armazenadas no paiol. Na perspectiva de Walter Lemes (2008), o cuidado durante o preparo do cigarro de palha era de tamanha proporção que não poderia ser compreendido como se fosse um simples preparo de alguém ansioso para fumar. Deveria ser interpretado como sendo sinônimo de uma verdadeira arte:

> Como se fosse senhor do tempo, calmamente, Geraldinho retirava um corte de palha de milho, e a colocava entre seus dedos polegar e médio, com o dedo anular, prendendo-a pelo verso, de sua mão esquerda, e, com os dedos, polegar e indicador, segurava um pedaço de fumo de rolo, adquirido no mercado municipal de Bela Vista de Goiás. Com a mão direita, o canivete Corneta, de lâmina larga e afiada, cortava lentamente o fumo em finas fatias, formando um pequeno monte em sua mão esquerda. Esta cena, quase sempre durava mais de meia hora, pois de Geraldinho o tempo não cobrava pressa (2008, p. 33).

Por meio da descrição de Lemes (2008), vislumbra-se todo um ritual “artístico” e teatral por parte de Geraldinho durante a preparação do cigarro de palha. O ritual tinha início com a retirada da palha do bolso da calça, encaixando o feixe da palha de milho entre os dedos, passando pelo corte do fumo em finas fatias por meio da mão direita, enrolando, logo na sequência, a palha previamente selecionada em torno do fumo até formar, finalmente, o cigarro de palha que seria tragado lentamente entre risos e muita conversa. O autor entende toda essa cena demorada como sendo representativa de um ritual “fumatológico”, enfatizando a ideia de que, de Geraldinho, o tempo não cobrava pressa. Apesar de a cena teatral possibilitar uma interpretação mais romântica do fato, deve-se evidenciar que, pelo fato de ter sido um fumante assíduo, começando muito jovem, o cigarro trouxe complicações à saúde.

Anteriormente, quando houve menção aos fatores que poderiam ter proporcionado o surgimento do coágulo e, posteriormente, o desenvolvimento da trombose intestinal, houve referência ao fato de que as pessoas fumantes estão mais propensas ao surgimento da doença. Por meio desse raciocínio, compreendendo que existiu uma relação longeva entre Geraldinho e o fumo, tendo permanecido praticamente inalterada ao longo do processo histórico, não seria nenhum exagero levantar a hipótese de que o fato de ter sido fumante durante parte considerável da vida pode ser uma das explicações para o surgimento da trombose, doença responsável pelo

falecimento no dia 05 de dezembro de 1993.

Conforme observado, o cotidiano de Geraldinho esteve caracterizado pela presença de inúmeras dificuldades, tais como problemas enfrentados no sentido material e no âmbito dos dramas familiares. Se, por exemplo, havia conseguido alcançar setenta e cinco anos, no final do ano de 1993, uma das explicações para uma vida tão longeva, mesmo diante da constante precariedade social/material no horizonte, justificava-se por ter labutado com todas as forças para garantir as condições elementares de sobrevivência dentro da roça. Diante da constatação de uma trajetória marcada pelo sofrimento, exigindo luta e resistência para a garantia da sobrevivência, Geraldinho Nogueira não seria facilmente "derrubado" pela trombose intestinal.

Luana Santana (2012) assegura que foram mais de vinte dias de internação no Hospital de Urgências de Goiânia (HUGO). Geraldinho passou parte considerável desse período na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). O local da internação, indubitavelmente, demonstra o quanto o quadro de saúde era grave. Situação delicada, tendo sido prontamente identificada pelo benzedor João Batista. Na ocasião, relatou para a família que, diante da gravidade, não conseguiria solucionar a enfermidade do velho amigo. No entanto, depois de muita resistência, a morte finalmente conseguiu bulir com Geraldinho. No dia 05 de dezembro de 1993, por volta das 23 horas[83], não resistiu às complicações. Sua morte deixou enlutada não somente uma região, mas todo o estado de Goiás.

Entre as pessoas da comunidade, qualquer referência ao falecimento de Geraldinho apresenta, até os dias atuais, uma carga de emoção impressionante. Independentemente de serem amigos, familiares ou conhecidos, foi muito difícil encontrar uma única pessoa que não tenha se emocionado quando o assunto circulava em torno desta temática. Diante da perceptível emoção, algumas pessoas optaram por não falar sobre o falecimento e sobre o sentimento de tristeza que teria tomado conta de toda a comunidade, optando por apresentar objetos que fazem referência à morte. Entre os objetos, gentilmente, um casal de amigos presenteou-me com uma lembrança/santinho do velório. Quando me presentearam, pediram, educadamente, para não falar do assunto, visto que estavam tomados por uma grande carga de emoção. No entanto, por meio da lembrança e da emoção demonstrada, não somente pelo casal, mas por outras pessoas, ficou perceptível o quanto Geraldinho era querido entre os pares.

O velório aconteceu na Câmara Municipal de Bela Vista de Goiás. Na sequência, compartilho o presente recebido do casal de amigos do contador de causos. Por meio do

[83] Por ter falecido no dia 05 de dezembro, às 23 horas, faltando apenas a uma hora da meia-noite, a maioria das pessoas defende a tese de que Geraldinho faleceu no dia 06 de dezembro de 1993. No entanto, a última data refere-se ao velório, e não ao dia do falecimento.

presente, será possível visualizar e fazer a leitura tanto da parte frontal quanto do verso do "santinho". Na parte da frente, encontra-se uma foto de Geraldinho, juntamente com a data de nascimento e o dia, não do falecimento, mas do velório. No verso, consta, por meio de texto, uma pequena homenagem ao ilustre e mais representativo morador do meio rural bela-vistense no decorrer do século passado. O texto, carregado de todo um sentimento religioso inerente ao catolicismo, menciona não somente a arte de contar causos, mas faz referência à participação assídua que teve no fomento da catira, da Folia de Reis e à própria capacidade de interpretar e verbalizar a dor dos mais pobres e dos oprimidos por meio das músicas autorais. O texto aparece como uma construção coletiva, de modo que não se pode identificar a autoria.

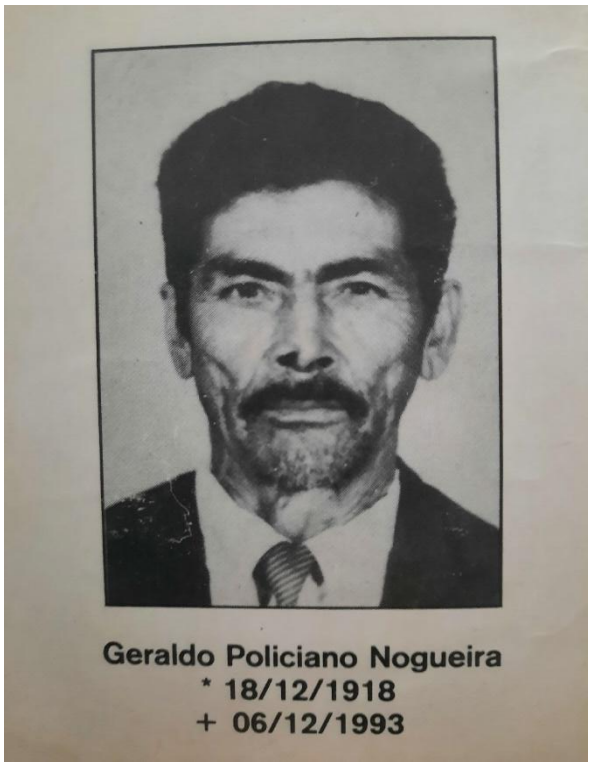


Figura 14. Parte frontal da lembrança.
Foto: Meire Ribeiro.

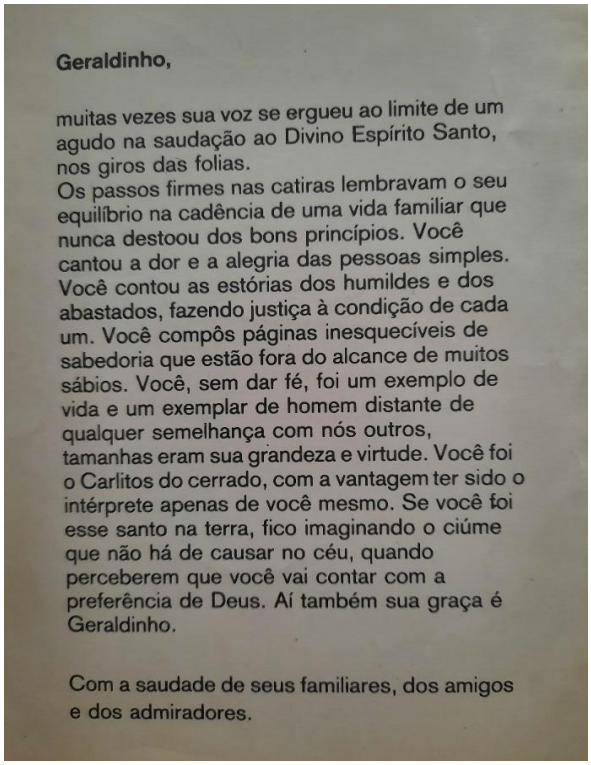


Figura 15. Verso da lembrança/santinho.
Foto: Meire Ribeiro

O velório/enterro, conforme mencionado, ocorreu exatamente no dia 06 de dezembro de 1993. O sentimento fora de tamanha proporção, que deixou enlutada toda uma região. Naquele momento, as pessoas se despediam do indivíduo considerado um verdadeiro ícone da alegria. De acordo com as considerações, entre lágrimas e muita emoção, amigos e familiares procuraram se despedir de uma forma que, se pudessem escolher, possivelmente o teriam deixado muito contente. Geraldinho, tendo tido na alegria e no riso fácil, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, um valor fundamental não poderia ser enterrado sem a presença da vastidão cultural que procurou fomentar, da melhor maneira possível no cotidiano, envolvendo

todos e todas na teia da arte e da cultura.

Diante de alguém que representou tanto para a cultura local, contando causos, dançado e cantado a condição difícil de muitas daquelas pessoas, o momento final do velório acabou sendo dominado, não necessariamente pela alegria, característica marcante do narrador, mas por muita emoção. Durante entrevista concedida à Santana (2012), João Nogueira descreveu todo o sentimento que tomou conta das pessoas quando estavam se despedindo do amigo. Mesmo controlando a profunda carga emotiva, a comunidade conseguiu fazer uma última homenagem. Na ocasião, cantaram uma das músicas prediletas de Geraldinho:

> Mesmo sendo triste uma despedida, alguns amigos não deixaram de homenagear Geraldinho com músicas e aplausos – provavelmente era assim que ele se imaginava partindo: com muita música. João Nogueira conta que, na sepultura, antes de o corpo ser enterrado, os presentes quiseram cantar uma moda de viola composta pelo pai[84]. Nessa hora, segundo João, todos estavam desestabilizados e não conseguiam nem mesmo conversar, quanto mais cantar. Então, João se propôs a cantar com outro amigo do pai, um que se mostrava mais forte. *"Juntou uma choradeira danada, mas ainda assim nóis demo conta de terminá a canturia. Inté hoje num sei como cunsigui ter força na voz pra fazê aquilo".* Lembrou João, deixando cair dos seus olhos várias lágrimas (2012, p. 80).

Exatamente desse modo, envolto em um ambiente de muita comoção, que Geraldinho foi enterrado entre amigos/as e familiares no fatídico 06 de dezembro de 1993. Possivelmente, pela primeira vez, o homem de estatura baixa, que trazia no rosto as marcas do cansaço pelas ações do tempo e que, na maioria das circunstâncias, fazia aqueles mesmos amigos e familiares que estavam acompanhando o ritual fúnebre sorrirem das mais variadas situações, estava proporcionando não mais o riso, característica marcante de sua personalidade, não mais a alegria contagiante. Pelo contrário, naquele momento, provocava um sentimento de tristeza que parecia ser inconsolável. Entretanto, dificilmente, o sentimento poderia ser diferente entre os presentes. Afinal, estavam se despedindo do grande amigo, do companheiro de todas as horas, despediam-se do "senhô Gerardim".

Por último, convém ressaltar que o traço da vida de Geraldinho Nogueira apresenta-o na condição de um homem maltratado pelas ações do tempo, no qual enfrentou inúmeras dificuldades e dramas familiares. A partir da rápida constatação, orientanda na análise de um trabalhador rural empobrecido, tem-se a noção de que o entendimento das dificuldades e da

[84] Durante a pesquisa de campo, não foi possível identificar qual teria sido a música ou mesmo um pequeno trecho cantado no velório. As pessoas alegaram que, pela distância temporal, quase três décadas, não conseguiam mais se recordar. Outras fizeram questão de "responsabilizar" a emoção do momento por não se lembrarem da música cantada na hora do enterro.

própria miséria social à qual estivera submetido ocorrerá com uma imersão, mesmo tangencialmente, na estrutura agrária[85]de Goiás. Essa estrutura adentrou com muita intensidade na primeira metade do século passado, tendo estado caracterizada pela concentração de terras sob o domínio dos grandes fazendeiros e, consequentemente, pela submissão e exploração da maioria dos trabalhadores rurais: meeiros, arrendatários, agregados, diaristas e outras categorias representativas dos indivíduos empobrecidos da roça goiana.

Entre os trabalhadores pobres do meio rural, sofrendo as consequências da exploração dos grandes fazendeiros, lutando demasiadamente para sobreviver dentro de um cotidiano e de uma estrutura verdadeiramente hostil, identifica-se a presença marcante de Geraldinho no meio rural. No primeiro momento, na região do Aborrecido, passando pelo Barro Amarelo até alcançar, finalmente, a região da Boa Vistinha. Na expectativa de compreender os fatores explicativos dessa trajetória de vida difícil, o olhar da presente pesquisa estará voltado para uma leitura sobre a configuração, a formação e as consequências da estrutura agrária goiana. A partir dessa imersão, acredita-se na possibilidade de entender que Geraldinho foi uma das vítimas da concentração de terras e da exploração dos grandes fazendeiros que se formou no território goiano no transcorrer do processo histórico.

[85] A estrutura agrária predominante em Goiás, durante dois séculos, segunda metade do século XVIII até meados do século XX, está sendo compreendida como sinônimo da estrutura moldada a partir da fazenda-roça goiana. Entre os autores defensores da tese, destaca-se a pesquisa de Júlio Borges (2016), resultado da tese de Doutorado, intitulada *Fazenda-roça goiana*: matriz espacial do território e do sertanejo goiano. Entre outras questões pertinentes, Borges (2016) defende a ideia de que, desde o depauperamento da exploração aurífera no final do Setecentos, toda a estrutura econômica, política e social de Goiás, que já tinha na Fazenda, mesmo no auge da exploração do ouro, uma relevância considerável, adquiriu contornos ainda mais significativos, tornando-se predominante em todo o território. Essa relevância, na leitura de Borges, pode ser identificada na economia de subsistência, representada no cultivo dos víveres de primeira necessidade. No entanto, não esteve restrita à comercialização ou circulação local, isso porque a estrutura da fazenda possibilitou o crescimento de uma economia voltada para a exportação de pequena e média escala, quando a carne bovina se tornou o principal produto exportador. A predominância da fazenda esteve muito além do viés econômico, tendo se manifestado na formação política, representada na força opressiva dos grandes coronéis e na submissão da maioria dos trabalhadores rurais. Conseguiu adentrar na teia sociocultural, quando a simplicidade, os valores tradicionais/rústicos e os valores da roça, tais como castrar um porco, amansar um equino, pescar no final da tarde depois de um dia cansativo de trabalho, contar um causo durante uma reunião familiar, oferecer um mutirão, participar de uma folia, de uma novena religiosa, ser conduzido no trabalho pelas fases da lua, entre tantos outros, moldaram toda essa estrutura social e a própria paisagem da roça goiana durante muito tempo, tendo permanecido consolidados até a primeira metade do século XX. A partir desse último contexto, por meio da intervenção estatal, houve uma perspectiva modernizante do estado, com ferrovias, rodovias e introdução do maquinário agrícola no meio rural, ocasionando a migração das pessoas do campo para a cidade, de forma que quase toda a estrutura da fazenda-roça goiana esmoreceu. Com isso, foi perdendo sua função na formação sociocultural da população goiana. No entanto, na leitura de Borges (2016), a diminuição dos valores e dos costumes da roça não significou um desaparecimento total do cotidiano. A cultura sertaneja teria continuado (re)existindo.

CAPÍTULO III

NA TEIA DA TERRA E DO TRABALHO: A INFLUÊNCIA DA ESTRUTURA AGRÁRIA NA VIDA DE GERALDINHO

Desde o primeiro momento, existe um esforço, no sentido de apresentar aquele que se tornaria o famoso contador de causos de Bela Vista na condição de um indivíduo pertencente ao "mundo" caipira goiano, ou mesmo de apresentá-lo na condição de um trabalhador rural muito pobre do cotidiano bela-vistense. De acordo com a perspectiva defendida nesta tese, seria muito difícil compreendê-lo como um contador de causos se a assertiva de trabalhador rural empobrecido, morador da roça goiana, não estiver sendo levada em consideração. Porém, diferentemente de outras importantes pesquisas que versam sobre Geraldinho Nogueira, tais como a dissertação de Carolina Castro[86] (2010) e o artigo de Ademir Silva[87] (2015), que têm na cultura caipira um ponto de referência, a presente pesquisa envereda por meio de uma outra possibilidade de leitura e interpretação.

Por exemplo, embora apresentem teses distintas de interpretação, tanto Carolina Castro (2010) quanto Ademir Silva (2015) estão voltados para uma interpretação crítica que parte da Literatura, especialmente sobre as produções envoltas entre o Oitocentos até o início do século XX, apresentaram acerca do caipira de uma forma em geral. Nesse sentido, nos diálogos estabelecidos com os clássicos da Literatura nacional, os autores trazem para os leitores algumas das interpretações que os literatos têm sobre o caipira, especialmente, o caipira paulista. Encontram-se, na pesquisa de Silva (2015) e de Castro (2010), análises e interpretações críticas e reflexivas sobre a produção de Monteiro Lobato, Cornélio Pires, Amadeu Amaral, Saint-Hilaire, Emanuel Pohl, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, entre tantos outros nomes importantes do cenário literário. Nomes da Literatura que colocaram toda a capacidade de escrita para retratar o cotidiano e os traços mais elementares do homem do "sertão".

A relação entre a Literatura clássica e a representação do caipira produziu uma leitura, na maioria das vezes, permeada por estereótipos. Castro (2010), por exemplo, procura ter sempre por perto, principalmente no primeiro momento de sua pesquisa, algumas das interpretações que foram feitas sobre o caipira paulista. Nesse sentido, a autora procura demonstrar que a análise sobre o caipira tem sido objeto de preocupação intelectual no decorrer

[86] Referência à dissertação de mestrado *Práticas e representações da cultura popular sertaneja*: um contador de "causos", Geraldinho Nogueira, defendida na Faculdade de História da UFG.
[87] O artigo *O domador de bicicletas*: cultura, identidade e originalidade em Geraldinho Nogueira, foi publicado no ano de 2015, fazendo parte do livro *Saberes & Modernização no Cerrado.*

do processo histórico. Diferentemente da autora, que, no primeiro momento, apresenta algumas das principais representações que os literatos produziram sobre o caipira, colocando Geraldinho em segundo plano, o objeto de estudo de Ademir Silva (2015) versa numa análise comparativa das principais características e comportamento de personagens que estão presentes nos livros de alguns dos literatos supracitados, passando por Jeca Tatu[88], personagem central de Monteiro Lobato, a Fabiano, personagem marcante de Graciliano Ramos[89].

A partir de um olhar comportamental dos personagens, com ênfase nas características mais marcantes, Silva (2015) procura manter Geraldinho e os traços considerados mais representativos sempre por perto, promovendo um processo de comparação entre o contador de causos e os clássicos personagens da Literatura nacional. Quando produz uma análise comparativa, defende a existência de uma excepcionalidade de Geraldinho Nogueira. Dessa forma, assegura que, mesmo podendo ser compreendido na condição de um indivíduo caipira, o contador de causos bela-vistense se afastaria consideravelmente das outras representações que estão presentes na Literatura nacional: "Enfim, não faltam exemplos de sertanejos em nossa tradição literária ou ensaística e nenhum deles combina com o perfil de Geraldinho (2015, p. 48). Com o mesmo propósito, o autor defende que, entre os homens interioranos, extrapolando e muito os personagens literários, não se encontra nada semelhante com a trajetória de Geraldinho, principalmente porque tinha uma autenticidade artística que não oferecia condições para nenhuma margem de equivalência.

Tendo como referência as considerações do início deste capítulo, é importante ressaltar que Silva (2015) não nega que Geraldinho tenha sido um indivíduo caipira. Entretanto, faz questão de ressaltar que, entre os caipiras, o contador de causos se destacava. Na continuidade da pesquisa, essa perspectiva apresentada pelo autor receberá uma atenção maior. No entanto, mesmo tateando as observações, fica perceptível que a constatação sobre Geraldinho Nogueira, interpretando-o enquanto um indivíduo caipira, não poderá ser compreendida caso seja analisada como uma questão estritamente original desta pesquisa. Poucos, embora importantes, pesquisadores enveredaram por esse caminho.

No entanto, diferentemente das relevantes pesquisas publicadas sobre a temática, a presente tese não produz uma análise comparativa de Geraldinho com os personagens da Literatura nacional ou mesmo com os indivíduos da vida real. O objetivo está na apresentação de Geraldinho não somente como um indivíduo caipira, no sentido de uma constatação, mas de

[88] Os primeiros escritos sobre o personagem Jeca Tatu apareceram na coluna de Monteiro Lobato no jornal *O Estado de São Paulo*, no início do século XX. Pouco tempo depois, os textos foram reunidos no livro *Urupês.*
[89] Fabiano é um dos principais personagens do clássico livro *Vidas Secas.*

apresentá-lo como um trabalhador rural empobrecido dentro da roça goiana, tendo passado por inúmeros percalços em decorrência de uma estrutura agrária dominada inteiramente pelo poderio dos grandes fazendeiros. Dessa forma, além da "mera" constatação, a pesquisa adentra na paisagem sociocultural da roça, observando e refletindo sobre a condição de vida em que a maioria dos moradores, trabalhadores rurais empobrecidos, estiveram envoltos.

Por meio desse olhar sobre a condição de vida na roça durante parte considerável do século passado, acredita-se na possibilidade de entender, com maior profundidade, o *modus vivendi* dentro do cotidiano de Bela Vista de Goiás, compreendendo um pouco mais sobre as relações sociais estabelecidas nesse espaço. Por último, é justamente por meio de um olhar sobre a roça goiana que se percebe, com maior profundidade, a manifestação de toda uma teia de sociabilidade e solidariedade construída historicamente por esses atores e atrizes sociais. Teias que, entre outras questões, se constituíram como elementos fundamentais para a garantia de uma vida, minimamente, mais digna.

A partir da imersão no cotidiano rural bela-vistense, existe maior possibilidade de compreensão da longeva trajetória de vida de Geraldinho Nogueira, e, consequentemente, compreendê-lo não somente como um indivíduo caipira, mas na condição de um trabalhador rural empobrecido, espoliado no meio rural, durante quase todo o período da sua existência. Como consequência da condição econômica imposta, teve que desempenhar diferentes ofícios no cotidiano. Desde pequeno, pelas circunstâncias da vida, compreendeu que somente por meio do trabalho poderia assegurar uma vida menos sofrível, não somente no sentido individual, mas para o numeroso nicho familiar.

Analisar Geraldinho Nogueira sob uma ótica que o compreende como mais que um indivíduo caipira, enveredando na estrutura agrária, no poder dos grandes fazendeiros, da consequente exploração de uma maioria dos trabalhadores rurais, desnudará o modo como essa roça, por meio dos seus valores e costumes, conseguiu moldar toda uma sociedade por praticamente dois séculos. No entanto, essa mesma estrutura da roça, com os seus valores e costumes muito parecidos ao longo do processo histórico, deixou, de algum modo, uma pequena fresta. Nesse sentido, foi justamente por essa pequena fresta que houve possibilidade tanto de manifestação quanto de interferência individual dentro de uma estrutura aparentemente fechada[90].

[90]Giovanni Levi (2006), por meio do ensaio *Usos da biografia*, argumenta que, apesar de existir um *habitus* em algumas sociedades, característico ou representativo de experiências comuns, esse *habitus* não impossibilita a manifestação de uma liberdade individual dentro do grupo. O ator social, a partir da liberdade encontrada, consegue interferir ativamente no processo coletivo.

Os valores que historicamente moldaram toda uma conjuntura sociocultural foram o resultado da preponderância da estrutura agrária que se formou nas terras goianas desde meados do Setecentos, contexto no qual a economia aurífera apresentava os primeiros sinais de esgotamento, vindo a se confirmar poucas décadas depois. A partir desse recorte, a estrutura agrária, juntamente com seus valores, costumes e códigos morais passou a interferir direta e ativamente no cotidiano dos moradores, especialmente no âmbito dos trabalhadores rurais. Sobre a relevância da pesquisa pautar-se no cotidiano para desnudar uma determinada realidade sociocultural, Anzai (1985) considera:

> Entendemos ser o estudo sobre o cotidiano importante por vários motivos. Em primeiro lugar porque, ao abranger as atividades, sensações, comportamentos e hábitos humanos do dia a dia, dos quais os homens participam com todos os seus sentidos, saber, sentimentos, trabalhos, paixões, crenças, dúvidas, etc., permite alcançar um leque muito grande de manifestações sociais, as quais não restringem apenas ao campo econômico, ou político e religioso. Na vida cotidiana todos os elementos de uma formação social se misturam, a História se faz vida, a vida é a própria História (1985, p. 01).

A vida cotidiana da comunidade bela-vistense, constituída majoritariamente de trabalhadores rurais empobrecidos, esteve repleta de sabores, de cheiros, de crenças, descrenças, de pequenos, entretanto importantes momentos de alegria. A vida esteve dominada pela contribuição mútua, caracterizada por muita luta e labuta para a garantia das condições mais elementares da vida. Na mesma linha de raciocínio, o cotidiano, em muitos momentos, esteve dominado por uma prática de colaboração entre os atores sociais, assim como esteve permeado por uma crença inabalável nos seres sobrenaturais, principalmente naqueles inerentes ao catolicismo popular. No que diz respeito à crença, para cada ocasião parecia haver um santo ou uma santa reunindo condições de mitigar o sofrimento de alguém. Enfim, é na vida cotidiana, conforme observa Anzai (1985), que se fez e se faz história, e a história esteve presente na vida da comunidade rural de Bela Vista de Goiás.

Entende-se que os sentimentos, as manifestações culturais, os valores, as crenças, os costumes, a organização política, social, econômica, formaram socialmente, culturalmente e historicamente, uma sociedade. Os atores dessa conjuntura foram inculcados com os valores da roça. Entre os pesquisadores, dedicando importantes reflexões na análise da cultura caipira, não resta muita dúvida de que Antonio Candido está entre os mais importantes estudiosos da temática. O sociólogo fez, além de todo o escrutínio teórico, uma pesquisa de campo minuciosa

relacionada ao caipira paulista da região de Bofete[91], interior do estado de São Paulo. A pesquisa é uma referência para todos aqueles que têm na trajetória de vida dos moradores da roça um objeto das suas reflexões.

Por meio do trabalho de campo, Antonio Candido (1975) apresentou a estrutura social/econômica, o comportamento e a organização deste segmento social. Com ênfase na rotina de trabalho, no modo de preparo para o plantio dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, fez referência aos costumes, à própria dieta alimentar, aos gêneros alimentícios mais presentes na mesa, observando, também, a vida construída em comunidade e as próprias transformações modernizantes em curso na segunda metade do século passado, entre inúmeras outras questões envolvendo o universo sociocultural do caipira paulista. Candido (1975) enfatizou algumas dificuldades enfrentadas por esses atores, destacando que os problemas econômicos interferiram nas condições de sobrevivência:

> O caipira típico foi o que formou essa vasta camada inferior de cultivadores fechados em sua vida cultural, embora muitas vezes à mercê dos bruscos deslocamentos devidos à posse irregular da terra, e dependendo do bel-prazer dos latifundiários para prosseguir sua faina (1975, p. 81).

Embora Candido esteja se referindo aos caipiras de uma região do interior do estado de São Paulo, pequenos proprietários de terra, algumas definições do sociólogo caminham ao encontro do objeto de pesquisa desta tese. De maneira mais precisa, relaciona-se com Geraldinho e com a condição de vida de parte considerável dos trabalhadores da roça goiana no decorrer do século passado. Por exemplo, quando Candido (1975) menciona que o caipira deve ser entendido como um representante da camada inferior de cultivadores, é possível encontrar semelhança com a condição do trabalhador rural goiano, pertencente a essa camada inferior ou subalterna da sociedade, plantando os gêneros alimentícios de primeira necessidade. Diante da condição subalterna, procurou se valer da terra, da agricultura de subsistência como uma condição elementar para a garantia da sobrevivência.

Outra definição apresentada por Candido (1975), que merece atenção, está na afirmação de que o caipira típico estabeleceu uma vida cultural restrita, mais fechada nos valores e costumes produzidos no seio da própria comunidade. Dessa forma, entende-se que o indivíduo, ou mesmo o grupo social, não estabeleceu relações ou intercâmbio cultural, pelo menos não frequentemente, com outras sociedades, com seus valores e costumes diferentes. A

[91] A pesquisa de campo de Candido resultou no clássico livro *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação social dos seus meios de vida.

perspectiva da cultura da roça, como tendo sido de um caráter mais fechado, constitui-se como elemento importante para a pesquisa, oferecendo condições de adentrar no processo de formação sociocultural, político e econômico de Goiás a partir de meados do século XVIII. Essa formação permaneceu com forte atuação até a primeira metade do século XX.

Toda a estrutura social, consolidada historicamente, encontra representação na categoria da fazenda-roça goiana, concomitantemente com os valores tradicionais/rústicos. Foram justamente esses valores que moldaram os atores e atrizes sociais dentro desse universo sociocultural. Na leitura apresentada por Borges (2016), a fazenda-roça goiana constituiu-se na condição de a grande matriz territorial de formação do sertanejo goiano ao longo do processo histórico. Entre os valores que, direta ou indiretamente, estão presentes na análise de Borges (2016), formando toda a teia sociocultural, moldando a camada de cultivadores inferiores, identifica-se o valor que o sertanejo/caipira atribuiu ao trabalho no roçado, ao suor escorrendo pelo rosto, o reconhecimento diante do princípio da honestidade, do poder da palavra suplantando qualquer documento escrito, da alegria quando reunia condições de fazer um favor a um vizinho necessitado, de voltar para casa depois de uma lide dura cuidando das plantações e poder tomar um banho no riacho, tirando, desse modo, a sujeira impregnada no corpo. A satisfação que se tinha ao perceber a mesa farta, garantindo o mais essencial na dieta alimentar, como arroz, feijão e um naco de carne.

A exemplo dos valores da roça, destaca-se o trabalhador, que, depois de uma lide dura carpindo o solo, procurava o jantar logo na boca da noite, objetivando dormir cedo para levantar-se ainda de madrugada. Levantava-se cedo para começar mais um dia de trabalho e esperar, pouco depois, ansiosamente o grito do filho, avisando que o almoço estava pronto e a energia do corpo, que se esvaía em decorrência do labor árduo, poderia ser, finalmente, reposta. Acreditava-se que, para cada situação, um santo ou uma santa poderia resolver, desde um mau-olhado até uma ofendida de cobra, do respeito aos dias santos, de pedir ao benzedor para afastar as moléstias da pequena porção de terra ou mesmo da plantação, de ser eternamente grato à parteira, ou gratidão estendida à figura da raizeira por ter curado uma doença que, durante muito tempo, incomodou. Como um reflexo destes valores, estava o hábito de fazer uma novena, ou receber um pouso de folia como forma de agradecer a um pedido atendido. Enfim, esses entre tantos outros valores deram sentido à vida dos moradores da roça goiana.

Em muitas ocasiões, diferentemente de uma revolta social com a situação vigente, procuraram aceitar as condições de vida a que estavam submetidos, entendendo que a vida é assim mesmo, e que pouco resultado teriam se reclamassem ou lamentassem, porque os "graúdos", aqueles lá de cima, fariam muito pouco para uma transformação efetiva da realidade

social. Diante de uma formação sociocultural e socioeconômica tão longeva, torna-se difícil imaginar que os valores rústicos/tradicionais da fazenda-roça não estiveram presentes no cotidiano caipira de Bela Vista de Goiás no transcorrer do século passado. De forma ainda mais direta, torna-se difícil imaginar que todos estes valores não estiveram presentes na vida de Geraldinho Nogueira.

A ideia de uma vida cultural fechada, como descreve Candido (1975), possivelmente será compreendida, na questão específica de Goiás, por meio da premissa dos valores rústicos/tradicionais da fazenda-roça goiana[92]. Nesse momento em que Candido (1975) aparece como uma referência importante para a pesquisa, não existe o objetivo de fazer uma reprodução literal do *modus vivendi* do caipira de Bofete e apresentá-lo como se fosse o modo de vida do morador da roça goiana. No entanto, *Os Parceiros do Rio Bonito* oferece algumas referências que orientam a compreensão da organização social, a relação dos trabalhadores com a terra, a construção das teias da sociabilidade e da solidariedade, entre outras questões. Um outro fator é que Candido não compreende a cultura caipira como pertencente unicamente ao interior paulista, estendendo-a para outras regiões:

> Um lençol de cultura caipira, com variações locais, que abrangia partes da Capitania de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso. Cultura ligada a formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros (1975, p. 79).

Por meio da citação, fica muito perceptível que, além de São Paulo, Candido (1975) esparrama o lençol da cultura caipira para Minas Gerais, Mato Grosso e para o estado de Goiás. No entanto, adverte as variações locais inerentes a cada cultura caipira. Mesmo reconhecendo as especificidades de cada região, identificam-se muitas semelhanças nesse caldo cultural que formou um vasto lençol no território nacional, o que é ainda mais perceptível se a categoria caipira estiver sendo interpretada de um modo mais abrangente. Desse modo, é necessário encontrar representação nos pequenos proprietários de terra, chacareiros/sitiantes, ou nos

[92] A ideia de uma vida fechada no território goiano, apresentada como tentativa de compreensão da organização sociocultural desse espaço, não está relacionada à perspectiva de uma cultura estanque. Na leitura de Borges (2016), por meio dos lombos de burros e assoalhos dos carros de boi, cortando estradas dentro do próprio território e de outras regiões, levando e trazendo mercadorias por meio dos boiadeiros e dos tropeiros, Goiás conseguiu estabelecer e costurar relações com outras regiões do país, com outras culturas que tiveram importância na formação territorial e cultural do povo. Se os outros valores culturais inerentes ao processo de comercialização de mercadorias não foram preponderantes para a formação sociocultural, tiveram, indubitavelmente, sua parcela de contribuição. Martins (2018) afirma que a ideia de uma cultura sertaneja impermeável aos valores da modernidade não se sustenta. Na concepção do autor, mesmo dentro de uma cultura com característica mais fechada, outros valores, de algum modo, encontram meios para adentrar.

trabalhadores rurais despossuídos da posse, indivíduos pertencentes àquela camada subalterna dentro da estrutura agrária.

Antonio Candido (1975), conforme observado, apresenta os caipiras paulistas como uma camada inferior de cultivadores, de agricultores voltados para a lide no trabalho, cuidando quase inteiramente da produção de gêneros alimentícios de primeira necessidade. O sociólogo assegura que esses gêneros, arroz/milho/mandioca, foram importantíssimos, porque garantiram as condições mínimas de subsistência. Nessa esteira de análise, no intuito de considerar algumas semelhanças entre o caipira paulista e o morador pobre/trabalhador rural da roça goiana, torna-se válido reiterar aquela observação do sociólogo, mencionando que a condição de vida difícil dos caipiras da região de Bofete poderia ser explicada, entre outros fatores, pelo poderio dos latifundiários da região. Na fazenda goiana, o poder coercitivo dos grandes fazendeiros teve um peso considerável na vida dos trabalhadores rurais, não sendo muito diferente na condição de Geraldinho.

Tomando os cuidados necessários com o conceito de representação, o caipira goiano, ao longo do processo histórico, poderá ser compreendido como sinônimo de um trabalhador pobre do meio rural, despossuído de qualquer porção de terra e necessitando do acesso à terra para a garantia da sobrevivência. Diante da necessidade, se submeteu aos ditames da elite agrária. Na leitura de Candido (1975), uma das maneiras de explicar o processo de submissão está, justamente, na ideia do bel-prazer dos grandes latifundiários. O poder coercitivo operava sistematicamente nos lençóis da cultura caipira. Ao referir-se ao poderio das camadas dirigentes, fazendeiros e latifundiários na formação do território goiano, Borges apresenta uma análise histórica de seu *modus operandi*:

> Originária de uma estrutura fundiária marcada pelo latifúndio e pela posse, a Fazenda-roça goiana formou-se por meio das concessões de sesmarias, mas também com a apropriação desregulamentada do solo que permitiu a concentração de terras e a manutenção do poder por algumas famílias. Frente à imensidão do território goiano, alguns optaram pelas fronteiras tomando posse de pequenas parcelas para garantir a sobrevivência. Outros que não tiveram condições de adquirir concessões agregaram-se nos latifúndios (2016, p. 131).

Toda a construção histórica de Borges (2016), analisando a formação da estrutura agrária de Goiás, caracterizada pelo latifúndio e pela posse, tem seu início nas sesmarias e na apropriação indevida de inúmeras e gigantescas porções de terra, que resultou na concentração e no poderio econômico/político de um grupo pequeno de famílias, constituindo-se na formação dos fazendeiros goianos. No entanto, mesmo dentro dessa estrutura coercitiva que moldou a

roça goiana, alguns atores oprimidos conseguiram uma margem de manobra. Na imensidão do território, algumas famílias conseguiram ocupar pequenas porções de terra naqueles rincões mais afastados, distantes dos centros urbanos. A partir da mobilidade e posterior fixação na terra, conseguiram garantir uma subsistência menos dependente dos interesses da elite agrária. Porções de terra que, tanto pela localização geográfica quanto pela ausência de infraestrutura operada pelo estado, estiveram distantes, pelo menos, por um determinado momento, da cobiça dos grandes fazendeiros.

As terras localizadas nos espaços longínquos, caracterizadas pela baixa fertilidade do solo, ocupadas pelos indivíduos empobrecidos, foram utilizadas unicamente para a garantia da sobrevivência alimentar, para o plantio e cultivo dos gêneros alimentícios de primeira necessidade. Aqueles indivíduos que não conseguiram ocupar as porções de terra, por exemplo, constituíam a maioria da população. Nesse sentido, com o intuito de sobreviver, de ter acesso à terra para plantar e colher os gêneros alimentícios básicos da dieta alimentar, acabaram se tornando agregados[93] dos grandes proprietários. Com isso, ficaram à mercê dos mandos e desmandos dos fazendeiros locais/regionais.

Na leitura de Borges (2016), identificando o início da formação da fazenda-roça goiana no processo da sesmaria, possivelmente, seja válido um pequeno recuo histórico na tentativa de compreender, mesmo que por meio de linhas mais gerais, *o modus operandi* de construção e consolidação da estrutura agrária no estado. Essa estrutura resultou na grande concentração de terra por parte de um número pequeno de famílias e, como consequência, proporcionou uma vida difícil no horizonte da maioria da população. Entender o modo de construção e consolidação a partir de um recuo histórico torna-se importante, possibilitando identificar o quanto essa estrutura interferiu diretamente na vida do morador da roça e na vida dos trabalhadores rurais. Como não poderia ser diferente, influenciou decisivamente na condição de vida de Geraldinho.

Durante um período considerável, Geraldinho esteve na condição de agregado de alguns fazendeiros da região de Bela Vista de Goiás. Esteve nessa situação, passando por muitas dificuldades, no mínimo, em três oportunidades. De forma mais assertiva, o contador de causos foi muito mais do que um "mero" representante desse segmento social de trabalhadores do meio rural. Foi, verdadeiramente, um trabalhador rural, trabalhador da roça, que passou por praticamente todos os percalços que os demais companheiros enfrentaram. Entre os desafios, encarou as condições mínimas de subsistência durante quase toda a vida. A carestia demandou

[93] Na continuidade da pesquisa, haverá uma análise mais específica sobre o trabalhador rural agregado e sua própria condição dentro da estrutura agrária de Goiás no decorrer do século XX.

dos trabalhadores, não somente de Geraldinho, muito labor para a garantia daquilo que Candido (1975) entende como característica do mínimo vital[94].

Quando se fala em dificuldade, subsistência ou mínimo vital, entende-se que as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores rurais, na primeira metade do século XX, tiveram uma relação muito estreita com a falta da terra para plantar, colher e comer os gêneros alimentícios necessários, resultando em uma significativa dependência dos grandes proprietários. Serão mais bem compreendidos quando forem analisados como problemas de longa duração, ou seja, inseridos dentro de uma conjuntura histórica diretamente vinculada à teia da estrutura agrária que se formou e se consolidou no território e na paisagem goiana. Tudo isso se passa em meados do século XVIII e permaneceu, com base nas considerações de Borges (2016), com poucas alterações até a primeira metade do século passado.

Nesse sentido, localizam-se as raízes desse problema longevo no processo de reorganização econômica que ocorreu em Goiás a partir da segunda metade do Setecentos. A reorganização foi uma consequência direta do depauperamento da produção aurífera. Com a diminuição das reservas de ouro dentro do supracitado contexto, a preponderância econômica concentrou-se quase exclusivamente nas atividades produtivas vinculadas às grandes porções de terra, transitando, no primeiro momento, na economia de subsistência e na pequena exportação. Fazendo uma reflexão atenta sobre o processo de organização ou reorganização econômica a partir da segunda metade do século XVIII, Ferreira Costa observa:

> Exauridas as minas, o refluxo de aventureiros e mineradores não foi total. Muitos permaneceram na região, optando pelas atividades agropastoris, o que levou à redistribuição da população por engenhos e fazendas e à reestruturação da economia e da sociedade em novas bases, com feição agrária e conservadora. O ciclo mineiro completou se, em Goiás, em menos de um século, culminando em generalizada regressão cultural e estagnação econômica. Em alguns casos, porém, transparecem esforços de adaptação às atividades de agricultura e de pecuária, que se impunham como opções viáveis (1978, p. 15).

A leitura interpretativa da autora, apontando um processo de reorganização econômica em Goiás depois da diminuição da exploração aurífera na segunda metade do século XVIII,

[94] A categoria de mínimo vital está presente no livro *Os Parceiros do Rio Bonito*. Candido (1975) apresenta o mínimo vital como sendo a categoria que explica o cotidiano do caipira paulista da região de Bofete. Na concepção do sociólogo, todos os esforços desse segmento estavam voltados para a garantia do mínimo necessário para a sobrevivência familiar, mínimo não somente na questão alimentar, mas no aspecto da moradia, da vestimenta, do transporte, entre outras questões que tinham no mínimo o valor a ser alcançado.

torna-se uma questão fundamental a ser observada[95]. A autora argumenta que esse "ciclo" aurífero acabou sendo rápido, durou menos de um século. Após a diminuição da influência do metal precioso, o ouro acabou sendo substituído por um novo vetor econômico, caracterizado por uma economia agrária sedimentada em bases eminentemente conservadoras. Além disso, por meio da citação de Costa (1978), percebe-se que, após o processo de enfraquecimento da produção aurífera, o fluxo migratório de pessoas que vieram para Goiás, na expectativa do "enriquecimento rápido", ou mesmo de uma vida menos tortuosa, acabou diminuindo consideravelmente. No entanto, o refluxo migratório de pessoas ou de mineradores no Setecentos não demonstrou ter sido um fenômeno total. Com a diminuição do ouro, não é possível afirmar que a província goiana tenha se tornado um "espaço vazio".

A população que continuou residindo na província, após a diminuição da extração aurífera, teria sido redistribuída nas atividades agrárias, em alguns engenhos e, principalmente, nas grandes fazendas existentes. Deve-se considerar que o engenho foi entendido como um dos vetores mais importantes da economia escravagista no Brasil e que teve também sua relevância no território goiano, mesmo que em proporções menores, se comparado a outras regiões brasileiras, especialmente a região Nordeste. A partir dessa linha de raciocínio, entende-se que parte considerável da população redistribuída nos engenhos constituía-se de negros

[95] A leitura sobre a reorganização ou reestruturação da economia goiana sustenta-se por meio de uma perspectiva que tem, como objetivo, estabelecer uma distância da tese da decadência que, durante um tempo considerável, predominou na historiografia goiana. Entre os autores que se posicionam de forma crítica à tese da decadência, destaca-se Nasr Chaul (2015) e a importante pesquisa intitulada *Os caminhos da modernidade.* Essa interpretação de uma decadência depois da diminuição da exploração aurífera esteve muito presente na literatura de viagem, produzida tanto por cronistas europeus quanto por presidentes de Província que percorreram e analisaram a realidade social do território goiano durante a primeira metade do século XIX. Entre os cronistas e presidentes que são referência, destaque para a produção de Saint-Hilaire, Castelnau, Emannuel Pohl, Cunha Mattos, entre outros, que leram e interpretaram de modo crítico o "mundo de Goiás". Nesse contexto, diante do depauperamento da economia do ouro, a reorganização econômica sustentou-se por meio de uma economia de subsistência e de pequena exportação agrária. Essa transformação na economia, tendo consequência na vida social, acabou sendo lida e interpretada pelos cronistas/ presidentes de província destacados acima, guardadas pequenas variações, como sinônimo de uma nítida decadência econômica, social e cultural muito acentuada no território goiano. Todo o processo de reorganização/reestruturação econômica/social dentro do território concentrou-se, em detrimento da urbanização, da presença das fábricas e do trabalho proletário, condição presente em parte considerável dos países europeus, continente de origem da maioria dos viajantes/cronistas, no trabalho agrário, na pecuária de pequena exportação e na agricultura de subsistência. De acordo com Chaul (2015), com os olhos embotados pela "realidade europeia", industrialização e urbanização no horizonte, a leitura interpretativa sobre Goiás se constituiu como uma leitura depreciativa. Com base em Costa (1978), sinalizando para uma população redistribuída nas fazendas, uma sociedade agrária e conservadora, Goiás dificilmente seria interpretado de uma outra forma que não passasse pelas críticas dos viajantes. Porém, na concepção de Chaul (2015), a tese da decadência utilizada para representar Goiás após o declínio da mineração merece ser questionada. Na concepção do autor, as atividades inerentes à pecuária e à agricultura de subsistência teriam conseguido fomentar todo o processo de "desenvolvimento socioeconômico de Goiás", abrindo os caminhos da modernidade que seriam implementados, de forma mais efetiva, a partir das primeiras décadas do século XX. Essa modernização, no primeiro momento, foi representada na Estrada de Ferro Goiás e, pouco tempo depois, na transferência da capital, em meados da década de 1930, com a construção de Goiânia. Além de Chaul (2015), encontram-se importantes considerações sobre os efeitos da modernização em Goiás, com um olhar crítico sobre esse processo, na pesquisa de Borges (2016).

escravizados[96]. Um exemplo pode ser encontrado no Engenho São Joaquim[97], propriedade do comendador Joaquim Alves de Oliveira, localizado na região de Meia Ponte. O proprietário utilizou-se, consideravelmente, da exploração da mão de obra negra escravizada.

Desde o final do século XVIIII, os trabalhadores pobres não escravizados, ou mesmo os negros alforriados, foram redistribuídos nas grandes fazendas ou nos arredores das propriedades. Nessa última condição, estavam voltados quase unicamente ao cultivo dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, construindo, desse modo, a agricultura de subsistência. Em muitas ocasiões, as pequenas lavouras, a partir dos excedentes produzidos, encontravam condições de garantir o abastecimento de grandes propriedades voltadas essencialmente para a pecuária de exportação. Todo o processo de reorganização econômica, ocorrido no território goiano dentro do Oitocentos, levando em consideração a análise defendida por Costa (1978), teria sido construído e moldado a partir de uma sociedade agrária, com característica conservadora.

Na historiografia especializada, é possível encontrar uma quantidade considerável de pesquisas que se aproximam da leitura apresentada por Costa (1978), especialmente sobre a concentração de terra. Quando analisa a reorganização/reestruturação econômica de Goiás durante o Oitocentos, Anzai (1985) descreve *o modus operandi* desse processo, tendo transitado de uma economia mineradora, caracterizada pela exploração, comercialização e exportação do metal precioso para uma economia agrária voltada para a produção de gêneros alimentícios e exportação em escalas menores. Produção de víveres que procuravam atender às necessidades mais básicas da população existente na província. Entretanto, no que tange ao aspecto da exportação, o pequeno excedente gradativamente começou a ser comercializado com outros

[96] Na perspectiva de alguns pesquisadores, a utilização do trabalho escravo não foi tão intensa nas fazendas goianas se comparada a outras regiões do país durante o século XIX. A justificativa está no fato de o trabalho na fazenda ter se centrado no âmbito familiar, envolvendo o cultivo de víveres para a subsistência. Além disso, na perspectiva daqueles que defendem a tese do trabalho escravo em menor proporção, está a ideia de que a estrutura agrária teria criado outras formas de exploração do trabalho, centrada na figura dos agregados, dos meeiros e dos arrendatários. Na condição da pecuária, envolvendo o cuidado e o transporte do gado, o ofício não teria demandado um contingente grande de trabalhadores, dispensando o trabalho do negro escravizado nessa atividade específica. A tese do trabalho escravo, proporcionalmente menor nas fazendas goianas, se comparada a outras regiões do país, é defendida por Freitas e Silva (2013), no artigo *Fazendas Goianas.* No entanto, a possível constatação não significa que o trabalho escravo não esteve presente na estrutura agrária que se consolidou no século XIX, afinal, proporção menor não é sinônimo de inexistência. Conforme observado, tendo Costa (1978) como uma referência, a mão de obra do negro escravizado esteve presente em algumas fazendas de engenho, quando se destaca o *Engenho São Joaquim.* Inclusive, Costa (1978) defende que o enriquecimento do comendador Joaquim Alves de Oliveira, considerado, na primeira metade do Oitocentos, o homem mais rico da Província, esteve relacionado à comercialização de negros escravizados.

[97] Conhecida atualmente como Fazenda Babilônia. Na contemporaneidade, a Fazenda é um importante ponto turístico na região de Pirenópolis-GO.

centros econômicos, tais como São Paulo e Minas Gerais[98].

O caráter conservador da sociedade goiana não teria se manifestado unicamente na questão dos valores e dos costumes tradicionais, mas esteve muito presente na própria concentração de terra. As melhores e as maiores porções de terra, tanto no quesito da fertilidade do solo quanto na localização geográfica privilegiada, próximas aos centros comerciais, ou a redes técnicas, estradas/caminhos, oferecendo uma melhor distribuição das mercadorias passaram por um processo de concentração. Essas terras teriam ficado sob o poderio dos agentes sociais que, desde o período da mineração, detinham um poderio econômico, social e político forte no território goiano. Anzai explica o modo como operou a concentração de terra em Goiás:

> Transitou-se de uma economia mineradora de alto teor comercial para uma economia agrária, de subsistência, onde se produziu apenas algum excedente para a aquisição de gêneros de primeira necessidade não fabricados na região. Apenas os mineiros que, desde o tempo do ouro, já investiam excedentes nas duas economias, conseguiram lucros com a pecuária. As maiores e mais importantes fazendas ficaram em mãos de poucos, que controlavam a posse dos campos mais próximos aos caminhos de exportação para o sul (1985, p. 21).

A partir da linha de raciocínio costurada pela autora, existe uma consonância em torno da tese de que o processo de reorganização/reestruturação da economia goiana durante o século XIX, representado na ascensão e na consolidação da economia agrária em detrimento da exploração aurífera, esteve distante de significar uma possibilidade de melhora efetiva de vida para a maioria da população residente no território. No mencionado contexto, envolto em importantes transformações sociais, políticas e econômicas, praticamente todo o processo de reorganização esteve caracterizado na concentração ou mesmo na continuidade[99] da posse da terra, das melhores terras nas mãos dos grandes fazendeiros, indivíduos que, desde o processo da mineração, conseguiam investir alguns dividendos nas propriedades e nas atividades ligadas

[98] "Curiosamente", os mesmos centros que passaram a receber o Fumo de Bela Vista de Goiás na segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século seguinte. Mais do que uma coincidência, a constatação evidencia o poderio econômico que São Paulo e Minas Gerais tinham adquirido na economia nacional desde o contexto do Oitocentos.

[99] É importante fazer essa ressalva sobre o processo de reestruturação econômica em Goiás a partir do final do século XVIII, com ênfase na continuidade da posse da terra nas mãos dos grandes proprietários. A economia agrária, concentrada na agricultura de subsistência e na pecuária de pequena exportação, não necessariamente surgiu após o declínio da exploração aurífera, tendo estado em vigência mesmo dentro do período mais propício de exploração do ouro. No entanto, dentro dessa conjuntura de pujança do metal precioso, as atividades agrárias detinham um papel secundário na estrutura organizacional e econômica conforme destaca Borges (2016). No entanto, em virtude da perceptível diminuição da exploração aurífera, manifestando-se a partir da segunda metade do Setecentos, a estrutura agrária gradativamente deixava sua condição secundária e se consolidaria no Oitocentos como a principal sustentação econômica, política, cultural e social de Goiás.

à agricultura e à pecuária. A concentração de terra, evidenciada pelo fato de haver grandes porções nas mãos de poucos indivíduos, proporcionou a exclusão social dos demais segmentos da sociedade goiana, passando a viver à margem dos grandes proprietários.

Entre os segmentos excluídos durante o Oitocentos, identificados a partir da leitura de Costa (1978), destacavam-se os negros escravizados, os negros libertos, os mestiços e os brancos pobres que não conseguiram ou foram impelidos de se apossar de porções de terra nesse processo de reestruturação econômica. Após o período da abolição da escravatura, final da década de 1880, todo o segmento excluído do processo de reorganização passou a ser mais bem representado pelos negros libertos, mestiços e pelos brancos pobres. Esses atores sociais constituíram a camada inferior ou subalterna da sociedade goiana dentro do supracitado contexto. A subalternidade se dava tanto no aspecto social, político, cultural quanto na condição econômica, não passando por grandes modificações estruturais com o decorrer do tempo. Na primeira metade do século XX, por exemplo, a camada espoliada encontrava-se, ainda, muito dependente dos grandes proprietários de terra. Totalmente dependente, vivendo à margem da sociedade, passando por inúmeras dificuldades socioeconômicas estava Geraldinho Nogueira.

Alguns fatores resultaram na continuidade da exclusão social e na concentração de terra por parte da elite agrária goiana, que se tornou ainda mais acentuada a partir do processo de reorganização econômica da segunda metade do Setecentos, caracterizada pela diminuição da exploração aurífera e pelo maior protagonismo da economia agrária. Nesse sentido, não se pode desconsiderar que essa concentração das grandes e das melhores propriedades continuou acentuada mesmo depois de terem acontecido importantes transformações sociais, políticas e econômicas que o país e, certamente, o estado de Goiás, experimentaram na segunda metade do Oitocentos. Na esteira das modificações, estavam a abolição da escravidão e a Proclamação da República. Procurando compreender os efeitos dos procedimentos “legais” adotados pelo estado durante a última década do século XIX, favorecendo e ampliando o poder da elite agrária goiana, Anzai observa:

> Em 1891, uma vez transferida para os Estados, as terras devolutas, na prática, foram colocadas em mão das oligarquias regionais, dos grandes fazendeiros. O antigo senhor de escravos se transformava em senhor de terras, subjugando agora o trabalho “livre”, que ia se tornando cada vez mais adequado pois, ao libertar o escravo, o dono das terras transformava-o em agregado. Juntavam-se, pois, os libertos aos homens livres já existentes, sem lugar definido na sociedade (1985, p. 23).

Com a devolução das terras públicas no ano de 1891, cenário observado por Anzai, não houve uma preocupação do estado no sentido de redistribuir as porções de terras com os despossuídos da posse, pelo contrário. A transferência das terras devolutas para o estado significou, na prática, uma maior possibilidade de aquisição dessas mesmas porções por parte dos grandes fazendeiros. Em uma sociedade que se tornava majoritariamente agrária, envolta na pecuária de exportação e na agricultura de subsistência, condição inerente a Goiás desde o início do Oitocentos e sem grandes alterações até o final do século, não ter um pedaço de terra para chamar de seu resultava naquilo que Candido (1975) mencionou como condição de vida dependente do bel-prazer dos grandes fazendeiros.

Os trabalhadores rurais, que constituíam a maioria absoluta dos moradores da roça goiana, não tinham um lugar muito bem definido nessa conjuntura agrária concentradora e conservadora. O bel-prazer ou a submissão significou violência, exploração, opressão e perseguição aos indivíduos mais pobres, trabalhadores que foram obrigados a se sujeitar aos ditames coercitivos da elite agrária. Caso contrário, teriam dificuldades para garantir as condições elementares de sobrevivência. Entre os meios que garantiriam o mínimo vital, indubitavelmente, havia o desejo de um pedaço de terra para o plantio dos gêneros alimentícios. Nessa perspectiva, sujeitar-se aos mandos e desmandos, de acordo com Borges (2016), construiu, no imaginário do trabalhador rural, uma política formada e formatada pela pedagogia do medo. Todo esse emaranhado de questões, como violência, opressão, proteção do estado aos poderosos, destinação de terras públicas aos grandes fazendeiros, submissão dos trabalhadores, entre outras questões, encontra uma definição nas considerações de Silva:

> Goiás não foi diferente do restante do Brasil, o grande fazendeiro teve apoio e incentivo por parte dos órgãos do estado. O estado mediava a manutenção da grande fazenda e ocultava os crimes cometidos contra os trabalhadores que dependiam, diretamente, destes grandes fazendeiros. Daí a influência política dos proprietários de terra em todo o Estado, mandando e desmandando através dos conchavos (2002, p. 17).

No mesmo sentido da leitura apresentada por Silva (2002), observando o *modus operandi* do estado na mediação e na manutenção da grande fazenda, ocultando a política coercitiva dos fazendeiros, Anzai (1985) sinaliza o favorecimento do estado aos grandes proprietários a partir da política das terras devolutas. Quando o estado recebeu as terras devolutas no ano de 1891, não houve a mínima preocupação de promover a redistribuição das terras com os mais pobres da sociedade, com os despossuídos da posse. Antes mesmo da transferência das terras devolutas ao estado, as gigantescas porções estavam sob o domínio do

grande fazendeiro escravocrata. No final do Oitocentos, a partir da política de devolução e redistribuição sob a responsabilidade do estado, as terras continuariam pertencendo, guardadas pouquíssimas exceções, as mesmas oligarquias regionais de antanho.

Outros estudiosos da questão agrária em Goiás ressaltam a característica histórica adotada pelo poder público, tendo privilegiado um grupo específico da sociedade em desfavor do direito dos demais segmentos. Por meio de um breve recuo histórico, percebe-se que o poderio político e econômico tem sua origem ainda no período colonial, permanecendo praticamente incólume durante o Império e, guardadas as proporções, sem alterações profundas durante as décadas iniciais da Primeira República. No primeiro momento, a partir de uma leitura histórica, identifica-se que a política de benefício aos grupos dirigentes esteve representada nas Sesmarias[100], passando pela Lei de Terras de 1850[101], e a partir de 1891, conforme mencionado, encontrou força na política das terras devolutas ao estado.

O acontecimento político de 1891, representado tanto na devolução quanto na redistribuição das terras devolutas, não poderá ser compreendido enquanto uma invenção da conjuntura daquele período. Esse fato deve ser analisado na condição de uma política, dando continuidade aos privilégios dos grupos dominantes, no qual teve a sua origem nas Sesmarias, mas muito distante de se restringir à política do período colonial. Na prática, conforme assevera Anzai (1985), o domínio da terra e o poder coercitivo sobre aqueles que dela dependiam, ao longo do processo histórico, permaneceu praticamente inalterado, ficando sob o jugo da mesma elite agrária dominante.

---

[100] A política das sesmarias esteve presente durante o período colonial. A política se baseou no procedimento dos administradores da colônia, fornecendo enormes porções de terra, por meio de doação, para pessoas próximas do poder colonial e que estabeleciam uma relação estreita com os administradores. Os colonos, recebedores de grandes propriedades, ficavam com a incumbência de ocupar o território e produzir bens de valor voltados, quase exclusivamente, para a exportação, quando se destacavam o plantio e o cultivo da cana-de-açúcar. No entanto, dependendo da região, poderia haver o cultivo de gêneros alimentícios com vistas ao abastecimento do mercado interno. No entanto, essa última possibilidade não se constituía como o grande objetivo das políticas de distribuição de terras. Para se ter uma melhor dimensão das Sesmarias, consultar o pequeno, mas importante livro de Valtuir Silva (2002), *História Agrária em Goiás.* Outro autor fundamental é Caio Prado Júnior (1981). No livro *História Econômica do Brasil*, Caio Prado apresenta um cenário sobre as dificuldades que os administradores coloniais, diante da carestia alimentícia, tinham para fazer com que os colonos abastecessem o mercado interno com o plantio de gêneros alimentícios de primeira necessidade, tais como o plantio e o cultivo da mandioca. Essas demandas geralmente encontravam resistência dos proprietários, pelo fato de que tinham predileção de continuar produzindo para a exportação do que para o consumo interno da colônia.

[101] A Lei de Terras, conforme ficou comumente conhecida, trata-se, na realidade da Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850. A Lei de Terras, dentro do período imperial, utilizando as considerações de Silva (2002), pode ser entendida como uma política de legalização do latifúndio ou mesmo da concentração de terras no Brasil. A partir da implementação da lei, conseguir ter acesso à terra seria somente por meio da compra de títulos diretamente do estado. No entanto, pensando na condição de vida da maioria da população, convivendo com as mais diferentes formas de precarização, quando a escravidão da população negra se fazia intensamente, não havia a mínima condição da população pobre conseguir comprar o título da terra. Nesse sentido, as propriedades que, antes da promulgação da Lei, estavam sob o domínio da oligarquia regional, depois da implementação, continuaram com a mesma oligarquia. A única diferença, depois da promulgação, esteve na legalização dos títulos.

O poder público, a partir das ações e das omissões, teve um papel preponderante na consolidação da dominação e, consequentemente, na submissão da população empobrecida. A única diferença estava no fato de que a elite agrária, em decorrência dos acontecimentos históricos do final do Oitocentos, deixou de ser escravista e passou a utilizar outras formas de exploração do trabalho. Fazendo uma leitura reflexiva sobre as transformações em curso e a situação dos trabalhadores "livres" no supracitado contexto e nas décadas posteriores, Silva tece considerações pertinentes:

> Os pobres livres – trabalhadores braçais, diaristas, arrendatários e outros viviam à margem da sociedade, sendo lhes negado o direito a terra. Estes serviam como massa de manobra nos mandos dos grandes proprietários. Sendo quase todos obrigados a viver sob a tutela dos "coronéis", sob pena de serem punidos com as agressões de capangas (2002, p. 19).

Toda a condição de vida difícil para os trabalhadores rurais das fazendas goianas, convivendo com a coerção física e simbólica da elite agrária, dependente das relações de poder, não ficou restrita ao contexto do Oitocentos. A estrutura agrária, centrada no poderio político e econômico dos grandes fazendeiros, permaneceu enraizada, estando presente no estado de Goiás durante parte considerável do século XX. Entre os atores sociais subjugados dentro do processo histórico, tanto no nível social quanto econômico, vítima da concentração histórica de terra, encontra-se uma gama variada de trabalhadores rurais, tais como os agregados, meeiros, arrendatários, lavradores tradicionais e os pequenos proprietários. Todas as categorias, algumas mais, outras menos, estiveram envoltas nessa estrutura, afastadas das relações de poder.

É justamente nesse segmento da população pobre, moradora e trabalhadora da roça goiana, que se localiza a figura do lavrador tradicional, dependente do bel-prazer dos grandes fazendeiros, que se localiza Geraldinho e todo o núcleo familiar no transcorrer do século passado. Geraldinho Nogueira, dentro de um percurso de muitas décadas, trabalhou na condição de agregado de alguns fazendeiros da região, especialmente na região do Barro Amarelo e da Boa Vistinha. No entanto, em muitas ocasiões, mesmo estando na condição de agregado, arrendou terras para "as outras bandas", para conseguir garantir o cultivo dos gêneros alimentícios de primeira necessidade. Depois de muito tempo e de muito trabalho, despossuída da posse da terra, a família conseguiu adquirir uma pequena propriedade na região do Nuelo. Com a porção de terra, vislumbrava alcançar uma vida mais digna. Porém, a procura por uma vida menos sofrível não demandou menos esforço familiar.

A estrutura agrária, que resultou na concentração das maiores e das melhores porções de terra, segregando os atores sociais, possibilita uma leitura mais contextualizada da própria

condição socioeconômica de Geraldinho no meio rural bela-vistense. Pelo fato de ter sido um trabalhador rural pobre, analfabeto, desenvolveu diferentes atividades na roça goiana. Por meio da constatação, torna-se possível localizá-lo na condição de agregado, de lavrador, arrendatário de pequenas porções de terra, pedreiro, no ofício de carreiro, de carpinteiro e, finalmente, na condição de um pequeno proprietário. Não faltou esforço para esse indivíduo representativo de tantos outros, não faltou suor escorrendo pelo seu rosto para garantir as condições elementares da vida. A partir da linha de raciocínio traçada, não seria equivocado afirmar que Geraldinho e o nicho familiar foram vítimas da estrutura agrária concentradora e conservadora que se formou no território goiano.

3.1 O mundo vivido: Geraldinho Nogueira na condição de agregado

Diante do objetivo de compreensão sobre *o mundus vivendi do* morador da roça goiana no século passado, tendo nos trabalhadores empobrecidos a referência principal, encontra-se, na figura do agregado, um dos mais representativos agentes deste conjunto. Essa referência torna-se ainda mais significativa porque é justamente nesse segmento que esteve, durante parte considerável da vida, Geraldinho Nogueira. Entretanto, é válido reiterar que o agregado esteve distante de representar, de forma única, o trabalhador rural goiano. Na mesma esteira dos indivíduos despossuídos da posse da terra, estava o lavrador tradicional, conhecido popularmente na condição de peão da roça. Localizava-se, também, o arrendatário de pequenas porções de terra, o meeiro, ou mesmo o posseiro que ocupava aqueles espaços mais longínquos e desassistidos do estado. Por último, deve-se fazer referência ao pequeno proprietário, podendo ser considerado um dos trabalhadores rurais da roça goiana.

Todos os segmentos tiveram, como característica comum, uma relação estreita com a terra, envoltos no cuidado, no cultivo e na colheita dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, especialmente do milho, do arroz e do feijão. Toda a relação estreita com a terra e com o trabalho demandava muito esforço para a garantia da subsistência alimentar, inserindo homens, mulheres e crianças na labuta diária. O cotidiano dos trabalhadores estava orientado pelos valores tradicionais/rústicos da roça. Ao analisar, de uma maneira muito atenta toda a conjuntura social, tanto no âmbito do trabalho quanto da formação socioeconômica, política e cultural, é importante destacar as considerações de Borges, que faz referência ao mundo vivido:

> Vários elementos compõem a realidade dessa vida e do mundo sertanejo. A própria necessidade do trabalho intenso para suprir as necessidades do dia a dia exige um homem forte e destemido dos perigos da natureza, da mulher

> disposta a enfrentar a lida pesada e a discriminação de uma sociedade patriarcalista e machista, do filho e da filha obedientes que seguem os comandos do pai e da mãe, o que garante a reprodução da divisão social e do trabalho. Junta-se a isso, uma relação de classe baseada na exploração do trabalho, sob os desígnios divinos e do coronelismo, que se juntam pela via da pedagogia do medo para manter o poder disfarçado no carisma e na solidariedade presentes na subjetividade sertaneja (2016, p. 113).

Embora um pouco da realidade social, econômica e cultural apresentada por Borges (2016) tenha sido observada nos parágrafos anteriores, trazê-la para este momento da pesquisa é importante, principalmente para a compreensão de que a realidade da vida e do mundo sertanejo teve inúmeros elementos em comum, permanecendo inseridos na sociedade durante um longo tempo. Pelos valores em comum e pela capacidade de inserção histórica, interferiram no cotidiano, não somente dentro de um determinado recorte temporal, mas permaneceram na condição de valores, normas e condutas transmitidos ao longo das gerações, formando e formatando a sociedade goiana historicamente. Entre os valores, destaca-se a ideia de um trabalhador rural sem receios de enfrentar as "brabezas da vida", o envolvimento das mulheres na lide diária e direta do trabalho, a obediência sem muitos questionamentos dos filhos e das filhas diante dos ditames da figura patriarcal. Por último, enquanto um valor estrutural, a exploração do trabalho coordenada pelos grandes fazendeiros, tendo sido imposta aos trabalhadores despossuídos da posse da terra.

A partir da consideração, tendo na estrutura da roça goiana um ponto de encontro, torna-se possível fazer uma pequena diferenciação no *modus vivendi* dos trabalhadores. A diferenciação é um indicativo de uma análise mais pormenorizada sobre a condição do agregado, do meeiro, do arrendatário, do lavrador tradicional e do pequeno proprietário. Embora compartilhassem os mesmos valores tradicionais/rústicos, quando, aparentemente, a vida parecia ser idêntica para todos, tais como a relação estreita com a terra, o envolvimento com o trabalho, a necessidade do cultivo dos gêneros alimentícios para a subsistência alimentar, entre outros fatores que entrelaçam a vida numa mesma teia. No entanto, percebem-se sutis diferenciações quando existe uma análise mais pormenorizada sobre as condições de vida, assim como os meios para o trabalho e a própria relação estabelecida com a terra.

Entre os pesquisadores, reforçando a necessidade de se fazer uma pequena diferenciação quando se tem por referência os trabalhadores da roça goiana, envolvidos com a agricultura de subsistência, ressalta-se a relevância da pesquisa de Brandão[102]. Na nota

[102] O objeto de estudo de Brandão está voltado para uma análise sobre a condição de vida do lavrador urbanizado na região de Mossâmedes-GO. O recorte temporal da pesquisa está centrado na década de 1970. O livro apresenta algumas transformações na vida do novo trabalhador goiano que, até meados do século XX, encontrava-se

introdutória do livro *Plantar, colher, comer*: um estudo sobre o campesinato goiano, Brandão apresenta algumas das características laborais e as diferentes relações dos trabalhadores com as porções de terra. Menciona algumas especificidades envolvendo a condição do lavrador tradicional, indubitavelmente a mais abrangente e significativa das categorias de trabalhadores analisadas pelo antropólogo. Observa, por exemplo, o modo de vida do pequeno proprietário, não deixando passar despercebido a situação do lavrador urbanizado. Por último, faz uma alusão à condição de vida do agregado, entendendo-o enquanto um trabalhador com pouca capacidade de inserção na segunda metade do século XX:

> *Lavrador* será sempre considerado aqui o produtor rural através de trabalho direto, não proprietário de terra em chácaras ou fazendas. A categoria lavrador envolve o trabalhador rural *parceiro* ("meeiro"); o *assalariado rural* ("diarista"), assim como todo o *"peão"* (nome local comum para a categoria de lavrador) que combina a alternativa associada de acesso à terra e a venda de sua força de trabalho. *Fazendeiro, proprietário* ou "dono", são os produtores rurais possuidores de terra; trabalhadores rurais (absenteístas na sede do município ou fora dele) apropriadores permanentes ou periódicos de força de trabalho. *Camponês ou pequeno proprietário* é o produtor agrícola dono de porções de terra de pequenas dimensões (as "fazendinhas" ou as "chácaras"); trabalhador direto em regime de produção familiar e, em geral, não apropriador de força de trabalho. Camponeses donos de propriedades muito pequenas e/ou pouco produtivas, podem ser também "meeiros" ou lavradores durante, pelo menos, períodos anuais de ciclo agrícola dos cereais da região. O lavrador urbanizado é aquele cuja família reside hoje na sede do município ou em alguns de seus distritos ("patrimônios", "lugarejos" ou "corrutelas"). Dentro da categoria lavrador ele se opõe ao *agregado*, um trabalhador rural não proprietário e ainda residente, com sua família, em terras de fazendas (1981, p. 7).

As categorias de trabalhadores que constam da classificação de Brandão (1981), conforme observado, estão representadas na figura do lavrador tradicional, a mais abrangente de todas. Abrangência maior porque envolve outras, tais como a figura do meeiro, do arrendatário, do diarista, até desembocar no conhecido peão da roça. Além do lavrador

---

majoritariamente residindo no meio rural e trabalhando na condição de lavrador tradicional, ou mesmo na condição de meeiro e arrendatário nas grandes propriedades. No entanto, em virtude de algumas transformações modernizantes que o estado implementou a partir da segunda metade do século XX, como a inserção do maquinário agrícola nas grandes propriedades, houve maior predominância da monocultura da produção, então, o lavrador tradicional e os demais trabalhadores tiveram que deixar a roça e foram migrando para as grandes, médias e pequenas cidades. Entre as cidades menores, Brandão (1981) analisa as transformações sociais/econômicas do trabalhador rural, doravante lavrador urbanizado, na cidade de Mossâmedes-GO. No espaço urbano, muitos valores oriundos da roça permaneceram na vida do lavrador, porém, transformações significativas se fizeram presentes. Entre as transformações, o antropólogo menciona o processo de diminuição da teia da sociabilidade e da solidariedade entre os indivíduos. Faz questão de ressaltar o quanto os lavradores urbanizados se valeram dos centros comerciais para a aquisição de alimentos da dieta alimentar. Com a mudança para o espaço urbano, modificações laborais, econômicas e culturais se fizeram sentir no cotidiano.

tradicional, não detendo nenhuma porção de terra, Brandão (1981) descreve um pouco do *modus operandi* do grande fazendeiro, não deixando de mencionar o trabalho realizado pelo pequeno proprietário, envolto diretamente na prática da faina familiar. Finalmente, tece considerações sobre o lavrador urbanizado, entendendo-o como o resultado das modernizações que estiveram presentes na roça goiana a partir da segunda metade do século passado.

Ainda na mesma linha de raciocínio, o antropólogo promove uma comparação muito rápida entre o lavrador tradicional e o agregado. Na sua concepção, embora continuasse pertencendo à categoria dos trabalhadores rurais, este último encontrava-se em uma proporção muito menor se comparado aos demais trabalhadores. A diminuição do agregado nas fazendas goianas, identificada por Brandão (1981), evidenciava o reflexo das transformações modernizantes, e a própria diminuição da influência econômica e cultural da roça goiana. Na leitura de Anzai (1985), o agregado adquiriu maior relevância social e econômica quando a economia goiana passou por um processo de transformação, adquirindo um protagonismo maior no início do Oitocentos. Procurando manter as margens de lucro, construídas nas bases da exploração da mão de obra, o agregado tornou-se um trabalhador que foi substituindo, gradativamente, o trabalho escravo, passando a ser de muita utilidade aos grandes fazendeiros. Toda essa utilidade permaneceu com sutis alterações até a primeira metade do século XX, diminuindo consideravelmente desde então.

Das categorias de trabalhadores presentes na classificação de Brandão (1981), a figura do fazendeiro é, indubitavelmente, aquela que estabelece uma relação mais distante do objeto de estudo. Distância menos perceptível no aspecto dos valores e dos costumes, e mais perceptível quando se tem tanto a condição socioeconômica quanto a ausência de dificuldades materiais no cotidiano deste segmento mais abastado da sociedade. Em contrapartida, as dificuldades foram uma constante na vida dos trabalhadores rurais. A exemplo disso, Geraldinho Nogueira teve que se sujeitar, durante um tempo considerável da vida, ao "bel-prazer" dos grandes proprietários de terra. Procurava, a partir da aceitação de alguns elementos coercitivos, garantir as mínimas condições de sobrevivência para todo o núcleo familiar, necessitando da terra para plantar, cultivar e colher os gêneros alimentícios, o que permite identificar o contador de causos na condição de agregado em, no mínimo, três oportunidades.

Na leitura das pessoas entrevistadas, a exemplo do senhor Carlos, a primeira experiência de agregado teria acontecido na região do Barro Amarelo: "É. Ele era dessa região do Barro Amarelo, banda do Oi D'Água, pra quela região lá. No tempo dele mais novo, dele sortero, ele residia pra lá". No entanto, não é somente neste contexto, anterior ao casamento, que Geraldinho residiu na respectiva região. Na primeira parte da pesquisa, no recorte sobre o

casamento com Dona Nica e, pouco tempo depois, diante do início da relação com Dona Pretinha, identificou-se que morava e trabalhava justamente na respectiva região. Reitera-se que, por meio da pesquisa de campo, mais do que uma análise minuciosa da condição de vida neste período, tornou-se possível constatar que ele foi agregado no Barro Amarelo entre meados da década de 1930 até a metade da década de 1950[103].

No primeiro capítulo da tese, quando houve uma referência sobre as dificuldades para se tecer e analisar traços da trajetória de vida de Geraldinho, destacou-se que, para um melhor entendimento dessa realidade, seria necessária uma análise centrada não somente na pesquisa de campo, mas em outros formatos de fontes. Na ocasião, ressaltam-se os enredos narrativos, compreendidos como construções que dizem respeito às vivências e experiências do cotidiano bela-vistense. No entanto, dentro dos enredos não é possível encontrar nenhuma referência ao trabalho desempenhado pelo agregado. Em contrapartida, percebe-se a existência de outras categorias de trabalhadores rurais que estão presentes na tessitura dos causos.

Na concepção de Brandão (1981), a categoria mais representativa dos trabalhadores empobrecidos estava na figura do lavrador tradicional. O lavrador conseguia açambarcar uma série de outros trabalhadores, dentre os quais, a figura do diarista[104]. Fator interessante porque se localiza o trabalhador diarista em duas oportunidades no enredo narrativo, a saber, tanto no *O causo do peãozinho novo*[105] quanto no *O causo do rádio*[106]. Por meio do *O causo do peãozinho novo* percebe-se o distanciamento e a dificuldade do trabalhador, acostumado com o plantio, cuidado e cultivo dos gêneros alimentícios, diante de algumas adversidades. No exemplo que será apresentado, teve que abandonar seu ofício para se dedicar às atividades da pecuária. Diante da necessidade de encontrar rapidamente uma nova ocupação, resultando

---

[103] Durante a pesquisa de campo, procurei identificar o nome do proprietário e o tempo em que Geraldinho trabalhou na fazenda. Infelizmente, o objetivo não foi possível de ser alcançado. Porém, é provável que não tenha sido a primeira experiência de agregado no Barro Amarelo.

[104]Diferentemente dos demais tipos de trabalhadores que garantiram a subsistência por meio do plantio dos gêneros alimentícios, o diarista, embora possa ter utilizado um pedaço de terra para plantar, cuidar e colher os gêneros alimentícios, fosse por meio do arrendo ou do usufruto da terra na meia, tinha como prática o fato de vender sua força de trabalho para os grandes fazendeiros. Nesse sentido, poderia trabalhar por alguns dias ou até mesmo por semanas para determinado indivíduo. O trabalho do diarista estava mais vinculado ao grande fazendeiro. Isso porque, conforme observa Brandão (1981), os demais trabalhadores da roça, somente em situações excepcionais, utilizavam-se da força de trabalho que não aquelas do núcleo familiar. Quando findava o trabalho em uma propriedade, o diarista procurava ocupação na própria região, estabelecendo contato com fazendeiros próximos. A remuneração pelo serviço prestado poderia ser em espécie, ou seja, em moeda corrente. No entanto, não pode ser considerado uma excepcionalidade o fato de ter trocado o dia de trabalho por algum alimento específico, tais como sacas de arroz, feijão, banha ou manteiga de porco, nacos de carne suína e assim por diante. O diarista se fez mais presente na roça goiana a partir da segunda metade do século XX, contexto no qual as atividades do meeiro, do arrendatário e do agregado diminuíram consideravelmente.

[105]O causo pertence ao segundo volume do *CD Trova, Prosa & Viola.* Está disponível em canais no *YouTube*, tais como o canal do *Frutos da Terra*: https://www.youtube.com/watch?v=XCnzjwTWm5E&t=182s.

[106]Idem.

numa procura incessante por algumas fazendas, o personagem identifica que os trabalhos disponíveis não caminhavam ao encontro da sua experiência laboral, pelo contrário. Toda a dificuldade enfrentada por este lavrador diarista é narrada por Geraldinho:

> Uai sô, deu uma época que saiu um peãozinho, que aprendeu só o siviço de roça, era capiná, e não sabia a lida de gado. E uma época a pricisão arrochô, e a profissão dele num tava arrumando otô ricurso. Saiu nus fazendeiro pra caçá um sirviço, e em vai, em vai, e toda fazenda que passava tinha muito siviço, mais era mexê com gado e ele foi troceno, porque num sabia nem entrá num curralê chei de gado. E aquilo foi decorreno, e a pricisão dele num pôde esperá mais. E um dia ele foi na fazenda, ele procurô e o fazendero: "Não, eu tenho, mais até foi Deus que ajudô cocê aparecê aqui. Eu tenho que intregá uma boiada depois da manhã, e eu tenho mais dois aí, e os dois num dá conta de arreuni. E ainda, inclosive, tem um boi brabo que é o primeiro que ocêis têm que buscá". E aí, mínimo, ele já pensou a vida, mas num tinha mais ricurso mais, e invai, bão. Ele posô, e cedin um dos peão buscô a tropa, e foram agí, tratá de porco pra lá e falô prele: "Ocê pode escoiê aí". Vei uns doze animalê, mais uns animalê fogoso. A tropa ficô tudo aimada anssim, na ponta do curralê, rapaiz. Ele pegô o cabresto e mainô: "Mais esse trem não vai prestá, mais Deus ajuda". E ele panhô o cabresto e dirigiu, vinha negaciano, chegava na frente do cavalo e o cavalo anssim[107], e ele dava um papelote no nariz, rapaiz. Rê, rapaiz, quando o cavalo já virava esteico, e ele: "Esse não me serve". E andô, foi até que ele consegui passá nessa tropa, e tudo que ele chegava pueira irguia. Quando ele chegô nesse cavalin vei, o cavalin só armo a oreinha anssim, ele deu o papilote, o cavalin só arregalô os zoi. Ele (peãozinho) pá oto, ele (cavalo) quis fastá, mais. Ele: "Não, esse me serve". Encabrestô e puxô lá pra casinha de arriá. Quando os oto dois peão vei de lá, porque tava tratano de poico: "Ei, minino, mais o caboco é trenado, ele escoieu o cavalo miô de lida". Ele (peãozinho), já pensô: "Esse treim num vai prestá[108]" (...).

Por meio do recorte, percebem-se algumas aproximações entre as características do personagem com aquela classificação feita por Brandão (1981). Por exemplo, entre os atores sociais da fazenda goiana, Brandão menciona que o fazendeiro, especialmente pela condição socioeconômica, estava na posição de ser o único indivíduo que dispunha das melhores condições para se valer do trabalho de outras pessoas. Pensando na classificação, o fazendeiro presente no *O causo do peãozinho novo*, na questão da atividade econômica, aparentemente

[107] Cavalo arredio.

[108] Excerto inicial de *O Causo do Peãozinho Novo*. No decorrer do enredo, fica perceptível que a escolha do cavalo por parte do personagem esteve distante de ser uma escolha adequada para a situação, principalmente quando se leva em consideração a inexperiência deste lavrador para lidar com o gado de corte. Nesse momento, sem adentrar o aspecto risível, envolto nos percalços que enfrentou ao correr atrás de um boi bravo, é válido ressaltar não somente o aspecto da dificuldade do personagem para conseguir trabalhar de acordo com suas aptidões, mas é necessário observar a representação da rotina laboral do lavrador tradicional/diarista no transcorrer do século passado. Geraldinho menciona algumas das funções desempenhadas, relacionadas ao cuidado dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, dentre as quais estava a limpeza/carpina da plantação, um trabalho realizado de forma braçal, tendo como ferramenta a utilização da enxada para o exercício do mister.

envolvia-se unicamente com a pecuária. Caso contrário, se eventualmente houvesse a relação entre pecuária e agricultura de subsistência, ou mesmo de pequena exportação, provavelmente, o personagem teria encontrado trabalho de acordo com seu ofício laboral. Reiterando, voltado ao cuidado e ao cultivo dos víveres de primeira necessidade. No entanto, somente a pecuária parecia interessar ao fazendeiro. Portanto, a oferta de serviço estava destinada ao vaqueiro[109] e não caminhava ao encontro do lavrador tradicional ou mesmo do peão diarista.

Diante das condições enfrentadas pelos trabalhadores rurais no transcorrer do século passado, convivendo intensamente com a precariedade social, não foram raros os momentos em que, para garantir a alimentação, se "aventuraram" em atividades que não tinham muita aptidão, condição última do personagem desenhado, que, não somente estava acostumado a trabalhar no cuidado das plantações, mas também conseguia realizar qualquer outra atividade. Entretanto, diante da necessidade, quando a "precisão arrochou", fazendo com que não tivesse mais condições de esperar o próximo ciclo do plantio, cuidado e colheita dos víveres, depois de uma certa relutância, o personagem aceitou a ocupação de vaqueiro oferecida.

Observando o cotidiano do lavrador e a própria relação com a terra, alguns fatores podem explicar a ausência de trabalho no horizonte do lavrador/personagem presente no enredo narrativo de Geraldinho. Entre os fatores, poderiam estar o fim do ciclo do plantio, cuidado e colheita dos gêneros alimentícios, quando os víveres de primeira necessidade, arroz, milho e feijão, já estavam colhidos e armazenados pelos trabalhadores rurais. Desse modo, os trabalhadores poderiam esperar, sem maiores contratempos, o próximo ciclo do plantio. Acostumado com o ofício de carpir, enfrentando o intervalo da última colheita, o personagem teria ficado impossibilitado de trabalhar. A outra hipótese poderia estar relacionada a alguma intempérie climática, provavelmente, um período chuvoso mais intenso ou mesmo a ausência da chuva, impactando no cultivo e na colheita. Diante da intempérie, o lavrador percebeu a atividade laboral comprometida, aceitando um ofício que não estava presente no horizonte[110].

Compreendendo os causos na condição de fontes de uma determinada realidade sociocultural, representativo das relações que o próprio indivíduo vivenciou ou acompanhou no cotidiano bela-vistense, existe a possibilidade de levantar a hipótese de que o personagem de *O*

[109] Na classificação de Brandão (1981), o vaqueiro surge enquanto empregado de um grande fazendeiro, cuidando do gado de corte. Dependendo da situação, tais como o grau de confiança do proprietário, ou a duração de vínculo de trabalho, o vaqueiro poderia alcançar um estágio maior na esfera do trabalho, chegando ao posto de "gerente administrativo" da fazenda. No tempo presente, com o avanço da monocultura da produção, plantio de soja e cana-de-açúcar no cerrado goiano, a presença do vaqueiro diminuiu consideravelmente na paisagem social. No entanto, mesmo assim é possível encontrá-lo em algumas propriedades.

[110] Outro exemplo de trabalhador rural nos enredos de Geraldinho pode ser encontrado no *O causo do rádio.* No entanto, diferentemente do enredo anterior, no qual o personagem lidava somente com o cultivo dos víveres, no *O causo do rádio,* o personagem exerce outras funções, como pedreiro e carpinteiro.

causo do peãozinho novo representa, na realidade, um recorte da vida de Geraldinho. O personagem de *O causo do peãozinho novo* não tinha a mínima condição para trabalhar no ofício de vaqueiro. Porém, a mesma falta de habilidade, observada pelo Senhor Roberto, para lidar com o gado leiteiro e com o gado de corte, foi uma característica marcante do contador de causos. De forma bem-humorada, mencionou que as atividades mais elementares escapavam às aptidões de Geraldinho: "É, pra tirá leite, ele era danado de ruim, mais tirava (risos). Pelo menos pra ele bebê, ele tirava (risos)". Se o causo foi construído a partir de uma experiência pessoal, neste momento, fica difícil fazer qualquer afirmação de forma mais categórica. No entanto, pelo menos em um ponto, percebe-se uma semelhança na trajetória de vida do indivíduo quando comparada ao personagem do enredo narrativo. Ambos enfrentaram dificuldades consideráveis quando tiveram que lidar com alguma atividade da pecuária.

A partir do escrutínio dos enredos narrativos, não é possível identificar a condição de trabalhador que Geraldinho mais exerceu no cotidiano. Em um primeiro momento, agregado na região do Barro Amarelo. Por meio das informações coletadas, identificou-se que esteve nessa condição até o ano de 1955. Nesse contexto mudou-se, juntamente com a família, para a cidade de Bela Vista, procurando obter uma vida menos sofrível. Deixando o meio rural para o espaço urbano, pode ser inserido naquela categoria de trabalhadores presente na classificação de Brandão (1981), que encontra representação no lavrador urbanizado. Em tese, esse trabalhador continuava exercendo os mesmos ofícios que o lavrador tradicional executava no meio rural, trabalhando como diarista para alguns fazendeiros ou pequenos proprietários na lavoura. Porém, em detrimento de residir no meio rural habitava o espaço urbano.

Residindo na cidade de Bela Vista de Goiás, constata-se a principal atividade laboral exercida no cotidiano bela-vistense, a saber, o ofício de carpinteiro. Embora, assim como a maioria dos moradores da roça tenha se envolvido muito com o plantio e cuidado dos gêneros alimentícios, a principal referência que as pessoas entrevistadas fizeram relacionaram ao ofício de carpinteiro ou carapina, tendo tido uma relevância significativa entre os pares. Nas palavras do senhor Justiniano: "Mais a vida dele, ele fazia uns serviço de carapinha, fazia uns curralzim, uma cerquinha de arame ali. Esses tipo de serviço, ele costumava fazê. É, fazê um servicim de carapina, esse negócio assim". Porém, não foi somente o senhor Justiniano que apresentou a relação com o ofício de carpinteiro.

Sem exceção, todas as pessoas entrevistadas fizeram a mesma referência, a exemplo do senhor Altamiro: "Ele mexia com isso (plantio de víveres), e mexia com carapintage. Ele (era) carapina. Ele mais trabaiano de carpintero sabe". O senhor Carlos fez uma observação parecida: "Ele trabaiava de carapina, né. Aí, ele ia fazê a carapintage dele". De acordo com os

entrevistados, no ofício de carpinteiro, Geraldinho demonstrava mais habilidade na construção de currais. Porém, trabalhava muito bem na feitura de porteiras, moldava esteios de madeira para casa, portais, caibros e fazia ripas para os telhados das residências. Algumas pessoas mencionaram a habilidade para a construção de alguns móveis da casa, com destaque para mesas, bancos de madeira, cadeiras, prateleiras, entre outros de maior utilidade.

Tamanha habilidade no talhar da madeira proporcionou que, no decorrer do tempo, se especializasse na construção do carro de boi. De acordo com o senhor Roberto: "Da carreta do carro de boi, ele só não fazia a esteira. O mais, ele fazia tudo. Até o carro ele fazia". A relação de Geraldinho com o carro de boi demonstrou ter sido uma relação longeva. O início se deu no período da infância, quando se tornou candieiro do avô e permaneceu inalterado ao longo do processo histórico. Em decorrência da habilidade na carpintaria, passou a ser uma das grandes referências na construção de caixões. Durante um intervalo de tempo, a construção de caixões no meio rural bela-vistense ficou sob a responsabilidade de Geraldinho e de outros carpinteiros auxiliares. Entre os companheiros de trabalho estava frequentemente o senhor Altamiro que, entre outras questões, considerou:

> Até caixão de defunto nóis fez muito junto. Porque naquele tempo não tinha, fazia o caixão era na roça, saía caçano taba né. E muitas das vez, a gente tinha que fazê, arrumá madeira. Inclusive, eu lembro da feitura do caixão do cumpade Pipoca pra culá. E aí, nóis dois trabaiano junto aculá, fazeno o caixão. Ele tinha que arranjá o carapina e as taba, né. Era coisa atoa, mais ele tinha ciência de fazê, né. Caquela paciência dele.

Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de acompanhar alguns dos trabalhos que Geraldinho realizou na condição de carpinteiro, especialmente móveis de madeira, como mesas, bancos/tamboretes, prateleiras e trabalhos relacionados à mobília de casas. Na sequência, algumas fotos tiradas nas visitas a amigos e familiares do contador de causos, indivíduos que guardam com muita recordação os utensílios construídos pelo "senhô Gerardim Noguera". É interessante observar que, para a maioria das pessoas, a melhor maneira encontrada para valorizarem o trabalho do carpinteiro não está no fato de preservar os móveis em um local separado da casa. Compreendem que o sentido da valorização, e o próprio reconhecimento para com o trabalho do amigo, está na utilização dos móveis da melhor maneira possível.

Assim, constatou-se que os móveis continuam tendo muita serventia para todos aqueles indivíduos até os dias atuais, no sentido de utilizá-los para armazenar uma lata de manteiga de porco, um vasilhame cheio de polvilho ou de farinha de mandioca. Há uma cantoneira no canto da casa, utilizada como suporte para um filtro de barro que já não é mais

usado pela família e que permanece, contudo, no ambiente, como um adereço ou lembrança de um tempo de antanho, ou, quem sabe, são úteis para colocar uma saca de arroz. Talvez a gaveta da mesa sirva para esconder um facão e algumas facas velhas enferrujadas e assim por diante. Enfim, mesmo após muitas décadas da sua fabricação, os móveis continuam tendo um valor importantíssimo, não somente sentimental, mas de muita praticidade. Na sequência, algumas fotos de móveis construídos por Geraldinho.



Figura 16. Mesa de madeira. Foto: Meire Ribeiro.



Figura 17. Banco de madeira. Foto: Meire Ribeiro.



Figura 18. Mesa de madeira II. Foto Meire Ribeiro.



Figura 19. Prateleira. Foto: Meire Ribeiro.



Figura 21-22. Suporte de telhado, ripas e caibros. Foto: Meire Ribeiro.

As pessoas entrevistadas, proprietárias dos móveis e da casa, não conseguiram mencionar o período no qual Geraldinho teria realizado as atividades de carpintaria. No entanto, por meio das conversas, ficou perceptível que alguns móveis, tais como a primeira mesa de madeira, foram um presente de casamento, ocorrido no ano de 1963, que o carpinteiro ofereceu a um casal de amigos. Nesse sentido, acredita-se que a construção da mesa seja correspondente ao mesmo período. Outros móveis e trabalhos, apresentados nas fotos acima, foram construídos no mesmo intervalo de tempo próximo deste último, logo, foram fabricados em meados da década de 1960 e, quando muito, no início da década seguinte.

Nas fotos, fica perceptível que, além da construção de móveis, Geraldinho Nogueira realizava trabalhos voltados para as estruturas das casas, principalmente, para a construção de ripas, caibros, portais e outros. Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de visitar uma casa que recebeu inúmeros trabalhos do contador de causos, sobretudo tijolos, passando pela construção dos portais, das portas e janelas de madeira. Trabalhou ativamente no suporte do telhado e na própria cobertura da residência, organizando as madeiras e "agasalhando" as telhas. Na sequência, serão disponibilizadas duas fotos que retratam a residência no tempo presente e uma outra que apresenta o carpinteiro trabalhando na respectiva casa. Na ocasião, estava acompanhado e sendo auxiliado por outros companheiros no início da década de 1970.



Figura 23-24. Fachada de uma casa. Durante a construção, Geraldinho realizou muitos trabalhos de carpinteiro. Foto: Meire Ribeiro.



Figura 25. Geraldinho, o primeiro da esquerda para a direita, trabalhando na construção da casa supramencionada. Fonte: *Álbum de família*. Foto: Meire Ribeiro.

Nessa imagem, fica mais evidente a relação de Geraldinho com o trabalho de carpintaria, perceptível pelo fato de estar rodeado de tábuas que estavam sendo utilizadas na

construção da casa. Embora as últimas imagens estejam circunscritas às décadas de 1960 e 1970, contexto no qual não estava mais residindo no espaço urbano, as pessoas mencionaram que, quando se mudou para a cidade, os trabalhos realizados, com maior frequência, eram justamente os de carpintaria. Os pares consideravam-no um carpinteiro de "mão de cheia", habilidoso e cuidadoso no talhe da madeira. Por muitas décadas, foi considerado um dos principais carpinteiros da região.

Conforme mencionado, mesmo residindo no espaço urbano, Geraldinho não deixava de realizar os trabalhos de carpintaria. Trabalhava, inclusive, para pessoas do meio rural. Porém, a passagem pelo espaço urbano deve ser considerada um momento muito difícil, porque a carestia alimentar esteve sempre por perto. Nesse contexto, em meados da década de 1950, do núcleo familiar, somente Alcídio Nogueira reunia condições de contribuir com as despesas familiares. Os demais filhos, João Nogueira e Divino Bonifácio eram crianças muito pequenas, situação semelhante à de Dalva Bonifácio, uma criança menor do que os irmãos. Convivendo nesse cenário, a renda da família girava em torno do trabalho de carpinteiro de Geraldinho, do ofício de costureira e lavadeira de Dona Pretinha, e de algumas "empreitas[111]" que o jovem Alcídio realizava para fazendeiros da região.

Entre aquelas atividades mais realizadas pelo jovem Alcídio Nogueira, a maioria das menções fizeram referência ao serviço de limpeza/roçagem das pastagens. O senhor Altamiro trouxe à cena um encontro que teve com Alcídio na cidade de Bela Vista de Goiás no final da década de 1950. Segundo o entrevistado, a expressão do jovem trabalhador, demonstrando muita angústia por não conseguir nenhuma ocupação, permanece na sua memória até os dias atuais. Na ocasião, encontrando dificuldades para trabalhar, o primogênito de Geraldinho teria confidenciado, no desenrolar da conversa, que a dieta alimentar da família estava seriamente comprometida. Tanto os pormenores do encontro quanto a angústia do jovem trabalhador foram retratadas da seguinte maneira pelo senhor Altamiro:

> E aí, ficô pra lá, eu morava aqui na Bela Vista, daí mudei pra Boa Vistinha, trabaiá lá, primeiro na casa de um tal de Antônio Pedruca, depois na casa do pai dela aqui[112]. Aí, trabaiano lá, quando deu um dia, no final de semana, eu

[111] O serviço de "empreita", modo no qual ficou comumente conhecido na roça goiana, esteve presente no cotidiano dos lavradores tradicionais até a década de 1970/1980. A ocupação em si tinha especificidades se comparada a outros ofícios. Por exemplo, no trabalho "por dia", o lavrador exercia o seu ofício e recebia pelo serviço realizado durante o tempo da ocupação, existindo um valor fixo para a atividade realizada. No outro espectro, o trabalho por meio da "empreita" se caracterizava por um acordo antecipado entre patrão e lavrador. Diante da costura, o trabalhador estipulava um valor para realizar a atividade, ficando a critério do patrão concordar ou não com o valor estipulado. Caso entrassem em acordo, o lavrador receberia todo o valor somente após a conclusão da empreitada.

[112] Referência ao pai da esposa.

> vim vê minha famia, meu pai morava aí na cidade. Aí, desci, comprá uns treim lá, a gente tinha aquele ponto de comprá, cidadinha pequena, tinha umas venda lá, minha mãe mandô comprá uns treim lá e eu fui. Cheguei, o cumpade Arcide tava lá, na venda, bebeno uma. Aí, prusiano, ele procurô comigo se eu não sabia, porque nóis já tinha aquele conhecimento lá do pagode[113], se eu não sabia quem tinha um serviço por aí, né. Falei: "Sei não". Ele: "É, nóis mudô pra cá (Bela Vista), eu num conheço ninguém, né". Aí, ainda mostrô, ele morava lá pertim da venda lá. Aí, eu ainda me lembro bem de falá pra ele procurá com o Joaquim Timote, Joaquim Timote lá. Falei: "Procura, porque o Padrim Joaquim era cheio de peão e, ele mexia com negócio, aquela bagunça, roça ele tocava há custa de pagá peão". Falei: "Ah, tem que vê com ele". Aí indiquei, e ele foi pra lá. E ele arrumô serviço, pegô uns pasto pra roçá.

Na continuidade da pesquisa, será possível perceber o quanto o senhor Joaquim Timóteo, grande fazendeiro da região da Boa Vistinha, exerceria uma importância muito significativa na vida de Geraldinho, relevância que teve início, segundo o senhor Altamiro, na inquietação de Alcídio, procurando e, posteriormente, encontrando trabalho na fazenda de Joaquim Timóteo. A oferta de trabalho concentrava-se na roçagem de uma pastagem destinada ao plantio de algum gênero alimentício. Na cidade, convivendo com uma renda estreitíssima, estava muito difícil garantir as mínimas condições de sobrevivência. Nessa situação, não raramente os gêneros alimentícios mais elementares, como arroz e feijão, faltavam na mesa da família Nogueira.

Fazendo um escrutínio do relato das pessoas entrevistadas, percebe-se que a passagem da família pelo espaço urbano durou pouco tempo, aproximadamente, dois anos. De acordo com o senhor Moisés: "Lá na Bela Vista, quando nóis era pequenim, que nóis foi bora do Barro Amarelo pra lá, eu acho que não foi nem dois ano, foi pouco tempo". Alguns fatores explicam o porquê da "estadia" rápida pela cidade, entre eles, reitera-se a grande dificuldade para conseguirem trabalho no espaço urbano. Na conversa com Altamiro, Alcídio teria justificado a dificuldade, justamente, no fato de serem pessoas desconhecidas dos citadinos. Uma outra hipótese para a explicação da passagem efêmera pelo núcleo urbano está no fato de que, quando Alcídio conseguiu assegurar a roçagem da pastagem, não demorou muito tempo para que Geraldinho também começasse a trabalhar para o fazendeiro Joaquim Timóteo.

Na relação de trabalho entre Alcídio e Joaquim Timóteo, quando o fazendeiro tomou conhecimento da habilidade de Geraldinho com a carpintaria, especialmente na construção de currais, contratou-o para fazer um curral na sua propriedade, a saber, uma fazenda localizada na região da Boa Vistinha[114]. O início dessa relação entre o fazendeiro e o carpinteiro foi

[113] Referência ao pagode que aconteceu na região do Aborrecido no final da década de 1950. Na ocasião, Altamiro, um adolescente de aproximadamente 12 anos, ficou conhecendo Geraldinho e o filho Alcídio.
[114] De acordo com a senhora Fátima, a propriedade de Joaquim Timóteo chamava-se Fazenda Mata Buraco.

rememorada de forma praticamente idêntica entre as pessoas entrevistadas. Nas palavras do senhor Altamiro: "Aí, o padrim Joaquim é que pegô ele aqui em Bela Vista, o Gerardim, e ele levô ele lá, pá fazenda dele, pá fazê uns curral, que ele era carapina, trabaiava de carpintero". Em virtude da construção do curral, e pelo fato de Joaquim Timóteo ser, na época, um dos maiores fazendeiros da região, Geraldinho recebeu a proposta para se tornar um trabalhador agregado. Depois de uma relutância de Dona Pretinha, companheira de todos os momentos, conseguiu convencê-la de que a vida na roça seria mais favorável se comparada à situação enfrentada na cidade.

Embora, nas páginas anteriores, tenha sido feita uma referência ao fato de Geraldinho ter sido agregado no Aborrecido, é a partir desse momento, no final da década de 1950, que a figura do agregado, um dos mais importantes segmentos de trabalhadores dentro da roça goiana, terá um acompanhamento mais atento desta pesquisa. Um outro fator importante a ser ressaltado, a saber, quando se tornou agregado de Joaquim Timóteo, mudando-se para a Boa Vistinha, a maioria das pessoas entrevistadas disseram que tiveram a oportunidade de conhecê-lo nesse momento, quando conseguiram acompanhar de uma maneira mais atenta o cotidiano da família Nogueira.

Até a primeira metade do século passado, o agregado encontrava-se na condição de um dos segmentos de maior relevância na estrutura da fazenda-roça goiana. Porém, somente um adendo na afirmação. Não pode passar despercebida a leitura que Brandão (1981) faz do agregado naquela classificação dos trabalhadores rurais, observando diretamente a relação estabelecida por este trabalhador com a terra e com o trabalho. Na concepção do antropólogo, escrevendo no contexto de meados da década de 1970, ainda era possível encontrar o agregado, residindo com toda a família, em algumas grandes propriedades no estado de Goiás.

Rememorando a observação de Brandão: "Dentro da categoria lavrador, ele (lavrador urbanizado) se opõe ao *agregado*, um trabalhador rural não proprietário e ainda residente, com sua família, em terras de fazendas (1981, p. 7)". A consideração do "ainda residente" tem uma relevância significativa, sinalizando uma transformação acentuada na roça goiana. Desse modo, constata-se que o agregado estava sendo substituído por outros trabalhadores rurais; meeiros[115]

[115] O meeiro foi um dos segmentos de trabalhadores rurais muito presente na roça goiana até a década de 1970/1980. Estava envolvido diretamente com o plantio, cuidado e colheita dos gêneros alimentícios. Na maioria das circunstâncias, o meeiro não era proprietário de nenhuma porção de terra, plantando os gêneros alimentícios na propriedade de *outrem*. Para conseguir plantar, combinava com o proprietário que, ao término da colheita, o pagamento pelo uso da porção de terra seria por meio da divisão equitativa da quantidade de alimentos colhidos. Se colhesse 100 sacas de arroz, por exemplo, cinquenta seriam destinadas ao pagamento pelo uso da terra. A outra metade seria utilizada nas despesas da casa, e o excedente poderia ser comercializado nos pequenos centros comerciais.

e arrendatários[116] em especial. Atento às transformações e às consequências na vida dos trabalhadores, Borges considera:

> Da metade da década de 1950 até o fim da década de 1960, as políticas governamentais, tanto do governo federal como do governo estadual, estiveram direcionadas à implantação de infraestrutura necessária para iniciar as transformações do espaço goiano para a implantação dos projetos de expansão agrícola e pecuária direcionados ao mercado internacional. O fim da década de 1960 foi o momento em que o governo pensou nas estratégias de ações para implementar um amplo projeto de modernização da economia goiana, aumentando a capacidade de produção agrícola e pecuária e trazendo para o território goiano as indústrias de beneficiamento desses produtos, as chamadas agroindústrias (2016, p. 160).

As políticas governamentais acarretaram a implementação de infraestrutura e a expansão agrícola não passou ilesa pelo meio rural bela-vistense. No contexto em que Geraldinho tornou-se agregado do senhor Joaquim Timóteo, algumas pessoas mencionaram que na região a figura do agregado havia diminuído sensivelmente. Na análise sobre o esmorecimento do agregado, está presente a fala do senhor Altamiro, ao perceber, na figura de Geraldinho, um dos últimos agregados da região da Boa Vistinha: “Na época que o Gerardim arrumô agregação com Joaquim Timóte, quase que não existia agregação mais não, ele foi dos útimo, é”. Mesmo o agregado se tornando diminuto na roça goiana, a família Nogueira recebeu um pedacinho de terra para plantar os gêneros alimentícios de primeira necessidade. Além disso, teve a oportunidade de construir naquele espaço uma pequena residência.

Diante das dificuldades vivenciadas no espaço urbano, ter a oportunidade de se tornarem agregados, não sendo nenhuma novidade no horizonte do nicho familiar, poderia resultar em uma vida menos sofrível, principalmente porque Geraldinho e o filho já realizavam trabalhos na propriedade de Joaquim Timóteo. O primeiro trabalhava na construção de um curral e Alcídio estava envolvido com a roçagem da pastagem. Porém, observando os meios disponíveis de locomoção dentro do contexto, o deslocamento até a fazenda da Boa Vistinha, distante aproximadamente dezoito quilômetros do espaço urbano, dificultava o translado dos trabalhadores. Em virtude de todas as questões apresentadas, a possibilidade de se tornarem agregados parecia ser mais favorável em todos os sentidos.

[116] O arrendatário, do mesmo modo, não detinha nenhuma porção, ficando dependente da terra alheia para o plantio dos gêneros alimentícios. No entanto, diferentemente do meeiro e do processo de distribuição da colheita na meia, o arrendatário utilizava a terra e pagava pelo usufruto a partir de um percentual da colheita. O percentual poderia passar por alterações dependendo da região e do proprietário, quando o pagamento pelo usufruto variava entre 20% e 30% dos gêneros alimentícios colhidos. A forma de trabalho por meio do arrendo, se comparada com as condições ofertadas ao meeiro, proporcionava mais benefícios para o trabalhador rural. Por isso mesmo, tinha a predileção por parte dos agricultores.

Perante as dificuldades inerentes à maioria dos trabalhadores da roça, a possibilidade de uma vida menos sofrível, com mais fartura na mesa, sempre esteve no horizonte. Para alcançar o objetivo, ter acesso à terra demonstrava ser uma condição fundamental. Entretanto, conforme observado anteriormente, ter acesso a uma porção de terra em Goiás, tornando-se proprietário, de forma livre e independente, infelizmente, não se apresentou como uma possibilidade efetiva na vida da maioria das pessoas. Com a necessidade e do próprio desejo de ter acesso a uma pequena porção para plantar e garantir o alimento na mesa, a possibilidade de se tornar agregado de um fazendeiro, historicamente, apresentou-se como uma alternativa para muitos trabalhadores rurais.

No entanto, é importante fazer algumas observações sobre a relação desigual de força e de poder. Se, por exemplo, para o trabalhador rural, despossuído da posse da terra, tornar-se agregado abria uma mínima possibilidade de construir uma vida menos sofrível, na esfera do grande fazendeiro ter um agregado proporcionava inúmeras vantagens. Entre essas, a possibilidade de aumentar o capital econômico, político, social e simbólico. Torna-se possível ter uma melhor dimensão das relações desiguais de poder envolvendo o agregado e o fazendeiro, com inúmeros benefícios ao último, a partir das considerações criteriosas de Anzai:

> Os donos de terras utilizavam em suas propriedades o trabalho de grande número de pessoas, os agregados e os camaradas de serviço, trabalhadores estes que supriam as necessidades de mão-de-obra, além de fornecerem produtos a baixo preço, garantindo, ainda, um exército rural de reserva aos grandes proprietários. "Agregado" era todo aquele que recebia um lote de terra em troca de trabalho para com o proprietário das mesmas por um tempo determinado (...) Quantos mais agregados possuísse um dono de terras, tantos mais elementos à sua disposição teria, mantidos através da dominação pessoal exercida pelo proprietário e reforçada, inclusive, pela "obrigação" sentida pelo trabalhador por ter recebido um lote para plantar, sendo tal fato encarado como um benefício (1985, p. 44-45).

As considerações de Anzai (1985), refletindo sobre a condição do agregado goiano, são fundamentais. A autora desnuda uma situação de submissão e de exploração à qual a maioria dos trabalhadores tinham, tornando-se muito dependentes da elite agrária. Além desse fator, evidencia alguns dos muitos benefícios que os proprietários tinham quando "aceitavam" agregados nas grandes porções de terra. Entre os benefícios ou privilégios para as camadas dirigentes, a autora menciona a possibilidade de ter acesso à mão de obra muito barata, quando remunerada, assim como a comercialização de excedentes da produção dos gêneros alimentícios cultivados pelos agregados por valores irrisórios. Por último, aborda a condição inerente do agregado, contraindo uma espécie de dívida moral para com o fazendeiro, que diz

respeito à noção de que passava a dever um favor, tornando-se grato ao proprietário que, diante de todas as condições apontadas, teria oferecido uma pequena porção de terra para plantar e retirar o sustento familiar.

De algum modo, todos os elementos apontados por Anzai (1985), como o sentimento de gratidão aos benefícios proporcionados pelo fazendeiro, estiveram presentes na relação entre Geraldinho e o senhor Joaquim Timóteo. Tendo permanecido na cidade de Bela Vista por dois anos, o nicho familiar mudou-se para a fazenda no dia 10 de agosto de 1957. No contexto da mudança, o senhor Roberto tinha apenas nove anos de idade. Entretanto, durante a pesquisa de campo, conseguiu reconstruir algumas dificuldades enfrentadas no processo de deslocamento. No relato, duas questões parecem fundamentais: a primeira reforça a condição de penúria vivenciada por Geraldinho e a família no espaço urbano; a segunda caminha ao encontro da condição extremamente difícil que passariam a viver, pelo menos durante um determinado momento na fazenda do senhor Joaquim Timóteo. Nas palavras de Roberto:

> Lembro. Nóis moro na fazenda dele, na cabecera desse corgo aqui ô, muito tempo. Eu era, eu tava com nove anos. Mais eu lembro da trajetória. Nóis mudô pra lá, rapaiz, naquele tempo tinha uns caminhaozão, gastava dois pra dirige eze, e vinha buscá um mi lá. E aí, meu pai já tava trabaiano aí, morava na Bela Vista mais trabaiava pra esse Joaquim[117]. Aí, tinha o serviço, era demais, falô pra ele e arrumô pra mudá pra lá, né? Aí, nóis jogo à quiçaça dento desse caminhão. Eu lembro disso, dia 10 de agosto, e vem nesse caminhão. O caminhão vinha buscá um mi, trouxe nóis. E nóis já vei de lá passano recuen, né? Situação tava ruim memo. A mudança nossa era só uma quiçacinha, né? Despejô nóis dento do terrero de batê feijão. Sem casa, sem nada, no limpo assim ó. E aí já despejô nóis ali pras dez hora. Aí, nóis fizemo uma barraca, nóis moro lá até quase à chovê nessa barraca. E trem de cumê num tinha nada, ele já buscô tudo nesse Joaquim. Mais tava ruim memo, aí nóis meteu a cara no serviço. Meu pai foi fazê a casinha pra nóis, e os oto foi prepará a roça né? Foi duro, mais foi sofrido, mais nóis venceu.

O relato do senhor Roberto descreve o cenário envolvendo o deslocamento para a fazenda na Boa Vistinha, desde o fato de terem aproveitado uma carona em um caminhão, passando pela constatação de que foram despejados em um espaço reservado para bater feijão, tarde da noite, sem a mínima estrutura de casa para se abrigarem. Toda a reconstrução do entrevistado possibilita uma dimensão das dificuldades que o núcleo familiar passaria a ter. Nas palavras do entrevistado, referentes à condição socioeconômica da família no período urbano: "a situação tava ruim memo". Porém, não melhoraria muito, pelo menos no primeiro momento, com o fato de terem se tornado agregados. Na nova condição, faltava tudo: casa, bens materiais

[117] Geraldinho, conforme mencionado, trabalhava na construção de um curral para o fazendeiro.

de primeira necessidade e, principalmente, os alimentos na mesa.

Conforme ficou perceptível no relato, por um determinado período, a família sobreviveu sem a proteção de um teto, tendo sido despejados em um terreiro de colheita de feijão. Refletindo sobre a situação encontrada pelo núcleo familiar, percebe-se que o fazendeiro não teve a preocupação de oferecer a mínima condição de infraestrutura, conforto ou mesmo proteção para os agregados. Outro detalhe é que, dos integrantes da família, a metade era constituída de crianças. Na estrutura agrária, a precária condição enfrentada dificilmente será compreendida se for interpretada como uma condição excepcional. A realidade encontrada por Geraldinho Nogueira, que não recebia a mínima assistência do fazendeiro, fez parte do cotidiano de inúmeros outros agregados esparramados nos rincões goianos desde o século XIX, desembocando com muita intensidade na primeira metade do século passado.

No entanto, aparentemente, somente Geraldinho e Alcídio sabiam das condições que encontrariam na fazenda de Joaquim Timóteo. É possível ter essa impressão quando se observa o descontentamento de Dona Pretinha com a situação encontrada pela família, rememorado nas palavras da senhora Dorvalina: “Eu lembro do pai falá que nóis chegô aí de noite, lá, a mãe braba: “É, ocê falô que tinha casa, aí nóis vêm e desce na saroba aí”””. Possivelmente, na tentativa de convencer a esposa sobre a necessidade de se tornarem agregados, Geraldinho desenhou um cenário mais favorável do que aquele encontrado, que oferecia um mínimo de dignidade, tendo, pelo menos, uma casa para morar. No entanto, quando foram despejados no terreiro de bater feijão, sem abrigo e proteção, Dona Pretinha teria se revoltado, fazendo uma advertência ao marido, questionando-o sobre a condição que passariam a viver daquele momento em diante.

Outras pessoas da comunidade tiveram a oportunidade de acompanhar as dificuldades iniciais da família na propriedade de Joaquim Timóteo. Entre os entrevistados, evidenciam-se as observações do senhor Oliveira. Nesse contexto, no final da década de 1950, Oliveira era uma criança que tinha entre dez e doze anos de idade. No entanto, a situação de vulnerabilidade da família Nogueira era de uma proporção tão impressionante, que ficou inculcada na memória da pequena criança. Após mais de sessenta anos do acontecido, o entrevistado rememorou a situação daquele fatídico dia da seguinte maneira:

> Ah, eu conheci ele, eu era menino assim, quando eu tinha uns dez anos capaz. Aí ele morava na cidade, aí pegô e um fazendeiro aqui trouxe ele pra mora na fazenda dele, precisava de um carapina pra fazê currale, esse trem, e ele carapina muito bão, pegô e falô (Joaquim Timóteo): “Não, vou levá ele pra fazê o currale pra mim”. Aí, pegô e trouxe ele sô, pagô um caminhão lá e despejô ele numa roça, num bico de uma grota lá, que tava fazeno uma

> casinha, e pois ele lá. E aí, eu mais o meu pai tinha o carro de boi, e aí nóis foi buscá, eu não me lembro pra, sô, nóis foi buscá foiá de fumo seca que tava entrano num lado da roça. Nóis foi, com um caro de boi, chegô, e aí lá iá chegano do lado da roça assim, passano beirano lá, tava aquela barraquinha de foia de bacuri e a cumade Pretinha lá de baixo. E aí, falei pro meu pai: "Uai, mais quem é aquela muié aí?". Aí, ele foi e conheceu: "Não, é o Gerardim Nogueira que ele (Joaquim Timóteo) trouxe, ele tava lá na cidade passano necessidade, passano quase que até fome. Aí, trouxe ele pra cá pá fazê currale. Ele é carapina muito bão". Eu era menino assim, de uns dez ano capaz, ou doze. E aí, já tinha uma paredinha começada de adobe só, a muié dele sempre muito trabaiadera né, ajudano ele. Feiz uns adobrim e já tinha umas paredinha assim, por baixo. E aí, nóis foi, pegô essa foia de fumo, e meu pai comentano com um companheiro lá: "Ah, não, ele tá passando farta das coisas sô, não tem nada. Mais agora, o Joaquim Timóteo trouxe ele pra í, e ele vai fazê os currale pro Joaquim Timóteo". E aí, dessa época em diante, ele tomô amizade com o meu pai, né, sempre ele vinha aí.

Quando existe um processo de comparação dos dois últimos relatos, identifica-se que a consideração de Oliveira está muito próxima daquela observação feita pelo senhor Roberto, principalmente sobre a penúria encontrada pela família durante o estágio inicial da agregação. No entanto, existem algumas nuances, não necessariamente contraditórias, mas que evidenciam que, diante deste primeiro contato do senhor Oliveira com a família, tinham-se passado alguns dias desde a chegada na propriedade de Joaquim Timóteo. É possível fazer a interpretação pelo fato de o entrevistado mencionar a existência de uma pequena parede de adobe sendo construída pelo casal. O terreiro de feijão, no qual haviam sido despejados, estava ocupado com uma barraca feita de folhas de bacuri para se protegerem do relento do sol e do sereno da noite. Logo, a construção da barraca de folha de bacuri e a feitura das paredes de adobe revelam que se haviam passado alguns dias desde a saída da cidade.

No entanto, retirando a sensível diferença sobre o intervalo de tempo, assim como o processo inicial de construção da casa, percebe-se uma condição de miséria social, mesmo depois de algumas semanas de instalação na fazenda. Essa situação foi evidenciada pelo senhor Oliveira. Sabe-se que, na época, uma criança entre dez e doze anos de idade ficou extremamente sensibilizada com a situação de miséria da família Nogueira. De acordo com o relato do senhor Roberto, a situação tinha uma gravidade tamanha que, durante mais de um ano, o processo de alimentação da família ficou sob a inteira responsabilidade do proprietário. A dependência alimentícia, não desconsiderando a precariedade social, acabou sendo ocasionada porque, quando chegaram na propriedade, Geraldinho continuou trabalhando de carpinteiro, terminando a construção do curral, e os filhos ficaram envolvidos no plantio dos gêneros alimentícios.

Sobre o fato de os filhos cuidando do plantio dos víveres, é necessário afirmar que o contexto de inserção da família na terra de Joaquim Timóteo ocorreu no mês de agosto. O

referido mês, diante das condições climáticas da roça goiana, não é caracterizado por ser um período mais propício para o plantio dos víveres, especialmente porque o tempo das chuvas, fundamental para as sementes germinarem, ainda não tinha começado. Sobre o calendário agrícola no território goiano, Anzai (1985) assegura que, até a primeira metade do século passado, as atividades laborais inerentes ao mês de agosto estavam voltadas para o processo de preparação da terra, ou seja, à limpeza do terreno. Esse processo poderia ocorrer por meio das queimadas ou da própria roçagem da pastagem. Após a primeira etapa, lavravam a terra com o arado, geralmente, movido por bois. Cumprida a primeira etapa, no mês seguinte, iniciava-se o plantio dos víveres, especialmente, de sementes de milho.

Outro fator a ser considerado é que entre o plantio e o tempo da colheita do milho, por exemplo, havia um intervalo de tempo considerável, podendo variar entre 100 e 120 dias. Se todas as considerações apresentadas se sustentarem, torna-se possível afirmar que a família teve acesso à primeira colheita de milho, na fazenda de Joaquim Timóteo, entre o final do mês de novembro ou, quando muito, na primeira metade do mês subsequente. A colheita do milho poderia proporcionar o intercâmbio ou mesmo a comercialização com outros gêneros alimentícios que escapavam à família naquele contexto, podendo ser adquiridos de outros trabalhadores rurais. Durante o ínterim, entre a preparação do solo, plantio e a colheita do milho, o sustento familiar dependeu inteiramente do fazendeiro.

Na condição de agregado, em muitos momentos, a dieta da família, nas palavras da senhora Dorvalina, rememorando de maneira emocionada, esteve restrita àquilo que estava disponível no momento. No entanto, fez questão de ressaltar que, mesmo assim, o mínimo foi importante para que a fome não grassasse no cotidiano: “Porque tinha ocasião de nóis cumê puro quibebe[118] de mandioca, não tinha nada pra cumê”. Pelo fato de a necessidade ser muita, e como a família não poderia esperar o próximo ciclo do plantio e da colheita dos gêneros alimentícios para abastecer a dispensa, Geraldinho, conforme mencionado, se voltou para a construção do curral. Os filhos, João Nogueira e Alcídio, ficaram na incumbência de preparar a porção de terra para o plantio dos víveres. Nesse contexto, João Nogueira tinha apenas nove anos de idade. Porém, a necessidade obrigava-o ingressar na lide do trabalho.

[118] Quibebe, ainda hoje, é um prato muito presente na culinária goiana. Geralmente, o quibebe mais conhecido é aquele feito de mandioca. Porém, em algumas regiões do estado, é comum encontrar o prato feito de abóbora e, também, de batata. A preparação do prato começa com o cozimento da mandioca. O mais adequado é que seja cozida até o ponto da desfragmentação. Nesse processo, a mandioca é acompanhada de muita água que, com o passar do tempo, passa a adquirir uma textura mais densa, formando um caldo grosso. Entre o cozimento e a textura mais densa da água, o quibebe recebe o tempero; sal e pimenta do reino a gosto. A junção da mandioca cozida e do caldo formado a partir desse processo resulta no quibebe de mandioca, prato mencionado pela senhora Dorvalina.

A relação de Geraldinho Nogueira com o senhor Joaquim Timóteo, agregado e fazendeiro, demonstrou ter sido longeva. Começou no final da década de 1950, contexto de demarcação do início da condição de agregado, e permaneceu até o final da década de 1960. Ao todo, foram doze anos nesta condição na região da Boa Vistinha. Diante de um tempo tão considerável, a família cresceu exponencialmente. Passou de um número de quatro para sete pessoas. Na fazenda de Joaquim Timóteo, Geraldinho e Dona Pretinha, tiveram mais três filhas: Benedita, Sebastiana e Aparecida. Nesse ínterim, diante do aumento da família e a própria longevidade na fazenda, as relações entre agregado e proprietário foram se estreitando consideravelmente.

Além do ofício de carpinteiro, Geraldinho realizava inúmeras outras atividades dentro da propriedade. Entre elas, destaca-se o trabalho de carreiro, de pedreiro e, em menor proporção, de lavrador tradicional. Por meio dos depoimentos de algumas pessoas entrevistadas, percebe-se que, em muitas ocasiões, a maneira da qual Joaquim Timóteo se valeu para "remunerar" os trabalhos realizados pelo contador de causos estava na oferta de alimentos relacionados à despesa alimentar. A distribuição de sacas de arroz, feijão ou mesmo de uma "mistura", tais como a carne suína, funcionavam como uma espécie de "pagamento" aos serviços prestados pelo agregado. De acordo com o senhor Roberto:

> Tudo que o meu pai precisava, ele arrumava. Às veiz, meu pai falava: "Ê, cumpade, eu preciso de um capadin". "Não, vai lá no chiqueiro, cê memo, escolhe qualque um, mata e leva" (risos). Era desse jeito. Não, ele zelô de nóis um ano. É, chegô sem nada e ele nunca cobrô aquilo. Só que meu pai tamém fazia muito serviço pra ele, e ele num perguntava nem o quanto que era. Mais, o que ele precisava tamém (risos), o Joaquim Timóteo arrumava pra ele e pronto.

A partir das considerações de Anzai (1985), tornou-se possível compreender que uma das vantagens que os grandes fazendeiros identificavam, quando tinham agregados, estava na perspectiva de utilizar mão de obra muito barata. Em muitas ocasiões, o trabalho realizado pelo agregado não recebia remuneração em espécie, mas outras formas de "pagamento". Para o grande fazendeiro, essa forma de vínculo em si, representada na agregação, tornava-se muito vantajosa, oferecendo-lhe condições de se aproveitar da situação de vulnerabilidade do trabalhador empobrecido. As considerações do senhor Roberto desnudam um pouco mais a relação entre Geraldinho e Joaquim Timóteo, tendo sido um vínculo que proporcionou, indubitavelmente, inúmeras vantagens ao fazendeiro.

Na citação anterior, o entrevistado mencionou que Geraldinho Nogueira realizava uma quantidade grande de serviços para o fazendeiro. Entretanto, Joaquim Timóteo não tinha preocupação quanto ao valor financeiro do trabalho, compreendendo que "pagava-os" quando destinava porcos na engorda para a família, latas de manteiga e outros gêneros alimentícios de primeira necessidade. Além da constatação, distante de ter sido uma excepcionalidade na roça goiana, identifica-se, na fala do entrevistado, uma compreensão de que a oferta dos alimentos estava de "bom tamanho", satisfazendo as necessidades básicas do nicho familiar. Não existe, por parte do senhor Roberto, uma compreensão de que havia uma relação de dependência e, consequentemente, de exploração da família. Sobre a relação de exploração envolvendo os trabalhadores rurais e os fazendeiros, Mendes observa:

> Cabe ressaltar que as permissões, entendidas como favores oferecidos pelos donos de terras àqueles expropriados da condição de possuir terras para moradia e/ou produção, não gerava apenas um "capital de sociabilidade", mas também um "endividamento moral" entre o beneficente e o beneficiário da condição de acesso à terra, bem como o lugar para se morar e, no entorno, conseguir trabalho (2008, p. 184).

Por "capital de sociabilidade", Mendes (2008) compreende uma forma de prestígio social adquirido pelos indivíduos que tinham condições de ceder uma porção de terra para alguém espoliado residir e retirar daquele espaço o sustento familiar. No entanto, a autora ressalta que, além do "capital de sociabilidade", não pode passar despercebida a própria relação de dependência e subserviência do agregado para com o proprietário. A relação de dependência estava evidenciada na ideia do "endividamento moral". Por meio desse poder simbólico, proporcionando consequências práticas, o agregado, em muitas situações, não compreendia o processo como característica de uma relação de exploração impetrada pelo fazendeiro, mas como um gesto de solidariedade, de companheirismo e mesmo de ajuda. Se, eventualmente, compreendesse desse modo, poderia aceitar, com certa naturalidade e pouca resiliência, as condições existentes.

Em virtude da relação de dependência, ocasionada pela vulnerabilidade social, o agregado compreendia que tinha contraído uma dívida moral com o grande fazendeiro, e a melhor maneira de "pagá-la" seria aceitar, sem muitos questionamentos, as diretrizes impostas. As diretrizes poderiam estar na prestação de serviços sem remuneração financeira, na comercialização do excedente da pequena produção por preços muito abaixo do valor, entre tantas outras possibilidades. Durante a pesquisa de campo, ficou perceptível que Geraldinho, assim como foi o *modus operandi* da fazenda roça-goiana, não teve um vínculo empregatício

com Joaquim Timóteo. Embora fossem agregados, a família não trabalhava unicamente na propriedade do fazendeiro, realizando atividades para outras pessoas da região da Boa Vistinha. Além de terem plantado muitas vezes na propriedade, os filhos arrendavam terras em outras regiões para o cultivo dos víveres.

Geraldinho se ocupava com o trabalho de carpintaria na propriedade, porém, não recusava a oferta de trabalho de outras pessoas da região. Nesse sentido, quando o serviço de carpintaria diminuía, dedicava-se à lide de lavrador tradicional, contribuindo com a família no cuidado dos gêneros alimentícios sob a responsabilidade direta dos filhos. Nas palavras da senhora Dorvalina: "Ele tocava roça né? Trabaiava na roça ajudano ele, trabaiava pra não passá necessidade né?". Na condição de trabalhador da roça, seria difícil imaginar que quando o serviço de carpintaria diminuísse, não se envolveria com os cuidados mais elementares dos víveres. Embora não recusasse o trabalho na lavoura, os entrevistados fizeram questão de ressaltar que seria muito equivocado afirmar que a principal atividade laboral de Geraldinho estivesse concentrada no cuidado e no cultivo dos mantimentos de primeira necessidade.

O senhor Justiniano fez a seguinte advertência: "Ele (Geraldinho) num era muito pegadô não, principalmente de roça, ele num era muito pegadô não". Percebe-se, por meio da afirmação, que o entrevistado não rechaça a participação de Geraldinho na atividade mencionada acima. No entanto, reforça, em duas oportunidades, o fato de que quando o serviço estava relacionado ao cultivo dos gêneros alimentícios, o contador de causos não era muito vinculado não, somente em situações excepcionais. O envolvimento menor com o plantio, cuidado e a colheita dos gêneros alimentícios pode ser explicado pelo fato de ter estado, quase sempre, ocupado na realização de outras atividades. A última consideração acabou sendo reforçada pelo senhor Carlos: "Não, eles mexia. Tinha umas roças lá, tinha umas roças por baixo, umas coisas assim. Mais, o Geraldim era mais no carro de boi e, carapintano." Embora tenha feito menção ao trabalho de carpinteiro, o entrevistado apresenta uma outra ocupação de Geraldinho no cotidiano bela-vistense, o ofício de carreiro.

Na condição de um trabalhador empobrecido da roça, tendo iniciado a lide do trabalho no período da infância, realizando diferentes atividades, especialmente o serviço de carpintaria, as pessoas entrevistadas mencionaram o seguinte. "Se tivesse tido condições de optar, Geraldinho teria trabalhado somente com o carro de boi", carregando sacas de arroz, de milho e feijão dos amigos e familiares para as respectivas residências, enchendo, com isso, as tulhas[119]

[119]A tulha pode ser compreendida como um repartimento da casa utilizado para o armazenamento da colheita dos víveres. Em algumas residências, dependendo da condição econômica mais favorável do morador, havia um espaço específico para a tulha, uma espécie de "casinha" afastada ligeiramente da residência principal para receber

dos companheiros com as colheitas realizadas durante o ciclo do plantio dos alimentos. Nessa ocasião, mesmo quando necessitavam de alguém para levar o excedente da colheita para o espaço urbano, procurando comercializar o excedente da despesa familiar, recorriam ao carreiro Geraldinho. De acordo com o senhor Manoel:

> Usava, o carro de boi era o predileto dele, porque era nesse carro que ele buscava os mantimentos dele, buscava lenha pá queimá, porque nesse tempo não usava gás, era na lenha. Então, buscava lenha, buscava um milho da roça, um feijão, buscava um arroiz, carreava pos otó. O povo falava: "Oh, Geraldim, eu tenho que levá isso na cidade, um treim pá vendê na cidade, buscar um feijão na cidade". (Ele) levava essas coisas, trazia (...) O carro de boi era o predileto dele lá.

A partir do relato do senhor Manoel, fica muito evidente que, além da importância do carro de boi para o núcleo familiar, utilizado para o transporte dos gêneros alimentícios e da lenha para o usufruto doméstico, as pessoas da região atribuíam ao carro de boi de Geraldinho uma relevância considerável também. Um outro fator é que a afirmação final do entrevistado merece um destaque, principalmente quando assegura que o carro de boi era o predileto de Geraldinho. Outras pessoas fizeram considerações parecidas, a exemplo do senhor Altamiro: "Porque, toda vida, ele gostô demais de carro de boi, né. Montô a boiadinha dele". Ele era apaixonado num carro de boi". No mesmo sentido das afirmações anteriores, Roberto assegurou: "Ele era carapina, fazia tudo quanto é tipo de siviço. Mais gostava de carriá (risos)". Provavelmente, se tivesse tido uma condição de vida mais favorável, podendo optar pela atividade a ser desenvolvida no cotidiano, não é muito difícil imaginar que teria optado pelo ofício de carreiro.

No entanto, a atividade de carreiro tinha maior demanda durante o ciclo da colheita e armazenamento dos gêneros alimentícios, que, dificilmente, se sustentava durante o ano todo, dificultando a sobrevivência alimentar se o trabalhador se envolvesse unicamente com essa profissão. Os fatores apresentados explicam o porquê de Geraldinho Nogueira, apesar de ter sido apaixonado pelo carro de boi, ter tido que conciliar o ofício de carreiro com outras atividades. Durante a pesquisa de campo, contando com a gentileza de amigos/as e familiares do narrador, foi possível encontrar algumas fotos de Geraldinho exercendo o ofício de carreiro. As fotos evidenciam o transporte de lenhas e de algumas sacas de alimentos pela região da Boa Vistinha.

---

os mantimentos que supririam as necessidades durante um ano ou até o próximo ciclo do plantio e da colheita. Estar com a tulha cheia significava a possibilidade de uma vida menos sofrível, um sinônimo de fartura na mesa.



Figura 25. Ao fundo, encostado ao lado do carro de boi, Geraldinho Nogueira no ofício de carreiro.
Fonte: *Álbum de família*. Foto: Meire Ribeiro.

Dentro da propriedade do senhor Joaquim Timóteo, conforme mencionado, Geraldinho exerceu diferentes atividades laborais. Além do ofício de carpinteiro e de carreiro, frequentemente, estava envolvido com a prática de treinar alguns bovinos. Objetivava, com isso, que se tornassem bois de carro. Pelo fato de ter tido uma relação longeva e estreita com o carro de boi, gradativamente, foi adquirindo uma maneira peculiar de lidar com os animais, representada pelo profundo respeito, pela admiração e pela construção de "diálogos" para melhor treiná-los e domá-los para alcançar o objetivo proposto. Por exemplo, algumas pessoas rememoraram, dominadas por uma profunda emoção, a maneira toda especial encontrada pelo amigo para domar e lidar com os animais de tração. Nas palavras de Altamiro:

> Ele era engraçado, porque pra carriá, ele conversava com os boi, igual nóis conversa com gente. Chama um, chama fulano, é assim. Cê não via ele dano grito, dano paulada não. Eu vou te falá, pra acertá uma boiada de carro, olha lá o cara pra rumá igual ele. Ele sabiá mandá, mais ele sabia conversá com os boi.

Diante da habilidade e do respeito com os animais, o fazendeiro sempre procurou se valer da habilidade do agregado para treinar os bezerros de sua propriedade. Objetivava, com isso, que os animais se tornassem excelentes bois de carro. Não contente com a grande propriedade e com o plantio dos gêneros alimentícios para a comercialização nos centros urbanos, Joaquim atuava em outras frentes. Entre essas, na compra e na venda de mercadorias de forma frenética. Muitos dos itens de valor acabavam sendo comercializados pouco tempo depois que os tinha adquirido. Como a atividade de compra e venda era frenética, não é difícil presumir que não tinha o mesmo apreço pelos bois assim como tinha o experiente carreiro.

Na condição de vendedor e comprador compulsivo, os bois para Joaquim eram entendidos como se fossem mercadorias iguais às outras, sendo negociados diante de qualquer oportunidade. O fato de que ficava fazendo negócios, vendendo os bois treinados e comprando novos, mais arredios, prejudicava a atividade de carreiro do agregado, principalmente porque demandava mais tempo para ter condições de treinar outros bois para o exercício da atividade. Quando, finalmente, os novos bois estavam preparados para o ofício, se o fazendeiro identificasse uma proposta vantajosa, vendia-os sem muita cerimônia. Toda a situação delicada no qual Geraldinho se encontrava em decorrência da atividade do fazendeiro, vendendo e comprando bois compulsivamente, foi apresentada pelo senhor Roberto:

> E os boi, o Joaquim, o Joaquim era gambirero, aí ele comprava uma boiada, nóis ia carriá, educava aquela boiada, quando tava começano a inlerá, nóis tava com ela fechada pra carriá: (Joaquim): "Oh, eu vendi esses boi hoje, vai vim buscá hoje". Chegava otos. Chegava otos, era aqueles trêm brabo, era aquela lambança. Aí, um dia nóis tava com os boi fechado no curral lá, pra carriá, e o Joaquim: "Ô, oceis não sai não, que vai vim buscá esses boi hoje, eu vendi ese, mais vai chega oto amanhã". Aí meu pai falou assim: "Ah, cumpade, mais desse jeito não tem jeito, nóis acerta uma boiada, o senhô vende". Aí, o Joaquim foi e falou pra ele: "Uai, cumpade, faiz uma boiada pro cê". (Geraldinho): "Ah, mais o pasto?". (Joaquim): "Não, põe aí, porque se é a sua eu não vô vendê, eu não vô gambirá. Aí, ocê carreá os meu, os seu, e tá resorvido o probrema".

Na continuidade da conversa, o entrevistado mencionou que, a partir da proposta do fazendeiro, oferecendo pastagem para Geraldinho ter a sua própria "boiada", houve melhores condições para exercer o ofício de carreiro. Isso porque passou a ter as próprias juntas de boi, não correndo mais o risco de vê-los devidamente treinados para a lide diária e, na sequência, serem vendidos pelo fazendeiro. Na condição de um experiente carreiro, havia um carro de boi tradicional. Desse modo, empregava esse instrumento para transportar mercadorias e gêneros alimentícios para as pessoas da comunidade. Atendia, também, às demandas mais urgentes do nicho familiar, tais como o transporte de lenhas para o fogão de Dona Pretinha. Além do carro tradicional tinha um outro menor, utilizado prioritariamente no treinamento dos animais.

Durante a pesquisa de campo, havia uma grande expectativa de conhecer tanto o carro tradicional quanto o pequeno carro de treinamento. Na época, acreditava que ambos estivessem entre os pertences de algum familiar. No entanto, durante a conversa com os familiares, a informação transmitida foi a de que depois do falecimento de Geraldinho, pertences importantes foram doados para o poder público municipal, especialmente, para a Secretaria de Cultura do município de Bela Vista de Goiás. Entre os pertences doados, estava o pequeno carro de boi, utilizado prioritariamente para o treinamento dos animais. O outro, o mais tradicional, utilizado

para o transporte dos gêneros alimentícios, poucos anos depois do falecimento do contador de causos, acabou sendo vendido por um familiar para um grande fazendeiro da região.

Depois da concretização do negócio, os familiares não souberam precisar qual teria sido o destino desse último carro de boi. Pouco tempo depois, tentaram reaver o negócio, mas não obtiveram êxito. Na ocasião, foram informados pelo antigo proprietário que o carro não estava mais sob a sua posse, tendo vendido para um fazendeiro de uma localidade mais distante. No primeiro capítulo, ficou evidente que a relação de Geraldinho com o carro de boi iniciou-se ainda no período da infância, quando estava na condição de candieiro do avô. Neste capítulo, além da predileção laboral, identificou-se não somente uma continuidade da relação, mas o quanto o carro de boi teve toda uma representatividade, sendo de muita utilidade para as pessoas da comunidade e para o nicho familiar. A partir das considerações, surpreende o fato de a família não ter tido preocupação, ou condições, para manter esse item tão marcante para o contador de causos e, de uma forma em geral, marcante para as pessoas da região da Boa Vistinha. Do carro de boi, ficaram somente as lembranças e algumas fotos.

Porém, nas páginas anteriores, tornou-se possível ter, pelo menos, uma impressão da estrutura do carro de boi de maior proporção, seguindo as diretrizes mais convencionais, de grande porte. No entanto, do “carrinho” menor, utilizado especificamente para o treinamento dos animais, em posse do poder público municipal, durante a pesquisa de campo, foram identificadas duas fotos nos álbuns familiares. A primeira foto faz parte de um contexto no qual o “carrinho”, termo utilizado pelos entrevistados, estava sob a posse da família Nogueira. Na segunda, o carro de boi já havia se tornado um bem público do poder municipal.



Figura 26. Pequeno carro de boi usado para treinar os animais. Fonte: *Álbum de família*
Foto: Meire Ribeiro.



Figura 27. Carro de boi em posse do poder público municipal. Fonte: *Álbum de família.* Foto: Meire Ribeiro

Na fazenda de Joaquim Timóteo, na condição de agregado, Geraldinho Nogueira exerceu diferentes atividades. Embora o ofício principal estivesse representado na carpintaria, ocupou-se de outras ocupações para complementar a dieta alimentar. A necessidade de realizar diferentes atividades, carreiro, carpinteiro e lavrador tradicional, não tendo um vínculo empregatício com o fazendeiro, desnuda uma precariedade social/material na condição de agregado. A pequena porção de terra concedida para o plantio dos gêneros alimentícios não era suficiente para suprir as despesas mais elementares. Quando faz uma reflexão sobre a situação vivenciada por outros trabalhadores empobrecidos esparramados em Goiás ao longo do processo histórico, Chaul (2015) apresenta um cenário não somente de carestia, mas dominado por outras formas de opressão:

> Era, porém, por meio da opressão que se mantinha o trabalhador atrelado à terra. A exploração era resultado do inevitável endividamento do trabalhador em relação ao seu patrão. As dívidas eram lavradas em cartório e, somente após a sua quitação, podia o trabalhador romper os vínculos com os patrões (2015, p. 121).

Aparentemente, quando comparado com a realidade de outros trabalhadores rurais, envolvidos na rede da exploração e do endividamento moral e social, a situação de Geraldinho, apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, parecia ser minimamente mais favorável na fazenda de Joaquim Timóteo. Não se trata de menosprezar os ganhos que o fazendeiro teve com o agregado, principalmente na questão da mão de obra barata, em muitos momentos, não

remunerada, mas de observar que diante dessa relação de exploração e submissão à qual os trabalhadores estavam submetidos dentro da roça goiana, a situação de Geraldinho parecia um pouco mais favorável, principalmente por ter tido condições de circular pela comunidade desenvolvendo diferentes ocupações laborais, sendo remunerado e não trabalhando exclusivamente para o fazendeiro. Desse modo, não esteve atrelado diretamente à propriedade. Além de uma certa "liberdade" para a circulação, aparentemente, não contraiu dívida com o proprietário. Não havia um fator impeditivo se, eventualmente, desejasse deixar a fazenda para enveredar por um outro caminho.

Geraldinho esteve na condição de agregado de Joaquim Timóteo por doze anos, mais precisamente, de 1957 até o ano de 1969. No último recorte, deixou a fazenda para procurar uma outra propriedade para se agregar novamente. Dentro da roça goiana, caracterizada tanto pela exploração quanto pela submissão da maioria dos trabalhadores rurais, não somente de "aceitação" aos valores vigentes se fez o cotidiano dos despossuídos da terra. Em inúmeras oportunidades, os trabalhadores resistiram de forma veemente ao processo de exploração, questionando e enfrentando o poderio da oligarquia agrária. Diante desses conflitos, quando reunia melhores condições de não se submeter ao jugo opressor, o trabalhador rural, entre esses a figura do agregado, acabava sendo expulso violentamente, representando o fim do vínculo entre fazendeiro e trabalhador. Geralmente, com prejuízo ao último.

O vínculo entre Geraldinho e o senhor Joaquim Timóteo foi desfeito no final da década de 1960. No entanto, a ruptura não ocorreu em decorrência de um descontentamento entre as partes, ou mesmo por um enfrentamento do agregado às condições no qual estava submetido. Portanto, as hipóteses levantadas não se sustentam. Anteriormente, foi mencionado que, além do envolvimento com a agricultura voltada para a comercialização, uma das atividades mais praticadas pelo fazendeiro estava na prática de fazer negócios. Reiterando, vendia, comprava e trocava mercadorias de maneira muito intensa. De acordo com as pessoas entrevistadas, a partir da concretização de um desses negócios, Joaquim Timóteo teve um prejuízo significativo, comprometendo drasticamente as condições financeiras. Por causa disso, acabou sendo obrigado a vender a grande propriedade para sanar as dívidas, diminuindo, com isso, o enorme prejuízo. Despossuído da propriedade, mudou-se para uma região distante da Boa Vistinha. Quem descreveu o processo de derrocada do fazendeiro foi o senhor Altamiro:

> E ele continuô morano com o Padrin Joaquim Timote, tocando roça, ele, a famía e os minino. Cumpade João[120]foi cresceno lá. Aí, depois, é que Joaquim

[120] Referência a João Nogueira.

> Timote deu uma trapaiada num negócio aqui, vendeu a terra aqui e comprô uma terra lá no Mosquito[121]. Nesse tempo era, num tinha Tocantins não[122], era Goiás. Aí ele (Joaquim) mudô pra lá. Aí ele (Geraldinho), ficô sem amparo, num quis i.

A explicação do senhor Altamiro apresenta o cenário de complicações financeiras enfrentadas por Joaquim Timóteo. A partir do desequilíbrio econômico, resultado de negócios equivocados, o fazendeiro vendeu a propriedade no final da década de 1960, comprando uma porção de terra menor no norte do estado de Goiás, de forma mais precisa, na região do Mosquito, atualmente Palmeiras do Tocantins. Os problemas financeiros de Joaquim Timóteo, conforme dificilmente seria diferente, tiveram um impacto considerável na vida de Geraldinho Nogueira. De acordo com os entrevistados, em decorrência da concretização do negócio, o fazendeiro tentou convencer Geraldinho a acompanhá-lo, na expectativa de manter o vínculo com o agregado. No entanto, houve uma recusa ao convite. Havia uma expectativa de que, se permanecesse na Boa Vistinha, não demoraria muito para se vincular a outro fazendeiro, encontrando uma nova porção de terra para se agregar.

Os doze anos na propriedade de Joaquim Timóteo proporcionaram mudanças significativas no seio da família Nogueira. Nesse ínterim, os filhos, João e Divino Bonifácio, tendo chegado ao local ainda crianças, estavam na transição para se tornarem adultos, construindo, com isso, novos vínculos sociais e familiares na região. Quando fez referência ao estágio de idade em que se encontrava quando Geraldinho deixou a propriedade, o senhor Roberto fez a seguinte afirmação: “Ah, eu tava, dessa vez eu já era feito já”. O fato de ser alguém “feito” significava, entre outras questões, que se encontrava na condição de um homem próximo ou na fase adulta. Quando se mudou para a fazenda do Mata Buraco, na Boa Vistinha, Moisés era uma criança de apenas cinco anos de idade. Porém, quando deixaram a respectiva região, nas palavras do próprio entrevistado: “Ah, eu tava com 17, 18 ano por aí. Eu tava homi já. Eu era muito mais forte, muito maiô (risos)”. A família cresceu, não somente quantitativamente com o nascimento das filhas, Benedita, Sebastiana e Aparecida, mas, crescimento no fato de as crianças pequenas terem se tornado adolescentes e outras se tornaram adultas na porção de terra de Joaquim Timóteo.

---

[121] A região do Mosquito, antes da emancipação ocorrida no ano de 1992, pertencia ao município de Tocantinópolis. Depois da emancipação passou a se chamar Palmeiras do Tocantins. A título de contextualização, a cidade de Palmeiras do Tocantins fica, aproximadamente, 400 quilômetros da capital Palmas. Como uma cidade pequena do estado, tem uma população estimada em pouco mais de 5.000 mil habitantes. De acordo com o site da Prefeitura Municipal, na análise histórica sobre o surgimento do povoado, o nome Mosquito originou-se do importante Ribeirão Mosquito. O rio percorre o espaço geográfico da região e deságua no Rio Tocantins.

[122] O contexto, no final da década de 1960, é anterior ao processo de divisão do estado de Goiás, processo ocorrido somente no ano de 1988, resultando na criação do estado de Tocantins.

Quando apresenta uma análise da situação do agregado na roça goiana, Anzai (1985) apresenta considerações importantes. De acordo com a autora, quando recebia um lote de terra para plantar e construir uma pequena moradia, oferecendo abrigo e proteção à família, o agregado sentia-se muito grato diante do fazendeiro, acreditando que lhe devia obrigações. Na estrutura da roça, diante das teias sociais construídas entre os moradores, a noção de dever um favor àquele indivíduo que teria "ajudado" diante de alguma dificuldade, teve uma influência considerável nas relações sociais. O peso simbólico de ser grato a uma "mão amiga" é compreendido por alguns autores, entre esses Mendes (2008), como indício representativo do endividamento moral contraído, por exemplo, pelo agregado perante o fazendeiro. Pelo fato de Geraldinho ter falecido no ano de 1993, não existe a possibilidade de mensurar a leitura que tinha sobre Joaquim Timóteo.

Não é possível mensurar se a ideia do endividamento moral estava no horizonte. No entanto, se a impressão do agregado é mais difícil de apresentar, por meio da pesquisa de campo, ficou perceptível uma questão extremamente relevante. Parte considerável dos familiares, concomitantemente, com inúmeros amigos, têm uma leitura muito afetiva para com o senhor Joaquim Timóteo. No tempo presente, continuam demonstrando profunda gratidão pelo antigo fazendeiro da região da Boa Vistinha. A consideração de Roberto poderá ser compreendida como uma importante evidência da gratidão/obrigação, uma espécie de sentimento paternalista para com o fazendeiro: "Ti[123] Joaquim foi bão demais pra nóis. Eu considero ele, igual o meu pai memo. Que ele ajudô nóis. Ele gostava demais do meu pai, né. Tudo que o meu pai precisava, ele arrumava. Não, ele zelô de nóis um ano. É, chegô sem nada, e ele nunca cobro aquilo".

Outras pessoas caminharam no mesmo sentido, a exemplo da senhora Dorvalina: "Não, o Joaquim era muito bão. Pra nóis lá, ele foi uma pessoa muito boa, ele ajudô nóis muito. Ele ajudô nóis muito, ele era uma pessoa muito boa, ele ajudô nóis muito lá. O pai, com trem de cumê, essas coisas tudo ele ajudava. Ele foi um patrão muito bão". É interessante observar, nas duas considerações elogiosas, demonstrando profundo respeito e gratidão, o quanto a questão alimentar emerge como algo fundamental, assegurando e explicando o sentimento de gratidão pelo fato de o fazendeiro ter contribuído com a dieta alimentar da família por um período considerável. A partir das considerações elogiosas ao fazendeiro, desnuda-se ainda mais a precária condição de agregado do contador de causos.

[123] Durante a pesquisa de campo, ficou evidente que não existe laço de parentesco entre o senhor Roberto e o antigo fazendeiro. Mais do que uma consideração parental, a menção evidencia o sentimento de gratidão e carinho para com o fazendeiro.

Mesmo que o núcleo familiar tenha plantado os gêneros alimentícios para a manutenção da despesa, continuaram enfrentando muitas dificuldades para alcançarem o objetivo idealizado. Diante dos problemas, especialmente no aspecto da dieta alimentar, foram "socorridos" pela assistência do fazendeiro. Essa assistência, indubitavelmente, explica o porquê de tanta consideração nutrida pelo núcleo familiar até os dias atuais. Envoltos numa estrutura que impossibilitava o acesso aos itens mais elementares da dieta alimentar, o indivíduo que encontrava condições de oferecer o mínimo necessário dificilmente teria uma outra leitura a não ser o sentimento de gratidão por parte dos outros atores. Fazendo referência ao período e a própria condição de agregado, a senhora Fátima considerou: "Não, toda vida era uma pobreza danada, mais quer dizer, fome, graças a Deus, nóis nunca passamo não". Provavelmente a afirmação, reforçando o caráter de uma pobreza danada, mas sem a presença da fome, caminhe em consonância com a perspectiva de Candido (1975) sobre a ideia do mínimo vital.

Durante a pesquisa de campo, um fator que não passou despercebido é o fato de que não somente entre os familiares de Geraldinho, mas entre outras pessoas da comunidade, a análise referente ao senhor Joaquim teve como princípio a gratidão, um sentimento de dever obrigação às ações apresentadas como favores prestados pelo fazendeiro aos indivíduos mais empobrecidos da região da Boa Vistinha e adjacências. Essa constatação sobre o sentimento especial, configurando o "endividamento moral", pode ser identificada nas considerações do senhor Altamiro, principalmente quando ressaltou que Joaquim Timóteo não teria medido esforços para contribuir com os indivíduos que mais necessitavam dos seus favores:

> O Joaquim Timote, ele era muito bão, e não era só com o povo do Gerardim não. Ele era bão pra vizinhança toda aqui, ó. Ele era uma pessoa, foi uma das primeiras pessoa a possuí carro na zona rural, né, cumpade?[124]. Ele socorria todo mundo com uma doença, um trem. Às veiz, ocê precisava trazê um trem da Goiâna, um objeto da Goiâna: "Não, tem que falá com o Joaquim Timóte, não era cumpade, na época?". Ele foi bão demais pro Gerardim, fez tudo pro Gerardim, mais era um dom dele tamém. Eu não sei, mas acho que ele tá em Brasília ainda. Eu acho que ele tá muito capenguim. Deus vai olhá por ele, que ele foi muito bão, muito.

Apresentar a consideração de uma pessoa não pertencente, diretamente, ao núcleo familiar tem muita relevância, já que evidencia a maneira mais recorrente no qual as pessoas interpretavam e continuam interpretando todas as ações do fazendeiro. Nessa situação, diferentemente das observações elogiosas apresentadas anteriormente, relacionadas à colaboração de Joaquim Timóteo na oferta e na garantia alimentar da família de Geraldinho por

[124] No momento da entrevista, o senhor Altamiro estava acompanhado de uma outra pessoa da comunidade.

um determinado período, sinalizando uma ação específica, a consideração do senhor Altamiro menciona a capacidade do fazendeiro para fazer favores à comunidade. No relato, mencionou, em quatro oportunidades, que Joaquim não teria sido "caridoso" apenas com o contador de causos, mas com toda a vizinha. No momento das afirmações mais enfáticas, procurava validar os argumentos com um outro interlocutor, que assentiu com a cabeça.

Analisar a estrutura agrária de Goiás no decorrer do século XX, caracterizada tanto na concentração de terra, sob o domínio da oligarquia, quanto na precarização dos trabalhadores rurais, possibilita, entre outras questões, compreender que essa estrutura estava alicerçada em uma relação desigual de poder envolvendo o fazendo e o empregado, com fortes indícios da prática coronelística. De acordo com parte da literatura especializada, compreende-se que os coronéis/fazendeiros se aproveitaram da condição econômica, do prestígio social e do instrumento do poder político, adquirido ao longo do processo histórico, para coagir as camadas inferiores a atender aos seus interesses. Analisando a relação de poder desigual dentro da roça goiana, França e Souza considera:

> A aristocracia agrária nacional, em Goiás, o "coronel", como seu segmento, são agentes do processo histórico e, nesta fase, os personagens mais salientes, o alto relevo do quadro social que se queira traçar do Brasil. Deve ser por isto que a historiografia brasileira, continuamente, tem se preocupado com eles. Estes personagens vivem da exploração contínua das demais categorias sociais, principalmente do caipira (1978, p. 16).

Outros autores, ao fazerem uma análise histórica do surgimento e da consolidação do poder e do prestígio político, econômico e social dos coronéis, aproximam-se da interpretação de França e Souza (1978), enfatizando o caráter de exploração frequente do setor oligárquico sobre a camada de trabalhadores empobrecidos. O surgimento dos coronéis, pelo menos a partir dessa designação, remonta ao início do Oitocentos, tendo se originado da criação da Guarda Nacional alguns anos depois da Emancipação[125] política do Brasil. No entanto, como órgão criado dentro do Império, quando o regime chega ao seu término no final do século XIX,

[125] A utilização da categoria Emancipação, em detrimento de Independência, encontra sustentação na pesquisa de Emília Viotti da Costa (1999). Na concepção da autora, por meio do livro *Da Monarquia à República:* momentos decisivos, dificilmente será possível pensar no processo de Independência do Brasil, no sentido literal, porque todo o processo teria sido conduzido pelas camadas dirigentes da sociedade. Por ter sido conduzida por esses setores, não houve a participação efetiva das camadas espoliadas. Retirando do horizonte qualquer possibilidade de participação popular, os setores dominantes perceberam na figura do futuro imperador, D. Pedro I, a possibilidade de não ocorrer uma ruptura total com o sistema vigente. Caso acontecesse, a ruptura reuniria condições de modificar fortemente a estrutura social e econômica do Brasil. No bojo das transformações estruturantes, havia o possível fim da escravidão da população negra. Levando em consideração os argumentos críticos de Costa (1999), a utilização da categoria Emancipação demonstra ser uma interpretação mais adequada sobre o acontecimento políticos de 1822.

resultando no advento da República, os coronéis não desapareceram da cena política, social e econômica do país.

Nesse contexto de transformação política, os coronéis se fizeram muito presentes no cotidiano. De maneira mais abrangente, encontravam-se municiados de um impressionante poderio político, econômico e cultural. Refletindo de maneira mais detalhada tanto sobre o processo histórico quanto sobre as implicações sociais resultantes das práticas coronelísticas, Maria Isaura Pereira de Queiroz, no clássico ensaio *Coronelismo numa interpretação Sociológica*, tece considerações fundamentais para o entendimento da influência exercida por esse segmento nas primeiras décadas do século XX. A autora faz questão de ressaltar que o poderio dos fazendeiros estava presente nas mais diferentes regiões do país:

> Um "coronel" importante constituía assim uma espécie de elemento socioeconômico polarizador, que servia de ponto de referência para se conhecer a distribuição dos indivíduos no espaço social, fossem esses seus pares ou seus inferiores. Era o elemento-chave para se saber quais as linhas políticas e divisórias entre os grupos e subgrupos na estrutura tradicional brasileira. A pergunta "Quem é você?" recebia invariavelmente a resposta: "Sou gente do coronel fulano" (2006, p. 173).

A partir da leitura de Queiroz (2006), compreende-se que, diante de tamanho poder, o coronel reunia condições para organizar todo um núcleo social, constituído de indivíduos totalmente dependentes em torno de sua hoste. Com o poderio exercido, colocava-se como referência econômica, política e social de uma determinada localidade. Durante a pesquisa de campo, em nenhum momento, as pessoas se referiram ao senhor Joaquim Timóteo na condição de um coronel local da região da Boa Vistinha, na qual teria exercido um poder político de coerção dos agregados e das demais camadas inferiores que necessitavam dos seus favores. A designação mais usual quando se referiam a Joaquim Timóteo estava relacionada ao fato de ter sido um grande fazendeiro, e não um coronel. Um outro fator característico dos coronéis esteve no fato de terem vínculos políticos. Ao que tudo indica, o fazendeiro em tela não exerceu nenhum cargo público na região.

Seguindo a orientação de Queiroz (2006), o coronel se caracterizou por ser um elemento socioeconômico polarizador. Segundo a autora, seria equivocado analisar a influência somente por meio do aspecto político, ou pelo poder de coerção e direcionamento das camadas inferiores para atender aos seus interesses, não compreendendo que o poder desse segmento social foi muito mais amplo, perpassando por diferentes níveis na conjuntura social. Queiroz (2006) apresenta que um fator importante para o entendimento do poder do coronel sobre as

camadas inferiores estava associado à capacidade de fazer favores, encontrando condições para "socorrer" as demandas mais urgentes dos atores empobrecidos de uma determinada localidade.

A capacidade para fazer favores proporcionava um prestígio social para todos aqueles que tinham condições de fazê-lo. Com a aquisição de prestígio, respeito e, não raramente, da utilização de práticas coercitivas, o coronel poderia fazer com que os indivíduos dependentes dos seus favores se mobilizassem para defendê-lo e para atender os seus interesses. Essa capacidade para fazer favores, conforme observado, esteve muito presente na leitura das pessoas entrevistadas quando se referiam a Joaquim Timóteo, mencionando, entre outras questões, a suposta "caridade" do fazendeiro, não negando um favor a quem necessitasse.

Na perspectiva de Queiroz (2006), em decorrência da maior migração das pessoas do espaço rural para o urbano, representativo da maior urbanização e industrialização do país a partir da segunda metade do século XX, a figura dos coronéis, dos "mandões locais", foram perdendo cada vez mais espaço na estrutura social, econômica e política do país. No entanto, a diminuição não significou o desaparecimento total. Alguns resquícios do poderio dos coronéis permaneceram na estrutura agrária brasileira, tais como as condições encontradas pelos fazendeiros para agregarem trabalhadores em suas propriedades. Aproveitando-se do vínculo, não empregatício, beneficiaram-se de uma mão de obra muito barata. Por último, utilizaram-se do endividamento moral, utilizando a categoria de Mendes (2006), presente no imaginário das pessoas que receberam um lote de terra para plantar e uma pequena casa para morar. A última leitura, evidência de um sentimento de gratidão, caminha ao encontro da interpretação feita por amigos e familiares de Geraldinho, tendo demonstrado uma gratidão enorme pelas ações de Joaquim Timóteo.

Observando a condição de agregado, na qual esteve por mais de uma década, entende-se que *o modus vivendi* esteve vinculado à estrutura agrária, a que a maioria da população, despossuída da posse da terra, se submeteu aos mandos e desmandos das elites agrárias. A submissão, muito mais do que uma evidência da falta de consciência dos trabalhadores, sem reivindicação de direitos, será mais bem compreendida caso seja analisada enquanto uma estratégia de sobrevivência. Uma maneira pela qual homens, mulheres e crianças encontraram para conseguir garantir as mínimas condições de sobrevivência diante de um cenário verdadeiramente hostil, caracterizado pelas dificuldades de toda sorte.

Na memória das pessoas entrevistadas, Geraldinho, tendo estado na condição de agregado no Barro Amarelo na primeira metade do século passado, encontrou um meio mais favorável de garantir a alimentação da família quando se tornou agregado de Joaquim Timóteo na região da Boa Vistinha. A partir do vínculo estabelecido, construiu uma relação estreita e

longeva com o fazendeiro, porém, os laços foram desfeitos somente no ano de 1969. O recorte, conforme observado, marcou a venda da propriedade para um outro fazendeiro. Diante das circunstâncias, relacionadas tanto à mudança de Joaquim Timóteo para a região do Mosquito, quanto à recusa de Geraldinho, que optou por não o acompanhar, os laços que envolviam fazendeiro e agregado foram desfeitos. Nesse momento, final da década de 1960, o contador de causos encontrava-se, mais uma vez, numa situação delicada, não tendo mais acesso à terra para plantar e colher os víveres de primeira necessidade.

3.2 Somente mais um esforço: agregado pela última vez

O cotidiano da roça goiana esteve representado por dois segmentos muito bem definidos, quando cada um ocupava o seu espaço. No primeiro, encontram-se os detentores da posse da terra, os fazendeiros. No segundo, os despossuídos da posse, constituindo a maioria da população, tendo sido formada pelos trabalhadores rurais. Dentro dessa conjuntura, de ter ou não ter acesso à terra, poderia representar uma condição de vida mais favorável ou mesmo uma perspectiva de vida muito mais difícil para os indivíduos. Nesta última possibilidade, a garantia do mínimo para a sobrevivência poderia ficar seriamente comprometida. Envoltos nessa estrutura econômica, social, política e cultural atrelada diretamente à terra e às grandes propriedades, aqueles atores que não conseguiram obter, nem mesmo, uma pequena porção para retirar o sustento ficavam totalmente dependentes das terras de *outrem* para garantir a sobrevivência familiar.

Entre os trabalhadores dependentes das porções de terra, estavam os meeiros, os arrendatários e, de forma cada vez mais diminuta, a partir da segunda metade do século passado, a figura do agregado. Além de um meio elementar de sobrevivência, ter acesso, mesmo que fosse a uma pequena porção de terra para retirar daquele espaço o sustento familiar, significava muito para homens e mulheres de antanho, significado além do aspecto material. Observando mais atentamente a teia simbólica entre a relação do indivíduo com a terra, Souza e Brandão consideram:

> Para os que vivem no lugar, a terra é símbolo de vida e de trabalho. Dela eles tiram o sustento de sua família. Terra que lhes oferece abrigo e proteção, que oferta água e partilha vidas. Já para os que vêm “de fora” a terra acaba sendo apenas objeto de capitalização e exploração de recursos (2012, p. 114).

Terra, tendo como princípio a definição dos autores supracitados, compreendida como sinônimo de vida e de trabalho, oferecendo abrigo e proteção para todo o nicho familiar. No decorrer da existência no meio rural de Bela Vista de Goiás, Geraldinho, apesar de não ter sido proprietário de nenhuma porção, sempre observou na terra a possibilidade de ter acesso a uma porção, mesmo que fosse de *outrem*, um valor importante para a sua formação como indivíduo, especialmente no sentido de oferecer dignidade. Parafraseando Brandão e Sousa (2012), a terra, para Geraldinho Nogueira, foi sinônimo de vida, de abrigo, proteção e, consequentemente, de muito trabalho.

Com a venda da propriedade do senhor Joaquim Timóteo, na região da Boa Vistinha, o contador de causos não ficou somente sem o chão que, por mais de uma década, lhe garantiu "abrigo e proteção", mas, depois desse ínterim, percebeu-se sem um lugar definido na comunidade bela-vistense, não tendo mais acesso à terra, à casa e ao trabalho. Durante muito tempo, havia sido agregado e, naquele contexto de final da década de 1960, essa possibilidade não existia mais. O fator preponderante residiu no fato de que o novo fazendeiro concretizou o negócio com Joaquim Timóteo a partir da condição de não ter mais agregado na fazenda. A condição imposta foi ressaltada pela senhora Fátima: "É, ele (Geraldinho) ficô lá e então ele, primeiro quando o Didin[126] vendeu a fazenda, aí o cara que comprô a fazenda, falou pro Didin que não queria agregado não". O fato de o novo proprietário não querer mais agregado apresenta-se como uma questão compreensível e, até certo ponto, natural, principalmente quando se leva em consideração que, desde a década de 1950, a figura do agregado estava cada vez mais diminuta na estrutura agrária de Goiás. Quando numa fazenda havia um trabalhador nessa situação, o fato em si já representava uma excepcionalidade.

Na leitura das pessoas entrevistadas, diante da recusa do novo proprietário, que não queria ter vínculo com agregado, Geraldinho teria ficado preocupado, temendo não ter condições de a família garantir a soberania alimentar. No entanto, mesmo vivendo dentro de um contexto não mais propício para os trabalhadores agregados, a angústia de não ter acesso à terra, a casa e ao trabalho não perdurou por muito tempo. Isso porque conseguiu, na mesma região da Boa Vistinha, uma outra fazenda para se mudar juntamente com a família. Os motivos apresentados para ter conseguido uma nova propriedade dentro de um intervalo curto de tempo estiveram relacionados a três fatores: simplicidade, honestidade e precariedade social. Diante das circunstâncias, o fazendeiro Vicente Charles teria concordado com a possibilidade de ter um agregado na grande porção de terra.

[126] Referência a Joaquim Timóteo.

As pessoas apresentaram-no como um grande fazendeiro da região da Boa Vistinha. As atividades mais elementares da propriedade estavam concentradas no plantio e na comercialização dos gêneros alimentícios. No entanto, diferentemente de Joaquim Timóteo, Vicente Charles não se envolvia com a prática da comercialização frenética de mercadorias, ou, melhor dizendo, não era muito afeito as "gambiras". Na nova propriedade, as condições encontradas pelo agregado não foram muito diferentes daquelas disponibilizadas, no primeiro momento, na fazenda de Joaquim Timóteo. Naquele contexto, uma década antes, identificou-se que Geraldinho, Dona Pretinha e as três crianças pequenas foram despejadas em um terreiro de bater feijão. Durante alguns meses, não tiveram condições de contar com a proteção de um teto. Quando se mudaram para a fazenda de Vicente Charles, tiveram, pelo menos, uma estrutura precária de moradia oferecendo abrigo e proteção.

Por meio da consideração da senhora Fátima, tem-se uma leitura da realidade social: "Aí, ele saiu e arrumô com o Vicente Charles lá. Aí, ele fez um mei que paiol, fechou de taba e serviu pra nóis morá até fazê a casa. Aí, o Vicente Charles falô: "Não, Gerardim, ocê pode morá aí o tanto que ocê quisê". Na continuidade da pesquisa será possível perceber que o tempo seria, aproximadamente, de três anos. De modo mais preciso, Geraldinho estaria na condição de agregado de Vicente Charles do final da década de 1960 até o início da década seguinte. No processo de mudança de uma fazenda para outra, a família Nogueira trouxe alguns bois de carro que tinham conseguido adquirir na propriedade de Joaquim Timóteo. A quantidade máxima obtida, entre bezerros e bois treinados para a lide diária, foi a de quatorze cabeças. Sobre os animais, o senhor Altamiro ressaltou:

> Ele fez esses curralê, comprô uns bezerro, fez os currale pra otos vizim, foi carapintano e comprô catorze bezerro. Mais, ele era muito tranquilo, num sabia, num tinha experiência de cuidá do treim e, infelizmente, ele comprô parece que foi doze ou quatorze, num sei, e o cabungo[127] foi matano, foi matano. E ele, até que ese descobriu o que que era naquele tempo, sobrou parece que seis pra ele. Aí, mais esses seis mêmo, ele mansô e carriô cules por muito tempo.

Na condição de agregado de Joaquim Timóteo, tendo estado nessa situação por doze anos, os bens materiais da família se resumiam, quase inteiramente, a quatorze bovinos. A

[127] A doença apresentada como sendo cabungo, responsável pela morte de oito dos quatorze bezerros de Geraldinho, é conhecida cientificamente como *carbúnculo*, comum tanto no gado de corte quanto no gado leiteiro. No cotidiano da roça, muitos conheceram-na como sendo *manqueira.* A principal causa do carbúnculo é uma bactéria presente nas pastagens. Segundo os especialistas, o modo mais eficaz de evitá-la é por meio da vacinação. As informações sobre o carbúnculo foram obtidas no site: revista.globo.rural.com. *Como proteger o gado do carbúnculo?*. Página acessada no dia 29 de dezembro de 2021.

constatação evidencia o quanto o trabalho do nicho familiar estava voltado, unicamente, para atender as despesas alimentares. No entanto, a partir do relato do senhor Altamiro, percebeu-se que, pela falta de vacinação, sobraram somente seis bois de carro. Foram justamente esses animais que acompanharam a família na mudança para a fazenda de Vicente Charles. O fazendeiro concedeu uma pequena porção de terra para Geraldinho construir uma casa, e uma parcela de terra, caso os membros familiares quisessem plantar os gêneros alimentícios de primeira necessidade. Não sendo diferente da condição anterior, não existia nenhum vínculo empregatício entre patrão e agregado.

Se a ausência de vínculo de trabalho demonstrava a precariedade social, assim como a submissão do trabalhador rural diante do fazendeiro, em contrapartida, possibilitava uma margem de circulação dos membros da família para exercerem as mais diferentes atividades laborais na região, trabalhando para outros agentes sociais. Além desse fator, ainda no horizonte da circulação, não encontraram empecilhos para arrendar terras em outras localidades, objetivando o cultivo dos víveres de primeira necessidade. Segundo o senhor Roberto: "Nóis morava ali na terra dele, (Vicente Charles), nóis trabaiava, nóis tocava roça, e o nosso serviço era pás ota banda, né. Era aqui com o Artamiro Guimarães, rumava roça era pá ota banda, não era na terra dele não". No final da década de 1960, quando os membros da família priorizavam o plantio dos gêneros alimentícios, o labor de Geraldinho seguia no mesmo ritmo. Ocupava-se dos trabalhos de carpinteiro e, ocasionalmente, utilizavam o carro de boi para transportar mantimentos e outras demandas para as pessoas da região da Boa Vistinha.

Conforme observado, Geraldinho Nogueira e a família viveram na propriedade de Vicente Charles por, aproximadamente, três anos. O vínculo foi muito mais rápido se comparado com o laço costurado com Joaquim Timóteo. Em decorrência desse fator, e de outros, a perspectiva de um "endividamento moral", ou mesmo a ideia de dever uma "obrigação" para com Vicente Charles não está presente no horizonte dos amigos e dos familiares, pelo contrário. Diferentemente de Joaquim Timóteo, que recebe uma consideração enorme até os dias atuais, carinhosamente referendado por meio da designação de "Padrin Joaquim, Dindim, ou Tio Joaquim", o modo pelo qual fizeram referência a Vicente Charles não esboçou nenhum sentimento afetivo.

Por exemplo, se Joaquim Timóteo foi apresentado na condição de um grande fazendeiro muito bondoso para a família de Geraldinho, contribuindo na amenização da precariedade social, especialmente na oferta de alimentos, Vicente Charles foi descrito como um fazendeiro insensível perante a difícil situação da família. A insensibilidade parecia ser de tamanha proporção, que exigia, até mesmo, o pagamento do aluguel pela pastagem dos seis bois

de carro. A situação delicada e a falta de consideração do fazendeiro estão presentes nas considerações do senhor Moisés: “Lá, (fazenda) ele deu, ele deixô o meu pai, tinha um sarobão vei, nóis fechô um pedaço lá. Mais aí, nóis zelô pra pô os boi, porque os bonito ia carriá, precisa dos boi ficá na porta, né. Aí, sempre nóis trabaiava pra ele (Vicente), pra pagá pelo aluguel, pelo pasto. É, nóis tinha que pagá”. Na leitura de Moisés, Joaquim poderia ser considerado um “pedra noventa”, diferentemente de Vicente Charles, que não demonstrou muita preocupação com a condição material da família Nogueira.

Na opinião de muitas pessoas, a dificuldade de obter pastagem para os seis bois carreiros, concomitantemente com o carinho e o respeito de Geraldinho com os animais, influenciou na tomada de decisão para deixar a fazenda de Vicente Charles. No entanto, diferentemente da mudança anterior, quando deixou a fazenda de Joaquim Timóteo para se tornar, pouco tempo depois, agregado de outra grande propriedade na região da Boa Vistinha, o deslocamento, dessa vez, envolveria elementos de uma simbologia e representatividade impressionantes tanto para a família quanto para o próprio contador de causos. No início da década de 1970, estava com mais de 50 anos de idade. A simbologia envolvendo a saída da fazenda de Vicente Charles estava no seguinte fato. Depois de muitas décadas residindo nas terras alheias, sendo submetido aos ditames dos grandes fazendeiros regionais, finalmente teria a oportunidade de adquirir uma porção de terra, uma pequena propriedade de sete alqueires e meio na região do Nuelo.

Depois de uma longeva trajetória, iniciada no dia 18 de dezembro de 1918 e caracterizada por muito trabalho, desde a tenra idade, resultando em inúmeras dificuldades sociais, carestia alimentar, tragédias familiares e humilhação pela condição socioeconômica, no início da década de 1970, Geraldinho finalmente reunia condições de afirmar, orgulhosamente, para os amigos e familiares que tinha conseguido comprar um pedaço de chão. Uma porção de terra que oferecia melhores condições de retirar o sustento familiar. Na categoria dos trabalhadores da roça goiana, seguindo as orientações de Brandão (1981), Geraldinho Nogueira deixava a condição de agregado para se tornar, finalmente, um pequeno proprietário rural.

CAPÍTULO IV
O MUNDO VIVIDO: PEQUENO PROPRIETÁRIO NA REGIÃO DO NUELO



Figura 28. Placa indicando o caminho para a Fazenda Nuelo. Foto: Meire Ribeiro.

Tendo como referência o término do capítulo anterior, no qual existe uma leitura sobre a aquisição da pequena porção de terra por parte de Geraldinho no início da década de 1970, tem-se uma questão importante a ser destacada no âmbito da literatura especializada. As mais importantes pesquisas publicadas sobre o objeto de estudo desta tese, com destaque para Castro (2010), Silva (2015) e Ribeiro (2017), fazem referência à relação de Geraldinho com o cotidiano rural e, consequentemente, com a terra. No entanto, apresentam-no na condição de um pequeno proprietário na região do Nuelo. Nesse sentido, deixam de considerar que, antes, e de maneira muito mais longeva, a relação com a terra se constituiu não necessariamente na condição de um pequeno proprietário, mas, majoritariamente, na de um agregado.

Conforme mencionado na conclusão do capítulo anterior, a aquisição da pequena porção de terra ocorreu no recorte final da vida de Geraldinho, quando esteve na condição de um pequeno proprietário, nas últimas duas décadas de vida. Durante mais de meio século, a relação com a terra teve como referência o labor desenvolvido nas propriedades alheias, vivendo ou sobrevivendo de agregado nas fazendas do Barro Amarelo e na região da Boa Vistinha. Quando, finalmente, encontrou condições de adquirir uma porção de terra, uma

chácara de sete alqueires e meio, adquiriu-a na região do Nuelo. A supracitada região fica relativamente próxima à cidade de Bela Vista de Goiás, a uma distância de, aproximadamente, 25 quilômetros.

No aspecto relacionado às características da pequena porção de terra, as pessoas entrevistadas descreveram-na como uma terra de um solo não muito fértil, característica de um lençol de "pouca cultura"[128]. Compreendida como uma síntese dessas leituras, destaca-se a consideração do senhor Justiniano, referindo-se à fertilidade do solo, não somente na propriedade de Geraldinho, mas em toda a região. Descreveu-a como caracterizada pela existência de um solo fraco, contudo, fez uma advertência, afirmando que a "terrinha" poderia ser considerada fraca, porém estava muito distante de ser uma porção de terra ruim. Nas palavras do entrevistado:

> Desde que eu conheci ele (Gerldinho) foi lá. Uma terrinha até fraca, porque terra ruim não tem, tem terra fraca né. Tem terra fraca, terra ruim não tem, porque todas ela é boa. Mais aí, eu num sei como ele adquiriu ela não sô. E é um pedacim até bão, lugarzim bão. Só que a terra é fraca, tinha uma casinha muito fraca, uma situação muito difícil lá, que eles vivia lá.

Por enquanto, sem adentrar diretamente na qualidade do solo, torna-se importante ressaltar que o fato de ter se tornado proprietário de uma pequena porção de terra na região do Nuelo, independentemente da fertilidade, constitui-se como motivo de muito orgulho para Geraldinho. Orgulho, nessa ocasião, estava distante de significar prepotência ou arrogância por ter se tornado um pequeno proprietário. Durante parte considerável da vida, havia transitado por algumas fazendas da região, trabalhando na condição de agregado e dependendo diretamente do "bel prazer" dos fazendeiros para garantir o acesso à terra e às condições elementares para a subsistência alimentar de toda a família. Nesse sentido, a pequena porção de terra representava, entre outras questões, a possibilidade de uma vida menos sofrível, ou, conforme defendem Brandão e Souza (2012), melhores condições de terem acesso ao trabalho, abrigo e proteção. Em outras palavras, a terra era sinônimo de vida e de dignidade.

A dignidade adquire um significado ainda maior quando se observa a situação socioeconômica de Geraldinho Nogueira antes de se tornar um pequeno proprietário. Nesse contexto, a vida esteve marcada por inúmeras dificuldades sociais, como carestia alimentar, ausência de infraestrutura mínima para a moradia, exploração direta dos grandes fazendeiros e

[128] No cotidiano da roça, continua sendo comum as pessoas se referirem às porções de terra, com um solo mais fértil, como sendo terra de cultura. No entanto, aquelas que têm um solo menos fértil, consideradas não muito propícias para o plantio dos gêneros alimentícios, são apresentadas na condição de terras sem cultura.

outros percalços inerentes ao cotidiano do indivíduo despossuído da posse da terra. Por meio da estrutura formada em Goiás, na qual a concentração das terras ficou sob a égide dos grandes fazendeiros, adquirir um pedaço de terra para o trabalhador rural, mesmo sendo uma pequena porção, além de configurar um sonho, demonstrava ser um objetivo, verdadeiramente, muito difícil de ser alcançado.

Entretanto, mesmo nessa estrutura marcada por pouca mobilidade social, torna-se possível encontrar importantes frestas ao longo do processo histórico. Na perspectiva de alguns autores, a exemplo de Chaul (2015), e de Anzai (1985), mesmo vivendo em um território sob o domínio e o predomínio dos grandes fazendeiros, quando o estado, em muitas ocasiões, controlado por esse mesmo segmento da elite agrária, não teve preocupação de construir políticas públicas de distribuição de terra, encontram-se alguns exemplos de pessoas pobres, trabalhadores da grande roça goiana, que se tornaram proprietários de um pequeno pedaço de terra para plantar, cuidar e colher os gêneros alimentícios de primeira necessidade.

Na questão explicativa sobre a existência dos pequenos proprietários, dois fatores contribuíram para a abertura da pequena fresta na estrutura agrária goiana: o fator tem suas raízes logo no início da formação da fazenda-roça goiana, em meados do século XVIII e, principalmente, início do Oitocentos. O fenômeno encontra representação no processo de ocupação das terras devolutas localizadas nas regiões mais distantes dos grandes centros urbanos. Além da localização mais longínqua, que proporcionou sérias dificuldades para a comercialização de produtos, essas terras geralmente não despertavam, justamente por esses fatores, o interesse dos grandes fazendeiros. Distante de ter o objetivo de incorrer no risco da generalização, mas é possível afirmar que as terras ocupadas pelas pessoas mais pobres, além da localização longínqua do espaço urbano, se caracterizavam por ser de baixíssima produtividade, constituindo as populares “terras sem cultura”.

Muito em virtude das condições apresentadas, como localização geográfica não adequada, baixa fertilidade do solo, as porções de terra ocupadas pelos posseiros não atraiam tanto a atenção da oligarquia agrária, possibilitando melhores condições para que uma pessoa pobre tivesse condições de se “aventurar” na ocupação, tornando-se posseiro por um tempo considerável. Refletindo sobre essa situação, Chaul considera: “Com o estabelecimento do processo de ocupação das terras próximas às vilas e caminhos, restava aos “despossuídos da sorte” penetrar pelo sertão sem fim, no intuito de fixar sua posse ou se agregar a um senhor em sua propriedade” (2015, p. 122). É importante ressaltar que a ocupação das pequenas porções pelos “despossuídos da sorte” estava distante de ser uma ocupação definitiva. A possibilidade não se efetivava porque, a qualquer momento, dependendo do interesse do grande fazendeiro,

ou mesmo sob a influência de algum projeto estruturante/modernizante coordenado pelo estado, a porção de terra ocupada poderia se tornar, rapidamente, mais uma porção anexada a uma grande propriedade.

O processo da tomada das terras ocupadas pelos posseiros, sob a coordenação dos grandes fazendeiros, tinha um *modus operandi* extremamente violento, resultando na perseguição e na expulsão das famílias. Em muitas ocasiões, esses atores, pertencentes às camadas subalternas, deixavam quase tudo para trás para não sofrer as consequências trágicas que uma resistência à tomada da terra poderia proporcionar. Embora seja importante refletir mais detalhadamente sobre os meios de resistência dos despossuídos da posse da terra no território goiano, evidenciando toda a luta pelo direito à terra por parte dos trabalhadores rurais empobrecidos e demonstrando que, nessa relação desigual entre fazendeiro e trabalhador, houve muita resistência por parte deste último. No entanto, seguir essa importante e necessária trilha faria com que a pesquisa se distanciasse do objetivo traçado inicialmente[129].

Nesse sentido, retomando a leitura sobre alguns dos fatores que viabilizaram que pessoas pobres da roça e trabalhadores rurais se tornassem proprietários de pequenas porções de terra, além da questão da ocupação de espaços mais longínquos e, possivelmente, porções com baixa produtividade do solo, outro fator a ser considerado nessa abertura de uma pequena fresta na fechada estrutura agrária esteve representada pela questão das heranças familiares e na compra de terras em regiões pouco valorizadas. Nessa última condição, as aquisições eram feitas, geralmente, de outros pequenos proprietários. A exemplo de pesquisadores/as que apresentam uma leitura sobre os fatores preponderantes na aquisição de pequenas porções de terra e, consequentemente, sobre a formação de pequenos proprietários dentro de uma estrutura agrária dominada pelo latifúndio, Anzai considera:

> Em Goiás, alguns homens livres de poucos recursos conseguiram um mesmo que precário acesso à terra, através do fracionamento de grandes propriedades, heranças ou doações ou vendas, em regiões pouco valorizadas, surgindo assim pequenas propriedades trabalhadas por mão-de-obra familiar. Além disso, muita terra devoluta foi ocupada por esses homens e, posteriormente, legitimada. Para estes pequenos proprietários, não havia lugar na agricultura ou na pecuária de exportação, restando-lhes a pequena lavoura, cujos parcos excedentes eram colocados nas próprias pequenas propriedades (Grifo final nosso) (1985, p. 24).

[129] No decorrer das últimas décadas, têm sido publicadas importantes pesquisas sobre a resistência camponesa em Goiás, com destaque para o livro *A Revanche camponesa*, de autoria de Jadir de Morais Pessoa. O livro foi publicado pela editora da UFG, no ano de 1999. No ano de 2008, Valtuir Moreira da Silva publicou a obra *Itapuranga e a (re)invenção da História* e, mais recentemente, no ano de 2021, Edson Batista da Silva publicou o livro intitulado *Camponeses:* cercados e a contrapelo.

Diante de toda a conjuntura e das possibilidades apresentadas por Anzai (1985), o fato de Geraldinho ter se tornado um pequeno proprietário na região do Nuelo não passou pela ocupação de terras longínquas e devolutas, e tampouco esteve relacionada à possibilidade de ter herdado a pequena propriedade de algum familiar próximo, ou mesmo de ter recebido uma doação de algum fazendeiro da qual havia sido agregado. A aquisição da pequena propriedade demandou muito esforço, não somente no sentido individual, mas esforço coletivo, tendo envolvido todos os membros da família na faina diária. A partir do envolvimento familiar, o sonho de terem um pedaço de terra teve melhores condições de se concretizar.

Antes da pesquisa de campo, sinceramente, não havia nenhuma referência mais efetiva sobre o procedimento adotado para a aquisição da porção de terra na região do Nuelo. Imaginava, por exemplo, que poderia ter sido o resultado de alguma herança familiar, seguindo os caminhos desenhados por Anzai (1985). No entanto, a hipótese levantada acabou sendo rapidamente desconstruída na entrevista realizada com o senhor Roberto. Durante a conversa, o entrevistado mencionou que a porção de terra não resultou de nenhuma herança familiar, nem mesmo da ocupação de terra devoluta por parte da família. A possibilidade de ter se originado de doação foi rapidamente desconstruída também. Descartadas as hipóteses, o senhor Roberto mencionou que os sete alqueires e meio representavam o resultado de uma vida voltada inteiramente para o trabalho: "Não, ele comprou né? Ele não herdou nada de ninguém não, porque o meu avô[130] sumiu, laigô ese pequeno né. Mais, aí, nóis foi trabaiano, pelejano, pegano uns currale, uns garpão pá fazê, comprô uma boiadinha, e aí ele trocô essa boiada nesse pedaço de terra". O entrevistado fez referência ao fato de terem trabalhado na construção de currais e de galpões. Em decorrência do trabalho, conseguiram comprar uma pequena turma de bois e, posteriormente, trocaram os animais na propriedade.

Conforme observado no capítulo anterior, a principal ocupação de Geraldinho estava no trabalho de carpintaria. Reconhecido como um carpinteiro muito habilidoso, construiu inúmeros currais no meio rural bela-vistense. Foi justamente por meio da construção de um curral que se tornou agregado de Joaquim Timóteo. Uma última observação, quando o núcleo familiar se mudou para a fazenda de Vicente Charles, no aspecto dos bens materiais, trouxeram apenas seis bois de carro adquiridos quando estavam na condição de agregados na Boa Vistinha. Nesse cenário, o senhor Altamiro explicou o processo que proporcionou a Geraldinho deixar de ser agregado para se tornar um pequeno proprietário no início da década de 1970:

[130] Referência ao senhor Benedito Nogueira.

> Ele morô lá (Joaquim Timóteo) muitos ano. Ele feiz otos curralê prum vizim lá, acho que Artarmiro Guimarães, Simião, ele foi comprando bezerro, comprô uma turma de bezerro, e aconteceu uma coisa engraçada com ele, porque ele comprô e não vacinô, o cabungo vei e foi matano bezerro e morreu quase tudo. Tem que vaciná. Se não vaciná, morre tudo. Hoje, então, é piô. Mais, então, é isso. E desses bezerro é que ele apurô a boiadinha dele, porque toda vida ele gostô demais de carro de boi, né? Montô a boiadinha dele. É, com esses boi, ele comprô a terrinha dele, que ele deixô, né? Comprô, pro cê vê que época né? Ele deu seis boi à trocô de sete alqueire e meio de terra, com uma casinha ainda, uma casinha simple, mais tinha. É, uma casinha.

Todo o procedimento resultou na aquisição da pequena porção de terra no Nuelo, que, guardadas poucas variações, foi descrita de modo similar por outras pessoas entrevistadas. Uma semelhança com o relato do senhor Altamiro está nas considerações de Moisés. No entanto, a única diferença está na quantidade de bois de carro trocados nos sete alqueires e meio. No relato de Altamiro, percebe-se uma referência feita a seis bois, diferentemente da observação de Moisés. Conforme será identificado na sequência, o entrevistado diminuiu ligeiramente a quantidade, mencionado não seis, mas cinco animais. O sexto boi, em fase adulta, teria sido trocado por dois bezerros pequenos. Com exceção da sutil nuance, a conquista da terra recebe uma descrição idêntica quando se comparam os dois relatos:

> É, ele deu cinco boi na terra. Procê vê o tanto que o treim era esquisito, né? Ele deu cinco boi em sete arquere[131] de terra, e panhô dois garrotão no oto. O Fiin pegô os seis, mais dois, ele deu dois garrote pra começá a boiada de novo. Ele (Fiin) falô: "Não, cumpade, cumpade Gerardim, mais agora ocêis já tem a terra, com esses dois ocês começa a boiada".

A aquisição da porção de terra não se caracterizou por ter sido uma compra convencional, envolvendo dinheiro em espécie, mas foi proporcionada pelo sistema de trocas, quando seis bois treinados para a lide diária foram negociados em sete alqueires e meio. O antigo proprietário da terra, Geraldo dos Santos, tendo ficado conhecido pelo apelido de Fiin da Hermelina, ciente da predileção de Geraldinho pelos bois[132], voltou dois bezerros pequenos em um dos animais oferecidos na realização do negócio. O gesto do antigo proprietário pode

[131] O tamanho exato da propriedade era de sete alqueires e meio.

[132] As pessoas mencionaram que Geraldinho gostava de todos os bois colocados no negócio, compreendendo-os como se pertencessem ao próprio núcleo familiar. No entanto, um dos bois, por nome de Pandulero, recebia uma simpatia maior. Tanto Altamiro quanto Roberto mencionaram a relutância de Geraldinho para aceitar fazer o negócio com o Fiin da Hermelina. A objeção não se explica porque não tinha predileção de ser proprietário de um pedaço de chão. Ser proprietário, mesmo que fosse uma propriedade menor, configurava-se como um dos grandes desejos da vida, porém, não tinha a intenção de se desfazer dos bois para alcançar o objetivo. Quando alguém insistia na realização do negócio, recomendando a troca dos bois nos sete alqueires e meio de terra, a resposta estava na ponta da língua: "Não, eu não tenho coragem de vendê o Pandulero não meu fi".

ser compreendido, a partir dos valores da roça, como sinônimo de companheirismo ou mesmo de sensibilidade. Na ocasião, procurou proporcionar meios para que Geraldinho tivesse condições de formar, novamente, uma turma de bois para continuar o ofício de carreiro.

Outro detalhe presente tanto nas considerações de Altamiro quanto de Moisés está no fato de terem feito referência à propriedade como tendo sido adquirida por um valor orçamentário pequeno, em que um boi de carro treinado tinha mais ou menos o mesmo valor de um alqueire de terra. No entanto, é fundamental não esquecer o contexto e as condições apresentadas para a realização do negócio. Quando apresenta algumas das possibilidades que as pessoas pobres encontravam para se tornarem proprietárias de pequenas porções de terra, Anzai (1985) menciona que um dos fatores mais relevantes para a viabilidade desse formato de negócio estava relacionado à aquisição de terras em regiões pouco valorizadas.

Nessa circunstância, baixo valor poderia estar associado à localização geográfica, difícil acesso[133], ou à baixa fertilidade do solo. No aspecto da fertilidade, anteriormente, identificou-se que o senhor Justiniano apresentou a propriedade como condição de uma terra boa, entretanto, considerava-a uma terra muito fraca, um lençol sem cultura. A partir das características apresentadas, difícil acesso e pouca fertilidade do solo, observa-se o contexto da realização do negócio, início da década de 1970, e torna-se mais compreensível o porquê de os cinco bois terem tido o mesmo valor dos sete alqueires e meio de terra na região do Nuelo[134].

No contexto da aquisição da propriedade, a família tinha passado por transformações. Apesar de o filho caçula, Sebastião, ter nascido alguns meses antes, os filhos mais velhos, quando na condição de agregados, haviam sido os responsáveis pela garantia da soberania alimentar, arrendando terras para o plantio dos gêneros alimentícios, tinham se casado. Embora continuassem residindo na mesma região, não acompanharam os pais na mudança para o Nuelo. Somente as filhas, com exceção feita a Dalva, continuavam vivendo no mesmo ambiente do núcleo familiar. De acordo com as pessoas entrevistadas, uma das primeiras providências adotadas por Geraldinho na propriedade foi a realização de uma pequena reforma na casa. Com isso, procurava garantir um melhor conforto para a família. Fazia-se necessário o processo de intervenção porque a residência encontrava-se em condições inabitáveis.

---

[133] Embora esteja aproximadamente a 25 quilômetros do núcleo urbano, a região do Nuelo não é de fácil acesso até os dias atuais. A estrada, que liga o espaço urbano até a propriedade, tem como característica o fato de ser íngreme e estreita em quase toda a sua extensão. Atualmente, a propriedade não pertence a nenhum membro da família. Durante a pesquisa de campo, estava destinada à monocultura da produção, ocupada pelo plantio de soja.

[134] Entrevistados, Altamiro e a senhora Madalena, mencionaram que, alguns anos depois da realização do negócio, Fiin da Hermelina teria se arrependido. O arrependimento tinha como sustentação o entendimento de que a terra tinha sido negociada por um valor abaixo do mercado.

Nesse sentido, retomando as palavras do senhor Altamiro: “Aí, até que ele resolveu, ele feiz o negócio, deu seis boi em troca da Terra e tinha uma casinha muito ruim lá. Mais tinha água na porta, tinha tudo. Aí, ele mudô pra lá (...), miorô a casinha um poquin”. Além do ofício de carreiro, carpinteiro e de lavrador tradicional, a depender da ocasião, Geraldinho poderia exercer a atividade de pedreiro, providenciando pequenas reformas nas casas de algumas pessoas da região. Pelo fato de conseguir realizar trabalhos, quem ficou na responsabilidade de fazer a reforma na casa, depois de terem adquirido a propriedade no Nuelo, acabou sendo o próprio Geraldinho. No entanto, a intervenção esteve distante de ter sido significativa. Porém, mesmo sendo mínima, possibilitou melhor abrigo e proteção à família, especialmente na questão da melhoria do telhado. Um outro fator de intervenção foi na estrutura das paredes, aumentando-as, tornando a casa maior e ampliando alguns cômodos. Na sequência, uma foto da residência na região do Nuelo.



Figura 29. Geraldinho e Dona Pretinha na frente da residência. Fonte: *Álbum de família*. Foto: Meire Ribeiro.

Para um indivíduo da condição socioeconômica de Geraldinho, trabalhador rural empobrecido, convivendo em condições precárias durante parte considerável da vida, sem oportunidade de ter um teto para “chamar de seu”, morando nas casas cedidas pelos grandes fazendeiros, ter uma casa na pequena propriedade recém-adquirida, por mais que fosse uma “casinha ruim lá[135]”, com base na afirmação categórica de Altamiro, não deixava de ter um

[135] Por mais que as pessoas tenham se referido à precariedade da residência, percebe-se, pela questão da foto e por meio da literatura especializada (BORGES, 2016), que a casa de Geraldinho não distava muito da maioria das

significado muito especial. Porém, o significado não exclui o fato de que o conforto oferecido pela casa era mínimo. Durante a pesquisa de campo, amigos e familiares fizeram menção a característica precárias da residência, que podem ser encontradas na observação do senhor Manoel, ao referir-se à residência no contexto de meados da década de 1970:

> Não, a casinha dele era a casa mais simples que tinha. Casinha simplesinha, simples, fogãozim mei caipira, mais muito bem sirvido. Tudo dele era simplesim. Aqueles banquim de madeira, era, num tinha sofá não, banco de madera. Lá tinha até aquele descascadô de algodão. Então, a casinha dele num tinha assim [muita mordomia].

O senhor Manoel apresenta uma rápida descrição, tanto interna quanto externa da residência, mencionando algumas características mais perceptíveis. O entrevistado conheceu Geraldinho no final da década de 1970, quando a reforma já tinha acontecido. No entanto, mesmo depois da intervenção, segundo o entrevistado, a casa continuou com uma estrutura muito simples, sem um conforto maior para o núcleo familiar. A descrição da estrutura da residência teve uma ênfase na mobília, mencionando os banquinhos de madeira no interior da casa, importantes para uma melhor recepção das visitas, passando pelo indispensável fogão "meio caipira", o popular fogão à lenha, fundamental para o preparo dos gêneros alimentícios. Entre outras questões, menciona a presença do descaroçador de algodão[136].

Na entrevista, o senhor Manoel fez questão de ressaltar que tudo na casa de Geraldinho era muito simples, porém, muito bem servido, atendendo as necessidades mais prementes da família. Conforme mencionado, a descrição do entrevistado não está carregada de uma excepcionalidade. Aproxima-se da estrutura da maioria das casas dos moradores depauperados da roça no decorrer do século passado. Nesse sentido, pode se ter uma melhor dimensão da semelhança das residências dos trabalhadores por meio da consideração de Chaveiro e Borges:

> O modo de morar baseando-se na casa de pau-a-pique ou de adobe em formato colonial, ou a "taipa de pilão", com paredes de terra socada com estrume, ou similar à moradia indígena. A alimentação baseada na reposição de energia feita com arroz, feijão, milho e carne. O costume de, ao invés de tomar café da manhã, comer uma refeição com arroz requentado. A cama rude feita pelas próprias mãos com taboca vincada na parede ou por entre esteios da casa, com o nome de "zidória" ou "catre de forquilha" (2015, p. 456).

---

casas goianas do século passado, especialmente quando comparada às residências das pessoas empobrecidas. Por meio da *Ilustração 30*, constata-se uma residência grande, constituída de muitos cômodos, com janelas e portas de madeira. Observam-se a parede de adobe, o piso de chão batido e o telhado coberto por telhas antigas, sendo uma das características do período imperial.

[136] Pelo fato de Dona Pretinha ter sido costureira, o descaroçador de algodão teve muita utilidade na confecção das roupas.

É interessante observar a leitura dos autores, fazendo referência às paredes de adobe dentro da paisagem goiana. No entanto, não deixam de mencionar que, em algumas regiões, principalmente pelas condições socioeconômicas, poderiam ser encontradas construções mais rústicas, tais como aquelas feitas de pau-a-pique, ou mesmo paredes de "taipa de pilão". Na foto da casa de Geraldinho, constata-se as paredes de adobe. Ainda na esteira do referencial teórico, Chaveiro e Borges (2015) fazem referência a mobília das residências, enfatizando que os móveis atendiam as necessidades básicas dos familiares. Um exemplo utilizado pelos autores está na zidória, uma espécie de cama feita de taboca vincada na parede. Na maioria das circunstâncias, o "catre de forquilha" era construído pelos próprios moradores.

Em virtude da condição socioeconômica, parte considerável dos moradores da roça não reuniam condições de contratar uma mão de obra especializada. Se, por exemplo, o morador ou qualquer outro membro da família tivesse habilidade para talhar a madeira, não resta dúvida, o móvel teria um acabamento e uma aparência mais agradável. Caso contrário, se faltasse habilidade na arte da carpintaria, os móveis teriam uma aparência mais rudimentar. Tendo desempenhado o ofício de carpinteiro por mais de meio século, reconhecido pelos pares na condição de um trabalhador muito habilidoso, não é muito difícil imaginar, com base na descrição do senhor Manoel, que aqueles banquinhos de madeira, chamando a atenção do visitante, tenham sido construídos pelo próprio Geraldinho. Assim como inúmeros outros, tais como a mesa, a cantoneira e assim por diante. Na sequência, algumas fotos apresentam um pouco da estrutura interna da casa na região do Nuelo, com destaque para os móveis construídos pelo próprio contador de causos.



Figura 30. Parte interna da residência. Fonte: *Álbum de família.* Foto: Meire Ribeiro.



Figura 31. Parte interna da residência II. Dona Pretinha apontando para uma foto de Geraldinho.
Fonte: *Álbum de família.* Foto: Meire Ribeiro.

A primeira foto apresenta um calendário anual do ano de 2005, quando já havia se passado mais de uma década do falecimento de Geraldinho. Além do calendário, quando comparada com a *figura 30*, na qual o casal posa para uma foto em frente à residência no final da década de 1980, notam-se outras diferenças. A primeira das nuances está no piso da casa. Na *figura 31*, constata-se que o piso era de chão batido, diferentemente da última foto, em que aparece um cimento grosso. Percebe-se que a residência não recebia nenhuma pintura, a não ser a cor marrom, natural do adobe. Porém, nas últimas fotos, é possível identificar uma pintura de tonalidade branca, envelhecida pelas ações do tempo. Nesse ínterim, de 1988 até o ano de 2005, aconteceram transformações estruturais na residência familiar[137].

Levando em consideração a realidade socioeconômica, tanto a parte externa quanto o interior das casas evidenciavam as condições materiais dos moradores da roça. Mais do que uma leitura depreciativa da casa "simplesinha" de Geraldinho Nogueira, ou uma "casa muito

[137] Depois de mais de uma década do falecimento de Geraldinho, Hamilton Carneiro, juntamente com outras pessoas da região, organizou e financiou uma reforma na residência de Dona Pretinha, melhorando a casa consideravelmente. No entanto, a proprietária desfrutou pouco tempo da reforma, já que, alguns anos depois, acabou se mudando para a cidade de Bela Vista, em virtude de um grave problema de saúde.

ruim existente lá", como garantem as considerações de algumas pessoas entrevistadas, existe, nessas afirmações, apenas uma constatação dos problemas socioeconômicos do pequeno proprietário na região do Nuelo. No entanto, para a maioria dos moradores, imersos em uma condição de penúria, a função da moradia não era para oferecer mordomia ou mesmo amplo conforto, pelo contrário. O objetivo principal estava assegurado quando a residência tinha condições de oferecer abrigo e proteção, não deixando que o mínimo vital, nesse caso, um teto para morar, faltasse. Nesse quesito, a residência de Geraldinho atendia ao objetivo principal, oferecendo abrigo e proteção para toda a família.

Apesar de as descrições evidenciarem a simplicidade e os problemas estruturais no cotidiano do pequeno proprietário, fica evidente que, quando comparado aos demais trabalhadores rurais, meeiros, arrendatários, lavradores tradicionais e o próprio agregado, ambos muito dependentes dos grandes fazendeiros para ter acesso à terra e ao trabalho, o pequeno proprietário, podia plantar e colher dentro da própria porção de terra, não sendo mais obrigado a dividir um percentual ou mesmo a metade da colheita com o grande fazendeiro, situação inerente ao meeiro e ao arrendatário. Isso demonstra uma condição de vida, no mínimo, menos sofrível, se comparada à dos demais trabalhadores da roça. Sobre as possibilidades maiores e ao mesmo tempo melhores do pequeno proprietário, Mendes observa:

> Para quem possuía uma propriedade rural, a produção de alimentos e a moradia estavam potencialmente garantidas. Esse apelo à posse da terra era tido como conquista de uma condição social favorável e, também, como sinônimo de satisfação das necessidades vitais do ser humano. Neste sentido produzia, no imaginário das pessoas, um poder simbólico, pois a conquista dos meios de vida dependia, em parte, das condições de acesso à terra para usos agrícolas (2008, p. 182).

Observando mais detalhadamente a situação socioeconômica de Geraldinho, na condição de um pequeno proprietário, percebe-se uma sutil melhora, tendo se manifestado logo após a mudança para a propriedade, encontrando representação na sutil reforma realizada na residência familiar. Na leitura de Mendes (2008), um dos fatores importantes na vida do camponês estava na possibilidade de ter alimentos e moradia garantida. No entanto, dentro de uma estrutura com as características da fazenda-roça goiana, estruturada na manutenção de privilégios para os grandes fazendeiros ao longo do processo histórico, a garantia das duas questões elementares para a dignidade humana, casa e alimentação, demandava do pequeno proprietário um esforço considerável. A porção de terra ofertava, indubitavelmente, uma possibilidade de se ter uma vida menos sofrível, mas estava distante de ser uma certeza.

O senhor Justiniano, que passou ter uma relação mais estreita com Geraldinho depois da mudança para a porção de terra no Nuelo, teceu considerações sobre as inúmeras dificuldades a que o núcleo familiar esteve submetido, mesmo depois de terem adquirido os sete alqueires e meio de terra. Diante das adversidades, ressaltou que conviviam com poucos recursos financeiros e, em muitas ocasiões, encontravam dificuldades para a garantia dos itens mais básicos da dieta alimentar: "Não, rapaiz. Na época que eu conheci ele, ele era pobre demais da conta, rapaiz. Ele num tinha quase o quê cumê, quase o quê cumê quando eu conheci ele. A condição deles era periclitante. Mais ruim, ruim memo. Depois que ele foi miorano[138] ". Trazer essa consideração para a parte final deste tópico tem relevância à medida que evidencia, mais uma vez, que a vida dos pequenos proprietários, assim como no caso de Geraldinho, continuava exigindo esforço para conquistar os valores elementares da dignidade humana, como alimento e moradia. Na porção de terra no Nuelo, conforme será possível perceber na seção seguinte, não faltou envolvimento da família nas atividades da lavoura e em outras ocupações também.

4.1 Na teia da terra: a família Nogueira no labor diário

Na porção de terra na região do Nuelo, as atividades laborais da família não passaram por uma transformação drástica, se comparadas àquelas atividades que desempenhavam, na condição de agregados na região da Boa Vistinha. Geraldinho continuou envolvido nos trabalhos de carpintaria e, de vez em quando, realizava pequenos ofícios de carreiro, transportando lenha e gêneros alimentícios para consumo próprio. Também realizava essa mesma atividade para os amigos da região. Os demais membros da família, com destaque para os filhos, na tentativa de garantir a subsistência alimentar, ficaram na incumbência de plantar, cultivar e colher os gêneros alimentícios, utilizando a propriedade recém-adquirida para alcançar esse fim.

Quando Brandão (1981) elabora uma classificação dos trabalhadores rurais no decorrer do século XX, enfatizando a relação tanto com a terra quanto com o trabalho, menciona que o pequeno proprietário, dono das "fazendinhas", dependendo do tamanho da propriedade e da qualidade do solo, quando pouco produtiva, poderia fazer com que o camponês exercesse

[138] Algumas pessoas, a exemplo do senhor Altamiro, Roberto e do próprio Justiniano, atribuíram como fator preponderante para a melhora na qualidade de vida, não só o fato de Geraldinho ter se tornado um pequeno proprietário, mas a atividade artística remunerada, a partir de meados da década de 1980. Em decorrência do sucesso midiático, teria começado a receber o pagamento pelas apresentações nos espetáculos promovidos por Hamilton Carneiro. No entanto, os entrevistados asseguraram que a remuneração não possibilitou o enriquecimento, mas foi suficiente para que encontrasse condições não somente de garantir o básico da dieta, mas de colocar fartura na mesa.

atividades fora da porção de terra. Na perspectiva do antropólogo, poderia ser a atividade de meeiro, arrendatário ou mesmo de lavrador tradicional. Inserido na última categoria, o pequeno proprietário trabalhava no plantio, no cuidado e na colheita dos gêneros alimentícios para pessoas próximas da região, geralmente, atores da mesma condição socioeconômica. De acordo com Brandão:

> *Camponês ou pequeno proprietário* é o produtor agrícola dono de porções de terra de pequenas dimensões (as "fazendinhas" ou as "chácaras"); trabalhador direto em regime de produção familiar e, em geral, não apropriador de força de trabalho. Camponeses donos de propriedades muito pequenas e/ou pouco produtivas, podem ser também "meeiros" ou lavradores durante, pelo menos, períodos anuais de ciclo agrícola dos cereais da região (1981, p. 7).

Na condição de trabalhadores empobrecidos da roça, mesmo exercendo outras atividades cotidianas, carpinteiro e carreiro em especial, Geraldinho e o núcleo familiar não deixaram de se envolver com o plantio dos gêneros alimentícios. Em uma vida marcada por uma relação estreita com a terra, principalmente, com terras de *outrem*, quando adquiriram a porção na região do Nuelo, a atividade relacionada ao cultivo dos gêneros alimentícios continuou em evidência. Porém, entre os problemas apresentados por Brandão (1981), relacionados ao pequeno proprietário, um esteve diretamente vinculado à porção de Geraldinho: a baixa produtividade do solo. Se não fosse por essa questão, provavelmente, os sete alqueires e meio conseguiriam suprir, sem maiores dificuldades, a dieta alimentar de toda a família.

Quando indagado sobre os gêneros mais cultivados na propriedade do Nuelo, Roberto assegurou: "Lá, nóis plantava mais era arroz né. Lá, nóis plantava mais era arroiz". Pelo fato de o entrevistado ter mencionado somente o plantio do arroz, houve uma indagação se não teriam cultivado outros víveres. Entre esses o feijão. Levando em consideração a indissociabilidade com o arroz na dieta alimentar. Diante da observação, Roberto explicou: "Não, feijão plantô, mais foi mais pouco né. Aí, a terra lá era uma terra mais fraca. Às vezes arrendava pra otá banda pra plantá os feijão, né". É, aí arrendava pá otá banda, pá prantá os otó mantimento, né. Lá nóis plantava mais era arroiz". Pelo fato de o feijão necessitar de uma terra de maior fertilidade, a família se viu na necessidade de arrendar outras porções para poder cultivá-lo, embora o cultivo, mesmo em outras localidades, não tenha sido de grande proporção.

A justificativa para uma proporção menor do feijão, quando comparado a outros gêneros alimentícios, estava tanto na questão da baixa fertilidade do solo quanto por demandar uma despesa menor na dieta alimentar. Na consideração do senhor Manoel: "É, essas coisas, mais arroz e milho. Feijão quase não mexia não, feijão quase não dava. Sempre comprava,

porque gastava mais pouco. Mais arroz, milho, sempre tinha". A consideração do entrevistado tem muita relevância, evidenciando que o plantio em menor escala do feijão não se constituiu como algo excepcional da família Nogueira, o que teria sido uma norma entre os trabalhadores rurais da região no contexto da década de 1970.

Os trabalhadores do meio rural bela-vistense empregaram o solo de uma maneira nitidamente artesanal, de modo a não utilizar fertilizantes ou outras técnicas modernizantes para melhorar a fertilidade do terreno e, com isso, aumentar a quantidade dos gêneros coletados. A colheita se dava a partir daquilo que a terra poderia proporcionar. Essa relação mais artesanal com o solo, compreendida como um valor cultural, desloca-se para muito além da fronteira goiana, tendo estado presente nos diferentes lençóis da cultura caipira. Segundo Candido:

> A sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio (embora em nível que reputaríamos hoje precário), mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital – tudo relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência (1975, p. 36).

A partir das condições ofertadas pela natureza, o trabalhador procurou plantar, cuidar e colher os gêneros alimentícios de acordo com o conhecimento adquirido na experiência cotidiana, se valendo da relação próxima com os elementos naturais. No mesmo sentido, apropriou-se do conhecimento transmitido de geração em geração para extrair da terra, justamente, aquilo que o solo poderia proporcionar. A partir desse conhecimento referente às condições ofertadas pela terra, a família compreendeu que o feijão, dentro da propriedade, tinha poucas condições de prosperar. Quando a terra não oferecia condições para o plantio, assim como tantos outros pequenos proprietários, os filhos procuraram terras de outras pessoas da região, arrendando-as para o plantio dos víveres complementares a dieta alimentar.

Apesar de Candido (1975) considerar às técnicas utilizadas pelos caipiras como técnicas obsoletas, principalmente se observado o avanço tecnológico presente no campo a partir da década de 1970, torna-se válido ressaltar não somente como essas técnicas de caráter mais rudimentar, mas a própria organização social do trabalhador rural, de uma forma mais ampla, não passou por grandes transformações ao longo do processo histórico. O labor diário, presente no cotidiano da roça, tendo na figura da enxada um símbolo representativo, remonta ao período colonial. Para uma dimensão compreensiva das poucas alterações na relação com a terra e com o trabalho no horizonte das camadas empobrecidas, Martins (2018) apresenta o seguinte cenário:

> A economia colonial se desenvolveu com base na combinação da produção direta dos meios de vida e da produção de mercadorias para os países metropolitanos: como o açúcar, o café. O trabalhador no geral produzia sua própria subsistência e se dedicava, também, geralmente em terra alheia, à produção do artigo exportável. Em sua produção de subsistência se produzia (e se produz ainda) um mundo de relações sociais não capitalistas: não só as técnicas são primitivas (ainda é uma agricultura baseada na enxada), mas as relações sociais são familiares e comunitárias (2018, p. 32).

A consideração final de Martins (2018) é muito significativa para os propósitos desta pesquisa, especialmente porque identifica um trabalho de tipo artesanal no cotidiano dos agricultores no decorrer do processo histórico. Outro detalhe é que a produção de alimentos para a subsistência, desde o período colonial, esteve concentrada na faina familiar e, em menor proporção, na contribuição comunitária. Nesta última condição, havia a exigência de outros trabalhadores da região para a realização de uma determinada atividade laboral. A presença do mínimo vital não teve relação com a ausência de trabalho no cotidiano das camadas empobrecidas. O trabalhador do meio rural, fosse goiano, mineiro ou paulista, em diferentes temporalidades históricas, conforme demonstra Martins (2018), não mediu esforços para desempenhar a faina diária. Porém, na maioria das circunstâncias faltaram-lhe condições mais propícias para uma vida menos sofrível.

Convivendo com as dificuldades de toda a sorte, a organização na lide do trabalho seguiu algumas diretrizes. Entre elas, o envolvimento de todo o núcleo familiar na relação com a terra e, consequentemente, com o trabalho. De acordo com Brandão (1981), no cotidiano do trabalhador rural, na maioria das situações, havia um recorte de gênero dependendo do ofício a ser desenvolvido. A tendência mais elementar, a partir do recorte de gênero, estava no fato de os filhos acompanharem, diariamente, a figura paterna na lide da lavoura, e as filhas ficarem circunscritas ao ambiente doméstico, envoltas no cuidado da casa, no preparo das refeições e com atenção especial ao terreiro. Sobre esse último ponto, ficava sob a responsabilidade das mulheres, o processo de vigília e a alimentação dos animais que garantiriam a dieta alimentar.

Animais importantíssimos no complemento da alimentação dos moradores da roça constituíam aquilo que comumente denominou-se como mistura ou fartura na mesa. Na teia da fartura, “produzidas” ou tendo vínculos direitos com o terreiro, estavam as carnes dos suínos e de algumas aves, especialmente galinhas/frangos. Ainda nos trilhos da fartura na mesa, cabe destacar o cultivo das hortaliças, circuncidando o espaço do terreiro. As hortaliças, juntamente com as carnes dos porcos e das aves, proporcionaram a mistura na mesa, sendo sinônimo de substâncias ou “sustança” para que esses indivíduos tivessem condições de enfrentar o trabalho

pesado do cotidiano. O recorte de gênero, homens na lavoura e mulheres na casa e no terreiro, constituiu-se como um reflexo direto do poder patriarcal dentro da estrutura agrária. Sobre o patriarcado, Candido considera:

> A expressão "família caipira" indica uma modalidade de organização familiar que entronca diretamente no tipo chamado *patriarcal,* desenvolvido no Brasil no tempo da Colônia (...) pretendo aqui, todavia, apontar características dos grupos familiares do lavrador humilde, como aparecem hoje ao pesquisador e como podem ser reconstituídos. Neles encontramos mais persistência dos comportamentos tradicionais do que em famílias abastadas e urbanizadas, nas quais atua com maior vigor a mudança social e cultural. Podemos ver então que os seus padrões são essencialmente os mesmos registrados por viajantes e estudiosos para a família patriarcal, variando naturalmente conforme o papel que desempenham no processo da produção, pois ele condiciona formas diferentes de participação cultural. Num e noutro caso, com efeito, a família desempenha função econômica importante, mas a organização do trabalho, a distribuição dos bens, o papel na vida política varia sensivelmente de um para outro. Presa à técnica tradicional, menos ligada à influência dos centros urbanos, requerendo para sobreviver enquanto grupo o esforço físico de todos os seus membros, é compreensível que a família do pequeno proprietário e do trabalhador se encontre em condições de maior conservantismo. (1975, p. 229-230).

A reflexão de Antonio Candido (1975), sinalizando para uma maior efervescência do patriarcado nas regiões interioranas e nas famílias de menor poder aquisitivo, característica de um conservantismo das sociedades mais distantes das transformações em curso, quando essas transformações teriam alcançado mais intensamente os citadinos e as camadas mais abastadas da sociedade, merece, de nossa parte, uma maior problematização. Na perspectiva de análise da tese, existe a premissa de que o poder do patriarcado na sociedade brasileira, historicamente, independe da condição econômica e do espaço social ocupado pelo indivíduo. Logo, não é indiferente se pertence ao espaço urbano ou ao meio rural. A violência representada pelo patriarcado, no machismo, na violência de gênero, constitui-se como problema histórico e estrutural da sociedade brasileira. A partir dessas condicionantes, o poder dessa violência encontra-se muito presente, infelizmente, até os dias atuais. Por ser um valor estrutural, não esteve distante das relações envolvendo os membros da família Nogueira.

Diante de uma economia que teve na subsistência um valor fundamental, característica da cultura caipira e da roça goiana de uma forma especial, toda a organização socioeconômica passou diretamente pelo trabalho. Parte considerável dos moradores da roça não teve contato com aquela economia de acumulação/exportação, uma vez que o excedente da colheita, depois de a tulha ter ficado cheia, ofertando condições para esperar com mais tranquilidade o próximo ciclo do plantio e da colheita, acabava sendo um excedente pequeno. Em muitas ocasiões, o

processo de comercialização do excedente acontecia por preços baixos com os grandes fazendeiros, ou mesmo em pequena escala nos centros comerciais mais próximos.

Por meio da agricultura de subsistência compreende-se a importância da família na organização econômica e na garantia da dieta alimentar, de acordo com Antonio Candido (1975) e Brandão (1981). Essa estrutura organizacional, econômica e laboral permaneceu historicamente, tendo passado por poucas variações. A estrutura, que se fez presente no imaginário social, propiciou que cada pessoa não somente compreendesse, mas como tivesse uma função muito bem definida na sociedade, existindo pouca margem de manobra e possibilidade de alteração dentro da realidade. Analisando a função desempenhada por homens e mulheres na roça goiana, Chaveiro e Borges asseguram:

> Na trama de pouca novidade e de pouca circulação de símbolos há a possibilidade do enraizamento e, portanto, das pessoas conhecerem os códigos de seu mundo, como os pais saberem da cabeça dos filhos, os filhos saberem o que pensam os pais, as esposas terem em mente o que fazem e o que devem fazer. Nesta ordem simbólica, a coesão apesar de ser coercitiva imprime a lógica e o ritmo de vida ajustando ideologicamente os entes a aceitarem o mundo tal como enunciado: “a vida é assim mesmo” (2015, p. 460).

Comparativamente às demais famílias de trabalhadores rurais, na de Geraldinho, pareceu não ter existido muita diferença. Há semelhança tanto na questão das dificuldades sociais quanto no aspecto dos valores e costumes culturais que penetraram com toda carga de intensidade no cotidiano. Se observada historicamente, a realidade vivida seguiu uma certa padronização, que não somente permaneceu no processo histórico, mas ocupou os mais diferentes espaços na estrutura agrária. Vivendo e sendo moldado por uma estrutura padrão, um dos aspectos fundamentais na organização familiar e na organização do tecido social esteve representada no poderio do trabalho.

No início do capítulo, ficou perceptível que, mesmo depois de terem adquirido a porção de terra na região do Nuelo, a família Nogueira continuou na lide diária para a garantia da subsistência alimentar. A vida melhorou um pouco, mas não o suficiente para diminuir o ritmo das atividades. Conforme observado no segundo capítulo da tese, além da necessidade laboral, indispensável para a sobrevivência da maioria dos moradores, existia todo um processo de valorização do indivíduo, diante dos pares, quando era considerado um agente trabalhador dentro do cotidiano. Era um predicado, ou melhor dizendo, um dos valores mais destacados para a própria construção das relações sociais no decorrer do processo histórico e, por isso mesmo, transmitido ao longo das gerações. A pobreza não era considerada um problema moral,

porém, não ser afeito ao trabalho, especialmente no universo masculino, tornava-se uma questão inadmissível no cotidiano. Sobre esse emaranhado de desdobramentos, Borges acentua:

> Coube à família fazer a ligação do filho com o mundo do trabalho em que a identidade masculina – laboriosa e forte – teve o dever de esculpir a honra da palavra, a provisão do alimento, enfim, o aparente paradoxo do mistério da vida sem segredo. Nesse ordenamento sociocultural, a afirmação de uma estrutura de poder se mostra (2016, p. 65).

Na consideração do autor, fica muito perceptível o quanto a estrutura de poder também estava centralizada no patriarcado. No cotidiano da roça, a formação da identidade masculina passava pelo respeito que a fala proporcionava. O acordo verbal tornava-se muito mais valioso do que qualquer documento e, não menos importante, a valorização para a capacidade do homem de prover o sustento familiar, valores transmitidos desde o período da infância. Apesar disso, deve-se ressaltar que a ideia de uma responsabilidade da figura paterna como a grande ou única provedora da dieta alimentar não se sustentou na prática. Envoltos na estrutura agrária, marcada pela concentração de poder econômico dos grandes fazendeiros, a garantia da subsistência alimentar não esteve sob a responsabilidade única "do homem da casa", tendo demandado o envolvimento de todo o núcleo familiar. Incluindo mulheres e crianças.

Durante a entrevista, o senhor Roberto fez menção à média de idade na qual teria iniciado na lide na região da Boa Vistinha. Além do recorte, ressaltou o envolvimento com todo o tipo de trabalho. No entanto, na época, demonstrava uma maior predileção para com as atividades da lavoura: "Não, nóis começô trabaiá, nóis tava com nove ano. Eu já iá pra roça todo dia". O recorte apresentado, destacando que, a partir dos nove anos, tinha uma atuação frequente na roça, está diretamente vinculado a uma "norma moral" acerca do trabalho das crianças goianas no decorrer do século passado[139]. Quando tece um panorama sobre a realidade das crianças do sexo masculino e o envolvimento nas atividades laborais, Mendes descreve um cenário muito próximo daquele apresentado pelo entrevistado. Na consideração da autora:

> Os filhos, desde pequenos, começavam a ajudar os pais. O trabalho na terra fazia parte de sua educação. Os filhos, à medida que adquiriam força e habilidade com as ferramentas, geralmente, a partir de nove anos de idade, acompanhavam os seus pais. Saíam ao alvorecer e voltavam ao pôr-do-sol, o que correspondia a, aproximadamente, dez, doze horas de trabalho diário, enquanto as filhas ajudavam as mães nas atividades domésticas. As pessoas não precisavam de muito para viver, era uma vida simples e de muito trabalho (2008, p. 149).

[139] Refletindo sobre a relevância e a naturalização do trabalho infantil na roça, Borges (2016) apresenta um adágio de forte inserção no cotidiano. A saber: "Serviço de criança é pouco, quem perde é louco".

A partir da consideração de Mendes (2008), identifica-se a divisão social ou o recorte de gênero no âmbito do trabalho familiar. Embora o recorte estivesse muito presente na perspectiva de homens na lavoura e mulheres no cuidado da casa e do terreiro, não foi difícil encontrar exemplos de mulheres que trabalhavam na lavoura, plantando, cuidando e colhendo os gêneros alimentícios. Entre as mulheres, circulando por um espaço muito além daquele doméstico, destaca-se a presença das filhas de Geraldinho e da própria Dona Pretinha. Mulheres que, além das atividades da casa e do terreiro, foram atuantes não somente em condições excepcionais, mas, de uma maneira muito frequente, em atividades da lavoura. Diante dos valores rústicos, dos inúmeros esforços para a garantia do mínimo vital, o "lugar" das filhas de Geraldinho, assim como o de inúmeras outras mulheres, também foi o espaço da roça. De acordo com a senhora Dorvalina:

> Eu lembro que nóis trabaiava muito. Ele tocava roça né? Trabaiava na roça ajudano ele (Geraldinho), trabaiava pra não passá necessidade né? É, todo mundo tinha que trabaiá né? Aí, os menino ficô maiô, e eles tocava roça, aí era o cumpade João, mais o cumpade Divino. Aí, nóis ia pá roça, de poso, posava lá na roça. Era rancano feijão, fazia de tudo. Todo mundo junto.

Outras pessoas fizeram menção ao envolvimento das filhas de Geraldinho no cuidado da lavoura, dessa vez, não necessariamente no processo da colheita de algum gênero alimentício, mas à limpeza das plantações. Segundo o senhor Roberto: "É, Nóis homi, as muié tamém no tempo de sortera tudo iá pra roça. A roça era grande né, e a enxada estralava (risos)". Nessa consideração, percebe-se que as filhas do contador de causos não estavam envolvidas com todas as atividades laborais, ficando na incumbência de limpar as plantações das ervas daninhas. No entanto, a senhora Dorvalina fez uma consideração diferente. Na ocasião, comentou que faziam praticamente de tudo, desde o plantio até a colheita dos víveres. Porém, independentemente de uma análise mais detalhada para entender se o ofício desempenhado pelas mulheres se concentrou na limpeza das plantações, ou deve ser compreendido como uma atividade laboral mais abrangente, o mais importante está na constatação de que as filhas tiveram uma função importantíssima na lavoura, deslocando-se muito além do espaço da casa e do terreiro.

Nos outros lençóis banhados pela cultura caipira, como atestam outros pesquisadores, além da constatação sobre a presença do trabalho feminino, identifica-se uma certa delimitação sobre o trabalho desenvolvido pelas mulheres, principalmente quando comparado à faina dos homens. A partir da pesquisa de campo, Candido constata a presença feminina nas atividades

agrícolas na região de Bofete. No entanto, adverte que a presença das mulheres não poderia ser estendida a todas as atividades da lavoura. Na perspectiva do autor, a estruturação do trabalho seguiu uma diretriz muito bem definida, havendo uma divisão sexual no trabalho, de modo a desnudar aquelas atividades que mais contavam com a participação feminina:

> Mulheres e homens participam da faina, havendo, porém, certa divisão sexual do trabalho. Assim é que elas manejam todos os instrumentos, mas não o arado, privativo dos homens. A limpa do milho é feita por homens e mulheres; a colheita apenas por eles. No feijão uns e outros plantam, limpam e colhem; mas a malhação é feita por eles. Uns e outros plantam, limpam e cortam o arroz; ainda aqui, porém, a malhação é tarefa masculina (1975, p. 126).

Por meio das observações empíricas de Candido, percebe-se que aquelas atividades que exigiam maior força física, a exemplo de bater o arroz e o feijão na banca para a colheita dos grãos, não contavam com a participação feminina. Entretanto, nas outras ocupações, nas quais também se dispendia muita força física, tais como o plantio e a limpeza das plantações, identifica-se a presença efetiva das mulheres. Trazendo para a roça goiana e, de maneira mais específica, para a realidade da família Nogueira, a senhora Fátima considerou: "É, trem não foi fácil não, menino, tinha que trabaiá muito. Mais aí, nóis já tava tudo maiô né, cada um caçava um cochiniro[140]. Nóis vivia trabaiano nas roça pros oto, banano feijão pra ajudá ele (Geraldinho), né. E aí ele foi ficano mais vei". De fato, quando se tornou proprietário, a força física de Geraldinho, que sempre impressionou os amigos e familiares, tinha diminuído consideravelmente. O motivo pode ser explicado pelo avanço da faixa etária. Nesse contexto, encontrava-se com mais de 50 anos de idade. No entanto, mesmo enfrentando condições adversas, não deixou de se envolver com as atividades que, no decorrer de uma vida, desempenhou com muita habilidade no meio rural bela-vistense.

Nos parágrafos anteriores houve um destaque para o quanto as filhas de Geraldinho, na década de 1970, tiveram um papel importante na garantia da dieta alimentar. Na ocasião, não mediram esforços para desempenhar diferentes atividades na lavoura. Entretanto, o envolvimento laboral dessas mulheres não ficou restrito ao cultivo dos víveres, espalhando-se para outras atividades. Embora não tenha sido a principal ocupação, conforme identificado no início do capítulo, Geraldinho tinha uma predileção pelo carro de boi. Além disso, esse meio de transporte teve um papel preponderante no cotidiano bela-vistense. Em virtude dos deslocamentos pela região, transportando lenha e mantimentos para inúmeras pessoas, quem

[140] Uma ocupação, um trabalho.

mais contribuiu com o desenvolvimento da atividade, assumindo literalmente o ofício de candieira, foi uma das filhas. Rememorando algumas das ocasiões no qual teria "cortado" as estradas da Boa Vistinha e do Nuelo ao lado do pai, a senhora Fátima apresentou o seguinte cenário:

> Não, mais eu assim, a partir do momento que eu presenciei, nóis já tava no Nuele já. Porque lá, no Mata Buraco[141], eu lembro de muito pouco, eu era muito criança. Mais era isso que ele fazia[142], é, mexê com boi que ele gostava muito. Esse aí, mexia, virava, ele tava carriano, porque na época, ele tinha uns boizin né? Que depois ele vendeu a turminha, comprô ota, carriano pos oto. Quando os vizin cuiá as roçá, né? Eu mais ele é que carriava. Eu fui o candiero dele, é. Porque o cumpade João, o cumpade Divino, mais o cumpade Arcide tinha os afazer dele, né? O Tião[143] era pequeno ainda, não dava conta. As ota, tamém, menor. Então, era eu que ajudava, é (...) Não, só aqui mesmo na região. Porque na época que eu e ele carreava aí, já tinha parado essas viage longa, era só memo pros fazendero ali, que tinha as roça, ainda não tinha o carro. O papai que tinha, aí era nas roças ali memo, e as roça que os menino cuiá. Então, eu sempre brincava: "Nóis trabaia mais que os oto, porque nóis ajudava os menino na roça tamém". Eu, dá planta até a colheita nóis banava os mantimento na roça, e aí eu que ajudava o papai carriá. Então, eu trabaiava mais que os oto, porque eu tinha que ajudá a carria (risos). Aí, ele ficava trabaiano pros oto, aí o dia que precisava de carregá, meu pai pegava o carro.

A relação de Geraldinho com o carro de boi vinha de muito longe, desde o período da infância, contexto no qual desempenhava a função de candieiro do avô. Quando se tornou um pequeno proprietário, a atividade de carreiro continuou muito presente no dia a dia, tendo sido importante para o núcleo familiar e para parte considerável da comunidade. Na consideração da senhora Fátima, percebe-se a circularidade laboral à qual estava submetida. O trabalho com o carro de boi ocorria ocasionalmente. No entanto, quando não estava exercendo o ofício de candieira, estava envolta diretamente nas atividades da lavoura. A partir do exemplo desenhado pela entrevistada, e de outros apresentados, entende-se que o recorte de gênero envolvendo o trabalho na roça, homens na lavoura e mulheres no cuidado da casa e do terreiro, passou por importantes variações.

Outros autores, tendo na participação feminina um objeto de estudo, observando as mais diferentes situações do cotidiano, sinalizam a existência de uma moral social construída historicamente na estrutura agrária goiana. A moral social, por exemplo, reflexo do poder do patriarcado, teria impossibilitado às mulheres de realizarem determinados deslocamentos

[141] Fazenda de Joaquim Timóteo.
[142] Referência ao ofício de carpinteiro.
[143] Sebastião Bonifácio, o mais novo dos filhos de Geraldinho com Dona Pretinha.

dentro do tecido social. A partir desse impeditivo, teriam ficado restritas ao espaço privado e não conseguiram ocupar, em sua totalidade, o espaço público, compreendido como o local a ser ocupado majoritariamente, quando não exclusivamente, pela figura masculina. A configuração da moral social recebeu a seguinte interpretação de Pessoa:

> Às mulheres, em geral, tendo quase que exclusivamente sobre si o cuidado de muitos filhos, nos termos da moral social da época não era concebível realizar tais deslocamentos. Todo esse contexto de relações, por decorrência, inseriu nas mentalidades da população uma divisão espacial que situava a mulher no interior da casa e no quintal, e o homem, na sala, na varanda da frente da casa e por extensão, nos espaços para além da casa – a rua, as estradas, as beiras de rio, as matas (2021, p. 48).

Observando o *modus operandi* da moral social presente na reflexão de Pessoa (2021) e fazendo um processo de comparação com as atividades desempenhadas pelas filhas de Geraldinho, especialmente o trabalho no cuidado dos gêneros alimentícios, a ideia mais elementar está no fato de que a efetividade dessas e de tantas outras mulheres, aparentemente, promoveu um rompimento com a moral social. Isso ocorre, principalmente porque ocuparam um espaço para além daquele considerado "natural" à circulação das mulheres, ou seja, o espaço da casa e do terreiro. Procurando entender melhor a possível ruptura com a moral social imposta pelo patriarcado, retomar uma questão presente no decorrer da pesquisa parece ser fundamental.

A condição de vida dos trabalhadores rurais, independentemente do contexto histórico, esteve caracterizada pela existência de dificuldades de toda a sorte, demandando muito esforço para a garantia do mínimo vital. O mínimo, em muitas situações, somente foi possível de ser alcançado quando houve o envolvimento de todo o núcleo familiar, não sendo dispensado o trabalho das mulheres, especialmente no cultivo dos gêneros alimentícios. No entanto, a importante participação feminina na lavoura não significou, necessariamente, ruptura com a moral social imposta pela cultura patriarcal. Nessa ocasião, a lavoura representou, excetuando a prática do mutirão, o momento marcado pela presença de outros atores da comunidade, um espaço quase inteiramente privado, de uso restrito da família. Nesse sentido, quando as filhas de Geraldinho estavam envolvidas com o cuidado da lavoura, as figuras masculinas, fazendo companhia, não eram a de outras pessoas da comunidade, mas ficavam circunscritas a presença dos irmãos e, de vez em quando, tinham a companhia da figura paterna.

No momento em que outras pessoas da comunidade estavam presentes no eito, o trabalho das mulheres ficava dispensado da lavoura. Assim, tinham a responsabilidade do preparo da alimentação para ser servida aos trabalhadores. Na interpretação da maioria desses

atores sociais, a lavoura era compreendida como uma extensão do quintal, uma extensão do terreiro doméstico. A função mais elementar do terreiro, de cuidado praticamente exclusivo das mulheres, ficava destinada ao complemento da dieta alimentar, uma possibilidade maior de se ter fartura na mesa. Além da carne de porco, do frango caipira, acompanhado por um molho de abóbora, havia um quiabo frito e assim por diante. Ainda sobre a garantia alimentar, a função essencial das lavouras, perante uma economia de subsistência, esteve reservada ao oferecimento dos gêneros alimentícios de primeira necessidade; arroz e feijão em especial.

Observando o terreiro como um meio para a garantia da mistura e da plantação nas lavouras como uma garantia dos gêneros alimentícios essenciais na mesa, percebe-se a existência de uma relação estreita entre a função social do terreiro e a função atribuída às plantações. A partir dessa linha de raciocínio, não seria exagerado afirmar que o lugar da mulher goiana, da trabalhadora rural e, em especial, das filhas de Geraldinho Nogueira, também foi a da ocupação das lavouras. Desse modo, deslocaram-se para muito além daquele espaço doméstico, representado tanto pela casa quanto pelo terreiro. Entretanto, a presença das mulheres nas mais diferentes atividades, casa/terreiro/plantação, mais do que uma conquista representativa da ocupação de "diferentes espaços" pelo gênero feminino, desnuda a dificuldade material no qual a maioria dos moradores da roça goiana foram submetidos no decorrer do século passado.

Esse processo longevo foi marcado pela concentração de terra sob o poderio dos grandes fazendeiros e perpassou a ausência de políticas públicas por parte do estado, especialmente a falta de distribuição das terras devolutas com os despossuídos. Todos esses fatores, e tantos outros, fizeram que os trabalhadores rurais, por necessitar de um pedaço de terra para cultivar os alimentos de primeira necessidade, aceitassem os mandos e desmandos da oligarquia rural. A "aceitação" tornou-se um dos indícios representativos do poder coercitivo dos grandes fazendeiros, exercendo uma verdadeira pedagogia do medo conforme define Borges (2016). Todos os fatores caracterizam uma estrutura social moldada pela desigualdade na roça goiana. Nessa ocasião, desigualdade social e de gênero.

O poder do patriarcado, presente independentemente da condição social, fez com que as mulheres tivessem uma jornada exaustiva, envoltas no cuidado da casa, do terreiro e das plantações. No mesmo sentido, conforme observado em diferentes momentos da pesquisa, a precariedade influenciou e levou as crianças da roça a iniciarem na lide diária antes mesmo de terem o direito de se alfabetizar. Essa situação caracterizou não somente a trajetória de Geraldinho, mas também aos filhos e filhas, que, a partir dos nove anos, começaram a contribuir com a despesa familiar, enveredando na lide do trabalho todos os dias.

Embora tenham encontrado melhores condições de garantia alimentar, assim como de abrigo e proteção, o pequeno proprietário estava dentro de uma estrutura social preocupante. Quando se refere à condição de vida de Geraldinho no Nuelo, fazendo uma comparação com a situação de agregado, a senhora Fátima menciona que a melhora na qualidade de vida foi praticamente inexistente: “Melhorou nada, a vida continuô a mesma”. A vida ter continuado do mesmo modo evidencia o quanto a estrutura agrária, representada na concentração de terra, mantinha suas bases sólidas dentro do território goiano, abrindo pouca margem de manobra e de ascensão social. Diante de um cenário estrutural e histórico moldado desta forma, somente o esforço familiar não demonstrou ter sido suficiente para garantir as condições básicas de sobrevivência.

Nesse momento, quando o trabalho familiar demonstrava uma certa limitação para colocar o alimento na mesa, a presença da coletividade tornou-se fundamental na vida dos moradores empobrecidos. Diante das necessidades e da ausência de condições para sanar alguns problemas mais prementes do cotidiano, enquanto trabalhador da roça, não tendo sido muito diferente no aspecto específico de Geraldinho, teve de contar, não necessariamente com o estado, mas com a contribuição dos demais companheiros do cotidiano. Foi auxiliado pela teia da sociabilidade para amenizar os efeitos drásticos da vida. Sobre a importância da colaboração mútua ou mesmo da solidariedade nas comunidades rurais, Mendes considera:

> A solidariedade comunitária permitia ao pequeno produtor driblar as dificuldades impostas pelas técnicas de produção, ou seja, sua demanda por força de trabalho manual, que não podia ser suprida somente pelas relações sociais de produção intra-familiares, principalmente no que concerne à preparação dos solos para o plantio de sementes e colheita das safras. Portanto, a conquista dos meios de vida por parte dos pequenos produtores era conseguida por meio de relações sociais de produção não-capitalistas, ou seja, por meio da incorporação da ajuda mútua, sem o dispêndio de investimentos monetários (2008, p. 192).

No tópico vindouro, haverá melhores condições de compreender a importância da teia da solidariedade no cotidiano da roça. Concomitantemente, será possível perceber que essa teia esteve presente no meio rural bela-vistense, envolvendo diretamente as relações sociais costuradas por Geraldinho com os pares. A consideração inicial de Mendes (2008) estabelece uma relação estreita com o fator mencionado anteriormente. Como já dito, a prática da solidariedade se apresentava como uma forma de amenizar as dificuldades sociais que a população empobrecida vivenciava cotidianamente. Essa, provavelmente, encontra uma melhor representação na prática do mutirão. Sobre o mutirão, identifica-se o envolvimento direto de

Geraldinho, beneficiado com o trabalho dos amigos e familiares nos mais diferentes momentos, mas que, ao mesmo tempo, não media esforços para contribuir com tantos outros companheiros quando necessitavam.

Desde o momento em que o contador de causos conseguiu adquirir a porção de terra no Nuelo, constatou-se que a vida continuou sendo difícil e que dispendia muito trabalho para a garantia da sobrevivência. Nessas circunstâncias, o empenho das mulheres da família, que lidavam diretamente com o cultivo dos gêneros alimentícios, teve muita importância para assegurar a dieta alimentar. Embora o solo da propriedade tivesse suas limitações, visto que era de pouca fertilidade, a conquista daquela pequena propriedade representava muito para o contador de causos e para todo o nicho familiar. Afinal, viveram e conviveram submetidos aos mandos e desmandos dos grandes fazendeiros por muitas décadas. Entretanto, no Nuelo, mesmo com todas as dificuldades apresentadas, passaram a viver com mais dignidade.

A terra representava, entre outras questões, a materialização de um sonho gestado desde quando se encontrava na condição de agregado no Aborrecido. Depois de mais de trinta anos, finalmente, nas rodas de conversa com amigos e familiares reuniam-se condições de afirmar, orgulhosamente, que havia um pedaço de chão oferecendo trabalho, abrigo e proteção. Para os amigos do cotidiano, a conquista da porção de terra por uma pessoa que tinha convivido com a precariedade social, por tanto tempo, não deixava de ter um significado especial. Afinal, a partir da década de 1970, vivendo na região do Nuelo, os laços entre as pessoas da comunidade e Geraldinho Nogueira ficaram ainda mais próximos.

Tamanha proximidade possibilitou que os valores e os costumes da roça se manifestassem ainda mais intensamente no desenrolar do cotidiano. Entre esses valores, evidencia-se a teia da sociabilidade. Na região do Nuelo, os mutirões organizados pelos amigos e familiares tornaram-se uma constante. Objetivavam atender as demandas mais urgentes da família Nogueira e, consequentemente, de inúmeros outros atores sociais da região. No próximo tópico, haverá uma melhor compreensão da importância dessa teia da solidariedade dentro do tecido social. Além deste fator, observa-se a relação direta de Geraldinho Nogueira com os mutirões promovidos no meio rural de Bela Vista de Goiás.

4.2 Por dentro da teia da solidariedade: Geraldinho e a prática do mutirão

> Senhore dono da casa, vim receber a treição, reunimo os companheiro pó mode te dá uma demão, nóis vamô roçá o seu pasto, aí, aí, aí, com dia de mutirão. Agradeço essa demão e a vossa boa vontade, já vou matá vaca e poico, pro armoço da

> amizade, a muié vai quentá o forno, aí, aí, aí, pra fazê a brividade. Puxa a foice Mané Bento, faiz esse mato rolá, arrasta o assapeche, mais conserva o Jaraguá. O Jaraguá eu conseivo, sou roçadô caprichoso, corto memo é o mata pasto, bassorinha e fedegoso, ó, aí. Do fedegoso faiz chá, do assapeche tamém, mais nem todo chá do mundo cura a dor dum querer bem. Essa dor dum querer bem vai acabá no roçado, sorta a foice Xico Légua, o seu eito tá atrasado ó, aí. O eito tá atrasado, bota a foice pra roçá, quem num trabaiá direito, tamém não vai armoçá. Se eu não pudê armoçá, logo, logo a fome passa, posso passá sem cumê, mais não passo sem cachaça ó, aí. Se eu num passô sem cachaça, bebo até onde pode, se ninguém quebrá minha foice, vou manhecê no pagode. Mais e ante do pagode, vamo arrematá à treição, primeiro intrego o serviço, dispois vem à diversão ó, aí. Senhore dono da casa, o seu serviço tá feito, é só não arrepará se não saiu mais direito, quando carecê nóis vorta, aí, aí, aí, pra trabaiá sartisfeito. Agradeço essa empreitada, que vois deu com divulsão, tirô o meu pasto do mato, miorô pras criação, agora vamô rezá, aí, aí, aí, e dispois vai ter função. (*Mutirão*[144]. Composição de André, Andrade, e Hamiton Carneiro).

Conforme mencionado no final do tópico anterior, a teia da sociabilidade e da solidariedade esteve presente de diferentes maneiras no cotidiano da roça goiana. Manifestou-se na troca de dias, nos favores entre vizinhos e compadres, passando pela prática do mutirão, no compartilhamento de quitandas, ou mesmo na oferenda de alimentos frescos e da carne de porco, em especial, para as pessoas próximas do nicho social. Essas e tantas outras manifestações proporcionaram toda uma carga de significados para os indivíduos pobres do meio rural de Goiás no decorrer do século passado. A manifestação dessa teia, levando em consideração a vida difícil da maioria dos moradores, tornou-se um valor fundamental para garantir, nas mais diferentes situações e contextos históricos, que o mínimo vital fosse conquistado. Ao fazer uma reflexão sobre a vida simples, repleta de dificuldades no seio das famílias rurais, Mendes considera:

> Nesse sentido, o estudo das comunidades rurais exige considerar as relações que interligam as famílias (unidade de produção, consumo e convívio) e os valores contidos nessa relação. A compreensão da reprodução de seu modo de vida é buscada através das relações de parentesco, da multifuncionalidade de tarefas, das formas de cooperação e de solidariedade entre parentes e vizinhos e demais particularidades inerentes à própria construção do espaço social (2008, p. 137-138).

[144] No primeiro volume do espetáculo *Trova, Prosa e Viola*, a música *Mutirão* é cantada numa espécie de introdução para Geraldinho contar *O causo do Osso.* No site de compartilhamento de vídeos *YouTube*, é possível encontrar a dupla André e Andrade cantando a música na íntegra. No ano de 2018, o programa *Frutos da Terra* fez uma homenagem ao centenário de nascimento de Geraldinho. Na ocasião, a dupla cantou a música, disponível no seguinte endereço: https://www.youtube.com/watch?v=Tr0_lf_HyIU.

Além da garantia da convivência salutar entre vizinhos e parentes pertencentes a uma mesma região, a manifestação da sociabilidade ou das formas de cooperação e de solidariedade do meio, tal como define Mendes (2008), deve ser compreendida como um valor social construído historicamente e, por isso mesmo, transmitido de geração em geração. Dentro desse espaço sociocultural, não sendo diferente na condição de vida de Geraldinho Nogueira, conseguir garantir fartura na mesa tornava-se motivo de muito orgulho para o nicho familiar. Fartura não significava, necessariamente, abundância alimentícia e tampouco desperdício, porém, esteve diretamente associada à presença de alimentos na mesa, não se resumindo unicamente aos gêneros alimentícios de primeira necessidade. Sinônimo de fartura na mesa estava representado, por exemplo, na possibilidade de se ter proteína animal no momento das refeições[145].

No cotidiano permeado por relações estreitas, de proximidade entre os atores sociais, qualquer acontecimento distante da norma ou mesmo do padrão construído por meio da estabilidade das relações proporcionava um impacto na vida de toda a coletividade. Alguns exemplos são elementares nesse sentido. Entre esses, uma grave doença de uma pessoa conhecida de uma determinada região. A enfermidade não alteraria somente a rotina do seio familiar do enfermo, mas teria condições de ocasionar uma mobilização de um grupo considerável de pessoas, tentando, cada um à sua maneira, oferecer condições de amenizar o sofrimento. A tentativa de contribuir poderia estar na indicação de um remédio caseiro, nos cuidados da benzedeira da região, nos remédios do raizeiro, ou mesmo nos inúmeros pedidos que os moradores faziam aos santos e santas do catolicismo, acreditando no poder sobrenatural para socorrer alguém necessitado. A enfermidade, utilizada na condição de um dos exemplos, não passaria despercebida no tecido social.

---

[145] Quem tece considerações sobre a dificuldade que os trabalhadores rurais tiveram para consumir carne bovina na dieta alimentar são os autores Brandão (1981), e Candido (1975). Brandão, acompanhando o cotidiano dos lavradores urbanizados na região de Mossâmades, na década de 1970, identificou que, quando esses indivíduos faziam referência ao tipo de alimentação consumida nas décadas de 1940/1950, período em que estavam inseridos na roça goiana, trabalhando na condição de lavradores tradicionais e, por isso, fazia-se necessária uma alimentação forte, com "sustança". Porém, asseguraram que o consumo de carne bovina não fazia parte da alimentação diária e que estava presente em situações muito excepcionais. Uma constatação parecida pode ser encontrada na pesquisa de Candido (1975), ao acompanhar o cotidiano de alguns caipiras da região de Bofete. O sociólogo afirma que quase todos os pequenos proprietários rurais se assemelham, pois, em seus relatos, mencionam a excepcionalidade da carne bovina na dieta alimentar. No estado de Goiás, geralmente, a ausência da proteína animal bovina foi substituída pela caça de animais silvestres. Durante parte considerável do século XX, os animais eram encontrados com maior facilidade no território. Entre os animais com a carne muito consumida pelos moradores da roça, Brandão (1981) cita a carne da paca, da anta, da capivara, do porco do mato e das diferentes espécies de veados existentes no cerrado. Faz referência, também, à carne de algumas aves e peixes. A presença da carne desses animais na mesa goiana, substituindo a carne bovina, era considerada pelos moradores um sinônimo de fartura na mesa.

O envolvimento coletivo e a reciprocidade perante as dificuldades enfrentadas por outras pessoas de uma localidade, além da incidência das doenças, esteve muito presente na questão envolvendo as atividades laborais do cotidiano. Quando alguém passava necessidade, geralmente, os trabalhadores se colocavam à disposição para contribuir e amenizar a situação delicada de um vizinho, amigo ou de um parente mais próximo. Sobre o trabalho, a contribuição de muitos atores e atrizes sociais ficou comumente conhecida por meio da prática do mutirão. Esse formato de trabalho coletivo esteve presente nas mais diferentes regiões do país. Dentro do lençol da cultura caipira paulista, Candido descreveu o mutirão da seguinte maneira:

> A necessidade de ajuda, imposta pela técnica agrícola e a sua retribuição automática, determinava a formação duma ampla rede de relações, ligando uns aos outros os habitantes do grupo de vizinhança e contribuindo para a sua unidade estrutural e funcional. Este caráter por assim dizer inevitável da solidariedade aparece talvez ainda mais claramente nas formas espontâneas de auxílio vicinal coletivo, que constituíam modalidade particular do mutirão propriamente dito e, por vezes, recebiam designação especial: na área que estudei, *terno.* Era o caso dos vizinhos, percebendo que um deles estava *apurado* de serviço combinarem entre si para ajudá-lo, sem aviso prévio (1975, p. 69).

Valores de contribuição mútua tendo sido tecidos no seio da população do meio rural, na condição de um valor transmitido de geração em geração. Nesse sentido, a ideia da contribuição perpassa não somente por diferentes temporalidades, mas por diferentes regiões, formando, conforme observa pertinentemente Candido (1975), uma ampla rede de relações, na qual o auxílio vicinal constitui-se como o grande vetor, independentemente do espaço social a ser considerado. Na condição de morador da roça goiana, Geraldinho se envolveu efetivamente com todos esses valores culturais, exercendo uma participação assídua na prática do mutirão organizado pelas comunidades rurais.

A reflexão sinaliza uma determinada padronização histórica, não somente cultural, mas que perpassa a própria rede das relações sociais, oferecendo uma possibilidade de compreensão sobre o quanto a vida para os moradores da roça encontrou na coletividade, na contribuição mútua, um elemento indispensável. Acompanhada mais de perto, percebe-se que a vida, individualizada ou restrita ao nicho familiar, sem estabelecer nenhuma ou pouca relação com os pares, pareceu não fazer muito sentido para uma vasta gama de trabalhadores empobrecidos. No horizonte sociocultural dessa camada subalterna, o sentido da vida esteve na coletividade, na sociabilidade moldando ativamente as mais diferentes relações sociais. Como consequência, um sentimento de pertencimento a uma determinada localidade foi sendo

costurado historicamente. Sobre a importância da teia social/coletiva, Candido tece as seguintes considerações:

> Este é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. As habitações podem estar próximas uma das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoado ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega. O viajante, de antigamente e de agora, é por isso levado muitas vezes a uma idéia exagerada da segregação em que vive o caipira, quando, na verdade, era raro, e foi-se tornando excepcional, o morador não integrado em agrupamento de vizinhança (1975, p. 62).

De maneira pertinente, Candido observa que a ideia comumente associada ao trabalhador rural como sendo um indivíduo solitário, introvertido, encontra dificuldades para se sustentar. Por mais distante, no sentido da localização, de um determinado agrupamento, o morador encontrava meios para estabelecer alguma forma de vínculo, isto é, meios para estabelecer uma relação mais direta com os pares. Na contribuição do estreitamento das relações, foram fundamentais a prática do mutirão e as festividades lúdico-religiosas. Envolvendo a roça goiana, as práticas com características lúdico-religiosas encontraram representação nas novenas, nos batizados das crianças recém-nascidas nas fogueiras, nos casamentos, nas festividades da Folia de Reis, da Catira e assim por diante. Em um ambiente de tamanha efervescência sociocultural, mesmo os indivíduos localizados nas regiões mais longínquas não mediam esforços para marcarem presença nas festividades e nas outras atividades promovidas pela comunidade.

Na concepção de Candido (1975), foi justamente o processo de envolvimento sociocultural que possibilitou o sentimento de pertencimento tão característico nos lençóis da cultura caipira. Um outro detalhe é que a manifestação e a importância da teia da solidariedade dificilmente serão compreendidas se forem interpretadas como sinônimo de obrigação por parte do indivíduo. O mutirão, por exemplo, mais do que um dever moral, quando o indivíduo beneficiado “hoje” teria que, invariavelmente, contribuir quando fosse solicitado, recebia a compreensão de um valor cultural inerente ao cotidiano caipira. Desde a tenra idade, o morador da roça era ensinado que a capacidade para oferecer uma demão não se tornava meramente um dever, mas uma condição imprescindível para a manutenção das relações sociais e um meio para que os agentes de uma determinada localidade tivessem condições de ter o mínimo de dignidade assegurado.

O mutirão, independentemente do recorte espacial analisado, geralmente tinha duas características muito acentuadas: a primeira característica se manifestava quando o indivíduo, que seria o beneficiado da vez, acabava sendo surpreendido com a contribuição inesperada de alguns conhecidos da região. Nessa ocasião, as pessoas próximas se reuniam para a realização de alguma atividade laboral, objetivando contribuir com as demandas do amigo necessitado; a segunda frente esteve no fato de o próprio indivíduo, ao necessitar da contribuição dos amigos/familiares, procurar organizar, por conta própria, o mutirão em sua propriedade ou mesmo na lavoura sob a sua responsabilidade. Diante desta última situação, aquele que seria beneficiado pelos pares, geralmente, com uma semana de antecedência, deslocava-se de residência em residência convidando os pares para a empreitada que aconteceria em algum dia específico[146].

Seguindo com poucas variações a estrutura organizacional, diante do convite, as pessoas procuravam organizar as atividades sob as suas responsabilidades de modo antecipado no transcorrer da semana, deixando o dia escolhido para contribuir, da melhor maneira possível, com o amigo necessitado. Na casa do anfitrião, naqueles dias antecedentes à realização do mutirão, existia todo um "ritual" preparatório para a realização do trabalho coletivo. A organização familiar ficava concentrada, quase inteiramente, nos preparativos para a alimentação da grande quantidade de pessoas que estariam presentes no recinto. Nesse sentido, o início organizacional passava pela feitura do jirau, construído artesanalmente pelos moradores da residência. No ambiente do mutirão, o jirau tinha uma função específica, como suporte para colocar as panelas de arroz, de feijão e os tachos de carne de porco utilizados na alimentação da turma reunida.

Na paisagem da roça goiana, em virtude de as casas da população mais empobrecida serem, majoritariamente, pequenas, diferentemente da "companheirada" que participaria do trabalho coletivo, existia a predileção para o almoço ser servido nos arredores da residência e não diretamente dentro do recinto. Nas condições apresentadas, o jirau adquiriria uma função essencial para que o mutirão ocorresse da forma idealizada pelos anfitriões. Nessa circunstância, servir a refeição no espaço do terreiro não era considerada uma falta de respeito. Por parte das pessoas diretamente envolvidas, o almoço no terreiro, debaixo das árvores, era interpretado como um gesto que tinha como objetivo oferecer uma melhor receptividade e, consequentemente, maior conforto para todos os envolvidos com o mutirão.

[146] Costumeiramente, o dia escolhido para a realização da atividade coletiva acabava sendo o dia de sábado. Na organização laboral da semana, de segunda a sexta-feira, o trabalho ficava reservado às atividades de interesse da própria família. O sábado era destinado à prática do mutirão e o domingo, o dia do aguardado descanso semanal.

Compreendido como um valor inerente aos diferentes lençóis da cultura caipira, o mutirão esteve muito presente na roça goiana. O trabalho coletivo teve tamanha relevância, que não passou despercebido de Geraldinho. O carpinteiro não somente participou de inúmeros promovidos pela comunidade, mas teceu um causo a partir de um mutirão ocorrido na região do Aborrecido, na década de 1930. O enredo encontra-se intitulado como *O causo do osso.* O desenrolar da história transita em torno de um personagem que recebeu um convite para ofertar um mutirão para um pequeno proprietário da região[147]. Por meio de uma narrativa minuciosa, identificam-se elementos inerentes ao trabalho coletivo, tais como a construção de um jirau no terreiro da casa. Embora estivesse cumprindo sua principal função, o jirau proporcionou uma enorme decepção ao personagem. De acordo com Geraldinho:

> (...) E quando um dia, ele[148] ventô de fazê lá um, maico lá um muxirão lá pra roça uma invernada, quando ele chamô lá pro casa, eu lembrei: "Ê, esse dia vai dá do jeito que eu tem vontade" (...) Quando era ali pás onze horas rapaiz, eu já tava bem ocado de fome. Nóis já tava fradiano uma serra lá em riba. Quando ele subiu no mueirão da porteira e gritô. Era pá nóis ir armoçá lá dento. Falei: "Hê, agora quero vê porque nóis num vai lá dento". Leremo pra lá. Aí, dá sala dele tinha uma varandinha, dá varanda tinha uma porta que saía pro quintá. Eu tô vendo a turma e vai vazano, e vai vazano. Eu manei: "De certo ese vaza e entra na porta da cozinha". E é que quando eu chegei lá, que eu oiei rapaiz, ele fez um jirau lá no canto do quintá pota banda. E levô os tais de cumê pra lá. Aí, eu manei: "Que homi trapaiado[149]" (...).

A expressão última do personagem, fazendo referência a um homem atrapalhado, não condiz com a realidade apresentada, principalmente quando sinaliza uma excepcionalidade do anfitrião. A conduta adotada configurava-se como a mais elementar por parte da maioria dos moradores envolvidos com esta atividade, especialmente na questão da construção de um jirau para servir a refeição nos arredores da residência familiar. Nesse sentido, o "homem atrapalhado", que não escapava do olhar crítico do personagem, não tinha nenhuma relação com qualquer traço cultural específico ou meramente uma ação individual. O comportamento do anfitrião, pelo menos na oferta do almoço, estava totalmente condizente com a atitude que seria adotada pela maioria dos trabalhadores rurais beneficiados pela prática do mutirão.

---

[147] Quando se acompanha a construção de *O causo do osso,* percebe-se que o fator preponderante para a inserção do personagem na prática do mutirão, pelo menos nesta ocasião, não tinha vínculo com aquela perspectiva da teia da solidariedade apresentada anteriormente. O fator mais importante, que fazia com que tivesse aceitado o convite para participar do adjutório, estava na possibilidade de estabelecer uma relação mais próxima com a filha do pequeno proprietário, uma oportunidade ímpar de construção de um vínculo amoroso a partir daquele momento.

[148] Pequeno proprietário beneficiado pela prática do mutirão.

[149] Trecho inicial de *O Causo do Osso,* que faz parte do primeiro volume do espetáculo *Trova, Prosa & Viola.* O enredo está disponível no canal do programa *Frutos da Terra,* no *YouTube,* e pode ser acessado por meio do seguinte endereço; https://www.youtube.com/watch?v=D0LuOYolmCw.

A contrariedade do personagem com a construção do jirau condiz muito mais com a frustração por não ter conseguido adentrar dentro da residência, impossibilitando, com isso, que alcançasse o grande objetivo, como trocar pelo menos alguns olhares com a filha do pequeno proprietário. Pelo fato de não ter conseguido alcançar o objetivo traçado, o personagem, visivelmente contrariado com toda aquela situação, acabou desabafando com a atitude esperada do proprietário. Desse modo, a contrariedade poderá ser considerada como sinônimo de um comportamento individual, porém, a construção do jirau e a oferta da refeição nos arredores da residência seguiu os padrões dos mutirões existentes na roça goiana. Evidentemente, Geraldinho, na condição de um experiente contador de causos, tinha e se utilizava de toda a liberdade artística para construir um personagem revoltado com uma situação, aparentemente, normal. Entretanto, o mais importante a ser destacado, no *O causo do osso,* está na constatação da forte presença do mutirão no meio rural bela-vistense, influenciando a tessitura de um dos mais conhecidos e divertidos causos.

Anteriormente, foi mencionado que o mutirão pode ser considerado uma das práticas mais importantes e representativas da teia da sociabilidade e da solidariedade dentro da roça goiana. A existência do mutirão não tinha condições de se sustentar caso não houvesse o envolvimento coletivo. O envolvimento se fazia necessário desde o primeiro momento, especialmente na organização familiar para garantir a alimentação das pessoas presentes. No bojo dos preparativos, destacava-se a seleção de alguns porcos e galinhas que seriam abatidos e preparados cuidadosamente para serem servidos na hora do almoço. A presença da carne desses animais constituiu, conforme observado, a famigerada mistura na mesa. A mistura seria acompanhada do tradicional arroz, do feijão e mais alguns legumes colhidos na horta circundando o terreiro da casa.

Além da alimentação mais convencional, havia a oferenda de algumas quitandas, tais como biscoitos, pães de queijo e outros. Existia toda uma organização para a oferta das quitandas, sendo servidas no período da manhã, antes de os trabalhadores iniciarem a faina e, também, no período da tarde, geralmente entre o intervalo do almoço e do jantar. Diante de um cotidiano marcado pelo tempo da natureza, conforme defende Anzai (1985), poucas atividades aconteciam de maneira improvisada. A existência do mutirão, quando organizado pelo próprio núcleo familiar, recebia uma atenção especial para que tudo ocorresse de acordo com o planejado. Logo, todo o nicho não mediria esforços para deixar tudo organizado para o momento no qual a turma estivesse devidamente reunida para iniciar o trabalho.

No entanto, dentro da roça goiana, nem todo o mutirão acabou sendo organizado pela própria família. Isso significa dizer que nem todo o adjutório teve condições de passar pela

organização meticulosa esboçada acima. Nesse universo sociocultural e em outros lenços da cultura caipira, constituiu-se como uma prática muito corriqueira o "mutirão originado da surpresa". Nessa circunstância, as pessoas de uma determinada região organizavam-se para contribuir com uma pessoa da comunidade que, porventura, estivesse com algum afazer para ser feito, pois o tempo marcado pelo ritmo da natureza cobrava uma certa rapidez. Se, eventualmente, o trabalho não fosse executado no tempo adequado, a garantia das condições mínimas de sobrevivência poderia ficar seriamente comprometidas. Procurando realizar o trabalho no "tempo adequado", percebendo que o companheiro não teria condições de fazê-lo, as pessoas se organizavam para promoverem o mutirão, surpreendendo o anfitrião com a prática do trabalho coletivo.

Em decorrência de ter sido uma economia caracterizada historicamente pela subsistência dos trabalhadores rurais, geralmente, os mutirões na roça estavam vinculados tanto ao cuidado quanto à colheita dos gêneros alimentícios de primeira necessidade. Assim, esteve muito presente o mutirão voltado para limpar as plantações das ervas daninhas, não deixando que os víveres perecessem. Outros formatos foram aqueles adjutórios que objetivavam a quebra do milho, a colheita do feijão ou mesmo a colheita do arroz e assim por diante. Também acontecia, embora em menor proporção, o trabalho coletivo com o objetivo de armazenar os gêneros alimentícios, transportando os víveres das plantações até as residências das pessoas beneficiadas. Analisando a estrutura organizacional, envolta em significados, Anzai tece algumas considerações:

> A variação de um número muito variado de tarefas, cada uma, como já se viu, com suas especificidades e ritmo próprio, - obrigava cada família a desenvolver cálculos extremamente preciosos. Nada podia atrasar ou adiantar, deixar de ser feito hoje para ser feito amanhã, ser trocado de ordem ou relegado a um segundo plano. Desta forma, atividades aparentemente simples, quando combinadas, revelavam-se extremamente complexas, dotadas de um saber específico acumulado durante séculos pela tradição e repassado aos da nova geração por um aprendizado iniciado desde a tenra infância (1985, p. 82).

A complexidade diante de atividades aparentemente corriqueiras, conforme sugere a autora, pode ser identificada da seguinte maneira. Quando o trabalho, que deveria ser feito "hoje", encontrava-se seriamente comprometido, tais como o cuidado ou a colheita dos gêneros alimentícios, não podendo ser deixado para uma outra oportunidade, quando tardar poderia significar perder o labor de um ano todo, comprometendo seriamente a garantia alimentar, a teia da solidariedade entre os moradores da roça demonstrou toda a sua relevância. Existia uma

precisão meticulosa muito bem desenhada por esses trabalhadores, havendo um período para o plantio, cuidado, colheita e armazenamento dos víveres. A complexidade não estava, necessariamente, na invenção, no rompimento da norma ou do padrão estabelecido, mas na organização das atividades de acordo com um ritmo próprio. Este ritmo, observado na leitura de Anzai (1985), constituía-se como o ritmo da roça goiana, coordenado diretamente pelo tempo da natureza.

Qualquer distanciamento ou impossibilidade de seguir o tempo da natureza por parte do nicho familiar, tal como não conseguir plantar as sementes no período adequado, ou não colher os gêneros alimentícios no momento necessário provocava consequências sérias para a subsistência alimentar. Acometida pela dificuldade de organização laboral, de seguir meticulosamente o tempo da natureza, a prática da solidariedade, representada nessa esfera por meio do mutirão, passava a ter uma função primordial. Anteriormente, foram mencionadas duas formas mais características dos mutirões na roça goiana. A primeira encontrou ressonância na organização da própria família, na incumbência de todos os preparativos, desde a escolha do dia, da atividade a ser feita, passando pelo convite aos amigos até a preparação e oferta da refeição. Provavelmente, esse formato tenha se constituído como o mais convencional. A outra forma esteve representada na surpresa, conhecida na condição de traição.

O mutirão resultante da surpresa tinha uma dinâmica muito específica, se comparado com o adjutório convencional. Na traição, geralmente alguém muito próximo do anfitrião, percebendo o quanto se fazia necessária a contribuição coletiva para a colheita do arroz, limpar a plantação de milho das ervas daninhas, ou preparar o terreno para o plantio do feijão, organizava com os demais companheiros para que, em um determinado dia, se reunissem para surpreenderem o amigo necessitado com o trabalho coletivo, dando-lhe uma verdadeira demão. Diante do envolvimento coletivo, solucionariam aquele problema mais premente. Na traição, existia todo um processo organizativo que devia ser meticulosamente seguido pela comunidade.

Nesse mecanismo simples e, ao mesmo tempo, complexo, existia um acordo pré-estabelecido entre os pares. Combinavam para se encontrarem em um lugar específico, preferencialmente, mais distante da propriedade ou da lavoura no qual aconteceria o mutirão. A partir do acordo sobre o local, na sequência, construíam uma organização muito criteriosa referente ao horário, almejando que todos chegassem juntos na residência do beneficiado de ocasião, surpreendendo-o com a contribuição coletiva. No decorrer da semana, se, eventualmente, alguém encontrasse o anfitrião circulando pelas redondezas, não haveria uma única menção relacionada ao trabalho coletivo a ser ofertado pelos pares. Se, por exemplo, o beneficiário desconfiasse, a traição perderia toda e qualquer razão de existir. Descoberto, o

mutirão provavelmente aconteceria, mas o valor simbólico da surpresa, de poder contribuir e, consequentemente, surpreender alguém no momento que mais necessitava, ficaria seriamente comprometido.

Se a traição seguisse o horizonte idealizado, nas proximidades da residência, quando a turma toda estivesse reunida e se aproximando da casa do beneficiado da vez, rapidamente, o anfitrião tinha a sensação de que algo estava prestes a acontecer. A sensação tornava-se mais aguçada quando ouvia os gritos, as modas de viola cantadas pela "companheirada" reunida. Sem cerimônia, a turma avisava que estava chegando para resolver o problema mais urgente do dia. Os gritos, as modas de viola cantada, os instrumentos tocados e os foguetes fizeram parte de todo um ritual envolvendo o mutirão, oriundo da traição, no cotidiano da roça goiana. Ritual festivo descrito da seguinte maneira por Mendes:

> Contudo, na traição, a diferença básica está no fato de os vizinhos resolverem, por si mesmos, ajudar um companheiro em "apuros", e também pela reprodução de um ritual típico para manifestar suas intenções para com o necessitado. Geralmente, os vizinhos chegavam à propriedade na qual seriam realizadas as tarefas voluntárias à noite, tocando instrumentos musicais, fazendo cantorias e disparando fogos de artifício, sendo que noticiavam a ajuda e retornavam no outro dia (2008, p. 190).

O ritual apresentado por Mendes (2008) poderia passar por pequenas variações dependendo da localidade ou mesmo da especificidade do indivíduo a ser beneficiado pela comunidade. A autora descreve um ritual ocorrido na véspera do mutirão, tendo acontecido no período da noite, anunciando que a turma voltaria no dia seguinte para realizar o trabalho. No entanto, essa manifestação artística e cultural poderia acontecer, também, no período da madrugada, seguindo mais ou menos o mesmo formato apresentado anteriormente. Porém, em detrimento de ter a função de anunciar que a "companheirada" voltaria no dia seguinte, o ritual ocorrido na madrugada anunciava que os companheiros estavam chegando para começar o trabalho logo quando o sol despontasse no horizonte. A partir da última circunstância, a surpresa adquiriria um caráter muito mais imediato, não somente no sentido de avisar que o mutirão aconteceria naquele dia específico, mas deixando evidente que aconteceria pouco tempo depois do término do ritual festivo.

Durante a pesquisa de campo, algumas pessoas mencionaram que nos mutirões oriundos da traição no meio rural bela-vistense, quem, na maioria das circunstâncias, ficava na responsabilidade de fazer a cantoria, anunciando a chegada da turma reunida, acabava sendo o próprio Geraldinho Nogueira. A senhora Madalena fez a seguinte constatação: "Quando era

treição, né? Tinha treição que fazia, eu lembro demais, era ele que sabia fazê as chegada. Ele tinha os verso tão bonito, tudo certim, né. Na treição". A partir do relato da senhora Madalena, identifica-se uma das atividades desenvolvidas por Geraldinho no mutirão. Nesse sentido, identifica-se que tinha a responsabilidade de construir os versos e cantar para o anfitrião, anunciando a chegada para o exercício da lide diária. No entanto, conforme será observado na sequência, a efetividade não ficou circunscrita à cantoria, tendo se envolvido em outras frentes, não dispensando o trabalho pesado.

Percebendo a chegada e tendo a certeza de que o mutirão seria no seu pedaço de terra, na sua lavoura, o trabalhador encontrava-se envolto em atividades frenéticas. Corria e selecionava as galinhas que seriam servidas na hora do almoço, configurando a mistura na hora da refeição, complementada geralmente com a carne suína. Além disso, não poderia se esquecer, evidentemente, do preparo do café e das quitandas para animar a turma reunida. Na traição, tudo deveria ser feito muito rápido pela família, levando-se em consideração a impossibilidade de se organizarem previamente, pelo fato de terem sido "traídos" pelos vizinhos, amigos e familiares de uma localidade. No entanto, em detrimento da contrariedade com a surpresa, o beneficiário manifestava profunda gratidão.

Pesquisadores do cotidiano dos trabalhadores rurais de Goiás, recorte temporal para a primeira metade do século XX, descrevem a prática do mutirão de uma maneira parecida em todo o território, variando somente da surpresa para com a auto-organização do trabalho coletivo. Fazendo uma referência ao *modus operandi* do mutirão na região rural da Cidade de Goiás no contexto da década 1930, porém, que pode ser estendida tanto para outros cantos do estado quanto para contextos históricos distintos, Anzai descreve passo a passo o modo de organização da prática cultural, da teia da solidariedade, fazendo-se presente no cotidiano da maioria dos trabalhadores empobrecidos. De acordo com a autora:

> Pela madrugada alguém soltava rojões acordando todo mundo. Afluíam para a casa do festeiro vizinhos que moravam até a uma distância de sessenta quilômetros. Após o café fazia-se a divisão das turmas para o trabalho; os foiceiros, que deviam abrir o roçado, os machadeiros, que iam fazer a derrubada e os outros, encarregados de levar água nas cabaças para os trabalhadores. Se a roça não ficasse situada longe, todos vinham comer em casa; caso contrário, havia gente encarregada de levar a comida ao local de trabalho (1985, p. 110).

Anzai descreve a existência de um mutirão reunindo, até mesmo, pessoas de outras localidades. Provavelmente, o mutirão descrito pela autora estava relacionado ao preparo de um terreno, visando, especificamente, ao plantio de algum gênero alimentício. A autora menciona

os esforços dos trabalhadores para abrir o roçado, derrubando a mata virgem para o futuro plantio. Entretanto, ressalta a existência de toda uma organização ou divisão de tarefas para a realização deste e de tantos outros trabalhos. A atividade de derrubada da mata virgem, por exemplo, ficava a cargo dos foiceiros. A foice, geralmente, era a ferramenta utilizada para a derrubada da vegetação mais baixa. Entre essas, destacava-se os cipós e as árvores mais finas. Além dessa ferramenta, Anzai (1985) menciona o trabalho dos machadeiros, incumbidos de uma atividade considerada mais laboriosa, demandando tanto força física quanto habilidade com o machado. Esses indivíduos ficavam com a incumbência de derrubar aquelas árvores de maiores proporções.

Por meio da descrição de Anzai (1985), identifica-se que a vida na roça passava por todo um crivo de organização social e coletiva na divisão do trabalho. A organização torna-se uma evidência daquela estrutura complexa mencionada anteriormente. Seguindo essa orientação, percebe-se que, no mutirão, cada indivíduo deveria desempenhar alguma atividade. Desde os "foceiros", não esquecendo dos "machadeiros", passando pelas pessoas encarregadas de servir água para os trabalhadores no eito e assim por diante. Não menos importante na realização da empreitada, constata-se a presença daqueles indivíduos encarregados de fazer chegar o almoço no roçado, a saber, os famigerados carregadores de comida da roça. O almoço chegando ao eito poderia evidenciar que os trabalhadores estavam distantes da residência familiar. Caso contrário, a refeição provavelmente seria servida na casa do anfitrião.

De maneira mais geral, dificilmente seria possível compreender a estrutura organizacional do mutirão sem considerar que todas as pessoas do núcleo familiar, independentemente do gênero e até mesmo da idade, estavam diretamente envolvidas na atividade do trabalho. Na maioria das circunstâncias, as crianças "do meio" ficavam encarregadas de não deixar faltar água no eito e, quando necessário, de levar o almoço para a "companheirada". Ainda na perspectiva do trabalho, sob a responsabilidade dessas mesmas crianças estavam os cuidados dos irmãos mais novos/as, liberando os adultos desse ofício. Desse modo, os adultos poderiam se ocupar de outros afazeres, principalmente do aspecto envolvendo o preparo das refeições[150]. As crianças "do meio" não recebiam, necessariamente, o acompanhamento constante dos pais, sendo obrigadas a se virar sozinhas. Entretanto, não tinham idade suficiente para trabalhar com os adultos no roçado[151].

[150] Moldado por toda uma estrutura patriarcal, o cuidado das crianças, na maioria das situações, estava sob a responsabilidade das mulheres.

[151] Quando constata a idade no qual as crianças do meio rural se envolviam com o trabalho no roçado, Mendes (2008) considera que o início das atividades se dava a partir dos nove anos de idade. No mesmo sentido, quando descreveu a idade em que tinha iniciado nas atividades da lavoura, acompanhando Geraldinho e o irmão mais

Alguns autores/as se dedicaram a analisar cuidadosamente o preparo das refeições dos mutirões, observando a alimentação preparada para a ocasião, que seguia todo um critério organizacional. Nesse aspecto, pontuaram não somente os alimentos mais presentes na mesa, mas fizeram uma análise sobre o intervalo de cada refeição. Além da observação de caráter alimentar, identifica-se uma prática cultural no bojo de quase todos os trabalhos coletivos. Depois de encerrado a atividade, levando em consideração que o objetivo principal era resolver o problema laboral mais urgente que, caso não fosse solucionado, poderia comprometer a dieta alimentar, percebe-se que raramente a turma reunida voltava para casa sem antes participar de um divertido folguedo. Entrelaçando todas as questões esboçadas anteriormente, alimentação e festividade nos mutirões, Anzai observa:

> As nove horas servia-se o almoço, composto por lombo de porco, bandas de leitão assado, frangos, feijão, arroz, almôndegas, etc. Após o almoço vinha a reza do "Bendito" e, depois, a volta para a roça. Ao meio-dia servia-se o café com quitandas. Terminado o café, voltavam todos ao trabalho, o qual se estendia até quase a noite. Seguia-se a janta, mais ou menos como o almoço. No quintal as fogueiras eram acesas para ajudar na iluminação e dentro de casa acendiam-se candeias alimentadas de óleo de mamona ou querosene. Os regos e os córregos eram procurados para o banho e, na barraca, montada no quintal, as moças enfileiravam-se em bancos à espera da dança. Dançavam-se e cantavam-se moda, sempre referentes a casos de amores não correspondidos ou a qualquer acontecimento importante ou engraçado de que se ficasse sabendo (1985, p. 111).

O mutirão esteve muito presente no cotidiano da roça goiana durante quase todo o século XX, realidade que não era diferente no meio rural bela-vistense. Na região, permaneceu de maneira muito ativa até a década de 1970/1980. O recorte apresentado para a diminuição dessa atividade se justifica porque, a partir do último contexto, o fenômeno da migração das pessoas do campo para os centros urbanos passou por um processo muito intenso na região. Ampliando um pouco mais o olhar, compreende-se que o fenômeno do êxodo rural ocorreu em praticamente todo o território goiano. Além da diminuição da quantidade de pessoas na roça, constata-se a maior inserção do maquinário agrícola nas regiões produtoras e o avanço da monocultura da produção. Tanto o maquinário quanto a monocultura ocuparam, no primeiro momento, as grandes propriedades e, pouco tempo depois, avançaram sobre as pequenas porções de terra.

---

velho, Roberto também fez referência à idade de nove anos. Referenciado tanto na pesquisa teórica quanto no trabalho de campo, aparentemente, existiu uma leitura no imaginário social de que as crianças, a partir dessa faixa etária, reuniam as condições necessárias para contribuir com a faina diária. Imagina-se, então, que as crianças do "meio", responsáveis pelo cuidado dos irmãos mais novos, carregadoras de água e de comida, tinham entre sete e nove anos.

Compreendida como uma prática cultural inerente aos lençóis da cultura caipira, independentemente do espaço e do contexto analisado, percebe-se que o mutirão teve um *modus operandi* muito parecido no cotidiano dos cultivadores tradicionais. Talvez, a variação fosse mais perceptível no modo pelo qual foi popularizado pelos trabalhadores rurais, mas não necessariamente no formato. Na região de Bofete, acompanhada por Antonio Candido (1975), interior do estado de São Paulo, o mutirão ficou conhecido como terno. Essa designação não esteve muito presente na roça goiana. Nesse território, o trabalho coletivo não ficou conhecido unicamente como mutirão, designação mais usual desta pesquisa, mas, em algumas localidades, foi chamado de muxirão[152], ou mesmo de adjutório.

Anteriormente foi apresentada uma citação de Anzai (1985), descrevendo o modo de organização de um mutirão ocorrido no meio rural da Cidade de Goiás no contexto da década de 1930. A autora faz referência não somente ao horário das refeições, com alimentos oferecidos na hora do almoço e do jantar, mas afirma que, dificilmente, os trabalhadores voltavam para casa sem participar de uma prática festiva, sem se envolver com as danças e as cantorias de moda de viola que poderiam perdurar a noite toda. Quando se analisa a descrição de Anzai (1985), constata-se uma semelhança enorme com a estrutura organizacional de um mutirão descrito por Candido (1975). O sociólogo produz uma análise não somente com um recorte social diferente da historiadora, porém, mais do que isso, a temporalidade apresentada está à frente três décadas do recorte analisado por Anzai (1985). No entanto, quando existe a comparação, percebe-se uma estrutura organizacional, senão idêntica, muito próxima, principalmente no que diz respeito à festividade após o término do trabalho. Na perspectiva de Candido:

> Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação, etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram. Este chamado não falta, porque é praticamente impossível a um lavrador, que só dispõe de mão-de-obra doméstica, dar conta do ano agrícola sem cooperação vicinal (1975, p. 68).

Seguindo a orientação de Candido (1975), os cultivadores participantes do mutirão não recebiam remuneração pelo trabalho prestado durante aquele dia específico. Porém, a gratidão do beneficiário para com os amigos, vizinhos e familiares tinha tamanha dimensão, que não

[152] Esta é uma designação muito utilizada pelos moradores do meio rural bela-vistense até os dias atuais.

mediria esforços para agradá-los da melhor maneira possível, oferecendo uma alimentação, diante das condições de cada nicho familiar, extremamente farta. Contudo, não existindo a perspectiva da remuneração, não demoraria muito para o beneficiário da vez ser aquele que ofereceria, orgulhosamente, um mutirão para alguém em outra oportunidade. O "ciclo" renovava-se toda vez que alguém demandava uma colaboração por parte dos pares.

Dentro do mutirão, além da faina, não poderiam faltar os momentos de diversão, acontecendo com mais frequência no período noturno, depois de a turma ter finalizado o trabalho. Candido (1975) entende os momentos de diversão como representativos de uma verdadeira festa de celebração pelo encerramento da atividade laboral. Embora não tenha feito menção ao *modus operandi* da festa, é possível imaginar uma referência aos bailes dançantes, quando os trabalhadores, cansados depois de uma lide dura no roçado, "gastavam" aquilo que havia sobrado de força física nas danças movidas ao som da moda de viola caipira. O envolvimento da coletividade com a festividade poderia perdurar horas. Entretanto, conforme observado, não se constituíram como uma raridade os bailes dançantes que adentravam toda a madrugada.

Entendendo o mutirão como um valor histórico e cultural para os trabalhadores da roça, presente nos diferentes lençóis da cultura caipira, não resta dúvida de que Geraldinho participou ativamente do mutirão e de toda a prática cultural do trabalho coletivo. No primeiro momento, por meio da consideração da senhora Madalena, constatou-se que, nos adjutórios resultantes da traição, ficava a cargo de construir e cantar os versos, anunciando a chegada da turma para o trabalho. Outras pessoas, a exemplo do senhor Manoel, mencionaram que o ilustre amigo se aproveitava da ocasião para contar os infindáveis causos. Na mesma linha de raciocínio, o senhor Altamiro descreveu que, nesse espaço, o grupo de catira, sob a coordenação de Geraldinho, dançava algumas modas de viola antes das refeições. Importante observar que o grupo de catira era constituído, majoritariamente, pelos próprios trabalhadores que estavam envolvidos na atividade laboral.

Por último, o senhor Carlos mencionou que não tinha um único baile dançante que não contasse com a presença de Geraldinho, cantando e tocando a "surrada" violinha, animando a turma que se despedia vagarosamente da prática do trabalho coletivo. Concluída aquela etapa, aguardavam ansiosamente pela próxima. Ainda sobre a função exercida pelo amigo no adjutório, o entrevistado mencionou que o envolvimento de Geraldinho não poderia ser resumido ao trabalho na lavoura propriamente dito, mas deveria ser observado a partir da relação estreita com os folguedos populares, contribuindo para o fomento da diversão coletiva,

fosse cantando os versos, contando os causos, dançando catira ou colocando a turma para dançar quando tocava e cantava as modas de viola caipira.

De acordo com o senhor Carlos, nos mutirões, Geraldinho tornava-se uma atração à parte ou um "prato cheio", animando e alegrando os demais trabalhadores de diferentes formas: "Ah, participava. Naquela época tinha muito mutirão, pra todo lado, pra toda banda, e sempre nóis iá né, mais os Gerardim naquelas região tudo. Se tivesse qualquê trem, um pagode, ou um mutirão, o Gerardim tava lá memo, era certeza que ele ia (risos)". Na condição de uma figura ativa no trabalho coletivo, o contador de causos contribuiu com muitos companheiros na limpeza das plantações, na colheita dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, na preparação do terreno para o plantio dos víveres e assim por diante. Entretanto, aproveitando a importante teia da solidariedade, acabou sendo beneficiado por esses mesmos amigos em inúmeras oportunidades, desde quando estava na condição de agregado na Boa Vistinha.

Quando se tornou um pequeno proprietário na região do Nuelo, a contribuição da comunidade com alguns afazeres na pequena porção de terra não esmoreceu. Nesse contexto, com os filhos casados e a idade começando a comprometer a disposição física para as atividades laborais, quando Geraldinho Nogueira necessitou de uma demão, teve condições de contar com a compreensão e a colaboração de amigos e familiares. Um desses mutirões ficou enraizado na memória da comunidade, não somente pela relevância do trabalho, mas principalmente pelo comportamento nada habitual protagonizado pelo beneficiado da vez. Pelo fato de ter participado do adjutório e registrado os desdobramentos, a consideração de Lemes é de muita relevância:

> E, assim, a turma agarrava no cabo da enxada ou da foice, em conversa alta e animada, com cantorias estilo "capela", visto que desacompanhado de instrumentos, só parando para o almoço ou quando o sol se punha no horizonte. Os homens vinham com os instrumentos, ou seja, as ferramentas batendo umas nas outras. À noite, o famoso pagode, o dançar agarradinho, para coroamento do evento. Na cozinha, a dona da casa, suas comadres e amigas, geralmente filhas, noras ou esposas dos trabalhadores no eito ou roçado, preparavam o café, o almoço, a merenda e o jantar. Pois bem. Em um desses eventos, em que Geraldinho foi o grande beneficiado, foi ele colhido de surpresa pelos treiçoeiros. Não estava preparado para fornecer uma refeição na dimensão exata do contingente de pessoas que apareceu em sua fazenda. Então, a pedido de sua esposa, apanhou sua bicicleta e foi até Bela Vista, que ficava a uma distância de uns quinze quilômetros, comprar carne para o almoço (2008, p. 42).

A descrição do *modus operandi* do mutirão ocorrido na pequena propriedade de Geraldinho, com a cantoria anunciando a chegada da turma, as mulheres envolvidas no preparo

das refeições, o baile dançante que não poderia faltar depois de realizada a empreitada, entre outras questões, estabelece uma relação muito próxima daquela descrição do mutirão ocorrido no interior do estado de São Paulo, presente na pesquisa de Antonio Candido (1975). Diante da descrição de Lemes (2008), um aspecto não pode passar despercebido, a saber, o fato de que Geraldinho e a família foram surpreendidos pelo mutirão na pequena propriedade, ou seja, foram "traídos" pelos companheiros, amigos e familiares da região do Nuelo e da Boa Vistinha.

A constatação da "traição" fica muito evidente, não somente pela menção literal de Lemes (2008), mas por ter mencionado que Geraldinho saiu desesperado em direção à cidade. Na ocasião, pretendia atender a um pedido de Dona Pretinha, que tinha solicitado a compra de fartura/mistura para melhor servir a turma reunida, especialmente a carne bovina. Se, por exemplo, não fosse um mutirão resultado da traição, provavelmente a família estaria toda preparada na questão alimentar para receber a turma de companheiros e companheiras reunidos para dar uma demão munidos de foices e enxadas. No entanto, a possibilidade apresentada não se concretizou. Diante da surpresa, rapidamente se organizaram para recepcionar do melhor modo possível, mantendo a tradição da hospitalidade caipira.

A hospitalidade, entre outras questões, estava representada na possibilidade de o núcleo familiar oferecer uma refeição farta para as pessoas no adjutório. Uma alimentação farta não era, necessariamente, o resultado de uma grande variedade de alimentos na mesa, mas sinônimo de que o essencial não faltasse. Nessa circunstância, seria a oferta de arroz, feijão e, principalmente, de carne. Esse último item da dieta alimentar, evidência de fartura na mesa, era justamente o item que faltava para a família de Geraldinho naquele momento. Na ausência de fartura, Dona Pretinha solicitou que o marido pegasse a bicicleta e fosse rapidamente à cidade de Bela Vista para comprar alguns quilos de carne bovina para ser preparada e oferecida na hora da refeição. Procurando atender a demanda da esposa, não titubeou e partiu em direção ao núcleo urbano com o objetivo de comprar a carne e retornar logo em seguida. Levando em consideração a distância, qualquer demora poderia comprometer seriamente a refeição dos trabalhadores.

No entanto, quando chegou à cidade, rapidamente, encontrou alguns amigos no famoso bar do Pedro Santiago. Trocando alguns dedos de prosa, conversa vai, conversa vem, tomando um gole de cachaça aqui, contando outro causo acolá, Geraldinho Nogueira se envolveu com os amigos urbanos, e o tempo foi passando. Com um gole de branquinha e o desnudar de um causo, acabou esquecendo os companheiros, ofertando-lhe o mutirão e, consequentemente, a necessidade urgente de Dona Pretinha e das outras companheiras, que necessitavam de mais carne para preparar a mistura que seria servida na hora do almoço. O desdobramento da situação

inusitada está presente nas considerações de Lemes:

> Chegando a Bela Vista, segundo sua própria afirmação, encostou a bicicleta em frente ao Bar do Pedro Santiago, que por sua vez, ficava em frente à Cooperativa Agropecuária e ao açougue, onde a carne seria adquirida. Atendendo ao chamado de vários amigos que estavam dentro do Bar do Pedro Santiago, assim que comprou alguns quilos de carne, que seriam utilizados no almoço dos treiçoeiros, adentrou ao aludido recinto, tomando assento em uma cadeira, no canto da parede, e ali, após cumprimentar os amigos, aceitou, depois de muita insistência, uma talagada de Chora Rita[153]. Passo seguinte, iniciou o seu cerimonial fumatológico, ou seja, começou a preparar seu famoso cigarro de palha e fumo de rolo, como já descrito. Conversa vai, conversa vem, e mais um gole também. O público aumentou para ouvir os causos e chegou a noite. *Geraldinho* acabou pernoitando em Bela Vista. No domingo, por volta do meio-dia, achou que era o momento de voltar para casa, segundo ele próprio narrou, e assim, pegou sua bicicleta, e começou as pedaladas de volta, para seu sítio. No caminho, notou que alguma coisa cheirava mal. Pensou consigo mesmo: deve ter morrido gado de algum fazendeiro, próximo da estrada. E continuou a pedalada. O mau cheiro continuava. Imaginou *Geraldinho:* deve ter morrido é muito gado na beira dessa estrada, pois alguns urubus, inclusive, lhe sobrevoavam a cabeça, já que pedalava sem pressa. Intrigado, Geraldinho resolveu parar para *assuntar,* segundo afirmou, pois o cheiro de carniça aumentava, em vez de diminuir. De repente, notou na garupa de sua bicicleta, o motivo do mau cheiro; eram os quilos de carnes que havia comprado, no sábado de manhã, para sua esposa preparar o almoço daquele mesmo dia, para os amigos. Segundo *GERALDINHO,* ao ver aquilo sentiu um *dilurimento* no coração (2008, p. 43-44).

Com o esquecimento, por parte de Geraldinho, de que o mutirão estava acontecendo na sua própria propriedade, o contorno risível da situação, indubitavelmente, torna-se digno de nota, afinal, o ocorrido dificilmente aconteceria com outra pessoa. Porém, deixando em segundo plano o aspecto do risível, por meio do deslocamento até o ciclo urbano, torna-se possível compreender um pouco mais dos valores inerentes ao cotidiano dos trabalhadores da roça goiana. Mesmo diante da precariedade social, quando a presença do mínimo vital se impôs de uma forma considerável, diante de algumas situações especiais; casamentos, batizados, pousos de folias e o próprio mutirão, todo o esforço familiar tinha como objetivo garantir uma alimentação com muita fartura para aquelas pessoas reunidas nessas atividades.

Levando em consideração que o mutirão estava na condição de uma prática "especial", modificando toda a rotina do trabalho feita pelo nicho familiar, foi em busca da desejada mistura/fartura que Geraldinho deixou a turma na porção de Terra no Nuelo e saiu em direção à cidade, com o intuito de trazer carne bovina para oferecer uma alimentação mais farta para os

[153] Marca de uma aguardente de muito sucesso na região de Bela Vista, na década de 1980.

companheiros que lhe tinham surpreendido com o trabalho coletivo. Entretanto, conforme observado na passagem de Lemes (2008), Geraldinho saiu de casa no sábado de manhã e retornou somente no outro dia, no domingo à tarde. O "sumiço" deixou desesperada Dona Pretinha e preocupou consideravelmente os amigos que, enquanto o anfitrião se deslocava até a cidade, tinham iniciado a lide do trabalho. Depois da preocupação inicial, quando os ânimos foram sendo apaziguados, principalmente o de Dona Pretinha, tendo se organizado da forma possível para conseguir garantir uma mistura para os trabalhadores, o acontecido serviu como instrumento de diversão para toda a comunidade.

Não resta muita dúvida, mas o acontecimento em si, de o anfitrião ter se esquecido do próprio adjutório, poderá ser compreendido como evidência de uma situação excepcional. Tamanha excepcionalidade ficou registrada nas memórias de Lemes (2008). Contudo, o fato, distante de ter sido atípico, foi o envolvimento de Geraldinho com a prática do mutirão. Como observado, durante a pesquisa de campo, muitas pessoas ressaltaram que o contador de causos apreciava o envolvimento coletivo nas mais diferentes atividades, não sendo menor o encantamento diante da prática do adjutório. Além desses fatores, rememoram alguns mutirões ocorridos na porção de terra no Nuelo. Logo, ficou perceptível que um, em especial, permanece muito ativo na memória das pessoas. A saber, o mutirão realizado para levar água até a casa de Geraldinho e de Dona Pretinha.

Geralmente, os trabalhos coletivos tinham o objetivo de garantir a dieta alimentar de algum morador da região, estando mais concentrados na limpeza ou mesmo na colheita de algum gênero alimentício. Porém, o mutirão rememorado pelas pessoas não tinha como objetivo a garantia da dieta alimentar, pelo menos não diretamente, mas buscava fazer com que a família não enfrentasse outra dificuldade: a falta de água. Com Mendes (2008), entende-se que, dentro de um universo sociocultural como aquele dos trabalhadores rurais, um dos valores mais importantes para o convívio social estava no reconhecimento dos indivíduos enquanto atores pertencentes a um mesmo lugar.

Na roça goiana, o lugar não se constituiu como um espaço vazio. O lugar estava repleto de sentidos, de símbolos, de significados, de práticas, costumes e valores culturais que se sustentaram a partir das ações e das manifestações dos atores e atrizes sociais de uma determinada localidade. Geralmente, quem não compartilhava das práticas e dos valores comuns acabava sendo compreendido pela comunidade como se fosse alguém "estranho", de difícil sociabilidade. Na condição de um indivíduo distante da realidade sociocultural, existia uma possibilidade grande de esse ator trazer algumas complicações para o funcionamento da teia da sociabilidade existente no cotidiano.

Um dos mutirões na pequena propriedade de Geraldinho, muito referenciado pelas pessoas entrevistadas, ocorreu em virtude da presença de um "indivíduo estranho" às pessoas do lugar. Pelo fato de não ser da região, o indivíduo não se importava com a manutenção dos vínculos estreitos, tampouco procurava respeitar os valores culturais inerentes, dentre eles, o reconhecimento diante da importância da solidariedade e do companheirismo existente entre os pares. Na leitura das pessoas entrevistadas, em detrimento da solidariedade, o "indivíduo estranho", inserido na região do Nuelo na década de 1980, notabilizou-se por ser extremamente individualista, sem a mínima preocupação se as suas ações estavam ou não prejudicando as pessoas. Adotando esse comportamento, não demorou muito tempo para que o individualismo do novo ator social trouxesse complicações importantes, afetando, especialmente, Geraldinho.

Proprietário de uma pequena porção, a "terrinha" do contador de causos fazia divisa com outras propriedades no Nuelo, algumas maiores, outras menores. O novo proprietário adquiriu, no início da década 1980, uma grande porção de terra na região. Coincidentemente, a fazenda fazia divisa com a propriedade de Geraldinho. O fato em comum que separava e, ao mesmo tempo, unia as duas porções de terra era a existência de um veio d'água. De acordo com os entrevistados, o veio d'água tinha muita relevância para a família Nogueira, servindo tanto para os fins domésticos quanto para saciar a sede dos animais, especialmente dos bois de carro. Seguindo a orientação dos relatos, compreende-se que, pouco tempo depois da aquisição, o novo proprietário resolveu, não apresentando nenhuma justificativa para a ação, interromper o fluxo de água que abastecia a propriedade de Geraldinho, proporcionando inúmeros transtornos ao núcleo familiar.

Quando houve menção aos valores socioculturais mais importantes da roça goiana, principalmente no cotidiano dos trabalhadores empobrecidos, foi feita uma referência à importância da teia da solidariedade ao longo processo histórico. Por meio da teia, diante da necessidade de alguém do lugar, as pessoas não mensuravam esforços para contribuir com o indivíduo que demandava de uma demão. Na ocasião por que passou Geraldinho, apresentado na condição de um indivíduo muito humilde, que não dispunha de condições de resolver os problemas por conta própria, as pessoas da região se mobilizaram para resolver o problema da falta de água na propriedade. A maneira encontrada foi a organização de um mutirão para alcançar esse fim, mas, dessa vez, com a anuência do anfitrião. Tal organização, bem como seus desdobramentos foram apresentados da seguinte maneira pelo senhor Justiniano:

> Só pá te contá uma verdade, uma ocasião, ele (Geraldinho) chegô no Sindicato: "Oh, Bertolino[154], como é que eu vou fazê, o fulano lá, meu vizinho mudô pra lá um cara lá, e ele foi lá e nossas água, o açude lá, do rego nosso, é um só. Ele foi lá e tampô o rego d'água e virô à água tudo pra ele". Eu falei: "Não, mais isso é coisa fácil, uai. Cê juntá lá os seus vizin lá, seus menino, vai lá e reparti a água do mesmo jeitin, e vai lá e fala. Oh, fulano, eu rumei a água lá, agora é pra ficá daquele jeito. Eu num quero mais água pra mim, e nem procê, é pra reparti igualê, num é pra mexe não". (Geraldinho): "Ah, mais o homi lá é uma fera". Falei: "Ê? Então danô uai". (Geraldinho): "Não, o homi lá dizê que é brabo. Um tal de Zé Farnelo". É, ele morava em Goiânia, e comprô esse sítio lá bem no fundo da casa dele. Aí falei: "Então tá danado". Falei pra ele: "Gerardim, vamo fazê um negócio?" A turma naquela época era muito unida. Falei: "Cê vai e nóis vai fazê uma reunião lá, leva os companheiro praquele lá, praquele lado seu, cê convida a turma lá, da região do Passa Quatro, do Passa Quatim, que tá mais próximo docê, ali da Boa Vista, e ocê leva essa turma lá. Tal dia nóis vai pra lá. Nóis vai conversá lá e nóis vai acontecê tudo em paiz. (Geraldinho): "Ah, é, então ocê vai"? "Vô, eu vô lá". (Geraldinho): "Então vamo". Aí nóis maico o dia, aí nóis fomo. Rapaz, que tinha de gente, entre muié e minino tinha umas sessenta cabeça. E o pessoal lá animado: "Não, vamô lá ruma esse treim agora". Falei: "Não, gente, tem que dá uma discutida aqui, vê que jeito nóis vamô fazê, e vê cumo vai sê à repercussão lá com o homi. Ele tá por aí". "Não, nóis num sabe". Aí fomo lá no açude, chegamo lá e o açude tudo tampado. Aí, eu falei: "Oh, reparti a água, vamô vê que jeito que vai reparti". Aí eles foi lá, arrumo lá e abriu o rego d'água, repartiu a água direitin. Falei: "Oh, vai ficá desse jeito, Geraldo. Ele num vai mexê aí não, eu tenho quase toda certeza procê". (Geraldinho): "Será?". "Vai, uai. Se ele num deixá, nóis vai pro paú (risos). Brincadeira cum ele. (Geraldinho): "Então tá bão". Aí, nóis viemo embora. Mais, aí nóis fizemo uma ata, um documento lá na hora. Aí nóis fomo em cinco entregá o papel lá. Aí, ele num tava. Mas tava lá o peão dele. Aí nóis entregamo prele, e falamo: "Oh, ocê entrega pra ele, e qualquê coisa ele comunica, não é pra mexe lá não. Lá nóis repartiu direitim, ceis não vão ficá sem água, e nem o Gerardim. (Peão): "Ah, então tá, eu achei até mei estranho, ele mandá fazê aquele treim lá, mais eu sou mandado, eu fiz". Ah, então tá bão. Aí nóis viemô embora[155].

O relato minucioso do senhor Justiniano apresenta uma série de dificuldades vivenciadas por Geraldinho no início da década de 1980 e revela algumas questões apresentadas anteriormente. Identifica-se, na descrição, todo o problema gerado pelo novo proprietário, que não tinha vínculo com o lugar, sendo um fazendeiro de Goiânia. Sem condições de resolver o problema, Geraldinho descreveu toda a situação delicada ao representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bela Vista de Goiás. Quando terminou de ouvir o relato, o presidente do Sindicato teria feito referência a prática da solidariedade existente no cotidiano dos trabalhadores rurais. Ciente da união dos pares, sugeriu um mutirão para solucionar o problema enfrentado por um indivíduo do lugar, o contador de causos.

---

[154] Nome fictício para o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do início da década de 1980.

[155] O desdobramento da situação teve contornos complicados: quando ficou sabendo da desobstrução do veio d'água, o proprietário entrou com uma ação na Justiça, processando Geraldinho, o Presidente e o Diretor do Sindicato. O desfecho jurídico somente foi resolvido depois que fizeram um acordo sobre a redistribuição da água.

A situação, momentaneamente, acabou sendo contornada. Desse modo, as pessoas retornaram para casa somente depois que a água voltou a ser distribuída equitativamente entre as partes. Percebe-se, a partir desse exemplo, a manifestação de um sentimento de pertencimento não somente ao lugar, mas aos indivíduos do lugar, demonstrando afetividade, bem como colaboração mútua entre os atores e atrizes sociais diante das necessidades mais prementes do cotidiano. Sobre a ideia de pertencimento e também de reciprocidade no seio das comunidades tradicionais, Souza e Brandão consideram:

> Além do território, percebemos ainda o sentimento de afetividade presente na vida comunitária. São laços de reciprocidade, onde o viver juntos em um mesmo lugar, a união e a "área de vida em comum" faz de um dado lugar na comunidade, em que é garantida a sobrevivência e a redução da vida. Comunidade é, portanto, a partilha tanto de um modo de vida, quanto de uma terra em comum (2012, p. 111).

No decorrer do processo histórico, os indivíduos pertencentes às camadas subalternas da roça goiana tiveram poucas condições de contar com políticas públicas que poderiam proporcionar uma condição de vida menos sofrível. No entanto, com a nítida ausência do estado, submetidos à exploração das camadas dominantes, os trabalhadores da roça procuraram uma maneira de "equilibrar" melhor as ações, objetivando, com isso, alcançar um padrão de vida menos sofrível. Com o intuito de obterem uma vida mais digna, se valeram da solidariedade, da reciprocidade e do sentimento de afetividade, conforme defendem Souza e Brandão (2012) em suas considerações.

A teia da solidariedade, representada neste tópico por meio do mutirão, indubitavelmente, foi insuficiente para transformar efetivamente a realidade social. Entretanto, tornou-se importante para amenizar, mesmo temporariamente, um pouco das dificuldades presentes no cotidiano. Essa constatação caminha ao encontro de algumas das necessidades de Geraldinho. Em inúmeras oportunidades, desde o período no qual se encontrava na condição de agregado no Barro Amarelo e, depois, agregado de Joaquim Timóteo e de Vicente Charles na Boa Vistinha, foi beneficiado por inúmeros mutirões organizados por amigos, vizinhos e familiares, ajuda mútua que sempre chegava na melhor hora possível. No entanto, quando qualquer outro companheiro necessitava, Geraldinho Nogueira não media esforços para deixar os afazeres, deixar o trabalho de carpinteiro, pegar uma enxada ou mesmo "amolar" uma foice e partir em direção à lavoura/propriedade de um trabalhador rural que necessitava da sua contribuição.

Durante a pesquisa de campo, não houve possibilidade de identificar nenhuma foto alusiva à relação de Geraldinho com algum mutirão no meio rural. No entanto, por meio dos álbuns, identificou-se, pelo menos, uma foto retratando a sua presença no labor diário, envolto em alguma atividade da lavoura. Na ocasião, encontrava-se acompanhado de mais três amigos. Durante a conversa com um familiar, não houve consenso sobre qual a atividade desenvolvida, mas levantaram-se algumas possibilidades. Entre as hipóteses apresentadas, duas pareceram ser mais consistentes: a primeira esteve relacionada a alguma atividade laboral com o milho, hipótese possível de se sustentar porque se constata a presença de algumas palhas de milho espalhadas pelo chão. A segunda vinculou o trabalho à colheita do fumo.

Conforme observado, até a primeira metade do século passado, a região de Bela Vista de Goiás era reconhecida, não somente dentro das fronteiras goianas, mas, em outros estados, como uma referência na qualidade do fumo. Na perspectiva de Castro (2010), seria o famoso fumo de Bela Vista. Diante da relevância econômica e da quantidade considerável de propriedades que plantavam, tornava-se um fato comum presenciar os trabalhadores rurais, especialmente os lavradores tradicionais nesse tipo de atividade. Na sequência, a única foto de Geraldinho, encontrada durante a pesquisa de campo, associando-o ao trabalho na lavoura.



Figura 32. Geraldinho, o segundo da esquerda para a direita, no trabalho na lavoura.
Fonte: *Álbum de família*. Foto: Meire Ribeiro.

Em uma estrutura agrária que não somente possibilitou, mas se moldou a partir da concentração de grandes porções de terra, quando as terras de melhor qualidade, tanto no quesito da fertilidade quanto da localização ficaram sob o domínio dos grandes fazendeiros, não resta muita dúvida de que, após o mutirão, a vida continuaria difícil para os trabalhadores rurais. No dia seguinte, os esforços da família estariam voltados, novamente, para a garantia da soberania alimentar. No entanto, além da contribuição prática, colher o arroz no tempo adequado, limpar o milho das ervas daninhas, preparar o terreno para o plantio do feijão, desobstrução de um veio d'água, entre outras possibilidades, o mutirão possuía um significado importantíssimo para os trabalhadores empobrecidos da roça. Evidenciava que, diante das incontáveis adversidades, poderiam contar, quando necessário, com a solidariedade dos pares.

Dentro do mutirão, Geraldinho fez praticamente de tudo. Não mediu esforços ante os trabalhos inerentes à lavoura, contribuindo no plantio, no cuidado e na colheita dos gêneros alimentícios. Quando o foco era o transporte dos víveres, utilizava o carro de boi para desempenhar o trabalho. Entretanto, além da contribuição laboral, a presença de Geraldinho nos mutirões teve outros significados, de modo que não pode passar despercebida ao olhar desta pesquisa. No primeiro capítulo da tese, houve referência ao fato de que, para as pessoas entrevistadas, analisar a atividade artística e cultural "somente" pelo reconhecimento da arte para contar causos seria uma maneira de reduzir a vastidão cultural que representava. As referências estavam, quase sempre, relacionadas à capacidade para cantar e tocar modas de viola caipira também.

Na condição de carpinteiro, Geraldinho impressionava, apesar da baixa estatura, pela força física. No entanto, com o passar dos anos, o homem que começou na lide diária ainda criança, não reunia mais as mesmas condições de trabalho. Não somente dentro do próprio nicho familiar, mas entre as pessoas da comunidade, havia a compreensão de que, para a prática laboral, a partir da década de 1980, a contribuição de Geraldinho Nogueira seria bem menor, se comparada com as décadas anteriores. A diminuição da força física, comprometendo as condições laborais, ficava muito evidente nos mutirões organizados pela comunidade bela-vistense. Pelo fato de apreciar consideravelmente a reunião dos amigos, fazia de tudo para não perder nenhum mutirão. Em decorrência de não ter mais condições de trabalho, algumas pessoas, de forma bem-humorada, mencionaram que o contador de causos acabava mais atrapalhando a realização do trabalho coletivo do que contribuindo mesmo de fato. Segundo o senhor Justiniano:

> Tinha, tinha muito mutirão. E ele participou de alguns. Mais ele, quando ia nessas coisas, rapaiz, eu iá e até evitava de levá ele, porque a turma invocava com ele, e acabava atrapaiano o que a gente iá fazê. Que invocava e ele, muito simple né? Começava a contá os causo dele, e a turma: "Não, nóis vai ouvi o Gerardim, e não sei o quê".

A consideração do senhor Justiniano está circunscrita a um recorte final da vida de Geraldinho. Nesse momento, a função desempenhada no mutirão havia deixado de ser aquela de um trabalhador braçal, envolto desde cedo na lide diária, mas tinha passado a ser quase inteiramente do indivíduo muito bem recebido pela turma porque conseguia alegrar o ambiente. O modo encontrado para animar os companheiros tinha, nos causos, um dos grandes vetores. Seguindo a consideração do senhor Justiniano, entende-se que a turma reunida ficava tão envolvida na teia da narrativa, que colocava o trabalho em segundo plano, optando por estar próxima para ouvir atentamente os causos engraçados do amigo.

Uma consideração a esse respeito esteve presente no relato do senhor Manoel. Porém, o entrevistado fez uma advertência importante. Na ocasião, mencionou que muitas pessoas haviam adotado a estratégia de convidar Geraldinho não para a prática do mutirão como um todo, mas faziam questão de tê-lo somente no horário das refeições. Adotando essa estratégia, não deixavam de prestigiá-lo, sabedores do quanto o amigo gostava de participar dos adjutórios, e, ao mesmo tempo, mantinham a turma animada, ouvindo e se divertindo com os enredos narrativos. Desse modo, marcava presença em um momento específico, sem comprometer a realização da atividade laboral.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a função atribuída a Geraldinho, no sentido de mais divertir a turma reunida no mutirão, não contribuindo efetivamente com o trabalho, dificilmente será compreendida, caso seja interpretada como uma função que historicamente se comportou desse modo. Diante da habilidade para contar causos, seria difícil imaginar que não atraísse a atenção das pessoas, fazendo com que os indivíduos procurassem ficar o mais próximo possível com o objetivo de ouvir, de vez em quando, um causo narrado pelo amigo. No entanto, quando a força física permitiu, quando a idade não se encontrava em um estado avançado, Geraldinho não se furtou do trabalho no roçado, não se furtou de dar uma verdadeira demão aos companheiros necessitados. As palavras do senhor Roberto são elucidativas nesse sentido: "Garrava. E, meu pai era firme no sirviço".

Conversando com outras pessoas, ficou perceptível que não somente no recorte final da vida, conforme observam Manoel e Justiniano, mas, durante toda a trajetória, Geraldinho conseguiu conciliar sabiamente o trabalho realizado no mutirão com as atividades festivas, principalmente com a arte da contação de causos. Diante da habilidade artística, não perdia uma

única oportunidade, quando a turma estivesse reunida, fosse em virtude de uma pausa para tomar uma água, beber um café, "dar um fôlego para trocar dois dedos de prosa", de apresentar um pouco das peripécias preparadas para aquele momento especial. Tendo contado o causo e findado a pausa para o descanso, procurava pegar firme no serviço como qualquer outro companheiro, acompanhando o ritmo dos demais trabalhadores sem muita dificuldade. No aspecto do trabalho, o senhor Carlos fez questão de mencionar que, nos mutirões de roçar pasto, Geraldinho se destacava por um ritmo de trabalho consistente:

> Mais pra trabaiá com ferramenta, eu sempre trabaiei com ele, em roçada assim, a veiz até no muxirão, uma roçada forte assim. Sô, mais ele tinha um gorpe que ocê precisava de vê, ele fazia muita coisa memo. A foiçada dele era vagarosa, mais se ocê brincá, ocê ficava perdido pra traiz. Era só desceno a foice, e soraba caino e ele indo, né. Ele era bão de serviço.

No final da vida, com mais de sessenta anos de idade, indubitavelmente, não reunia mais condições físicas para acompanhar os mais jovens na empreitada. Porém, conforme ressaltou o senhor Carlos, Geraldinho tinha um ritmo de trabalho consistente, sem deixar a desejar nos mutirões promovidos pela comunidade, reconhecido pelos pares na condição de um trabalhador excelente. No entanto, mesmo se observada a participação "apenas" pelo lado festivo, fosse compondo os versos, cantando as músicas anunciando a traição, animando os companheiros cansados no final do serviço com as modas de viola caipira, contando os causos durante a pausa para o almoço ou para o lanche da tarde, a função de Geraldinho não pode ser menosprezada. Afinal, na prática dos mutirões, seguindo a linha de raciocínio de Anzai (1985), de Candido (1975), e de Mendes (2008), os festejos e os divertimentos populares foram fundamentais para o bom funcionamento deste trabalho coletivo. Difícil pensar no mutirão dentro da roça goiana sem a presença da confraternização entre os participantes.

O mutirão, analisado tanto a partir do trabalho quanto da diversão, poderá ser compreendido não somente como uma representação da teia da solidariedade na roça goiana, mas observado como uma representação da sociabilidade inerente ao cotidiano. Durante muito tempo, a comunidade da Boa Vistinha se valeu da dupla função de Geraldinho, participando ativamente do trabalho e, especialmente, dos folguedos populares. No recorte final de vida, alguns amigos, imaginando que a presença poderia deixar o trabalho em segundo plano, adotaram a seguinte estratégia segundo o senhor Manoel: "É, justamente, fazia mutirão. Na época do mutirão o pessoal falava: "Num traiz o Geraldinho não, senão ele num trabaia e num deixa os otó trabaiá. Num traiz ele não, deixa pra ele vim na hora da ceia (risos)"". Porém, fosse na hora da ceia ou madrugando para começar o serviço logo cedo, valendo-me da afirmação do

senhor Roberto, Geraldinho Nogueira procurou não perder um único adjutório promovido no meio rural bela-vistense.

Se, por exemplo, em um determinado momento, chegou a "atrapalhar" o trabalho coletivo em decorrência dos causos, provavelmente, a intenção não era essa. No entanto, a habilidade para contar causos do cotidiano tomava grandes proporções e envolvia, direta ou indiretamente, a maioria daqueles companheiros que participavam do próprio mutirão, trazendo valores e costumes da roça, unindo todos e todas na teia da arte, na rede dos famosos causos do Geraldinho. No início do tópico, houve referência ao fato de o mutirão ser considerado um dos valores culturais mais importantes dentro da roça goiana, representativo da teia da solidariedade e da sociabilidade no cotidiano dos trabalhadores rurais. Além da função prática, retirar uma plantação que estava sendo tomada pelas ervas daninhas, fazer uma colheita no tempo adequado, no tempo da natureza, o mutirão representava todo um sentido simbólico, sinalizando para o trabalhador rural que, quando a precisão apertasse, poderia contar com a contribuição e do companheirismo dos pares.

Na condição de um indivíduo da roça, trabalhador rural empobrecido, Geraldinho identificou-se com os indivíduos do lugar, não tendo se furtado de participar de todas as manifestações socioculturais promovidas pela comunidade bela-vistense. A partir dessa última observação, no decorrer do século passado, torna-se muito difícil pensar na existência de um mutirão que não tenha tido a participação efetiva do contador de causos. A predileção por essa manifestação foi de tamanha proporção que não somente trouxe, mas transformou um dos mutirões no qual participou na região do Barro Amarelo, quando da fase da adolescência, em um dos mais divertidos causos de sua autoria. Reiterando, *O causo do osso.*

O próximo capítulo da tese dialoga com a última constatação, proporcionando uma análise sobre o quanto a vivência cotidiana ofereceu elementos para a construção dos enredos narrativos, influenciando tanto na formação artística quanto cultural de Geraldinho. Destarte, haverá uma análise sobre os fatores que propiciaram que um trabalhador rural do interior do estado de Goiás, analfabeto, tendo enfrentado inúmeras dificuldades materiais e dramas familiares durante a vida, conseguisse se tornar o mais importante contador de causos do estado de Goiás e, indubitavelmente, um dos mais relevantes do Brasil. Apesar da impressionante capacidade artística, será importante acompanhar que as pessoas da região valorizaram e, principalmente, se envolveram com as manifestações culturais. Por meio dessa valorização, o contador de causos encontrou um terreno fértil para fazer circular a arte narrativa.

CAPÍTULO V

GERALDINHO NOGUEIRA: A FORMAÇÃO DE UM CONTADOR DE CAUSOS

Entre os/as pesquisadores/as, não resta muita dúvida de que o sucesso midiático alcançado por Geraldinho Nogueira, em meados da década de 1980, torna-se uma das questões mais importantes para serem analisadas. Nesse ponto, como resultado do sucesso, destaca-se o fato de ter se tornado atração permanente do Programa *Frutos da Terra*, na TV Anhanguera, a apresentação no Teatro Nacional de Brasília, assim como em vários outros teatros na cidade de Goiânia. Por último, a importante participação no programa *Som Brasil*[156], programa apresentado, na época, pelo renomado ator Lima Duarte e veiculado em rede nacional pela TV Globo. No mesmo sentido, existem tantas outras inserções artísticas e teatrais em diferentes espaços. Em decorrência de todo o sucesso alcançado, há uma tendência acadêmica que procura observá-lo a partir de meados da década de 1980, ou seja, uma tendência de reflexão sobre a trajetória de vida e a atividade artística de Geraldinho Nogueira a partir do sucesso midiático alcançado.

Nesse contexto, tornou-se conhecido e reconhecido em todo o estado de Goiás e em parte considerável do Brasil na condição de um engraçado contador de causos. A figura de Geraldinho Nogueira, moldada pelo reconhecimento artístico, tem muita relevância acadêmica. Tamanha relevância pode ser percebida no fato de a quase totalidade das pesquisas publicadas versar acerca desse recorte temporal, procurando refletir mais diretamente sobre os anos finais da vida desse importante contador de causos do meio rural bela-vistense[157].

---

[156] Geraldinho se apresentou no programa do renomado ator Lima Duarte no final da década de 1980. Na ocasião, contou o mais conhecido causo de sua autoria, *O Causo da Bicicleta*. Durante a apresentação, foi acompanhado por Hamilton Carneiro, fazendo uma pequena introdução ao enredo narrativo. No site de compartilhamento de vídeos *YouTube*, é possível encontrar na íntegra a apresentação no programa *Som Brasil*, por meio do seguinte endereço: https://www.youtube.com/watch?v=HC99iZoSNRw. Durante entrevista concedida à Luana Santana (2012), Hamilton Carneiro afirmou que, em decorrência da enorme repercussão, receberam o convite para se tornarem atração permanente do programa *Som Brasil*. No entanto, quando estavam fechando o contrato, o programa acabou sendo retirado da grade de programação da TV Globo.

[157] No início da tese, foram apresentadas algumas pesquisas publicadas sobre Geraldinho, as quais têm o recorte de análise concentrado no sucesso midiático alcançado a partir de meados da década de 1980. Entre elas, destacam-se a dissertação de Carolina Castro, intitulada *Práticas e representações da cultura popular sertaneja*: Um contador de "causos", Geraldinho Nogueira. A dissertação foi defendida no ano de 2010, no programa de Pós-graduação em História da UFG. Outra dissertação, de autoria de Lucas Ribeiro, possui o mesmo recorte temporal, embora o problema da pesquisa seja outro. Neste caso, enfatiza Geraldinho na condição de um narrador artesanal na modernidade. A pesquisa tem como título *Geraldinho Nogueira e a narrativa artesanal:* Tradição & Modernidade na arte do narrador. A dissertação foi defendida no ano de 2017 no Programa Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades (TECCER), da Universidade Estadual de Goiás. Além das pesquisas mencionadas, ressaltam-se alguns artigos que, com diferentes perspectivas de análise, têm como referência o mesmo recorte temporal. No primeiro momento, faz-se menção ao artigo de Ademir Silva (2015), intitulado *O domador de bicicletas*: cultura, identidade e originalidade em Geraldinho Nogueira, assim como ao artigo *O último narrador*: os causos de Geraldinho e os saberes populares em Goiás. Este, de autoria de Eliézer Oliveira e de Carolina Carmo, data do ano de 2016. Embora cada uma das pesquisas elabore problemáticas específicas, existe

Na nota de rodapé anterior, identifica-se uma longa trajetória de vida de Geraldinho que, dentro da perspectiva acadêmica, aparentemente, ainda não despertou o interesse dos pesquisadores e pesquisadoras. Essa condição de vida está relacionada à vivência no meio rural bela-vistense antes do sucesso midiático. Logo, observa-o, desde a tenra idade, analisando-se os problemas enfrentados neste período inicial da vida, a condição paupérrima de agregado, a submissão aos mandos e desmandos dos fazendeiros locais, os dramas e as tragédias familiares enfrentadas nesse ínterim e as diferentes atividades desempenhadas na roça até se tornar um pequeno proprietário rural a partir da década de 1970. Além disso, existem inúmeras outras possibilidades que uma análise abrangendo esse longo recorte temporal poderá proporcionar. Entre as possibilidades, percebem-se as relações estabelecidas com os companheiros da região, participando ativamente das práticas, das manifestações culturais e dos valores inerentes àquela comunidade. Porém, são valores que, conforme observado, dizem muito sobre a própria formação sociocultural da roça goiana no decorrer do processo histórico.

O primeiro e o maior esforço desta tese, representada nos quatro primeiros capítulos, procurou preencher parte dessa "lacuna historiográfica", refletindo mais atentamente sobre a condição de vida de Geraldinho no cotidiano rural durante o transcorrer do século XX, mais precisamente, entre 1918 até o ano de 1984[158]. Retomando a questão das pesquisas acadêmicas, não resta dúvida de que é muito legítimo o interesse, como objeto de estudo, pelo indivíduo famoso, pelo contador de causos, tamanha a relevância artística e representatividade alcançada por Geraldinho[159]. Porém, é muito provável que uma análise focada na vida antes do sucesso midiático, além dos problemas materiais e sociais que dizem diretamente respeito a um trabalhador rural empobrecido da roça, ofereça condições de entender o *modus operandi* que propiciou a formação do contador de causos.

---

um fator em comum entrelaçando todos os trabalhos. Reiterando, o fato de analisarem, de uma maneira mais detalhada, os últimos nove anos da vida de Geraldinho, de 1984 até o ano de 1993. No entanto, quando se leva em consideração a data de seu nascimento, 1918, identifica-se que existe uma lacuna temporal considerável. Nesse longo ínterim, tendo a consciência da inserção na conjuntura conservadora, característica da roça goiana, conforme defende Lena Freitas (2011), no sentido de haver poucas transformações estruturais ao longo do processo histórico, a vida desse indivíduo enfrentou diferentes situações dentro do cotidiano rural. Ademais, ao investigar somente a última década de vida, quando alcançou o sucesso midiático, desconsidera-se algo essencial que a presente pesquisa procura apresentar a partir deste momento, que consiste no processo de formação de Geraldinho como um contador de causos. Tal processo iniciou-se no período da infância, acompanhando-o durante toda a vida. Portanto, o sucesso midiático pode ser compreendido como um resultado dessa longa formação sociocultural.

[158] O recorte está associado tanto ao ano de nascimento, 1918, quanto à primeira apresentação midiática, datada do ano de 1984. Na ocasião, estrelou um comercial de final de ano para a extinta Caixa Econômica de Goiás (CAIXEGO). No site de compartilhamentos de vídeos, *YouTube*, encontra-se a apresentação na íntegra no seguinte endereço: https://www.youtube.com/watch?v=vjsl-ClzWD4.

[159] No âmbito da representatividade, Silva (2015) defende a tese de que Geraldinho é o principal representante da cultura popular goiana.

Antes de se tornar um indivíduo reconhecido em todo o estado de Goiás, Geraldinho Nogueira tinha adquirido uma relevância artística/cultural muito grande entre os amigos e companheiros do cotidiano. O reconhecimento de sua arte foi de tamanho, que, constantemente, acabava sendo requisitado para contar os causos nas festividades e nos encontros coletivos promovidos pela comunidade bela-vistense. A partir da linha de raciocínio traçada, uma hipótese é, inicialmente, apresentada, a de que, por meio da notoriedade e do reconhecimento conquistado diante dos companheiros do cotidiano, encontra-se um dos fatores mais importantes que possibilita, posteriormente, a inserção no espaço midiático. Indubitavelmente, muito antes da inserção na grande mídia, existia um contador de causos experiente, que fazia muito sucesso entre os pares.

Na condição de uma outra hipótese, acredita-se que, dificilmente, teria condições de se tornar um famoso contador de causos se, porventura, não tivesse existido uma comunidade de ouvintes na região. Essa comunidade, historicamente, valorizou e fomentou os causos tradicionais, oferecendo todas as condições tanto para a formação quanto para o próprio aperfeiçoamento da atividade artística de Geraldinho. Toda essa proximidade entre artista e público ouvinte, ou no caso da narrativa artesanal, entre contador de causos e a comunidade narrativa, recebe uma explicação detalhada nas considerações de Bedran. De acordo com a perspectiva da autora:

> Ouvinte e narrador se fundem, tornam-se artesãos tecendo um mesmo tecido: enquanto um usa as mãos, o outro vê, enquanto um fala, o outro imagina, se distancia e sonha, voltando à fruição do momento imprimido ao tecido da narrativa, outras linhas e cores trazidas do seu inconsciente (2010, p. 58).

Seguindo a orientação de Bedran, percebe-se a existência de um laço muito estreito entre o indivíduo narrador e o público ouvinte, quando um complementa o outro e vice-versa. Quando o narrador/contador de causos se vale dos gestos, os ouvintes visualizam, no momento que o primeiro está comunicando, o imaginário do segundo é aguçado, percorrendo os caminhos desenhados pelas mãos e fala do narrador. Na condição específica de Geraldinho, os ouvintes, oferecendo todo o suporte para a arte da comunicação, eram os compadres e comadres, amigos e amigas da Boa Vistinha, do Nuelo, do Aborrecido, do Barro Amarelo e do núcleo urbano da cidade de Bela Vista, indivíduos que cresceram juntos e que tiveram a oportunidade de ouvir as primeiras “histórias” saindo da boca de Geraldinho Nogueira, visualizando os primeiros gestos acompanhando uma fala amena, tranquila, parecendo não ter muita pressa para findar todo aquele enredo.

Ao vislumbrar a participação fundamental dos ouvintes na narrativa artesanal, seguindo a orientação de Bedran (2010), fica muito difícil imaginar a atividade do contador de causos de maneira individual. Não se trata de desmerecer a autenticidade/originalidade, mas de compreender a existência de uma teia envolvendo outros atores e atrizes sociais que deram toda a sustentação para esta forma de comunicação artesanal. Desse modo, apresenta-se a possibilidade de ter existido um terreno muito fértil para as histórias tradicionais no cotidiano sociocultural bela-vistense. A hipótese tem condições de se sustentar porque Geraldinho encontrou inúmeras pessoas dispostas e que valorizavam, sobremaneira, a arte de contar e ouvir histórias. Na condição de um contador de causos, de alguém que reconhecia e valorizava a importância da narrativa, Geraldinho esteve muito distante de estar só no meio rural, tendo sido seguido de perto por uma quantidade enorme de pessoas.

A categoria de narrador artesanal, mobilizada para uma compreensão mais apropriada da atividade artística de Geraldinho, assim como a perspectiva de um terreno fértil para os causos tradicionais na região, está sendo orientada a partir das contribuições de Walter Benjamin[160] (2012). Na concepção do filósofo, o narrador artesanal tinha como característica elementar a capacidade e a arte de ensinar, de transmitir costumes e valores por meio da experiência, não necessariamente da experiência individual, mas por meio de uma experiência coletiva que conhecia profundamente. A experiência forneceria todo o conteúdo necessário, história, fatos, acontecimentos que, na sequência, seriam transformados em enredos narrativos e, posteriormente, transmitidos para toda uma coletividade por meio da voz do narrador.

A partir da relação estreita, a comunidade se identificava e se reconhecia na narrativa, retirando do enredo os ensinamentos válidos para toda a vida. Narrador e ouvintes, na perspectiva benjaminiana, deveriam estar em plena sintonia, compartilhando o mesmo universo sociocultural, uma mesma noção de tempo, o tempo artesanal, vivenciando os valores culturais e os costumes em comum resultantes de uma experiência coletiva, no qual passado e presente estariam entrelaçados. Quando apresenta o depauperamento da arte de narrar, as considerações de Benjamin (2012) caminham ao encontro da percepção do distanciamento cultural, ou mesmo da incompatibilidade entre os valores inerentes ao narrador, de cunho tradicional, com aqueles representativos da modernidade. Estes, na ótica do filósofo, teriam sido mais influentes na vida dos ouvintes no início do século passado.

[160] Serão utilizados dois ensaios de Walter Benjamin: o primeiro é *O Narrador*: *considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, e, o segundo, a *Experiência e pobreza.* Ao trazer os dois ensaios do filósofo alemão, objetiva-se compreender o quanto as transformações sociais a partir da segunda metade do Oitocentos e primeiras décadas do século XX foram preponderantes para o desaparecimento do narrador.

Percebe-se uma incompatibilidade entre o tradicional e o moderno. Na leitura de Gagnebin: “O depauperamento da arte de contar parte, portanto, do declínio de uma tradição e de uma memória comuns, que garantiam a existência de uma experiência coletiva, ligada a um trabalho e a um tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e de linguagem (2012, p. 11)”. Diante do esmorecimento dos valores tradicionais no cotidiano social, o narrador perderia espaço para os valores inerentes à modernidade, principalmente por não conseguir influenciar, na condição de um grande sábio, o modo de vida dos ouvintes modernos. Qualquer distanciamento entre os valores, entre os costumes, dessa memória em comum, inviabilizaria a continuidade da narrativa, visto que narrador e ouvinte não compartilhariam a mesma linguagem e, desse modo, não haveria uma experiência coletiva a ser preservada. Voltando às considerações de Gagnebin:

> A experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte. Pressupõe, portanto, uma comunidade de vida e de discurso que o rápido desenvolvimento do capitalismo, da técnica, sobretudo, destruiu. A distância entre os grupos humanos, particularmente entre as gerações, transformou-se hoje em abismo porque as condições de vida mudam em um ritmo demasiado rápido para a capacidade humana de assimilação. Enquanto no passado o ancião que se aproximava da morte era o depositário privilegiado de uma experiência que transmitia aos mais jovens, hoje ele não passa de um velho cujo discurso é inútil (2012, p. 10).

A ideia de pertencimento a um mesmo lugar, de um tempo único da memória, do vivenciar e compartilhar valores em comum, da presença dos valores tradicionais dentro de um contexto no qual a inserção do capitalismo, a partir das suas transformações modernizantes e técnicas, não se fazendo sentir tão intensamente, historicamente demonstrou ser fundamental não somente para a existência, mas para a própria relevância do narrador artesanal, aproximando-o e, ao mesmo tempo, se confundindo com a vida dos ouvintes. De acordo com Gagnebin (2012), a diferença entre as gerações, quando o narrador seria uma pessoa mais idosa e os ouvintes pertencentes às gerações mais jovens, historicamente sempre esteve no horizonte. Porém, a diferença geracional estava muito distante de ser um abismo, conforme se tornaria a partir da inserção e da consolidação do capitalismo moderno/técnico. A consequência das transformações estava, entre outras questões, na compreensão da inutilidade das pessoas mais idosas para as gerações futuras.

Sobre os valores em comum, na situação que toca no objeto de estudo desta tese, eles estiveram representados na rusticidade goiana. Conforme identificado nos capítulos anteriores, a rusticidade moldou a vida dos moradores da roça ao longo de quase todo o século XX,

realidade vivenciada por Geraldinho e por todas as pessoas que deram sustentação e estiveram envolvidas, direta ou indiretamente, na arte da contação de causos. Parafraseando Walter Benjamin (2012), os traços mais elementares do narrador artesanal, concomitantemente com as condições socioculturais para a circulação da narrativa, estiveram muito presentes no cotidiano, tendo se manifestado ativamente na vida de Geraldinho[161]. A rusticidade tornou-se essencial para a manifestação e circulação de um dos gêneros da narrativa artesanal, encontrando representação nos causos. Como consequência, ofereceu todas as condições para que Geraldinho se tornasse um dos mais significativos contadores de causos do Brasil.

Diferentemente do narrador benjaminiano, que desde o final do Oitocentos estava em um processo de depauperamento, justamente pelo fato de não encontrar mais condições para comunicar suas histórias repletas de experiências coletivas, isso é, não conseguindo encontrar pessoas dispostas e desejosas de ouvi-lo, dentro da rusticidade goiana do século passado Geraldinho Nogueira encontrou um "terreno muito fértil[162]", conseguindo circular, sem muita

[161] Ao trazer essas considerações, não existe o objetivo de defender a tese de Geraldinho como um "legítimo" representante dos narradores artesanais. Walter Benjamin (2012) não apresenta uma definição única sobre o narrador artesanal. No primeiro momento, considera como os representantes mais característicos do narrador tanto o lavrador sedentário quanto o marinheiro viajante. No entanto, teria encontrado a última "representação", justamente, em Nikolai Leskov, um homem das letras. Percebe-se que o narrador, dentro da filosofia benjaminiana, transita entre um lavrador sedentário, analfabeto, mas consegue alcançar um intelectual também. No entanto, existiria um fator preponderante justificando ter no lavrador sedentário e no marinheiro viajante uma representação da mesma esfera de Nikolai Leskov, a capacidade que reuniam para compartilharem, por meio da oralidade ou influenciados pela oralidade, experiências coletivas. A partir dessa linha de raciocínio, a oralidade está sendo apresentada como um valor fundamental para a existência dos narradores artesanais.

[162] A ideia de um terreno fértil está associada à presença do narrador dentro de uma temporalidade recente. No entanto, essa constatação não é necessariamente original. Recentemente, importantes pesquisas têm sido publicadas sobre o ressurgimento dos narradores e dos contadores de histórias. O recorte mais utilizado para se referir ao ressurgimento tem sido entre as décadas de 1970 e 1980. Entre as pesquisas destaca-se o livro *A palavra do contador de histórias*, autoria de Gislayne Avelar Matos. De acordo com Matos (2014), o narrador indubitavelmente, agonizou com as transformações da sociedade, no entanto, não desapareceu. Como se fosse uma Fênix, ressurgiu de forma inconteste na contemporaneidade. No entanto, diferentemente do narrador benjaminiano, embevecido dos valores tradicionais, transmitindo o saber por meio das experiências coletivas, sendo colapsado pela modernidade, o narrador contemporâneo estava e encontra-se inserido aos valores da modernidade. Valendo-se de textos escritos, utilizando os mais diferentes recursos tecnológicos disponíveis para a difusão da arte, tais como a inserção na televisão, alguns recursos audiovisuais, CDs e DVDs, e, mais recentemente, a utilização da Internet. Por último, estabelece uma relação estreita com os centros urbanos. A partir das considerações, não seria uma excepcionalidade o fato de os narradores se formarem nas oficinas e nos teatros voltados especificamente para esse fim. Outra autora que tece considerações sobre o ressurgimento do narrador é a pesquisadora Beatriz Bedran (2010). Na perspectiva da autora, desde o final do século XX, o contador de histórias passou a utilizar espaços que, historicamente, não haviam sido empregados pelo narrador artesanal, fazendo circular sua arte nas bibliotecas, nas escolas públicas, nos teatros, nas praças, nos programas de televisão, entre outros espaços característicos dos centros urbanos. Guardadas todas as proporções, convém ressaltar o quanto o contador de histórias, apresentado por Matos (2014) e por Bedran (2010), estabelece uma relação "distante" do narrador benjaminiano, principalmente quando se compara às características socioculturais e a própria função da narrativa. A arte de narrar artesanalmente era compreendida como uma atividade cotidiana, diferentemente do narrador contemporâneo, percebendo sua atividade como se fosse uma profissão de fato. Além disso, os ouvintes dos contadores de histórias contemporâneos não estabelecem uma relação muito próxima com o artista, diferentemente do narrador artesanal que tinha no público ouvinte as pessoas inerentes ao espaço de vivência e convivência. Não resta dúvida, é possível falar no ressurgimento da narrativa ao longo das últimas décadas, fenômeno identificado

dificuldade, os causos tanto no meio rural quanto no espaço urbano. Sobre os fatores preponderantes para a aceitação do contador de histórias/causos no transcorrer do século passado, Francisco Lima oferece condições de compreender alguns dos elementos que explicam o porquê da existência de um espaço mais acolhedor para a arte narrativa dentro do supracitado contexto. De acordo com o autor:

> Por outro lado, dada a especificidade comportada no ofício do contador, sua função melhor se discrimina nas comunidades rurais, onde, ontem mais do que hoje, se dá o encontro direto entre pessoas sem a subordinação a outras linguagens que em contexto urbano aproximam os homens entre si (2005, p. 60).

Na passagem de Lima (2005), constatam-se duas observações explicativas sobre a sustentação da narrativa dentro de um contexto mais recente. A primeira diz respeito ao fato de terem existido melhores condições aos contadores de causos dentro das comunidades rurais. A segunda, sendo uma consequência da primeira, está evidenciada nas relações mais estreitas entre os pares nessas comunidades, quando a comunicação estava sendo mediada unicamente pela oralidade, não havendo intermédio, por exemplo, dos recursos tecnológicos. No decorrer das últimas décadas, de forma cada vez mais frequente, tanto a aproximação quanto a comunicação dos indivíduos encontram-se mediada pelos instrumentos da tecnologia. Nas comunidades rurais, o encontro direto, sem intermediários, conforme destacado por Lima (2005), produziu uma relação de proximidade entre os indivíduos, oferecendo as melhores condições para o narrador fazer circular sua arte.

Seguindo a orientação de Lima (2005), a reflexão sobre as comunidades rurais e a própria inserção de instrumentos tecnológicos foram, gradativamente, desconstruindo os fios da narrativa e o espaço de circulação do narrador. A partir dessa constatação, torna-se relevante voltar algumas décadas, mais precisamente para o início do século XX, e ficar atento a uma reflexão apresentada por Benjamin (2012). O filósofo se ocupou de levantar os principais obstáculos que comprometeram a continuidade da narrativa no seio da sociedade ocidental. Algumas dificuldades resultam, na leitura do intelectual alemão, no desaparecimento do narrador artesanal nas primeiras décadas do século XX, que traz à tona toda uma ancestralidade, que acarretava o fim da própria experiência coletiva. Segundo Benjamin:

---

em diferentes países. No entanto, o fenômeno está relacionado à ressignificação do narrador, apresentando traços indeléveis do seu ancestral. Porém, não deixa de incorporar valores típicos da modernidade contemporânea.

> Sabia-se também exatamente o que era a experiência: ela sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; as vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a filhos e netos. – Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam narrar algo direito? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (2012, p. 123).

Percebe-se que a ideia da experiência transmitida de geração em geração aparece como um valor ancestral, representada na sabedoria dos mais velhos para os mais jovens, constituindo-se como uma questão essencial ao longo do processo histórico. Essa experiência ancestral, na leitura de Benjamin (2012), poderia se manifestar de modo mais direto, representado no conselho dos mais velhos, ou de forma prolixa, quando histórias de outros países eram apresentadas aos mais jovens. No entanto, por meio das indagações, torna-se possível identificar que o filósofo demonstrava preocupação com o desaparecimento dessa experiência construída historicamente. Os jovens, nessa perspectiva, não se interessavam mais pelas histórias dos mais velhos. Sabendo disso, as pessoas mais velhas não ousavam invocar toda a experiência, compreendendo que não teriam mais os ouvidos atentos para acompanharem as longas "digressões" carregadas de experiência e de sabedoria.

Interessante observar que as reflexões de Walter Benjamin (2012), assim como os motivos para fazê-la, estão distantes da realidade inerente à rusticidade goiana. O território goiano, assim como a formação sociocultural propiciada pela rusticidade, não foram objetos de preocupação do filósofo alemão. No entanto, as inquietações apresentadas sobre o narrador artesanal oferecem elementos, não necessariamente para a construção de contrapontos mais incisivos, mas para algumas constatações explicativas sobre o porquê da permanência ativa da narrativa artesanal no território goiano no contexto do século passado. Consequentemente, esses fatores oferecem condições de compreensão sobre o surgimento, a formação e a consolidação de Geraldinho na condição de um contador de causos. No primeiro momento, fazendo circular o enredo no meio rural bela-vistense e, na parte final da vida, propagando-o por todo o estado de Goiás.

Geraldinho encontrou na rusticidade goiana e nos moradores da roça, especialmente na região do Aborrecido, Barro Amarelo, Boa Vistinha e do Nuelo, importantes espaços e atores que deram sustentação para as narrativas tradicionais. Quando se propôs a contar os causos, não teve dificuldade para encontrar pessoas dispostas a ouvirem atentamente. Essa constatação tem enorme relevância, isso porque a própria condição de ter um público ouvinte, historicamente,

demonstrou ter sido essencial para a existência da narrativa artesanal. No entanto, as condições fazendo parte do cotidiano de Geraldinho não estavam mais no horizonte do narrador artesanal, objeto de reflexão de Benjamin (2012). No intuito de compreender os fatores resultantes na perda de relevância do narrador na ótica do filósofo alemão, haverá uma análise mais detalhada sobre este tema no tópico seguinte da pesquisa. Na sequência, depois da compreensão sobre as transformações que comprometeram a permanência da narrativa, será feito um retorno ao terreno fértil encontrado por Geraldinho para contar os causos no meio rural bela-vistense.

5.1 Walter Benjamin e o depauperamento da narrativa artesanal

A reflexão mais importante de Walter Benjamin sobre a narrativa artesanal e o ofício do narrador estão presentes no clássico ensaio *O narrador*: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, finalizado em meados da década de 1930[163]. No texto, Benjamin (2012) parte de uma reflexão crítica, pessimista e, de certo modo, até "nostálgica" sobre os valores sociais inerentes ao passado histórico. Reflete criticamente sobre a condição no qual se encontrava a narrativa artesanal e o narrador inseridos em uma conjuntura cada vez mais moderna e capitalista. Logo no início do ensaio, constata-se uma análise acompanhando praticamente toda a reflexão benjaminiana, especialmente quando assegura a diminuição do valor atribuído ao narrador artesanal no tempo presente, na década de 1930. De acordo com o filósofo:

> É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (2012, p. 213).

A partir da linha de raciocínio de Benjamin, observa-se que o distanciamento da sociedade contemporânea com a arte de narrar dificilmente será compreendido caso seja analisado "somente" como um reflexo da diminuição da presença do narrador, no sentido meramente individual, da vida das pessoas. O problema apresentava uma dimensão muito mais abrangente, que leva em conta o próprio depauperamento dos valores e dos saberes

[163] Embora tenha concluído o ensaio somente no ano de 1936, a filósofa Gagnebin, no livro *História e Narração em Walter Benjamin*, considera que, desde a década anterior, o filósofo alemão vinha escrevendo alguns esboços sobre a falta de capacidade, por parte da sociedade moderna, de se envolver com as narrativas tradicionais. Com Gagnebin (2013), fica perceptível que a construção do ensaio resultou de uma longeva reflexão de Benjamin em torno do assunto.

representados pelo narrador no tecido social, incluindo, no âmbito destes valores, a ideia de uma experiência e de uma "memória em comum". Na consideração inicial, tem-se a constatação de que a narrativa estava praticamente ausente no início do século passado, principalmente porque as pessoas não detinham mais um conhecimento, o de saber narrar devidamente, que parecia seguro e inalienável no decorrer do processo histórico.

A constatação do fenômeno social não poderia ser menos inquietante para o filósofo, identificando no embaraço da narrativa o reflexo da dificuldade de intercambiar experiências. Conforme observado, o ofício de narrar, que, historicamente, sempre pareceu estar devidamente enraizado, estava sem condições de permanecer ativo diante de uma sociedade cada vez mais moderna e capitalista, desmoronando toda vez que alguém manifestava o "simples" desejo de ouvir uma história. Na realidade, o aparente enraizamento da narrativa e do narrador já não tinha condições de se sustentar nas primeiras décadas do século XX. Segundo Benjamin: "O narrador – por mais familiar que soe esse nome – não está absolutamente presente entre nós, em sua eficácia viva. Ele é para nós algo distante, e que se distancia cada vez mais" (2012, p. 213). A distância que separava a sociedade moderna/capitalista do narrador artesanal não se constituía como um fenômeno fortuito. Na verdade, está presente em vários momentos do ensaio. Uma delas pode ser explicada pela dificuldade da sociedade moderna de intercambiar experiências:

> Pobreza de experiência: isso não deve ser compreendido como se os homens aspirassem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza, externa e também interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre, tampouco, são ignorantes ou inexperientes. Frequentemente pode-se afirmar o oposto: eles "devoram" tudo, a "cultura" e o "ser humano", e ficam saciados e exaustos (2012, p. 127).

A experiência na condição de um valor histórico e cultural, como teia norteadora da vida coletiva, não estava sendo levada em consideração pelos indivíduos modernos. Na perspectiva de Benjamin, a modernidade devoraria tudo que estaria à sua frente. Diante do desejo insaciável, tinha devorado a experiência do narrador, a narrativa e a própria figura do narrador artesanal. Conforme observa Benjamin (2012), o fenômeno não significava a substituição de uma experiência por outra, mas a negação literal da própria experiência. No ensaio *O Narrador* quanto em *Experiência e Pobreza*[164], fica perceptível o sentido da coletividade que o indivíduo "portador" da experiência representava, conseguindo transmitir

[164]O ensaio intitulado *Experiência e Pobreza* foi publicado no ano de 1933.

conhecimento para as gerações mais jovens. Utilizando os exemplos de narradores artesanais, marinheiro viajante e camponês sedentário, o filósofo demonstra a função que esses indivíduos tinham, oferecendo sentido e organização à vida das pessoas. Fazendo um amálgama das questões apresentadas, Bedran assegura:

> Desde que o mundo é mundo o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, através da escrita rupestre entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. Sem ela a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível (2010, p. 15).

A narrativa, como forma de expressão e comunicação, tem acompanhado toda a história da humanidade, possibilitando a teia da sociabilidade e a própria consciência humana, desnudando a história de um segmento, de outros povos e consequentemente de outras culturas. A análise de Bedran (2010) evidencia a impossibilidade de compreensão sobre a existência humana se não houver uma reflexão criteriosa acerca da relevância desempenhada pela narrativa e pelo narrador. Tendo uma melhor dimensão da importância histórica, as reflexões críticas de Benjamin (2012) ao descarte da experiência e do seu "representante" na sociedade moderna têm uma relevância fundamental. A sociedade moderna não estava descartando "apenas" a sabedoria de um indivíduo envelhecido, mas relegava um conhecimento construído historicamente, o qual teria acompanhado as relações humanas desde os primórdios.

Observando mais atentamente e comparativamente os "tipos" arcaicos de narradores artesanais apresentados por Benjamin (2012), Geraldinho Nogueira poderá ser inserido na categoria do camponês sedentário. Embora o conceito de camponês tenha sido utilizado em poucas oportunidades para representá-lo, quase sempre sendo substituído por lavrador tradicional ou mesmo por agregado, é importante ressaltar que ambos, nesta pesquisa, evidenciam a relação umbilical do indivíduo, trabalhador rural, com a terra. Na condição de um camponês sedentário, seguindo as orientações de Benjamin, Geraldinho seria aquele indivíduo que conhecia as tradições, os costumes e os valores do seu povo, trazendo toda a carga cultural para dentro do enredo narrativo, transmitindo essa teia histórica e cultural por meio dos causos. Seguindo a linha de raciocínio desenhada, seria um conhecedor privilegiado pelos valores socioculturais inerentes à roça goiana.

No início do tópico, ficou perceptível que Benjamin (2012) não define um segmento específico de narrador tradicional, fazendo-o transitar por alguns tipos sociais. Entre esses, o camponês/lavrador sedentário, profundo conhecedor dos valores históricos do seu povo, quanto

pelo marinheiro viajante trazendo consigo os valores culturais de outros povos, tendo adquirido esse conhecimento por meio das viagens realizadas. Por isso mesmo, tendo em conta as viagens, seria um indivíduo repleto de histórias para contar. Tanto o marinheiro quanto o lavrador transmitiriam o conhecimento para os pares quase unicamente por meio da oralidade. No entanto, o filósofo alemão não restringe à figura do narrador aos dois segmentos mencionados acima, abrangendo o leque de representação, alcançando os literatos, cronistas, ensaístas e historiadores[165].

Tais intelectuais, embora tivessem na cultura escrita um meio importante de comunicação e de transmissão do conhecimento, não procuraram se distanciar dos valores, saberes e dos costumes transmitidos por meio da oralidade. Na condição de "homens das letras" apropriaram-se das histórias orais, das tradições de uma forma em especial para escrever contos, romances, crônicas e outros gêneros da literatura escrita. Um exemplo dessa relação entre letras e oralidade pode ser encontrada na consideração de Benjamin sobre Nikolai Leskov[166], apresentado na condição de um "último narrador", último representante da narrativa artesanal. No universo das letras, embora possa parecer contraditório, o filósofo identifica que um dos fatores relevantes para o depauperamento da arte de narrar estava na ampla circulação do romance na sociedade moderna. Sobre a inserção da escrita e os efeitos na diminuição da relevância da oralidade, Matos observa:

> Não se pode negar que a aquisição da escrita significou a perda de muitas capacidades que apenas na oralidade podem se desenvolver, pois a relação do homem com a palavra é completamente diferente. Essa diferença dita também valores. Pelo fato de armazenar o conhecimento fora da mente, a escrita – e mais ainda a impressão tipográfica, deprecia as figuras do sábio ancião, repetidor do passado, em favor dos jovens que trarão novidades (2014, p. 158).

Valores fundamentais foram alterados não somente pela aquisição da escrita, mas a partir da consolidação da escrita. Mattos (2014) observa, entre outras questões, a perda de

[165] Entre os historiadores, Benjamin identifica o papel de Heródoto de Halicarnasso. Na perspectiva do filósofo, o historiador da antiguidade utilizava os instrumentos da narrativa artesanal, especialmente quando deixava possibilidades para que o leitor se valesse da imaginação para compreender o sentido das histórias apresentadas. Um exemplo, presente no ensaio *O Narrador*, pode ser localizado na escrita de Heródoto sobre a história do Rei Psamético e as diferentes reações quando feito prisioneiro pelos egípcios. Por não ter explicado o sentido das reações, o historiador grego, na leitura de Benjamin (2012), teria se valido de meios utilizados pelo narrador artesanal, mantendo viva a história ao fomentar a imaginação dos leitores tentando compreender os motivos que levaram o Rei Psamético a adotar aquelas atitudes.

[166] Na parte inicial do ensaio, Benjamin tece considerações sobre a relevância dos escritos de Nikolai Leskov, enfatizando a proximidade do contista russo com os camponeses. A partir dessa proximidade, sendo diretamente influenciado por ela, o contista teria conseguido trazer muitos valores e histórias apresentadas pelos camponeses para os contos. Por não ter se distanciado da oralidade, Leskov, na consideração benjaminiana, aparece na condição de um representante importante, porém, cada vez mais distante de narrador artesanal.

relevância dos mais velhos dentro do conjunto social. Nas sociedades tradicionais, a figura do ancião era indispensável. No entanto, com o advento e com a consolidação da escrita, aquele saber de longa duração, transmitido de geração em geração por meio da oralidade, esmorecia em decorrência da novidade, tendo, na juventude, um importante receptáculo. Um ponto de inflexão sobre a última questão tem, como princípio, o reconhecimento sobre a relevância da oralidade para a narrativa artesanal. Ressaltando os impactos da escrita para os narradores, torna-se importante enfatizar que Benjamin não faz uma leitura crítica e depreciativa da escrita de maneira mais generalizante. Seu olhar está voltado para alguns gêneros. Entre esses, o romance.

Nessa perspectiva de análise, o romancista estaria distante tanto dos valores orais quanto da própria sociedade. Diferentemente do narrador artesanal, o romancista não teria condições de intercambiar experiências, tampouco ofertar e receber conselhos de outras pessoas, isso porque encontrava-se isolado socialmente. De acordo com Benjamin: "O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los" (2012, p. 217). A partir das críticas aos romancistas, percebe-se que, para o filósofo, uma condição elementar para o indivíduo ter condições de aconselhar, transmitir conhecimento, estava na possibilidade de intercambiar experiências. Sobre a importância da experiência na filosofia benjaminiana, Gagnebin acrescenta:

> Primeiro, a experiência se inscreve numa *temporalidade* comum a várias gerações. Ela supõe, portanto, uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai a filho; continuidade e temporalidade das sociedades "artesanais" diz Benjamin em "O Narrador", em oposição ao tempo deslocado e entrecortado do trabalho no capitalismo moderno (2013, p. 57).

A temporalidade em comum, representada na ideia de transmissão de saber de pai para filho, evidencia a existência de dois indivíduos, mesmo de gerações diferentes, vivenciando e compartilhando o mesmo universo sociocultural, característica elementar das sociedades artesanais/tradicionais. Identifica-se um trabalho de tipo artesanal, quando o trabalhador, concomitantemente com o núcleo familiar, participava de praticamente todas as etapas laborais, condição oposta aos trabalhadores modernos, envolvidos nas fábricas e exercendo uma atividade muito específica dentro do processo de produção. No ofício artesanal, quando todos participavam da construção, o narrador artesanal encontrava as condições necessárias para transmitir o conhecimento e, ao mesmo tempo, exercia a atividade laboral.

Além do romance, Walter Benjamin (2012) tece considerações críticas ao papel desempenhado pela imprensa no processo de depauperamento da arte de narrar, enfatizando que a sociedade burguesa não se interessava mais pelos acontecimentos miraculosos, pelas histórias surpreendentes, pelo saber que vinha de longe, passado de geração em geração. Tampouco se importava com o lado épico da verdade. No contexto de observação do filósofo alemão, final do Oitocentos e início do século XX, o interesse social estava centrado naquele acontecimento imediato, na explicação rápida e nas novidades inerentes proporcionada pelas informações. Diferentemente da narrativa ou mesmo dos contos suscitando o imaginário do ouvinte/leitor, a informação jornalística não deixaria margem para nenhuma interpretação, procurando preencher todas as lacunas. Não oferecia condições para o leitor utilizar a imaginação para construir o conhecimento, ou seja, não havia espaço para a manifestação do lado épico da verdade.

Nesses moldes, o saber produzido e oferecido ao leitor, por meio da informação jornalística, evidenciaria a preponderância da pobreza, especialmente porque sinalizava para uma única maneira de se ter conhecimento e, consequentemente, apontava para um tempo único. Conforme observado anteriormente, uma das características mais marcantes do narrador artesanal estava na capacidade de intercambiar experiências, entrelaçando passado e presente na oralidade. Contudo, a partir da consolidação do romance e da informação jornalística, passava a existir um distanciamento entre as temporalidades. O presente estabeleceria uma relação cada vez mais distante do passado. A distância seria de um modo tão preponderante que, parafraseando Benjamin (2012), quando alguém manifestava o desejo de ouvir uma narrativa, o embaraço ficava muito evidente. De acordo com Ourique (2009), a maneira crítica pela qual o filósofo alemão interpreta a modernidade está associada à instrumentalização e à consolidação da técnica no tecido social. Uma sociedade pautada por esses princípios não deixaria nenhuma margem para o lúdico e muito menos para o exercício da imaginação prevalecer. Segundo Ourique:

> Esta falta de comunicabilidade continua se prolongando por outro fator, a técnica, esta que aos poucos poderá substituir a experiência dos homens. Ela faz com que grande parte das coisas já esteja pronta e revelada, restando, em muitos casos, apenas a escolha do caminho da reprodução desses saberes. A sociedade organizada com base em um modelo consumista e autoritário nos priva de narrar experiências, ela nos deixa pobres e vazios na arte de contar histórias (2009, p. 2).

A dicotomia entre tempo, apresentado enquanto uma condição da organização da vida, e tempo como meio de controle do trabalho, inerente à tecnificação e industrialização da mão de obra, pode ser mais bem percebida através de uma passagem de Edward Thompson, presente no livro *O nascimento das fábricas*, autoria de Decca (2001). Na descrição, fica perceptível a distinção de duas temporalidades, evidenciando perspectivas diferentes de sociedade a partir de um diálogo de um experiente casal. Na ocasião, percebe-se que o homem está circunscrito a uma temporalidade antiga, de caráter artesanal, diferentemente da esposa, inculcada com os valores da modernidade. Com isso, tendo uma noção de tempo acelerado:

> [...] Eu me recordo de uma mulher notável, que era muito sensível ao valor intrínseco do tempo. Seu marido fazia sapatos e era um excelente artesão, mas não se preocupava com a passagem dos minutos. Em vão ela inculca-lhe que *Tempo é dinheiro.* Ele tinha muita destreza (habilidade! para compreendê-la, e isto foi sua ruína. Quando estava na taverna com seus ociosos companheiros, se alguém observava que o relógio havia tocado (dado) onze horas, ele dizia, o que é isso para nós, companheiros? Se ela lhe mandava um aviso por seu filho que já passava das doze horas do dia, ele respondia, diz-lhe que fique tranquila, que as horas não podem ser mais. Se havia dado uma hora, etc ainda respondia, peça-lhe que se console, que não pode ser menos (2001, p. 17).

Ao trazer a citação para a pesquisa, o objetivo não está na ideia de problematizar a noção de tempo construída pelo capitalismo. No entanto, por meio da citação será possível ter uma melhor dimensão sobre a dicotomia envolvendo o tempo. De um lado, identifica-se o artesão, moldado a todo momento por uma perspectiva de tempo tradicional/artesanal, diferentemente da esposa, preocupada com as horas, com o relógio, compreendendo o tempo como sinônimo de dinheiro. O ofício artesanal, feito quase inteiramente pelo núcleo familiar e no seu devido tempo, ofereceu as condições mais elementares para o intercâmbio de experiências, oferecendo meios para a transmissão dessas mesmas experiências por meio das narrativas artesanais.

A ideia construída sobre o narrador, no exemplo destacado acima, está relacionada ao ofício do artesão que, enquanto trabalhava cuidadosamente em todas as etapas da produção, conseguia se organizar para narrar e ouvir histórias. Explicando mais diretamente a relação do trabalhador artesanal com a prática da narrativa, Benjamin emprega a metáfora do oleiro: “Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (2012, p. 221). Porém, diante das transformações inerentes a sociedade capitalista, o artesão perdia cada vez mais espaço, sendo substituído pelo trabalhador fabril. Com isso, a narrativa artesanal foi sendo suplantada por outras formas de comunicação. No contexto de análise do filósofo alemão, primeiras décadas do século XX, substituída tanto pelo romance quanto pela

informação jornalística. Esses meios teriam sido feitos sob "encomenda" para o trabalhador fabril, atarefado e sem tempo para se envolver com o lúdico, com o lado épico da verdade. Na esteira do trabalho artesanal, Gagnebin menciona:

> Esse caráter de comunidade entre vida e palavra apoia-se ele próprio na organização pré-capitalista do trabalho, em especial na atividade artesanal. O artesanato permite, devido a seus ritmos lentos e orgânicos, em oposição à rapidez do processo de trabalho industrial, e devido a seu caráter totalizante, em oposição ao caráter fragmentário do trabalho em cadeia, por exemplo, uma sedimentação progressiva das diversas experiências e uma palavra unificadora. O ritmo do trabalho artesanal inscreve-se em um tempo mais global, tempo onde ainda se tinha, justamente, tempo para contar. Finalmente, de acordo com Benjamin, os movimentos precisos do artesão, que respeita a matéria que transforma, têm uma relação profunda com a atividade narradora: já que está também é, de certo modo, uma maneira de dar forma à imensa matéria narrável, participando assim da ligação secular entre a mão e a voz, entre o gesto e a palavra (2012, p. 11).

Embora Benjamin (2012) esteja defendendo a não existência do narrador artesanal no início do século passado, a tese a ser defendida, a partir deste momento, encontra sustentação na ideia de que, naquelas localidades com maior predominância dos valores tradicionais, com um sentimento de pertencimento ao lugar e às pessoas da localidade, moldada por uma concepção de tempo ainda não permeada pelo tempo fabril, moldada pelas experiências coletivas, pelos costumes em comum, transmitidos pela oralidade ao longo do processo histórico, entre outros fatores, reuniram-se melhores condições para a permanência da narrativa artesanal no transcorrer do século XX. Destarte, defende-se que, entre as localidades que ofereceram as melhores condições para a prática da narrativa, encontra-se a roça goiana.

Além dos fatores observados, informação jornalística, romance, tecnificação da vida, trabalho fabril, outros estudiosos fazem referência a diferentes localidades, apontam alguns desdobramentos inerentes às transformações da segunda metade do século passado que impactaram diretamente na diminuição dos contadores de história. Quando Candido, em meados da década de 1980, escreve o prefácio do livro de Francisco Lima, *Conto popular e comunidade narrativa*, identifica a diminuta presença dos contadores de causos/contos no Sertão do Cariri, sinalizando alguns fatores explicativos da diminuição:

> Quando a solidariedade de tipo tradicional se esvai, a sobrevivência do conto fica comprometida e a memória se perde. A dissolução da sociedade tradicional levará com certeza ao fim do conto popular, tendo uma etapa de transformação radical sob o impacto dos meios atuais de comunicação (2005, p. 11-12).

O contexto no qual Candido escreve e identifica o esmorecimento dos contadores de histórias no sertão do Cariri, interior do Ceará, é justamente o momento em que Geraldinho começa a adquirir inserção nos grandes meios de comunicação. O sociólogo mostra duas questões explicativas sobre a redução dos contadores de histórias: a primeira estaria relacionada à própria dissolução da sociedade tradicional, colapsada pela modernidade. O colapso inviabilizaria, entre outras questões, a existência da teia da solidariedade. A outra consideração aponta para uma preocupação ocasionada pela inserção dos meios modernos de comunicação, principalmente porque poderiam retirar dos contadores a capacidade do lúdico, do entretenimento, não conseguindo mais envolver todos e todas na narrativa. Nessa última situação, Candido se refere ao poder de entretenimento oferecido pela televisão. Na mesma linha de raciocínio, entre as autoras que se debruçam sobre as transformações inerentes ao cotidiano e a desarticulação da narrativa artesanal, imersa nesse turbilhão de modificações, evidencia-se a pesquisa de Mattos:

> Na América do Sul, a partir do século XX o desaparecimento dos contadores se mostrou mais efetivo nos grandes centros urbanos, processo que demorou bem mais para acontecer no interior. Porém, com a chegada da televisão aos lugares mais distantes, no fim dos anos 1960, aos poucos o interior também sucumbiu ao "progresso dos tempos". Num efeito dominó pelo mundo afora, pouco a pouco a modernidade provocava a destruição radical da ordem fundada sobre o modelo de sociedade que se guiava pelos valores próprios da tradição (2014, p. 96- 97).

Se, para Walter Benjamin (2012), o vetor do depauperamento da narrativa estava nos elementos oriundos da modernidade, com destaque para a informação jornalística e a ampla circulação dos romances, moldados para atender os anseios de uma sociedade cada vez mais sem tempo, na concepção de alguns intelectuais latino-americanos, com destaque para Candido (2005) e Matos (2014), um dos fenômenos mais importantes para o esmorecimento da narrativa, primeiro nos grandes centros urbanos e, depois, nos mais diferentes rincões do país, estava na inserção dos aparelhos televisivos. No entanto, Matos (2014) assegura que o fenômeno não ocorreu de forma uniforme em todos os espaços. Existe uma pequena fresta nessa consideração, sinalizando que o papel ativo dos contadores, mesmo diante de valores modernizantes no tecido social, permaneceu de forma intensa nas mais diferentes regiões interioranas, principalmente nos espaços do meio rural, onde e quando existia um forte predomínio dos valores tradicionais. Entre esses, a preponderância da oralidade.

É justamente nas regiões interioranas, menos influenciadas pelos valores da modernidade, principalmente se comparadas aos grandes centros urbanos, que se torna possível

localizar a grande roça goiana, espaço sociocultural de Geraldinho e da comunidade de ouvintes. Esse espaço foi moldado, ao longo do processo histórico, pelos valores tradicionais/rústicos. Quando se observa o cotidiano sociocultural relacionado à vida de Geraldinho, percebe-se que encontrou um terreno muito fértil para comunicar os causos. Os empecilhos que o narrador artesanal encontrou para continuar a arte da narrativa, tanto na perspectiva benjaminiana quanto na leitura de alguns pesquisadores/as, abordando regiões específicas do Brasil e da América Latina de uma forma em geral, não estiveram presentes no cotidiano da população da roça goiana durante parte considerável do século XX, especialmente no meio rural bela-vistense.

Se, para o narrador artesanal, encontrar um público ouvinte parece ter sido um problema significativo, comprometendo a própria continuidade da arte narrativa, Geraldinho não se deparou com esse problema. No decorrer da vida, sempre teve à disposição uma comunidade de ouvintes entusiasmada para ouvi-lo. Disposição demonstrada nos mutirões, nos pagodinhos, nos pousos de folia, nos bares na cidade de Bela Vista e em inúmeros outros espaços. Durante a pesquisa de campo, muitas pessoas fizeram referência aos diferentes momentos nos quais Geraldinho teria aproveitado a presença da coletividade para contar os causos. Entre esses momentos, o senhor Justiniano descreveu algumas das reuniões que aconteceram no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em que o narrador marcou presença.

Embora, a partir da década de 1970, tenha se tornado proprietário de uma pequena porção de terra na região do Nuelo, Geraldinho Nogueira, de acordo com o entrevistado, não demonstrava muita disposição para participar das longas discussões sindicais. No entanto, quando convidado, tinha como característica não declinar do convite. Nessas ocasiões, diante de qualquer oportunidade, tais como a provocação de um amigo, não relutava em contar não somente um, mas vários causos para as pessoas presentes. Entre um causo aqui, outro acolá, não foram raros os momentos nos quais colocou em risco, até mesmo, a continuidade da reunião. De maneira bem-humorada, o senhor Justiniano trouxe à tona duas dessas ocasiões:

> Eu lembro uma veiz, eu levei ele num evento em Goiânia. Nóis tinha lá, quanto tava criando à CUT[167], instalô um congresso lá. Aí, eu caí na bestera de levá ele. Ele tava trapaiano o Congresso, moço. O Congresso era lá naquele centro de treinamento Dom Fernandes. E a turma envolvia cuelê, e quando ocê via,

[167] Sigla representativa da Central Única dos Trabalhadores. De acordo com o site da CUT, a central foi fundada no dia 28 de agosto de 1983 na cidade de São Bernardo do Campo, São Paulo. O congresso e as reuniões a que o senhor Justiniano se refere, quando algumas contaram com a participação de Geraldinho, foram anteriores à própria fundação da CUT. Nesse contexto, é importante ressaltar que Geraldinho não tinha feito a propaganda para a CAIXEGO. Fator que aconteceu somente no ano de 1984. A consulta ao site da Central Única dos Trabalhadores (CUT) ocorreu no dia 05 de janeiro de 2022.

> ele saía lá pro terreiro e a turma saía atráis, e aquele treim. Quando era prá vortá pra dentro, pra começá os trabaio, o povo não laigava ele. E ele era aquela pessoa humilde demais, ficava dano atenção pra todo mundo. E aí, acabô que ele ficava atrapaiano os treim (risos). São Paulo, rapaiz, eu levei ele em São Paulo uma vez. Foi no Congresso da CUT. Ê rapaiz, aí sim. Aquela turma de gente, professor, tudo e quanto é categoria foi. Tinha uns três ônibus, ele foi. Rapaiz, mais cada um queria levá ele num ônibus: "Não, ele vai cum nóis, que não sei o quê. Pode saí daí e vem pra cá". Era aquela briga. (Geraldinho): "Ah, ele quê que eu vou lá, uai, eu tem que í lá um poquin. Não, ocê dá um jeito aí, eu vou lá". Mais era aquela coisa, aquele jeitão dele (...) Rapaiz do céu, mais o povo fizeram farra, meu Deus do céu. Aí o João Nogueira, filho dele, foi também né. Que ele já tinha uma experiência do pai. Rapaiz do céu, eu vô te contá, nóis ficô lá quatro dia. Levô nóis prum centro de treinamento lá, lá na Taguatinga. Rapaiz, lá tinha um evento logo no primeiro dia. Meu Deus do céu, e eu já cansado, querendo í dormir, nóis saiu lá quase de madrugada rapaiz, eita treim custoso. O pessoal não deixava ele ir embora. E assim foi, durante os quatro dia. Assim foi o primeiro, depois vai pra São Paulo. São Paulo foi aquela confusão danada que deu no camim, todo mundo queria ele dentro do ônibus. Chega em São Paulo e aquela gente de tudo enquanto é lugá do Brasil, gente até do exterior né? Que tinha muito, de outro país. Quando viu aquela confusão e o povo já foi conhecendo ele, aí meu pai do céu, que trabai que deu moço. A gente, pra leva ele pra sala de reunião do Congresso, das assembleia, era o treim mais custoso. Cê tinha que (ir) lá e pegá ele e: "Não gente, ele tem que í". "Não, deixa ele contá mais um causin". Eu sei que a história dele é por aí, ele era incríve.

Conforme observado, para o narrador artesanal, problematizado a partir das reflexões de Walter Benjamin (2012), uma das principais dificuldades para a continuidade da narrativa estava no fato de não ter mais pessoas dispostas a ouvir as histórias. Porém, na condição de Geraldinho Nogueira, muito antes do sucesso midiático, o público ouvinte, além de receptivo, demonstrou ter sido muito amplo, constatação perceptível por meio das considerações do senhor Justiniano. A partir do entendimento sobre os diferentes espaços oferecidos ao contador de causos bela-vistense, entender o terreno fértil que teve à disposição, constitui-se como uma questão fundamental. Por meio do terreno fértil compreende-se não somente a receptividade, representada pela quantidade impressionante de ouvintes, mas possibilita o entendimento sobre a própria formação de Geraldinho enquanto contador de causos.

Parte-se do princípio de que, no meio rural bela-vistense, antes mesmo da inserção artística na grande mídia, os moradores daquele lugar, constituídos, em sua imensa maioria, por trabalhadores rurais empobrecidos, nas diferentes ações cotidianas, tinham o costume de valorizar os elementos inerentes à narrativa artesanal. Esses valores encontravam representação nos causos, nos contos, nas anedotas e nas cantigas populares. Quando esses moradores se depararam com um contador de causos, dotado de uma capacidade artística ímpar, o processo de valorização se acentuou ainda mais. Sobre o reconhecimento da comunidade bela-vistense

acerca dos gêneros da narrativa no transcorrer do século XX, Sousa e Lima consideram:

> No ano de 1993, Geraldinho faleceu, mas sua história e sua contribuição cultural permanecem na memória daqueles que o conheceram e principalmente dos moradores de Bela Vista de Goiás – cidade cujos habitantes já eram muito habituados aos costumes religiosos e à contação de histórias e causos (2019, p. 13).

Não somente os habitantes da cidade estavam habituados à prática de contar causos, mas, praticamente, todos os moradores da região tinham essa característica, principalmente aqueles indivíduos que tiveram a oportunidade de conviver diariamente com Geraldinho Nogueira. Envolto em uma cultura de valorização para com o fato de ouvir e contar histórias, característica elementar da rusticidade goiana, constata-se um universo sociocultural muito mais propício para o processo de formação do contador de causos, crescendo e convivendo com pessoas que respeitavam, entendiam a função social e admiravam a arte da narrativa artesanal.

Quando fazem uma reflexão sobre as possibilidades de circulação da narrativa no território goiano na primeira metade do século passado, Oliveira e Castro chegam à seguinte constatação: "Uma época, como em Goiás do início do século XX, de pouca leitura, sem rádio, televisão, na qual ouvir causos era uma das poucas oportunidades de se deixar levar pela fantasia e imaginação (2016, p. 416)". Tendo estabelecido os laços de convivência nessa conjuntura, Geraldinho teve condições de contar, no decorrer da vida, com uma comunidade de ouvintes que oferecia todas as condições para que se tornasse o mais importante contador de causos do estado e, indubitavelmente, um dos mais relevantes do país. Diferentemente do narrador benjaminiano, a comunidade de ouvintes sempre esteve naquele espaço. Talvez, mais importante do que a própria presença em si, seja a constatação de que a comunidade demonstrou muita disposição para ouvir e, principalmente, se divertir com as peripécias dos personagens construídos por Geraldinho Nogueira.

5.2 Os causos e outros gêneros da literatura oral: uma história que vem de longe e se esparramou por Bela Vista de Goiás

A hipótese, apresentada anteriormente, de que Geraldinho encontrou um ambiente favorável, um terreno fértil para a comunicação dos causos, tem condição de se sustentar quando se compreende a conjuntura social, perpassada pelos costumes e valores da rusticidade goiana. Esse cenário desempenhou um papel fundamental, atuando desde a formação até a consolidação e posterior reconhecimento artístico. Entretanto, para uma compreensão sobre o

fator preponderante para que a comunidade bela-vistense tivesse tamanha aceitação para com os gêneros da narrativa artesanal, especialmente os causos, torna-se válido considerar que o envolvimento com o vasto universo cultural não se constituiu como um fator específico da região. O fenômeno da circulação dos gêneros artísticos e culturais da oralidade, contos, causos, anedotas, cantigas populares e histórias tradicionais circularam com muita intensidade no decorrer do processo histórico pelos mais diferentes rincões deste país. Essa longevidade favoreceu sua forte inserção na sociedade brasileira no transcorrer do século XX.

Desde o período colonial, o Brasil se deparou com um processo de circularidade cultural acerca da contação de histórias. Em decorrência do modelo de colonização implementado pela corte portuguesa, caracterizado pela escravidão das camadas subalternas, povos originários e os negros do continente africano, houve uma série de conflitos e resistências inerentes a este processo. Porém, ao mesmo tempo, ocorreram relações e interações sociais tendo sido construídas a partir da imposição do modelo colonial. Nessa conjuntura, tanto os povos originários quanto os negros escravizados tiveram, na oralidade, um instrumento fundamental de construção e de socialização de saberes. A partir desses contatos, forçados ou mesmo estratégicos, na tentativa de sobreviver à violência do projeto colonial, construiu-se uma teia de histórias tradicionais dentro do vasto território brasileiro.

Por meio da teia e das relações socioculturais de diferentes povos e, consequentemente, diferentes culturas, histórias indígenas passaram por processos de ressignificação, inserindo-se em outros espaços sociais, fenômeno parecido ocorreu com as histórias e com os contos tradicionais oriundas do continente africano. Não menos importante, o mesmo fenômeno da circularidade esteve presente na introdução e na consolidação das histórias e romances portugueses/europeus, circulando e sendo ressignificado por outros segmentos da sociedade. Refletindo sobre todo esse processo, com ênfase nos contos tradicionais, Mattos e Ino Sorsy consideram:

> Os contos tradicionais, cuja origem parece encontrar-se nos mitos primitivos, que por muitos séculos orientaram os homens em sua busca de conhecimento do cosmo e de si mesmos, não são obra de um só autor. Resultam da produção coletiva de um povo que os cria a partir das representações de seu imaginário coletivo e, ao mesmo tempo, encontra neles o alimento para nutrir esse mesmo imaginário (2009, p. 2).

Seguindo a consideração das autoras, entende-se que os contos tradicionais têm uma relação muito próxima dos mitos primitivos, originando-se, possivelmente, dos mitos e tendo, historicamente, uma função de oferecer conhecimento não somente a um indivíduo, mas a toda

coletividade. Quando se analisa mais detalhadamente a formação do Brasil colonial, não desmerecendo todo o processo de exploração e violência a qual foram submetidos os povos originários e os negros ao longo de quase quatro séculos, compreende-se que essa formação esteve caracterizada pela diversidade de povos, de culturas, costumes, valores e de saberes tradicionais. Recebendo a influência de Gilberto Freyre[168](2006), Cascudo (1984) constata o entrelaçamento de toda essa diversidade sociocultural nas histórias tradicionais circulando no Brasil durante o período colonial e imperial:

> Por intermédio dessas negras velhas e das amas de menino, histórias africanas, principalmente de bichos – bichos confraternizando com as pessoas, falando como gente casando-se, banqueteando-se – acrescentaram-se às portuguesas, de Trancoso, contadas aos netinhos pelos avós coloniais – quase todas histórias de madrastas, de príncipes, gigantes, pequenos-polegares, mouras encantadas mouras tortas (1984, p. 154).

Cascudo apresenta dois segmentos fundamentais para a difusão dos gêneros da Literatura oral no Brasil: em um primeiro momento, faz referência ao papel desempenhado pelas mulheres negras escravizadas, responsáveis pelo cuidado e educação dos meninos brancos. Por meio desse contato, elas transmitiam muitos valores e costumes culturais do continente africano. Entre esses valores, destacam-se as histórias tradicionais trazendo, como tema central do enredo narrativo, o estreitamento de laços entre humanos e animais. Na sequência, Cascudo (1984) menciona a tradição portuguesa transmitida de geração em geração, e que encontra representação na prática de se contar as famosas histórias de Trancoso. Geralmente, nessas histórias, em detrimento da relação entre seres humanos e animais, as narrativas apresentavam humanos dotados de poderes sobrenaturais, a exemplo de príncipes, princesas, reis, rainhas, homens enfeitiçados tornando-se ogros, e assim por diante.

A compreensão sobre a importância da cultura oral passa pelo entendimento de que contar e ouvir histórias no Brasil se constituiu como valor cultural histórico, transmitido de geração em geração. Por isso mesmo, esteve presente no cotidiano de diferentes segmentos da sociedade; indígenas, negros, portugueses e seus descendentes. Logo, as histórias tradicionais, os contos, os causos e as anedotas passaram por incontáveis processos de ressignificação, transmitidas entre as gerações. Permanecendo na condição de um valor cultural, os gêneros da

[168] Por mais que seja necessária uma ressalva, observando-se o contexto da escrita, não pode passar despercebido o fato de que, na tentativa de convencer a respeito de que a colonização portuguesa teria sido a melhor possível para os trópicos, Gilberto Freyre continua sendo um dos principais estudiosos tanto da inserção quanto da consolidação dos valores culturais do continente africano no Brasil. Entre os livros de Freyre, *Casa Grande & Senzala* é aquele que adentra mais intensamente na contribuição cultural negra para a formação do país.

narrativa artesanal conseguiram adentrar com muita intensidade em um contexto mais recente, inserindo-se em diferentes espaços. Entre estes, ressalta-se o espaço de vivência e convivência de Geraldinho, reiterando a grande roça goiana. De acordo com Borges:

> Os (causos) têm sua origem no Brasil Colônia e são influenciados pela face popular da cultura oral vinda de Portugal e África. Portanto, no Brasil sertanejo o causo se tornou representação da cultura luso e africana, que integrados aos costumes locais (Sertão goiano) constitui elemento do mundo da Fazenda-roça goiana. Nesse mundo, casos viram causos; causos tornam-se estratégias educativas e ideológicas e a vida segue sob o efeito dessa cultura oral, não ingênua (2016, p. 112).

É possível ter uma dimensão melhor sobre o enraizamento histórico da oralidade na formação sociocultural do Brasil, quando os causos aparecem como um dos gêneros mais importantes, seguindo as orientações de Borges (2016). Por exemplo, a dimensão de que os causos são a face popular da cultura oral, constitui-se como uma questão fundamental para os propósitos desta pesquisa, isso porque a dimensão histórica impossibilita a construção de uma leitura equivocada, apresentando Geraldinho na condição do primeiro contador de causos de Goiás. A presente pesquisa procura evidenciar justamente o contrário, ou seja, defende a tese de que Geraldinho Nogueira, na realidade, continuou uma longínqua tradição de possibilitar o encantamento por meio da palavra. Conforme observado, a tradição oral acompanha a própria formação cultural do país e não foi diferente na questão envolvendo o estado de Goiás.

Com base no entendimento de Geraldinho como alguém que ofereceu continuidade a uma longínqua tradição, sem tê-la inventado, torna-se importante entender quais foram as influências marcantes na formação artística e cultural do contador de causos bela-vistense. No primeiro momento, constata-se que os causos partem de um seguinte princípio, o de estarem adornados por acontecimentos do cotidiano. Nesse sentido, os personagens principais do enredo são indivíduos reais ou imaginários do cotidiano rural. A constatação do enredo tecido no cotidiano não oferece condições de assegurar uma excepcionalidade. Caminha ao encontro do *modus operandi* dos causos de uma forma em geral. Fazendo uma análise comparativa, Matos e Inno Sorsy (2009) realizam uma distinção entre causos e contos. Na perspectiva das autoras, diferentemente dos contos, que contêm um caráter mais universal, os causos estabelecem uma relação muito direta com alguma realidade local ou regional:

> Os causos são como a cantoria de um povo, que afina e desafina. Eles mostram as grandezas, as sabedorias, as bizarrices, as ingenuidades, as graças e as desgraças, enfim, tudo isso que de metafísico nada tem, é o dia-a-dia acontecendo e as pessoas acontecendo nele. Falando, pensando, fazendo. Eles

> são isso: a pura vida que, entra ano, sai ano, vai dando assunto para conversar. Os causos são como unidades que guardam numa gaveta para o caso de uma precisão. Eles refletem o que há de mais terreno da experiência do povo de uma comunidade. Relevante nos causos é esse poder que eles têm de nos fazer sentir cúmplices, partícipes da vida de um grupo. Frutos de uma mesma árvore, como uma família. Eles ajudam na construção de nossa identidade regional (2009, p. 124-125).

A consideração das autoras reforça a tese defendida anteriormente, corroborando a ideia de que o causo é um gênero da literatura oral, construído a partir dos valores e dos costumes de uma determinada localidade. Por meio das experiências individuais ou coletivas, das aventuras e desventuras dos indivíduos, o contador/narrador se depara com uma matéria-prima rica para a construção do enredo narrativo. Um outro fator é que as pessoas do cotidiano são justamente aquelas que serão ou foram transformadas em personagens pelo narrador, fator aproximando ainda mais a arte do tecido social. A aproximação entre a arte e a vida das pessoas, fazendo todo o sentido para os indivíduos, seguindo a orientação de Matos e Inno Sorsy (2009), constitui elementos da identidade regional.

Anteriormente, foi mencionado que os personagens, geralmente, são as pessoas que estabelecem relações com o narrador, principalmente porque os fatos e acontecimentos tecidos no enredo são retirados destas relações sociais. Esse ponto sobre o personagem é interessante. Quando se analisam os causos de Geraldinho, não se identifica, no personagem principal, um elogio acerca da habilidade vitoriosa, ou mesmo a apresentação de grandes feitos e conquistas, pelo contrário. O personagem dificilmente consegue sair vitorioso das “batalhas” que aparecem pela frente. A característica mais elementar está, justamente, na inabilidade para resolver ou contornar os problemas, mesmo aqueles que parecem muito simples de serem solucionados.

Em detrimento da conquista, da vitória ou mesmo da solução diante dos embaraços, o personagem construído por Geraldinho será lembrado pelas inúmeras derrotas acumuladas ao longo da vida. No entanto, refletindo sobre o teor cômico do enredo, percebe-se que são justamente essas derrotas os fatores carregados de comicidade, constituindo-se como uma das características mais marcantes dos causos. Por isso, a partir dos infortúnios, a inabilidade do personagem permanece muito ativa no imaginário das pessoas entrevistadas. Sobre a falta de capacidade dos personagens para contornar os problemas, o senhor Altamiro fez a seguinte observação:

> E os próprio causo que ele fala na televisão foi (...). E ele conta do jeitin que ele era memo, porque ele nunca levô vantage num causo, ele sempre levava desvantage memo no causo. Porque tem muita gente que quê aparecê e pega

> e fala: “Eu fiz assim, e tal”. E ele não, ele sempre ia por baixo sô. Tombava pra frente e ele sempre contava aquilo daquele jeito.

No cotidiano da roça, um dos valores mais marcantes para as pessoas estava no fato de o indivíduo ser interpretado como alguém humilde. A humildade, a honestidade e a própria disposição para o trabalho tinham uma enorme aceitação. Do outro lado, o indivíduo que gostava de se gabar dos seus feitos, das suas conquistas, geralmente não estabelecia uma relação mais adequada com os pares. Poderia ser considerado alguém mentiroso ou simplesmente “vantageiro” e, sendo lido e interpretado desta forma, a teia da sociabilidade ficaria seriamente comprometida. Geraldinho tinha a plena dimensão de que os personagens seriam mais bem aceitos pelos ouvintes quando estivessem carregados de valores e costumes da roça goiana.

Ademais, a desvantagem de um personagem, impossibilitado de resolver os problemas, revela muito mais elementos cômicos do que narrar o enredo de alguém que, em praticamente todas as situações, estava sempre levando vantagem. A característica marcante nos causos de Geraldinho está muito distante de ser uma coincidência, mas constitui-se como uma construção racional e, por isso mesmo, planejada e idealizada para ser desse modo, idealizada para que personagem não leve vantagem em nenhuma situação. De forma muito parecida com o relato anterior, Dorvalina considerou: “É, eu tava falano, ele nunca levava vantage. Não, era tudo quanto há dele, era só desvantage que ele levava”. Na mesma esteira, o senhor Justiniano advertiu: “Ele contava as história dele, mais aquilo era mentira dele, era causo. Igual o menino[169] está lembrando aqui, ele nunca contava um causo que ele levava vantage, ele só levava chumbo (risos)”. As observações, que caminham no mesmo sentido, têm uma enorme relevância para os propósitos desta pesquisa, já que possibilitam elaborar uma análise comparativa entre os causos de Geraldinho, com alguns contos e histórias tradicionais no Brasil.

Sobre os desdobramentos míticos presentes em vários contos e histórias tradicionais, indígenas, africanas e europeias, enfatizando a possibilidade da relação ou interação humana com seres míticos e outras questões sobrenaturais, quando observados nos causos de Geraldinho, percebe-se que os enredos não seguem essa tendência, pelo menos não como uma diretriz mais geral. Somente em situações muito específicas o personagem estabelece, ou melhor dizendo, procura estabelecer uma relação mais estreita com algum ente sobrenatural. Quando o fenômeno ocorre, constata-se uma influência do catolicismo popular na construção e comunicação do enredo narrativo. Nos causos, a inserção dos santos católicos está condicionada aos momentos no qual os personagens se deparam com desdobramentos que, humanamente,

[169] No momento da entrevista, o senhor Justiniano estava acompanhado de um dos seus filhos.

pareciam impossíveis de serem solucionados. Dificuldades de tamanha monta até mesmo para um personagem moldado para não resolver os problemas inerentes do cotidiano.

Um exemplo da manifestação de traços do catolicismo popular pode ser encontrado no mais famoso enredo de Geraldinho Nogueira. Reiterando *O Causo da Bicicleta.* No enredo, especialmente em duas situações, diante da necessidade de evitar um terrível acidente, podendo colocar a vida do protagonista em risco, o personagem, percebendo a incapacidade de controlar a nova aquisição, não exercendo um controle pleno sobre a bicicleta, não teve nenhuma dúvida, convocou todos os santos possíveis para poderem contornar aqueles momentos embaraçosos. Na sequência, recortes do *O Causo da bicicleta.* O recorte aparece como uma evidência tanto da presença quanto da influência do catolicismo na construção de alguns enredos.

> (...) E lá embaixo, tinha um lote fechado de arame, rapaiz. A valência que era um aramim antigo, ferrujado. Ela (bicicleta) maicô no arame. Eu pelejei pá ela vim pu mei da rua, mais queria que ela viesse era tudo, não sabia que tinha que intortá o pescoço (guidão) dela não. E ela inquexô no rumo do arame. E eu tô pelejano, tô pelejano, quando eu vi que nóis ia no arame memo. Aí eu lembrei, mínimo: "Ah, eu vejo o povo falá que santo acode a gente, agora só aborrecendo ese, que se não morre memo". Aí eu gritei um santo, ele num tava em casa, gritei oto, ele tava acudino oto pota banda, até que eu gritei um mais graduado, mais aí já tava chegano no arame. Aí, quando eu vi que ia (bater no arame), manei: "Mais eu vou aprumá, que eu bato o istamo e caio de costa". Quando eu aprumei rapaiz, o rodero didante dela tamém levantô e tááááááá. Nóis vazô. O santo num pode pará ela pra mim, mais ajudô a tora o arame pá nóis passa (...) Quando eu desacupei desse aranzé lá embaixo, eu num fiquei sabendo o cualé que me acudiu, que eu chamei ese tudo. Aí eu agadeci ese tudo, teve bão (...) Aí nóis ia chegano no mata-burro, manei: "Mais ali nóis vamo marrotá, e eu disocupo a mão pá acudi[170]". E ela passo que nem incosto rapaiz, quando eu vi que ela passô no mata-burro rapaiz, eu já gritei o santo que ajudô a cortá o arame lá pá mim, pá me dá uma cambota, pá mim desocupá a mão pá acudi poque tava dueno. Ele não pode pulá adiante, que se não iá machucá ele. Mais, ele ajudô apontá ela num cupim que tinha na beira do camim. Acho que ele ficô duma banda e deu um impurrãonzim no rumo do cupim[171] (...).

Nas duas ocasiões, constata-se que o santo católico teve uma função primordial para amenizar as dificuldades enfrentadas pelo personagem. Em decorrência da situação, principalmente, no primeiro momento, quando a proximidade com a cerca de arame acarretava preocupações, o personagem não teve nenhuma dúvida, recorreu a todos os santos que

[170] Na ocasião, o personagem estava com um cigarro de papel na boca. Entretanto, pelo fato de a bicicleta estar numa velocidade inimaginável, não teve condições de retirar uma das mãos do guidão para desgrudar o cigarro preso no lábio. Diante da situação embaraçosa, imaginou que o mesmo santo que tinha contribuído para o rompimento do arame poderia ajudá-lo provocando a queda da bicicleta. Com a queda, teria condições de retirar o cigarro grudado no lábio. O cigarro, conforme fica perceptível no causo, queimava impiedosamente sua boca.
[171] Recortes de *O causo da bicicleta*.

permeavam o imaginário dos moradores da roça goiana para socorrê-lo. Pelo fato de a quantidade de santos ser grande, procurou recorrer a todos aqueles que conhecia. No momento de agradecer, sem saber ao certo qual teria sido o santo "milagreiro", acabou agradecendo a todos. Essa relação do personagem com os santos possui enorme relevância, principalmente quando se entende que, no cotidiano da roça, recorte para o contexto de vivência de Geraldinho, a presença das religiões protestantes não se fazia sentir intensamente no território. Diante desse fenômeno, a relação dos atores com as divindades do catolicismo constituía-se como um elemento indissociável da vida.

Para cada situação, desde um cisco no olho, livrar-se de ser ofendido por uma cobra, socorrer um animal de estimação de alguma moléstia, recuperar-se de alguma enfermidade, entre inúmeras outras situações, existiria sempre um santo ou uma santa do catolicismo que, no imaginário popular, reuniria condições de resolver desde os problemas mais corriqueiros até aqueles mais complexos. Geraldinho trouxe a tradição cultural e religiosa para dentro de alguns dos enredos. Em outras narrativas, com destaque para *O causo do rádio*, também introduziu elementos do catolicismo. Contudo, nessa ocasião específica, a relação do personagem esteve distante de ter sido direta como ocorreu no *O causo da bicicleta*, visto que não foi beneficiado por nenhuma intervenção sobrenatural. Na situação de *O causo do Rádio*, o personagem depara-se com a devoção de um senhor antigo, pequeno fazendeiro, do meio rural bela-vistense. Tendo uma condição financeira privilegiada, se comparada aos demais atores da região, o fazendeiro, apresentado na condição de um indivíduo muito sistemático e interesseiro, tinha conseguido adquirir a novidade da época. Os relatos sobre a chegada do aparelho de rádio despertaram a curiosidade dos demais moradores da região do Barro Amarelo e do Aborrecido, ansiosos para conhecerem a nova invenção do momento.

Pelo fato de o rádio ser uma novidade na primeira metade do século passado, muitas pessoas, no dia de domingo, foram até a casa do fazendeiro devoto com o intuito de conhecer a nova invenção. Não menos importante, além de conhecer, tinham como objetivo ouvir uma boa moda de viola caipira. No entanto, os acontecimentos que se sucederam estavam distantes de atender aos anseios tanto do personagem quanto dos demais companheiros presentes no recinto. Diante da falta de habilidade tanto do proprietário quanto da sua esposa para manusear o rádio, em detrimento das músicas caipiras, a frequência acabou sintonizando em uma missa. Quando ouviu a voz do padre, o anfitrião deixou de lado tudo o que estava fazendo para ajoelhar-se diante do rádio e iniciar suas preces. Como consequência da situação inusitada, as pessoas presentes no recinto viram-se na necessidade de imitarem o gesto do senhor devoto:

> (...) Rapaiz, e ele deslizô dos caipira e ingarupô numa missa, rapaiz. E o véi era daquese devoto antigo, quando o pade raió lá dentô daquele caxote, ele barreu o juei lá diante. Aí nóis foi obrigado a jugá o chapéu de costa e jueiá tamém. E eu não sei o quê que tinha infezado esse pade esse dia rapaiz. E ele tirava uma meia hora pá rezá e uma meia hora pá daná cum nóis, rapaiz. Eu fui infezano caquilo. Mais eu nunca vi esse homi, e ele daná cum nóis desse jeito. Esse homi tá é loco[172] (...)

Diferentemente da condição do *O causo da bicicleta*, quando o personagem, até mesmo pela situação desesperadora no horizonte, demonstrava muita fé no poder de intervenção dos santos católicos. Nessa ocasião envolvendo o rádio, o personagem se sente muito incomodado com a presença do representante da divindade religiosa na terra. Entre outros fatores, além da aspereza, o padre estava atrapalhando o objetivo primordial da visita, ou seja, o desejo de ouvir algumas modas de viola caipira. Mesmo com o desconforto, incomodado com os sermões intermináveis do padre, que nem sequer os conhecia, constata-se, mais uma vez, a presença de valores do catolicismo no enredo narrativo, identificada não somente na devoção do proprietário, tendo sido o primeiro a varrer o joelho no chão, mas porque o gesto foi acompanhado por todas as outras pessoas que estavam no interior da casa.

No início do enredo, Geraldinho deixa evidente a quantidade grande de pessoas que estavam no recinto para conhecerem tanto o rádio quanto ouvirem as músicas caipiras: "(...) Aí, cedin, nóis bebeu o café, eu fui fazeno o pito pelo camin, era perto, nóis chegô logo. Quando nóis chegô já tinha umas quinze pessoas lá, rapaiz. O povo num conhecia, aquilo frivia lá pá iscutá[173] (...)". Quando o rádio sintonizou justamente na missa, todos os presentes ajoelharam-se para ouvir os sermões do padre. Por exemplo, se não houvesse uma presença do catolicismo no cotidiano, mesmo caracterizando uma indelicadeza por parte das pessoas, provavelmente os indivíduos não acompanhariam o gesto do proprietário, retirando-se do interior da residência. No entanto, a possibilidade apresentada não se efetivou. O motivo de não terem se retirado não foi uma demonstração de respeito e admiração pelo proprietário. Aliás, o fazendeiro estava se valendo da curiosidade dos demais para obter um benefício financeiro, cobrando quinhentos réis por cada pessoa. Nesse sentido, ajoelharam-se, mesmo contrariados, como uma forma de respeito ao padre, um respeito à presença da tradição católica na região.

Durante a pesquisa de campo, muitas pessoas mencionaram que Geraldinho tinha muito respeito pela religião católica. Na sua residência, com mais frequência na região do Nuelo, de acordo com alguns interlocutores, constituía-se como algo corriqueiro o fato de

---

[172] Recorte de *O causo do rádio.* O causo faz parte do segundo volume do espetáculo *Trova, Prosa & Viola.*
[173] Idem.

pessoas da redondeza se reunirem para rezarem um terço no período noturno. Quando, por algum motivo, pessoas da comunidade não conseguiam estar presente, o próprio núcleo familiar se reunia para fazer as orações. Nas palavras do senhor Roberto: “Era, ele era religioso. Ele gostava sempre que nóis reunia. Tinha dia que nóis reunia assim. Tinha dia que nóis reunia lá de noite, tinha que rezá o terço cantado (risos). Na própria casa. Reunia e rezava o terço”. Outras pessoas fizeram considerações semelhantes. Referência ao senhor Manoel: “Muito, muito religioso. Inclusive, ele era religioso demais. Na casa dele rezava terço quase direto”.

A partir da relação estreita com os elementos do catolicismo popular, tais como as novenas e a Folia de Reis, algumas pessoas entrevistadas disponibilizaram fotos de Geraldinho participando de manifestações festivas/religiosas. Essa participação não teria ocorrido somente na região de origem, mas em outros espaços também, especialmente no interior do estado de Minas Gerais. Nesse sentido, destaca-se o envolvimento com os batizados de crianças na igreja Católica de Bela Vista de Goiás, assim como a referência à participação efetiva à frente da Folia de Reis da Boa Vistinha[174]. Na sequência, algumas fotos que apresentam um pouco da relação do contador de causos com as manifestações religiosas supracitadas.



Figura 33. Geraldinho, segundo da direita para a esquerda, com a viola na mão. Na ocasião, viajava para a cidade de Frutal/MG para participar de uma Folia de Reis. A foto data do ano de 1964.
Fonte: *Álbum de família*. Foto: Meire Ribeiro.

[174] Embora não seja o objetivo da pesquisa, é válido ressaltar a importância de Geraldinho para a Folia de Reis da Boa Vistinha. Dentre as muitas funções desempenhadas, tais como folião e embaixador, acabava sendo muito requisitado por pessoas de outras localidades para conduzir e coordenar a manifestação religiosa. *A figura 34* e *35* evidencia um pouco desta relevância, retratando uma viagem em direção à cidade de Frutal-MG.



Figura 34. Geraldinho Nogueira, da direita para a esquerda, é o quinto de pé. Na foto, aparece segurando uma viola. Viagem em direção à cidade de Frutal-MG. Fonte: *Álbum de família*.
Foto: Meire Ribeiro.



Figura 35. Geraldinho, no centro da imagem, participando de uma Folia de Reis.
Fonte: *Álbum de família.* Foto: Meire Ribeiro.

A compreensão desse envolvimento com o catolicismo popular, desde a prática recorrente da reza do terço na residência, passando pela designação de embaixador na Folia de Reis, até as constantes viagens pelo interior do estado de Minas Gerais torna-se uma questão importante de ser ressaltada, principalmente porque reforça uma das teses levantadas nesta pesquisa, a saber, de que os causos de Geraldinho Nogueira trazem e apresentam inúmeros valores rústicos do cotidiano vivenciado e experienciado no decorrer da longeva trajetória de vida. Nesse sentido, na arte de construir e comunicar causos, talvez, mais do que as grandes

tradições africanas, indígenas e portuguesas que marcam presença nas narrativas orais, desde o processo inicial da colonização no Brasil, as referências mais habituais utilizadas para construir o enredo narrativo estiveram muito mais condicionadas aos valores e aos costumes da rusticidade.

As referências para se tornar contador de causos, embora provavelmente trouxesse elementos das grandes tradições, estavam muito mais próximas do cotidiano, circulando quase sempre por perto do espaço de vivência e convivência. Contudo, ao mesmo tempo que se constata a proximidade, quando se observa a relação da comunidade com os causos, é possível assegurar que essa relação, sem ser contraditório, também estava permeada por toda uma historicidade. A compreensão do enraizamento dos causos tradicionais na região possibilitará, entre outras questões, um entendimento da própria formação de Geraldinho Nogueira na condição de um contador de causos. Oferecerá condições de entender o processo de aceitação da comunidade de ouvintes quando se deparou com as primeiras "apresentações" do narrador bela-vistense.

Por último, mas não menos importante, será possível compreender o processo de formação do narrador, observando, por exemplo, quais foram os seus mestres, o histórico de construção dos enredos narrativos, apresentando alguns dos companheiros da região que, diante da capacidade artística, foram transformados em personagens. Na próxima seção, a ideia de um terreno fértil, tendo oferecido todas as condições para a formação do contador de causos, será mais bem apresentada. Porém, antes de trilhar por esse caminho, convém reiterar que as influências que incidiram sobre Geraldinho tiveram, nos valores rústicos da roça goiana, os vetores essenciais. As influências, conforme mencionado, na maioria das situações estiveram por perto, proporcionando tecer o enredo a partir das ações e das situações inerentes ao cotidiano.

Entretanto, ao mesmo tempo, os valores da roça goiana tinham sua própria historicidade, remontando à segunda metade do século XVIII, constatação última influenciada nas considerações de Júlio Borges (2016). Nesse sentido, a arte de contar causos, de deixar-se encantar pelo poder da palavra, pelo lado épico da verdade, conforme defende Walter Benjamin (2012), foi sendo transmitida de geração em geração na região bela-vistense. A partir da transmissão histórica, ultrapassando diferentes temporalidades, os causos alcançaram intensamente o século XX, tendo encontrado, na capacidade artística e cultural de Geraldinho Nogueira, uma das suas mais bem acabadas representações.

5.3 A participação dos ouvintes na formação do contador de causos: Geraldinho e a comunidade narrativa[175]

> Entre os ouvintes e os narradores, nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve ser reproduzido. O narrador é um mestre do ofício de se entregar a uma experiência profunda, de penetrar na natureza das coisas, de carregar de sentido os fatos narrados, imprimindo a sua memória para cunhar o jeito de transmiti-los e fazer com que a narrativa também se imprima e se construa no ouvinte. O ouvinte por sua vez, toma a narrativa como um fio condutor por onde sua memória trabalha e reconstrói a sua própria história. As imagens evocadas através da narrativa sugerem novas imagens que repercutem no outro e puxam outros fios que tecem novas histórias, tanto para o que ouve, quanto para o que narra (BEDRAN, 2010, p. 74).

No âmbito da intelectualidade brasileira, um dos mais importantes estudiosos dos gêneros da literatura oral é, sem dúvida alguma, o folclorista Camara Cascudo. No decorrer de sua trajetória intelectual, Cascudo trouxe à temática da cultura popular, ou, mais precisamente, do folclore nacional para dentro de suas pesquisas. Assim sendo, procurou ressaltar o quanto os valores tradicionais/populares foram importantes na construção da sociedade brasileira. Logo na introdução do clássico livro *Literatura Oral no Brasil,* apresenta uma constatação importantíssima sobre o *modus vivendi* das primeiras décadas do século XX, demonstrando que os valores, no respectivo contexto, estavam pautados em uma estrutura agrária que remontava aos períodos de antanho:

> A vida nas povoações e fazendas era setencentista nas duas primeiras décadas do século XX. A organização do trabalho, o horário das refeições, as roupas de casa, o vocabulário comum, os temperos e condutos alimentares, as bebidas, as festas, a criação de gado dominadora, as superstições, assombros, rezas-fortes estavam numa distância de duzentos anos para o plano atual (1984, p. 15).

A constatação de Cascudo refere-se ao modo de vida de parte considerável da sociedade brasileira do início do século passado. O autor destaca os povoados e as fazendas, orientados, sem grandes alterações, sob os valores e os costumes inerentes ao século XVIII. Na conjuntura de Goiás, tendo como referência Borges (2016) e a tese da formação sociocultural, passando, essencialmente, pela fazenda-roça goiana, percebe-se que esta estrutura agrária,

[175] A perspectiva de uma comunidade narrativa está presente no livro de Francisco Lima, intitulado *Conto popular e comunidade narrativa.* Nessa abordagem, a comunidade narrativa está associada ao processo de participação dos ouvintes na própria construção do enredo e, consequentemente, no oferecimento de condições para que o narrador fizesse circular a arte narrativa. A partir da ideia de comunidade, os ouvintes não somente acompanhavam os causos, os contos e as histórias tradicionais, mas participavam ativamente de todo o processo criativo.

caracterizada nos valores da roça, permaneceu de maneira muito efetiva no território goiano até algumas décadas depois da segunda metade do século passado. Logo, não seria exagerado afirmar que, nas primeiras décadas do século XX, a vida da maioria das pessoas, no território goiano, seguia valores e costumes de séculos precedentes. Observando a influência desta estrutura agrária e, ao mesmo tempo, conservadora, Lena Freitas descreve o cotidiano social da seguinte maneira:

> Muito trabalho e árdua rotina, ajustados às estações climáticas, às chuvas e à seca. Poucos eram os excedentes obtidos, nesse modus vivendi que desconhecia o supérfluo e até mesmo o conforto, sem veleidades de requinte e de luxo. Na construção das casas, na confecção das vestimentas, na elaboração dos alimentos e na utilização de tecnologias rudimentares, empregaram-se recursos naturais locais, laboriosamente cultivados ou artesanalmente trabalhados. O lazer resumia-se a serões e conversas entre familiares e amigos, raros bailes e folguedos, uma que outra seresta e, por vezes, alguma leitura edificante (2011, p. 61).

O cenário descritivo apresentado por Freitas (2011), conforme pode ser identificado nos capítulos anteriores, diz muito a respeito da vida de Geraldinho Nogueira no transcorrer do século XX. Apesar de as transformações começarem a se fazer sentir no território goiano no supracitado contexto, tais como a chegada da Estrada de Ferro no Sudeste do estado, e a construção de Goiânia algumas décadas depois, identifica-se uma permanência significativa no *modus vivendi* da maioria da população. Esse modo de vida estava centrado na continuidade dos valores tradicionais. Na concepção da autora, perante uma conjuntura muito desfavorável, caracterizada no labor constante das camadas empobrecidas, os momentos de lazer e diversão passavam, quase inteiramente, pelas rodas de conversa envolvendo amigos e familiares.

Tal leitura revela a permanência dos valores e dos costumes culturais, estando presente na leitura de Freitas (2011), que se refere a Goiás, assim como na análise abrangente de Cascudo (1984), afirmando que o cotidiano nas fazendas do início do século passado "reproduzia" o modo de vida do século XVIII. Ressalta-se a consideração do autor sobre a permanência de um vocabulário em comum no decorrer do processo histórico, identificando muita semelhança na maneira no qual as pessoas se comunicavam no Setecentos, ressaltando questões fonéticas e dialetais do modo como os indivíduos se comunicavam, ênfase para as populações interioranas, distantes dos grandes centros urbanos, nas primeiras décadas do século XX. Constata-se, desse modo, a permanência de uma linguagem "em comum" naquelas regiões que receberam maior influência da estrutura agrária.

Guardadas todas as proporções, o vocabulário Setecentista caminha ao encontro da maneira especial[176] que Geraldinho Nogueira se comunicava. Sobre a linguagem, tanto do cotidiano quanto dos causos, Sousa e Lima tecem algumas considerações: "Muitos fenômenos observados no dialeto caipira dos causos de Geraldinho não são específicos da atualidade e nem característica apenas do falar rural, mas resultaram do encontro multilíngue dos nossos antecedentes (2019, p. 73). Por meio da consideração das autoras, existe a constatação da influência dos antepassados na maneira com que Geraldinho se comunicava, entendendo o dialeto como o resultado de todo um amálgama cultural. Por exemplo, inúmeras palavras presentes no vasto vocabulário de Geraldinho, oferecendo-lhe uma maneira de se expressar típica da cultura caipira, estão diretamente ligados à forma da qual a sociedade goiana se valeu para se comunicar ao longo do processo histórico. Quando faz referência ao dialeto caipira, Santos (2004) menciona que o dialeto está presente no território goiano desde o início do século XVII, tendo se disseminado a partir deste contexto:

> Dessa forma, no que concerne às variedades não-padrão de Goiás, especialmente as rurais (dialetos caipiras/falares rurais), estas originaram-se dos "dialetos dos bandeirantes" (dialetos crioulos de base portuguesa arcaico-tardia). Ou seja, para essa perspectiva, as variedades rurais de Goiás, objeto da presente análise são subdialetos da LP (Língua Portuguesa) (...) Nessa perspectiva, a formação de dialetos é um fenômeno natural e espontâneo ao desenvolvimento de qualquer língua, obedecendo às regras, e às necessidades dos grupos de falantes (2004, p. 59).

No entanto, a partir da segunda metade do século XX, impulsionadas pelas transformações presentes no território goiano, urbanização e industrialização, advento dos recursos tecnológicos, o uso da linguagem caipira passou a pertencer quase exclusivamente às

[176] Durante a pesquisa de campo, as pessoas procuraram apresentar algumas características do amigo contador de causos. Nas conversas, foram feitas alusões à vestimenta, tais como, a botina desgastada pelas ações do tempo, a calça de algodão costurada por Dona Pretinha, o chapéu de feltro surrado pelo uso longo e frequente, e assim por diante. No mesmo sentido, destacaram o modo lento de caminhar pela redondeza, parecendo que o tempo não exigia dele muita pressa. Também se perceberam considerações sobre a inimitável gargalhada. Enfim, foram apresentadas algumas características que, supostamente, diferenciavam-no dos pares. No entanto, quando existe uma comparação da fala de Geraldinho, perceptível no momento que estava contando os causos ou conversando com Hamilton Carneiro, não é possível perceber nenhuma diferença quando se compara com o modo de comunicação de parte considerável das pessoas do meio rural bela-vistense. As falas, no tempo presente, continuam permeadas pelo dialeto caipira, remontando a um português mais rústico. Nesse sentido, a referência de que Geraldinho falava engraçado não está vinculada à existência de um dialeto distante dos pares. A maneira engraçada diz respeito ao fato de que falava lentamente, demonstrando não ter muita pressa para fazer com que as sílabas do dialeto caipira deslizassem entre os lábios. Um outro fator, as pessoas fizeram questão de ressaltar o quanto Geraldinho tinha um timbre de voz muito forte, não sendo "muito compatível com o seu tamanho". Um homem de baixa estatura com um "vozeirão" não deixava de ser uma atração à parte. Especial, neste sentido, refere-se à forma, à maneira, não ao conteúdo da fala.

comunidades mais diretamente influenciadas pelos valores rústicos e tradicionais[177]. Entre as regiões nas quais o dialeto caipira continuou moldando o modo das pessoas se comunicarem umas com as outras, destaque para o meio rural bela-vistense. Na região, não tendo ficado imune às transformações em curso, o dialeto ou o falar rural encontrou melhores condições de permanecer circulando. Entende-se que as transformações modernizantes não foram suficientes para desestabilizar a circulação do dialeto, tendo permanecido muito influente na região, influência perceptível até os dias atuais.

Em decorrência da criatividade artística de Geraldinho, torna-se mais prudente acreditar que tenha inventado algumas palavras. A invenção objetivava deixar os causos mais engraçados, reforçando uma afirmação ou sentimento aqui, rebaixando um outro acontecimento acolá, e assim por diante. No entanto, seria desonesto afirmar que inventou um dialeto novo, um dialeto geraldiano. Mesmo na condição de uma hipótese, a perspectiva de um dialeto novo não tem condições de se sustentar. Não se sustenta porque a invenção de um novo dialeto impossibilitaria a comunicação com a comunidade narrativa. Procurando evidenciar o quanto procurou utilizar os valores dos antepassados para a construção dos enredos, na sequência haverá a inserção de algumas das palavras utilizadas frequentemente por Geraldinho nos causos. Porém, estas mesmas palavras faziam parte das conversas corriqueiras com os amigos e companheiros do cotidiano:

> Butucô, topada, esfolô, pirringuiça, cramura, manei, repasse, espia, dificuldade, aranzé, pareia, guampin, puído, aninhava, giriça, valença, trapaiô, luitano, anelâ, aterrizá, descambadinha, arterano, agraduado, guspo, istamo, beiço, maçaroca, inlerava, tipi, desacussuá, maicô, muxirão, vespa, venta, soquinha, arreuni, aluí, saroba, mió, ocado, fradiano, leremo, erado, mascano, muleque, tafuiei, trucia, delatô, pampero.

Por meio da citação, resultante da seleção de algumas palavras pertencentes a dois enredos narrativos, *O causo do osso* e o *Causo da bicicleta,* identificam-se algumas características mais elementares do dialeto caipira, com destaque para a abreviação de algumas palavras e a substituição de consoantes por vogais. Quando as palavras são apresentadas isoladamente, sem contexto, possivelmente, existe uma certa dificuldade de compreensão do significado e do sentido que procuram expressar. No entanto, essa impressão inicial não se

[177] No início do século XX, Amadeu Amaral (1981), no livro *Dialeto Caipira,* defende a tese de que o dialeto seria uma das mais importantes riquezas culturais que os caipiras tinham para oferecer à sociedade brasileira. No entanto, diante das transformações modernizantes, essa maneira de falar, carregada de significado e de cultura, encontrava-se restrita às regiões longínquas dos centros urbanos, caminhando para um possível desaparecimento, na ótica do autor.

sustenta quando as palavras são acompanhadas dentro do enredo narrativo. A partir da última possibilidade, percebe-se que cada palavra possui um significado coerente, representando e evidenciando um fato ocorrido, gesto ou expressão corporal vivenciado pelos personagens, correspondendo, desse modo, aos anseios do contador de causos[178].

A rápida digressão sobre o dialeto caipira, evidenciada no vocabulário de Geraldinho, reflete sobre a condição de um dialeto como um valor cultural e histórico da sociedade, especialmente da sociedade goiana, revestida de rusticidade. Tem como objetivo apresentar e, ao mesmo tempo defender que não eram somente os causos permeados por uma temporalidade histórica, possibilitando a constatação de um terreno fértil encontrado, tanto para construir quanto para comunicar o enredo, mas as próprias palavras descrevem detalhadamente cada passo dos personagens, que estavam envoltas em um passado de longa duração. Na perspectiva de Souza e Lima: "São verbos e substantivos (ações e objetos) relacionadas à essência das pessoas do *lugar*, de forma que, numa perspectiva fenomenológica, podemos considerá-los como elementos que identificam o *lugar*, parte do mundo e imaginário sertanejo (2019, p. 77). Seguindo a orientação das autoras, o que elas apresentam como representativo do imaginário sertanejo está sendo apresentado, no decorrer da presente pesquisa, como pertencente ao imaginário da roça goiana. Porém, o dialeto, conforme observam, possibilita identificar tanto o lugar quanto o imaginário inerente ao indivíduo.

Anteriormente, foi mencionado que o dialeto caipira, a partir de meados do século passado, contexto que marca, de modo mais intenso, a urbanização do estado de Goiás, encontrava um espaço mais reduzido de circulação se comparado aos contextos anteriores. No entanto, essa redução não significa, necessariamente, desaparecimento total. Quando Geraldinho, a partir de meados da década de 1980, começa a receber o reconhecimento do

[178] Se as palavras fossem meramente uma invencionice, típicas de um dialeto geraldiano, e não pertencessem a todo um valor cultural enraizado ao longo do processo histórico, Geraldinho Nogueira teria enfrentado inúmeras dificuldades para se comunicar. Diante da dificuldade, não conseguiria oferecer sentido aos causos e tampouco se fazer entender diante da comunidade de ouvintes. Para o causo ter valor e ser aceito pela comunidade, as palavras tinham que ter significado e fazer sentido para todos os ouvintes do enredo. Por exemplo, ao ouvir *O Causo da Bicicleta* percebe-se que as palavras descrevem os acontecimentos enfrentados pelo personagem ao longo da trama, não sendo diferente na questão envolvendo *O causo do Osso*. Somente para uma melhor dimensão da relação do significado das palavras, permeadas de sentidos e significados, na sequência, citam-se alguns exemplos: "topada/encontro, esfolô/machucou, pirringuiça/doença, cramura/reclamação, manei/pensei, espiá/observar, dificulidade/dificuldade, aranzé/problema, pareia/ao lado, gaumpim/pular sobre a bicicleta, puído/pisoteado, aninhava/cair, giriça/bagunça, valença/ainda bem, trapaiô/desequilibrou, luitano/lutando, anelâ/alta velocidade, beiço/lábios, maçaroca/confusão, istamô/estomâgo, inlerava/organizava, tipi/tipo, desacussuá/desocupar, maicô/marcou, vespa/dia anterior, venta/rosto, soquinha/pouquinho, arreuni/reunir, alui/movimentar, saroba/ervas daninhas, mió/melhor, ocado/vazio, fradiano/rodeando, leremo/encaminhamos, erado/velho, mascano/mastigando, muleque/pedaço, tafuiei/enfiando, trucia/torcia, delatô/observou, pampero/desespero e assim por diante. Percebe-se que não são palavras "soltas ao vento", mas que proporcionam sentido ao enredo, possibilitando a comunicação e o entendimento entre o narrador e a comunidade de ouvintes.

grande público, resultado do sucesso midiático alcançado, o deslocamento de pessoas do campo para as grandes e médias cidades goianas estava passando por um processo de maior intensidade. Entretanto, mesmo diante do fenômeno da urbanização, o contador de causos, que trazia consigo os valores e os costumes da roça, acabou sendo muito bem recebido e aceito pela sociedade citadina. A recepção pode ser explicada pela impressionante capacidade artística. Porém, além desse fator, a receptividade dos telespectadores poderá ser entendida, também, pelo fato de que o contador de causos representava, tanto culturalmente quanto socialmente, uma perspectiva de identidade histórica ancorada nos valores rústicos da roça goiana. Na leitura de Souza e Lima:

> Seu exemplo (Geraldinho) contribui para o entendimento de que a urbanização regional não desmantelou a essência da ruralidade que marca o contexto histórico e cultural de Goiás, o que também se constata pela forte aceitação de sua *performance* artística pelo público, ainda hoje, inclusive entre os mais jovens, que buscam imitar seu dialeto nas conversações diárias (2019, p. 80).

A perspectiva do não desmantelamento da ruralidade ou da rusticidade diante da urbanização no território goiano, no contexto da década de 1980, caminha ao encontro do que tem sido defendido desde o primeiro momento da pesquisa. Diferentemente do narrador artesanal analisado por Walter Benjamin (2012), que perdeu a relevância no tecido social em decorrência das transformações modernizantes, colapsando os valores tradicionais, a arte de intercambiar experiências de Geraldinho Nogueira, independentemente de uma análise mais específica sobre a capacidade artística, encontrou um tecido social que lhe ofereceu todas as condições para a apresentação dos enredos narrativos. A observação, na condição de um esboço de análise, dialoga até mesmo com o público citadino, vivenciando mais intensamente os valores da modernidade, tais como o processo de urbanização, industrialização e inserção maior dos instrumentos tecnológicos.

Na concepção de Lima (2005) e de Matos (2014), referindo-se à situação brasileira, a tecnologia seria ou poderia se transformar no fator determinante para o ocaso da narrativa artesanal. No entanto, mesmo lidando com um cenário de maior urbanização da sociedade e maior inserção tecnológica, na condição de um contador de causos, não resta muita dúvida de que Geraldinho encontrou um ambiente muito receptivo, vide o enorme sucesso alcançado quando da imersão no espaço televisivo. Na perspectiva de Castro (2010), a receptividade pode ser explicada porque tanto Geraldinho quanto os causos evidenciavam uma crítica aos valores da modernidade e ao próprio processo de urbanização da sociedade goiana a partir da segunda metade do século passado. Na concepção da autora:

> A imagem visual de Geraldinho, representando o homem tipicamente enraizado aos habitantes da roça, apresentando descuido e desapego em relação a uma imagem que nos meios urbanos fazem parte da própria integração à cidade, bem como a dicção de sua fala, seu vocabulário, sua postura ou seu riso escandaloso, traduzem um homem caipira que conduzido à cidade, à urbanização, à mídia televisiva, etc., permanece fiel a sua origem e manifestando anteriormente não ser seu desejo uma emancipação para hábitos citadinos. Aliás, a autenticidade de seu personagem consiste justamente em rir dos hábitos do homem urbano e reafirmar, também com seu humor típico, seus hábitos caipiras. Geraldinho é o caipira levado à cidade. E que, experimentando a vida urbana, permanece caipira e apresenta sua visão de mundo como a única que tem a oferecer. Desta forma, aponta junto ao seu humor uma caracterização de pureza ou exotismo do campo, desprovido do desejo de emancipação urbana, e desperta nos espectadores uma espécie de saudosismo por um homem (e, consequentemente, por um tempo e sua cultura que já se nos torna distante (2010, p. 41-42).

Na leitura apresentada por Castro (2010), um dos fatores mais importantes para a enorme receptividade, diante do telespectador urbano, estava no fato de o contador de causos representar um tempo e um homem de antanho, despertando, nos telespectadores, um saudosismo dos valores dessa temporalidade histórica. Porém, na perspectiva de análise presente nesta tese, a saudade dos valores e dos costumes do passado não consegue explicar, somente por ela mesma, a inserção e principalmente a consolidação midiática. Além desse fator, faz-se necessário levar em consideração que o terreno fértil se constituiu como um dos reflexos mais perceptíveis de uma sociedade goiana moldada, histórica e estruturalmente, por meio dos valores rústicos.

Mesmo diante das transformações inerentes, a sociedade goiana continuou sendo, de algum modo, influenciada pela rusticidade no transcorrer da segunda metade do século XX. Borges (2016) compreende essa influência como resultado da (re)existência do mundo caipira/sertanejo. No limiar, estava a cultura de valorizar os causos, fosse contando ou ouvindo-os. Apesar da migração para o espaço urbano, a prática cultural permaneceu, sendo cultivada no cotidiano, uma vez que fazia parte, historicamente, da formação social e cultural dos indivíduos. Por meio da tese defendida por Castro (2010), identifica-se uma das possibilidades explicativas sobre o terreno fértil encontrado por Geraldinho e sua arte narrativa diante do telespectador urbano.

Se, mesmo com as transformações modernizantes na segunda metade do século passado, evidenciada na maior migração das pessoas do campo para o espaço urbano, o contador de causos bela-vistense encontrou um terreno propício para fazer circular a narrativa, acredita-se que o ambiente tenha sido muito mais favorável quando observado a partir do seu

cotidiano de vivência e convivência, principalmente porque os elementos modernos foram sendo inseridos mais lentamente nesse universo. Outro fator explicativo, mencionado anteriormente, é que o espaço do meio rural foi moldado pela fazenda-roça goiana, onde e quando a prática de contar e ouvir histórias, assim como outros gêneros da literatura oral vinham de muito longe. Especificamente sobre os causos, Castro considera:

> Narrador é aquele que sabe contar histórias porque viveu numa época em que não havia uma especialização funcional para a literatura: as pessoas podiam trabalhar, ouvir e contar histórias ao mesmo tempo. Uma época, como em Goiás do início do século XX, de pouca leitura e na qual ouvir causos era uma das poucas oportunidades de se deixar levar pelas fantasias e pela imaginação (2010, p. 93).

Não somente no início do século XX, conforme sugere a autora, a prática de ouvir causos esteve presente no cotidiano da população goiana, mas se fez sentir intensamente na segunda metade do século passado, nos mais diferentes rincões goianos. Em alguns lugares, mais do que em outros, o hábito de contar e ouvir histórias/causos esteve mais presente. A incidência maior ou menor, em algumas regiões, pode ser explicada, entre outros fatores, pela inserção mais ampla ou não dos valores modernos. Porém, no meio rural bela-vistense, a maior aceitação esteve no fato de a região ter sido "beneficiada" com a presença de um dos mais talentosos contadores de causos do Brasil. Tendo Geraldinho Nogueira por perto, participando intensamente das atividades promovidas pela comunidade, festas religiosas, bailes dançantes, reuniões sindicais, mutirões, amigos e familiares, não perderam uma única oportunidade de provocá-lo para a iniciação da contação de causos.

Aproveitando-se da receptividade da comunidade de ouvintes, Geraldinho conseguia envolver todos e todas na teia da narrativa. Envoltas, de acordo com Castro (2010), as pessoas deixavam ser levadas pela fantasia e pela imaginação. No seio da comunidade bela-vistense, o narrador não estava distante do cotidiano sociocultural. Associava-se às pessoas, ao lugar, aos valores e aos costumes da região. Entre os pesquisadores da temática, Lima (2005) é um dos mais enfáticos, quando defende a importância dessa relação entre "artista popular" e comunidade narrativa. Na sua perspectiva, a reciprocidade entre o narrador e ouvintes constitui-se como o grande vetor para que os gêneros da Literatura oral fizessem sentido para as pessoas:

> A personalidade do narrador se afirma e se alarga na hora de contar. Mas não se pode separar o conto do narrador, do seu universo e do seu público. Mesmo a eleição do repertório e o jeito como é transmitido se define junto ao público. Os recursos mímicos, as inflexões, o traço de humor, a ênfase normativa, as sugestões de mistério ou a suspensão narrativa são efeitos da técnica e da

> versatilidade do contador. No entanto, sua oportunidade, pontuação e eficácia orientam-se através e em função de uma escuta participante. Não falará o conto se não houver um meio que o solicite. E se é para este meio que se dirige, só falará *bem* enquanto integrar sua experiência cotidiana, religando-a às fronteiras da grande memória: a memória da tradição (2005, p. 61).

A partir da consideração de Lima (2005), entende-se que a comunidade narrativa tem muita relevância para o processo narrativo, não somente porque são justamente as pessoas que oferecem todas as condições para o narrador comunicar as histórias, os causos, mas porque participam direta e ativamente tanto do processo de construção quanto de comunicação. O reconhecimento da relevância dos ouvintes somente seria possível em uma sociedade que, no decorrer do processo histórico, teve e valorizou os gêneros da literatura oral. Caso contrário, o processo participativo dos ouvintes não se efetivaria e a valorização para com o contador de causos seria efêmera, sem nenhum tipo de lastro histórico e cultural.

Quando se analisa, mais detalhadamente, a inserção de Geraldinho no meio rural bela-vistense, identifica-se que a aceitação, na condição de um contador de causos, esteve presente no decorrer da sua longeva trajetória de vida. Diferentemente do telespectador citadino, tendo tido a oportunidade de conhecer a impressionante capacidade artística a partir de meados da década de 1980, os amigos e os familiares do meio rural conviveram e deram todo o suporte para a manifestação da arte narrativa, desde quando Geraldinho começou a apresentar os primeiros causos. A impressionante habilidade artística contribuiu para tal inserção, mas somente essa constatação não explica a aceitação de ter permanecido praticamente inalterada durante décadas e mais décadas. É possível afirmar que, no meio rural bela-vistense, existia uma relação entre as pessoas e os causos oriunda de todo um processo histórico. Por isso mesmo, o lastro foi sendo transmitido entre as gerações. Refletindo sobre a reciprocidade entre narrador e ouvintes e enfatizando a própria historicidade da narrativa artesanal, Bedran chega à seguinte conclusão:

> É fácil, portanto, entender que a relação do narrador e sua matéria, a vida humana, é uma relação artesanal, pois ele recorre ao acervo de sua experiência e da experiência alheia para se apropriar intimamente daquilo que sabe por ouvir dizer e tem como tarefa trabalhar a matéria prima de sua experiência e a dos outros (2010, p. 25).

A maneira pela qual o narrador artesanal e, consequentemente, Geraldinho trabalharam a matéria prima da experiência individual e coletiva, da experiência humana de uma forma em geral, esteve representada nas narrativas/histórias para o primeiro, e nos causos para o segundo. Chegar a esse entendimento de transmissibilidade histórica dos causos não significa negar a

autenticidade e muito menos a originalidade do narrador bela-vistense. A constatação significa dizer, entre outras questões que, na condição de um excepcional contador de causos, Geraldinho teve sabedoria para observar e para aprender com os outros narradores da região. Nesse sentido, de maneira direta, ou mesmo indireta, trouxe muitos dos ensinamentos que chegaram por meio da boca dos narradores artesanais que conheceu, bem como tantos outros daqueles de que ouvira falar.

Os causos foram guardados e transmitidos entre os atores e atrizes sociais da região, tendo passado pelas transformações históricas e alcançado fortemente as primeiras décadas do século XX. Quando foram adentrando no supracitado contexto, encontraram e proporcionaram muito impacto naquele que, muitas décadas depois, seria considerado um dos mais importantes contadores de causos do Brasil. Diante da relação histórica e umbilical que a comunidade bela-vistense estabeleceu com os causos, fica difícil imaginar que Geraldinho Nogueira não tenha se inspirado, mesmo sutilmente, direta ou indiretamente, em outros contadores de causos espalhados pela região. Esses narradores, conforme observado, poderiam ser contemporâneos ou mesmo pertencentes às gerações anteriores. Na arte da contação de causos na região bela-vistense, indubitavelmente, Geraldinho não esteve sozinho.

Perante a constatação referente à existência de outros contadores de causos no seio de Bela Vista de Goiás, assim como pelo fato de esses indivíduos terem influenciado a própria formação de Geraldinho, a questão que mais trouxe embaraço para a pesquisa de campo teve esse contorno. Desse modo, quando indagava os entrevistados sobre os mestres diretos ou indiretos, ficava muito evidente que, para a maioria das pessoas, a pergunta colocava em suspeição a originalidade do amigo na arte de contar causos. O desconforto ficava muito perceptível a partir da seguinte pergunta: Quais teriam sido as pessoas que "ensinaram" Geraldinho a contar causos? A indagação não tinha esse sentido tão direto como está presente na tese. No entanto, diante das conversas estabelecidas, na medida do possível, a pergunta caminhava mais ou menos nesta direção.

Além de uma associação imediata com a possível não originalidade, algumas pessoas afirmaram que, pelo fato de terem crescido ouvindo os causos, nunca tinham parado para pensar sobre a questão apresentada. Depois de um momento de silêncio, as respostas caminharam, quase todas, para um processo de negação sobre os possíveis mestres de Geraldinho. Com isso, acreditavam assegurar não somente a originalidade, mas a excepcionalidade do amigo narrador. Um exemplo das respostas apresentadas poderá ser identificado na consideração do senhor Roberto: "Uai, esse aí eu num sei, poque desde quando eu entendi por gente, eu era mininin pititico, ele era contadô de história pá nóis, né. Sempre ele era daquele jeito mesmo, num sei se

ele aprendeu com alguém, como é que foi não". Na mesma linha de raciocínio, entretanto fazendo uma digressão maior, o senhor Oliveira afirmou:

> Ah não, aquilo é um dom dele desde pequeno[179], né. Porque ele cresceu e ninguém ensinô ele não. Ele não pegô assim, eu vou arremedá fulano, contá um causo não. Aquilo ali foi um dom memo. Igual ele assim, não, é um dom dele memo, sô. Num foi, ele num pegô assim não, porque que eu saiba não. É assim, desde quando eu conheci ele, o estilo dele era aquilo né? Assim, não tinha assim. Porque têm muitos contador de causo que pega o estilo do oto, né, assim, e vai contá talvez né. Ele não, ele era o normal dele memo.

As observações do senhor Oliveira são importantes por uma série de fatores. No entanto, uma delas em especial, quando menciona que, desde pequeno, desde o período da infância, guarda recordações de Geraldinho contando causos. Um outro fator assegura que, no âmbito artístico, não tinha nada parecido na região. Nesse sentido, o entrevistado reforça a autenticidade e, consequentemente, a excepcionalidade artística do narrador. Ademir Silva (2015) aproxima-se consideravelmente das interpretações feitas pelo senhor Oliveira. De acordo com Silva: "Por sua originalidade, a contribuição artística de Geraldinho permanece marcante, mesmo tendo passado vários anos de seu falecimento. Ainda não há substituto. Há infindáveis imitadores" (2015, p. 49). No aspecto da originalidade artística, percebe-se tanto na teoria, pesquisa acadêmica, quanto na prática, nos relatos das pessoas entrevistadas, uma nítida constatação da excepcionalidade. Entende-se, por meio dessa leitura, a condição de um contador de causos excepcional, que impossibilitou, no primeiro momento, a identificação de um mestre e, posteriormente, mesmo depois do falecimento, trouxe complicações para o surgimento de alguém que desse continuidade à arte narrativa na região.

Nesse processo de reflexão e tentativa de entendimento sobre a formação artística e cultural de Geraldinho, algumas pessoas mencionaram que os causos, mesmo aqueles que se tornaram clássicos no programa *Frutos da Terra,* com destaque para *O causo da bicicleta, O causo do osso, O causo do marimbondo,* entre outros, sempre estiveram presentes no cotidiano, apresentados por Geraldinho nas mais diferentes situações. A afirmação que faz referência ao fato de estarem no cotidiano não significa que fossem de "domínio público" da comunidade. Aparece como uma evidência de que, desde quando era um homem de meia idade, em meados do século passado, tinha como prática contar alguns dos causos que, décadas depois, teriam enorme repercussão entre os telespectadores citadinos. Na leitura da senhora Fátima:

---

[179] Santana (2012) teve a oportunidade de conversar com Gerôncio, um dos irmãos de Geraldinho. Durante a entrevista, mencionou que o irmão tinha começado a contar causos no período da infância, quando tinha oito anos de idade.

> Essa aí, eu não sei não, porque sempre alguma coisa que a gente falava, ele já punha ali, já falava um trem errado pra dá graça. Eu não sei, porque o vovô[180] não era assim, do tanto que eu conheci ele, porque nóis já tava vei, o vovô vinha aí antes de morrê, ele não era de contá história. Eu não sei onde o papai arrumô essa contação de história dele.

Se, de um lado, identifica-se, rapidamente, uma dificuldade ou mesmo uma relutância de apresentar pessoas que teriam influenciado e contribuído na formação, em contrapartida, o caráter histórico dos enredos narrativos ficou evidente em quase todas as considerações. Com o passar do tempo, com o silêncio no primeiro momento e das gradativas respostas surgindo na sequência, aos poucos, tornou-se perceptível que a pergunta apresentada, referente aos "mestres de Geraldinho", não fazia muito sentido para as pessoas entrevistadas. A ausência de sentido estava no fato de que aqueles indivíduos faziam parte da comunidade narrativa, ou seja, cresceram ouvindo os causos do amigo narrador. Outro detalhe é que, na comunidade, ninguém contava causos daquele modo, ninguém reunia tamanha autenticidade, alegria e capacidade para envolver todos e todas na teia da narrativa.

No processo de ensino/aprendizagem, na concepção das pessoas entrevistadas, Geraldinho não tinha tido nenhum mestre(s). O mestre, o verdadeiro e único, não poderia ser ninguém a não ser ele mesmo. Dessa forma, não teria aprendido com ninguém, construindo-se na condição de contador de causos por meio das suas próprias aptidões. Fica perceptível, mais uma vez, uma leitura relacionada à autenticidade e à originalidade. Porém, a partir dessas considerações, foi importante, de acordo com os propósitos dessa pesquisa, não confundir autenticidade como sinônimo de exclusividade. Na condição de um contador de causos, Geraldinho não esteve sozinho. Desde o primeiro momento, esteve acompanhado por uma comunidade que, embora não tivesse tido habilidade ou arte para contar causos com a mesma qualidade do grande "artista popular da região", não hesitava, vez ou outra, em contar algumas histórias, anedotas e outras narrativas do gênero da literatura oral.

Por exemplo, durante as longas conversas com o senhor Altamiro, o entrevistado mencionou que, tanto na região da Boa Vistinha quanto do Nuelo, constituía-se uma questão corriqueira uma disputa entre amigos e familiares mais próximos. Na ocasião, se encontravam nos folguedos populares para ver quem conseguia contar a maior mentira, disputavam quem teria condições de contar a história mais fabulosa. Geralmente, nesses duelos, Geraldinho costumava marcar presença, participando ativamente da frenética disputa. O duelo do maior

[180] Referência ao senhor Benedito Nogueira.

"mentiroso" foi descrito da seguinte maneira pelo entrevistado:

> Eu acho que, aquele negócio, antigamente a gente tinha negócio de tá aí tupiano causo, um conta uma mentira, oto conta ota, naquele tempo não tinha rádio, não tinha televisão, não tinha coisa, isso era coisa que acontecia muito do sujeito conta causo, né? Mais e, eu, esse negócio dos oto conta uma mentira, eu contava ota né? Aí, nisso aí, é que ele destacô, cê tá entendeno? Tem a história do pescadô né? Aquelas histórias, e aí um conta um causo, e ele inventava o dele, né? Aquele da namoradinha[181], aquele do osso[182], aquilo tudo é invenção dele, né? Aquilo é invenção dele pra fazê o povo ri. E aí, quem é que vai pagá um causo daquele? Ele ficava sozin, cê tá entendeno? Por exemplo, aquele causo do osso, que ocê conhece ele, um causo daquele, qual é do oto que vai pagá aquilo? Se fô pagá, é pagá com um treim sem graça, que não dá graça, então ele destacava, né? É por isso que ele chegô aonde chegô, então ele destacô. Aí, o dom dele ficô aquilo, ele já vinha com aquele jeitin de fazê o oto ri, né? O negócio dele era riso memo, ele amava fazê o oto ri, né? E a risadinha dele, era difícil dele dá uma risada boa. Aquela risadinha sem graça, né? Mais que ficô famosa. É, é aquilo.

A partir do minucioso relato feito pelo senhor Altamiro, descrevendo o quanto a participação de Geraldinho nos duelos de "mentira" deixava a disputa desproporcional, identifica-se, de maneira mais apropriada, o terreno fértil encontrado para a contação de causos. Terreno fértil não somente por ter encontrado pessoas dispostas a ouvi-lo, mas na constatação da existência de outras pessoas contando causos na comunidade, contando as divertidas histórias. As pessoas disputavam quem conseguia contar uma história mais inacreditável ou mesmo mais "mentirosa". Além desse fator, o senhor Altamiro mencionou alguns dos causos apresentados por Geraldinho nesses duelos e que, algum tempo depois, se tornaram muito conhecidos do grande público goiano, uma constatação sobre a circulação desses enredos no seio da comunidade bela-vistense.

Nesse momento, com a turma reunida, contando causos e anedotas, Geraldinho tinha um destaque muito maior, quando comparado aos demais companheiros do cotidiano. De acordo com o senhor Altamiro, se destacava não somente por contar uma história mais mirabolante do que as apresentadas pelos pares, mas a diferença poderia ser explicada, também, pela existência de outros fatores. Entre esses, o modo pelo qual construía o enredo, as desventuras dos personagens, a maneira pela qual desnudava minuciosamente o enredo, a gargalhada inimitável e, principalmente, o fato de ser o único que conseguia fazer todos sorrirem do enredo narrativo. Percebe-se, mais uma vez, uma leitura que denotava a autenticidade de Geraldinho, sendo apresentado na condição de um contador de causos muito

[181] *O causo da namoradinha.*
[182] *O causo do osso.*

especial quando comparado aos demais.

No entanto, existe um fato que não pode passar despercebido da consideração do senhor Altamiro, encontrando representação na ideia de que Geraldinho não deteve a exclusividade na arte de narrar. No próprio seio da família Nogueira, outras pessoas se "aventuraram" na arte de contar causos. Conforme observado na primeira parte da pesquisa, Geraldinho teve um número considerável de irmãos e de irmãs. Ao todo, dezessete. Diante desse número expressivo, pelo menos um dos irmãos valorizava consideravelmente a narrativa artesanal, procurando construir e contar causos também. O irmão em questão atendia pelo nome de Idalino Nogueira. No transcorrer da pesquisa de campo, algumas pessoas fizeram referência a Idalino, inserindo-o na classificação dos contadores de causos do meio rural bela-vistense. De acordo com o senhor Altamiro:

> Tinha, tinha. Ele tinha o Idalino Noguera, que era irmão dele. Chamava Idalino. Mais num chegava perto do senhô Gerardim, porque os causos do Idalinho, ele já faleceu tamém, os causo dele gostava de levá vantage. E os causo do senhô Gerardim, tinha as desvantage, ele era diferente nesse ponto. Mais, ele contava os causo.

Por meio da consideração, fica perceptível que, apesar de ter sido um contador de causos, Idalino não conseguiu obter um reconhecimento significativo entre os pares, quando sua capacidade artística enfrenta questionamentos. Anteriormente foi apresentada uma leitura enfatizando uma das características mais marcantes dos causos de Geraldinho, representada no fato de os personagens do enredo não conseguirem resolver os problemas que surgiam. No entanto, fazendo uma comparação a partir do relato do senhor Altamiro, percebe-se que os personagens dos causos de Idalino tinham uma característica muito diferente. Foram construídos a partir de um elogio da habilidade vitoriosa, levando vantagem independentemente da ocasião enfrentada. Além do elogio da habilidade vitoriosa, fator que, aparentemente, não agradava muito os ouvintes. Algumas pessoas destacaram outras características que fizeram com que Idalino tivesse dificuldade para se afirmar enquanto um bom e reconhecido narrador. Na leitura do senhor Moisés:

> Era Idalino. Só que o tio Idalino falava digeiro demais. E ele num calava, né? Que a ideia num tinha tabela. Ele num tinha tabela. Ocê tinha que falá pra ele: "Não, dá um tempo aí". Que ele imendava, pá, pá, pá, pá, pá, pá. E aí imendava três, quato história numa só, num tinha tabela. É que meu pai[183], o mais

[183] Referência a Geraldinho.

> importante dele era as palavra, era bem separada, né? É bem, tem um espaço uma da ota, não é imendado. As palavra é bem separada.

Ao inserir algumas impressões mais críticas à arte de Idalino, não existe a pretensão de fazer uma comparação com Geraldinho, julgando a capacidade artística do primeiro em detrimento do segundo. O objetivo volta-se para uma constatação da não exclusividade de Geraldinho na arte de contar causos, sendo possível identificar a presença de *outrem*. Voltando à consideração do senhor Moisés, percebe-se que, além da habilidade vitoriosa, algo que o desagradava quando parava para ouvir os causos de Idalino estava no fato de o narrador ter uma dificuldade grande de organizar as palavras, organizar as ideias na hora de descrever as conquistas do personagem central do enredo. Diante da dificuldade, falando quase sem parar, Idalino quase sempre emendava uma história na outra.

Entretanto, a partir da constatação sobre a existência de Idalino, independentemente da qualidade artística, não esquecendo também dos duelos entre os amigos para ver quem contava a história mais fabulosa, ou mais "mentirosa", percebe-se que a comunidade bela-vistense valorizou de maneira muito significativa os gêneros da literatura oral, oferecendo condições para os narradores apresentarem a arte e, na medida do possível, se aventurar na apresentação de alguns causos também. Com essa valorização, há um entendimento de que Geraldinho encontrou um terreno fértil para com a narrativa artesanal, principalmente porque estabeleceu relações com pessoas que reconheciam a importância e apreciavam a arte de contar e ouvir histórias.

Seguindo a linha de raciocínio, se não houvesse o reconhecimento da comunidade bela-vistense, independentemente da excepcional capacidade artística, provavelmente, ficaria sozinho quando se propusesse a contar os causos, logo, não teria pessoas dispostas a ouvi-lo. Condição última inerente ao narrador artesanal, objeto de reflexão de Benjamin (2012). No entanto, a hipótese levantada anteriormente não se sustenta. Geraldinho esteve acompanhado por uma comunidade narrativa que, nas mais diferentes situações, demonstrou muita disposição e desejo de ouvi-lo. Com base nas afirmações mais categóricas nesta parte final do tópico, encontram-se melhores condições de sustentar que no meio rural bela-vistense os causos vinham de longe, portadores de toda uma historicidade.

A teia histórica, que resulta na possibilidade de terem existido outros narradores antecedentes aos irmãos Nogueira, reforça a hipótese de terem existido, mesmo que indiretamente, "mestres" que não somente iniciaram, mas ensinaram Geraldinho sobre a arte e a importância de contar causos. Quando se analisa a observação de Camara Cascudo, a hipótese

levantada sobre os possíveis mestres no meio rural adquire contornos mais relevantes e com melhores condições de se sustentar teoricamente. Na perspectiva do folclorista:

> Cada uma anedota ou estória, cantiga de ronda infantil ou adivinha, é constituída pelos elementos justapostos, encadeados, formando o enredo, o assunto, o conteúdo. Esses elementos não figuram, virgens e novos, apenas na expressão que estudamos, mas aparecem em terras incontáveis e numa multidão de exemplos, próximos e distantes. A novidade consiste na forma tomada por esses elementos-temas para a combinação que faz a estória, anedota, adivinha, ronda de menino. A disposição do enredo, com esse material infinito, dá uma fisionomia. O grau de aproximação, numa escala de parentesco entre os vários contos, resultante da maior ou menor coincidência do enredo geral ou de um e mais elementos formadores, vai batizando as variantes. Essas variantes são os mesmos enredos com diferenciações que podem trazer as cores locais, algum modismo verbal, um hábito, uma frase, denunciando, no espaço, uma região, e no tempo, uma época (1984, p. 34).

Na concepção de Cascudo, geralmente, nos contos tradicionais, existe uma estrutura orientadora que pode passar por algumas modificações, dependendo do tempo histórico e da região no qual o conto se encontrava inserido. Nesse sentido, o autor destaca que as variações poderiam se manifestar no trejeito de falar, nos costumes locais, no modismo específico de um tempo, de um espaço, entre outras especificidades. Pensar na historicidade dos causos dentro da comunidade bela-vistense equivale a ressaltar, mais uma vez, que Geraldinho Nogueira não foi o primeiro contador de causos na região, mas teria dado continuidade a uma longeva tradição, que pode ser estendida para outros gêneros da literatura oral, tais como as anedotas, os contos, os poemas, as cantigas populares e outros gêneros enraizados na memória coletiva no decorrer do processo histórico.

A constatação sobre a historicidade dos causos não significa negar a autenticidade e, tampouco, a originalidade do enredo narrativo de Geraldinho. Todos os enredos são de sua autoria, construídos a partir da vivência ou mesmo das experiências/histórias que chegaram até os seus ouvidos. Por exemplo, Camara Cascudo (1984), no mencionado livro *Literatura Oral no Brasil*, apresenta uma dimensão importantíssima sobre a prática de contar e ouvir histórias, entendendo-a como um valor cultural e histórico da sociedade brasileira, muito presente até o final do Oitocentos, estendendo-se até as primeiras décadas do século passado, envolvendo homens, mulheres e crianças na teia da comunicação. Todas as pessoas, sem ressalva, sabiam contar e ouvir histórias tradicionais. Na leitura de Cascudo:

> Depois da ceia faziam roda para conversar, espairecer, dono da casa, filhos maiores, vaqueiros, amigos, vizinhos. Café e poranduba. Não havia diálogo, mas uma exposição. Histórico do dia, assuntos do gado, desaparecimento de

> bois, aventuras do campeio, façanhas de um cachorro, queda num grotão, anedotas rápidas, recordações, gente antiga, valentes, tempo da guerra do Paraguai, cangaceiros, contadores, furtos de moça, desabafos de chefes, vinganças, crueldades, alegrias, planos para o dia seguinte. Todos sabiam contar estórias. Contavam à noite, devagar, com gestos de evocação e lindos desenhos mímicos com as mãos. Com as mãos amarradas não há criatura vivente para contar uma estória (1984, p. 15-16).

Por meio dos contadores de histórias anônimos, indiretamente apresentados por Cascudo (1984), percebe-se que qualquer acontecimento vivenciado no cotidiano, desde aquelas peraltices de um cachorro, desaparecimento de animais, passando pelas constantes fugas amorosas pelo interior desse país afora, entre inúmeras outras possibilidades, poderiam, facilmente, ser transformadas em enredo narrativo e, consequentemente, transformadas em longas e divertidas histórias para contar, ouvir e se maravilhar. Conforme observa Cascudo, durante esses encontros, depois da ceia, ao anoitecer, não havia uma "simples conversa" sobre determinado fato ocorrido, mas uma verdadeira exposição. Em outras palavras, havia uma verdadeira narrativa apresentada pelos contadores de histórias anônimos, construindo o enredo a partir de qualquer acontecimento do cotidiano.

O hábito de contar e ouvir histórias alcançou as mais diferentes regiões, percorrendo um longo processo histórico. Histórias, contos, causos, anedotas e cantigas populares, construídas e transmitidas ao longo das gerações, perfaziam toda uma rede de comunicação, tendo sido fundamentais para a construção e a consolidação da *Literatura oral brasileira*. Voltando à observação de Cascudo (1984), não deixa de ser importante acompanhar o cenário descrito, principalmente quando ressalta os caminhos trilhados para a efetivação das histórias tradicionais. O autor menciona que o horário habitual para os encontros acabava sendo, quase sempre, o horário noturno, preferencialmente depois da ceia. Depois de um longo e exaustivo dia de trabalho, as pessoas podiam percorrer grandes distâncias para se reunirem e deixarem se maravilhar pela teia da narrativa artesanal.

Na primeira parte da pesquisa, ficou perceptível que Geraldinho procurava se valer de todos os espaços, de todas as oportunidades que tinha no meio rural bela-vistense para contar os causos. Utilizava-se dos espaços não necessariamente por ser alguém intrometido, mas porque, diante da impressionante capacidade artística, tinha uma enorme receptividade diante dos pares. Desde o tradicional mutirão, passando pelos encontros da Folia de Reis, às reuniões sindicais, visitas ao espaço urbano, entre outras situações, não perdia uma única oportunidade para fazer as pessoas sorrirem por meio das peripécias enfrentadas pelos personagens. Na mesma esteira, também ficou evidente que, em situações específicas, a capacidade para unir

todos na teia da narrativa tinha uma proporção tamanha que chegava a “atrapalhar” a realização de algumas atividades.

Entre tantos espaços ocupados, não resta muita dúvida de que a residência familiar se constituiu como um lugar de encontro de todos aqueles que valorizavam uma boa e demorada prosa. As pessoas se aglomeravam ao redor do fogão de lenha de Dona Pretinha para ouvir os causos de Geraldinho. Referindo-se especificamente à região do Nuelo, o senhor Roberto descreveu um pouco desse cenário. A apresentação do *modus operandi* partiu de um olhar interno, de alguém que passou inúmeras noites acordado ouvindo as divertidas histórias. Quando indagado se, no cotidiano, no ambiente familiar, Geraldinho gostava de contar os causos, o entrevistado não teve nenhuma dúvida: “Gostava, num tempo de nóis tudo reunido, de nóis sorterô lá, de noite nóis iá, ele contava história. Lá tinha instrumento, iá tocá instrumento, cantá, né? É, ele contava as histórias pra nóis”. Não se trata de uma coincidência, quando comparada a descrição do cenário apresentado por Cascudo (1984), mas identifica-se uma estrutura muito consolidada em torno dos causos e dos contos no Brasil no decorrer do processo histórico.

Na casa de Geraldinho, essa estrutura permaneceu, passando por sutis variações. A constatação sobre o horário noturno, presente nas considerações de Cascudo (1984) e também na descrição do senhor Roberto, é muito compreensível, principalmente se levada em consideração a condição social à qual a maioria da população brasileira esteve submetida historicamente. Durante o dia, esses trabalhadores rurais estavam envolvidos com as atividades inerentes à lavoura. Na lavoura, havia a contação de histórias, causos, anedotas e outros gêneros, já que a narrativa estava diretamente associada ao trabalho artesanal. No entanto, na maioria das circunstâncias, as histórias contadas no ambiente de trabalho ficavam restritas ao nicho familiar. O horário noturno aumentava a possibilidade de se ter um público maior, tanto de ouvintes quanto de outros narradores, indivíduos que, entusiasmados com o encontro, se sentiam confortáveis para contarem diferentes situações vivenciadas no cotidiano, transformando-a maioria dessas situações em divertidos gêneros da literatura oral. Na leitura de Borges:

> Na proporção da vida telúrica, todavia penosa, a conversa com os vizinhos, com a família no fim da tarde no terreiro varrido em frente à casa, geralmente conduzida ao sabor de uma viola e em volta de uma fogueira que aquecia o entardecer frio do sertão, cumpria o rito de uma rica cultura oral. O contar causo, referente às histórias de vida, das aventuras, como o encontro com a onça, com a assombração, o atravessar de uma enchente, o castigo a quem desafiava os desígnios divinos, além de um momento de interação, cumpria o

> seu papel ideológico com a transmissão de saberes, conhecimentos e conselhos para os preceitos da vida sertaneja (2016, p. 110).

A prática dos moradores da roça goiana, que se reuniam para contar e ouvir histórias, seguindo a orientação de Borges (2016), quase sempre tinha a presença de um bom violeiro, animando a turma reunida. A presença do violeiro deixava as reuniões não somente mais "saborosas", mas torna-se uma evidência da vastidão cultural inerente aos encontros das pessoas empobrecidas a partir do anoitecer. Na descrição do senhor Roberto, compreende-se que, na residência de Geraldinho, os encontros não ficavam voltados somente para a prática de contar e ouvir causos, especialidade da casa, mas havia a presença de diferentes manifestações culturais naquele ambiente, com destaque para as modas de viola. Músicas cantadas por toda família, que tinham, nas figuras de Geraldinho e de Dona Pretinha, as estrelas principais do espetáculo.

Durante a pesquisa de campo, conversando com muitas pessoas que acompanharam a trajetória de vida de Geraldinho antes de se tornar um famoso contador de causos, ficou perceptível que a qualidade artística não poderia ser compreendida unicamente pela perspectiva do contador de causos. Geraldinho, para a maioria daqueles indivíduos, representava muito mais. Além da enorme capacidade para narrar acontecimentos do cotidiano, as considerações estavam voltadas para o fato de ter sido folião, mestre de catira e, não menos importante, ter sido um excelente cantor e compositor de modinhas, ou melhor, cantor e compositor de modas de viola caipira. Músicas que animavam os folguedos populares, especialmente os bailes dançantes depois dos mutirões, e também os encontros de catira. Por meio do *YouTube,* é possível ter uma pequena amostra da supracitada vastidão cultural, quando interpreta uma música ao lado do filho João Nogueira, intitulada *O recorte do esfomiado:*

> Oiá, dona, pois hoje eu tô em jejum, capado eu comi só um, fiz farofa da fussura, comi sete rapadura, bebi um litro de vin, três garrafa de cachaça. Oiá, dona, passá malê só eu que passo. Oiá, dona, pois hoje eu não comi nada, eu comi uma vaca assada, cinco lata de cocada, dez caixa de marmelada, eu bebi vinte cerveja, ainda foi a caicinada. Oiá, dona, passa malê eu tem passado. Oiá, dona, pois hoje eu tô fatioso, não acho nada gostoso, a vaca tá catingosa, a cocada tá rançosa, marmelada já azedô, a cerveja supitô, a cachaça tá maigano. Oiá, dona, passá malê eu tô passano[184].

Conforme o próprio título sugere, a música retrata o problema de um personagem

[184] *Recorte do esfomiado*. Interpretação de Geraldinho e João Nogueira. Segundo Roberto, o recorte é de autoria do próprio Geraldinho. No site do *YouTube*, por meio do canal *Frutos da Terra*, é possível acompanhar a apresentação na íntegra. Link do canal: https://www.youtube.com/watch?v=-kq_2ePvsr8.

guloso, que exagerou na degustação de alimentos e de bebidas alcoólicas. Em decorrência da gula, quando recebeu o convite para comer mais alguns alimentos, descreveu todo o drama para a senhora que tinha lhe convidado para um novo "banquete". Embora cantem a música com um tom de voz que evidencie uma lamentação, uma espécie de arrependimento do personagem, *o recorte do esfomiado* provoca o riso nas pessoas. O vetor do riso é justamente o personagem que não somente enfrenta o problema da má digestão, mas o fato de descrever, minuciosamente, a quantidade de alimentos e de bebidas consumidas, o que ocasiona o problema. Por meio de *O recorte do esfomiado* percebe-se uma estrutura muito parecida, quando comparada com os causos, ou seja, o personagem principal não recebe o elogio da habilidade vitoriosa. O enredo está todo concentrado na descrição do infortúnio experienciado pelo sujeito guloso.

Durante a pesquisa de campo, parte considerável das pessoas mencionaram que Geraldinho não era "simplesmente" um cantor de música caipira, daqueles que cantavam por cantar. Fizeram questão de ressaltar a qualidade da voz, considerada uma voz muito bonita, uma voz forte, que se destacava quando comparada às demais. Além dessa constatação, mencionaram que, no cotidiano, tinha enorme relevância por ser o indivíduo responsável pela composição das modinhas, animando os diferentes festejos populares na região. Na primeira parte da pesquisa, identificou-se que, nos mutirões na região da Boa Vistinha e do Nuelo, tinha enorme destaque por fazer aquela cantoria, anunciando a chegada da turma reunida para o adjutório. Na Folia de Reis, destacava-se por ser o responsável tanto pela música anunciando a chegada dos foliões quanto pela música de saída. A última constatação não somente fazia referência à retirada dos foliões de uma determinada residência, mas servia de agradecimento por toda a hospitalidade dispensada pelo/a dono/a da casa, tenho acolhido da melhor maneira possível os foliões.

Na condição de uma característica da manifestação religiosa, na Folia de Reis da Boa Vistinha, havia espaço para as cantorias e para as danças, especialmente a catira, manifestação com forte inserção na comunidade até os dias atuais[185]. De acordo com os entrevistados, Geraldinho, além de ter sido folião e um exímio cantor e tocador de viola, era considerado o principal mestre de catira da região. Segundo o senhor Altamiro, a catira coordenada pelo amigo se destacava das demais porque, além do sapateado, tinha como característica a presença

[185] A permanência da catira no nicho familiar se mantém representada no grupo de João Nogueira. O grupo apresenta-se na cidade de Bela Vista e em outras localidades. Por meio do endereço no *YouTube*, torna-se possível acompanhar uma das apresentações: https://www.youtube.com/watch?v=TXYexFEpVQU. Além desse grupo de João Nogueira, uma das netas de Geraldinho, preocupada com a continuidade da manifestação cultural na região, tornou-se professora de catira de algumas crianças. O grupo faz apresentações nas escolas públicas e privadas da cidade. Além disso, costuma-se apresentar em alguns festivais.

marcante das músicas compostas pelo próprio mestre *catireiro*. Na sequência, compartilha-se mais um recorte de letra de música interpretada por Geraldinho e João Nogueira. Dessa vez, a apresentação aconteceu na cidade de Uberaba, interior do estado de Minas Gerais[186]:

> Esse nosso amor morena, não deveras ser assim. Nosso amor tava direito, que não era pra ter fim. Aí, aí, aí, aí. Primeira vez que eu te vi, vóis tava me namorano, fazeno tantos carin, para hoje tá me deixano. Por isto é que eu tenho razão, da minha vida eu tá queixano aí, aí, aí, aí. Eu lhe dei arguns desgosto, não foi por minha vontade, não pude te dar sirventa, devido à farsidade, aí, aí, aí, aí. Vou ter dar os meus conseio, só pra vóis acreditá, quando vóis arranjá um amor, nunca queira tapiá, assim como vóis me deixô, oto pode te deixá, aí, aí, aí, aí. Não digo que não te amo, oh aí, não digo que não te amo, só pra não te naturá. Se o nosso amor revortá, e o cowboy será o mesmo, aí, aí, aí, aí. O meu lado tá gostoso, já fui muito judiado, muita gente será sorte, de nóis sê namorano. Do meu lado não tem fim, só mesmo de vosso lado, aí, aí, aí, aí[187].

Quando se compara a letra desta moda de viola com o *Recorte do esfomiado,* identifica-se muitas diferenças. No *Recorte do esfomiado,* o personagem tem uma característica um tanto quanto grotesca, representando alguém guloso, se sentindo em péssimo estado por ter comido demasiadamente. No cotidiano da roça goiana, por muito tempo, o indivíduo que exagerava nas refeições era considerado alguém "esgabilado". Nessa condição, geralmente não acabava sendo bem recebido pelos pares, porque, dentro de um cenário no qual a precariedade teve um papel preponderante, a gula representava desperdício e falta de companheirismo com os mais necessitados. Portanto, significava uma ausência da teia da solidariedade, tendo sido suplantada pelo individualismo.

No entanto, na letra da última música, sem título, percebe-se a presença de um personagem apaixonado, o qual, o tempo todo, está lamentando o fim de um relacionamento e, consequentemente, o abandono da antiga namorada. Porém, deixa em aberto, caso o antigo amor deseje, a possibilidade do retorno das relações. Durante a apresentação do grupo, entre a formulação de alguns versos, interpretados por meio das vozes chorosas de Geraldinho e de João Nogueira, os companheiros da catira batem palmas e fazem aquele sapateado típico desta manifestação cultural. Quando os catireiros interrompem as palmas e o sapateado, a dupla

---

[186] A relação de Geraldinho com algumas cidades do interior de Minas Gerais demonstrou ter sido longeva. O marco inicial pode ser localizado quando ainda era uma criança, trabalhando na condição de candieiro do avô. Na ocasião, levavam e traziam mercadorias até a cidade de Uberlândia. Um outro exemplo está nas *figuras 36 e 37.* As fotos retratam a viagem do grupo de foliões, ano de 1964, em direção a cidade de Frutal-MG. No entanto, sobre o último recorte, relacionado à apresentação do grupo de catira na cidade de Uberaba, o contexto, provavelmente, data do início da década de 1990.

[187] Recorte de uma música, sem título, interpretada por Geraldinho e João Nogueira. A dupla cantou na apresentação do grupo de catira na cidade de Uberaba-MG. O vídeo pode ser encontrado no seguinte endereço: https://www.youtube.com/watch?v=LC5MlB5Yyoo.

retoma a cantoria em um tom lamurioso, descrevendo minuciosamente o grande sofrimento do personagem protagonista da canção.

Trazer os exemplos da vastidão artística de Geraldinho, enveredando na composição e na interpretação de algumas modas de viola caipira, remete a uma impressão apresentada logo no início da pesquisa de campo. A primeira entrevista para a tese de doutoramento ocorreu com o senhor Manoel, que trouxe considerações e advertências muito pertinentes para a continuidade da pesquisa, especialmente quando houve uma intenção, da minha parte, de interpretar Geraldinho unicamente na esfera do contador de causos, desmerecendo ou desconhecendo as outras qualidades artísticas. Nesse momento, o entrevistado, delicadamente advertiu da seguinte maneira: "Então, ele era de tudo, num encravava cum nada e sempre era convidado por esse motivo, porque ele tinha recurso pra tudo. Outros: "Não, eu só canto, eu num danço catira". Não, ele fazia de tudo, dançava catira, tocava viola, era pra tudo (risos)". Quando indaguei se Geraldinho poderia ser considerado um bom cantor, a resposta teve um tom muito mais enfático:

> Cantava, tinha uma voiz bunita demais. Uma voiz afinada, sabe? Era de admirar o homi. Tinha uma voiz, pra idade dele. O povo admirava a altura dele, o tanto que ele cantava alto, a voz firme. É, o homi era, parece que veio no mundo pra isso mesmo, porque num tinha defeito no homi (risos).

Conforme mencionado, os encontros na residência da família Nogueira, reunindo amigos e companheiros do cotidiano, estavam caracterizados pela existência de toda uma vastidão cultural de causos, instrumentos musicais e muita moda de viola caipira. Dessa forma, fosse no espaço público, a exemplo dos mutirões, reuniões sindicais, Folia de Reis, entre outros, ou mesmo no ambiente privado, a exemplo da residência familiar, percebe-se que Geraldinho encontrou condições muito favoráveis para apresentar toda a vastidão cultural, principalmente porque estabeleceu e desenvolveu relações com uma comunidade que, no decorrer do processo histórico, procurou valorizar intensamente as mais diferentes manifestações culturais/populares existentes na região.

A perspectiva voltada para o papel relevante da comunidade de ouvintes no meio rural bela-vistense, não somente interagindo, mas oferecendo condições para o narrador contar os seus causos, o cantor e compositor apresentar as modas de viola caipira, e o catireiro encontrar espaço para as danças, aparentemente, parece ter sido uma tendência muito maior no Brasil. Desse modo, não foi uma exclusividade da rusticidade goiana, podendo ser estendida para inúmeras outras regiões que, historicamente, valorizaram a prática de contar e ouvir histórias.

Ao analisar o espaço ocupado pelos contadores de histórias na região do Cariri, Lima observa:

> Embora isto não sirva para descaracterizar a "figura antropológica" do contador de histórias, permite enquadrá-la no círculo geral de um ambiente humano onde todos compartilham, na medida das possibilidades, do interesse e do talento de cada um, de uma reserva de saber, onde narrar é marca reconhecida. A figura individual do contador importa menos (2005, p. 59).

Por meio da reflexão de Lima (2005), identificam-se duas passagens importantíssimas, evidenciadas na tese de que todos, diante dos valores tradicionais, compartilhavam do mesmo universo da narrativa. Em decorrência dessa prática em comum, a figura do narrador, pensada apenas pelo aspecto individual, adquire um valor e um sentido muito menor. A partir da citação e do fator apresentado, trazendo a comunidade bela-vistense para mais perto da análise, para mais perto do enredo narrativo, não existe a intenção de negar a originalidade e a autenticidade de Geraldinho Nogueira, apresentando-o enquanto um indivíduo comum dentro do cotidiano bela-vistense. Essa perspectiva, definitivamente, não se materializa. No entanto, torna-se necessário reconhecer a existência de outros atores e atrizes sociais fundamentais na sua formação artística/cultural.

Parafraseando Lima (2005), a comunidade bela-vistense tinha na arte de narrar uma identidade construída e reconhecida no decorrer do processo histórico. Por meio desse lastro temporal, encontrou no contador de causos Geraldinho o mais significativo representante de um valor cultural que se consolidou historicamente, tendo sido transmitido de geração em geração. A partir da consideração de Cascudo (1984), fazendo referência às primeiras décadas do século XX, entende-se que, diante da valorização dos gêneros da literatura oral, qualquer acontecimento do cotidiano poderia ser facilmente transformado em história. A mesma assertiva poderá ser utilizada para a compreensão do processo de construção dos causos de Geraldinho. Quando se analisa mais atentamente a estrutura do enredo, ou mais precisamente os acontecimentos que deram vivacidade aos causos, identifica-se que os acontecimentos estão distantes de ser espetaculares, miraculosos ou mesmo de um caráter fantasioso.

O tempo todo a tessitura é caracterizada por acontecimentos inerentes ao cotidiano dos moradores da roça goiana. Nesse sentido, ao fazer uma breve rememoração do processo criativo, o senhor Altamiro fez uma consideração de encontro à perspectiva apresentada anteriormente. Entre outras questões, o entrevistado mencionou que os causos estavam permeados, na condição de elementos constitutivos, de situações corriqueiras do cotidiano, que envolviam o próprio autor do enredo, assim como outras pessoas da comunidade. Nas palavras do entrevistado:

> E ele era assim, saía, acontecia, as veiz nóis tava viajano aí, um cavalo refugava com ocê, as veiz acontecia e ocê tinha que apiá e pegá o arraiê. E ele contá aquele causo na hora que ocê chegava lá no destino, num tinha quem não risse, porque ele punha graça naquele trem, naquele acontecido né? É, acontecia, eu andava só em treim injuado, burro brabo esses trem né? Aquilo pra ele era uma festa né, ele achava bão, e aí ele iá contá a história e interava, mais interava do jeito dele. Aí, todo mundo ria caquilo porque tinha intera né? Mais era farra dele.

A partir desse exemplo do processo criativo apresentado pelo senhor Altamiro, há algumas questões a serem consideradas: a tessitura dos causos tinha, como parâmetro, algum acontecimento engraçado/inusitado envolvendo algum companheiro do cotidiano. Entre as possibilidades, o entrevistado fez referência a própria queda diante de um animal arredio. Conforme mencionou, o acontecimento, somente por ele mesmo, serviria de suporte para Geraldinho construir o enredo narrativo, transformando o fato desagradável, pelo menos para a vítima, num divertido causo que, posteriormente, seria muito bem assimilado pelas demais pessoas. Um outro detalhe, digno de nota, está na constatação de que durante o processo de construção e, também, no ato final, quando estava descrevendo o ocorrido para outras pessoas, ficava perceptível que a narração tinha passado por um significativo processo de transformação se comparado ao fato acontecido.

Não se tinha uma simples descrição do acontecido, mas uma nítida intervenção do narrador para transformá-lo em um verdadeiro causo. Nesse ínterim entre o fato até a transformação, Geraldinho tinha acrescentado novos elementos, exagerando em uma situação, rebaixando outra acolá, retirando partes que, acreditava, não possibilitariam o envolvimento de todos e todas na teia da narrativa, acrescentando um contorno não condizente com a realidade, entre inúmeros outros fatores possíveis de serem acrescidos em virtude da impressionante capacidade artística demonstrada no decorrer de uma vida. Na perspectiva de Altamiro, havia sempre uma "intera" por parte do amigo. Todo esse processo de interferência objetivava deixar o enredo do seu modo, deixando-o engraçado.

Quando se aproxima o olhar na procura desse terreno fértil encontrado por Geraldinho, oferecendo as condições para que ele se tornasse um contador de causos reconhecido pelos pares, percebe-se que alguns fatores foram mais preponderantes, se comparado a outros. Além de se valer dos acontecimentos inerentes ao cotidiano, tendo sido acompanhados *in loco*, tais como a queda de um burro bravo descrita pelo senhor Altamiro, outras histórias não acompanhadas presencialmente chegaram até os seus ouvidos. A partir da excepcional capacidade para tecer os acontecimentos no enredo, transformou algumas dessas histórias que

chegaram por meio de outras pessoas da comunidade nos causos conhecidos do público goiano. Um exemplo significativo de história que chegou e, na sequência, foi transformada em enredo narrativo encontra representação naquele que, possivelmente, pode ser considerado o segundo causo mais conhecido do grande público, a saber, *O causo do marimbondo*[188].

No aspecto da tessitura, o enredo descreve a peripécia enfrentada por dois personagens. O primeiro, um peão de fazenda, vaqueiro, exerce seu ofício no manejo e no cuidado do gado leiteiro. O outro personagem está representado no arrogante e prepotente filho do patrão. Depois de uma semana marcada pela existência de muito trabalho, os dois personagens resolveram, diante de um dia ensolarado de domingo, deixar a propriedade rural e se deslocar até a cidade próxima no intuito de namorar algumas moças da cidade. O causo também é importante porque apresenta um pouco da realidade e da própria desigualdade social na roça goiana. O vaqueiro, trabalhador empobrecido, deslocava-se até o espaço urbano montado em um equino não muito vistoso, diferentemente do segundo personagem, detentor de posses, que teve o privilégio de escolher não somente o melhor animal de sela, mas o mais bonito dos animais disponíveis.

Apesar da perceptível diferença socioeconômica, os dois personagens saíram, de acordo com a descrição do enredo, bonitos e saudáveis. No entanto, na metade do caminho, separando a propriedade rural do espaço urbano, o filho do patrão, apresentado na condição de um indivíduo prepotente, acostumado a zombar dos trabalhadores empobrecidos, teve um problema intestinal inesperado, de forma mais específica, uma dor de barriga sem precedentes. Diante do problema, o personagem desceu rapidamente da mula e partiu em direção a um pequeno matagal próximo à estrada, procurando sanar o problema que tanto lhe afligia. Resolveu defecar em um trieiro/caminho criado pelo gado de corte. Em virtude da grave complicação intestinal, que resultou em uma demora desproporcional para conseguir evacuar, o personagem acabou se deparando com um outro problema: um marimbondo gigantesco que vinha graciosamente percorrendo o caminho. Quando se deparou com aquela situação, o marimbondo resolveu subir nas nádegas do personagem, tacando-lhe uma ferroada, aumentando ainda mais a agonia do indivíduo prepotente.

Conforme observado sobre a tessitura dos causos, percebe-se, na maioria das situações, que tanto o enredo quanto os personagens foram construídos a partir de algumas experiências vivenciadas ou acompanhadas *in loco* por Geraldinho. No entanto, nesse enredo do marimbondo, utilizou uma história apresentada por um outro ator social da região, fazendo com que o fato acontecido chegasse aos ouvidos de Geraldinho. Quando alcançou os ouvidos atentos

---

[188] *O causo do marimbondo* pertence ao segundo volume do espetáculo *Trova, Prosa & Viola*. Por meio do *YouTube* é possível encontrá-lo na íntegra: https://www.youtube.com/watch?v=bTp0-nwCJJs.

do narrador que, além da capacidade para comunicar, tem que ser detentor de uma arte ou de uma sabedoria para ouvir o relato de *outrem*, valendo-me da consideração de Bedran (2010), transformou-a em um divertido causo.

Durante a pesquisa de campo, algumas pessoas apresentaram uma versão sobre qual teria sido a "verdadeira origem" de *O causo do marimbondo.* De acordo com os indivíduos, quando ouviu, pela primeira vez, a descrição de um fato verídico envolvendo um amigo da comunidade, conhecido popularmente como Pedrinho do José Alves, Geraldinho não teve nenhuma dúvida. Logo, teceu e transformou o acontecido em um causo que rapidamente fez muito sucesso na região. No mesmo sentido, no contexto das apresentações midiáticas, *O causo do marimbondo* teve e continua tendo um enorme reconhecimento do grande público. Entre as pessoas que explicaram o processo de construção do enredo, desde a primeira versão da história apresentada, até a manifestação da arte narrativa, destacam-se as observações do senhor Moisés:

> É, mais foi o Augustin da Bermira que contô esse causo pra ele, e ele falou assim: "Gustim, esse trem se dê uma história nele, ele fica ajeitado. Eu vô contá esse causo pros oto". Aí, ele deu uma acrescentada nele, porque o negócio do caibo do foimão, aqueles trem, não tinha não, quando o rapaz contô pra ele. Diz que aconteceu com o Pedrin mais o Augustin. O Augustin tava trabaiano pô Zé Arve, pai do Pedrin, e dia de domingo, ese com preguiça demais lá: "Ah, Gustin, vamô dá um passei?". Pegô a tropa e saiu, e deu a dor de barriga no Pedrim lá, e ele apiô e gachô no meio do triero lá, do gado, e o marimbondo lá, daqueles que anda a pé. É, eles avoá, mais é baixim, né? Ele anda mais é a pé, mais é um animale. E o trem já havia esbarrado no chão, e o marimbondo chegou e subiu, aí ele fechô o registro e prendeu a cabeça do marimbondo lá dento (risos).

Embora, na parte final, fique perceptível que o senhor Moisés se utilizou de elementos presentes no causo, tais como o fato de o marimbondo ter subido nas nádegas do personagem, proporcionando-lhe inúmeras complicações, o fator mais relevante a ser observado está, justamente, na menção de que o causo se originou de uma história inerente a duas pessoas do meio rural bela-vistense. De acordo com o entrevistado, os dois indivíduos eram Augustim da Bermira (Augusto da Belmira) e Pedrim do Zé Arve (Pedro do Zé Alves), o primeiro, na condição de empregado e, o segundo, como o filho do patrão. De acordo com o senhor Moisés, quando Augustinho concluiu a descrição do fato inusitado, ouvindo atentamente a história, Geraldinho teria dito que, se desse uma inteirada/acrescentada, a história poderia ficar ajeitada, ou seja, poderia ficar engraçada, tendo condições de contá-la para outras pessoas.

No intuito de deixá-la engraçada, adicionando fatos novos e transformando o enredo, porém, sem deformá-lo, Geraldinho se aproveitou de sua criatividade de contador de causos.

No primeiro momento, durante o processo de introdução do enredo, o filho do patrão é apresentado na condição de um indivíduo arrogante, sem nenhum receio de humilhar os demais trabalhadores. Provavelmente, o trabalhador que o acompanhava com destino ao espaço urbano tinha passado por inúmeras situações vexaminosas. Entretanto, diante da relação patrão e empregado na roça goiana, caracterizada pela submissão e exploração, o trabalhador não encontrava condições e tampouco poderia se vingar do prepotente filho do fazendeiro. No entanto, quem proporcionou o processo de vingança acabou sendo um personagem inesperado, impulsionado pelas forças da natureza:

> (...) Eu já vi acontecê uma maçaroca com esse negócio de maribondo, menino, esse foi duro memo. Mais esse num foi comigo não, foi coto companhero. É, um sujeito muito abusante que nóis tinha lá. Ele era aquese bichão, fí, e o pai dele era o tale. Então, tudo dele era miô memo. E, então, ele judiava cum nóis, rapaiz, que nóis era mais fraco. É, nóis num tinha nada. Era nas troca de dia. Ê, ele judiava com a turma mais fraca. Então, abusava[189] (...).

Indubitavelmente, a criatividade de Geraldinho nesse enredo não pode se resumir ao processo introdutório. No entanto, a introdução torna-se um excelente ponto de partida para se identificar um pouco mais do processo criativo. Nesse sentido, não somente contextualiza o ouvinte do enredo acerca daquilo que contará a seguir, mas condiciona, desde o primeiro momento, a receptividade das pessoas diante dos infortúnios a serem enfrentados pelo personagem. Em detrimento de um sentimento de compaixão e de solidariedade diante dos problemas, a comunidade de ouvintes se diverte despreocupadamente, principalmente porque, no início do causo, o narrador apresenta o comportamento do personagem no cotidiano, sem nenhuma consideração pelas outras pessoas. A partir da introdução, o desfecho desfavorável, embora inusitado, permeava o horizonte dos ouvintes, esperando ansiosamente pelos infortúnios do indivíduo prepotente.

De acordo com o senhor Moisés, quando ouviu o acontecido da boca do Augustinho da Belmira, Geraldinho teria mencionado a necessidade de acrescentar alguns elementos para tornar o enredo mais engraçado. *O causo do marimbondo* constitui-se como um importante exemplo, tanto da capacidade artística, moldando algum acontecimento ou história que chegou aos seus ouvidos, quanto para evidenciar o envolvimento das pessoas do meio rural bela-vistense com a arte de contar histórias. Não se trata de avaliar se eram bons narradores ou não, mas de constatar a presença de muitos narradores anônimos na região. Fosse para passar o

[189] Recorte inicial de *O causo do marimbondo.*

tempo, ou mesmo "jogar conversa fora", ou quem sabe ter a pretensão de ser um contador de causos reconhecido pelos pares - como Idalino, que queria ser o grande vencedor no duelo de mentiras -, constata-se que esses indivíduos estavam sempre contando causos.

Quando o assunto se refere aos gêneros da literatura oral, Geraldinho Nogueira não esteve sozinho no cotidiano rural. Esteve acompanhado de toda uma comunidade narrativa, vivenciando os valores, os costumes e as manifestações que estiveram diretamente entrelaçadas, dando todo o suporte, a construção e a comunicação dos enredos narrativos. A constatação da existência de outros contadores de causos desnuda uma questão fundamental. Os causos pertenciam a um processo de longa duração, fazendo parte de uma história que vinha de muito longe. Nesse sentido, a prática de ouvir e contar causos no contexto pertencia a uma prática cultural, enraizada no cotidiano dos moradores e moradoras daquela região. Diante desse lastro histórico e de uma prática cultural composta por muitos atores e atrizes sociais, os diferentes gêneros da literatura oral encontraram meios para alcançar o famoso narrador, como relata a senhora Madalena:

> Eu imagino que esse jeito dele, é uma coisa o seguinte. Ele (Geraldinho) trouxe dele lá da história, que talvez é dele pequeno né? Do passado lá, das pessoa que tinha aquele jeito, vivia assim. Talvez, parente dele que contava causo, talvez não era igual, mais parecido com aquilo né? Eu acho que ele trouxe aquilo de uma história lá de atráis, né? Isso vem lá de trais, porque cumo ele num tinha, num estudava, então ele só buscava lá atráis né? Ele só buscava lá atráis né?

Percebe-se, na consideração da senhora Madalena, um esforço para trazer uma ancestralidade na formação de Geraldinho enquanto contador de causos, levantando hipóteses sobre o interesse na arte de narrar dos antepassados, fazendo referência aos possíveis familiares contando histórias quando estava no período da infância. Nesse sentido, além de ser um valor cultural enraizado na comunidade bela-vistense, a arte de narrar teria sido um valor passado de geração em geração dentro do próprio nicho familiar. A transmissão desse valor no núcleo familiar se manifestou de uma maneira tão contundente que um dos filhos, conhecido popularmente como João Nogueira[190], se tornou um importante contador de causos da região.

[190] Embora não tenha tido o mesmo sucesso obtido pelo pai, João Nogueira é um contador de causos conhecido no estado de Goiás. Durante a pesquisa de campo, o senhor Roberto mencionou que João Nogueira nunca teve a pretensão de ser um contador de causos famoso. No entanto, por ser filho de Geraldinho, ter uma semelhança física considerável, um timbre de voz praticamente idêntico, e pelo fato de tê-lo acompanhado, nas apresentações teatrais e televisivas, mencionou que, quando as pessoas ficam sabendo da presença de um filho de Geraldinho, a inquietação para contar um causo sempre está no horizonte. Diante das reivindicações, João obteve um sucesso considerável, apresentando-se em muitas ocasiões no programa *Frutos da Terra*, em teatros e em Universidades públicas, tais como a apresentação no Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Além das inserções

Outro detalhe é que João tem alguns causos reconhecidos pelo grande público, com destaque para *O causo do benzedor* e o *Causo do veado de oito patas*[191]. De acordo com Roberto, os causos narrados pelo filho eram de autoria do próprio Geraldinho. Entre risos, o entrevistado afirmou: "Aquilo era invencionice dele memo[192]".

Durante a pesquisa de campo, parte considerável das pessoas, além de destacarem a impressionante criatividade, lamentaram não terem tido a preocupação de registrarem, fosse por meio de transcrições ou das gravações, os inúmeros causos apresentados por Geraldinho no cotidiano. Fizeram questão de ressaltar o quanto os enredos estavam em uma proporção infinitamente maior quando comparado com aqueles veiculados no programa *Frutos da Terra.* Independentemente da situação ou do lugar, fizeram questão de mencionar que o amigo estava sempre apresentando alguma história engraçada, envolvendo alguém da região. No entanto, infelizmente, os causos que não se tornaram conhecidos do grande público não ficaram, pelo menos não em sua totalidade, na memória das pessoas entrevistadas. Sobre este fator, o senhor Carlos considerou:

> E os causo dele né, a gente não sabe, se soubesse os causo dele tudo. Por exemplo, podia ter aprendido né, se a gente sabe disso, mais não resolve nada à gente contá, (pra) ota pessoa. Porque igual ele, é só o jeito dele começá abri à boca pá contá, a gente já ria demais do jeito dele. Agora, a gente, carqué um oto pode contá um causo dele aí que não tem graça nenhuma, mais quando era ele, o povo ria demais.

A reflexão contundente do entrevistado, entristecido por não conseguir se lembrar de todos os causos ouvidos no cotidiano, apresenta uma outra consideração/constatação presente na leitura de alguns pesquisadores, especialmente nas observações de Ademir Silva (2015). Na

---

teatrais, no ano de 2012, gravou, juntamente com Henrique Terena, o CD *Causos e Canções.* No referido CD, acompanha Henrique Terena em algumas canções e conta alguns causos. O enredo de mais destaque é *O causo da capivara*. A apresentação encontra-se no endereço: https://www.youtube.com/watch?v=e3cF-A10h2U.

[191] Os causos apresentados por João Nogueira, especialmente os dois mencionados no corpo do texto, *O causo do veado de oito pernas* e *O causo do benzedor*, são de conhecimento de parte considerável do público goiano. Somente para se ter uma dimensão da capacidade de circulação desses enredos, *O causo do veado de quatro patas* tem mais de um milhão e 500 mil visualizações no *Youtube*. No canal do *Programa Frutos da Terra*, é possível acessá-lo na íntegra: https://www.youtube.com/watch?v=V9_yBpu2Sfs. O outro, *O causo do benzedor*, encontrado no mesmo canal, tem mais de 500 mil visualizações. O endereço de acesso desse último é: https://www.youtube.com/watch?v=i34fZ51GrIQ. A consulta a quantidade de visualizações data do mês de março de 2022.

[192] Durante um especial do programa *Frutos da Terra*, em homenagem ao centenário de nascimento de Geraldinho, o apresentador Hamilton Carneiro mencionou que tanto *O causo do veado de oito patas* quanto *O causo do benzedor* estavam sendo organizados para um novo espetáculo, *Trova, Prosa & Viola.* No entanto, o espetáculo teve que ser interrompido em decorrência do falecimento de Geraldinho no ano de 1993. Além de Hamilton e João Nogueira, participou do programa, a dupla André e Andrade. O especial pode ser acompanhado no seguinte endereço: https://www.youtube.com/watch?v=-kq_2ePvsr8&t=249s.

perspectiva do senhor Carlos, mesmo se conseguisse recordar os causos contribuiria muito pouco com a sociedade, acreditando não ter a mínima possibilidade de distanciar o enredo do seu narrador. Acredita que qualquer outra pessoa que, porventura, resolvesse contar os causos, demarcaria uma distância considerável de Geraldinho. A partir da linha de raciocínio traçada, compreende-se que ninguém reuniria ou reúne condições de se aproximar do jeito, dos trejeitos, da aura artística do narrador bela-vistense.

No intuito de enfatizar ainda mais a consideração, desnudando a autenticidade do amigo narrador, o senhor Carlos mencionou que, somente pelo fato de Geraldinho abrir a boca, as pessoas imediatamente começavam a sorrir. Conforme mencionado, a leitura do entrevistado caminha ao encontro da observação feita por alguns intelectuais. Na consideração de Silva (2015), concordando integralmente com Hamilton Carneiro, qualquer pessoa que tenha a pretensão de imitar Geraldinho acabará passando por um papel ridículo, principalmente quando se observa a autenticidade demonstrada no decorrer de uma vida:

> Por sua originalidade, a contribuição artística de Geraldinho permanece marcante, mesmo tendo passado vários anos de seu falecimento. Ainda não há substituto. Há infindáveis imitadores. No encarte do segundo volume de *Trova, Prosa & Viola,* Hamilton Carneiro escreveu que seu autor foi "o melhor" e mais engraçado contador de causos do Brasil... Tão original e tão bom que se tornaram ridículos os que tentaram imitá-lo". Se Geraldinho fosse realmente um representante de dada coletividade não haveria problema sucessório. Bastaria adotar outro caipira engraçadinho dentre os muitos que se supõe que há por aí (2015, p. 49-50).

De fato, Geraldinho pode ser lido e interpretado a partir da originalidade e da autenticidade demonstradas como contador de causos. Essas características fazem dele, sem ser redundante na afirmação, um indivíduo único. No entanto, na primeira parte da pesquisa, ficou perceptível que, no aspecto da trajetória, na condição de um trabalhador rural empobrecido da roça goiana, a vida de Geraldinho se aproxima e, ao mesmo tempo, se confunde com a de inúmeras outras pessoas. No entanto, no que tange à capacidade artística, a autenticidade se revelou de uma maneira tão preponderante que, no próprio seio da comunidade bela-vistense, conforme ressaltou o senhor Carlos, existe um entendimento tácito de que qualquer tentativa de contar os causos do amigo seria inútil, sem menor sentido[193], porque não teria nenhuma graça.

[193] Durante a pesquisa de campo, procurei compreender o porquê de João Nogueira, mesmo sendo um contador de causos habilidoso, com um timbre de voz muito parecido, optar por não contar os causos mais conhecidos, tais como *O causo da bicicleta, O causo do osso, O causo do marimbondo,* entre outros. O narrador tem uma predileção por apresentar causos que não chegaram a ser gravados por Geraldinho, enredos que não são de conhecimento do grande público. Na leitura do senhor Roberto, João Nogueira não conta esses causos porque teria dificuldades para recordar o enredo como um todo, podendo, eventualmente, esquecer algumas partes. No entanto, outras pessoas

Diante de tamanha criatividade e originalidade, dificultando as pretensões de todos aqueles que, talvez, tenham o objetivo de imitá-lo, percebe-se que muitos causos ficaram "perdidos" no imaginário da comunidade. Dessa forma, no contexto contemporâneo, restam apenas alguns fragmentos, na memória de pouquíssimas pessoas. Entre resquícios, alguns indivíduos trouxeram fragmentos entrecortados de enredos que Geraldinho contava para as pessoas da comunidade. Causos que não são de conhecimento do grande público. Entre os fragmentos mais importantes, ressalta-se *O causo do pioi de galinha.* Partes do enredo foram apresentadas de uma maneira emocionada pelo senhor Carlos:

> Ele tinha um causo, eu não sei encarriá ele direito não, eu num lembro direito não, só um pedacim. Ele contava os causo, porque os trem demorava, né? Era muita coisa. Disse que uma vez ele foi num pagode no São Bento, e naquele tempo o servente[194], aquele povo, eles punha uma tuaiá no pescoço dele, e era umas regra esquisita, muita coisa. E aí, ele disse que tinha umas moças lá que começô a interessá nele, é: "É, teve umas moça que começô a interessá muito em mim, e aí os homi enciumô, num aceitô aquilo e danô lá". Acho que uns queria batê nele, ele correu e socô, acho que tinha um paiozim vei lá, e foi pra lá, e tinha umas galinha choca lá, e tava puro pioi de galinha (risos). Sei que os causo dele, ele tudo levava desvantagê né? Eu nunca vi um causo dele que ele levava vantage, sempre era desvantagê. E ele disse que, mais custô amanhece esse dia pra ele lá, porque essa pioiada de galinha nele desse jeito (risos). Ele contava o causo, e compunha muito saída, muito jeito. E aí que a gente achava graça do jeito dele, desse pagode lá dos pioi de galinha.

Outras pessoas fizeram o mesmo esforço do entrevistado, procurando algum resquício dos inúmeros causos que ouviram Geraldinho contar desde o tempo da infância. O senhor Oliveira, por exemplo, rememorou um causo que Geraldinho costumava apresentar nos encontros de amigos e familiares. O enredo em destaque faz alusão à primeira vez que o narrador, inserido na condição de personagem principal, tinha tido a oportunidade de visualizar um avião. Na ocasião, final da década de 1950, estava realizando um trabalho de carpinteiro, envolvido na construção de um curral para o senhor Joaquim Timóteo na região da Boa Vistinha. Quando avistou o avião, o narrador/personagem teria ficado desesperado, imaginando que o avião traria uma bomba e soltaria sobre as suas cabeças, matando todos os moradores em poucos segundos. Valendo-se de toda a imaginação, transformou uma possibilidade improvável em um divertido enredo narrativo. Na sequência, apresentou-o para as pessoas da comunidade. O resquício do enredo está evidenciado nas palavras do senhor Oliveira:

---

mencionaram que João prefere não os contar por dois motivos: primeiramente, pela questão emocional e, depois, para evitar comparações indevidas com o pai.

[194] Pessoa responsável por servir os alimentos e as bebidas durante as festividades.

> A primeira vez que passô o avião à jato, ele tava fazeno um currale lá pro Joaquim Timóte, trabaino lá sô, no currale. Aí, e a muié do Joaquim Timóte era uma pessoa muito boa, sô, uma pessoa caladinha assim, tranquila tamém. Aí, ele tá lá fazeno o currale, quando apareceu esse à jato sortadô de fumaça subino assim, por longe. Aí, ele viu lá e falô: "Cumade Delica[195], invei um trem aculá sô, e esse trem vai matá nóis, o povo, esse trem é uma bomba[196]". Aí, ele pegô, chamô ela, e ela foi atrás dele, oiô lá assim e falô pra ele: "Ah, não, no fim do mundo ia acontecê muita coisa". E pegô a peneira e foi lá baná arroiz né. Aí, ele ficô oiano ela, e falô: "Mais ela não tem medo não". Aí, ele deitô lá no esterco sô, e falô: "A hora que esse trem dá o tiro, eu vou é deitá, porque vô morrê é deitado". Ele ficô deitado lá um pouquin, ergueu a cabeça assim, e viu que o trem não dava tiro nenhum. Aí, eu sei que ele imendava o trem sô. Ele contava o causo e o povo ria demais. Ele falava: "E a muiê não tem medo sô, não importô com nada, foi baná arroiz lá, e eu num medo danado".

Quem acompanha os causos consegue identificar, nesse recorte apresentado pelo senhor Oliveira, principalmente na parte do desfecho, uma semelhança considerável quando comparado com o enredo de *O causo do carro de boi.* Neste último, o personagem deita-se no assoalho do carro, procurando prender a respiração de todas as formas. Na ocasião, tinha como objetivo provocar a própria morte para não ser morto pelo senhor Bastião do Migué Vei. Porém, na ocasião de *O causo do avião,* o personagem, de acordo com a ilustração apresentada pelo entrevistado, teria se deitado no esterco para morrer deitado, evitando, com isso, o trabalho de ter que cair com o possível estrondo da bomba que viria com toda a força sobre a sua cabeça. A partir do relato de algumas pessoas da comunidade, fica perceptível que se mantêm vivos na memória resquícios de causos não conhecidos do grande público.

Esses mesmos indivíduos que cresceram ouvindo Geraldinho contando as "suas histórias", ouviram, ao longo de suas vidas, os pais e responsáveis falarem de um engraçadíssimo contador de causos ou contador de "patacoadas" da região. Formaram justamente aquilo que tem sido apresentado como o terreno fértil para a circulação da narrativa artesanal. Desse modo, ofereceram todas e as melhores condições para que se consolidasse e se tornasse um dos mais importantes contadores de causos do Brasil. Diante desses atores e atrizes sociais do cotidiano, por meio dos duelos de "mentira" travados, na rejeição que tiveram das histórias e objeção ao próprio personagem construído pelo irmão Idalino, Geraldinho observou e, consequentemente, aprendeu com todas as pessoas da comunidade.

---

[195] Esposa de Joaquim Timóteo.

[196] No campo das hipóteses, observando o contexto, meados do século passado, talvez tenha chegado até Geraldinho, por meio das notícias veiculadas no rádio, o ataque aéreo dos Estados Unidos ao Japão no fim da Segunda Guerra Mundial, resultando no despejo de duas bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagazaki, tendo ocasionado centenas de milhares de mortes. Provavelmente, o contador de causos tenha imaginado que o avião traria uma bomba e despejaria sobre as suas cabeças, matando todas as pessoas da região da Boa Vistinha.

Levando em consideração os argumentos apresentados neste capítulo, continua sendo difícil apontar um mestre direto de Geraldinho na arte de contar causos, dificuldade que se manifesta justamente pela originalidade, autenticidade e capacidade criativa demonstrada. Tendo como referência esses fatores, tudo parece ter sido "meramente um dom". A impressão é a de que não teria aprendido nada com ninguém. No entanto, quando se aproxima mais o olhar, quando se estabelece uma relação mais direta com as pessoas do meio rural bela-vistense, constata-se rapidamente que os "mestres" de Geraldinho foram todos aqueles que ouviram e interagiram atentamente com os enredos. "Mestres" foram todos aqueles atores sociais derrotados nos duelos de mentira, mas que não ousaram recusar um convite para o duelo vindouro.

Enfim, essas pessoas, no decorrer do processo histórico, constituíram uma verdadeira comunidade de ouvintes, que teve o seu início na região do Aborrecido, mas se fez presente e o acompanhou no Barro Amarelo, na Boa Vistinha e no Nuelo. Geraldinho cresceu e passou a vida toda, parafraseando a consideração de Benjamin (2012), intercambiando experiências com esses mesmos indivíduos, adquirindo conhecimento e sendo moldado diretamente pelos valores e costumes do lugar. Sobre a relevância das pessoas de uma determinada região na formação e na aceitação do "artista popular", Candido apresenta considerações importantes, caminhando ao encontro dos propósitos desta pesquisa:

> Para este se configurar (contador de histórias) é indispensável o reconhecimento por parte da comunidade, isto é, o fato desta reconhecê-lo como capaz e adequado. As condições para isto se ligam à existência de elementos tradicionais da sociedade e da cultura, e definem uma situação de classe dominada. Do seu lado, os "contadores" consideram a si mesmos como praticantes de uma "arte", não de um negócio, decorrendo daí formas diferenciadas de remuneração. Essa "arte" se traduz em algo que circula como um bem útil para preencher as necessidades de sonho da comunidade (...) (2005, s.p).

Quando Candido (2005) apresenta elementos dessa relação estreita entre o contador de histórias e a comunidade de ouvintes e destaca o reconhecimento que as pessoas de um determinado lugar têm acerca do contador de histórias, identificando, nele, as condições necessárias para fazer circular os valores, os costumes e os sonhos necessários para a existência da coletividade. Sem o reconhecimento social, sem a legitimidade outorgada pela comunidade de ouvintes, seria impossível assegurar a existência do narrador. Além dessas importantes observações, Candido (2005) deixa evidente que a aceitação do narrador passa, prioritariamente, por ser alguém do lugar. Pertencente à localidade, reuniria as condições de

conhecer não somente os indivíduos, mas especialmente os valores e os costumes. Conhecendo-os, proporcionaria a circulação de todo este amálgama cultural por meio da literatura oral.

Quando Geraldinho se apresentou pela primeira vez, para um contingente enorme de pessoas, ano de 1984[197], participando de um comercial da extinta Caixa Econômica do Estado de Goiás (CAIXEGO), o grande público poderia estar se deixando maravilhar, de forma inédita, com aquele senhor de idade. Aproximando-se dos setenta anos de idade, trajava uma vestimenta simples de homem da roça, com a marca do cansaço "estampada" pelo rosto, indivíduo que, orgulhosamente, se comunicava com um dialeto caipira de antanho, e, sem muito esforço, tirava do rosto cansado, da boca sem dente, um sorriso contagiante. Portanto, diante daquela novidade para o grande público, existia não somente um senhor com uma trajetória de vida longeva e muito representativa. Aquelas pessoas estavam diante de um experiente contador de causos que, desde o início da década de 1930, conseguia envolver os moradores e moradoras do meio rural bela-vistense na teia da narrativa.

O envolvimento, caracterizado por todo um lastro histórico e cultural, somente foi possível porque, conforme observado neste capítulo, Geraldinho encontrou um terreno fértil tanto para a construção quanto para a comunicação dos causos. Teve pessoas dispostas a ouvi-lo, mas que, ao mesmo tempo, não dispensavam uma única oportunidade de demonstrar os seus talentos na arte da narrativa artesanal. Se não houvesse existido esse espaço acolhedor e participativo, mesmo levando em consideração a autenticidade artística, dificilmente Geraldinho teria condições de se afirmar e, posteriormente, ser reconhecido como o mais importante contador de causos do estado de Goiás e um dos mais expressivos do país. O cotidiano, com seus valores e costumes foi importante e tornou-se fundamental na trajetória artística do narrador bela-vistense.

[197] De acordo com os entrevistados, no ano de 1984, Hamilton estava visitando a região de Bela Vista para trazer para o programa *Frutos da Terra*, veiculado na TV Anhanguera, manifestações culturais representativas da vida goiana. Quando soube da presença do apresentador na cidade, um dos amigos, conhecido popularmente como Nigrin da Gustinha, entrou em contato com o apresentador, sugerindo-lhe que tirasse um tempo para conhecer e ouvir algumas das histórias de Geraldinho. Seguindo a recomendação, o apresentador teria pedido que buscassem o contador de causos na propriedade do Nuelo. Quando o avistou, observando a nítida timidez do artista local diante de um indivíduo estranho na comunidade, Hamilton provocou-o para que contasse *O causo da bicicleta.* Quando começou a descrever a trajetória do personagem com a bicicleta, o apresentador logo percebeu que estava diante de um dos mais significativos contadores de causos do Brasil. A partir daquele primeiro contato, pouco tempo depois, Geraldinho tornou-se protagonista do comercial da CAIXEGO e, posteriormente, tornou-se atração fixa do programa *Frutos da Terra.* O primeiro contato de Hamilton Carneiro com o contador de causos, de forma muito parecida com o relato dos entrevistados, é descrito pelo próprio apresentador numa entrevista concedida à Lemes (2008).

CAPÍTULO VI

O RISO E O RISÍVEL EM GERALDINHO NOGUEIRA

> É coisa que eu não entendo é a vida da gente, uns morre muito tarde, outros morre de repente. Na cidade de Bela Vista, no estado de Goiás, viveu um contador de causos, igual aquele não nasce mais. Sua fama correu no estado e no Brasil intero, pela TV foi levado pelas mãos do Hamilton Carneiro. Saudoso Geraldinho Nogueira, contava causo de graça, de lembrança ficou a voz e seu busto lá na praça[198]. Folião e catirero, violeiro e cantadô, contô causo na televisão e o Brasil intero encantô. Tudo que fez foi por amor, o povo de Goiás agradece, sua imagem continua viva, de você ninguém se esquecesse. (*Homenagem à Geraldinho.* Composição de Divino Sebastião).

Embora tenha adquirido notoriedade por ter se tornado um contador de causos reconhecido pela capacidade de fazer as pessoas sorrirem, até o presente momento, não houve uma reflexão voltada para analisar, mais detalhadamente, o riso e o risível nos causos de Geraldinho Nogueira. O que aparenta ser um descuido acadêmico, trata-se, na realidade, de uma condução metodológica da pesquisa. Deve-se ressaltar que Geraldinho não somente viveu e experenciou os valores da roça. Possivelmente, o fator mais preponderante da sua trajetória, quando comparada a de outros companheiros do cotidiano, tenha sido, justamente, a condição encontrada para atribuir um significado muito peculiar sobre a vivência e a convivência dentro da roça goiana.

Na perspectiva de análise que será defendida nesta parte final da pesquisa, o modo mais representativo de atribuir significado à vida esteve representado nos causos. Conforme observado, foram construídos com base nas relações sociais, nas experiências vivenciadas e nos fatos acontecidos no seio da comunidade. Alguns fatos/acontecimentos foram experienciados pelo próprio narrador e outros chegaram com muita intensidade até ele. A partir da excepcional capacidade e criatividade, todo um amálgama cultural, de valores e costumes inerentes ao espaço de vivência e convivência, foi tecido no enredo narrativo e, com isso, transformado nos engraçados causos que parte considerável da população goiana conhece. Em muitas situações, não somente conhece os causos, mas se identifica de algum modo, quando ouve as peripécias enfrentadas pelos personagens tecidos por Geraldinho.

Embora tenham no riso um vetor fundamental de aceitação diante da comunidade de ouvintes, os causos, construídos a partir das vivências e das relações sociais inerentes ao

---

[198] Na entrada da cidade de Bela Vista, para quem está vindo no sentido Goiânia, tem um busto enorme de Geraldinho. A inauguração ocorreu no dia 05 de junho de 1996. Nos anexos, encontra-se a imagem do busto.

cotidiano rural, tanto apresentam quanto desnudam um universo de inúmeras dificuldades que esses atores e atrizes sociais, trabalhadores rurais empobrecidos, estiveram submetidos. Porém, em decorrência da capacidade de Geraldinho de atribuir um significado à vivência individual e coletiva, os causos foram caracterizados por um outro contorno: não necessariamente foram recebidos como se fossem uma denúncia explícita de uma vida difícil que os trabalhadores vivenciaram na condição de agregados, meeiros, arrendatários e lavradores tradicionais, pelo contrário. Os causos ofereceram elementos para que esses mesmos trabalhadores tivessem condições de enfrentar, da melhor maneira possível, a conjuntura extremamente difícil presente no horizonte.

Em algumas ocasiões, diante da miséria e das dificuldades mais elementares do cotidiano, encontrar meios e, ao mesmo tempo, ter capacidade para sorrir, tornou-se um importante refúgio para inúmeros moradores da roça goiana. Refúgio não necessariamente como sinônimo de alienação, mas como instrumento representativo de resiliência. Geraldinho Nogueira parece ter compreendido o poder "terapêutico" do riso. Por meio dessa compreensão, conseguiu diminuir parte da dramaticidade da vida melhor do que ninguém. Seguindo os caminhos desta breve introdução, sinalizando uma possibilidade de análise do riso na condição de um refúgio social, identifica-se, nessas primeiras páginas do último capítulo, uma leitura que envolve os causos como manifestações da cultura popular, principalmente porque reuniram condições de retirar ou diminuir a dramaticidade da vida por meio do riso.

Nessa circunstância, o riso passa a ser compreendido como uma importante manifestação cultural das camadas oprimidas e um meio de enfrentamento e de resistência aos poderosos. Na situação específica do cotidiano de Geraldinho, os poderosos estiveram representados pelos grandes fazendeiros, representados na estrutura agrária de Goiás, que submeteu a maioria da população, formada por trabalhadores e trabalhadoras da roça, a uma condição de vida caracterizada por todos os tipos de dificuldades. Por último, a partir de um aspecto mais específico, o riso significou a possibilidade de lidar da melhor maneira possível com as dores da vida, principalmente com as tragédias familiares marcando presença na trajetória de vida de Geraldinho desde a tenra idade.

Procurando ter uma aproximação maior dessa enorme teia do narrador, dos causos, da cultura popular e, consequentemente, do riso, na sequência, será exposta uma pequena leitura reflexiva com o conceito de cultura popular mais próximo dos propósitos desta parte final da tese. Porém, antes de enveredar por este caminho referente às manifestações artísticas e culturais das camadas populares, convém um desvio de percurso para uma rápida compreensão sobre as últimas leituras acadêmicas envolvendo o riso. Com base nas considerações de Georges

Minois (2003), tem-se uma dimensão do espaço ocupado pelo riso como objeto de estudo, nas Ciências Humanas e Sociais, no decorrer das últimas décadas. De acordo com a perspectiva defendida por Minois:

> O riso é um caso muito sério para ser deixado para os cômicos. É por isso que, desde Aristóteles, hordas de filósofos, de historiadores, de psicólogos, de sociólogos e de médicos, que não são nada bobos, encarregam-se do assunto. As publicações sobre o riso contam-se aos milhares, o que nos dispensa de estabelecer uma bibliografia, porque ele seria ora ofensivamente, ora interminável. (2003, p. 15).

Conforme observa Minois (2003), ao longo dos últimos anos ou mesmo das últimas décadas, o riso tem sido um objeto de estudo com muita capacidade de inserção nas abordagens acadêmicas. A abrangência relacionada à temática, marcando presença nas mais diferentes ciências, impossibilita, entre outras questões, a construção de um estado da arte sobre o riso. Na leitura do autor, o estado da arte seria tanto ofensivo quanto interminável. De outro modo, a quantidade impressionante de pesquisas publicadas apresenta um cenário no qual o riso tem sido estudado de diferentes formas, possibilitando a compreensão sobre a maneira pela qual indivíduos, grupos e comunidades se valeram desse elemento humano, historicamente, para ler, interpretar, atribuir significado e se posicionar diante das diferentes realidades sociais.

No âmbito das possibilidades, levanta-se a hipótese de que o riso, circulando no meio rural bela-vistense, no sentido mais abrangente da afirmação, esteve permeado de significados, possibilitando compreender o modo no qual aquela comunidade, constituída majoritariamente, de trabalhadores rurais se posicionou diante das adversidades. O riso provocado por Geraldinho, suscitado umbilicalmente nos causos, levou a uma maneira muito significativa de ler, interpretar e se posicionar diante da conjuntura social. No intuito de se ter uma melhor compreensão dessa teia de significados, existe um entendimento do riso como elemento importante da cultura popular, representativo da atividade social e cultural das camadas subalternas. Na leitura de Machado (2007), o espectro da cultura popular esteve e continua permeado de experiências e de vivências que fazem parte do mundo real/vivido das pessoas, desnudando formas de comportamento, de enfrentamento e de posicionamento diante das mais variadas situações:

> Entendemos a cultura popular como uma das maneiras possíveis de representação que as pessoas, classes ou segmentos sociais utilizam para expressar suas experiências e vivências. Estas formas de expressão popular estão impregnadas não só por misticismos, mas também por formas de sobrevivências, de lutas; refletem situações concretas, são práticas de um

> mundo real, foram construídas, estão entremeadas no cotidiano, no fazer do dia a dia dos seres humanos (2007, p. 87).

As manifestações da cultura popular, a partir da leitura de Machado (2007), são compreendidas como representações inerentes à vida, expressando sentimentos, emoções, desejos, angústias, experiências compartilhadas e vivenciadas nas mais diferentes situações do cotidiano. Caso não se tenha a compreensão dos acontecimentos envolvendo o mundo real das pessoas, haverá uma dificuldade de entendimento sobre os significados entremeados às manifestações culturais. Muitas manifestações da cultura popular não somente fazem ou fizeram parte da vida, evidenciando as sociabilidades do meio, os trabalhos comunitários, as crenças religiosas, as práticas em comum, os festejos populares, entre tantos outros valores, mas como representa(ra)m a própria vida em si. Nessa perspectiva, se, eventualmente, não houvesse a incidência dessas manifestações no cotidiano, a existência das pessoas perderia não somente o significado, mas a própria razão de ser.

Os causos de Geraldinho Nogueira, conforme defendido em diferentes momentos da pesquisa, desnudam muitos valores e costumes, assim como a condição de vida presente no cotidiano rural bela-vistense durante parte considerável do século XX. Esses valores estavam condicionados a uma estrutura sociocultural maior, mais bem evidenciada nos valores rústicos da roça goiana. No âmbito da trajetória de vida do contador de causos, existe pouca margem de discussão, sendo difícil entendê-lo sem a compreensão de que pertenceu ao conjunto subalterno da sociedade goiana. Esteve inserido naquele segmento que conviveu, historicamente, com a exploração e com o poder coercitivo da oligarquia agrária.

A definição de Peter Burke (2010) possibilita uma melhor compreensão sobre a camada da sociedade envolta pela cultura popular: "Quanto à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das "classes subalternas", como chamou-as Gramsci" (2010, p. 11). Embora essa linha entre o erudito e o popular, o oficial e não o oficial sejam sempre tênues, Geraldinho esteve muito distante de representar os anseios de dominação da cultura oficial ou mesmo da elite dominante no estado de Goiás. Quando se analisa, mais detalhadamente, a presença dos personagens nos enredos narrativos, percebe-se que todos aqueles, de algum modo, representativos da elite agrária ou das camadas mais abastadas da roça, quando inseridos no enredo aparecem para serem ridicularizados, submetidos a situações vexatórias ou a situações de rebaixamento[199].

[199] Um exemplo importante de ridicularização de um representante da elite agrária pode ser observado no *O causo do marimbondo*. O enredo apresenta um desfecho nada favorável do personagem principal, filho de um fazendeiro, sendo obrigado a lidar com a presença de um temido marimbondo caçador. Além do rebaixamento, perceptível na

Provavelmente, a partir dessa última consideração, torna-se possível identificar, guardadas todas as proporções, a manifestação de um traço do realismo grotesco nos causos, aos moldes da leitura de Bakhtin (2013). No enredo narrativo, procurou rebaixar aqueles personagens de um maior poder aquisitivo, principalmente quando estavam estabelecendo relações com os personagens mais empobrecidos da roça goiana. Se, no cotidiano social, os segmentos mais abastados encontravam-se em uma condição de superioridade perante os trabalhadores rurais, nos causos, os personagens com traços mais "elitistas" são rebaixados impiedosamente. O rebaixamento não possibilita que fiquem na mesma condição social dos trabalhadores, mas o rebaixamento apresenta e, ao mesmo tempo, é moldado por meio de uma linha grotesca, de ridicularização desses personagens representativos dos atores sociais com um grau mais elevado de condição socioeconômica dentro da roça goiana.

Geraldinho trouxe muitos problemas sociais experienciados no cotidiano para dentro do enredo narrativo. Porém, se eventualmente não for feita uma leitura minuciosa, o enredo parece estar muito distante de desnudar uma dureza da vida no qual estavam submetidos homens e mulheres do campo. Quando faz uma referência à condição social de Geraldinho, Ademir Silva apresenta o seguinte cenário: "Teve uma vida difícil, como todo brasileiro de origem humilde, mas não transformou essas experiências em melodrama (2015, p. 48)". Conforme mencionado no início deste capítulo, um dos fatores mais importantes para a aceitação do narrador diante da comunidade de ouvintes, fosse aquela do meio rural bela-vistense ou mesmo o público televiso, teve como meio de sustentação a capacidade irrefutável dos causos de propiciar diversão nos ouvintes. É difícil pensar nos enredos e não os associar instantaneamente ao universo do riso.

De acordo com Bakhtin (2013), no clássico livro sobre Rabelais[200], historicamente, a cultura popular se caracterizou pelo teor cômico, se valendo da comicidade e do riso para suportar, de um melhor modo possível, as agruras impostas e se posicionar ativamente diante dos setores dominantes da sociedade. Essa forma de posicionamento das camadas populares, em comparação com os setores dirigentes, criou um segundo mundo, caracterizado tanto pela manifestação da arte quanto pela diversão. Na perspectiva de Mikhail Bakhtin, o valor cultural atribuído aos momentos festivos possui toda uma historicidade, podendo ser localizada desde as civilizações primitivas:

---

ridicularização, a presença do grotesco pode ser identificada na descrição do excremento do personagem, na menção às nádegas e na referência ao ânus do filho do fazendeiro. De acordo com Bakhtin (2013), na cultura cômica popular, havia uma predileção para descrever membros do corpo, especialmente os órgãos genitais.

[200] *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento:* o contexto de François Rabelais.

> A dualidade na percepção do mundo e da vida humana já exigia no estágio anterior da civilização primitiva. No folclore dos povos primitivos encontra-se, paralelamente aos cultos sérios (por sua organização e tom), a existência de cultos cômicos, que convertiam as divindades em objetos de burla e blasfêmia (“riso ritual”); paralelamente aos mitos sérios, mitos cômicos e injuriosos; paralelamente aos heróis, seus sósias paródicos (2013, p. 5).

Geraldinho Nogueira não teve condições de ler Bakhtin, não teve condições de analisar e interpretar Rabelais para compreender o sentido filosófico ou mesmo de enfrentamento aos setores dominantes que, historicamente, o riso proporcionou às camadas populares. No entanto, se as referências teóricas faltaram, a ausência acabou sendo compensada tanto pela experiência de vida quanto pela *expertise* na condição de um contador de causos consolidado no meio rural bela-vistense. Nesse sentido, tendo o riso sempre por perto, fez desse instrumento não somente um vetor de aceitação diante dos ouvintes, mas um meio para lidar, da melhor maneira possível, com os problemas enfrentados no percurso da vida.

Quando analisa alguns dos significados do carnaval para os setores populares da Idade Média, Bakhtin (2013) assegura que o carnaval se situava na fronteira entre a vida e a arte. Guardadas as devidas proporções, históricas, espaciais e do próprio objeto de estudo, no horizonte de Geraldinho, os causos estiveram situados nessa linha tênue entre a vida e a arte. Os causos, representando a arte, deveriam estabelecer uma relação muito próxima com os valores e com os costumes das pessoas daquele lugar. Caso contrário, não fariam o menor sentido, não seriam aceitos pela comunidade de ouvintes e, possivelmente, desapareceriam no decorrer do percurso histórico. O significado poderia se manifestar de diferentes formas, mas, nessa esfera, se manifestou na capacidade de propiciar o riso e a diversão na comunidade. Na sequência, haverá melhores condições de entender os significados que tanto os causos quanto o riso de Geraldinho proporcionaram nos moradores do meio rural no decorrer do século passado.

6.1 Geraldinho Nogueira: um homem do riso

> Enquanto o historiador das ideias esboça a filiação do pensamento formal, de um filósofo para outro, o historiador etnográfico estuda a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo. Tenta descobrir sua cosmologia, mostrar como organizavam a realidade em suas mentes e a expressavam em seu comportamento. Não tenta transformar em filósofo o homem comum, mas ver como a vida comum exigia uma estratégia. Operando no nível corriqueiro, as pessoas comuns aprendem a se “virar” – e podem ser tão inteligentes, à sua maneira, quanto os filósofos. Mas, em vez de tirarem conclusões lógicas,

> pensam com coisas, ou com qualquer material que sua cultura lhes ponha à disposição, como histórias ou cerimônias (DARTON, 2015, p. 14).

Partindo da linha de raciocínio apresentada por Robert Darton (2015), entende-se o modo com o qual os "homens comuns" conseguiram e ainda conseguem se organizar e se posicionar diante da vida. A vida, como sempre, exigia uma estratégia e uma sabedoria política, social e cultural, demandando toda uma capacidade compreensiva, permeada de sentido, para a própria existência humana. Nessa circunstância, a ideia de uma necessidade de existência não somente na esfera individual, mas, principalmente, no âmbito da coletividade. Conforme defende o historiador estadunidense, a cosmologia não transforma o "homem comum" em filósofo, porém, constitui-se como uma evidência de toda a sabedoria do indivíduo para compreender, se posicionar e, ao mesmo tempo, atribuir sentido ao mundo à sua volta.

Esta última perspectiva de análise caminha ao encontro tanto do riso de Geraldinho quanto do riso proporcionado por meio dos causos. Narrador e enredo narrativo como vetores catalisadores geram sentido aos moradores do meio rural de Bela Vista de Goiás. Por meio da História Cultural, trazer essa consideração para esse recorte final da pesquisa torna-se possível. Tendo adquirido um papel importante na historiografia a partir da década de 1970, esse vasto campo de estudo oferece condições de se entender os diferentes modos nos quais as pessoas do cotidiano, muitas vezes, indivíduos anônimos, interpretaram e se posicionam diante da realidade à qual estavam submetidos. Sobre as possibilidades de pesquisa possibilitadas pela História Cultural, Oliveira e Carmo consideram:

> Assim uma das novas possibilidades advindas com a História Cultural foi a valorização das diversas interpretações do real como sendo tão importantes quanto o próprio. Ela não interessa apenas em analisar como é uma realidade social, mas como ela é pensada, construída e lida pelos diversos sujeitos que a compõem. Desse modo, as representações que as pessoas têm sobre si e sobre os outros podem ser explicadas pelas ciências que têm por objeto a cultura (2016, p. 416).

Sendo diretamente influenciado pelas leituras de alguns autores/as, referência nos estudos de História Cultural, antes mesmo da pesquisa de campo imaginava que o riso relacionado aos causos, ou mesmo aquele propiciado pelo indivíduo Geraldinho, tanto no seio da comunidade de ouvintes quanto para o próprio narrador, estava muito distante de ser um riso fortuito, um elemento que não fazia sentido ou não tinha significado para os atores sociais entrelaçados à teia da narrativa. Acreditava que o sentido propiciado, levando em consideração a trajetória de vida difícil de Geraldinho, assim como as condições adversas presentes na vida

da maioria dos moradores da roça goiana, estava representado na perspectiva de um riso que tinha a capacidade de retirar a dramaticidade e um pouco da dureza da vida, deixando o cotidiano minimamente mais confortável.

A hipótese inicial, desde a apresentação do projeto de pesquisa ao processo seletivo do Doutorado no ano de 2018, recebeu uma atenção muito especial durante a pesquisa de campo. Além disso, havia o entendimento de que a hipótese apresentada poderia se transformar em uma das teses a serem defendidas. Por isso, durante a conversa com as pessoas entrevistadas, ficou perceptível que não eram "somente" os causos os vetores do riso, mas o próprio indivíduo Geraldinho, entre os pares, tinha enorme capacidade para provocar alegria e diversão. Vários foram os relatos que fizeram menção a um "jeito" peculiar de Geraldinho, quando esse "jeitinho", aparentemente, estava permeado por toda uma verve cultural. De acordo com alguns interlocutores, nas mais variadas circunstâncias do cotidiano, somente pelo fato de o contador de causos estar no ambiente, a presença, pura e simples, conseguia amenizar o sofrimento, independentemente da magnitude do momento delicado.

Nessa linha de raciocínio, Geraldinho estava sendo apresentado e, de algum modo, compreendido pelos pares na condição de objeto risível. De acordo com Verena Alberti: "Chamo de risível o objeto do riso em geral, *aquilo de que se ri* – seja a brincadeira, a piada, o jogo, a sátira etc. Assim, *risível* aqui, na maioria dos casos, corresponde ao que também recebe o nome de cômico" (1999, p. 25). No horizonte de análise envolvendo Geraldinho Nogueira, *aquilo de que se ri* está presente tanto nos causos quanto no próprio autor do enredo narrativo. Na leitura de muitas pessoas entrevistadas, fato mencionado no início da tese, o narrador bela-vistense se caracterizava por ser um indivíduo "engraçado por natureza". Destarte, independentemente da situação, se estivesse contando causos ou não, se notabilizou por ser alguém muito engraçado. Na observação do senhor Manoel:

> O home tinha ricurso pra tudo. Só dele cumprimentá a gente, a gente achava graça dele, mais ele era muito engraçado. Em qualquer hora que ocê chegava na casa dele, ele tava lá. Era o jeitão dele, só dele cumprimentá, ocê já achava graça dele. Mais era o normal dele, ele não forçava nada pra sê o que era.

A consideração do entrevistado é muito significativa. Primeiramente, sinaliza que somente pelo fato de Geraldinho tecer cumprimentos a *outrem*, o indivíduo instantaneamente considerava-o engraçado, ficava satisfeito, contente simplesmente por um bom dia, boa tarde ou boa noite saindo da boca do contador de causos. Além da constatação, o interlocutor aponta para a autenticidade, fazendo questão de ressaltar que para Geraldinho ser uma pessoa

engraçada, não precisava inventar nenhum personagem, pelo contrário. A capacidade para fazer sorrir constituía-se como um elemento natural, portanto, não precisava fazer um esforço descomunal para ser considerado engraçado pelos pares. Essa observação sobre a autenticidade, de ser alguém "engraçado por natureza", esteve presente nas considerações de outras pessoas, a exemplo do relato do senhor Altamiro:

> Porque o Gerardim, era o seguinte, ocê não dava conta, ocê podia ser conhecido, estranho, qualquê pessoa, que ocê não dava conta de falá adeus pro Gerardim sem ocê ri, não tinha cumo. Era nato dele, não tinha cumo. Se ocê visse ele, aquele jeitin dele, ocê já começava a ri. E eu encantei com ele, muleque novo, fiquei encantado com ele.

No momento dos causos, a possibilidade do riso aumentava consideravelmente. Afinal, nessa condição, a comunidade de ouvintes deparava-se com dois objetos risíveis. O risível estava presente tanto no narrador quanto no enredo narrativo. No entanto, conforme observado, para muitos atores do cotidiano, não havia, necessariamente, a necessidade de ouvir os causos para se divertir com Geraldinho. No campo das hipóteses sobre o porquê do risível, um determinado jeito foi sendo desenhado pelas pessoas entrevistadas como um fator importantíssimo para a manifestação. Esse "jeitinho", capaz de fazer as pessoas sorrirem, preliminarmente, poderá ser analisado de diferentes maneiras. Talvez encontre explicação no modo de se vestir, quem sabe, no dialeto caipira, no modo tranquilo com que se deslocava pela região, talvez estivesse na inimitável gargalhada, na fala pausada e forte quando parava para conversar sobre determinado assunto, entre outros fatores.

Tendo como referência a ideia de pertencimento, presente nos primeiros capítulos da tese, entende-se que o pertencimento significou a identificação e a relação estreita com as pessoas e com os valores culturais do meio. Seguindo essa orientação, entende-se que a maneira de se vestir, ou mesmo o modo de se comunicar, com o dialeto caipira, não eram diferentes das vestimentas e dos falares dos demais companheiros com quem estabeleceu e costurou as relações no decorrer da vida. Ambos, narrador e comunidade de ouvintes, compartilhavam o mesmo universo sociocultural. Assim, o riso não poderia se manifestar por ter sido alguém estranho à conjuntura. Geraldinho era uma pessoa do lugar. Destarte, o "jeitinho", apresentado como um vetor do riso, pode ser compreendido a partir de outra linha de raciocínio, muito mais na condição de um traço específico, traço de autenticidade, do que representativo de um distanciamento perante os costumes regionais. De acordo com o senhor Carlos:

> E era desse jeito sô. Mais ele era engraçado demais pra conversá. Ele trabaiava aí, trabaiava na casa do meu pai, na hora que chamava pra armoçá, ele vinha e armoçava. A hora dele í pro serviço, a gente ria dele, das conversa dele, das graça dele. Ele era naturale pá falá as coisas né? Aí saía engraçado demais, a gente não guentava e começava a rí dele, né? E ele ficava sério (risos).

Durante a pesquisa de campo, as pessoas mencionaram o quanto a fala de Geraldinho, além de ser grave, forte, se destacava porque procurava pronunciar cada sílaba de um modo muito tranquilo, sem pressa para fazê-lo. Na concepção de Lemes (2008), do contador de causos, o tempo não cobrava rapidez. Fosse para preparar um cigarro de palha, nas conversas com os amigos, ou mesmo na lide diária, a calma demonstrada para a realização das atividades chamava, inevitavelmente, a atenção. Embora tenha sido apresentado na condição de um carpinteiro extremamente trabalhador, não tendo medido esforços para garantir o mínimo vital, algumas pessoas afirmaram que, mesmo nas atividades laborais, adotava um ritmo de trabalho vagaroso, sem demonstrar açodamento para a realização dos afazeres.

Em decorrência dessa forma mais despreocupada de estabelecer uma conversa e de exercer uma atividade laboral, entende-se que a tranquilidade parece ter sido um dos traços marcantes da personalidade, manifestando-se nas mais diferentes circunstâncias. Entre os pares, esse traço da personalidade possibilitou uma forma de encanto para com o indivíduo e, consequentemente, para com o contador de causos. Um indivíduo que tinha passado por muitas dificuldades socioeconômicas, enfrentado tragédias familiares consideráveis, porém, mesmo diante das adversidades, conseguiu não somente evidenciar, mas transmitir uma aura alegre. Parafraseando a consideração de Robert Darton (2015), Geraldinho percebeu e fez do riso uma verdadeira filosofia de vida.

Diante das tragédias familiares e das dificuldades sociais/materiais experienciadas no decorrer do cotidiano, identificou no riso e na arte de fazer rir meios de desdramatizar alguns problemas vivenciados na roça goiana. De modo ainda mais direto, Geraldinho conseguiu, independentemente do local no qual se encontrava, retirar um pouco da dureza da vida. Em algumas oportunidades, destaque para o luto coletivo, conseguiu fazer de uma situação dominada profundamente pelo sentimento de tristeza ser transformada, gradativamente, em um momento menos sofrível. Um bom exemplo dessa capacidade de desdramatização poderá ser identificada na constatação sobre o efeito que a “simples” presença proporcionava nos velórios da região. Sobre a impressionante capacidade para fazer sorrir nas situações mais delicadas, a senhora Eduarda afirmou:

> Nos velórios, né. Saía nos velórios, quando é fé deixava o defunto sozim, porque ele começava a conta causo. Cendia um fogo pra lá, pra passá a noite com o defunto, aí cendia o fogo ele ia pra lá, começava a contá causo e o povo ia juntano lá, esquecia do defunto, porque ficava todo mundo escutano os causo do senhô Gerardim.

Quando me deparei com a consideração da senhora Eduarda, imaginei que, talvez, a afirmação contivesse uma leitura, com todo respeito, um pouco exagerada sobre a capacidade de Geraldinho, a partir da aura alegre, de diminuir quase inteiramente a tristeza dos atores e atrizes sociais enlutados com a morte de um ente querido. Afinal, diante do velório, diante do luto coletivo proporcionado pelo momento, conseguir deixar o ambiente mais agradável aparentava ser uma condição, no mínimo, delicada de ser alcançada. Aparente dificuldade até mesmo para alguém que encontrava meios de fazer as pessoas sorrirem mesmo quando não tinha esta pretensão. Porém, outras pessoas fizeram observações idênticas, afirmando que, pela "simples" presença de Geraldinho, o ambiente, independentemente da circunstância, adquiriria instantaneamente outros contornos.

Alguns entrevistados mencionaram que, no velório, não deixava somente o defunto sozinho, mas fazia, até mesmo, os familiares mais próximos do ente querido sorrirem quando abria a boca para contar um causo ou qualquer outra história. Segundo o senhor Moisés: "Inclusive, ele chegava em velório e fazia o povo do defunto rir, porque quando ele entrava, o povo já começava a rir dele e até o povo do defunto tinha hora que ria (risos)". Se diante de um momento tão delicado, voltado quase unicamente para a manifestação da tristeza coletiva e não necessariamente do riso, condição inerente ao velório, Geraldinho Nogueira conseguiu fazer todos sorrirem, a ideia apresentada anteriormente, de um homem *ridens*, um homem verdadeiramente do riso, não parece ter sido desproporcional. Tendo como referência os exemplos apresentados e orientando-me a partir de Mikhail Bakhtin (2013), torna-se possível afirmar que Geraldinho soube compreender o riso como um instrumento importante para se posicionar entre a vida e a morte.

Um fator importante a ser observado na cultura cômica da Idade Média é a de que a morte foi retratada, não necessariamente, como sendo sinônimo de tristeza, luto e fim da vida, mas, compreendida, nas mais diferentes manifestações culturais, como elemento representativo de uma renovação da própria vida. Conforme mencionado, torna-se muito difícil identificar que os valores da cultura cômica medieval, tendo como referência Mikhail Bakhtin (2013), influenciaram a atividade artística de Geraldinho Nogueira. As influências parecem estar muito mais próximas, no tempo e no espaço. No entanto, não deixa de ser importante constatar que uma interpretação, até certo ponto, alegre e divertida diante da morte, condizente com um

contexto muito distante, teve uma leitura parecida na roça goiana. Provavelmente, não se trata de uma mera coincidência, mas da observação dos valores transmitidos ao longo do processo histórico no seio das camadas subalternas. A partir desse processo de transmissão, foram sendo ressignificados, nas mais diferentes sociedades, de acordo com os valores e com os costumes regionais.

Esse entendimento da importância do riso e da capacidade para fazer as pessoas sorrirem não se manifestou somente quando os indivíduos da comunidade estavam passando por situações delicadas, mas até mesmo quando o próprio Geraldinho se encontrava diante de algumas adversidades, encontrou meios de transmitir sua aura alegre. Para melhor exemplificar esta ideia de uma aura alegre, houve a opção de selecionar e, na sequência, apresentar duas situações específicas; a primeira, envolvendo diretamente Geraldinho, e a segunda quem estará no centro da reflexão são outras pessoas. Durante a primeira parte da pesquisa, quando foram analisados alguns traços da vida, houve um esforço para apresentar tanto a causa da morte, trombose intestinal, quanto os momentos difíceis anteriores ao falecimento do narrador.

Na expectativa de se recuperar da trombose intestinal, Geraldinho ficou alguns dias internado no Hospital de Urgências de Goiânia (HUGO). Durante a internação, estabeleceu contato com outros pacientes que também estavam numa situação delicada. No entanto, mesmo nesse espaço, com o estado de saúde debilitado, a capacidade para fazer sorrir esteve presente, especialmente quando se propôs a contar os famosos causos[201] para os outros pacientes. Em meio a tanta alegria, provocando um riso solto nas pessoas com a saúde seriamente comprometida, a equipe médica, também deixando se envolver na teia da diversão, demonstrou preocupação com toda aquela situação. Quem descreve os desdobramentos deste acontecimento é Santana:

> Os boletins médicos não eram nada satisfatórios. O caipira ficava cada dia pior. Sua passagem pelo hospital durou uma média de 20 dias. Embora doente, Geraldinho precisou ser transferido uma vez de quarto, pois estava quase "matando de rir" os outros pacientes. Normalmente ele falava manso, debilitado, isso aumentou. Então, em prazos longos, ele contava um causo e deixava até médicos e enfermeiros atentos do início ao fim (2012, p. 78-79).

Aparentemente, até mesmo nos momentos finais, quando a possibilidade da morte estava cada vez mais evidente, a aura alegre "deu o ar da graça". Ter a dimensão da presença constante do riso demonstra ser uma questão fundamental, possibilitando o entendimento de

[201] Nesse contexto de 1993, fazia quase uma década que Geraldinho se apresentava no programa *Frutos da Terra*. Em decorrência do enorme sucesso, os causos eram conhecidos por quase toda a população goiana.

que a leitura sobre Geraldinho, apresentando-o na condição de um indivíduo engraçado, dificilmente será compreendida caso seja analisada somente pelo viés do contador de causos. Ou seja, a ideia de que seria engraçado apenas quando estava apresentando o enredo narrativo para os amigos e os familiares. A hipótese não se sustenta. Por meio dos exemplos, identifica-se que se apresentava como um indivíduo engraçado o tempo todo, fosse no velório ou mesmo quando a vida estava por um "fio". Diante dos argumentos e exemplos apresentados, acredita-se que a ideia de um homem engraçado por natureza, um homem do riso, tenha melhores condições de se sustentar nesta parte final da pesquisa.

Quando o objeto de reflexão se volta para o cotidiano, observando as tragédias familiares, a presença constante da miséria social, tendo sido apresentada como sinônimo de uma pobreza danada, não seria difícil imaginar que o sentimento dominante poderia ou deveria ser o sentimento da tristeza, e não a perspectiva oposta. Afinal, conforme observado nos primeiros capítulos, motivos para se tornar um indivíduo triste não faltaram. No entanto, a tristeza não marcou presença na maioria das situações. No cotidiano, de acordo com as pessoas entrevistadas, aquilo que Geraldinho mais gostava de fazer era ficar conversando e rindo. Na leitura do senhor Roberto: "Meu pai, se ocê tivesse prusiano e rino, é que ele achava bão". De acordo com Bakhtin (2013), o riso no horizonte da cultura popular tornou-se um meio importante de afirmação, de posicionamento e de enfrentamento ao poder das camadas dominantes.

O riso teve significados para Geraldinho. O principal deles esteve no fato de ter encontrado nesse elemento, tipicamente humano, meios para enfrentar as "brabezas" da vida. Quando compreendeu o poder do riso, principalmente no sentido de retirar a dramaticidade de uma vida permeada por todos os tipos de dificuldade, não se contentou em armazenar essa compreensão apenas para si. Na condição de um narrador artesanal, utilizando a categoria de Benjamin (2012), quando entendeu o poder "subversivo" do riso, procurou transmitir o conselho/entendimento por meio da sua arte. Para alcançar o objetivo traçado, utilizou os mais diferentes espaços para compartilhar todo o aprendizado adquirido durante a vivência no meio rural bela-vistense.

Seguindo as observações de Oliveira e Carmo (2016), conjuntamente com a leitura de Ribeiro (2017), compreende-se que, desde o primeiro momento, Geraldinho compreendeu que, diante de algumas situações, sorrir demonstrava ser o melhor remédio. Talvez seja possível acrescentar mais uma pequena observação na consideração dos autores, sobretudo na condição de Geraldinho e da comunidade de ouvintes, não somente em algumas situações, mas em quase todas as situações, sorrir não somente foi o melhor remédio, mas a única maneira encontrada

para amenizar o sofrimento a qual estava submetido dentro da estrutura agrária goiana. O riso, a partir dessa linha de raciocínio, está sendo apresentado como uma prática cultural de resistência, produzindo uma teia de solidariedade e sociabilidade, possibilitando a compreensão do mundo por parte das camadas empobrecidas da roça. Sobre a capacidade de entendimento, interpretando-o a partir de um determinado recorte do Renascimento, Bakhtin considera:

> (..) O riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério; por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que ao sério: somente o riso, com efeito, por ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo (2013, p. 57).

No entanto, o riso, tendo todas as características apresentadas pelo intelectual russo, concepção do mundo, da história e da sociedade, teria pouca relevância se eventualmente estivesse inserido dentro de uma conjuntura social que não compreendesse, por exemplo, toda a sua potencialidade. Nessa ocasião, serviria unicamente para a diversão descompromissada com os problemas sociais/materiais[202]. Porém, no meio rural de Bela Vista Goiás, no transcorrer do século XX, o riso encontrou, não somente no sentido individual, mas também no aspecto coletivo, um conjunto de pessoas que compreenderam todo o valor proporcionado. Desse modo, entenderam e perceberam no riso uma maneira específica de ler, interpretar e se posicionar diante do mundo. Por exemplo, sobre a importância das práticas culturais no cotidiano das camadas populares, valendo de uma interpretação histórica, Machado considera:

> Por isso, antes de serem representações religiosas, estéticas e mesmo imagéticas de uma época, as práticas culturais foram ou são parte de um mundo real em que, ao se produzir relações sociais de produção também se constroem, ao mesmo tempo, cultura. É neste sentido que concebemos a cultura como parte integrante de um sistema de produção que, paradoxalmente, ao criar a exclusão social propicia formas de solidariedade, sociabilidades, prazer e misticismo (2007, p. 87-88).

A leitura de Machado (2007), entendendo as manifestações ou as práticas culturais como representações de um mundo real, coloca em evidência a tese de que, a partir do processo

[202] Uma leitura crítica sobre o riso descompromissado, um riso sem sentido, onde e quando as pessoas sorriem, mas não sabem muito bem do que estão sorrindo, pode ser encontrada no importante livro de Gilles Lipovetsky. Livro intitulado *A era do vazio*: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Referência especial ao capítulo de número cinco, *Sociedade humorística.*

de exclusão proporcionado por uma determinada cultura, existe uma possibilidade de os indivíduos ou grupos excluídos criarem teias de solidariedade e de sociabilidade, isto é, criarem meios que se tornam elementares para a garantia da sobrevivência tanto individual quanto coletiva. Essa perspectiva de análise caminha ao encontro do objeto de estudo, sinalizando para a produção de uma prática cultural no seio da comunidade bela-vistense, quando essa prática não somente aproximou os indivíduos na arte da narrativa, mas garantiu as condições básicas para a sobrevivência.

Por exemplo, mesmo convivendo diante de um caldo cultural opressor, encontrando representação na oligarquia agrária goiana, submetendo a maioria dos trabalhadores rurais aos interesses dos fazendeiros, tanto Geraldinho quanto a comunidade de ouvintes conseguiram encontrar inúmeros momentos de prazer. Diversão especialmente nos bailes dançantes, nos mutirões, casamentos, batizados, Folia de Reis, Catira, entre tantos outros folguedos. Um outro fator é que esses indivíduos empobrecidos conseguiram, por meio da verve cultural, sorrir de tudo isso. Diante de uma estrutura caracterizada pela existência das mais diferentes dificuldades, onde e quando a carestia sempre esteve por perto, encontrar meios, formas e sentidos para conseguir sorrir não poderá ser compreendida como uma prática cultural menor.

Sorrir, diante da condição social imposta, demonstra o quanto esses atores e atrizes sociais, moradores e moradoras do meio rural bela-vistense, utilizando a definição de Robert Darton (2015), conseguiram compreender o mundo a sua volta e, do seu modo, moldados pelos valores rústicos, atribuíram um significado muito particular a vida à qual estavam submetidos. O significado teve nos causos, no próprio indivíduo Geraldinho e no riso proporcionado pelo narrador, um sentido simbólico, de relevância social, afirmação e de reconhecimento enquanto indivíduos pertencentes a uma determinada coletividade. Guardada todas as proporções, é possível afirmar que esse sentimento permanece, tendo sido identificado durante a pesquisa de campo, muito presente até os dias atuais.

6.2 A mão do oleiro no personagem: um estudo de causos

O título que abre a última seção da pesquisa está referendado em uma reflexão proposta e apresentada por Benjamin (2012). Quando apresenta suas considerações críticas sobre o desaparecimento do narrador artesanal e, consequentemente, sobre o depauperamento da própria narrativa no seio da sociedade ocidental, o filósofo, mesmo não tendo apresentado uma leitura mais específica acerca do que seria o narrador artesanal, quando poderia transitar desde um camponês sedentário, passando pelo marinheiro viajante até desembocar em um cronista

como Nikolai Leskov, tece considerações sobre o modo no qual operava o narrador na construção da arte narrativa. Entre outros contornos, Benjamin assegura:

> A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão, - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. É uma inclinação dos narradores começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, isso quando não atribuem essa história simplesmente a uma vivência própria (2012, p. 21).

A leitura de Benjamin (2012), afirmando que, na narrativa artesanal, encontra-se a impressão da marca ou mesmo da mão do narrador, assim como a mão do oleiro está presente na argila do vaso, moldando-o, tem muita semelhança com o *modus operandi* de construção da maioria dos causos de Geraldinho. No mesmo sentido, o filósofo assegura que, no universo dos narradores artesanais, diante do processo de construção da narrativa, tinha-se o fato de trazerem para dentro do enredo as vivências e as experiências à qual estavam diretamente vinculadas às suas vidas. A outra possibilidade de construção do enredo estava nas histórias/acontecimentos caminhando ao encontro dos ouvidos do narrador. Quando chegavam, trabalhava moldando-as do seu modo[203], assim como o oleiro molda o vaso.

Quando se analisam minuciosamente os causos de Geraldinho, identifica-se, o tempo todo, a mão do oleiro. O molde fica ainda mais perceptível quando se acompanham as aventuras/desventuras do personagem principal, moldado para não ter a mínima condição de solucionar os problemas que aparecem pela frente. Alguns autores, com destaque para Ribeiro (2017), percebem um certo traço quixotesco[204]nos personagens, envolvidos com muitas aventuras, mas levando desvantagem em quase todas elas. Somente em situações excepcionais

---

[203] No tópico anterior, houve a inserção de uma história que chegou aos ouvidos de Geraldinho. Quando chegou, foi tecida e deu forma ao divertido *O causo do marimbondo.* Naquela circunstância, moldou a história do seu modo, objetivando deixá-la mais engraçada.

[204] Referência a Dom Quixote de La Mancha, personagem de Miguel de Cervantes. O famoso fidalgo mancebo se notabilizou, justamente, por não ter conseguido resolver os problemas presentes no horizonte. Fosse nas aventuras para conquistar a sua querida Dulcineia de Toboso, ou no intuito de trazer justiça social, Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança sempre acabavam saindo derrotados das aventuras. É importante ressaltar que a referência a Dom Quixote aparece somente como um exemplo. Nesse sentido, não existe a intenção de afirmar que Geraldinho se inspirou no personagem de Cervantes. Embora o livro do literato espanhol tenha circulado pelo interior do estado de Goiás desde o século XVIII, conforme demonstra Janaína Amado, no artigo *O grande mentiroso*: tradição, veracidade e imaginação em história oral, não seria muita pretensão imaginar que o clássico personagem possa ter alcançado Geraldinho por meio da transmissão das histórias orais. No entanto, se alcançou, possivelmente, não teve influência na construção do personagem geraldiano. Dom Quixote tinha como uma das utopias dirimir as injustiças sociais, diferentemente do personagem do narrador bela-vistense, que não tinha grandes aspirações, contentando-se com a resolução dos pequenos problemas do cotidiano.

conseguiram, se não contornar toda a situação, pelo menos controlá-la de uma maneira mais adequada. Sobre o humor ou mesmo sobre o risível nos causos, as dificuldades enfrentadas pelos personagens tiveram uma importância fundamental na aceitação da comunidade de ouvintes. De acordo com Castro:

> Aspecto importante a se pensar quando falamos do sucesso de Geraldinho se encontra no humor narrado em seus causos. Trazendo consigo a cultura do riso, a relação da trama de seus causos sempre apontam para o encontro entre a degradação ou deformação dos objetos tidos por sagrados e merecedores de uma apreensão séria, e a ressignificação destes como objetos de um humor tipicamente caipira, voltado ao homem do campo, à terra que habita e, ao mesmo tempo, ao engraçado, e à ridicularização de seus personagens diante as experiências da vida (2010, p. 41).

Por exemplo, um personagem que conseguiu contornar uma situação delicada, não sendo ridicularizado durante todo o desenrolar da trama, encontra destaque no mencionado *O causo do carro de boi*. Dentro do enredo, trabalhando no transporte de lascas de madeira para um senhor muito sistemático da região, o personagem acabou provocando um grave acidente quando jogou uma pesada lasca de madeira sobre o senhor sistemático, arremessando-o nos pés de um boi. O animal não teve nenhuma compaixão, dando-lhe um coice e jogando-o ainda mais longe. Imaginando que o senhor recuperaria do acidente e, por andar sempre com um revólver na cintura, recordaria o acontecido e desferiria alguns tiros sobre o responsável, o personagem entrou numa situação de desespero. Vislumbrando a possibilidade de ser morto, possivelmente sofrendo muito com a dor da bala no corpo, tentou provocar a própria morte, segurando o quanto pode o fôlego para morrer asfixiado. No entanto, a tentativa demonstrou-se ineficaz, pelo fato de que, quando estava quase morrendo, começava a respirar lentamente. Porém, o horizonte imaginado, morrer baleado, não se concretizou e a situação acabou contornada:

> (...) Quando chegô nesse pau que eu queira laigá, era um pau cumprido sô, pesado pra daná, quando nóis levô ele aqui, pá jogá ele por riba dos fuero, eu fiquei esperando ele, quando ele falô "vá", eu mandei. Ele falô vá e num jogô rapaiz. Hum, menino, oia, quando o pau bateu a ponta no chão lá e deu um coice no subaco dele, virô ele de costa enriba de um boi de coice, um boi azogado sô, de um pau terrinha anssim, de pareia, tirô um prito com ele pra riba, passô ele pra riba desse pauzin sô e tocô ele longe no meio do cerrado e ele caiu de ponta prá lá. Quando eu vi que ele esparramô lá no mei do cerrado, e ele era mau demais, bruto memo, e um macaco de 38[205] na cintura rapaiz, quando eu vi que ele espraiô lá, e eu ainda fiquei: "Talvez, Deus ajuda que ele caba de morrê e eu tô salvo". Eu pensei que ele ia miorá e me matá, porque ele era ruim. Fiquei oiano animado que ele ia morrê. Quando eu vi que ele

[205] Revólver de calibre 38.

> mexeu com uma perna, manei: "Esse marvado vai aprumá e vai me matá. Aí, eu manei: "Mais, eu vô vê se eu dou conta de morrê e ante dele miorá que eu não sinto a dor da bala". Aí, eu deitei de bruço dento do carro sô, e parei o foigo. Falei: "Agora eu morro memo, eu não tomo foigo, quero vê". Quando não dava mais, eu ia sortano de pouquim anssim, e oiano ele. E ele mexeno, foi mexeno, manei: "É, já ele miora e a pipoca levanta". Tornava a juntá, agora eu morro memo. Pois eu lutei até desacossuá e não dei conta de morrê rapaiz. Quando eu vi, ele sentô mei zonzo, demoro ali um pouquim, tremeno. E levantô tonto, aquele trem esquisito, e tinha um imburuçusim anssim perto, com uma foiona grande e caminhô pra banda desse imburuçusim lá. E eu fiquei pensano: "O que será que ele qué?". Ele rancô uma foiona daquela sô, e dobrô ela, e feiz um copo da foia e rancô a ferramenta de mijá, e encheu aquilo de urina, e mandô aquela foiada de urina sô. E eu pensano: "Ele vai cabá de bebe a urina e a pipoca levanta". Bebeu, e ele era cheradô de pó[206] sô, os bigode dele de dento da boca virô uma breieira de pô e virô um uruvai de urina daquilo. Aí, ele tirô um trapo da gibera, enxugô aquele uruvai dos bigode. Aí, eu manei: "É agora, é agora". E eu fiquei esperano. Aí ele tornô, e aí ele oiô ne mim caquele zói limbrinado: "Não, mais o Gerardim não tem culpa não, foi eu memo que falei vá". Aí, eu tomei foigo ligero pá descontá aquele atraso, e fiquei pensano. Se eu tivesse dado conta de morrê, eu tinha perdido o trabaiô rapaiz[207].

O causo do carro de boi tem muita relevância, principalmente porque está no seleto grupo dos enredos no qual o personagem principal consegue, de algum modo, contornar a situação, sem levar muita desvantagem para casa. Apesar de, conforme observado por meio da descrição entrecortada do enredo, a possibilidade de o desfecho ter sido trágico tenha existido o tempo todo. Na mesma esteira das exceções, outro causo apresentando o personagem que conseguiu contornar a situação encontra representação no *O causo da namoradinha*[208]. O enredo, entre outras questões, evidencia consideravelmente a cultura patriarcal presente na roça goiana durante o transcorrer do século passado, a qual, independentemente do recorte social ou mesmo da condição socioeconômica, atingiu praticamente todos os atores e atrizes sociais. Entre os indivíduos moldados e diretamente influenciados pela cultura patriarcal, estava Geraldinho Nogueira.

A construção e o desenrolar do enredo seguem, aproximadamente, o seguinte roteiro. O personagem, recém-casado, recebe a visita de uma antiga namorada. Quando percebe a presença da antiga namorada na residência, fica um tanto quanto desconfiado, imaginando que o desdobramento daquela visita proporcionaria algumas complicações para o casamento. A impressão inicial acabou prevalecendo. No desenrolar do enredo, aproveitando-se do fato de

---

[206] No cotidiano da roça, essa referência fazia alusão aos indivíduos que, além de serem fumantes, tinham como hábito raspar pequenas lascas do fumo preto, colocar na mão, e ficar cheirando por algum tempo.

[207] Recorte do meio para o fim de *O causo do carro de boi.*

[208] *O causo da namoradinha* faz parte do segundo volume do espetáculo *Trova, Prosa & Viola.* O causo está disponível em vários canais no *YouTube.*

que a esposa tinha deslocado para o veio d'água no fundo da residência, encontrando-se só com a antiga namorada, o personagem resolveu tirar proveito da situação, importunando-a sexualmente, passando as mãos no corpo e nas partes íntimas da mulher.

Vítima do abuso sexual, a mulher procurou se defender, empurrando-o com muita força com os pés. Diante da força do empurrão, o personagem se desequilibrou, chocando-se violentamente contra uma prateleira, derrubando praticamente todas as vasilhas. Ao ouvir o barulho das vasilhas caindo no chão, a esposa ficou preocupada e acelerou o passo para entender o acontecido. Preocupado, temendo que a antiga namorada relatasse o ocorrido, podendo resultar em inúmeras complicações, comprometendo, até mesmo, a continuidade do casamento, o personagem tinha se preparado para deixar o ambiente quando a verdade fosse apresentada. No entanto, tanto para o seu contentamento quanto para o contorno da embaraçosa situação, a antiga namorada apresentou uma justificativa muito convincente para a queda das vasilhas. Antes da apresentação do desfecho, a contextualização do enredo nas palavras de Geraldinho:

> (...) Quando ela (antiga namorada) aicô anssim sô, que ela pegô no cantin da fornaiá[209], que ela moigô pá soprá o fogo, rapaiz, aquela muniçãozinha de ropa tava muito regrada. Quando ela moigô, ela fez anssim[210] no meu rumo, ainda sungô. E quando eu vi aquilo menino, eu num quiria oiá, mais os zói quiria. E eu fui ficano afadigado de oiá aquilo, fui ficano safocado, num quereno oiá, mais os zói quiria. E eu num dei conta de dominá os zói, rapaiz. Quando eu tava fadigado de oiá aquilo, a paciência mingô, rapaiz e eu num atulerei. Aí, eu levantei, rapaiz, suquei o braço por baixo dos trapain dela, fui buli lá na goelinha dela. E ali, eu fui rastano à mão pra trais anssim, lerdo. Quando chegô no umbrin dela, eu dei uma pausinha, fui rastano. Quando chegô no imbinguim dela sô, tava fundo, e eu ainda buleguei ele com a ponta do dedo. E ela quetinha rapaiz, eu tava até animado. Quando eu cheguei no subaquim da perna dela, eu garrei inzoná. E eu não sei o quê que ela pensô, se eu fiquei mei estoivado rapaiz. Ela firmô na fornaia e me chamô os dois pé no imbigo. Eu num tava esperano por aquilo menino, foi uma cambota. Eu chorei a nuca numa prateleirinha que tava pra trais, e cuia, coitê e lata dibuiô enriba de mim. E eu levantei loco no mei daquele aranzé de trem, e já arranquei no rumo de saí e parei no rumo da portinha de investi na saroba. E fiquei pensano: "Se essa muleca enreda pra muié, daqui memo eu vô investi no mundo e num volto mais nunca". Fiquei assuntano ali, aimado. Aí, a muié escutô e amiúdo ainda mais a toada e chegou lá e: "Uai, fulana, que baruião foi aquele aí?". Aí, rapaiz, Deus ainda me deu uma demão (risos), que ela inventô uns remendo que ficou bão demais, ela desviô do rumo. E aí, eu fiquei anssim, sem graça, esperei um pouquim lá, vortei, sentei um pouquim lá mei amoado, bebi o café lá. E de vez em quando ela oiava ne mim lá. E aí, ela foi embora[211] (...).

[209] Na ocasião, a antiga namorada estava soprando o fogo para fazer um café.

[210] A antiga namorada, com o objetivo de atiçar o fogo do fogão, levantou a perna em direção ao personagem.

[211] Recorte de *O causo da namoradinha*. No canal do programa *Frutos da Terra*, no *YouTube*, torna-se possível acompanhá-lo na íntegra: https://www.youtube.com/watch?v=033rZdkQV6o&t=317s.

É interessante observar, nessas duas circunstâncias mais excepcionais, quando o personagem consegue relativamente contornar algumas das situações delicadas, que o enredo, em quase todos os momentos, é caracterizado por muita tensão. Outro detalhe é que o contorno da situação não se constitui diretamente pela ação efetiva do personagem, mas a solução parte de *outrem.* No *O causo do carro de boi,* por exemplo, o personagem somente não foi morto porque o senhor Bastião do Migué Vei compreendeu a situação e reconheceu que poderia ter agido de acordo com o combinado no momento de retirar as madeiras do carro de boi. No *O causo da namoradinha,* o casamento não chegou ao término porque a antiga namorada conseguiu contornar a situação, mentindo para a esposa do personagem. Percebe-se que, nas duas ocasiões, o personagem construído por Geraldinho não conseguiu resolver ou contornar os problemas, mas acabou sendo "salvo", no final, por intermédio de outras pessoas. Se dependesse somente da sua habilidade, o desfecho seria parecido com todos os outros.

Feita a observação, apresentando um caráter mais excepcional no enredo narrativo, a partir desse momento, os esforços estarão centrados na análise da *mão do narrador,* moldando mais diretamente o personagem. O molde tinha o propósito de fazer com que levasse desvantagem em todas as situações. Um fator importante, embora tenha sido analisado no capítulo anterior desta tese, é que foi justamente essa característica "quixotesca" a grande responsável por proporcionar que os causos fossem muito bem recebidos pela comunidade de ouvintes. Em contraponto aos causos de Idalino, moldou-se um personagem não para sair derrotado, mas para consagrar-se vitorioso nas mais diferentes situações. Essa característica da vitória fez com que os causos de Idalino fossem recebidos com muita ressalva e, em alguns momentos, de forma crítica pela comunidade de ouvintes. Geraldinho, quando comparado ao irmão, seguiu um outro caminho.

No *O causo do osso,* o personagem procurou oferecer um mutirão para o pai de uma pretendente. Com o adjutório, objetivava trabalhar demasiadamente para deixar uma boa impressão diante do futuro sogro[212]. Além da construção de uma imagem favorável, apresentando-se como um indivíduo laborioso, na medida do possível, pretendia flertar com a futura namorada no mutirão. No entanto, o objetivo traçado inicialmente demonstrou-se totalmente incompatível com a "realidade". Primeiramente, porque o pai da pretendente não deixou aberta nenhuma possibilidade de aproximação entre os enamorados e, no final do enredo, o personagem acabou sendo atacado impiedosamente por um enorme cachorro, deixando-o em uma situação muito delicada. O vexame comprometeria, entre outras questões,

[212] Segundo o senhor Carlos, a tessitura do causo foi inspirada em um mutirão que Geraldinho, ainda solteiro no Barro Amarelo, ofereceu para um pequeno proprietário da região.

a continuidade do relacionamento:

> (...) Eu tô mascano ali rapaiz, e tinha um quartim num corredozin, e ela vinha no corredô pá entra no quarto. De vez em quanto, ela ia lá no quarto e me oiava lá na sala[213], e eu parava de mascá, oiava nela (risos). E eu satisfeito caquilo. E aí isso rapaiz, quando eu cabei de ruê aquela munição de fora do osso, que eu peguei nele pá jogá ele no curralê, eu oiei ele, e ele tava com um miolão bonito[214]. Manei: "Ah, eu tô suzim aqui, eu vô aproveitá esse trem, isso é gostoso". Aí, pelejei pra chupá ele, tava mei garrado. Eu inventei de tacá esse dedo[215] por baixo anssim e fui impurrano rapaiz, e mamano de ota banda, e sentino que o dedo ia apertado, mais tava rompeno, deixa que vai. Quando eu já tava pá lambê a cabeça do dedo, eu fui tirá ele, cadê? Rapaiz, eu trucié anssim pá vê se saía, o coro impolava lá adiante e não dava de si. E aí, eu já disiquilibrei, manei: Mais eu tem que arrumá um companheiro pá quebra esse osso, que não vai saí memo. Aí, rapaiz, nisso eu tô ali pelejano, vinha a buinha dela no corredô. Quando eu vi que era ela, eu fui e coloquei o dedo no colo e tampei com o prato (risos). Tampei com o prato pá ela não vê. E eu fiquei oiano ela e não sei se ela desconfiô, e deu uma pausa me oiano, e eu tamém oiano ela, fazendo com coisa que não tinha nada no dedo. E aí, ela demorô, manei: "Ah, mais eu vô escondê esse trem miô, se não ela ainda descobre. Fui levano o prato, tampano aquele osso anssim rapaiz, e oiano ela. Quando eu bambiei o braço pá trais anssim, rapaiz, tinha um marvado de um cachorrão samiado atráis de mim. Quando eu bambiei, eu senti só aquele supapo e virei de costa (risos). Menino, e o marvado pegô e num laigava de jeito nenhum, e dano safonão e rosnano. E eu gritano: "Sai cachorro, sai cachorro". E ele foi me rastano e dano supapo. Quando chegô na porta da sala, que ele lá ia me levá pá saroba, eu levei essa mão no portale, e aí eu ranquei pá trais. E ele foi com o osso na boca, mais o coro do dedo foi junto. Oiei nele, (no dedo) rapaiz, ficô pareceno uma cenora quando ocê despena ela. Oiei na porta, mais minino, essa mulequinha tava com o pescoço dessa grossura, segurano pá não ri, acho que de dô de mim (risos). Não, eu pulei do lado de fora, ainda passei pô riba do cachorro ainda e fui batê lá em casa, e a foice ficô[216].

Na primeira parte da pesquisa, O causo *do osso* foi analisado como uma referência para a compreensão da relevância do mutirão para os trabalhadores rurais do meio rural bela-vistense. Na ocasião, apresentado como um importante vetor da teia da solidariedade existente no cotidiano, quando os atores sociais não mensuravam esforços para contribuir com aqueles mais necessitados. Feita a ressalva, voltando à perspectiva da análise inicial e observando o

[213] Na ocasião, o personagem ficou irritado porque o pai da pretendente tinha construído um jirau no terreiro da residência, objetivando servir a refeição do lado de fora da casa. Contrariado com a situação, deixou a turma reunida no terreiro, encheu o prato de comida e adentrou na casa, almoçando especificamente na sala. Levando em consideração alguns dos valores da roça goiana, envolta na cultura patriarcal, quando as mulheres dificilmente se relacionavam com pessoas não pertencentes ao nicho familiar, a possibilidade que o personagem tinha de visualizar a pretendente dentro da casa acabava sendo bem maior.

[214] Referência ao pedaço de carne suína, conhecido popularmente como suã ou assuã.

[215] Dedo indicador.

[216] Recorte final de *O causo do osso.* Presente no segundo volume do espetáculo *Trova, Prosa & Viola*.

desfecho pouco favorável ao personagem, torna-se necessário ressaltar que não é somente nesse recorte final que leva desvantagem, tendo o dedo indicador preso em um pedaço de assuã e, na sequência, sendo atacado por um esfomeado cachorro. O enredo todo, desde a tentativa inicial de se aproximar da pretendente nos festejos populares, é caracterizado por uma expectativa positiva, mas, na sequência, caracterizado por uma enorme frustração. De expectativa e frustração, o enredo foi sendo construído. Desse modo, propiciou a diversão da comunidade de ouvintes.

Sob a perspectiva de análise inerente a esta parte final da pesquisa, *O causo do osso* é um daqueles que melhor ilustram tanto a incapacidade quanto a falta de elogio da habilidade vitoriosa do personagem. No entanto, além do supracitado enredo narrativo destacam-se mais alguns. Um outro importante exemplo da dificuldade de contornar a situação, sofrendo consequências desagradáveis pela incapacidade, pode ser localizado no *O causo do Soldado*[217]. Dentro do enredo, o personagem geraldiano, acompanhado de outros amigos do cotidiano, resolve frequentar um prostíbulo na cidade de Bela Vista de Goiás. A questão mais delicada de toda essa situação estava, justamente, no fato de que um dos companheiros se constituía, na realidade, em um menor de idade.

Devido à quantidade considerável de pessoas no ambiente, um prostíbulo, a turma de amigos atraiu a atenção das "autoridades competentes", proporcionando um olhar mais atento de alguns policiais que passavam próximo ao local. Ao adentrarem, demonstrando, desde o início, não terem respeito e muito menos consideração com as pessoas presentes, os policiais solicitaram a documentação de todos. Quando, finalmente, chegou o momento de o menor de idade apresentar os documentos, o pai do adolescente resolveu, inesperadamente, confrontar os policiais, recusando-se a apresentar a documentação solicitada.

Sem ignorar o fato de que os policiais adentraram no prostíbulo de modo pouco educado, o comportamento resiliente do pai do adolescente aguçou ainda mais a irritação dos policiais. Em decorrência de uma resposta ríspida, não pensaram duas vezes e partiram com toda a violência para cima daqueles trabalhadores. Percebendo que a situação seria muito desfavorável, alguns companheiros conseguiram deixar o local, pulando janelas, saindo pela porta dos fundos, entre alternativas encontradas naquele momento de desespero. No entanto, condição não muito difícil de presumir, o personagem geraldiano, juntamente com o pai do adolescente, não conseguiu deixar o prostíbulo no tempo adequado e, então, sofreram todas as consequências da violência policial:

---

[217] *O causo do soldado* faz parte do segundo volume do espetáculo *Trova, Prosa & Viola.* Disponível, também, no *YouTube.*

> (...) O sordado foi e perguntô: "Cadê os seus decomento?" Aí, o pai dele tava, o pai dele foi e respondeu: "O decomento dele é o pai dele que tá aqui". Hê, minino, foi memo que jogá um cacete numa caixa de marimbondo (risos). E esse povo desceu em riba de nóis, e guspiu gente pela jinela, pô fundo, pô toda banda. E eu atrasei um pouco. Quando eu resolvi à saí, um grudô na minha prisia e arrastô e falô: "Oceis ainda não pagô". Falei: "Não, mais é coisa fáci, nóis paga" (risos). Pro cê vê, ese pegô eu e o pai do rapaizim. Aí nóis foi lá e pagô. E aí, eles queria que eu descesse adiante dese, pá quela rua abaixo sô. Falei: "Menino, mais isso vai ficá fei demais, esse brinquedo". Ele: "Laiga de conversa sô". E me soltô um supapo no pescoço, esfalô a minha cabeça na parede. Aí, eu falei: "Não, mais o senhô está estovado demais (risos). Quando mais eu pedia um acordo prele, mais ele aumentava o soco (risos). Aí, quando eu vi que num tinha ricurso, que ele num atindia. Eu fui e falei pra ele: "Não, se o senhô vê que num tem jeito memo, eu tenho que í em casa pá conta pá muié, que ela é ainda mais braba que o senhô (risos)". Aí, ele ainda me apontô no rumo e me chamô a polaina na suã rapaiz, e me tacô debruço lá diante e ainda falô: "Então some, cachorro". Aí, eu fui e levantei e falei prele: "Se o senhô tivesse feito essa proposta pra mim no começo do trem, eu já tava pra lá de casa[218] (risos)".

O causo do soldado apresenta o protagonista do enredo envolvido em mais uma situação delicada, quando o risível está centrado justamente nas desventuras vivenciadas pelo personagem. Por meio dos infortúnios, fica perceptível a capacidade artística de Geraldinho, principalmente quando retira a dramaticidade do enredo, transformando a narração de uma nítida violência policial contra um trabalhador empobrecido em um divertido causo. A violência das "autoridades competentes" fica em segundo plano, podendo passar facilmente despercebida diante da situação difícil e trágica vivida pelo personagem, indefeso e rodeado por indivíduos violentos. Ademais, mesmo sendo vítima da inegável truculência, levando socos e pontapés ininterruptamente, não perde o humor e a capacidade de ridicularizar o policial. A última constatação fica perceptível quando faz o pedido para que deixasse que fosse embora porque, por incrível que pudesse parecer, a esposa seria ainda mais brava[219] do que as autoridades.

Na seção anterior, foi mencionado que Geraldinho tinha uma capacidade impressionante para fazer as pessoas sorrirem, independentemente de estar contando os causos ou não. Quando estava apresentando o enredo narrativo, a possibilidade de provocar o riso aumentava consideravelmente. Nesse momento tinha-se a junção de dois objetos risíveis, como

---

[218] Recorte final de *O causo do soldado*. O causo pertence ao segundo volume do espetáculo *Trova, Prosa e Viola*, estando disponível no canal do *Frutos da Terra:* https://www.youtube.com/watch?v=S2S-m_MSI2M.

[219] Na primeira parte da pesquisa, identificaram-se traços da personalidade de Dona Pretinha, considerada uma mulher forte dentro do cotidiano. Em contraste com a tranquilidade excessiva de Geraldinho, as pessoas entrevistadas afirmaram que, em muitos momentos, Dona Pretinha ficava muito nervosa com as atitudes do marido. Levando em consideração o fato de que os causos foram construídos a partir das experiências vivenciadas, acredita-se que quando faz referência ao nervosismo da esposa, existe evidentemente uma hipérbole, mas também uma boa dose de realidade.

os causos e o próprio narrador. Porém, na esfera dos causos, alguns fatores podem ser utilizados para explicar tamanha aceitação. Entre esses, a tessitura do enredo, quando os acontecimentos envolvendo os personagens são minuciosamente descritos, tendo uma sintonia impressionante entre início, meio e fim da tessitura. Vale ressaltar o modo envolvente e descontraído de narrá-los, entrelaçando todos na aura alegre do enredo. O dialeto caipira apresentado e dando forma a todos os desdobramentos e, conforme observado, apresenta-se como objeto risível a própria dificuldade do personagem de contornar as situações embaraçosas. Os elementos risíveis, *aquilo que faz rir,* definição de Alberti (1999), são variados.

Geraldinho Nogueira apresentado pelas pessoas entrevistadas na condição de um "indivíduo engraçado por natureza". Nesse sentido, afirmaram que somente pelo fato de fazer um aceno de bom dia, o interlocutor ficava contente. Os causos têm uma estrutura narrativa muito organizada, quando os fatos e os acontecimentos que se sucedem são muito bem concatenados. Pelo fato de contar causos desde o período da infância/adolescência, adquiriu uma autenticidade artística, fazendo as pausas necessárias para a assimilação e compreensão dos ouvintes, explicando as situações delicadas com gestos, expressões faciais e assim por diante. Quando se fazia necessário desdramatizar o enredo, a inimitável gargalhada tinha exatamente essa função. Referindo-se as apresentações teatrais e televisivas, Silva observa:

> Ensaiava como qualquer ator que se preza. O diretor Hamilton Carneiro, sua escada cênica, habilmente adaptava seus causos a linguagem teatral. Aparentemente, até mesmo as pausas para os aplausos em cena aberta eram marcadas. Essa espontaneidade ensaiada não tornava um capiau menos autêntico. Na verdade, tal junção entre autenticidade sociocultural e talento cênico representa sua maior contribuição (2015, p. 33).

Nesse aspecto, existe uma concordância com as observações de Silva (2015). Quando alcançou o sucesso midiático, não resta muita dúvida de que os causos e a própria maneira de narrá-los passaram por uma adaptação. Durante entrevista concedida a Lemes (2008), Hamilton Carneiro reforça que foi necessário fazer pequenas adaptações tanto para o espaço televisivo quanto para o teatro. No entanto, fez questão de destacar que as alterações foram muito sutis, visando não retirar a autenticidade de Geraldinho, entendendo-a como a principal e a mais importante característica artística do narrador. Um outro fator inerente ao sucesso midiático poderá ser identificado na própria figura de Carneiro. Em muitas ocasiões, o apresentador faz uma espécie de introdução ao enredo narrativo, contextualizando os ouvintes sobre o que passariam a ouvir na sequência.

Porém, no cotidiano rural bela-vistense o apresentador não estava presente. A construção e a comunicação de todo o processo ficavam unicamente sob a responsabilidade de Geraldinho. No espaço da roça, convivendo com amigos e familiares, tendo iniciado na arte da contação de causos no período da infância/adolescência, demonstrou imensa capacidade artística. Caso contrário, não teria sido aceito e muito menos se afirmado perante a comunidade de ouvintes. Por exemplo, antes de fazer o pequeno adendo acerca das sutis adaptações para o espaço televisivo, houve menção aos elementos risíveis presentes tanto no enredo quanto na capacidade ou na maneira de Geraldinho apresentá-los.

Na perspectiva defendida por Castro (2010), a figura do narrador bela-vistense não é somente um elemento cômico, mas como, em algumas oportunidades, pode suplantar até mesmo o próprio enredo narrativo. Quando se alarga mais o olhar, observando a teia da narrativa não unicamente no horizonte de Geraldinho, identifica-se que um dos fatores fundamentais para a afirmação dos contadores de histórias estava na capacidade de transmissão do enredo. Referindo-se aos inúmeros narradores anônimos, Matos e Inno Sorsy consideram:

> A arte do contador está na habilidade em manejar a palavra, imprimindo-lhe emoção, ritmo, entonação, energia. Entremeando-a com silêncios, dando-lhe força ou suavidade. A palavra do contador deve maravilhar, emocionar, distrair, divertir e instruir. O contador deve dar provas de eloquência, de cultura, de inteligência e imaginação (2009, p. 140).

Na leitura das autoras, a palavra do contador de histórias, entre outras funções, tem o poder de maravilhar, emocionar, divertir e instruir os ouvintes. As pessoas que tiveram, têm ou terão condições de acompanhar a arte narrativa de Geraldinho, rapidamente identificam toda essa eloquência e habilidade se manifestando. O manejo das palavras, a emoção transmitida, a capacidade de envolver todos e todas na teia da diversão tornou-se possível porque se tratava de um contador de causos com muita experiência no seio da comunidade. Em decorrência da experiência adquirida no decorrer do tempo construiu e moldou uma narrativa e um personagem que estabeleceu uma relação direta com os valores e costumes das pessoas do meio rural. A trajetória de vida, em paralelo com a experiência na condição de um contador de causos, fez com que soubesse manejar sabiamente as palavras.

Segundo Mattos e Sorsy (2009), a arte do contador de histórias está na capacidade de se valer com muita sabedoria das palavras. De acordo com as autoras, a arte do contador também está na capacidade de divertir os ouvintes. Essa última consideração, indubitavelmente, é aquela que fica mais perceptível quando se analisa a verve artística e cultural do narrador bela-vistense. Afinal, é muito difícil ficar indiferente aos causos, não sorrindo da trajetória

quixotesca do personagem. A ideia de um personagem geraldiano, incapaz de contornar a maioria dos problemas, surge como uma possibilidade de identificar algumas das experiências engraçadas ou mesmo inusitadas que o indivíduo vivenciou no cotidiano. Tais vivências são transformadas, a partir da criatividade, nos divertidos causos que parte considerável da população goiana conhece.

Seguindo essa linha de raciocínio e, ao mesmo tempo, levantando uma hipótese, torna-se muito provável que os enredos no qual o personagem geraldiano encontra-se em primeiro plano sejam, na realidade, alguns dos causos construídos ou influenciados nas próprias experiências vivenciadas pelo indivíduo Geraldinho. Essas experiências individuais e, em alguns momentos, coletivas, tornaram-se fontes para a construção dos enredos. No entanto, quando se analisam todos os causos conhecidos do grande público, identifica-se uma quantidade que não têm o personagem geraldiano no centro das atenções. Em algumas situações, nem sequer aparece. Entre os enredos, destacam-se *O causo do peãozinho novo, O causo do marimbondo,* O *causo do casalzinho novo,* e *O causo dos 500 réis de chuva.* Dos enredos mencionados, aquele mais conhecido do grande público é *O causo do marimbondo.*

No capítulo anterior, quando houve o objetivo de demonstrar o quanto os gêneros da literatura oral circulavam no cotidiano bela-vistense no decorrer do século passado, a partir da consideração do senhor Moisés e de outras pessoas da comunidade, foi possível perceber que a história orientadora da construção de *O causo do marimbondo* tem sua origem em um fato inusitado envolvendo duas pessoas da região da Boa Vistinha. Quando ouviu a história contada por um amigo pela primeira vez, Geraldinho teria mencionado que acrescentaria mais alguns elementos e depois compartilharia aquele acontecimento inusitado, já transformado em causo, com outras pessoas da comunidade. Soube ouvir a história e depois transformá-la no segundo enredo mais conhecido de sua autoria.

Na perspectiva defendida por Beatriz Bedran (2010), a arte ou mesmo a sabedoria do narrador manifesta-se na capacidade de ouvir. Imagina-se que não somente essa situação envolvendo dois indivíduos e o marimbondo, mas, praticamente todas as outras, quando o personagem geraldiano não se encontra na condição de protagonista do enredo, tenham sido construídas a partir das histórias que circulavam entre as pessoas do meio rural, quando essas histórias alcançaram, sem muita dificuldade, os ouvidos atentos do narrador. No momento que chegaram com toda a intensidade, teceu-as e transformou nos divertidos e conhecidos causos.

Um fato a ser observado é que, mesmo naqueles causos nos quais o personagem geraldiano não se encontra presente, a estrutura do enredo e o próprio objeto risível mantém o padrão, especialmente na incapacidade dos personagens de solucionar os problemas que estão

diretamente envolvidos. Apresentados como exemplos, destacam-se *O causo dos 500 réis de chuva* e *O causo do casalzinho novo.* Neste último enredo, os dois personagens principais, conforme o próprio título sugere, são um jovem casal que se formou no meio rural. Anteriormente, foi mencionado que uma das características marcantes da rusticidade goiana esteve na forte presença do patriarcado, impondo uma série de determinações e regras morais e comportamentais às mulheres. Uma das normas estava na dificuldade, conforme observa Pessoa (2021), de ocuparem os espaços públicos. Quando conseguiam ocupar, sobretudo em festejos populares, geralmente ficavam sob a vigilância atenta dos pais e dos irmãos, observando e vigiando suas ações, emoções, desejos e assim por diante.

A força do patriarcado, representada na vigilância sobre o corpo e sobre os desejos das mulheres, está muito presente em O *causo do casalzinho novo.* Identificada a estrutura[220], oferecendo os meios para a construção do enredo, tem-se melhores condições de apresentar a dificuldade do personagem de contornar uma situação delicada, especialmente quando o inusitado aparece no horizonte. Na tessitura do causo, o personagem casa-se com uma jovem muito tímida que, mesmo depois de casada, não permitia que o marido a visse nua. Angustiado pelo fato de estarem casados e não terem tido relações sexuais, nem sequer ter visto a esposa despida, o personagem ficava o tempo todo insistindo que deixasse, pelo menos, vê-la sem roupa. Depois de muita insistência, a esposa finalmente concordou com a proposta.

No entanto, receosa de que alguém, além do esposo, pudesse vê-la naquela situação, sugeriu ao marido o fechamento de todas as portas e de todas as janelas da casa. Somente nessas condições ficaria despida. Diante da proposta, o personagem procurou argumentar que, desse modo, não faria muito sentido porque estaria tudo escuro e o seu grande desejo não seria realizado. Procurando contornar a situação, sugeriu que fossem para um local mais afastado no meio rural. Nesse lugar, imaginava não haver nenhuma possibilidade de ter alguém para atrapalhar aquele momento tão esperado. Diante da alternativa apresentada, a esposa finalmente concordou com a sugestão. O casal deixou a residência com o objetivo de chegar ao lugar limpo e afastado. Quando a situação parecia finalmente controlada, um novo personagem apareceu na trama:

> (...) E aí, dirigiram pra lá, e tinha um rapaizin campeano uma eguinha, já tinha froxado de andá[221]. E então chegô lá nessa aive e: "Ah, eu vô subi aqui, uma

[220] No início do enredo, Geraldinho faz referência à estrutura patriarcal. Não menciona o conceito de patriarcado, tampouco faz uma leitura mais crítica, mas refere-se a um sistema antigo, entendido como um modo de vida sistemático.

[221] No contexto, percebe-se que o rapaz estava à procura de uma égua.

> que eu descanso um pouquim e enxego mais longe. As veiz eu vejo uma tropa né. E subiu e ficô queto lá, uma aive muito copuda, quando í lá de riba da aive, ele viu que vêm duas pessoa. Invém, invém e dirigiu no rumo. Invém, e ele ficô quetin lá em riba. E era o casazim rapaiz. Chegô lá de baixo da aive, com uma sombra muito boa (risos). Aí, eles parô, e oiaram só à redô anssim, não viram nada. Falô anssim: "Não, aqui seive, não tem ninguém pá vê". E o mulequin lá em riba, caladim, oiano aquilo. Aí, ela começô, foi tirano os trapin, jugá puma banda, prota. Até que ela ficô no jeito que ele tinha vontade de vê rapaiz. Ele ficô satisfeito demais, falô: "Hê, minino, agora eu vim o mundo intero". Quando ele falô anssim, o rapaizim falô: "Às veiz o senhô viu minha eguinha tamém?" (risos). Ave Maria, e essa muié deu sô um grito sô, e ajuntô no mundo gritano, chorano e xingano[222].

Provavelmente, assim como ocorreu no *O causo do marimbondo*, o acontecimento que resultou no *O causo do casalzinho novo* tenha chegado aos ouvidos de Geraldinho. Perante toda a criatividade e capacidade artística, assim como o oleiro molda a argila do vaso, utilizando, mais uma vez, a consideração de Benjamin (2012), teceu o acontecimento do seu modo, fazendo com que o desfecho não fosse muito diferente daqueles outros de sua autoria. No final da trama, os personagens principais, representados no casalzinho novo, perceberam-se diante de uma situação muito delicada e, talvez mais importante, impossibilitados de contornarem-na. O risível se manifesta nos mais diferentes momentos do enredo e por motivos variados, mas um dos fatores mais preponderantes está no desfecho trágico, ou seja, está na falta de habilidade do recém-formado casal, não somente para contornar a situação, mas na impossibilidade de lidar com o inesperado.

Seguindo a mesma orientação, não é muito difícil presumir que *O causo dos 500 reis de chuva* tenha sido construído a partir de uma pequena história que circulava na comunidade. Circulando, alcançou os ouvidos atentos de Geraldinho. Tanto para o ouvinte familiarizado quanto para o leitor da tese, de antemão, é possível mensurar que o personagem principal do enredo terá o mesmo desfecho das situações apresentadas anteriormente, sofrendo todas as consequências por ter sido moldado pelo contador de causos bela-vistense. No entanto, convém ressaltar que o enredo apresenta dois personagens principais. O primeiro encontra representação em um fazendeiro, e o outro é representado por um agregado com uma idade mais avançada. Em decorrência dos problemas de saúde, o agregado faleceu, justamente, no período do plantio dos gêneros alimentícios.

Além da morte do trabalhador rural, responsável direto pela plantação, cuidado e colheita dos víveres, o fazendeiro deparava-se com um outro grave problema, dessa vez,

---

[222] Recorte de *O causo do casalzinho novo*, pertencente ao primeiro volume do espetáculo *Trova, Prosa & Viola*. Disponível no *YouTube* por meio do seguinte endereço: https://www.youtube.com/watch?v=m0gW8EqYpyI.

relacionado à falta de chuvas. Pelo fato de o agregado ter falecido poucos dias antes do Natal, imaginando que o recém-falecido iria para o céu, o proprietário resolveu encomendar, por intermédio do trabalhador, 500 réis de chuva para Deus. Desse modo, antes de ser enterrado, o fazendeiro colocou 500 réis nas mãos do agregado, encomendou a quantidade desejada e ficou à espera da chuva. Por ser um causo menos conhecido do grande público, houve a opção por uma inserção um pouco maior do enredo, especialmente na parte final, desnudando quais foram as consequências da encomenda do proprietário:

> (...) E ele (proprietário) ficô sapiano ali memo, cortano umas bassora ali pelo terrero. Quando foi ali por umas duas hora rapaiz, foimô uma nuvem bunita anssim, por riba da fazendinha dele. Ele ficô satisfeito e correu lá dento e falô pá muié: "Oh, muié, cê não é de vê que o danado do veim saiu lá no ceu". (Mulher): "Uai, num sei, poque é que cê sabe disso?". (Proprietário): "Não, é poque eu puis um dinheiro na mão dele, pra ele falá pra Deus mandá uma chuva pra mim, e hoje vai chovê, ele saiu lá memo". E a muié dele danô: "Como é que ocê faiz uma coisa dessa sô? Cê é muito bruto". E ele: "Não, mais nóis tá precisano, as veiz dá certo". Ah, rapaiz, quando foi ali pumas quato hora, caiu chuva, mais foi só memo dento da fazendinha dele, a água num saía fora da divisa não, foi até encostá no arame e foi ergueno. Foi empasinano e logo quando ele saiu, a água invadiu lá na casa e ele saiu pra oiá e já invinha o gado dele nadano, morreno, é poico, é animale, cachorro, tá tudo (morreno). E, sô, e ele foi subino na casa, num pode nem acudi os menino, que tava tudo afogano. E ele foi trepano na casa, enchente foi ergueno ele, e ele foi garrano. Quando ele já tava lá no pontalete rapaiz, já pelejano pra quebra uma ripa pá passa pá riba da casa, o que ele tinha já tinha devorado tudo. Escapô ele. Quando ele tava lá, cá água no subaco ânsim, (risos), aí a chuva deu de acaimano e aquilo foi e passô. E aquela enchente foi gachano devagazim, e quando a água tava no rumo do cinto dele já, veio uma voiz pô riba da casa, e ele abraçado lá com o pontalete, da comunhera lá. Veio uma voz por riba da casa e falô pra ele: "Oh, moço, o senhô mandô avisá o senhore que num tinha a importância que o senhô mandô pedi, mais o senhô tava com muita precisão, ele mandô um pouquim hoje, veio só duzento, trezento vai vim amanhã" (risos). Aí, ele (proprietário) falô: "Fala pra ele que eu dispenso o resto, num precisa não. Eu achei que chuva era mais caro[223]".

Imagina-se que, a partir dos dois recortes apresentados, quando o personagem geraldiano não se encontra presente, existam melhores condições de se compreender que o traço marcante dos enredos permanece orientando todas as situações. Assim, independentemente de o personagem ser geraldiano ou não, a perspectiva do anti-herói quase sempre prevalece. Tanto no *O causo do casalzinho novo* quanto no *O causo dos 500 réis de chuva,* os personagens não somente enfrentam muitos problemas, como não têm a mínima condição de resolvê-los. Na primeira parte da pesquisa, destacou-se o quanto Geraldinho teve uma trajetória de vida difícil

[223] Recorte de *O causo dos 500 réis de chuva.* O causo está disponível no canal do programa *Frutos da Terra no YouTube.* Endereço: https://www.youtube.com/watch?v=y6wvhMyeJZE.

dentro da roça goiana. No entanto, quando se amplia o olhar, identifica-se que parte considerável dessas dificuldades se constituiu como uma realidade na vida da maioria dos moradores e moradoras da roça, demandando muita luta e labuta para a garantia das mínimas condições de sobrevivência.

Os causos foram construídos a partir dessas vivências, das experiências que os trabalhadores rurais experienciaram no transcorrer do século passado. Por meio dos causos, desnuda-se muito dos valores, dos costumes, das manifestações tradicionais, da organização social, da teia da solidariedade e da sociabilidade presente no cotidiano. Para Geraldinho, na condição de agregado, carpinteiro, carreiro e, mesmo quando se tornou um pequeno proprietário na região do Nuelo, a vida não procurou favorecê-lo em momento algum. A vida foi e continuou sendo extremamente dura. O trabalhador rural cresceu lidando e enfrentando as "brabezas" da estrutura agrária goiana. A partir das considerações, envoltas na realidade social, compreende-se o porquê de os personagens, na maioria das circunstâncias, não conseguirem solucionar os problemas inerentes ao horizonte.

Quando se entrelaçam os causos com as experiências de Geraldinho Nogueira e da própria comunidade, enfrentando dificuldades de toda a sorte, compreende-se o porquê de os personagens estabelecerem uma relação muito próxima com a vida da maioria das pessoas da região do Barro Amarelo, do Aborrecido, do Nuelo e da Boa Vistinha. De forma um pouco mais precisa, os personagens são coerentes e, ao mesmo tempo, condizentes com a vida difícil da comunidade de ouvintes. Seria muito incoerente e incompatível com a realidade se os personagens se saíssem vitoriosos na maioria das situações, demonstrando uma verdadeira habilidade na solução dos problemas. A conquista, o êxito e a vitória dos personagens soariam como uma questão estranha à comunidade de ouvintes, sendo de difícil assimilação. A comunidade estava acostumada a lidar no cotidiano com os mais diversos problemas e as constantes derrotas/dificuldades faziam parte da vida, diferentemente dos momentos vitoriosos, constituindo-se como verdadeiras exceções.

6.3 *O causo da bicicleta*: uma desventura geraldiana

No capítulo anterior, com o intuito de apresentar o quanto a comunidade valorizava a arte de contar e ouvir causos, contar e ouvir histórias no cotidiano, destacou-se a existência de outros narradores artesanais contemporâneos à Geraldinho. De forma muito especial, foi feita uma menção a Idalino Nogueira. No entanto, diferentemente do irmão, a comunidade de ouvintes não recebeu de forma muita satisfatória os causos de Idalino. Conforme observado,

uma das justificativas apresentadas para a recepção negativa esteve no fato de que o personagem construído pelo irmão de Geraldinho, na maioria das circunstâncias, levava vantagem diante das situações, conseguindo se sagrar vitorioso independentemente do teor das aventuras.

As críticas não se resumiam apenas ao elogio da habilidade vitoriosa. Entre outros argumentos, destaca-se a dificuldade de concatenação do enredo, trazendo complicações para a assimilação e compreensão daquilo que estava sendo apresentado pelo narrador. Contudo, a incompatibilidade entre personagem e a vida das pessoas constituiu-se como um fator importantíssimo, reunindo condições de explicar o porquê da não aceitação desse outro artista popular da região. Em detrimento da aproximação, envolvendo todos e todas na teia da narrativa, os causos de Idalino acabaram proporcionando um efeito reverso.

As duas últimas seções da pesquisa estão sendo construídas a partir da consideração de Walter Benjamin (2012). Na leitura do filósofo alemão, o narrador tem a mesma função do oleiro quando molda a argila visando a construção de um vaso. O oleiro imprime sua marca assim como o narrador imprime sua trajetória nos causos. A marca ou a impressão de Geraldinho na construção do enredo narrativo encontra uma representação condizente naquele que é considerado o enredo mais conhecido de sua autoria, *O causo da bicicleta.* Na perspectiva de Ademir Silva (2015), o supracitado causo pode ser considerado um verdadeiro clássico local. Clássico, na concepção do autor, porque a maioria da população goiana conhece o enredo, conseguindo narrar, cada um do seu modo, a peripécia do personagem geraldiano, tentando controlar desesperadamente uma bicicleta.

Sobre a mão do oleiro na construção do vaso, e a impressão indelével de Geraldinho na tessitura do enredo, a impressão ou as pegadas do narrador ficam muito evidentes quando consegue retirar a dramaticidade das inúmeras dificuldades enfrentadas pelo personagem da trama. Diferentemente dos demais causos, em que foram apresentados somente alguns recortes, tanto iniciais quanto finais, neste houve a opção de reproduzi-lo na íntegra. Embora a transcrição de um enredo com mais de dez minutos de duração possa se tornar cansativo para a leitora desta tese, a transcrição integral se justifica por dois fatores: o primeiro, conforme mencionado, por se tratar do causo mais conhecido de autoria do narrador bela-vistense; o segundo e mais importante é que a inserção na íntegra possibilitará a comparação com uma experiência muito particular vivida por Geraldinho no contexto de meados do século passado. Apresentada a justificativa, na sequência, encontra-se a transcrição de *O causo da bicicleta*:

(Hamilton Carneiro): “Sô, mais ocê sabe que bisavô desses menino[224] era até uma veia tinada, né sô? (Geraldinho): “Uai rapaiz, do jeito que ela falô e logo o trem butucô memo, né, uai? (Hamilton): É, a tal bicicreta vazô esse mundão tudo, até chegá aqui na gente, né? (Geraldinho): “Ê, rapaiz, e a topada minha com essa tale bicicreta, a primeira veiz, me esfolô tudo”. (Hamilton): “É, rapaiz, e como é que foi o encontro?”. (Geraldinho): “Uai, mínimo, nessa época sô, que pegô a saí essas bicicreta, esses ricurso. Numa ocasião, a muié rumô lá uma pirringuiça, uma cramura, uma gimura esquisita, aquilo num miorava. Eu rancava uma saroba ali no terrero memo, fazia uma xaropada e dava pra ela bebê, foi ficano piô. Aí, eu manei, danô. Tentei levá ela pra cidade, prum doutô dá uma reforma nela pra mim (risos). Aí, fui lá, arrumei um agasaí e levei ela. Falei pro doutô: “Oia, eu trouxe a muié, o senhô espiá o quê é que tá fartano nela e arruma ela pra mim. Eu num posso ficá aí não”. Eu tinha siviço, e era longe. Aí, rapaiz, laiguei ela e fui embora, e era de à pé. Eu iá lá dia de sábado pá vê como é que tava, segunda-fera, de madrugada, eu virava pá tráis, de à pé, era aquela dificulidade. Nesse tempo, esses ricurso que têm hoje era poco. Então, foi indo assim. Um dia sô, eu cheguei lá, num dia de sábado, já umas dez hora da noite, tinha um companheiro lá me esperano. Diz que ia fazê um negócio comigo, me esperô. Aí, eu cheguei cansado. Aí, nóis prusiemo ali um prazo, e eu cramano prele. Aí ele falô: Uai, Gerardim, proque que ocê num compra uma bicicreta?”. Falei: “Deus me livre sô, nunca muntei naquilo. Sei mexê caquilo não”. Aí, ele falô: “Cê bobo rapaiz, com duas viaje que ocê andá, ocê andá. Que ocê experimentá, ocê anda. E eu sei dum menino que ele tem uma, ele vende ela baratim”. Rapaiz, e eu infruí caquela proposta. Aí eu fui e falei prele: “Então faiz anssim, ocê cumbiná com ele lá, e tocá esse trem pra cá pra mim, nem buscá isso eu num sei não”. Aí, ele foi bora, quando foi domingo já de tardinha, ele chegô lá caquele aranzé rapaiz. Quando ele me entregô ela, rapaiz, me deu um rependimento. Manei: “Mais esse trem não prestá”. Aí, rudiei ela dum lado, doto. Pra mim tava tudo afiadim, poque nóis num conhecia, né? Aí, nóis prusiô e logo ele foi bora. E o sole já tava quase entrano, eu manei: “Ah, eu vou dá um repasse nesse trem é hoje memo”. Peguei ela e manei: “Eu vô lá pô campo de avião”. Anssim que tinha começado esse campo lá. “Vou pra lá porque lá eu tô sozim, não tem ninguém pra fazê bagunça comigo (risos)”. E aí, fui de pareia com ela, eu não sabia andá de pareia com ela sô, ela ia me puxano assim, e eu trupicava naquele istrivo dela e muntuava enriba dela. Eu já fui desgostado caquilo, falei: “Esse trem não presta”. Pois da rua até lá no campo, ela me derrubô trêis veiz. Mais eu temano, vamo vê. Chego lá no campo, plaino demais. Virei ela pá trais e pensei: “É, já eu tô lá dento da cidade”. Ajeitei o cinto direito, dei um tapa na aba do chapéu, quando eu tranquei no chifro dela rapaiz, que eu pisei naquele istrivo que eu joguei a perna no lombo dela, invés dela rompê, ela virô anssim e eu ateiei sô, e já fui cá cara na puera, e já começô saí coro nessas ponta de osso. Eu tornei a levantá, e limpei a terra do zói e tornei a trancá no guampim dela, e tornei a maneja. Quando eu passei pô lombo dela, ela tornou à refugá e eu aninhei denovo. Eu lutei lá atá escurecê, e ela não andô desse tanto, rapaiz. Fico puído lá onde eu aninhava. Aí, eu infezei demais, falei: “Eu num dô conta de amansá esse treim não”. Aí, fui embora traveiz, de pareia cuela. Aí, eu manei: “Mais eu jogo isso fora poque, ela num rompe”. Aí, segunda-fera tinha que pô sirviço. Levantei cedim, mais aí eu já tinha refrescado aquela giriza. Falei: “Ah, vou levá ela comigo e dou uma

[224] Antes de começar *O causo da bicicleta*, a dupla André e Andrade canta uma música apresentando um pouco das criações humanas do século XX. Do rádio à televisão, fazem menção à bisavó, Vó Nagreta, que, nos tempos de antanho, afirmava que seria inventado um cavalo de roda por nome de bicicleta. Diante disso, a referência de Hamilton Carneiro à bisavô da dupla caipira.

esfrega boa nela é no camim". Aí, a rua lá na porta era descambada anssim, rapaiz, e aí eu tirei ela pra fora: "Ah, vô começa o jogo é aqui memo". Tranquei no chifrin dela sô, quando eu joguei a perna no pelo dela, ela já aluiu. Aí, eu saí aquele trem, uma hora duma banda, ota hora dota, pelejano pra panhá aquele prumo e ela foi azedano (risos). Quando ela gachô memo que vento tava zoano, aí eu aprumei. Eu aprumei mais num sabia diministrá ela num rumo que pricisiva não, eu só quilibrei em riba e no rumo que ela apontasse era aí memo. E lá embaixo tinha um lote fechado de arame, rapaiz. A valença que era um aramim antigo, enferrujado. Ela maicô no arame, aí eu pelejei pra ela vim pô mei da rua, mais num sabia que tinha, queria que ela viesse era tudo. Não sabia que tinha era que intortá o pescoço dela não. E ela inquexô no rumo do arame. E eu tô pelejano, tô pelejano. Quando eu vi que nóis ia no arame memo, aí eu lembrei minino: "Ah, eu vejo o povo falá que santo acode a gente, agora é só aborreceno eles, se não morre memo". Aí, eu gritei um santo sô, ele num tava em casa, gritei oto, ele tava acudino oto pá ota banda. Até que eu gritei um mais agraduado, mais aí já tava chegano no arame. Aí, quando eu vi que ia, eu manei: "Eu vô aprumá que eu batô o estamo e caí de costa". Quando eu aprumei, rapaiz, o rodero de diante dela tamém levantô e tchaaaaaa. Nóis vazô. O santo não pode pará ela pra mim, mais ajudô nóis torá o arame. (Hamilton): "Cê não agradeceu ele não?". (Geraldinho): "Não, na hora que eu desacopei desse aranzé lá embaixo, eu num fiquei sabeno qualê é que me acudiu, porque eu chamei ese tudo, aí eu agradeci ese tudo. Falei: "Teve bão". Aí, lá adiante a rua já deu de e acabano aquela descida, ela foi manerano aquela tuada, foi manerano. Quando pegô um rojãozim anssim, mais devagá, eu fui aprendê a munheca aquele trem. Eu pisava de cá, ela virava, eu acudia de cá, ela virava, manei: "Mais esse trem é loco". E aí envaí naquela labuta. E eu num tinha paia de pito sô, e tinha que passá berano de uma venda, e o vendero já tinha levatado. Falei: "Mais ali, eu compro um botim de cigarro. Eu cendo uns dois aí pelo camim, chegano lá eu dô isso pos menino". Aí, e ela lá ia passano mais puma banda da venda, e eu quereno que ela viesse pá banda da venda, quando eu vi que ela passava pá diante, eu dei um golpe no chifre dela anssim rapaiz, ela fez: raaaaaap, (derrapou), e deitô sô. E eu entrei dento da venda cá unha no chão pá num levá o nariz no chão. Aí, o vendero foi e ainda danô comigo: "Uai rapaiz, tá caino aí sô?". Aí, eu falei: "Não, é poque o trem trapaiô ali, mais". Aí comprei um botim de cigarro, dum antiguim que tinha, branquim tudo, até saí lá diante. (Hamilton): "Não era desses pezim amarelo não?" (Geraldinho): "Não". Aí, furei ele, tirei um, puis no beiço e chamei a binga nele e tornei a muntá e tô luitano. Uma hora num barraco, ota hora noto, e em vô, aquela peleja. Foi logo perto, deu numa descambada de uns três quilômeto, e ela num tinha aquele recursim de minguá à toada, rapaiz, tava só aquela foiminha de ferro. Que ela usa uma burrachina ali pá (diminuir a toada), num tinha não. Quando ela virô anssim, ela tornô anelá comigo no mundo. E o treim foi zoano, foi zoano e eu chamava o dedo naquele bigode que tem pro baxo do chifre, a coisa fazia tcháaaaaaaaaa, e a tuada tá do memo jeito. Eu levavá o carcanha no rodero dela, queimava o pé, eu tirava, e em vamo, e o vento zoano. Acho que ela já nem num tava nem encostano no chão, ela iá memo. Quando eu senti o calozim do fogo do pito no beiço, e eu num puxei a fumaça não, o vento memo vem trazeno aquilo. Eu num pudiá laigá do chifro dela pá acudi, poque senão eu levava. Aí, eu pensei: "Hora que eu vê que queima, eu guspo ele fora". E já tava pensano sô, tinha uma ponte e pá entra na ponte tinha uma cuiva, eu manei: "Na cuiva, eu num dô conta de fazê, eu vô dento do rii". Mais aí, quando o fogo apertô, que eu fui guspi ele fora, ele tinha pregado no beiço (risos). Rapaiz, ocê precisa de vê, que maçaroca rapaiz. Eu bufava que nem um jumento pá vê se aquilo desapregava, e o trem, quando eu abria a boca pá bufá, o vento fazia:

> Zooooooooom, e ainda levava o fogo pra dento, minino. E aí, nóis lá ia chegano no mata-burro, manei: "Mais ali, nóis vamo marrotá, e eu desocupô a mão pá acudi". Pois ela passô que nem num encosto, rapaiz. Quando eu vi que ela passô no mata-burro, eu já gritei o santo que cortô o arame lá pra mim, pá me dá uma cambota, pá mim desocupá a mão pá acudi poque tava doeno. Ele num pode pulá adiante, poque se não ia machucá ele, mais ele me ajudô apontá ela num cupim que tinha na bera do camim. Acho que ele ficô duma banda, e deu um empurrãozim nela no rumo do cupim. Sô, quando nois bateu nesse cupim, ela prumô pá riba, e eu chorei o estamo pra riba dela, e passei pô riba do cupim, maiei pra lá, aí ela caiu de costa. Que eu levantei que eu fui acudi que tava doeno, já tava aquela pipoca no beiço, a boca puma banda, e doeno demais memo, e o istamô tamém doeno. Oiei no istamo e aí num tinha botão de camisa, linha de botão, até a baiguia da carça tinha relaxado. Aí, fartano garra de coro tamém no istamo. Aí, eu manei: "É um toco que eu bati inribá dele". Oiei no cupim, lisim, não tinha toco, falei: "Mais esse estrago num é". Aí, quando eu rudiei o cupim que eu panhei ela, rapaiz, que eu irguí ela, que eu descobri o defeito. Ela tem uma birruga na nuca, quando ela subiu, eu chorei o istamo naquilo e virei. Tava cheim de linha de botão, coro do istamo, tudo arredô daquela birruga. Aí, eu ainda falei suzim lá rapaiz, falei: "Ah, aqui a mísera que me estragô". Interô trêis objeto que pra mim eu num tem cofiança mais nunca; é bicicleta e cigarro de papel e sordado[225] tamém[226].

Os leitores que têm uma maior familiaridade com *O causo da bicicleta*, muito provavelmente se lembrarão que, apesar da característica marcante de Geraldinho de fazer deslizar minuciosamente o dialeto caipira pela boca, apresentando os desdobramentos, o enredo é apresentado de uma forma muito mais acelerada, se comparado aos outros. Embora seja o causo mais longo, com mais de dez minutos de duração, a comunicação é feita de um modo alucinante, sendo raros os momentos nos quais o personagem não se encontra em apuros. Diferentemente dos demais, quando o enredo caminha para um desfecho problemático para o personagem principal, em *O causo da bicicleta,* as dificuldades estão presentes desde o primeiro até o último momento.

Por exemplo, quando a possibilidade da morte não está diretamente no horizonte, o personagem enfrenta muitas dificuldades diante da nova aquisição, dificuldades básicas, até mesmo para caminhar ao seu lado. Desse modo, narrando a aventura/desventura de uma maneira alucinante, Geraldinho consegue envolver os ouvintes na narrativa. Mesmo que parte considerável dos ouvintes, provavelmente, consigam imaginar qual o desfecho da peripécia, não conseguem se desvencilhar facilmente da teia. No primeiro momento, dificilmente passará

---

[225] No *O causo do soldado*, o personagem é uma das vítimas da violência policial. Possivelmente, a desconfiança tem relação com esse "acontecido".

[226] *O causo da bicicleta* faz parte do primeiro volume do espetáculo *Trova, Prosa e Viola.* No *YouTube*, é possível encontrá-lo em vários canais. Entre esses, houve a opção por referenciá-lo a partir de uma apresentação no programa *Som Brasil*, no final da década de 1980. Na ocasião, o programa era apresentado pelo renomado ator Lima Duarte. Endereço da apresentação: https://www.youtube.com/watch?v=HC99iZoSNRw.

despercebido o fato de o personagem lidar com a bicicleta como se estivesse lidando com um animal. Mais precisamente, a bicicleta aparece como se fosse um equino precisando ser domado. Na perspectiva de Silva (2015), nessa ocasião, o personagem atua como um verdadeiro domador de bicicletas.

De fato, os termos utilizados para se referir à nova aquisição são de quem está tentando domar desesperadamente um animal muito bravo. Desse modo, atua como se fosse um legítimo vaqueiro/boiadeiro, fazendo alusões explícitas relacionadas a este ofício; "lombo da bicicleta, amansá-la, dar um repasse, montar, jogar a perna no pelo dela", entre outros termos característicos dessa profissão. A própria referência ao vaqueiro/boiadeiro é uma constante no enredo. Entre os trabalhadores da roça goiana, o vaqueiro, além de ficar na incumbência de uma atividade voltada para o cuidado tanto do gado de corte quanto do gado leiteiro, também deveria ter capacidade para amansar ou treinar os equinos para as mais diferentes atividades diárias, o que requer uma experiência considerável para conseguir alcançar o objetivo proposto.

Desde o primeiro momento, embora receoso, prevendo encontrar dificuldades diante da nova aquisição, o personagem se comporta na condição de um legitimo boiadeiro. Inicia dando uma tapa na aba do chapéu, ajeitando bem o cinto, e resolvendo aprumar naquele "trem" bravo, até então, indomável. Nessa circunstância, associando a bicicleta a uma égua, Geraldinho aproximava o objeto principal do causo a um elemento muito presente do cotidiano dos ouvintes. Dentro da roça goiana, durante um período considerável do século passado, a bicicleta poderia ser considerada um objeto estranho ou até mesmo distante do cotidiano, principalmente se levada em consideração a condição socioeconômica da maioria da população. Nesse sentido, mesmo que parte considerável tivesse, pelo menos, conhecimento da existência da bicicleta, um número não pequeno de pessoas, provavelmente, nunca tinha tido a oportunidade de "andar" em uma. Na outra esfera, encontravam-se os equinos, de muita utilidade e de uso contínuo dos moradores e moradoras da roça.

Além da habilidade para construir o enredo, valendo dos valores e dos costumes da roça, fazendo com que os objetos "estranhos" ficassem familiares ao cotidiano da comunidade de ouvintes, um fator impressionante no *O causo da bicicleta* está na enorme capacidade de retirar a dramaticidade do enredo, transformando um causo dominado por uma série de dificuldades no mais divertido da sua autoria. Observando atentamente o início, percebe-se que o personagem geraldiano estava lidando com um drama familiar considerável, referente a uma misteriosa e persistente doença que acometia seriamente a esposa. Não conseguindo identificar a verdadeira causa da mazela, procurou se valer dos conhecimentos ancestrais, a fim de resolver o problema de saúde por meio da medicina artesanal. No intuito de alcançar o objetivo proposto,

recolheu plantas do terreiro e providenciou rapidamente alguns remédios caseiros para a esposa[227].

No entanto, em detrimento da recuperação proporcionada pelos medicamentos, a esposa não esboçou nenhuma melhora. Parecia ficar, a cada dia que se passava, numa condição ainda mais delicada de saúde. Preocupado, percebendo que os medicamentos caseiros não estavam surtindo o efeito desejado, o personagem finalmente resolveu procurar um atendimento especializado na cidade. Tendo como referência alguns dos valores da roça goiana, quando tudo ou quase tudo acabava sendo resolvido no próprio espaço de vivência dos moradores, quando se identificava a necessidade de procurar uma solução não pertencente a teia da solidariedade existente no meio, podendo ser os cuidados de uma benzedeira ou de uma raizeira, tinha-se uma evidência do quanto a situação, de fato, não estava muito favorável.

Procurar um médico, além de evidenciar a gravidade da situação, não se apresentava como sinônimo de um bom presságio. No início do enredo, percebe-se que a esposa do personagem estava com uma saúde muito debilitada, ficando internada na cidade para receber os cuidados da medicina especializada. Um outro detalhe a ser observado é que a internação se prolongou por um tempo considerável. Chega-se a essa constatação pelo fato de que o personagem somente tinha condições de visitá-la nos finais de semana. Reiterando, o enredo inicia-se com a descrição de um drama familiar. Em decorrência da condição socioeconômica a qual estava submetida a maioria dos trabalhadores rurais, caracterizada pela precariedade social, demandando muito esforço para a garantia do mínimo vital, ficar um dia ou mesmo uma semana sem trabalhar poderia comprometer a garantia da subsistência alimentar.

A perspectiva do mínimo vital, de acordo com Candido (1975), estava presente na condição socioeconômica do personagem geraldiano. O personagem não teve condições de acompanhar a esposa no hospital porque tinha que se dedicar ao trabalho. O local do labor, evidenciado logo no início do enredo, ficava distante da residência familiar. Quando soube da situação difícil do amigo, percorrendo longas distâncias para trabalhar, e com a saúde da esposa comprometida, um companheiro da região, aproveitando a prática da solidariedade, ofereceu um conselho, sugerindo ao personagem que comprasse uma bicicleta. Desse modo, acreditava na possibilidade de melhorar a condição desfavorável. A bicicleta possibilitaria um

[227] Na primeira parte da pesquisa, houve um destaque para as considerações de Anzai (1985). A autora demonstra toda a relevância que teve a medicina artesanal, o poder terapêutico das ervas e das plantas medicinais para os moradores da roça goiana. Convivendo com a ausência do estado e, consequentemente, com a desassistência da medicina especializada, a possibilidade de conhecer bem o território e as condições mais favoráveis oferecidas poderia ser um elemento indispensável para a continuidade da vida. O personagem se valeu desse costume em comum, desse saber passado de geração em geração, procurando solucionar os problemas de saúde da esposa por meio do conhecimento da medicina artesanal.

deslocamento mais rápido da residência até o local de trabalho. Talvez, encontraria tempo para visitar com mais frequência a esposa enferma no hospital.

No sentido de uma contextualização, aparentemente, o personagem encontrava-se residindo no espaço urbano, porém, trabalhando no meio rural. Tomando de empréstimo a classificação dos trabalhadores feita por Brandão (1981), o personagem pode ser considerado um representante do lavrador urbanizado, já que residia na cidade, mas se ocupava das atividades laborais na roça. Envolto nesta situação, deparou-se com o conselho de um amigo, recomendando a compra de uma bicicleta. Mesmo nunca tendo tido a oportunidade de "andar" de bicicleta, receoso de não conseguir controlá-la devidamente, resolveu seguir o conselho, adquirindo uma bicicleta usada. Um tanto quanto desconfiado, imaginou a possibilidade de dirimir um pouco do sofrimento, principalmente na questão do difícil deslocamento até o local de trabalho. No entanto, conforme ficou perceptível no desenrolar do enredo, as dificuldades acabaram aumentando e a nova aquisição demonstrou-se irremediável.

Observada por meio dessa linha de raciocínio, o mais famoso causo de Geraldinho descreve a trajetória de um personagem que não somente não conseguiu contornar as mais diferentes situações, condição inerente à maioria das construções narrativas, mas narra passo a passo a trajetória de um personagem enfrentando um seríssimo drama familiar, caracterizado por uma condição de trabalho muito precária. No entanto, provavelmente, os ouvintes não se preocuparam com essa problematização e continuam não associando as questões relacionadas às dificuldades materiais/sociais orientadoras de praticamente todo o enredo narrativo. No sentido das hipóteses, não é difícil imaginar que Geraldinho não desejava uma interpretação desse modo, possibilitando uma compaixão em detrimento do riso. Quando se observa a recepção do enredo, não resta dúvida de que o principal objetivo foi alcançado, que consiste em fazer as pessoas sorrirem das dificuldades enfrentadas pelo personagem geraldiano.

Interpretar o causo de outra maneira, associando-o às dificuldades que os moradores da roça goiana vivenciaram, trabalhadores rurais empobrecidos, torna-se uma questão importante, principalmente porque reforça uma tese apresentada nesta parte final da pesquisa. Reiterando a ideia de que Geraldinho se valeu do riso como um meio para encarar os problemas desenhados no horizonte. Alguns autores, a exemplo de Silva, caminham na mesma direção interpretativa: "Teve uma vida difícil, como todo brasileiro de origem humilde, mas não transformou essas experiências em melodrama (2015, p. 48)". No aspecto da desdramatização, torna-se possível percebê-la na maneira descontraída de narrar, no riso leve e solto descrevendo a trajetória do personagem, conduzindo e condicionando a própria recepção dos ouvintes.

O entendimento sobre a capacidade de retirar a dramaticidade das dificuldades, não somente de Geraldinho, mas que acabou orientando a vida da maioria dos moradores do meio rural bela-vistense, adquire melhores condições de sustentar quando existe uma análise mais detalhada sobre o fato que forneceu elementos para a tessitura de *O causo da bicicleta.* Em meados da década de 1950, a família Nogueira residiu na cidade de Bela Vista de Goiás. Nesse contexto, Geraldinho e o filho Alcídio realizavam trabalhos para o fazendeiro Joaquim Timóteo. O pai no ofício de carpinteiro, trabalhando especificamente na construção de um curral, e Alcídio envolvido na roçagem de uma pastagem.

A propriedade de Joaquim Timóteo, de acordo com as pessoas entrevistadas, distava aproximadamente 18 quilômetros do espaço urbano. Nesse sentido, para conseguirem trabalhar tinham que percorrer uma distância considerável todos os dias. Alguns amigos mais íntimos, acompanhando toda a dificuldade do carpinteiro, sugeriram a compra de uma bicicleta. Entre outras questões, a bicicleta facilitaria o deslocamento até a fazenda de Joaquim Timóteo. Entre os amigos, o senhor Antônio Benedito, conseguiu convencê-lo. O convencimento foi facilitado porque já tinha algum tempo que Geraldinho vinha manifestando o desejo de comprar uma bicicleta. Tanto o processo de aquisição quanto o desfecho das primeiras tentativas, não mais do personagem, mas do indivíduo que tentava controlar a nova aquisição, foram apresentados pelo senhor Moisés:

> Lembro, meio malê é malê, mais eu lembro. Nóis morava lá, na Bela Vista. Ele comprô essa bicicreta pra ele í trabaiá pos oto, né? Porque ele trabaiava fora, aí eu num lembro, não sei se foi o Antônio Bendito que vendeu essa bicicreta pra ele, eu acho que foi. Aí, saiu lá com essa bicicreta: "Oh, Gerardim, eu trouxe uma bicicreta pra vendê pro cê". Ele já tinha falado que tinha que comprá uma bicicreta. Aí, nóis falô: "Que jeito, o senhor não sabe anda?" (Geraldinho): "Não, mais aprende". Aprende, né (risos). Aí, é do Antônio Bendito que ele comprô a bicicreta[228]. Ele já comprô e ficô saliente caquilo lá. "Ah, eu vô dá um repasse nela é hoje memo". E foi lá pro campo. "Ah, eu vô lá pro campo, porque lá eu aprendo". E nóis foi, eu mais o João, pequeno. "Ah, logo depois o pai traiz nóis". Traiz nóis, hein. Foi, foi. Ah, depois ele traiz nóis. Traz, nem ele deu conta. Ele empareava com ela e ia intornano pra lá, nem empurrá a bicicreta no momento ele tava dando conta. Aí, voltava, ela troxia pra cá, tornava montá, ela truxia pra lá. Aí, foi otos muleque, eu não lembro se era o Pivete do Nenzico, nóis foi os quato meninote pra lá, pá vê. Aí, um falô pra ele: "Não, senhô Gerardim, na hora que pendê pra lá, o senhô anda[229]". Ele, às veiz equilibrava um poquim, mais quando ele ia fazê assim, ele caía. Aí: "Ah, nóis vai bora". Aí, nóis foi bora. E ele ficô caino lá. Aí, ele inlerô, vortano. Na hora que deu de pendê pra baixo (risos), ele inlerô mais nois morava ali, no Torim, uma casinha do Nenzin memo, tinha

[228] A bicicleta adquirida, segundo as pessoas entrevistadas, foi uma da marca Phillips, aro 28. A cor era vermelha, porém, um vermelho mais claro em decorrência do tempo de uso.
[229] Pender para lá significava uma descida que ligava o campo de aviação até a residência na cidade.

> uma esquina e a ota, nóis morava lá. E ele desceu inbalado e num deu conta de fazê a esquina lá não pá virá pá pára lá em casa e passô direto, pra baixo. E lá pra baixo, a rua era meio estreita e já tinha saroba já. Acho que naquele tempo já tinha ota rua, mas num tinha movimento não. Travessô a ota esquina e plantô no capim pra lá, no triero, e tinha uma cerca de arame. Tinha a cerca, fechava uns pasto na beira do corgo, tinha uns pastim lá, e tinha um triero que nóis sempre nóis, menino, o Nenzico ia tomá banho no poço estreito, e nóis iá com ele. Ele num deixava nóis í sozim, o Nenzico ia pas quatro meia, cinco hora, subiava e nóis reunia junto com ele e descia. E meu pai passô nesse arame, e fundô o nariz lá naqueles mangueiro lá, e caiu (risos). Aí vortô pá traiz: "Não, esse trem num presta não. Essa bicicleta num presta não". Aí, meu padrim veio: "Não, é o frei dela é que tá ruim. Vou levá ela pra culá e trocô a pastilha lá, coloco ota burracha nova". Porque os otos já tava muito gastado, o frei tava ruim. "Mais o senhor fica saliente que tem que freia, num é no pé não, tem que freiá". Aí, no oto dia, não sei pá onde ele ia trabaiá, mão no troço e saiu cedo. Ele num vortô pra trais não, foi o dia da descida da Piracanjuba lá (risos), ele num vortô pá trais não. Vei, mais queimô o beiço, porque pois o cigarro na boca e quando ele inlerô né, aí o cigarro foi queimano sozim, e ele num podia laigá que queimava o bico. É, caia, o trem foi fei. Mais eu lembro dessa bicicreta. Ele chegô a vim pra í, ele vendeu ela pro Negrim da Gustinha.

A descrição referente ao primeiro contato de Geraldinho Nogueira com a bicicleta, desnudada minuciosamente pelo senhor Moisés, apresenta, compreendendo que dificilmente seria diferente, muitas semelhanças com o próprio *O causo da bicicleta.* Nesse sentido, fica perceptível que o enredo, não somente pela descrição do entrevistado, mas reforçado por outras pessoas da comunidade, foi tecido a partir das experiências iniciais de Geraldinho com a destemida bicicleta. No contexto, o motivo para a aquisição visava facilitar o deslocamento até o local de trabalho. Durante a pesquisa de campo, outras pessoas fizeram questão de mencionar a dificuldade do narrador quando tentava se equilibrar na bicicleta.

Mesmo tendo passado algum tempo da aquisição, não conseguiu "domá-la" adequadamente e, de vez em quando, aparecia com algumas escoriações pelo corpo, resultado das constantes quedas. O senhor Altamiro fez referência aos embaraços enfrentados pelo amigo narrador, mencionando algumas das viagens que fizeram pela região. Segundo o entrevistado, em uma dessas viagens, em detrimento de outro meio de locomoção, Geraldinho teria optado por percorrer o trajeto "montado" na bicicleta. Um pouco das dificuldades enfrentadas durante o percurso foram descritas da seguinte maneira pelo senhor Altamiro:

> Ele andava mais eu. Uma vez nóis saiu daqui pra ir numa festa lá em Vianópolis[230], uma folia lá em Vianópolis, festão. Eu a cavalo, e ele na

[230] Vianópolis é uma cidade do interior do estado de Goiás, muito próxima da cidade de Silvânia/GO. De acordo com o site da Prefeitura Municipal, a população estimada é de 14.088 habitantes. Além da proximidade com Silvânia, Vianópolis se encontra relativamente próxima de Bela Vista de Goiás. As três pertencem à mesma região. A consulta ao site da Prefeitura Municipal de Vianópolis ocorreu no dia 09 de janeiro de 2022.

> bicicleta. Num sei se essa, ou se era ota. No camin, eu tive que tomá a bicicreta dele, e dá o cavalo prele, um cavalo bão. É, não desenvorvia a viage. Aí, nóis trocô. Eu no cavalo, e ele na bicicreta. Só ele na bicicreta. Aí no camim, eu tomei a bicicreta dele e dei o cavalo.

Na ocasião, o senhor Altamiro se solidarizou ao acompanhar *in loco* a dificuldade de Geraldinho, não somente para controlar, mas para fazer render a viagem. Percebendo que, daquele modo, demoraria muito mais do que o necessário para percorrer todo o trajeto, optou por trocar o equino na bicicleta. Outras pessoas fizeram questão de ressaltar que não teria sido somente no primeiro momento, na primeira "topada", as dificuldades enfrentadas. Os problemas relacionados à falta de equilíbrio teriam sido uma constante, permanecendo praticamente inalterados no transcorrer do tempo. Desse modo, a constatação sinalizou uma dificuldade permanente que pode ser utilizada como um contraponto à leitura apresentada por Ademir Silva (2015). Entre outras questões, o autor defende que tanto o estranhamento quanto a dificuldade teriam ocorrido somente no primeiro momento. Contudo, depois de algum tempo, Geraldinho teria conseguido "domar" a bicicleta sem muitos transtornos. Nas palavras do autor:

> Tudo isso ocorreu na primeira vez, apenas. Em seguida, necessitando de um meio de transporte mais rápido, Geraldinho aprendeu a andar. Domou a bicicleta. A graça da narrativa está no processo de aprendizagem, de assimilação da modernidade. Porém, mais uma vez cabe o questionamento, qual pessoa que, aprendendo a andar de bicicleta, não teve suas quedas? Com Geraldinho, numa idade mais avançada do que o habitual, não foi diferente. Ao final da narrativa, conclui que "intero trêis objeto que prá mim eu num tenho confiança mais nunca: é bicicleta, cigarro de papel e sordado tamém". E ri. Nada mais tradicional do capiau do que seu indefectível cigarro de papel. Em tese, o nível de confiança de Geraldinho no cigarro e na bicicleta seria o mesmo. E usava regularmente os dois (2015, p. 42).

Por meio de *O causo da bicicleta*, e valendo-me dos relatos apresentados tanto pelo senhor Moisés quanto pelo senhor Altamiro, percebe-se o quanto a relação de Geraldinho com a bicicleta esteve distante de ter sido harmoniosa. Em detrimento de conseguir domá-la com o decorrer do tempo, conforme sugere Silva (2015), a bicicleta sempre se mostrou muito arredia diante das intenções do contador de causos. Demonstrava ser tão incontrolável que, passado pouco tempo da aquisição, acabou vendendo-a porque não conseguia se valer dela sem muito sofrimento. Diferentemente da interpretação de Silva (2015), que revelou um indivíduo idoso tentando se equilibrar diante da nova aquisição, quando Geraldinho Nogueira comprou a bicicleta do senhor Antônio Benedito, não se encontrava na condição de um indivíduo com uma idade avançada. Nesse contexto de meados da década de 1950, nem sequer tinha alcançado os 40 anos de idade.

A partir dessa constatação feita durante a pesquisa, seria uma desonestidade afirmar que Geraldinho não aprendeu a andar de bicicleta. Com o passar do tempo, os problemas mais elementares apresentados na narrativa, tais como a dificuldade para caminhar do seu lado, ou percorrer pequenas distâncias, foram dirimidos. No entanto, é coerente assegurar que nunca conseguiu controlá-la ou domá-la efetivamente. Depois de alguns anos e de inúmeras quedas, vendeu-a para um amigo da região. A partir das primeiras e trágicas experiências, perdeu a confiança e nunca mais teve a pretensão de comprar outra. Sobre a última questão, relacionada a alguém que aprendeu, sim, a andar, mas não soube controlá-la da maneira adequada, o senhor Moisés afirmou:

> Não, e ele aprendeu, mais ele num dava conta de muntá na bicicleta, pô o pedal dela assim, e muntá não. Ele tinha que encostá ela num barranco, e levava o pedal de lá, montava nela primeiro parada. Daí que ele jogava o corpo pra pará. E pra pará também era do memo jeito. Se ele num achasse um trem pá pô o pé lá, ele caía (risos). É, ele num dava conta de subi morro não. De descida ele ficava com medo de sortá, de subida tinha que descê em todo morro. Era no plaino memo que ele andava. É, ele, se ele tivesse montado na bicicreta, ele num dava conta de tirá a mão não.

Diante das dificuldades, tendo feito a aquisição com a intenção de resolver um problema, facilitar e agilizar o deslocamento até a propriedade de Joaquim Timóteo, a bicicleta trouxe muito mais complicações do que soluções para as dificuldades enfrentadas no cotidiano. Assim como o personagem não conseguiu controlar a bicicleta, passando por inúmeros percalços, a relação do carpinteiro com aquele "cavalo de rodas" não pareceu ter sido muito diferente. A semelhança fica muito evidente quando se compara, não somente o contato inicial, mas a própria continuidade da relação e, não menos importante, o desfecho final caracterizado por uma profunda desilusão.

Inserir *O causo da bicicleta* e problematizar a relação de Geraldinho com esse meio de locomoção cada vez mais presente na roça goiana no contexto de meados do século passado torna-se uma questão importante neste esforço final de pesquisa, principalmente porque desnuda o quanto os causos foram construídos a partir das experiências vivenciadas ou, conforme observado, tecido a partir dos acontecimentos que circulavam no cotidiano, tendo sido experienciados por outras pessoas, alcançando, sem maiores transtornos, os ouvidos atentos do narrador. Tanto em uma ocasião quanto na outra, das experiências individuais ou dos acontecimentos coletivos, identifica-se a arte do narrador artesanal manifestando-se de diferentes modos.

Nessa situação específica sobre *O causo da bicicleta*, a arte se manifesta na desdramatização de um enredo caracterizado por uma grave tragédia familiar, tendo a sua sequência na descrição das dificuldades enfrentadas por um trabalhador que tenta controlar o único meio de locomoção disponível. No entanto, mesmo com esse delicado pano de fundo, Geraldinho conseguiu fazer com que o enredo fosse interpretado e recebido pela comunidade de ouvintes na condição do causo mais engraçado de sua autoria. Objetivando transformar o causo em objeto risível, acrescentou alguns fatos, rebaixou outros acontecimentos, exagerou em algumas situações, trouxe elementos novos, suprimiu algumas outras que, possivelmente, não seriam engraçadas, acrescentou novos desdobramentos e assim sucessivamente. A moldura do causo, imprimindo no enredo a sua marca, a marca do narrador, tinha um objetivo nítido, a saber, fazer as pessoas sorrirem das histórias, dos causos ou das patacoadas apresentadas no cotidiano.

Partindo de um espaço sociocultural mais específico, aqueles homens e aquelas mulheres do meio rural bela-vistense, que tanto se divertiram com os enredos narrativos construídos e apresentados por Geraldinho, foram responsáveis por oferecer todas as condições para que se tornasse um dos mais importantes contadores de causos do Brasil. Importância não somente porque ofertaram os meios necessários para que o narrador demonstrasse toda a arte narrativa, colocando-se sempre à disposição, demonstrando entusiasmo para ouvir, mas, porque forneceram outros elementos a Geraldinho Nogueira. Entre eles, a possibilidade de construir causos, moldar personagens, inspirados nos mais diferentes acontecimentos do cotidiano. Portanto, esses indivíduos foram fundamentais na formação artística e cultural, constituindo-se como uma verdadeira comunidade narrativa.

No decorrer do processo histórico, os moradores da roça, engajados nas atividades da estrutura agrária goiana, lutaram muito para garantir as condições mais elementares de sobrevivência. A vida foi extremamente difícil, especialmente para os trabalhadores mais empobrecidos. Conforme destacado nesta parte final da pesquisa, os causos e os personagens, especialmente o personagem geraldiano, foram construídos a partir dessa difícil realidade socioeconômica. Geraldinho não inventou um cenário paralelo. Se transformou experiências pessoais e coletivas nos famosos causos que parte considerável da população goiana conhece, não deformou o sentido do enredo narrativo. Teria deformado se tivesse construído personagens consagrados durante as aventuras, tecendo elogios à habilidade vitoriosa. Porém, a última possibilidade definitivamente não aconteceu.

Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de percorrer parte do trajeto descrito no *O causo da bicicleta.* Entre os pontos visitados, destaca-se o campo de aviação. No enredo,

o campo de “pouso” dos aviões, conforme é descrito, aparece como o primeiro lugar idealizado pelo personagem para testar as habilidades diante da bicicleta, imaginando não enfrentar dificuldades para alcançar o objetivo proposto. A imaginação, observada unicamente por meio do lado racional, estava permeada de coerência, já que o campo de aviação, que estava num local mais afastado do núcleo urbano, se caracterizava por ser um lugar muito plano. Dessa forma, ofereceria melhores condições para o necessário equilíbrio do personagem.

No mesmo sentido, tive a oportunidade de percorrer o trajeto das duas descidas que mais colocaram o personagem em apuros. A primeira encontra-se localizada no espaço urbano. A segunda é a temida descida, pelo menos na leitura das pessoas entrevistadas, da Piracanjuba. Essa última descida, a título de uma melhor identificação, encontra-se localizada na saída de Bela Vista de Goiás, mais precisamente no caminho em direção à cidade de Silvânia/GO. No enredo, a descrição da descida da Piracanjuba apresenta-a como tendo um trajeto de uns três quilômetros. Procurando ilustrar o trajeto percorrido tanto pelo personagem geraldiano quanto pelo indivíduo Geraldinho, na sequência, encontram-se algumas fotos ilustrando, no tempo presente, os trajetos percorridos pelo indivíduo/personagem no contexto da década de 1950. Na ocasião, tentaram, cada um do seu modo, controlar uma indomável bicicleta.





Figura 37/38. Terreno que, por muito tempo, foi o campo de aviação da cidade. Conforme mencionado, esse foi o primeiro espaço idealizado pelo personagem para treinar a habilidade diante da bicicleta. O antigo campo de aviação fica localizado na saída da cidade, em direção ao município de Silvânia/GO. Foto: Meire Ribeiro.



Figura 39/40. Descida urbana descrita em *O causo da bicicleta.* A descida é a primeira presente no enredo. Pelo fato de ser íngreme, o personagem necessitou da ajuda de todos os santos para romper a cerca de arame localizada no final da rua. Foto: Meire Ribeiro.



Figura 41-42. Foto da descida da Piracanjuba. Foi justamente nessa descida que o personagem enfrentou os maiores obstáculos. Além de não conseguir controlar adequadamente a bicicleta, queimou os lábios com um cigarro de papel. No final do trajeto, existe, de fato, um córrego. Foto: Meire Ribeiro.

Provavelmente, os estudos descritivos de alguns causos de Geraldinho, presentes na parte final desta tese, não reunirão condições de desnudar toda a vastidão cultural dos enredos narrativos. No entanto, ao trazer *O causo da bicicleta* para o centro da reflexão, tendo sido construído a partir de uma experiência delicada vivida pelo próprio indivíduo, tem-se melhores condições de compreensão da habilidade artística e criativa do narrador, a fim de transformar uma série de infortúnios, elucidativos das dificuldades experiências por homens e mulheres da roça, nos divertidos causos de conhecimento do grande público. Nesse sentido, é importante ressaltar que essas trajetórias de vida, caracterizadas pela opressão dos grandes fazendeiros, se constituíram em histórias marcadas por muita resistência.

A condição de vida, não somente no sentido individual, mas no sentido coletivo, encontrou, no contador de causos, um importante interlocutor que não somente vivenciou os acontecimentos, mas interpretou e atribuiu um significado às vivências dos moradores da roça. O significado encontrado para interpretar o mundo da roça teve no riso um vetor fundamental. Geraldinho Nogueira sorriu e fez a comunidade de ouvintes sorrir dos inúmeros problemas e dramas vivenciados no cotidiano. O riso do narrador e da comunidade esteve distante de representar um indício de alienação ou mesmo de conformismo diante das dificuldades sociais. O riso daquele indivíduo que adorava sorrir, regozijando-se quando conseguia fazer as outras pessoas sorrirem, constitui-se como um valor de autoafirmação, uma forma na qual aqueles moradores encontraram para se afirmar enquanto indivíduos, uma forma para afirmarem e defenderem a própria existência humana.

A concepção sobre o sentido e o significado do riso, compreendido como meio de afirmação das camadas subalternas tem sua função identificada ao longo do processo histórico. Quando se refere ao sentido libertário e libertador do riso na Idade Média, Bakhtin considera: “Por essa razão o riso, menos do que qualquer outra coisa, jamais poderia ser um instrumento de opressão e embrutecimento do povo. Ninguém conseguiu jamais torná-lo inteiramente oficial. Ele permaneceu sempre uma arma de libertação nas mãos do povo (2013, p. 81)”. Historicamente, circulando nas camadas populares, o riso, entre as inúmeras funções, desempenhou um papel emancipatório, possibilitando a compreensão das relações sociais e, consequentemente, os jogos de poder inerentes. Valendo-se desse entendimento, os indivíduos passaram a ter melhores condições de se posicionar de uma forma crítica e consciente diante dos jogos e dos detentores de poder.

O riso de Geraldinho Nogueira, assim como aquele proporcionado pelos causos, ofereceu, mesmo que por alguns momentos, uma sensível desdramatização das durezas da vida. Por ser um dos mais experientes da comunidade, tornou-se um dos primeiros a compreender o

poder de libertação do riso. Quando compreendeu, na condição de um narrador artesanal, não se contentou com o conhecimento apenas para si. Diante da inquietação, procurou transmitir o poder libertador proporcionado pelo riso para outras pessoas da região. A melhor maneira encontrada para promover todo este processo de transmissão esteve na arte da contação de causos. Para nós, pesquisadores e pesquisadoras da academia, a arte encontra-se representada nos divertidos e envolventes causos de Geraldinho Nogueira. No entanto, para as pessoas entrevistadas, que tanto contribuíram para a construção desta tese de Doutorado, foram e continuam sendo: “Os causos, as histórias e as patacoadas do senhô Gerardim”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, apresentada na condição de uma tese de Doutorado ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), procurou apresentar algumas reflexões a partir de um traço da trajetória de vida de Geraldinho Nogueira. Embora tenha se tornado conhecido do grande público a partir das primeiras inserções no programa *Frutos da Terra,* meados da década de 1980, no âmbito das pesquisas acadêmicas o contador de causos pode ser considerado "um objeto" ainda pouco estudado. Um outro fator é que as poucas, porém, importantes pesquisas publicadas, trazem reflexões, na perspectiva do recorte temporal, relacionadas ao momento de inserção midiática, quando se tornou conhecido do grande público, ao narrar as peripécias dos personagens nos enredos de *O causo do osso, O causo do marimbondo, O causo do rádio, O causo da bicicleta*, entre outros.

Nesse sentido, analisá-lo a partir desse recorte temporal, apresentando-se no espaço televisivo, nos teatros e nos outros meios de comunicação, indubitavelmente, tem muita relevância acadêmica e, consequentemente, relevância social. No entanto, nos últimos anos uma questão tem se tornado cada vez mais importante, exigindo uma maior atenção dos/as pesquisadores/as, como, por exemplo, o fato de que a reflexão sobre o artista conhecido do grande público refere-se a um recorte muito estreito, de menos de uma década, da longeva vida de Geraldinho Nogueira. Essa trajetória teve início no ano de 1918, mais precisamente, na Fazenda Aborrecido, e findou-se somente no ano de 1993. O último recorte marca o falecimento do contador de causos, vítima de uma grave trombose intestinal.

Compreendendo a dificuldade de distanciar o indivíduo do contador de causos, durante a escrita da tese, houve um esforço considerável para não afastar o narrador do seu público, da sua comunidade, de forma a manter indivíduo e narrador caminhando na mesma esteira. Com esse propósito, a primeira parte da tese esteve centrada na apresentação e na tentativa de compreensão do cotidiano da roça goiana a partir de um traço sobre a trajetória de vida de Geraldinho. Na medida em que foi sendo inserida um pouco da condição socioeconômica, identificou-se que o indivíduo, reconhecido por ter sido muito engraçado, considerado pelos pares alguém "engraçado por natureza", enfrentou inúmeras dificuldades materiais. No mesmo sentido, passou por dramas consideráveis no decorrer do processo histórico.

Ao longo desse processo, lidou com problemas financeiros e com dificuldades para garantir os alimentos mais básicos da dieta alimentar, o que requereu um esforço descomunal para conseguir garantir, finalmente, o desejado pedaço de terra no início da década de 1970. Ainda no que tange às dificuldades, na região do Aborrecido e do Barro Amarelo, o indivíduo

que aparentava estar sempre alegre lidou com algumas tragédias familiares, que o abalaram de uma forma considerável, com destaque para a morte da primeira companheira, Dona Nica, e o falecimento de dois filhos e uma filha. No campo dos problemas materiais, as dificuldades podem ser explicadas quando se leva em consideração a condição socioeconômica de Geraldinho na estrutura agrária, no transcorrer de décadas e mais décadas. Embora parte da literatura especializada apresente-o na condição de um pequeno proprietário na região do Nuelo, esteve nessa situação somente nos últimos vinte anos de vida. Antes disso, encontrava-se na condição de um trabalhador rural empobrecido, agregado, trabalhando para grandes fazendeiros do meio rural bela-vistense.

Na condição de agregado, submetido aos mandos e desmandos da elite agrária, conciliou diferentes atividades laborais no cotidiano. Por mais que as pessoas, durante a pesquisa de campo, tenham mencionado que a principal ocupação tenha se dado na carpintaria, considerado pelos pares um carpinteiro de primeiríssima qualidade, tornou-se possível constatá-lo no ofício de carreiro, transportando mercadorias e gêneros alimentícios para as pessoas do meio rural durante parte considerável do século passado. Na concepção de muitas pessoas entrevistadas, a predileção laboral do contador de causos estava no carro de boi. Porém, como a ocupação não conseguia garantir a subsistência alimentar, sentiu necessidade de realizar outras atividades, como o trabalho de carpinteiro. Nas horas vagas enveredou-se em ofícios laborais do cotidiano, contribuindo com os/as filhos/as no cuidado dos gêneros alimentícios de primeira necessidade.

Tanto no aspecto material quanto social, a vida para o contador de causos demonstrou ser extremamente difícil. Se, eventualmente, tivesse condições de defini-la ou sintetizá-la, provavelmente, diria que a vida tinha sido “braba”. Durante a primeira parte da pesquisa, que foi desenvolvida, mais especificamente, nos três capítulos da tese, o objetivo principal, a partir da construção de um traço da trajetória de vivência e convivência, esteve na demonstração das inúmeras dificuldades experienciadas no cotidiano. No entanto, quando a necessidade das questões mais elementares estava seriamente comprometida, tais como a garantia da dieta alimentar, acabou sendo “beneficiado” por um dos valores mais importantes dentro da roça, por isso, teve condições de contar com a teia da solidariedade, que encontrou uma melhor representação na prática do mutirão.

Na condição de um trabalhador empobrecido, ao utilizar-se da solidariedade, foi surpreendido, em inúmeras oportunidades, com o envolvimento de amigos e familiares que lhe deram uma verdadeira demão, retirando uma plantação das garras das ervas daninhas, colhendo o milho ou mesmo o arroz no tempo adequado, limpando o veio d’água que abastecia a pequena

propriedade e assim por diante. No entanto, a recíproca seria verdadeira. Nesse sentido, quando um companheiro necessitava daquela contribuição coletiva, Geraldinho Nogueira costumava marcar presença. Nos adjutórios do meio rural, além das atividades laborais, desempenhava outras funções também.

Conforme demonstrado durante a pesquisa, quando o trabalho coletivo visava surpreender alguém, um companheiro mais necessitado, uma das funções de Geraldinho estava na composição e, posteriormente, na cantoria daquelas músicas anunciando a chegada da turma reunida para resolver o problema mais premente do cotidiano. Finalizada a empreitada, animava os amigos e familiares tocando e cantando modas de viola caipira noite adentro nos bailes dançantes. Quando possível, aproveitando o encontro de muitas pessoas não deixava de alegrar o ambiente com os causos que desnudavam a realidade sociocultural experienciada no cotidiano rural. Inclusive, algumas daquelas pessoas diretamente envolvidas na narrativa, maravilhadas com os causos apresentados, encontravam-se inseridas no processo criativo, na condição de personagens do enredo.

Durante o desenho da pesquisa, a elaboração do projeto e as conversas com o orientador, houve uma preocupação para não se escrever uma tese biográfica de Geraldinho Nogueira. Não se trata de uma crítica ou de um desmerecimento às biografias. No decorrer das últimas décadas inúmeras e fundamentais pesquisas deste gênero têm sido produzidas, elucidando não somente a trajetória de vida de um ator ou atriz social, mas todo um contexto social, político, econômico e cultural em que o biografado se encontra inserido. No entanto, uma pesquisa com esse propósito seria difícil de ser alcançada. Primeiramente, pelos problemas políticos e sanitários enfrentados no país no decorrer dos últimos quatro anos, que ocasionaram a retirada de recursos orçamentários da educação e da pesquisa pública, bem como a tragédia sanitária que resultou em centenas de milhares de mortes. Outro elemento que dificultou uma escrita biográfica está no fato de que, na condição de um narrador artesanal, Geraldinho esteve o tempo todo acompanhado de outras pessoas do meio rural bela-vistense.

Algumas pessoas que acompanharam de perto os acontecimentos e desdobramentos importantes na vida do contador de causos, participando ativamente das manifestações culturais que o tiveram na condição de protagonista, com destaque para a catira, os bailes dançantes, as cantorias no mutirão, a própria Folia de Reis, entre outras manifestações artísticas e culturais pertencentes ao meio, estão presentes direta ou indiretamente nesta pesquisa. Algumas estão representadas por meio de nomes fictícios. No entanto, quando lerem a respectiva tese, acredito que se reconhecerão facilmente. Indivíduos que foram importantes no cotidiano bela-vistense, construindo uma verdadeira rede de sociabilidade e solidariedade, oferecendo, entre outros

fatores, as condições mais elementares para que Geraldinho se tornasse um contador de causos. Além da relevância para o narrador, foram fundamentais para a escrita da presente tese. Sem a participação direta desses atores e atrizes sociais, que não mediram esforços para contribuir, da melhor maneira possível, a compreensão sobre a condição de vida antes do sucesso midiático seria praticamente impossível.

Na primeira parte da pesquisa, essas pessoas que acompanharam e participaram ativamente da vida de Geraldinho estão mais presentes na condição de fontes, desnudando a realidade social e material do indivíduo. No entanto, na segunda parte da tese, especialmente nos dois últimos capítulos, assumem um papel de maior protagonismo, pois encontram-se não "somente" na condição de fontes, mas como objetos de estudo também. Isso porque passam a ser considerados atores sociais fundamentais na afirmação e na consolidação artística de Geraldinho, tendo atuado como uma comunidade narrativa. Na condição de uma comunidade, essas pessoas não somente ouviram, mas contaram histórias, causos, aprenderam e ensinaram o narrador. Apesar da autenticidade, houve pessoas da comunidade que, de uma forma direta ou indireta, podem ser consideradas "mestres" na formação do contador de causos bela-vistense.

Entre os valores rústicos da roça goiana, a arte de ouvir e contar histórias, causos e anedotas fez parte da formação sociocultural das pessoas. A partir de um lastro histórico e estrutural, deslocando-se para além das fronteiras goianas, encontrou sua maior expressão artística e cultural no meio rural de Bela Vista de Goiás. Foi nesse espaço que Geraldinho Nogueira, trabalhador rural empobrecido, cresceu e se formou moldado pelos valores e costumes da roça. Os causos foram construídos, tendo como fontes de inspiração, justamente essa realidade sociocultural, fundamentada nas experiências individuais e coletivas inerentes ao cotidiano, ao espaço de vivência e de convivência daqueles trabalhadores rurais.

Diante da autenticidade e da habilidade criativa, não encontrou dificuldades para transformar os relatos/acontecimentos do seu modo, fazendo com que os personagens do enredo, com ênfase no personagem geraldiano, não tivessem a mínima condição de solucionar os problemas presentes no horizonte. Tais personagens, guardadas todas as proporções, se caracterizaram por uma trajetória "quixotesca". No entanto, quando observadas mais detalhadamente, a construção e a própria característica dos causos encontram-se diretamente associadas à condição de vida na qual a maioria das pessoas da roça estiveram submetidas no decorrer do século passado.

Ao longo do processo histórico, homens, mulheres e crianças desse vasto universo sociocultural passaram e enfrentaram inúmeras dificuldades. Estiveram submetidos a uma

estrutura agrária, representada, especialmente, pelo poderio econômico dos grandes fazendeiros. Segmento social que exerceu uma forte opressão sobre os despossuídos da posse. A condição de opressão, associada ao mínimo vital, com a precariedade sempre por perto, tornou-se uma constante na vida desses indivíduos, não tendo sido diferente quando se pensa na condição socioeconômica de Geraldinho. Seguindo essa linha de raciocínio, nada mais "coerente" do que os personagens, que, construídos a partir das vivências e das experiências do cotidiano e moldados pela realidade social, terem enfrentado inúmeros obstáculos quando tentavam contornar os problemas. A arte, nessa circunstância, "imitava" a vida.

Tanto para Geraldinho Nogueira quanto para aqueles homens e mulheres do meio rural, pessoas que ofereceram todas as condições para que se tornasse um dos mais significativos contadores de causos do país, não resta muita dúvida de que o riso demonstrou ter sido uma maneira muito peculiar de enfrentar os desafios do cotidiano e, nessa circunstância, estava muito distante de significar conformismo diante da difícil realidade social. A função e o significado foram muito mais abrangentes e muito mais emancipatórios, conseguindo retirar, mesmo que momentaneamente, um pouco da dramaticidade de uma realidade, conforme observado no desenrolar da pesquisa, verdadeiramente complicada. Nesse sentido, a alcunha de um homem "engraçado por natureza" não parece ter sido fortuita.

Diante da autenticidade, originalidade e capacidade artística, torna-se perceptível que a presente pesquisa não reúne condições de açambarcar toda a vastidão cultural representada. No entanto, talvez tenha suscitado uma outra possibilidade de leitura, uma outra possibilidade de interpretação e entendimento de Geraldinho, enfatizando os traços da trajetória de vida e, consequentemente, sua imersão profunda nos valores da rusticidade goiana. A trajetória e a imersão antecedem, e muito, o sucesso midiático. Enfim, são questões importantes, mas que, até o presente momento, não ocuparam o centro das reflexões das poucas, porém, relevantes pesquisas publicadas sobre o contador de causos. Nesse sentido, se a hipótese de uma outra perspectiva de análise se sustentar entre os leitores e as leitoras da presente tese de Doutorado, todos os esforços dos últimos anos terão sido recompensados.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar:* textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível*: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999.

ANZAI, Leny Caselli. *Vida cotidiana na Zona Rural no Município de Goiás 1888-1930.* Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1985.

ARRUDA, Maria A. Do Nascimento Arruda. *Mitologia da mineiridade*: o imaginário na vida política e cultural do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: O contexto de François Rabelais. 8ª edição. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

BEDRAN, Beatriz Martini. *Ancestralidade e contemporaneidade das narrativas artesanais*: a arte de cantar e contar histórias. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte). Instituto de Arte e Comunicação Social. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In:* BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª edição. Tradução de Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In:* BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª edição. Tradução de Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERTRAN, Paulo. A Memória Consútil e a goianidade. *Revista UFG,* Ano VIII, n. 1. p. 62-67, jun/2006.

BORGES, Júlio César Pereira. A Fazenda Goiana: matriz espacial do território e do mundo sertanejo em Goiás. *XXI Encontro de Geografia agrária*: "Territórios em disputa: Os desafios da Geografia agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro. Uberlândia-MG, out.2012.

BORGES, Júlio César Pereira. *Fazenda-roça goiana*: matriz espacial do território e do sertanejo goiano. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Institutos Socioambientais (Iesa). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2016.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In:* AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & abusos da história oral.* 8ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher, comer*: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer o trabalho de campo. *Sociedade e Cultura.* V. 10, n, 1, p. 11-27. jan/jun, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; SOUZA, Ângela Fagne Gomes de. Ser e viver enquanto comunidades tradicionais. *Mercator*, Fortaleza, v. 11, n. 26, p. 109-120. set/dez, 2012.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências Sociais: a longa duração. Tradução de Ana Maria de Almeida Camargo. *Revista de História.* Ano XVI, nº 62, vol. XXX, abril-junho, p. 261-294, 1965.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural.* 3ª edição. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 3ª edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. *In*: LIMA, Francisco de Assis de Sousa. *Conto popular e comunidade narrativa.* 2ª edição. São Paulo: Terceira Margem; Recife: Massangana, 2005.

CASCUDO, Luis da Camara. *Literatura oral no Brasil.* 3ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1984.

CASTILHO, Denis. A Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) e a formação de Ceres-GO - Brasil. *Élisée*. Rev.Geo.UEG. Goiânia, v. 1, n. 1, p. 117-139. jan/jun, 2012.

CARMO, Carolina do Carmo; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. "O último narrador": Os causos de Geraldinho Nogueira e os saberes populares em Goiás. *Fragmentos de Cultura,* Goiânia, v. 26, n. 3, p. 415-426. jul/set, 2016.

CASTRO, Carolina do Carmo. *Práticas da cultura popular sertaneja*: um contador de causos, Geraldinho Nogueira. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Câmpus Samambaia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. 2ª edição. Tradução de Almir Andrade; Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CHAUL, Nasr. Fayad. *Caminhos de Goiás*: da construção da decadência aos limites da modernidade. 4ª edição. Goiânia: UFG, 2015.

CHAUL, Nasr Fayad. A Identidade Cultural do Goiano. *Cerrado/Artigos,* Goiânia, p. 42-43, S.D.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; BORGES, Júlio César Pereira. Fazenda-roça goiana: matriz espacial do mundo sertanejo de Goiás. *CAMPO-TERRITÓRIO: revista de Geografia agrária*, v. 10, n. 20, p. 440-467. jul, 2015.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república*: momentos decisivos. 6ª edição. São Paulo: UNESP, 1999.

COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. *Arraial e coronel*: dois estudos de história social. São Paulo: CULTRIX, 1978.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.

DARTON, Robert. *O grande massacre de gatos*: e outros episódios da história cultural francesa. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

DECCA, Edgar de. *O nascimento das fábricas.* São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREITAS, Lena Castelo Branco Ferreira de; SILVA, Nancy Helena Ribeiro de Araújo e. Fazendas goianas. *Ateliê Geográfico.* Goiânia, v. 7, n. 3, p. 257-267, dez/2013.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª edição. São Paulo: Global, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio. *In.* BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª edição. Tradução de Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. *In. GOMES,* Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história.* Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

JÚNIOR, Caio Prado. *História econômica do Brasil.* 26ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1981.

JÚNIOR, Durval Muniz Albuquerque. UM QUASE OBJETO: algumas reflexões em torno da relação entre história e região. *In.* LEAL, Maria das Graças de Andrade; FARIAS, Sara Oliveira. *História regional e local III*: reflexões e práticas nos campos da teoria, pesquisa e do ensino. Salvador: EDUNEB, 2015.

LEMES, Walter Carlos. *Janelas do tempo*: Geraldinho Nogueira e outros escritos. Goiânia: Kelps, 2008.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In:* AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & abusos da história oral*. 8ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LIMA, Francisco Assis de Sousa. *Conto popular e comunidade narrativa*. 2ª edição. São Paulo: Terceira Margem; Recife: Massangana, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio:* ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005.

LOBATO, Monteiro. *Urupês.* São Paulo: Globo, 2007.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Religiosidade popular nas gerais: dons e astúcias da fé. *In:* MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves (Org.). *Caleidoscópio de*

saberes e práticas populares (catálogo da produção cultural no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba). Uberlândia: EDUFU, 2007.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. *Males do sertão*: alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX. Goiânia: Canone Editorial, 2014.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*: cotidiano e história na modernidade anômala. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2018.

MENDES, Estevane de Paula Pontes. Identidades sociais e suas representações territoriais: as comunidades rurais no município de Catalão (GO). *In:* ALMEDIA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (Org.). *Geografia e cultura*: a vida dos lugares e os lugares da vida. Goiânia, Editora Viera, 2008.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias*: sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias*: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio.* Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra*: representações do brasileiro, 1870/1920. São Paulo: Annablume, 1998.

NAPOLITANO, Marcos. *História & Música*: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OURIQUE, João Luís Pereira. O "contar histórias" da formação: o narrador na perspectiva de Walter Benjamin. *Cadernos benjaminianos,* Universidade Federal de Minas Gerais, n. 1, p. 1-12, 2009.

PESSOA, Jadir de Moraes. DO OURO AO BRILHANTE: o desenvolvimento da Folia entre os 50 e os 75 anos. *In:* PESSOA, Jadir de Moraes; SILVA, Valtuir Moreira da (Org.). *Os tempos da estrela*: 75 anos da Folia de Reis de Lages. Goiânia: Kelps, 2021.

PESSOA, Jadir de Moraes. *A revanche camponesa*: cotidiano e história em assentamentos de Goiás. Campinas: 1997.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica. *In:* CARDOSO, Fernando Henrique (et al). *O Brasil Republicano*: estrutura de poder e economia (1889-1930). 8ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas.* Rio de Janeiro: Record, 2010.

RIBEIRO, Lucas Pires. *Geraldinho Nogueira e narrativa artesanal*: Tradição & Modernidade na arte do narrador. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) – Faculdade de Ciências Socioeconômicas e Humanas de Anápolis, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2017.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Poeta, poema e poesia, contadores de causos e de histórias nas paragens de Goiás. *Revista UFG*, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 62-64, 2017.

SALU, Arnaldo. *Imbilino em cartaz.* Um caipira no cinema. Goiânia: KELPS, 2016.

SANTANA, Luana. *Na essência de um causo*: a biografia de Geraldinho Nogueira. Goiânia: KELPS, 2012.

SANTOS, Tânia Ferreira Rezende. Falares rurais goianos. *Revista da UFG*, Goiânia, v. 7. n. 1, 2004.

SILVA, Ademir Luiz da. O domador de bicicletas: cultura, identidade e originalidade em Geraldinho Nogueira. *In*: SILVA, Ademir Luiz da; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de (Org.). *Saberes e modernização no cerrado.* Goiânia: PUC, Goiás, 2015.

SILVA, Edson Batista da. *Camponeses*: cercados e a contrapelo. Curitiba: CRV, 2021.

SILVA, Rogério Chaves da. Trilhando os caminhos da "produção história autodidata" em Goiás: o diálogo com uma tradição do IHGB. *Revista de História Regional.* 24(1), p. 85-108, 2019.

SILVA, Valtuir Moreira da. A tecelagem manual tradicional em Itapuranga: interfaces de uma cultura. *In:* OLIVEIRA, Hélvio Frank de; BICALHO, Poliene Soares dos Santos; MIRANDA, Sabrina do Couto (Org.). *Educação e diversidade*: múltiplos olhares. Anápolis: UEG, 2013.

SILVA, Valtuir Moreira da. *História Agrária em Goiás.* Goiânia: AGEPEL, UEG, 2002.

SILVA, Valtuir Moreira da. *Itapuranga e a (re)invenção da História.* Goiânia: Vieira, 2008.

SOUSA, Juliene Lopes de; LIMA, Luana Nunes Martins de. Regionalismo e variação linguística: uma reflexão sobre a linguagem caipira nos causos de Geraldinho Nogueira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Brasil, n.72, p. 63-82.abr, 2019.

SOUZA, Maria Sônia França e. *A sociedade agrária em Goiás* (1912-1921) na Literatura de Hugo de Carvalho Ramos. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1978.

VALDEZ, Diane. *História da infância em Goiás*: séculos XVIII e XIX. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.

RECURSOS AUDIOVISUAIS

CARNEIRO, Hamilton. *Trova, Prosa e viola.* Goiânia: Anhanguera Discos, 2001. 01. CD.

CARNEIRO, Hamilton. *Trova, Prosa e Viola* – volume 02. Goiânia: Anhanguera Discos, 2001. 01 CD.

FONTES ORAIS

Manoel, Entrevista I. [out. 2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás, 2021. 1 arquivo. mp3 (57 min).

Roberto, Entrevista II. [out. 2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás, 2021. 2 arquivos. mp3 (180 min).

Justiniano, Entrevista III. [out. 2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás, 2021. 1 arquivo. mp3 (70 min).

Altamiro, Entrevista IV. [out. 2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás, 2021. 3 arquivos. mp3 (178 min).

Carlos, Entrevista V. [out. 2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás, 2021. 2 arquivos. mp3 (129 min).

Moisés. Entrevista VI. [out. 2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás. 2021. 1 arquivo. mp3 (115 min).

Madalena. Entrevista VII. [out. 2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás. 2021. 1 arquivo. mp3 (69 min).

Eduarda. Entrevista VIII. [out.2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás. 2021. 1 arquivo. mp3 (69 min).

Lino. Entrevista IX [out. 2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás. 2021. 1 arquivo. mp3 (43 min).

Fátima. Entrevista X [out. 2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás. 2021. 1 arquivo. mp3 (61 min).

Oliveira. Entrevista XI [out. 2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás. 2021. 1 arquivo. mp3 (52 min).

Dorvalina. Entrevista XII [out. 2021]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Bela Vista de Goiás. 2021. 1 arquivo. mp3 (52 min).

ANEXOS

Coleta de Dados

Pesquisador: Lucas Pires Ribeiro

Título da Pesquisa: Na teia da terra e dos causos: Tessituras do cotidiano de Geraldinho Nogueira

Roteiro I

Roteiro das perguntas que orientarão as entrevistas/conversas com os/as moradores/as da região de Bela Vista de Goiás. Pessoas que conviveram com Geraldinho Nogueira

Roteiro de Entrevista

Nome do entrevistado/a: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Lugar de origem: _____

1- Fale um pouco da sua trajetória de vida, como chegou à região de Bela Vista, ou você nasceu na região?

2- Você aprecia os causos tradicionais? Se sim, você sabe algum causo que queira narrar, caso não queira, se recorda de algum?

3- Durante a trajetória de vida, você percebeu que o hábito de contar causos foi perdendo a importância na comunidade? Se sim, qual fator deste fenômeno?

4- Como ficou conhecendo Geraldinho Nogueira? Vocês eram muito próximos?

5- Como era o Geraldinho do cotidiano? Participava muito das atividades desenvolvidas na comunidade, tais como os mutirões, as festas religiosas, as reuniões sindicais?

6- Geraldinho era alguém sociável, amigável com todas as pessoas, ou era alguém mais tímido?

7- Antes de Geraldinho, existia algum contador de causos na região? Se sim, Geraldinho era próximo desse contador?

8- Você se recorda de algum causo de Geraldinho Nogueira? Geraldinho falava do processo de construção dos causos?

9- Consegue se lembrar de algum acontecimento que alguém da comunidade vivenciou e Geraldinho transformou em causo?

10- Alguns dos personagens que aparecem nos causos, tais como o senhor proprietário do rádio, o senhor do carro de boi, o rapaz do marimbondo, eram indivíduos da região?

11- O causo da bicicleta realmente aconteceu com Geraldinho?

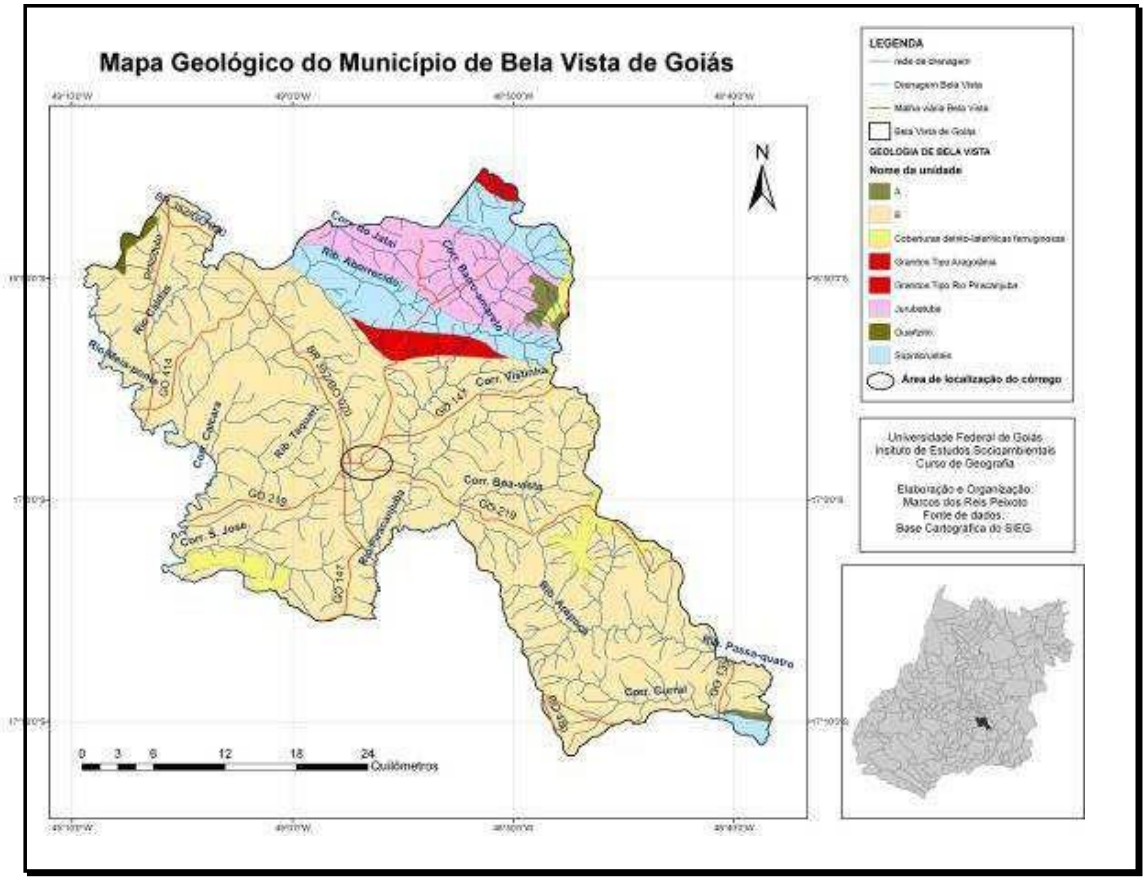
12- Quando Geraldinho começou a contar os primeiros causos, qual foi a recepção das pessoas? Já perceberam nele um grande artista?

13- Geraldinho se inspirou em alguém da comunidade, alguém desastrado, para construir o personagem dos causos?

14- Geraldinho, no dia a dia, era alguém alegre, ou sua alegria se manifestava somente quando estava contando os causos?

15 – Quando a pessoa te pergunta sobre Geraldinho, qual é a primeira imagem que te vem à mente? Você tem algum objeto, fita, CD, fotografia de Geraldinho? Se sim, poderia me mostrar?

Mapa Geológico do município de Bela Vista de Goiás



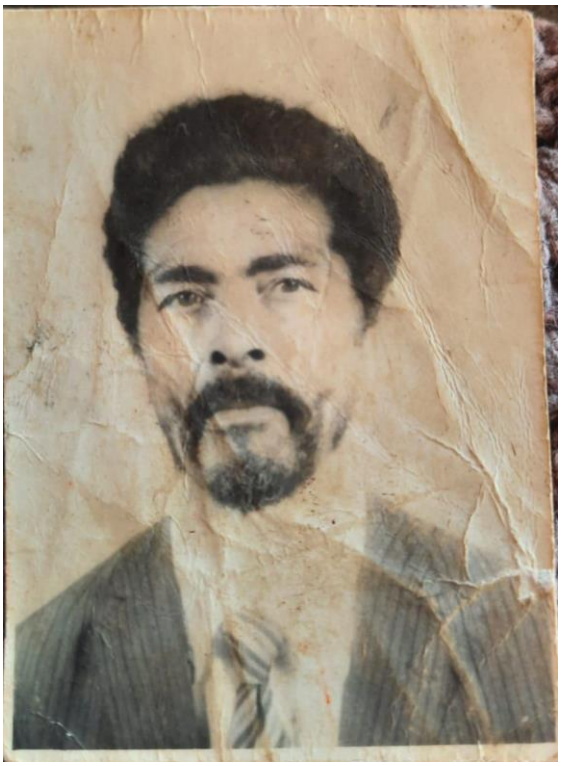
Anexo 1. Mapa Geológico do município de Bela Vista de Goiás.
Fonte: SIEG, 2013[231]. Organização e elaboração: Marcos dos Reis Peixoto (2013).

[231] Houve uma consulta ao site do SIEG para a localização do Mapa Geológico do município de Bela Vista de Goiás. No entanto, não foi possível localizá-lo diretamente no site. Diante desse fator, a referência encontra-se em um documento produzido pelo Ministério das Cidades, no governo Dilma Rousseff. O documento apresenta algumas características do município; hidrografia, meio ambiente, vegetação, utilização do solo, quantidade populacional, entre outras. Além desses dados, encontram-se alguns mapas. No mapa em questão, no canto superior direito, é importante considerar a localização da região do Aborrecido, do Barro Amarelo e da Boa Vistinha. Espaços tanto de ocupação quanto de circulação de Geraldinho Nogueira. Documento acessado no dia 20 de dezembro de 2022.

Fotos de Geraldinho e familiares no meio rural de Bela Vista de Goiás



Anexo 2. Busto em homenagem à Geraldinho na entrada da Cidade de Bela Vista. Em decorrência da covid-19, a estátua estava usando uma máscara. Foto: Meire Ribeiro.



Anexo 3. Foto de Geraldinho Nogueira. *Fonte*: Álbum de família. Foto: Meire Ribeiro.



Anexo 4. Dona Pretinha na casa da propriedade do Nuelo, acompanhada de três crianças. No canto superior direito, é possível identificar o ano da foto, que data de 1996. Fonte: *Álbum de família*. Foto: Meire Ribeiro.



Anexo 5. Foto dos foliões de Bela Vista de Goiás. O segundo, da esquerda para a direita, todo de azul, calça e camisa, é Geraldinho. Fonte: *Álbum de família.* Foto: Meire Ribeiro.



Anexo 6. Geraldinho e Dona Pretinha na companhia de amigos/as na residência familiar. No lado esquerdo, na parte superior, identifica-se que a foto data do mês de novembro de 1986. Fonte: Álbum de família. Foto: Meire Ribeiro.



Anexo 7. Dona Pretinha segurando uma criança na residência familiar. Fonte: *Álbum de família.* Foto: Meire Ribeiro.



Anexo 8. Geraldinho e Dona Pretinha na companhia de quatro crianças. *Fonte: Álbum de família.* Foto: Meire Ribeiro.



Anexo 9. Geraldinho e Dona Pretinha na frente da residência, na região do Nuelo. Na foto, identifica-se uma carroça. De acordo com os/as entrevistados/as, a carroça foi recebida como uma forma de pagamento pela primeira propaganda que Geraldinho fez para a Caixego, no ano de 1984.
A data que consta na foto é dezembro de 1988.Fonte: *Álbum de família*. Foto: Meire Ribeiro.



Anexo 10. Imagem ilustrativa da bicicleta adquirida por Geraldinho em meados da década de 1950. Bicicleta Phillips, aro 28. *Fonte: Google.*